GUGLIELMO BIASUTTI

PADRE
LUIGI SCROSOPPI

DO ORATÓRIO DE SÃO FILIPE NERI
UNDADOR DAS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA

PREMISSA

EDIÇÃO ATUALIZADA – APL

A partir do longínquo ano de 1927, com o desembarque das Irmãs da Providência no Brasil, o espírito de caridade do Padre Luigi iniciou uma lenta e imparável difusão global.

Hoje o mundo pode dizer que conheceu a obra do santo através das obras das suas "*filhas*". Mas os tempos atuais exigem um passo adiante: a difusão do conhecimento profundo e capilar das raízes culturais que geraram e nutriram este Santo.

São raízes que se afundam claramente no coração pulsante do cristianismo, mas que extraem seiva vital da identidade do povo friulano, que forneceu o ar, o solo e os elementos necessários para o extraordinário florescimento desta santidade.

Para oferecer ao mundo o acesso a esta herança, existe uma única via mestra: aquela reconstruída pelo biógrafo por excelência, Monsenhor Guglielmo Biasutti, que com precisão e rigor trouxe à luz cada instante e cada contexto da vida do Santo, desde as premissas históricas anteriores ao seu nascimento.

No entanto, para permitir que este precioso trabalho viaje além dos confins do tempo e do espaço, tornou-se necessária uma intervenção de transposição filológica e linguística. O objetivo é tão ambicioso quanto necessário: respeitar a integridade da obra original, tornando-a, contudo, acessível a culturas e sensibilidades distantes das da Itália do século XX, apresentadas por Biasutti também com o estilo e a língua dos tempos do Padre Luigi.

A atualização elaborada nesta edição particular foi pensada para o leitor moderno: para o leitor italiano, mas sobretudo para o internacional, que encontrou o Padre Luigi apenas através do testemunho concreto das suas Irmãs, mas que deseja agora remontar à "*fonte*" do seu carisma.

Através de uma sintaxe agilizada e de uma estrutura narrativa mais concisa, o trabalho de Biasutti é hoje "*libertado*" dos vínculos de uma linguagem de outros tempos. Este processo de modernização do italiano garante que as traduções nas principais línguas dos territórios onde operam as Irmãs da Providência mantenham uma coerência absoluta com o texto e o espírito original.

Se a ação caritativa de São Luigi, através das suas "*filhas*", não conheceu fronteiras, a sua história deve poder fluir fluida e potente em cada cultura: um relato que permanece fiel às suas próprias raízes, mas abre-se com força ao abraço do mundo.

Os motivos da intervenção

O texto original apresentava barreiras estruturais que dificultavam a sua fruição moderna:

- A prosa arcaica e a fragmentação dos conceitos resulta frequentemente desencorajadora para o leitor médio e, dada a necessidade de traduzir a obra em diversas línguas estrangeiras, impenetrável para os modernos softwares de tradução digital.
- O uso obsoleto de travessões e aspas (frequentemente abertas em cada parágrafo, mas nunca fechadas) gera hoje confusão entre o plano narrativo do autor e o dos testemunhos históricos.
- Na edição original, a necessidade de imprimir as fotografias em papel couché, de gramatura superior à do papel comum do texto, obrigou os tipógrafos a imprimir as imagens em blocos separados. Esta exigência técnica torna as fotos desligadas do desenvolvimento linear e lógico do relato.

O método de atualização

A intervenção de atualização foi conduzida no respeito por estes critérios:

- Conservar intactos o pensamento e os conceitos originais do autor, simplificando a sintaxe e substituindo os termos obsoletos. Este processo garante que as traduções nas cinco línguas do volume (italiano, espanhol, português, francês e inglês) resultem simétricas, coerentes e fiéis à mensagem originária.
- As versões nos quatro idiomas estrangeiros foram realizadas utilizando a IA Gemini que, entre todas as testadas, revelou-se a mais adequada e fiel às características desta hagiografia. É inevitável que, apesar do grande progresso da inteligência artificial e dos tradutores modernos, o resultado — embora perfeitamente compreensível para o leitor estrangeiro — não possa ser considerado isento de imperfeições. Tendo em conta o contínuo progresso tecnológico, pretendemos proceder a uma revisão mais precisa com as próximas versões dos tradutores, que serão ainda mais eficientes.
- Foi introduzido um novo sistema de formatação. Todos os testemunhos históricos estão encerrados num único par de aspas «...», tornando-os imediatamente distinguíveis do corpo do relato graças ao uso sistemático do itálico.
- As passagens em língua latina e friulana foram pontualmente traduzidas ou comentadas onde o original não o fazia, para não interromper o fluxo da leitura.
- Graças à utilização de arquivos digitais (.pdf) foi possível desvincular as imagens dos limites tipográficos da época, reposicionando-as em correspondência com os fatos narrados. O relato adquire assim uma nova força visual e documental.
- Adição de algumas fotografias que completam os relatos e os personagens.
- Esta edição abre-se com uma imagem do Padre Luigi no auge da vida — diferente da interpretada pela pintora Emma Galli — elaborada a partir da única e mais fiel reprodução pictórica original do Padre Luigi, aos oitenta anos, da autoria do pintor Antonio Milanopulo em 1885. Os testes de rejuvenescimento (35-40 anos) foram realizados testando três diferentes inteligências artificiais e três algoritmos de

processamento distintos; embora os resultados parecessem muito semelhantes entre si, a avaliação humana, efetuada através da comparação direta entre os resultados da IA e o quadro de Milanopulo, levou a preferir a imagem produzida pela IA Gemini.

- Integrações Documentais: Foram adicionados dois subcapítulos inéditos para cobrir aspectos não aprofundados por Biasutti:
  - Dom Giovanni Battista e o testamento de 1873: para esclarecer as raízes materiais e familiares das obras do Padre Luigi.
  - A pedagogia do sacrifício: reflexão sobre as "*penitências*" do Padre Luigi para compreender que não fazem parte de uma cultura do passado, hoje superadas por carecerem de um fundamento teológico.

Uma ponte para o futuro

Este trabalho quer oferecer o Santo friulano à contemporaneidade. Não é uma obra nova, mas uma "*ponte*" que permite que a voz potente do Padre, fielmente "*registrada*" pelo biógrafo Guglielmo Biasutti, chegue intacta a qualquer pessoa que, hoje no mundo, procure inspiração na caridade operosa deste Santo Friulano.

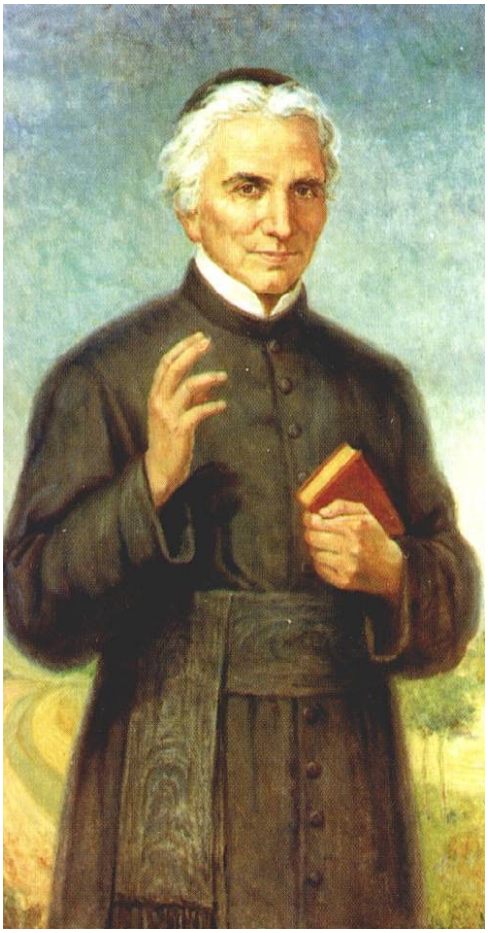
APL
Amici Padre Luigi

A evolução da imagem do Pe. Luigi: a contribuição de Emma Galli

Se o retrato de Milanopulo de 1885 representa o testemunho visual mais próximo do falecimento do Santo, a imagem que acompanhou a devoção popular durante grande parte do século XX está ligada indissoluvelmente à obra da pintora goriziana Emma Galli (1893–1982).

Chamada a dar um rosto à causa de beatificação, Galli operou uma significativa e refinada reelaboração artística. Partindo precisamente dos traços somáticos de Milanopulo — que havia fixado a imagem do Padre octogenário com base na máscara mortuária e nas minuciosas indicações das irmãs que haviam vivido e colaborado lado a lado com ele — a pintora escolheu devolver o Santo à sua plena maturidade apostólica.

O seu célebre retrato a óleo dos anos 60 não foi apenas uma obra de arte, mas uma operação de « *humanização* » espiritual: São Luigi aparece ali com um olhar intenso, a mão direita levantada numa bênção eterna e o breviário apertado ao coração.



Emma Galli completou esta missão iconográfica realizando um ciclo de telas que ilustram os episódios mais significativos da vida do fundador, criando uma linguagem visual que nutriu a fé de gerações de Irmãs da Providência e de fiéis em todo o mundo.

Hoje, esta edição atualizada dá um passo adiante nesta direção.

Onde Galli utilizou a sua sensibilidade artística e o seu pincel para interpretar o rosto do Santo, a tecnologia contemporânea da Inteligência Artificial permite-nos aproximar, com critérios científicos, da verdade anatómica original, reparametrizando os dados biométricos e oferecendo-nos assim uma visão do Padre que é, ao mesmo tempo, antiga e moderna. O "*rosto da caridade*" continua assim a transformar-se, mantendo-se fiel à sua essência, mas falando cada vez a linguagem do seu próprio tempo.



A obra representa o Santo no período crucial em que assume a direção da Casa das *Derelitte* e lança as bases para a futura Congregação das Irmãs da Providência. O retrato é o resultado de um sofisticado processo de computação digital que analisa, decodifica e reparametriza, com base na idade definida, os traços morfológicos presentes na única pintura a óleo que retrata o Padre Luigi no fim da sua vida, realizada por Antonio Milanopulo em 1885. A IA operou uma síntese objetiva, devolvendo uma fisionomia coerente e livre da interpretação subjetiva de um artista humano

SIGLAS E ABREVIATURAS

A.C.A.U.	= Arquivo da Cúria Arquiepiscopal de Udine
A.C.U.	= Arquivo do Cabido de Udine
A.L.S.	= Arquivo Luigi Scrosoppi
Arch. parr.	= Arquivo paroquial
Bibl. Com.	= Biblioteca Municipal
c.r.	= folio recto
c.v.	= folio verso
doc.	= documento
fasc.	= fascículo l
ett.	= carta
ms.	= manuscrito
par.	= parágrafo
Summ.	= Summarium

APRESENTAÇÃO

Do Padre Cornelio Fabro

Esta vida do Oratoriano friulano Padre Luigi Scrosoppi é a terceira em ordem cronológica, depois da de Monsenhor Tinti e da do Jesuíta Padre Colombara: ela vale-se de um conhecimento de testemunhos e documentos perseguido segundo a mais exigente crítica histórica, de modo a situar o personagem no turbilhão daqueles eventos religiosos e políticos do século XIX que mudaram, com um salto de qualidade, a nova figura do mundo e do homem.

Agora que terminei a leitura desta vida monumental — que pode competir com as produções mais felizes da hagiografia contemporânea — se alguém me perguntasse: qual é a característica da personalidade deste sacerdote, a força dominante da sua alma, o segredo profundo do seu espírito que o guiou e sustentou nas provas e angústias de que foi semeada a sua longa vida...? — a resposta seria imediata e de extrema simplicidade: o Padre Luigi amou o seu próximo com o próprio amor de Cristo e, segundo o exemplo de Cristo, preferiu os pequenos, os marginalizados, os sofredores de todas as dores da alma e do corpo, considerando-se, literalmente, o « *servo* » de todos. É uma personalidade de sacerdote que logo te atrai com uma carga de simpatia cristã indizível, com uma ternura quase como se tu mesmo, à distância de quase um século da sua partida, te sentisses tocado e beneficiado pela aura de sua chama de amor.

Não é desperdício de retórica se dissermos que o humilde Oratoriano antecipou com fatos, na linha do Evangelho e dos exemplos dos santos da caridade seus patronos (especialmente São Caetano), o apelo à consciência eclesial do Vaticano II, de modo que cada cristão, seguindo o exemplo de Cristo que veio não para ser servido, mas para servir, deve realizar-se com uma « *vida de serviço* » pelos seus próprios irmãos. Já Santa Catarina de Sena, estimulando os seus discípulos às obras de caridade, advertia que Deus não precisa das nossas coisas, mas quer ser amado nos nossos irmãos.

E mais perto de nós, mais jovem que muitos de nós, Benedetta Bianchi Porro — ceifada por uma doença cruel em 1964 aos vinte e oito anos e já hoje em corrida para a glória dos santos — tinha escolhido como lema, no terrível e quase completo isolamento da sua missão: « *habitar nos outros* ». Operar pelos outros, sofrer pelos outros, viver pelos outros... é habitar nos outros como no cálice onde se recolhe a soma das dores de Cristo que nos chama à participação da sua paixão, segundo uma presença renovada de amor que ele espera de cada um como resposta ao dom da graça.

A resposta do Padre Luigi está documentada pelos fatos da sua vida transcorrida primeiro à sombra do seu digno irmão Carlo e depois por trinta anos, até à morte, levada na responsabilidade e sofrimento diário de sentir-se inadequado para uma missão de caridade espiritual e corporal pela qual se consumia inteiramente. Se hoje, no seio da Igreja e especialmente pelo impulso do Vaticano II, o sentido da « *diaconia* » é mais solicitado na vida dos cristãos, os Modelos para o serviço dos irmãos vêm-nos de longe na história da Igreja, que suscitou em cada época instituições oportunas, encontrando

almas de fogo para realizá-las e animá-las. Entre elas tem o seu digno lugar o nosso Padre Luigi ao lado de São Francisco — de quem era particularmente devoto e de quem queria tornar-se filho — que abraça o leproso, de São Jerônimo Emiliani, de São Vicente de Paulo, de São João de Deus, do Cottolengo seu contemporâneo... Vários são os carismas na Igreja de Deus e todos jorram do idêntico Espírito que « *opera tudo em todos* », assim a sabedoria, a ciência, as realizações de obras e estruturas imponentes: sobre todas, porém, avançam as obras de misericórdia que Cristo nos pediu pelos nossos irmãos e que o Papa João evocou como o aroma do testemunho cristão ao mundo.

A resposta do Padre Luigi à mensagem evangélica foi a consagração da sua vida inteira, sobretudo à obra da *Casa das Derelitte* de Udine e à formação espiritual das Irmãs da Providência destinadas ao cuidado das internas: uma pequena semente que já cresceu em árvore florescente nos quatro pontos do horizonte. Como prolongamento natural da sua missão de serviço na Igreja, ele estendeu a obra das suas filhas à assistência nos hospitais, onde o heroísmo delas brilhou sobretudo por ocasião dos frequentes eventos bélicos e de calamidades públicas (cólera, varíola...) até à imolação da vida. Sinal de uma formação e de uma graça singular que vinha do exemplo do Pai e da impetração das suas orações: também ele, como os seus modelos no serviço da caridade, recordava às irmãs que deviam considerar as meninas e os doentes como seus senhores, até lavar e beijar-lhes os pés. Ele mesmo deu o exemplo nas visitas aos hospitais, comovendo-se de alegria: o relato de Biasutti é um florescer contínuo deste amor humilde e operoso do intrépido sacerdote em favor de quem já não conhecia calor de afeto nem luz de sorriso neste mundo.

Seria necessário recolher as « *fioretti* » do Padre Luigi, disseminadas nesta vida desde o início do seu apostolado de caridade. Ei-lo: contava apenas vinte e quatro anos e meio de idade e quase dois de missa — um jovenzinho — e oferece-se ao irmão Carlo para se fazer mendigo para aliviar a piedosa *Casa das derelitte* em que se encontrava. A filosofia do Padre Luigi e a solicitude impaciente da compaixão cristã:

« *não é prático ficar à espera das ofertas quando vierem. É preciso ir procurá-las e ele fora, a bater de porta em porta. As meninas têm fome todos os dias. Nem devemos contentar-nos, pensa ele, em dar-lhes um pedaço de pão e um pouco de sopa. Estão desnutridas desde o nascimento e atravessam a idade delicada da formação. É necessário colocar na mesa um acompanhamento substancial: algumas fatias de queijo e, com bastante frequência, um pouco de carne. Para isso é preciso um buscador que ponha toda a sua alma na coleta e que bata sem temor às portas dos particulares, das lojas e dos camponeses nos casarios suburbanos: Peço-vos, Padre Carlo — assim conclui o pequeno discurso imaginário, mas mais real do que qualquer aparência contingente — deixai-me ir* ».

E foi, sustentado pela presença de Cristo nos pequenos e nos pobres: « *...todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes* » (Mat. 25, 40). E eis que, a partir de março de 1829, apareceu à mesa o que a maior parte daquelas criaturas nunca ou muito raramente tinha provado: ovos, queijo e carne de vitela, de galinha e até de cabrito. Comovente é, a esse respeito, o testemunho da irmã Angelica Faccini, com o qual Biasutti perfuma o seu relato:

«*Eu lembro-me* — atesta a irmã — *que as meninas de três a quatro anos corriam ao seu encontro, agarrando-se às suas vestes como às da sua mãe perdida, pedindo-lhe com inocente liberdade:* "*Gigi, dami cicìn*" — ou seja: Luigi, dá-me carne — *no jargão infantil friulano*».

Um comovente testemunho da inocência que é fiduciária e segura de uma proteção válida. Uma caridade e delicadeza semelhantes transparecem também no folheto que os dois irmãos, Carlo e Luigi, difundiram na cidade de Udine para solicitar auxílios para a sua obra. O pedido é colocado, no título, na boca das próprias internas: « *Palavras das pobres jovens desamparadas aos seus bons concidadãos e benfeitores udineses* ». No humilde pedido lia-se, entre outras coisas:

« *Nós pedimos que cada um de vós, que pode e sente compaixão de nós, faça a caridade de assumir o encargo de manter por um só dia por mês, pelo curso de um só ano, uma só de nós infelizes. A despesa é tênue, de apenas 50 centavos por mês* ».

O adjetivo « *só* » — comenta, atento, Biasutti — repetido três vezes no período, enquanto sublinha a modéstia da pergunta, mostra claramente a humildade da súplica e deixa transparecer o delicado temor de resultar importuno.

Aquele mesmo nome de « *pobres jovens desamparadas* » diz toda a tristeza desesperada das internas que a caridade cristã dos dois irmãos sacerdotes tinha recolhido à sombra da confiança na Providência, como se lê ainda, não sem um sobressalto de comoção, acima da roda do orfanato ornamentada com os putti da Robbia na *piazza dell'Annunziata* em Florença: « *Pater et mater mea dereliquerunt me, Dominus autem assumpsit me* » do Salmo 27, 10.

Nos santos da caridade, a pena do próximo alimenta o amor e este floresce no heroísmo, para socorrer o irmão em cujo rosto está o próprio *Christus patiens* que se apresenta suplicante e necessitado: é daqui, do Coração de Jesus de quem o Padre Luigi zelava pela devoção, que brota a abnegação da caridade e a ternura da compaixão por quem sofre. Esta ternura era a flor da santidade e quando, pela pressão profunda do amor de Cristo, iluminava a sua figura grave e austera, devia ser para aquelas afortunadas almas um espetáculo de Paraíso. Mas o Padre Luigi, para levar por diante a sua obra de caridade, teve auxílios e apoios generosos; encontrou-os mais nos humildes do que nos poderosos, experimentando quanto « *é espinhosa a caridade dos ricos* » — salvo poucas exceções.

Provou e encontrou, em contrapartida, contrastes, oposições e contestação de todo o gênero: também ele, como é próprio do estilo de vida dos santos, e Biasutti tem o cuidado de o assinalar, provou o cálice amargo da incompreensão e do desprezo, as mordidelas da inveja e do ciúme mesquinho. Embora alheio à política, foi acusado de ser « *pró-austríaco* »; embora desapegado de tudo e tornado para os pobres também ele um pobre de pedir, foi continuamente fustigado pelo fisco, primeiro austríaco e depois italiano, até ser acusado — já na altura! — de exportação de divisas. Depois, e ainda mais dolorosa, a insídia dos próprios movimentos políticos nas suas próprias filhas espirituais:

« *Graças a Deus, comenta Biasutti, não houve quebras de fé ou de costumes, mas uma sutil inquietude, um perigoso desalento, uma melancólica névoa de cansaço — como hoje, nesta névoa de compromissos com o mundo que nos assalta de todos os lados?* »

Esta vida de abnegação total era ardor de caridade e não frenesi de ação, era exercício de amor ao próximo e não ambição de afirmação de personalidade para vencer o obstáculo, era simplesmente a fidelidade à missão que a Providência lhe tinha confiado. O seu ideal era o do apóstolo: « *Caritas Christi urget nos* » (II Cor. 5, 14). A sua aspiração não era, como ele se esquivava com ironia oratoriana, figurar entre os « *santos de altar* », mas realizar o seu lema, reproduzido também no seu retrato póstumo: « *fazer - padecer - calar* », que é a síntese de vida ativa e contemplativa em que se realiza, segundo São Tomás de Aquino, a perfeição cristã.

Nele era a contemplação que fundava a ação — ao contrário de certa teologia pós-conciliar que está prestes a passar ao compromisso com o ativismo moderno e até com a sociologia marxista. A vida férvida e insone — também no sentido literal deste último termo — deste humilde sacerdote no socorro dos seus próprios irmãos é a disputa em ato daquela loucura que já causou gravíssimos danos às almas, ressecando as fontes da piedade e da santidade.

O Padre Luigi tinha posto a tempo, como fundamento do seu ministério sacerdotal, o propósito da perfeição cristã segundo os exemplos de Cristo e dos santos. Trata-se de propósitos que ele renovava frequentemente e sobre os quais se examinava especialmente em ocasião de retiros e de exercícios espirituais, recolhidos em folhetos que escrevia e guardava para si. Um destes escritos, já relatado por Tinti e retomado por Biasutti, tem o título: "*Affetti e pratiche sante"* e reflete as preocupações do jovem sacerdote pela salvação da sua alma:

« *Como forte estímulo à santa perseverança, direi frequentemente: Que te aproveitará tudo se te condenares e que te prejudicará se te salvares?* »

E suspira:

« *Ah! prometo, Senhor, sofrer qualquer coisa e a própria morte antes de Vos ofender com culpa venial, sendo o pecado o verdadeiro monstro de ingratidão para com Deus, e carrasco e carniceiro das almas e dos nossos corpos* ».

E depois de um fervoroso propósito da prática concreta da humildade *(«ou seja, descrevendo-se como um amontoado de putrefação e de misérias asquerosas quanto à alma»*), atira-se e põe-se a contender com o diabo:

« *Quero combater o demônio, tirando-lhe a presa à custa de qualquer esforço meu, incómodo e dificuldade, e defender as ovelhinhas de Jesus Cristo dos assaltos do demônio; prevenindo-as dos seus enganos, rompendo os laços, fazendo com que resultem vãos os seus golpes, reforçando-as nos assaltos e roubando-lhe a presa, e tudo isto para glória do meu capitão Jesus Cristo* ».

Biasutti tem razão ao encontrar aqui o fervor santamente combatente de marca inaciana aliado ao realismo doce e veemente das *Massime eterne* de Santo Afonso, também ele na constelação dos protetores celestiais do Padre Luigi.

Profunda é a consideração do seu sacerdócio na solidariedade com Cristo:

« *Quero pensar frequentemente que estou com Jesus Cristo oferecido ao Pai eterno em sacrifício e que, por isso, devo glorificá-Lo com a minha mesquinha pessoa, considerando-me como uma* "*vítima*" ».

Seguem-se os propósitos de terna devoção à Mãe de Deus e a São José, ao Anjo da guarda, aos seus santos patronos sob o sinal da sua consagração especial ao serviço da Igreja. Termina com um propósito de mortificação e sobretudo de fidelidade à oração e à união com Deus:

« *Recitarei jaculatórias ao longo do dia e rezarei também caminhando e na cama, não podendo dormir, com o fim de não perder tempo e mérito de glória para o Paraíso* ».

Inferno e Paraíso, temas contrapostos e frequentes também na pregação do Padre Luigi, ou seja, aquilo que Biasutti chama felizmente de « *cristianismo elementar* » e que se poderia também dizer simplesmente cristianismo evangélico, cristianismo essencial, que é o cristianismo radical do « *quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* » (Mat. 16, 26).

É o cristianismo das origens e dos santos de todos os tempos que foi capaz de fascinar os próprios inimigos da Igreja, de Voltaire a Feuerbach, a Garaudy... Este temor do Inferno era um pouco a « *obsessão* » do Padre Luigi, como também resulta de um folheto de propósitos feitos por ocasião de um curso de exercícios espirituais por aquela altura (1829-1830):

« *De sofrer tudo alegremente com aquela memória (ou seja, do Inferno), sendo tudo um nada em comparação com aquilo* ».

Esta é fé sólida, a « *fé do carvoeiro* » de Pascal: algo muito diferente, portanto, da « *desmistificação* », da « *viragem antropológica* », da « *maturidade do mundo* » e semelhantes voltas de costas ao Evangelho de tanta teologia — infelizmente também na área católica! — dos nossos dias. Esta ânsia de perfeição parece-me a verdadeira característica profunda da vida do Padre Luigi que se intensifica com o passar dos anos. Façamos um grande salto e transportemo-nos para os propósitos de 1852, quando ele está quase a cruzar o limiar dos 50 anos e está prestes a professar na Ordem Terceira de São Francisco. Aqui os propósitos são dominados por um ardente desejo de perfeição, em todas as « *obras cotidianas* », a começar pelas práticas de piedade que são enumeradas com meticuloso escrúpulo.

O progresso espiritual de sua alma é evidente: a fase do medo do inferno foi superada e a sede de conformidade com Cristo tomou conta, considerando-o ainda seu capitão. Os propósitos são seis em número, mas é o terceiro que constitui o centro e o cerne, onde conteúdo e estilo se fundem e vibram com uma inspiração celestial. A sua característica é ainda a pertença entre o exercício perfeito da humildade (3º grau) e a imitação de Cristo, por um lado, e por outro entre o exercício da perfeição pessoal e a dedicação incondicional à sua missão de caridade e misericórdia. Acreditamos não exagerar se considerarmos este propósito a chave para a compreensão da santidade e fisionomia espiritual da sua grande alma e um documento de urgente atualidade também para a vida cristã dos nossos dias.

Leiamos:

« *Proponho abraçar o terceiro grau de humildade e querer seguir a Jesus Cristo na pobreza, na humildade e na mortificação. Pensarei mais frequentemente que Jesus é o meu capitão e eu o seu soldado, que quero ser-lhe fiel, unido perfeitamente a ele no*

caminho do céu, e chegar a ser uma verdadeira cópia sua. Ah sim, Senhor, muitas vezes Vos contemplarei na Cruz, onde Vos encontrarei como exemplar do terceiro grau de humildade. Não devo, portanto, somente estimar e amar a pobreza, a humildade e o sofrer; mas terei de desejar estas três virtudes. Para praticar as quais, e para desejá-las como sumo bem e minha porção, manter-me-ei como servo na congregação de meu pai São Filipe, e como servo também na Casa da Providência do santo pai São Caetano. Visitarei doentes e pobres, mantendo-me junto deles como servo ».

Justamente, Biasutti põe em relevo mais uma vez a « *excepcional importância* » do documento que abre uma fresta sobre a obra da graça na alma do humilde Oratoriano. Mas é o tema do apostolado como « *serviço em Cristo* » que nos faz senti-lo ainda mais vibrante de espírito evangélico.

O serviço ao próximo, portanto, no Padre Luigi era como em Paulo:

« *...nos autem servos vestros per Jesum* » (II Cor. 4, 5) e quem sabe quanto a sua alma se teria alegrado ao ler os altos ensinamentos do Vaticano II sobre a « *teologia do serviço* », especialmente nas constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*: só neste clima sobrenatural se pode compreender e atuar aquilo que o Concilio chamou de « *diálogo* » (*colloquium*) com o mundo moderno.

Ascética e mística, apostolado e imolação fundem-se na alma de Scrosoppi numa vocação de exceção. Biasutti delineia-a com a sua habitual agudeza:

« *A ascética do Padre Luigi foi fortemente centrada em Jesus Cristo. Mas também aqui ele operou uma escolha. Não sobre o Jesus dos milagres e do Tabor, não sobre o Jesus ressuscitado, não sobre o Jesus que se senta à direita do Pai. Mas sobre o Jesus pobre sobre a palha de Belém, sobre o Jesus operoso e oculto da casa de Nazaré, sobre o Jesus ensanguentado da Via Sacra, sobre o Jesus escondido na Eucaristia. E, precisamente por isto, sobre o Jesus vivo nos humildes, nos pobres e nos doentes; sobre o Jesus vivo na comunidade congregada no seu amor e no seu nome. Uma perspectiva permanentemente válida, e ao mesmo tempo muito moderna, da vida religiosa* ».

E o comentário que se segue está à altura do texto onde o ilustre autor parece identificar-se com o seu humilde herói. Este —diz-nos ele— era o Jesus a ser amado e servido; este era o Jesus esposo da alma, de cada alma cristã, mas com maior ênfase na alma religiosa. Apenas uma mesquinha superficialidade ou grotescos resíduos de sentimentalismo podem ignorar ou deturpar a potente instância de tal união espiritual. Às núpcias do Cordeiro vai-se para trabalhar e morrer com Ele e como Ele, vítima de caridade em benefício dos irmãos. E já que aqui estamos, relatemos também o que o Autor observa sobre a devoção aos santos que, em larga fileira, povoavam o espaço da alma e iluminavam as próprias obras do Padre Luigi, pois « *aquelas doces e queridas figuras, e outras mais, levavam todas a Jesus e falavam de Jesus* ». Não se poderia dizer melhor: mas destas páginas, na biografia de Biasutti, há-as em abundância.

A vida do Padre Luigi Scrosoppi, ao contrário da de outros santos e fundadores, não apresenta crises de conversão espetaculares: tudo na sua vida, mesmo nos gestos mais heróicos, flui em simplicidade e ocultamento, embora não faltem fenômenos singulares da graça. Para a vida do Padre Luigi Scrosoppi, feitas obviamente as devidas proporções,

podem valer as palavras que Manzoni dedica a Federigo Borromeo. Também ele — embora relegado aos confins da Itália e quase ignorado pela cultura e pela história oficial— « *foi dos homens raros em qualquer tempo que empregaram um engenho egrégio, todos os meios de uma grande opulência, todas as vantagens de uma condição privilegiada, um intento contínuo, na busca e no exercício do melhor* ». E mesmo a vida do humilde Oratoriano friulano, embora com variantes exteriores devidas à diversidade dos tempos e do ambiente, foi « *como um riacho que, nascido límpido da rocha, sem nunca estagnar nem se turvar, num longo curso por diversos terrenos, vai límpido lançar-se no rio* » (*I Promessi Sposi*, c. 22).

Devemos estar gratos ao Autor pelo estudo profundo que nos doou deste santo sacerdote, que se situa entre os testemunhos do sobrenatural mais luminosos do século XIX religioso italiano. Como Estigmatino, notei com viva satisfação as antigas e recentes relações de Scrosoppi e da sua obra com os meus confrades: assim, em particular, Monsenhor L. Bragato, confessor e esmoler da imperatriz Maria Ana da Áustria, tinha sido o discípulo predileto do beato Gaspare Bertoni, que interveio várias vezes junto da corte a favor das obras do nosso; assim também o ex-geral da nossa congregação, o padre G.B. Tommasi, que impulsionou há meio século o início do processo da sua beatificação.

Roma, 3 de abril de 1979.

Padre Cornelio Fabro [1]

dos Estigmatinos

[1] Cornelio Fabro representa um dos cumes mais altos e rigorosos do estudo filosófico e teológico do século XX, distinguindo-se por um método de investigação que unia uma precisão filológica impecável a uma capacidade de síntese especulativa fora do comum. A sua atividade de estudioso foi marcada por uma busca incessante da verdade que o levou a operar uma verdadeira revolução no campo do tomismo, onde soube isolar e trazer novamente à luz a noção originária do ato de ser como fundamento dinâmico da realidade. Esta profundidade analítica não se limitou apenas à metafísica clássica, mas estendeu-se com uma audácia intelectual extraordinária em direção ao pensamento moderno e contemporâneo. A sua mestria linguística permitiu-lhe abordar diretamente os textos de Søren Kierkegaard, traduzindo-os do dinamarquês e oferecendo ao mundo académico uma chave de leitura que integrava a angústia existencial com a solidez da tradição cristã. O rigor de Fabro manifestava-se também na sua abordagem crítica à modernidade, estudada não por oposição preconcebida, mas com a vontade de compreender as suas raízes mais profundas, como demonstra a sua vasta produção sobre a história do ateísmo e sobre as dinâmicas da liberdade. Cada página sua exala uma erudição que nunca è um fim em si mesma, mas sempre colocada ao serviço de uma clareza conceptual capaz de orientar o leitor nos labirintos do pensamento complexo. A sua obra permanece hoje um ponto de referência ineludível para quem pretenda aproximar-se do estudo da alma e do intelecto humano com a seriedade e a dedicação absoluta que apenas os grandes mestres sabem encarnar.

N.B. — Para não sobrecarregar excessivamente e sem necessidade, daremos apenas as notas explicativas de algumas passagens ou notícias adicionais: não as de referência a citações feitas no texto, exceto em casos particulares. As citações, aliás, são extraídas ou da biografia de Tinti ou das cartas pastorais dos ordinários de Udine ou dos documentos conservados no arquivo « *P. Luigi Scrosoppi* » no *Istituto della Provvidenza em Udine*, acompanhados por um ficheiro preciso e completo, que facilita a sua localização; e não poucas dos « *Cenni biografici della vita edificante delle nostre amate consorelle* », ou das « *Deposizioni* » de irmãs contemporâneas do Padre, conservadas no referido arquivo.

Guglielmo Biasutti

PARTE PRIMEIRA

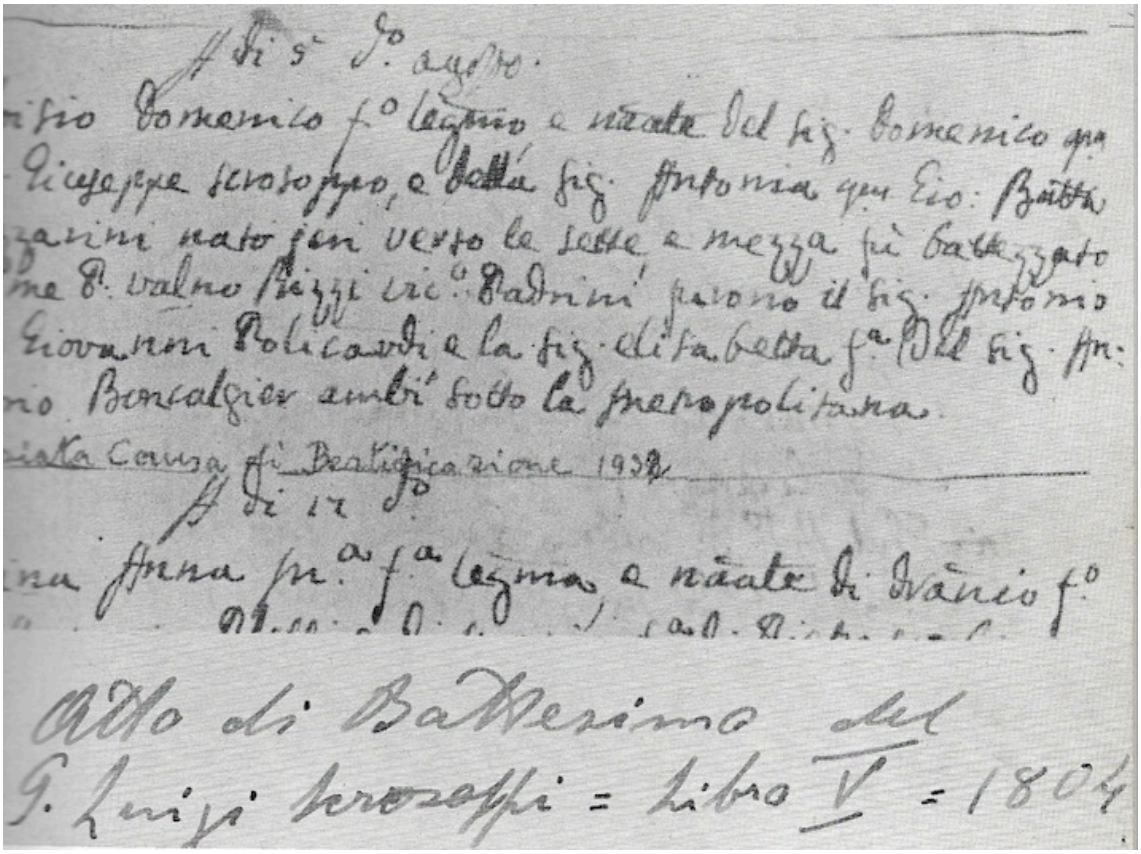
O Senhor chama

Capítulo 1

TERCEIRA FLOR (1786-1804)

Nascimento do padre Luigi Scrosoppi

O padre Luigi Scrosoppi nasceu em Udine às sete e meia da manhã de 4 de agosto de 1804, de Domenico Scrosoppi [1] e de Antonia Lazzarini; foi batizado no dia seguinte na igreja paroquial do Santíssimo Redentor e lhe foram impostos os nomes de Luigi Domenico.

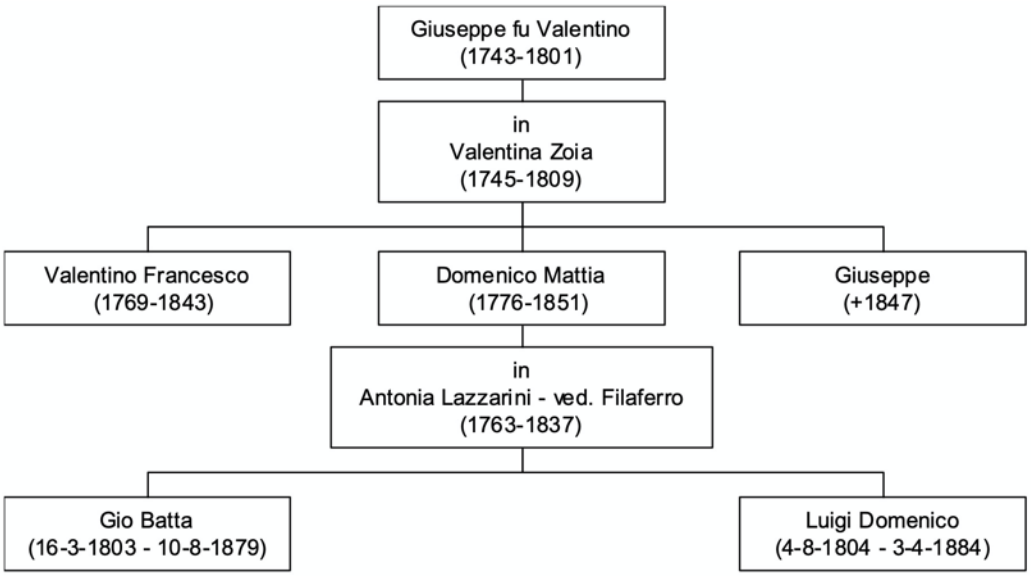


Ato de Batismo de Luigi conservado no arquivo da paróquia do Santíssimo Redentor – Udine

[1] Os Scrosoppi (nos registros paroquiais encontra-se a forma « Scrosoppo ») provinham de Martignacco (Udine), onde estavam presentes desde 1500. Originalmente era gente modesta, artesãos e camponeses, como testemunha o próprio sobrenome (na língua friulana « scrosop » significa casebre ou então objeto atarracado e mal combinado). Na primeira metade do século XVII, um certo Benedetto Scrosoppi veio estabelecer-se em Udine na paróquia do Redentor e, no final do século, encontravam-se já numerosas ramificações. O ramo de onde proveio o padre Luigi era encabeçado por Francesco, filho de Valentino Scrosoppi, que tinha a sua morada no número 1487 da via Pracchiuso.



Udine. – Panorama da cidade em uma gravura do século XIX



Os cônjuges: Giuseppe Scrosoppi e Valentina Zoia têm três filhos: Valentino, Domenico e Giuseppe.
Os cônjuges: Domenico Scrosoppi e Antonia Lazzarini têm dois filhos: Giovanni Battista e Luigi

Aloisio é a forma latinizada do nome italiano Luigi. No entanto, como na casa Scrosoppi se falava correntemente o friulano, ele foi mais tarde chamado de Gigi e, durante a infância, provavelmente Gigiùt [2].

O primeiro nome derivou, com toda a probabilidade, da mãe, cujo segundo nome era precisamente Aloisia. O segundo nome foi escolhido em honra do pai Domenico; contudo, neste caso, somou-se a feliz coincidência de que em 5 de agosto se celebrava

[2] « Gigiùt » no falar friulano é o diminutivo de « Luigi ».

São Domingos de Gusmão, fundador da ordem dominicana. Talvez precisamente por este motivo o rito do batismo tenha sido adiado por um dia.

Tratou-se, portanto, de uma dupla festa na casa Scrosoppi: o batismo do filho e o onomástico do pai.

É muito provável que a combinação dos nomes dos pais no recém-nascido tenha sido intencional, quase para confirmar e coroar através da criança o amor que os unia. No entanto, nas ações humanas escondem-se não raramente misteriosos e proféticos pressentimentos. Aquele último filho tornar-se-ia verdadeiramente a flor mais preciosa do seu matrimônio.

Mãe Antonia — chamada comumente de « *siore Tunine* » no falar de Udine — tinha então mais de quarenta e um anos. Havia nascido, de fato, em 14 de janeiro de 1763, de Giovanni Battista Lazzarini e de Angela Dossi.

O pai provinha da parte meridional do bairro Grazzano de Udine, apelidado de « *burgo dos comedores de rãs* » pois no lado oeste da estrada corria um canal talvez povoado por estes anfíbios. Mas, a essa altura, o coaxar mais audível era o das mulheres da vizinhança que naquele canal iam lavar a roupa de casa... e fofocar sobre a dos outros.

Aquele breve curso de água acionava, contudo, também algumas serrarias e algumas indústrias têxteis. A família Lazzarini geria precisamente uma tecelagem e uma serraria, às quais se juntava o comércio de madeira e de ferro para as empresas de construção. Por volta de meados do século XVIII, mesmo sem abandonar a casa da família, a empresa foi transferida algumas centenas de metros mais acima ao longo do mesmo canal: precisamente na esquina noroeste entre a antiga *via Poscolle* e a recente via Zanon, assim chamada porque naquelas redondezas o célebre Antonio Zanon [3] havia implantado sua fiação. Mais do que pelas rãs e pelas indústrias, o burgo Grazzano orgulhava-se então da confraria da Imaculada Conceição, nascida desde o século XV na igreja de *São Francisco da Vigna* dos frades menores observantes. Giovanni Battista Lazzarini foi um membro fervente. Inscreveu-se quando era ainda muito jovem, permaneceu fiel mesmo após a transferência para o burgo Poscolle e ocupou cargos diretivos de 1764 a 1775. Pelo contrário, quando morreu em 12 de março de 1785, aos setenta e um anos, quis ser sepultado no túmulo dos confrades, apesar de pertencer agora à paróquia da Sé, onde também havia mandado construir um túmulo de família.

Do avô, portanto, através da mãe, dom Luigi herdou a profunda devoção mariana e franciscana [4].

---

[3] Nascido em Udine em 1696, ali manteve em atividade um estabelecimento para o processamento e produção da seda e abriu um em Veneza, onde se formou uma escola de desenho profissional e de aperfeiçoamento da tinturaria. Apoiou a campanha para o renascimento agrícola e industrial do Friuli; com outros fundou a Sociedade de Agricultura prática e recebeu a medalha de ouro do governo de Veneza, onde morreu em 1770. Tratou os problemas económicos com um « tom quase apostólico » e viu na riqueza apenas a sua função social. (Cfr. G. MARCHETTI, Il Friuli - uomini e tempi, Udine 1959, pp. 429-435).

[4] No túmulo do avô não pôde ir rezar, porque a igreja e o convento da Vigna foram ocupados uma primeira vez pelas tropas francesas em 1797 e depois suprimidos pelas leis napoleónicas de 1807.

O senhor Lazzarini teve oito filhos: um menino e sete meninas. A morte — naqueles tempos de verdadeiros massacres de crianças — levou cinco deles, recém-nascidos ou em terníssima idade. Restaram-lhe apenas três meninas: Antonia, a futura mãe de dom Luigi; Francesca, nascida em 1769 e casada em 1790 com Pietro Bassi de Pordenone; e Rosa, nascida em 1772, casada em primeiras núpcias com Francesco Simonetti em 1796 e, mais tarde, em 1818, com Gabriele Pecile.

Vestindo calças curtas fechadas com um laço abaixo do joelho, com as rendas que desciam das mangas do casaco, guarnições engomadas que se destacavam sobre a camisola e uma peruca empoada na cabeça, o senhor Giovanni Battista Lazzarini atendia aos seus negócios, tentando reservar um bom dote para casar adequadamente aquelas três queridas filhas. Tratava-se de um dote decisivamente considerável: mais de vinte e duas mil liras venezianas da época.

Entre os fornecedores do armazém de ferragens dos Lazzarini estava Francesco Filaferro [5] de Malborghetto, proprietário de minas de ferro (então em via de esgotamento) e de oficinas para o trabalho do metal.

Ele era filho do « *muito ilustre e respeitável* » — como é definido nos documentos da época — Carlo Volfango, o qual impôs o nome de Maria a todos os seus dez filhos e que tinha dois irmãos sacerdotes, dom Giuseppe e dom Leo. Também a linhagem dos Filaferro era, portanto, caracterizada por uma fé vigorosa e por uma profunda piedade mariana. O casamento entre Francesco Filaferro e Antonia Lazzarini foi celebrado em 18 de março de 1786 por dom Giuseppe, tio do noivo. Assim a senhora Antonia deixou Udine para se mudar para Malborghetto, na Val Canale.

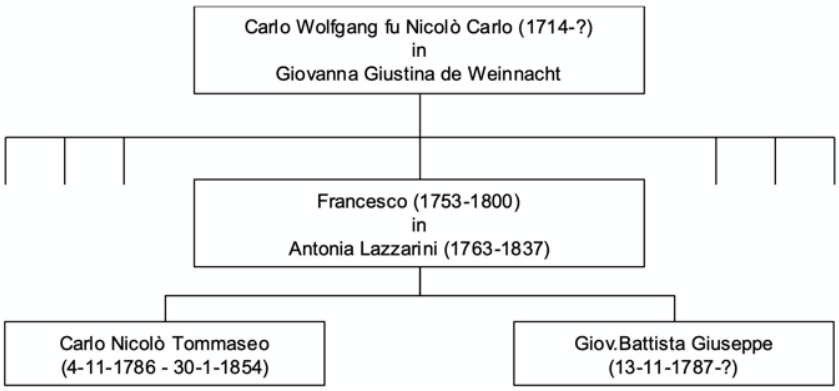
Ali passou mais de dez anos, alegrada pelo nascimento de dois filhos: Carlo Nicolò Tommaso, em 14 de novembro de 1786, e Giovanni Battista Giuseppe, que morreu criança em 13 de novembro de 1787.

Em 16 de março de 1797, Napoleão Bonaparte derrotava no Tagliamento as tropas austríacas comandadas pelo arquiduque Carlos, e uma semana depois o general Massena entrava com força na Val Canale. A família Filaferro foi obrigada a partir às pressas, fugindo como refugiada para Klagenfurt e perdendo irremediavelmente todas as propriedades em Malborghetto. Lá, o senhor Francesco teve de se adaptar à venda de enchidos para manter os seus familiares.

O ano de 1800 marcou uma reviravolta dolorosa na vida da mãe Antonia. Em 3 de abril morreu a sua mãe Angela Dossi. No dia 16 do mesmo mês, a irmã Rosa perdeu o jovem marido Francesco Simonetti, que lhe deixou um filho pequeno, Luigi, de apenas dois anos.

---

[5] O sobrenome Filaferro remonta pelo menos ao século XV e teve a sua origem provavelmente em Pontebba, vila de fronteira entre a República Veneziana e os Estados Austríacos: alude ao ofício tradicional da família. Francesco Filaferro pertencia ao ramo dos Filaferro que havia subido para a Valcanale talvez no início do século XVII e se estabelecido em Malborghetto, exercendo a indústria metalúrgica.



Talvez Antonia tenha descido da Caríntia para Udine para assistir a mãe moribunda e ali tenha permanecido para confortar a irmã no seu luto. Encontrava-se certamente em Udine quando, em 1º de julho, se procedeu à divisão da herança paterna entre as três irmãs Lazzarini, uma das quais, Francesca, havia morrido anteriormente. Retirados os dotes e as dívidas, restava apenas uma quota de 8235 liras para cada uma. A Rosa, contudo, restavam as empresas comerciais do pai e as casas na via Poscolle e na via Canciani. Antonia, cujo dote já havia desaparecido entre as peripécias da sua família, pôde voltar para Klagenfurt com uma pequena quantia em dinheiro. Foi um alívio de curta duração, porque em 30 de outubro de 1800, com apenas quarenta e sete anos, morria o seu marido Francesco Filaferro.



Antonia Lazzarini, mãe do p. Luigi, em um retrato a óleo.

E ei-la ali, a senhora Antonia, com o único filho restante, Carlo, a celebrar uma tristíssima festa de Todos os Santos; ei-la ali, no Dia dos Mortos, a voltar em trajes de luto ao túmulo ainda fresco sob o qual jazia o companheiro da sua vida! Mais tarde, recolhidas as poucas coisas mais queridas e vendidas as outras, voltou com o filho a Udine, onde a irmã Rosa os acolheu com afeto na própria casa.

O pai Domenico Scrosoppi

Naquela mesma casa da via Paolo Canciani morava então de aluguel o senhor Giuseppe Scrosoppi com seus dois filhos, Domenico e Giuseppe, que geriam uma ourivesaria um pouco mais adiante na mesma rua, na altura do antepenúltimo pórtico em frente ao mercadinho da piazza San Giacomo (atual piazza Giacomo Matteotti). Eram bons artesãos e bons cristãos.

Os três estavam inscritos na Companhia do Crucifixo, uma das confrarias citadinas mais vitais, nascida no início do século XVI em frente à igreja de San dos frades menores conventuais, que há algumas décadas se tornara a igreja do hospital principal de "*Santa Maria della Misericordia*" [6]. O objetivo principal da companhia era o culto a Jesus crucificado: entre outras atividades, os confrades costumavam organizar todos os anos uma representação sagrada dos mistérios da Paixão, por vezes na vizinha *piazza del Fisco*, hoje *piazza XX Septembre*. Também haviam assumido a tarefa da assistência aos condenados à morte, substituindo em Udine as famosas confrarias da Misericórdia.

[6] O hospital erguia-se, do início do século XIV à segunda metade do século XVIII, entre as atuais ruas Monaldo Stringher e Beato Odorico da Pordenone, com a entrada pela via Stringher, em frente à atual piazza XX Septembre. Posteriormente, com a lei veneziana de concentração de conventos de 1768, tendo sido suprimido o convento dos carmelitas na via Aquileia, o arcebispo Gian Girolamo Gradenigo teve a ideia de transferir o hospital para o convento de San Francesco dos frades menores conventuais: isto teria oferecido um local mais elevado e saudável e maiores possibilidades de desenvolvimento ao próprio hospital. Obteve, portanto, que os frades menores se transferissem para o convento dos carmelitas da via Aquileia, liberando assim o lugar. (Cfr. Arquivo antigo do Hospital Geral de Udine, agora conservado no seminário arquiepiscopal).



Udine. Piazza San Giacomo em uma miniatura do século XIX.
Para esta praça dava a ourivesaria do senhor Domenico Scrosoppi

É-nos grato pensar que o terníssimo amor do padre Luigi Scrosoppi pela paixão do Senhor e pela piedosa prática da Via Sacra lhe tenha vindo também do pai. O bom rebento não nega a estirpe (ou seja, as qualidades do filho refletem as de suas origens); e é uma grande graça nascer de bons pais.

Mas como aconteceu, então, que Domenico se apaixonou por « *siore Tunine* » ?

Donna Antonia era treze anos mais velha que ele, pois Domenico nascera em 26 de janeiro de 1776. Ela não era uma beleza, embora o retrato nos sugira que era vivaz, espirituosa e atraente; e ele não era um jovem de caráter romântico, inclinado a paixões imponderadas, mas de temperamento notavelmente concreto. Nem pôde influir qualquer razão de interesse económico, pois Antonia era uma viúva quase pobre, com um filho de catorze anos a seu cargo; um partido melhor teria sido certamente a senhora Rosa, também viúva, mas economicamente sólida e quase sua contemporânea.

No entanto, no coração de Domenico abriram fenda as qualidades morais de « *siore Tunine* » .

Por alguns indícios consta que ela tinha o nobre hábito de acorrer prestimosa ao leito dos doentes e de confortar quantos, na vizinhança, precisassem de ajuda, sobretudo moral. As muitas provações sofridas tinham-na ensinado a compreender e a aliviar as do próximo. A mesma misericórdia operosa resplandecerá mais tarde luminosíssima nos seus filhos. Gostamos, por isso, de imaginá-la enquanto vai frequentemente visitar o pai de Scrosoppi, que naquela mesma casa se encaminhava para a morte, ocorrida depois em

7 de dezembro de 1801. Durante tais visitas o jovem Domenico pôde admirar a bondade e a força de alma da mulher.

Ela, além disso, era muito devota. As tristes experiências sofridas não a tornavam certamente favorável ao clima de agitação daquele tempo, difundido e agravado pela ocupação francesa de 1797: um fermento presente também entre as mulheres, várias das quais tinham perdido a razão (por vezes clinicamente) para seguir os soldados de Napoleão.

Por tais qualidades e pela afinidade de sentimentos, Domenico pediu Antonia em casamento. E se ela ficou inicialmente surpresa e relutante, a necessidade de afeto e de apoio, juntamente com o compreensível desejo de não continuar a cargo da irmã, levaram-na a consentir.

Casaram-se com simplicidade em 20 de fevereiro de 1802.

Um detalhe comovente mostra-nos com que espírito contraíram aquele matrimónio.

Entre os poucos objetos de família que dom Luigi conservou com cuidado zeloso está um anelzinho de prata que — segundo um certificado oficial anexo [7] — tinha sido colocado em contato, num dia de março de 1802, na catedral de Perúgia, com o anel atribuído ao desposório entre a Santíssima Virgem Maria e São José.

Os três filhos de dona Antonia

Daquele devoto matrimônio nasceu em 16 de março de 1803 um filho, que foi batizado no mesmo dia com os nomes de Giovanni Battista Angelo. Teve como padrinho o senhor Angelo Giupponi [8] e como madrinha a tia Rosa. O primeiro nome fazia reviver o do avô Lazzarini, que já havia sido dado ao segundo filho dos Filaferro; o segundo retomava, por sua vez, o del padrinho Giupponi, um culto e abastado senhor que morava nas proximidades, no bairro de São Tomé, hoje via Cavour.

Pouco depois, a família Scrosoppi deixou a casa dos Lazzarini e mudou-se para a paróquia do Redentor, onde nasceria o nosso Luigi em 4 de agosto de 1804.

Provavelmente a causa da mudança foi o casamento que Giuseppe — o irmão mais novo de Domenico — contraiu em 12 de junho de 1803 com Pasqua Morocutti. Os dois irmãos eram muito ligados e queriam continuar a viver juntos; no entanto, a casa dos Lazzarini não devia ser adequada para acolher um novo grupo familiar. Além disso, a morte do pai deve ter pesado na sua condição econômica por causa da divisão hereditária com o irmão mais velho Valentino, saído da casa paterna já desde 1797: tanto é que, no mesmo período, transferiram a ourivesaria da via Canciani para um ambiente mais modesto no lado sul da *via del Monte di Pietà*.

---

[7] Está conservado no Arquivo Luigi Scrosoppi (A.L.S.).

[8] Udinense, nascido em 1747, encarregado da adega (ou seja, responsável pelas provisões) e depois da administração (ou seja, tesoureiro) junto ao hospital. Continuando o avanço de grau no cargo, podia-se adquirir o título de « nobre ».

Não sabemos em qual habitação da paróquia do Redentor se estabeleceram os dois irmãos Scrosoppi e, por conseguinte, em qual casa nasceu o nosso padre Luigi. Mencionamos, porém, intencionalmente o senhor Angelo Giupponi que, por diversos elementos, aparece como uma pessoa muito querida para ambos. Ele possuía uma casa no número 920 do burgo Santa Lúcia, correspondente ao número 14 da atual via Mazzini, reconhecível por cinco janelas com arco de volta inteira. Não é improvável que ali ele tenha dado hospitalidade aos seus dois protegidos.

Ali permaneceram por cerca de quatro anos, até que amadureceu a necessidade de separar as duas famílias. Domenico retirou-se com a sua para a *Riva del Giardino* — hoje via Liruti —, não longe do santuário das Graças. Giuseppe, por sua vez, estabeleceu-se perto do velho ginásio [9].

Os dois filhos pequenos de Domenico e de Antonia, Battistin e Luigi, passaram, portanto, a sua infância na serenidade doméstica; não terão saído senão para se dirigirem com a sua devota mãe à vizinha igreja do Redentor e de São Cristóvão ou para visitar a tia Rosa.



Casa em que nasceu Luigi: número 920 do burgo Santa Lúcia, correspondente ao número 14 da atual via Mazzini

E Carlo Filaferro?

Vindo de Klagenfurt aos quatorze anos, ele já estava em idade de escolher o seu próprio caminho. Parecia óbvio que, para seguir os passos do pai segundo o costume do tempo, fosse encaminhado ao comércio. Alguns parentes pensaram, de fato, em inseri-lo como aprendiz em alguma empresa em Trieste, talvez também por causa do segundo casamento da mãe.

[9] O ginásio velho encontrava-se naquele trecho da rua, em ângulo reto, chamado hoje de « *Ginnasio Vecchio* », que une atualmente a piazza XX Settembre com a via Beato Odorico da Pordenone.

Ele, em contrapartida, escolheu decididamente a vida sacerdotal. Isso aconteceu com grande alegria da mãe, que secretamente havia implorado essa graça ao Senhor. Dirigia-se, pois, para estudar gramática (ou seja, para estudar sintaxe) — atravessando o centro da cidade — no seminário arquiepiscopal, situado no atual palácio do tribunal na via Treppo.

Na verdade, as instalações do seminário haviam sido ocupadas quase totalmente pelos franceses em 1797 e o governo austríaco não quis devolvê-las. No entanto, fora possível conservar alguns aposentos e outros foram postos à disposição pelo arcebispo Monsenhor Pier Antonio Zorzi [10] no seu palácio vizinho. Nessa situação precária, o seminário prosseguiu como pôde de 1798 a 1808.

Carlo já havia frequentado escolas na cidade caríntia, mas em língua alemã, que conhecia muito bem. Agora tocava-lhe recuperar o atraso com a língua italiana. Conseguiu-o logo, ajudado pelo seu grande engenho. Em 1803, superados com sucesso os cursos de estudos clássicos (ou seja, os cursos de humanidades e retórica), inscreveu-se nos de filosofia.

Do seminário regressava todos os dias à casa do padrasto, que sempre foi muito ligado a ele.

A uma inteligência sólida e aguda uniam-se nele uma vontade vigorosa e tenaz, um coração sensível e generoso, e um caráter franco e ao mesmo tempo equilibrado. Qualidades que orientaram a sua vida pessoal para resoluções magnânimas e santas, e moldaram o seu espírito, tornando-o capaz de guiar as almas.

Deu a primeira prova disso em família, pois conduziu e quase atraiu para uma comum e total dedicação ao Senhor os seus dois meio-irmãos, dos quais foi sempre o modelo, o anjo da guarda e o guia.

Especialmente de Luigino.

A terceira flor de mãe Antonia.

---

[10] Nasceu em Novigrad, perto de Zara, em 1743, de uma nobre família veneziana. Homem de vastíssima cultura (ou seja, muito erudito), pertenceu à congregação dos somascos, foi bispo de Ceneda e depois arcebispo de Udine. Pastor vigilante e zeloso, cuidou em particular dos conventos e institutos educativos, distinguindo-se pela prática da caridade para com os pobres. Francisco II da Áustria quis-no como conselheiro de Estado, Pio VII criou-o cardeal em 1803 e no mesmo ano morreu. (Cfr. A. BELGRADO, Elogio fúnebre..., Udine 1804, pp. XXIV).

Capítulo 2

SOB AS GARRAS DA ÁGUIA CORSA (1805-1813)

Pois bem, sim. Desejaríamos deter-nos com um sorriso sobre algum episódio da infância e da meninice do nosso Luigino. Os leitores mais dedicados e atenciosos certamente irão gostar.

Não me refiro aos primeiros dentinhos, aos primeiros balbucios, aos primeiros passos ou, talvez, aos primeiros pequenos caprichos. E nem sequer, talvez, àqueles episódios doces e exemplares — como também acontece em muitas biografias de santos — dos quais transparecem vislumbres de predileção divina e presságios de futura santidade. Alguma pequena notícia, porém, desejaríamos; algum detalhe que nos permita vislumbrar o crescimento desta flor no período da estufa — ou seja: os anos protegidos e fecundos da infância —.

Em vez disso, nada.

Nunca houve lugar, na vida do Padre Luigi Scrosoppi, para as peripécias ou os sentimentos do seu pequeno ego. Nem ele se abandonou, como velho, às habituais e nostálgicas evocações dos seus entes queridos ou dos seus anos juvenis.

E deve ser explicado o porquê.

Não foi de todo por aridez de sentimento. Pelo contrário, por temperamento foi inclinado a sentimentos ternos e vigorosos.

Podem ter influenciado aquele recato e aquela discreta timidez que ainda envolviam e travavam a vida individual; e para isso contribuiu, sem dúvida, uma certa reserva franca típica da gente friulana. Mas a razão profunda é outra.

No espírito de Luigi teve logo um decisivo predomínio aquele tipo psicológico que se pode definir ao mesmo tempo como metafísico e ativo. Porque, para ele, contaram sempre e apenas os valores a amar e a alcançar: isto é, quando emergiu claramente a escolha do sacerdócio e da caridade, Deus e as almas. Porque, para ele, contou sempre e apenas o que devia fazer e ao que devia servir com dedicação total: Deus e as almas.

Um homem, portanto, contemplativo e ao mesmo tempo operoso. Projetado para o exterior nas aspirações e na atividade, até esquecer ou sacrificar a sua própria dimensão pessoal.

Este retrato psicológico não está fora de lugar: pelo contrário, é um projetor, colocado na perspectiva correta, que ilumina e esclarece toda a sua vida.

E aqui surgiu-nos espontaneamente, e um pouquinho também por comodidade, para nos desculparmos se nada dissermos de Luigino menino, mas falarmos apenas de... Napoleão e de Carlo Filaferro.

Português

Carlo Filaferro torna-se oratoriano

A 18 de maio de 1804 — quase três mesi antes de Luigino nascer — Napoleão Bonaparte tinha sido coroado imperador dos franceses em Paris pelo papa Pio VII. E a 19 de março de 1805, em Monza, com a assunção da coroa de ferro, tornou-se rei da Itália.

Muita água tinha passado rapidamente sob as pontes do Sena. O guilhotinado Luís XVI e o incorruptível Robespierre não teriam certamente imaginado que, após apenas doze anos, a França veria surgir um trono novo: tão efêmero quanto se queira, mas fascinante pelas empresas fulgurantes. Nem a Paris iluminista e revolucionária, após a morte na prisão do papa Pio VI em 1799, teria previsto acolher, dali a poucos anos, outro papa, vindo para coroar o Pequeno Cabo (a alcunha de Napoleão).

Rápidos traços de memória!

As duas coroas não serviam senão para garantir a retaguarda para projetos ainda mais audaciosos. No outono de 1805 começou uma nova guerra. A 2 de dezembro houve a fulgurante vitória napoleónica em Austerlitz. E no próprio dia de Natal era assinado o Tratado de Pressburg (a atual Bratislava), com o qual se punha fim, inclusive no nome, ao Sacro Império Romano Germânico, a milenar construção política de Carlos Magno e de Otão I, que tinha nascido precisamente num Natal.

Com aquele tratado era anexado ao Reino Itálico todo o Veneto juntamente com o Friuli, que Napoleão tinha deixado à Áustria em 1797 com o Tratado de Campoformio.

Esta segunda ocupação francesa, embora muito diferente da primeira, despertou as tristes recordações de 1797 na alma de Carlo Filaferro, que por nacionalidade, pelas desventuras passadas e pelos sentimentos pessoais não podia ser favorável aos franceses. As bruscas mudanças confirmaram-no no desejo de subtrair-se à borrasca do século, para consagrar-se inteiramente ao serviço do Senhor. Pelo contrário, empurraram-no ainda mais: não só se tornaria sacerdote, mas « *padre do Oratório* ».

O Oratório era uma associação religiosa especial de leigos e de sacerdotes, que se reuniam para meditar juntos sobre as verdades da fé e para realizar algumas práticas de devoção particulares. Fundado em Roma por São Filipe Néri, tinha-se difundido muito rapidamente em todo o mundo católico.

Surgiu um também em Udine em 1629; e depois outros dois em *San Daniele del Friuli* e em *Tolmezzo.*

O Oratório de Udine manteve inicialmente as suas reuniões na igrejinha da *Compagnia del Crocifisso*, mas em 1643 obteve uma sede própria na antiga Igreja de *Santa Maria Maddalena*, hoje desaparecida, cuja área é ocupada pelo palácio dos correios. Ao Oratorio, desde os tempos de São Filipe, tinha-se juntado a « *congregação do Oratório* », isto é, um grupo de sacerdotes e de confrades leigos que, sem emitir votos religiosos, faziam vida comum. Em Udine a congregação tinha sido instituída em 1638, na sequência de uma concessão ducal de 7 de junho daquele ano.

Os membros da congregação deviam ser por regra bastante abastados e permaneciam proprietários dos seus bens, cujos rendimentos, porém, devolviam ou em benefício da própria congregação ou em obras de caridade. Os sacerdotes que dela faziam parte empenhavam-se particularmente em exercer o ministério sacerdotal de modo totalmente gratuito, para retirar até a mínima sombra de interesse económico. Sem dúvida foi este aspeto de gratuidade e de pura espiritualidade que atraiu o jovem Carlo entre os padres do Oratório. Mas a sua escolha teve o nítido sabor de um desafio espiritual. É preciso recordar que o regime napoleónico, sob uma aparência utilitária de religiosidade, conservava um espírito arrogante, rapace e opressivo para com as questões religiosas.

Precisamente no dia de Páscoa de 1806 [1] as autoridades civis deram ao Cabido de Udine o presente de um ovo de Páscoa de amarga surpresa. Antes da missa solene um funcionário, com um séquito de guardas (ou seja, um cortejo de gendarmes), entrava à força na sacristia da catedral e tomava posse do « *tesouro* » reconstituído após o saque de ouros e pratas sagrados realizado pelos franceses em 1797.

Entretanto, eram alargadas também ao Veneto e ao Friuli as leis de política eclesiástica já aplicadas no Reino Itálico, que previam, entre outras coisas, a supressão das confrarias e de muitas casas religiosas. A própria congregação filipina vivia sob o pesadelo da dissolução. A 6 de agosto de 1806 o Cabido de Udine — a sé arquiepiscopal estava então vacante — deliberava interessar-se a favor dos oratorianos, tão beneméritos da vida religiosa citadina.

Exatamente naquele período de incerteza e de ansiedade, Carlo Filaferro, com menos de vinte anos, e Antonio Specie de Resiutta, com dezoito e meio, pediam para ser acolhidos na congregação ameaçada [2]. A 2 de setembro de 1806 os padres da congregação decidiram acelerar a aceitação « *por um grave motivo que nasce das presentes difíceis circunstâncias* »; a 6 de setembro os dois seminaristas (isto é, clérigos) fizeram « *com o seu maior contentamento o seu ingresso na congregação* ». E no domingo 5 de outubro, solenidade do Rosário, os dois candidatos — que já tinham recebido as ordens menores — vestiam « *com suma alegria* » o hábito de São Filipe.

Assim, desde 6 de setembro, Carlo deixou a família Scrosoppi e foi habitar na casa da congregação filipina, hoje sede da polícia de Udine. Desde então, quem sabe quantas vezes a mãe Antônia, com os seus filhos, terá descido até àquela casa ou à Igreja de Santa Maria Maddalena, para ver o seu primogénito e desfrutar da sua doce e devota conversa. A 16 de março de 1808 o seminarista Carlo Filaferro constituiu para si mesmo o património eclesiástico (o dote económico necessário para a ordenação), prescrito pelos sínodos para os que aspiravam às ordens maiores.

O património consistiu em duas pequenas casas em Gemona, herdadas do falecido tio-avô padre Giuseppe Filaferro, falecido em 1799 [3], num pequeno capital cedido pela mãe

---

[1] Cfr. Atti del Capitolo, vol. VI (1801-1812) e 439 (A.C.U.).

[2] Cfr. Memorie della Congregazione, manoscritto, fascicolo 5, sotto la data 2-9 e 5-10-1806 (A.L.S.).

[3] Nascido em Malborghetto em 1719, na Val Canale. Após a supressão do patriarcado de Aquileia em 1751 e a atribuição da Val Canale à arquidiocese de Gorizia, escolheu a arquidiocese de Udine. Foi eleito pelo conselho de Gemona como capelão do altar de Santo António, e permaneceu aqui até à sua morte.

e noutro capital acrescentado pelo padrasto Domenico Scrosoppi. A 11 de junho de 1808 Carlo era ordenado subdiácono; e a 17 de dezembro do mesmo ano diácono. Mas antes que se tornasse sacerdote, novos graves acontecimentos perturbaram a Europa e a cristandade.

Don Carlo sacerdote

As esperanças dos povos são demasiadas vezes semelhantes aos fogos-fátuos que vagam nos cemitérios.

As duas ocupações francesas não deixaram de produzir benefícios, porque não existe aventura humana que não seja um conjunto de bem e de mal. Foram pagos, porém, a um preço elevado.

Na segunda ocupação, sobretudo devido às contínuas guerras que era necessário sustentar com meios e homens, choveram taxas, impostos e empréstimos definidos como voluntários; além disso, foi imposta a odiada conscrição obrigatória, com as fileiras infelizes de desertores e de faltosos, os quais eram frequentemente forçados a viver como fora-da-lei nas zonas mais remotas e inacessíveis [4].

Em 27 de março de 1809 eclodiu um novo conflito entre a Áustria e Napoleão, o qual, após uma vitória decisiva em Wagram em 7 de julho, entrava triunfante em Viena.

Naquela rápida peripécia bélica, porém, os austríacos puderam ocupar Udine e o *Friuli* em 12 de abril e mantiveram-nos por um mês exato. Pelo contrário, em 16 de abril o arquiduque João da Áustria tinha derrotado no Livenza o exército francês e o arcebispo de Udine, Monsenhor Baldassare Rasponi, teve de se apresentar para cantar na *catedral*, em 23 de abril, um solene *Te Deum* (hino de ação de graças) ordenado pela vitória austríaca. O diarista udinense Giacomo Caimo escrevia:

«*Na função interveio um extraordinário concurso de gente, nunca visto em doze Te Deum sob os franceses*» [5].

Napoleão soube-o pouco dopo e não ficou nada satisfeito. Em 10 de maio, a partir do campo de *san Pölten*, ordenava ao vice-rei de Itália Eugénio Beauharnais que fuzilasse o arcebispo dentro de vinte e quatro horas, porque «*é hora de dar um exemplo* — dizia — *a estes padres*» [6].

---

[4] O testemunho de quão desastrosa foi a segunda ocupação francesa (1805-1813) para a economia do Friul é também dado pela súplica-reclamação de 13 de dezembro de 1808 apresentada ao vice-rei E. Beauharnais e pela correspondência da época: os bens dos proprietários eram leiloados, se não se providenciasse, o país seria reduzido à mendicidade. (Cfr. G. PIERI, Napoleone e il dominio napoleonico nel Friuli, Udine 1942, pp. 286, 357-361). A lei da conscrição militar foi aplicada no Veneto e no Friul em 4-8-1806. Os anos 1806-1813 foram angustiantes para os desertores e faltosos em fuga. As cartas pastorais documentam essa situação. Nelas, o clero é exortado a persuadir o povo a adaptar-se à lei para evitar males piores. Se algum decreto de amnistia trouxe algum efeito, a deserção conheceu picos máximos nos anos 1808-1809, e continuou até à queda do Reino Itálico em 1813 com consequências deleteréias para a fé e a moralidade do povo. (Cfr. G. BIASUTTI, Alcuni friulani soldati di Napoleone, Udine, 1968, pp. 14-23).

[5] G. PIERI, o.c., p. 316.

[6] G. PIERI, o.c., p. 316.

O vice-rei, que tinha tido Monsenhor Rasponi na sua corte como esmoler secreto, conseguiu salvar-lhe a vida, limitando-se a infligir-lhe um confinamento político na villa dos condes *Prampero* em *Tavagnacco* [7].

Aconteceu então algo que feriu profundamente o coração do padre Carlo Filaferro. Em 17 de maio, depois de as tropas austríacas terem sido repelidas para além dos Alpes, a artilharia francesa destruiu o forte *Hensel*, que dominava *Malborghetto*, a sua terra natal; ficou danificada também a igreja do seu batismo que, no entanto, foi reparada imediatamente, ao ponto de ser reaberta ao culto em 21 de setembro.

Entretanto em Roma, ocupada pelos franceses desde fevereiro, em 3 de julho de 1809, por ordem de Napoleão, era preso o papa Pio VII e conduzido para o cativeiro, que durou mais de quatro anos: primeiro em Savona, até junho de 1811, e depois em Fontainebleau.

No domingo 24 de setembro de 1809, Monsenhor Rasponi, na capela do palácio arquiepiscopal, ordenava sacerdote o padre Carlo Filaferro. Ser ordenado por um bispo confinado e humilhado, enquanto o Papa está na prisão, não é coisa que aconteça com frequência. E sobre aqueles novos sacerdotes pairava o espírito das catacumbas, porque não se abriam para eles horizontes serenos de apostolado devoto, mas tempos ameaçadores e carregados de dificuldades. Talvez tenham sonhado sonhos de martírio: um maravilhoso fermento para um santo sacerdócio.

O padre Carlo celebrou a sua primeira missa na igreja de *santa Maria Maddalena* no dia seguinte, segunda-feira 25 de setembro: com muita simplicidade.

«*Na igreja dos filippini* — escreve Tinti — *ao lado do jovem sacerdote avistavam-se dois meninos inocentes que, como dois anjos da guarda, assistiam à primeira missa. Eram o irmãozinho Giovanni Battista, ainda não com sete anos, e o primo Luigi Simonetti (filho da tia Rosa)... os quais, com um ato de reverente piedade e compostura superiores à sua idade, tornavam aquele sagrado ofício mais solene. Não é preciso dizer* — continua Tinti — *como Antonia, com o seu Luigino ao lado e com o coração de mãe profundamente comovido, exultava perante aquela cena de paraíso; nem se deve estranhar se, desde esses anos, os filhos pequenos de Antonia, seguindo o exemplo edificante do irmão, cultivavam na sua alma inocente a sólida piedade que a zelosa mãe lhes infundia.*»

Supressão dos *filippini*

Pouco depois da ordenação, em 6 de outubro, o padre Carlo e o padre Antonio Specie foram inscritos definitivamente na *congregazione filippina*, « *tendo completado o triênio de prova para satisfação de todos* ». Em 29 de novembro, o padre Carlo foi admitido a proferir os sermões no Oratório, ou seja, entre os devotos que seguiam as práticas religiosas estabelecidas por São Filipe: um sinal claro que demonstrava que ele já possuía uma excelente aptidão como orador sagrado e guia espiritual, dotes que revelaria mais tarde em níveis altíssimos.

---

[7] Para outra versão sobre o caso do arcebispo Rasponi cfr. ibidem, pp. 314-322.

Entretanto, chegava à maturação a inevitável sentença de supressão. Evitada por duas vezes, em 1808 e em 1809, foi comunicada subitamente em 13 de maio de 1810; aos padres foram concedidas apenas três semanas para deixarem a casa. Abandonaram-na, de fato, no início de junho, levando consigo apenas os livros e os móveis pessoais, enquanto todo o resto da propriedade passava para o Estado. Naquela ocasião, dispersou-se também a vastíssima biblioteca da congregação, cujo destino nunca mais se conseguiu conhecer.

Permaneceu, contudo, aberta ao culto a igreja de *santa Maria Maddalena*, e alguns dos padres continuaram a celebrar ali as funções, ajudados por outros sacerdotes.

A congregação contava então com doze sacerdotes do Oratório e dois ou três confrades leigos [8]. O seu superior era o venerando ancião padre Massimo dos condes de *Brazzacco*. Já em 1797 ele conseguira salvá-la, dirigindo-se numa comovente peregrinação a *Passariano* ao general Bonaparte e lançando-se depois literalmente de joelhos diante dos responsáveis do *Comune di Udine*. Desta vez não teve sucesso e foi dominado pela dor. A cidade inteira ficou tão sensibilizada que, quando ele morreu em 1812, pediu e obteve por unanimidade que fosse ao menos sepultado, quase como uma reparação moral, na sua igreja, apesar de há alguns meses ter passado a ser obrigatória a sepultura dos cadáveres no novo e único cemitério da cidade, o de *san Vito*.

Os *ex-filippini* dividiram-se por vários alojamentos, acolhidos com prazer em casas particulares. O padre Carlo refugiou-se na nova habitação da mãe e do padrasto na *via Liruti*, perto do *vicolo Agricola*.

Como ele desejava, porém, permanecer fiel à sua amada igreja de *santa Maria Maddalena*, Domenico Scrosoppi pensou em facilitar-lhe a tarefa comprando uma casa nas proximidades. Comprou-a, de fato, em 21 de dezembro de 1811 ao nobre Giuseppe Pace por mais de dez mil liras; mas não devia dispor de muito dinheiro vivo, pois entregou apenas 843,92 liras e o resto ficou como dívida. Assim, toda a família se reuniu no número 1833 da *contrada di santa Maria Maddalena*, que corresponde ao número 46 da atual *via Vittorio Veneto*.

[8] Notas sobre a origem, o desenvolvimento e o fim dos pais do Oratório de Udine, arquivo 14, documentos 1 e 3 (A.L.S.).



Udine, *via Vittorio Veneto*, 46: casa habitada pela família Scrosoppi de 1811 a 1822.

E *Luigino*?

Faltavam dois meses para a conclusão do sexto ano do nosso *Luigino* quando o padre Carlo voltou a viver com a família: estava sem dúvida amargurado, mas com uma tristeza que tornava a sua vocação semelhante ao aço temperado (ou seja, uma vontade tornada invencível pelas provações) e aumentava o seu ardor em servir a Deus e em fazer o bem.

Quem sabe quantas vezes terá falado em casa do Papa prisioneiro, da supressão das ordens religiosas, em particular dos *filippini*, e das sombrias perspectivas que pesavam sobre o mundo e sobre a Igreja! Quem sabe quantas vezes e com que acentos apaixonados e firmes terá expresso a sua certeza no triunfo final da fé e a sua inabalável vontade de a testemunhar e pregar, mesmo à custa da vida. *Luigino* não podia compreender plenamente todos esses discursos, mas percebia a tensão profunda e generosa daquele irmão mais velho e sentia-a penetrar no íntimo do seu coração.

Naquele período, ele já tinha idade para colocar um pouco de lado os jogos e começar a aprender a ler, a escrever e a fazer contas.

Existiam então em Udine as escolas primárias municipais, divididas em classes inferiores e superiores; havia também diversas pequenas escolas privadas, e as famílias abastadas costumavam confiar os seus filhos a algum devoto sacerdote, embora a influência francesa tivesse reduzido drasticamente o número de professores privados.

É provável que os dois pequenos *Scrosoppi* tenham recebido a primeira instrução de algum *ex-filipino*, talvez do próprio padre Carlo, que terá certamente contribuído para o crescimento dos dois irmãozinhos.

O que é certo é que *Luigino*, especialmente após a mudança para a nova casa, podia ser visto constantemente na sacristia e nos ambientes vizinhos que tinham permanecido à disposição dos oratorianos.

O seu primeiro biógrafo, padre Ferdinando Blasich, gosta de recordar o pequeno Luigi enquanto «*criança, frequentava a igreja de santa Maria Maddalena, e circulava com costumes inocentes e fervor religioso entre aqueles ambientes e entre aqueles veneráveis sacerdotes*» [9].

«*Duas vezes no pó*»

Em seguida, veio a ruína da campanha da Rússia e depois a derrota de Leipzig em 18 de outubro de 1813.

Dois meses antes, tinha-se realizado em Udine a última parada solene do regime napoleónico.

Era 15 de agosto, festa da Assunção, que naquele ano caía num domingo. Encontrava-se na cidade o vice-rei Eugénio com o seu séquito militar e, como de costume, participou na missa cantada na catedral.

Isso não aconteceu para celebrar a Assunção ou porque fosse domingo.

Entre as extravagantes ideias do imperador dos franceses, ou mais provavelmente de algum dos seus cortesãos, tinha havido a de rastrear na lista dos mártires um certo São Napoleão. Deste santo devia celebrar-se a festa precisamente em 15 de agosto; o elogio fúnebre devia ser centrado nele ou, melhor ainda — ficando subentendido! — no próprio Bonaparte. Tudo acompanhado pelo inevitável hino de ação de graças (*Tedeum*) final.

Como acontece frequentemente na amarga encenação da história, os poderosos não desdenham sequer forçar a liturgia para os seus próprios fins. E encontram sempre algum eclesiástico que, por astúcia, ingenuidade ou por um sentido de adaptação forçada, se presta a secundar estes desejos.

Eugénio Beauharnais dirigiu-se, portanto, ao *Duomo*. À porta, para o receber, estava o Cabido da catedral, com um pálio, cujas hastes eram sustentadas por quatro cónegos [10].

Quando a singular procissão atingiu o vastíssimo espaço reservado ao clero, o vice-rei foi sentar-se no trono do arcebispo e os seus oficiais ocuparam os assentos do Cabido, enquanto os cónegos foram obrigados a retirar-se para o pequeno espaço atrás do altar-mor.

Ironia da política! Mais tarde, as autoridades austríacas tentariam continuar esta prevaricação, e o Cabido teve de lutar não pouco para demonstrar que o abuso cometido pelos franceses não justificava de todo o dos austríacos.

---

[9] F.B. udinese [FERDINANDO BLASICH], Il padre Luigi Scrosoppi dell'Oratorio - memorie ed appunti, Udine 1884, p. 4.

[10] Cfr. Atti del Capitolo, vol. VII, (1812-1820), cc. 49-50 (A.C.U.).

Eugénio assistiu, portanto, à missa: usava botas altas com esporas de prata, calças brancas justas, uma casaca e um colarinho de vinte centímetros de altura; o traje era todo um sussurro de decorações e cordões, mantinha a mão esquerda no punho da espada e na cabeça o famoso chapéu de dois bicos. No fundo era um homem bom, desprovido de sentimentos hostis à religião, mas nem ele nem o seu séquito brilhavam por devoção e recolhimento.

Em 25 de outubro de 1813, o exército de Francisco I, imperador da Áustria, entrava em Udine. Em 27 de novembro cantava-se no *Duomo* um hino de ação de graças pela vitória das tropas austríacas, na presença do general barão de Scivich, que comandava o cerco à fortaleza de *Palmanova*, que ainda resistia. Em 27 de abril de 1814 realizou-se outro rito solene para festejar a entrada das tropas aliadas em Paris.

Assim, Napoleão foi enviado para o exílio na ilha de Elba.

O breve regresso dos Cem Dias não passaria de uma perturbação distante.

Depois veio Waterloo.

Finalmente, Santa Helena.

Capítulo 3

LUIGI SCROSOPPI ADOLESCENTE (1814-1819)

A 10 de abril de 1814, dia de Páscoa, cantou-se no *Duomo* de Udine outro *Te Deum*, desta vez profundamente sentido pelo bom povo cristão: um hino de ação de graças pelo regresso triunfal a Roma, após o cativeiro de Fontainebleau, do papa Pio VII. O pontífice tinha sido restituído milagrosamente à Igreja, escrevia Monsenhor Capellari, administrador diocesano (*vicario capitolare*) da arquidiocese de Udine, como outrora São Pedro foi libertado do cárcere do rei Herodes Antipas [(1)].

Os sinos tocaram festivamente por uma hora inteira nas noites de Sábado Santo e do dia de Páscoa; pela noite dentro houve uma grande iluminação, mesmo nas habitações mais pobres [(2)]. Parecia tocar-se com a mão a verdade da promessa de Cristo: «*As portas do inferno não prevalecerão contra ela.*»

Assim aparecia aos crentes, que exultaram de alegria.

Os não crentes, pelo contrário, foram tomados pela mesma surpresa irritada do sinédrio judaico quando os guardas do sepulcro anunciaram a ressurreição de Cristo ou quando, depois do Pentecostes, os apóstolos puseram Jerusalém em alvoroço com a pregação do Evangelho e com os prodígios.

A crucifixão, portanto, não fora suficiente para apagar a voz de Jesus senão por um breve período.

E a mesma maravilha atravessou e atravessará os séculos: das perseguições externas ou das decadências internas, a Igreja ressurgirá sempre mais vigorosa do que antes.

Algo semelhante terá dito então o padre Carlo do púlpito e na intimidade da casa *Scrosoppi*. Desta vez o nosso *Luigino*, que tinha quase dez anos, estava em condições de compreender e deve ter tirado disso uma impressão profunda e indelével.

E talvez precisamente na primavera de 1814, luminosa de fé e de exultação, tenha sido admitido à primeira comunhão. Faz pensar nisso o costume da época, embora falte uma prova documental. Para esse sacramento tê-lo-á certamente preparado o padre Carlo.

Mais do que a modelação de uma estátua sob a mão do artista, é estupendo contemplar a formação de um homem sob o toque da graça e pela sua própria escolha interior, entre as pessoas e os acontecimentos que progressivamente o rodeiam. Sobretudo nos anos da adolescência, quando a personalidade é dócil e sensível.

---

[1] G. BIASUTTI, La Pasqua, le Festività di quest'anno, (1814), schede su Pastorali, vol. I, fasc. Mons. Mattia Cappellari, vic. cap. 2a volta (A.C.A.U.)

[2] Cfr. Atti del Capitolo, vol. VII (1812-1820), c. 70 v. (A.C.U.).

O humilde Luigi, o silencioso Luigi, nunca procurará ser protagonista. Até aos cinquenta anos viverá à sombra do padre Carlo Filaferro; nos trinta anos seguintes amará esconder-se atrás de outros, muitas vezes e de boa vontade; finalmente, escolherá o seu próprio túmulo num lugar remoto porque, dizia ele, «*que todos se esqueçam deste pobre homem.*» É a sua constante espiritual.

A sua singular biografia, por isso, será em grande parte um entrelaçado de referências a ele; todavia não falará de outra coisa ou de outros senão para nos deixar antever a formação e o desenvolvimento da sua personalidade.

Como acontece, por exemplo, nesta sua primavera.

Um mês após o seu regresso a Roma, Pio VII estendia a toda a Igreja a festa de *Maria Santissima Ausiliatrice* de 24 de maio, pois atribuía a ela a sua própria libertação. Tal forma de culto mariano teve uma férvida difusão também no *Friuli*, precisamente com o significado preciso de reconhecer na Virgem santa a defesa segura da cristandade contra qualquer ameaça. Mais tarde tornar-se-á seu apóstolo São João Bosco.

E no mês de maio, pouco depois, desenvolveu-se a piedosa prática do mês mariano.

A 3 de fevereiro de 1816 o administrador diocesano Monsenhor Capellari ordenava que em todas as igrejas da diocese, seguindo o exemplo do que se praticava em Roma, se realizassem orações especiais à Virgem das Dores nos últimos dez dias do carnaval; para esse fim mandava enviar para as paróquias um exemplar do *Breve esercizio ad onore dell'addolorato Cuore di Maria Santissima*.

Desde então a igreja de *santa Maria Maddalena* tornou-se, em Udine, o centro vivo de tais expressões de devoção para com a Nossa Senhora, como já o era há muito tempo para a devoção ao Coração de Jesus.

Ambas estas devoções nutriram vigorosamente o adolescente *Luigino*, que naquela igreja já vimos movimentar-se com conduta inocente e fervor religioso.

O padre Carlo jesuíta?

Outro gesto de Pio VII pareceu tocar de perto a família *Scrosoppi*: o restabelecimento da *Compagnia di Gesù* (Companhia de Jesus), querido pelo Papa com um decreto de agosto de 1814.

No clima de entusiasmo religioso daquele ano, tal decisão suscitou uma verdadeira onda de aspirações para se tornar jesuíta entre as almas mais nobres do jovem clero. Nem todas, é verdade, chegaram a concretizar-se; todavia o fenómeno permanece igualmente indicativo de uma orientação espiritual precisa.

Tornaram-se jesuítas dois udinenses, amigos íntimos do padre Carlo: Dom Niccolò Piccini e Dom Antonio Rizzi, o qual durante alguns anos fora vice-chanceler na cúria arquiepiscopal, ao lado do venerável conde Alfonso Belgrado [3], apóstolo da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

---

[3] Udinense, nascido em 1769 de uma família da qual saíram homens da Igreja, entre os quais o jesuíta padre Jacopo, insigne pelos seus escritos científicos, e o próprio filho do conde, Monsenhor Carlo, núncio pontifício, bispo e depois

Juntamente com Piccini entrou no noviciado da companhia o seminarista Giuseppe Marchi de *Tolmezzo*, destinado a tornar-se um célebre arqueólogo. Seguiu-o não muito tempo depois aquele padre Paolo Beorchia de *Trava*, que viria a tornar-se um insigne bibliógrafo da mesma companhia.

Por uma carta de Piccini [(4)] sabemos que nutriam o mesmo desejo Dom Giovanni Antonio Sala de *Forni di Sotto*, Dom Pietro Benedetti de *Ampezzo* — futuro fundador do jardim de infância de Udine —, Dom Giovanni Battista Bearzi, caríssimo amigo de Filaferro, Dom Giuseppe Gortani, professor no seminário e, precisamente, o próprio padre Carlo.

Piccini esperava-o em Roma para o período logo após a Páscoa de 1815, mas o padre Carlo não partiu.

Desse seu desejo falou certamente em casa e entre os antigos *filippini*.

A mãe Antônia ter-lhe-á objetado: «*Porquê ir para longe, se podes fazer tanto bem também aqui?*»

E os confrades ter-lhe-ão dito: «*Porque queres deixar-nos? Porque não trabalhar, antes, no restabelecimento da nossa própria congregação?*»

Sem dúvida deitou mão a divina Providência, que tudo dispõe com suavidade. Se o padre Carlo tivesse partido, a vida dos dois pequenos *Scrosoppi* teria tido um desenvolvimento diferente. Especialmente para *Luigino*, que foi para o padre Carlo, mais do que um irmão, o predileto filho espiritual.

Todavia aquela aspiração não realizada deixou no padre Carlo um perene vínculo afetivo para com a "*Compagnia di Gesù"*. O irmão Luigi segui-lo-á e superá-lo-á também nisso, pois terá oportunidade de viver em total unidade de intenções (*cor unum et anima una*) com alguns jesuítas e, especialmente, porque a ascese inaciana assumirá um lugar central na sua espiritualidade.

A grande carestia de 1816-17

Terminadas as sucessivas guerras da época napoleónica, os corações tinham-se aberto à esperança de um período de tranquilidade. Mas não foi assim; embora, desta vez, as desgraças proviessem de outra causa. É bem verdade que a má sorte muda de nome, mas continua a ser uma inquilina obstinada deste vale de lágrimas (ou seja, este mundo cheio de sofrimentos).

A estação agrícola de 1813 já tinha corrido mal; pior resultou a de 1814, quando nas zonas montanhosas não puderam sequer amadurecer os cereais definidos como "*miúdos*"

---

patriarca de Constantinopla. Embora leigo, o conde Alfonso ocupou o cargo de chanceler arquiepiscopal de 1830 até à sua morte ocorrida em 1832, sempre apreciado na diocese, especialmente pelo clero, pelas nobres qualidades de mente e de coração. (Cfr. G. BIASUTTI, Mille anni di cancellieri e coadiutori nella curia di Aquileia ed Udine, Udine 1967, pp. 33-36).

[4] L. TINTI, Memorie del padre Luigi Scrosoppi d.O., Udine 1897, pp. 260-269.

(ou seja, grãos secundários) — como o sorgo vermelho, o trigo sarraceno e o centeio — , enquanto nos montes e na planície grassava uma grave forma de epidemia animal.

Em 1815, desde o início do ano, as populações montanhesas estavam presas dos horrores da carestia; começaram a formar-se tristes cortejos de famintos que desciam em direção à planície em busca de um pedaço de pão. Naquele ano o inverno prolongou-se até ao final da primavera: caiu neve sobre as medas do primeiro feno.

Em 1816, as chuvas contínuas deram o golpe de misericórdia. Basta dizer que desde 1812 os preços dos cereais tinham aumentado trezentos por cento: e isto assumindo que se conseguia encontrá-los!

Nos primeiros meses de 1817, à fome juntaram-se a varíola e o tifo, doença, esta última, até então desconhecida. A população de Udine contava, em 1817, pouco mais de dezessete mil habitantes. Naquele ano morreram quase dois mil. Mais do que um massacre. Muitos entre os mortos, porém, eram mendigos não residentes na cidade, que de manhã eram encontrados sem vida ao longo das estradas ou nos casebres da periferia onde tinham buscado refúgio para a noite.

Apenas com as primeiras colheitas a fome cessou; a estação agrícola de 1817 revelou-se excecionalmente boa [5].

Ao menos aqui gostaríamos de poder contar alguns dos atos de caridade de Luigino, mostrando-o dividindo seu pão com uma criança faminta ou talvez roubando algo da despensa para ajudar um dos muitos desafortunados.. Todavia, se a tradição se cala, podemos fundamentadamente pensar que ninguém bateu em vão à porta dos *Scrosoppi*. Faz-nos acreditar nisso a habitual ternura misericordiosa da mãe Antônia. Faz-nos imaginar isso o coração transbordante de caridade do padre Carlo, que correu então o risco de morrer pela sua generosa dedicação.

As autoridades governamentais assistiram assustadas e impotentes. Não assim Monsenhor Capellari, vigário-geral da diocese de Udine, que organizou dois centros de acolhimento: um para os rapazes mendigos nas instalações do antigo seminário (hoje sede do tribunal) e o outro para as raparigas na "*Casa de Caritade"* (hoje *Istituto Renati*); além disso, destinou à sua assistência um grupo de zelosos sacerdotes.

Entre estes, porém, não aparece o padre Carlo. Devido ao seu perfeito conhecimento da língua alemã, ele foi encarregado de assistir os numerosos soldados austríacos doentes, reunidos no hospital militar da *via Pracchiuso* [6]. Ali foi atingido, também ele, pelo tifo, depois de durante meses e em total solidão se ter prodigalizado naquela missão sagrada, levando à fé católica inclusive vários protestantes e alguns judeus.

Do hospital militar regressava, quando podia, à casa da *via Vittorio Veneto*. Regressou lá um dia de verão a tremer com a febre, que em pouco tempo o levou quase à morte. Graças a Deus, recuperou.

---

[5] Cfr. G. BIASUTTI, Alcuni friulani soldati di Napoleone, Udine 1968, pp. 23 ss.

[6] Encontra-se ainda hoje ao lado da igreja de san Valentino, no local onde antes surgia o mosteiro das mantellate ou irmãs servas de Maria.

O que terá sentido *Luigino*, aos treze anos, quando viu o irmão abatido pelo mal contraído no seu apostolado de caridade? Que sentimentos terão vibrado na sua alma as tantas vezes que entrou no quarto do irmão moribundo? Que conversas terão ocorrido entre eles no longo período da convalescença?

É na dor que as almas nobres percebem mais vivo o encanto do amor.

Luigino pensava já há alguns anos em tornar-se sacerdote. Agora a vocação tinha-se robustecido.

Em novembro de 1817, inscreveu-se no curso de estudos gramaticais no seminário arquiepiscopal. Era preciso passar por esses estudos. Mas o objetivo tão almejado por sua alma brilhava ao longe: Deus e a caridade.

A *Casa das Derelitte*

Na República Cisalpina os padres oratorianos (os *filippini*) foram suprimidos logo em 1797; continuaram, porém, a existir, como se disse, no território do Veneto anexado à Áustria até 1810.

Foi assim que em 1798, da dissolvida congregação de *Mantova*, passou para a de Udine o padre oratoriano Gaetano Salomoni, natural de *Verona*.

Em pouco tempo reuniu em torno de si um grupo de nobres damas e encorajou-as a implementar um projeto seu de caridade: instituir em Udine uma *Casa das Derelitte* (ou seja, uma casa para raparigas abandonadas) segundo o modelo de uma obra semelhante fundada em *Verona* pelo padre Bellavita.

Uma instituição com o mesmo nome já existia também em *Milano* e noutras cidades. O objetivo comum, segundo as palavras do próprio padre Salomoni, era «*recolher, guardar, instruir e alimentar um certo número de raparigas, a escolher entre a classe mais pobre e que sejam privadas dos seus pais, ou pelos mesmos abandonadas*»: uma espécie de instituto protegido, em suma, no qual salvar da corrupção desenfreada as filhas do povo e prepará-las com escolas profissionais para ganharem honestamente a vida.

À frente daquelas damas estava a condessa Giulia *di Brazzà* [7], nascida *Piccoli*, que a favor do instituto em vias de criação interessou até Napoleão na sua breve estadia em Udine de 10 a 12 de dezembro de 1807; o imperador fez-lhe muitas promessas. Mas, ocupado em muitos outros compromissos, não lhes deu seguimento algum [8]. A condessa Giulia morreu em 5 de setembro de 1815, sem ver realizado o seu sonho.

---

[7] Única filha do conde Ascanio Piccoli, cuja família tinha o título de condes de Manzano, e esposa do conde Francesco di Brazzà-Cergneu, deleitou-se com a poesia, a literatura e a arte. Avó do célebre explorador africano Pietro di Brazzà, de quem tirou o nome a cidade de Brazzaville no Congo. Foi « mulher de cultivado engenho, de efusa caridade para com os pobrezinhos, de solícito cuidado para com os filhos, exemplo preclaro da sua idade » (1765-1815) (Lápide funerária na igrejinha de Soleschiano - Udine).

[8] O conde Antonio Bartolini (1741-1824), comendador udinense de Malta, na folha de guarda de um manuscrito da sua biblioteca, narrou o episódio do encontro entre a condessa Giulia e Napoleão no teatro social na noite de 11 de dezembro, após o qual ela teria enviado ao imperador uma Memória (uma petição formal) sua, contida no mencionado manuscrito. Tal Memória é um discurso sagrado ou, antes, uma pregação; sente-se com toda a evidência que o autor é um sacerdote e não pode ser outro senão o oratoriano padre Gaetano Salomoni. Parece impossível que

Todavia a obra nasceu pouco depois, em 1 de abril de 1816. O padre Salomoni colocou-a sob a proteção da Virgem Maria e de São Caetano *da Thiene*, o «santo da Providência», que era também o santo do seu nome. Aliás, na primeira capela colocou aquele quadro de São Caetano de boa feitura setecentista, que se encontra ainda hoje no centro do altar na igrejinha construída em sua honra, muitos anos depois, pelo padre Carlo e por Dom Luigi e onde agora repousa o corpo do padre Scrosoppi.

A *Casa das Derelitte* encontrou a sua sede no mesmo local onde hoje surge o colégio da *Provvidenza*. Havia ali, naquele tempo, uma modesta casinha, já habitada por uma mulher muito devota, Paola *Florenzis* [9], que ali tinha mantido uma escola privada para raparigas. Falecida ela em 1801, tinha-a deixado em herança à *Casa das Convertite*, hoje *Instituto Micesio* [10], de quem o padre Salomoni a tomou em aluguer por 450 liras por ano.

Poucos dias após a abertura, no dia de Páscoa 14 de abril, as raparigas acolhidas eram dezanove, porque dezanove foram os pães distribuídos. Mas já desde então se acolhiam também externas, porque nos registos encontramos a verba: «ovos na páscoa n. 153».

Em fevereiro de 1817, no momento mais crítico da carestia, fala-se de «*sopa a cerca de quarenta raparigas abaixo de doze anos*».

À assistência direta das crianças dedicavam-se duas mulheres jovens na casa dos trinta anos, ambas de profissão costureiras e bordadeiras. Santa *Marpillero*, nascida em 1786 de uma família proveniente de *Venzone*, que exercia o papel de superiora e permaneceu na casa até 1828; posteriormente retomou privadamente o ofício de costureira e morreu na *calle Stabernao* em 11 de março de 1855. E Margherita *Gaspardis*, nascida em 1786 em *Sevegliano* [11] perto de *Palmanova*, que desde janeiro de 1822 — pois a obra se encontrava em dificuldades — deixou em caixa o seu salário mensal de 12 liras e 10 soldos: ela foi a primeira superiora das irmãs da *Provvidenza* de 1835 a 1842 e morreu piedosamente em 26 de novembro de 1862, após ter tido a alegria de ver louvada e aprovada a nova congregação das irmãs da *Provvidenza* pelo papa Pio IX com o decreto de louvor de 7 de fevereiro daquele mesmo ano.

A estas duas chamavam-lhes "*maestre*" (ou seja, mestras). Certamente, mestras sobretudo de agulha, de tesoura e de vassoura, porque era necessário formar boas

---

a condessa Giulia di Brazzà tenha enviado a Napoleão uma cópia exata desta Memória; é preferível pensar que foi redigido um texto mais adequado à mentalidade do destinatário. Se realmente tivesse sido enviada a Memória, como se podia esperar que a burocracia napoleónica, que tinha suprimido as confrarias e estava para suprimir as casas religiosas, pudesse aprovar o financiamento de um novo instituto de programa cristão ou vincenciano? (Cfr. ms. 125, pp. 27, Fondo Bartolini, Bibl. Arquiepiscopal Udine).

[9] Morreu aos 92 anos em 1801 e foi sepultada na igreja das cappuccine.

[10] Nome derivado do padre Giovanni Micesio (1630-1702) nascido em Trivignano Udinese. Entrou para os oratorianos de Udine e viveu de humildade e caridade. Ocupou-se especialmente das mulheres de má fama levando-as à conversão e algumas até a tornarem-se monjas capuchinhas. Fundou para elas a casa do Soccorso, chamada depois Casa das Convertite, à qual dedicou todos os seus cuidados, que foi distinta do mosteiro das madres capuchinhas, suprimido pelas leis napoleónicas. (Cfr. M. TOLLER, Casa del Soccorso o delle Convertite - vicende e persone (a.a. 1680-1944), Udine 1969, pp. 6-13).

[11] Erroneamente nos registos da congregação é indicado Sedegliano como local de nascimento da Gaspardis.

operárias e donas de casa, não leitoras de romances. Todavia ensinavam um pouco de «ler, escrever e contar» e especialmente a doutrina cristã.

A direção espiritual e organizacional permaneceu obviamente nas mãos do padre Salomoni, que escreveu as primeiríssimas Regras a observar na *Casa das Fanciulle Derelitte*; trata-se porém apenas do horário diário na vida da casa.

Tinha escolhido como colaborador, e em particular como ecónomo da instituição, Dom Andrea Scipioni, que merece justamente o título de cofundador.

Era este um religioso da *Congregação de são Paolo*, chamada comumente dos barnabitas, aos quais a cidade de Udine tinha confiado desde 1676 a direção do ginásio público. Eles tinham depois erguido uma igreja própria, dedicada a *são* Lourenço *Giustiniani*, hoje desaparecida, no ângulo nordeste da atual *piazza Garibaldi*.

Suprimidos também os barnabitas pelas leis napoleónicas, Dom Andrea tinha-se retirado para casa dos dois irmãos sacerdotes *Scala*, na paróquia urbana de *são Giacomo*. Ali morreu em 10 de maio de 1819 com apenas cinquenta e dois anos.

O padre Salomoni dirigiu-se então ao jovem confrade padre Carlo Filaferro e pediu-lhe que lhe desse uma mão. Não teve de insistir. A sua robusta constituição física tinha-lhe permitido superar completamente as sequelas da grave doença de 1817: e o seu coração ardia sempre pelo desejo de fazer o bem.

Mas nem o padre Carlo pôde prever a que extraordinária obra de caridade se encaminharia com aquela decisão.

Uma obra que continua ainda, porque naquele breve sulco cedo o padre Luigi Scrosoppi afundaria o arado.

Monsenhor Mattia Capellari

Os acontecimentos públicos ou privados com que cada homem se depara ao longo do curso da sua própria vida têm uma indubitável influência na sua personalidade. Isto aplica-se especialmente a certos eventos e, sobretudo, nos anos da adolescência mais receptiva.

Falamos até agora, com uma certa amplitude, das guerras de Napoleão e da sua política eclesiástica, da prisão e da libertação de Pio VII, da grande fome de 1817, das escolhas do padre Carlo e da sua generosa dedicação, precisamente porque em tal moldura se vem formando e definindo a personalidade de *Luigi* criança e adolescente. É um processo semelhante ao ferro que assume forma sob os golpes do martelo (ou seja: o martelo de forja).

Basta observar que, perante os acontecimentos, nem todos reagem da mesma forma. Alguns são capturados por eles e permanecem presos na peripécia temporal. Outros, pelo contrário, por graça e por escolha, libertam-se deles e são mais impelidos para o amor e a procura de certezas eternas. A estes últimos pertencem o padre Carlo e, nas suas pegadas, o padre *Luigi*.

Não menos influência têm as pessoas com quem nos encontramos em estreita relação, especialmente algumas delas. Se mencionamos as orientações espirituais que *Luigi Scrosoppi* colheu das origens familiares e do ambiente de casa, gostaríamos agora de ilustrar amplamente algumas figuras dos seus educadores entre os *ex-filippini*, entre os professores do seminário ou entre o clero de *Udine*, e também entre os seus companheiros de estudo. Não tanto para nos determos no retrato destes perfis históricos, embora muito interessantes e exemplares, mas para colhermos o seu eco e reflexo na alma de *Luigino*.

Mas o discurso tornar-se-ia longo e dispersivo. Bastará, portanto, dizer uma coisa, precisa e significativa, que resume tudo.

Muitos anos mais tarde o padre *Luigi*, falando às irmãs da *Provvidenza*, recorrerá frequentemente ao exemplo das abelhas, as quais sabem orientar-se na procura da cera e do mel sobre qualquer forma do terreno e talvez no meio de silvas espinhosas.

Foi este o dom e a alegria dos seus anos juvenis.

Havia então, como sempre, o bem misturado com o mal. Ele voou para as flores mais preciosas, impelido por aquele arrebatamento espiritual que era inerente ao íntimo da sua alma.

Não se pode, contudo, evitar dedicar algumas linhas a Monsenhor *Mattia Capellari* [12], já várias vezes recordado, tanto porque foi um dos mais constantes benfeitores das obras de caridade do padre Carlo e do padre *Luigi*, como porque transmitiu a ambos uma atitude espiritual bem definida.

Capellari, já professor de moral no seminário, depois pároco de *Pozzuolo* e finalmente cónego encarregado das confissões de *Udine*, foi por duas vezes eleito pelo cabido para reger a diocese durante o período de vacância do bispo. Não se deve esquecer que, naquele tempo, o governo da diocese de *Udine* era acompanhado pelo governo metropolitano sobre todas as dioceses do *Veneto*, excluídas apenas *Venezia*, *Chioggia* e *Adria-Rovigo*.

A primeira vez por pouco mais de quatro anos, após a morte do arcebispo cardeal *Pier Antonio Zorzi*, ocorrida em 17 de dezembro de 1803; a segunda desde a morte de Monsenhor *Rasponi* em 14 de fevereiro de 1814 até à entrada de Monsenhor *Lodi* em 30 de novembro de 1819.

A atitude espiritual mencionada deve ser referida particularmente ao seu segundo cargo como administrador diocesano. Desde outubro de 1813 — como dissemos — o território *Lombardo-Veneto* tinha recaído sob o domínio austríaco; o imperador Francisco I quis aplicar ali uma política eclesiástica inspirada no chamado *giuseppinismo* (ou seja: josefismo). Tratava-se de uma indevida interferência nas questões da Igreja, mais subtil e, por isso, também mais perigosa do que a napoleónica.

---

[12] Nascido em Pesariis em Carnia em 1754, falecido em Udine em 1832; licenciado em teologia e em direito civil e eclesiástico. As suas lições de moral, mesmo mais tarde, foram consideradas as melhores do género. Dirigiu a diocese em tempos extremamente difíceis, defendendo com admirável força o vigor das disciplinas eclesiásticas, promovendo a regularidade do clero e o proveito espiritual dos fiéis. (Atti del Capitolo, vol. IX (1828-1830), c. 100, A.C.U.).

Capellari opôs-se com coragem apostólica, recusando qualquer forma de compromisso ou de submissão, a custo de ser confinado ou encarcerado; e a ameaça foi-lhe feita.

Grande ressonância teve uma tempestuosa entrevista sua, a 13 de abril de 1817, com o governador-geral *de Goess*, que o tinha convocado oficialmente a *Venezia* na esperança de o dobrar. Mas não o conseguiu, apesar das censuras do abade *Farina*, consultor eclesiástico junto do governador, e das pressões intimidante do próprio patriarca de *Venezia*.

Dessa entrevista Monsenhor *Capellari* enviou um amplo relatório ao seu amigo e parente distante, o monge camaldulense padre *Mauro Capellari*, o futuro papa Gregório XVI. «*Não lhe posso exprimir* — escrevia-lhe ele — *a alegria universal, especialmente dos habitantes de Venezia e de Udine, pelo bom resultado ocorrido*» [(13)].

Bom resultado, porque não tinha cedido. O atrito continuou imparável enquanto *Capellari* foi administrador diocesano. Ele, a cúria e a diocese de *Udine* foram marcados negativamente nos registos austríacos. Rebeldes, teimosos, indomáveis: era o que eles eram! E Monsenhor *Lodi* recordará frequentemente aos governantes austríacos que assim lhe tinham sido descritos.

Tratava-se, em vez disso, de algo bem diferente. *Capellari*, com uma nítida desconfiança em relação aos mutáveis governos civis, pretendia afirmar com orgulho a liberdade e a independência da Igreja no seu campo de competência e o direito das igrejas locais de permanecerem em união direta com o Papa e com a cúria romana, contra qualquer intrusão do governo.

Do mesmo parecer foram depois o padre Carlo e o padre *Luigi*. O primeiro lutará com todas as suas forças para que o governo austríaco reconhecesse o caráter privado da *Casa das Derelitte* e não admitirá mais do que um controlo formal de um comissário civil. O segundo combaterá até quase à sua morte para impedir a transformação da obra em entidade moral. Na tenaz oposição de ambos refletiam-se o pensamento e o orgulho de Monsenhor *Capellari*.

Ele teve nos dois irmãos os herdeiros autênticos também de outras orientações suas. Foi ele que afastou da diocese de *Udine* os últimos resíduos do jansenismo. E foi ainda ele, como velho professor de moral, que, evitando os excessos do rigor e do laxíssimo, traçou as linhas de uma conduta pastoral austera, mas benevolente, com a qual guiar as almas nas virtudes cristãs e na disciplina da Igreja. Defensor da devoção ao Coração de Jesus, promoveu — como dissemos — a do Coração doloroso de Maria; e concluiu o seu mandato como administrador diocesano exortando, na sua última carta pastoral para a quaresma de 1819, «*se não à diária ou quase diária, pelo menos à frequente participação da santa Eucaristia*»: uma proposta, naquele tempo, nova e corajosa.

Se o padre Carlo e o padre *Luigi* seguirão as mesmas diretrizes espirituais por sua escolha convicta, ambos ficarão felizes, do céu, por termos dedicado estas páginas ao seu grande protetor e amigo, Monsenhor *Mattia Capellari*. Eram-lhe devidas.

---

[13] G. BIASUTTI, L'udinese Mons. Carlo Belgrado ed i moti del Risorgimento, Udine 1962, p. 54.

Capítulo 4

O JOVEM LUIGI RUMO AO ALTAR (1820-1827)

Já vimos o nosso *Luigino* inscrever-se no curso de estudos gramaticais superiores no outono de 1817 nas escolas do seminário, seguindo de perto o irmão *Giovanni Battista*, que se tinha inscrito no mesmo curso no outono anterior.

Desde 1811 que o seminário tinha encontrado uma nova sede permanente no antigo mosteiro de "*san Bernardino delle clarisse osservanti*" [1], fundado em 1325 e suprimido em 1807. Vários anos mais tarde, uma vez demolidas as instalações do convento, o bispo Monsenhor *Emmanuele Lodi* ergueria naquela área uma grande construção quadrangular; esta, gravemente danificada pelo bombardeamento aéreo de 22 de fevereiro de 1944, seria substituída pelo arcebispo Monsenhor *Giuseppe Nogara* pelo moderno edifício na *viale Ungheria*, que foi inaugurado em 1956 pelo cardeal *Angelo Roncalli*, patriarca de *Venezia*, o futuro papa João XXIII de santa memória.

Os dois irmãos *Scrosoppi*, porém, frequentaram o seminário sempre como alunos externos. Participavam nas aulas e nos exercícios comunitários de oração e depois regressavam à casa paterna.

Até 1818 o programa dos estudos do seminário desenvolvia-se sobre a duração de oito anos. Os primeiros quatro eram chamados «*estudos humanísticos*» e dividiam-se em gramática, estudos gramaticais superiores, humanidade e retórica. Nos outros quatro anos estudavam-se as «*ciências*», ou seja a filosofia, a teologia moral com o direito canónico, a teologia dogmática com a história da Igreja e, finalmente, a Sagrada Escritura, combinada com aulas de grego e de hebraico. Mas em 1818 o governo austríaco impôs um novo ordenamento escolar repartido por dez anos. O ciclo dos primeiros quatro anos permaneceu inalterado; a este seguiam-se dois anos de filosofia e depois outros quatro dedicados aos estudos eclesiásticos [2].

Os estudos do jovem Luigi

O biógrafo do padre Luigi, Monsenhor Luigi Tinti, escreve que «*desde o princípio nas escolas inferiores, embora muito diligente, parecia que Luigi não obtinha o proveito esperado; mas crescendo com a idade, a sua inteligência desenvolveu-se gradualmente*

[1] O mosteiro tinha sido fundado por disposição testamentária do udinense Giacomo Rainerotto (18 de fevereiro de 1517), no local das suas casas, para acolher aquelas jovens udinenses, «nascidas de casa honrada e de classe civil», que pudessem manter-se com os seus bens. (Cfr. AUTORES VARIOS, Il Seminario di Udine, Udine 1906, pp. 256-257).

[2] Cfr. Ibid., pp. 320-342.

de tal modo que nos estudos clássicos e teológicos por ele realizados no seminário episcopal obteve um juízo muito favorável daqueles distintos professores.»

O que Tinti afirma encontra confirmação no juízo de conjunto sobre o nosso *Luigino* no final do curso de estudos gramaticais superiores no verão de 1818, como se lê, embora em latim, nos registos do seminário:

«*Nos estudos, aos quais se dedicou com uma diligência fora do comum, obteve um resultado superior às capacidades naturais do seu engenho*» [(3)].

Certamente ele foi de inteligência menos pronta e brilhante que o seu irmão *Giovanni Battista* e menos aguda e penetrante que o padre Carlo. O Senhor, que atraiu os três para Si, realizou neles o desígnio preferido da sua providência: o último tornou-se o primeiro. É bem verdade, de facto, que Deus não escolhe habitualmente os mais dotados para operar, neles e através deles, os prodígios da sua graça, mas prefere muitas vezes os mais fracos para confundir os mais fortes. Um exemplo célebre foi-nos oferecido pelo cura d'*Ars*, São João Batista Maria Vianney, cerca de vinte anos mais velho que o padre Luigi.

É correto precisar, todavia, que o jovem Luigi esteve sempre, por mérito da diligência se não por dotes naturais de engenho, entre os melhores da sua turma.

Naquele tempo as notas de mérito eram expressas em latim com as seguintes qualificações: excelente, primeira classe, segunda classe, terceira classe; por vezes, entre a primeira e a segunda qualificação, inseria-se uma «*primeira eminente (excelente)*».

Pois bem, *Luigino* nunca obteve nenhuma «*terceira classe*», e uma «*segunda classe*» apenas em grego no primeiro semestre do primeiro curso de filosofia. No resto a sua caderneta está cheia de «*primeira classe*», «*primeira eminente*» e «*eminente*». Nos dois últimos cursos teológicos resultou «*eminente*» em todas as disciplinas.

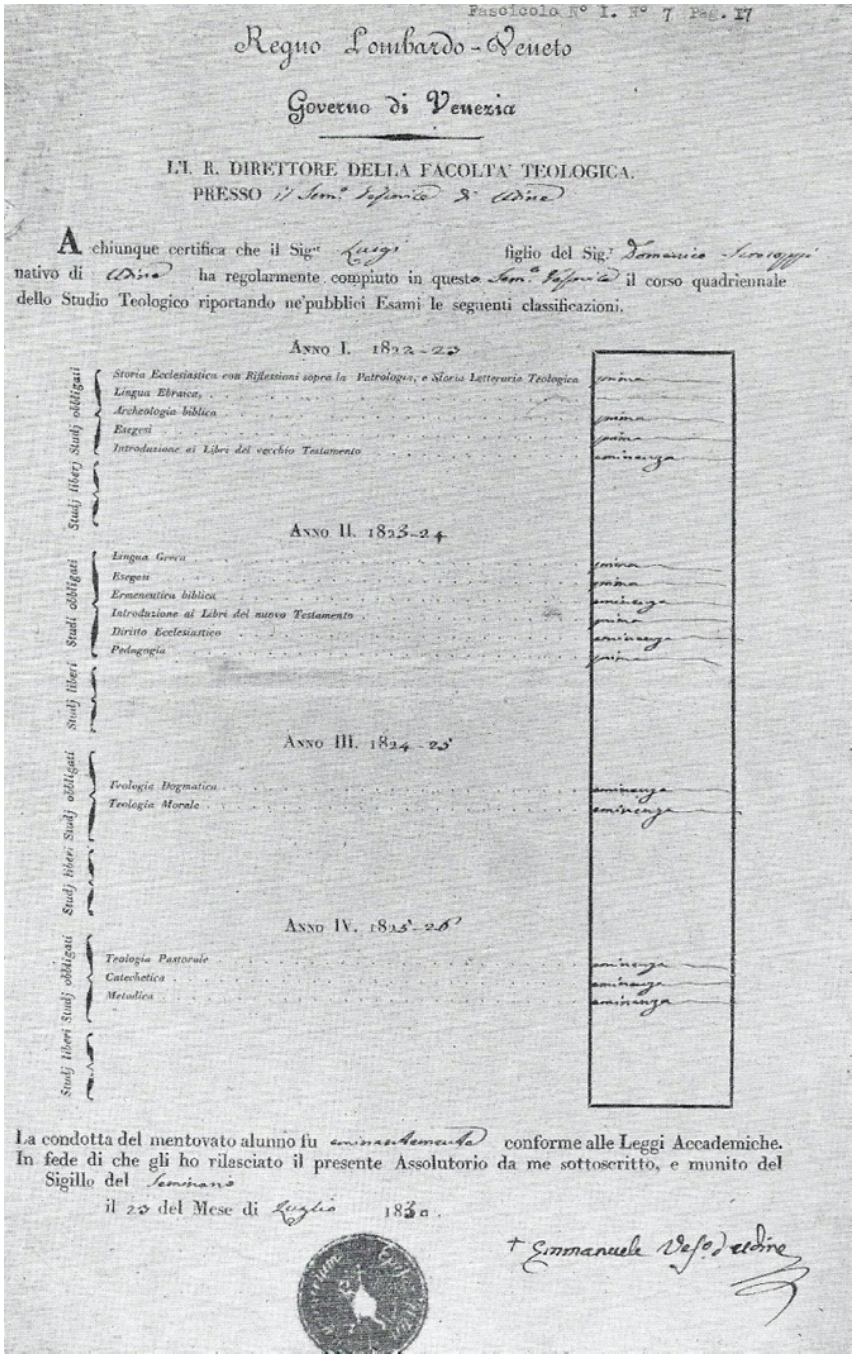
A sua aplicação, depois, é sempre definida como «*máxima*»; por vezes especifica-se que «*demonstrou o máximo empenho*» ou «*dedicou ao estudo o máximo das suas próprias forças.*»

Quanto à conduta, eis os juízos que são dados dele nos relatórios de fim de ano às autoridades políticas, as quais intervinham diretamente também nisto. Em 1818 «*dedicou-se às práticas religiosas com um empenho excecional.*» Em 1819 «*levou uma vida ótima durante todo o ano.*» Em 1820 obteve «*primeira excelente*» em conduta. Em 1821 e 1822 «*demonstrou ótimos costumes.*» E durante os quatro anos de teologia, enquanto o bispo *monsenhor* Lodi certifica às autoridades governamentais que «*a conduta do referido aluno foi plenamente conforme às leis académicas*», nos juízos internos do seminário é definido de «*conduta quanto mais ótima*» ou «*excelente no cultivar a virtude.*»

Tudo, portanto, concorre para provar que *Luigi Scrosoppi* embelezou os seus nove anos de seminário com uma incansável aplicação ao estudo e com uma conduta deveras exemplar. E sem qualquer interrupção. Não se adverte, de facto, nem sequer a sombra das crises ou das pequenas dificuldades que costumam afligir a adolescência e a primeira juventude. Sem dúvida também ele sentiu as suas turbações; mas a graça, a purificante

[3] Archivio Luigi Scrosoppi (A.L.S.), fascicolo 1, documento 2.

concentração no trabalho do estudo e a sua tensão de vontade natural e — quereríamos dizer — obstinada para o bem protegeram-no de qualquer desvio.



Fascicolo N° I. N° 7 Pag. 17

Regno Lombardo-Veneto

Governo di Venezia

L'I. R. DIRETTORE DELLA FACOLTA' TEOLOGICA.
PRESSO il Sem.° Vescovile di Udine

A chiunque certifica che il Sig.r Luigi figlio del Sig.r Domenico Sarcinelli nativo di Udine ha regolarmente compiuto in questo Sem.° Vescovile il corso quadriennale dello Studio Teologico riportando ne'pubblici Esami le seguenti classificazioni.

Anno I. 1822-23

Studj liberi Studj obbligati
- Storia Ecclesiastica con Riflessioni sopra la Patrologia, e Storia Letteraria Teologica — eminente
- Lingua Ebraica, — [illegible]
- Archeologia biblica — eminente
- Esegesi — eminente
- Introduzione ai Libri del vecchio Testamento — eminenza

Anno II. 1823-24

Studj liberi Studi obbligati
- Lingua Greca — eminente
- Esegesi — eminente
- Ermeneutica biblica — eminenza
- Introduzione ai Libri del nuovo Testamento — eminente
- Diritto Ecclesiastico — eminenza
- Pedagogia — eminente

Studj liberi

Anno III. 1824-25

Studj liberi Studj obbligati
- Teologia Dogmatica — eminenza
- Teologia Morale — eminenza

Studj liberi

Anno IV. 1825-26

Studj liberi Studj obbligati
- Teologia Pastorale — eminenza
- Catechetica — eminenza
- Metodica — eminenza

Studj liberi

La condotta del mentovato alunno fu eminentemente conforme alle Leggi Accademiche.
In fede di che gli ho rilasciato il presente Assolutorio da me sottoscritto, e munito del Sigillo del Seminario
il 25 del Mese di Luglio 1826.

† Emmanuele Vescovo di Udine

Certificado escolar do clérigo Luigi com as notas de avaliação relativas aos quatro anos de teologia

O tempo que lhe restava livre dos estudos continuava a passá-lo em oração na querida igreja de *santa Maria Maddalena* e em serenas ou devotas conversas com os ótimos antigos oratorianos. Quando estiver para receber as ordens maiores, o reitor daquela igreja testemunhará que ele fora constante nas práticas do Oratório e que desde criança frequentara e servira «*esta igreja com a máxima devoção, aproximando-se dos santos sacramentos da confissão e da Eucaristia devotamente quase em todas as festividades do ano.*»

Não nos esqueçamos de que então não era costume a comunhão diária. Todavia, além dos domingos, as festas de preceito ou de devoção eram muito numerosas, pelo que

podemos deduzir que *Luigino* se aproximou do banquete eucarístico pelo menos duas vezes por semana.

Para respeitar a ordem cronológica, daremos agora o clássico passo atrás.

No outono de 1818, portanto, aos catorze anos, *Luigino* foi admitido na escola de estudos humanísticos, equivalente ao ginnasio superior, ou seja aos dois primeiros anos do liceu clássico moderno. Nesses dois anos foi seu mestre o professor Dom Pietro Peruzzi [4] de *Buttrio*, que treinava os seus discípulos também a comporem versos em latim e em italiano, como se continuou a praticar nas escolas do seminário até princípios do século XX. O próprio *Luigino* aprendeu a compor poesias e resta-nos dele algum breve poema.

Se *Scrosoppi* não aprendeu muito da refinada arte poética italiana e latina do insigne mestre, ficou fascinado por ele, como todos, especialmente pela humildade e devoção que Peruzzi possuía em grau sumo. Tentado várias vezes, pela sua perícia literária, a seguir pelos caminhos do mundo os numerosos padres-poetas em voga no século XVIII, preferiu ficar no seminário, retirado e pobre; tão pobre que, quando em 1822 foi nomeado cónego honorário, tiveram de lhe perdoar a taxa burocrática austríaca de cem liras. O mesmo fervor religioso, que impelira um seu irmão a ir como missionário para a Ásia, ditou-lhe belíssimas composições sagradas, nas quais à clareza e à espontaneidade se une uma vibrante carga de fé.

De novembro de 1820 a agosto de 1822 o nosso Luigi realizou os dois cursos filosóficos. Ensinou-lhe filosofia o Dom Giuseppe Gortani [5], que em 1814 nutrira, juntamente com o padre Carlo Filaferro, o desejo de se tornar jesuíta. Aprendeu matemática e física — para as quais pareceu felizmente propenso — com o Dom Giovanni Mazzaroli [6], de índole reservada e tranquila e de provada devoção, muito estimado e amado pelos estudantes pelo seu ensino assai brilhante: o nosso clérigo colheu dele a paixão pela astronomia, à qual permaneceu fiel durante toda a vida. Em história teve como mestre aquele Dom Francesco Ostermann [7], que o bispo Lodi definiu como a pérola dos padres no que respeita a doutrina e conduta.

Mais tarde, nos cursos teológicos, o jovem Luigi teve como professor de moral Monsenhor Andrea Tonchia e de dogmática e estudos bíblicos Monsenhor Gian Paolo Foraboschi. Tonchia, nascido em *Aprato di Tarcento* em 1783, distinguiu-se também por uma intensa e frutuosa pregação de exercícios espirituais ao povo e pelas suas grandes virtudes era chamado «*o santo que caminha*» [8].

Foraboschi, nascido em *Moggio* em 1794, «*foi de conduta íntegra* — diz o seu assento de óbito — *de ânimo reto, de devoção exemplar, de fé inabalável*»: decano do cabildo

---

4 Nascido em 1767, falecido em Udine em 1841.

5 Nascido em Teor (Udine) em 1792, foi reitor do seminário, cónego e faleceu em Udine em 1863.

6 Nascido em Cabia di Zuglio (Udine) em 1789, foi vice-decano do cabildo de Cividale del Friuli, onde faleceu em 1873.

7 Nascido em Gemona (Udine) em 1785, faleceu como pároco de Codroipo (Udine) em 1845.

8 Foi cónego penitenciário, faleceu em Udine em 1856; era um dos padres oficiantes na igreja de santa Maria Maddalena, dos filippini.

de Udine nos anos difíceis de 1855 em diante, defendeu com tal fidelidade os direitos da Santa Sé que em 1866 sofreu uma pública e abrasadora humilhação pela qual foi levado em poucos meses à morte [9].

Uma grande sorte, especialmente para um jovem aspirante ao sacerdócio, crescer sob mestres capazes ao mesmo tempo de enriquecer as mentes com o saber e de esporear os ânimos para a virtude com a palavra e com o exemplo. *Luigino* teve esta oportunidade, e aproveitou-a com entusiasmo.

O Rosmini em Udine

Em 1821 chegou a Udine e lá permaneceu por algum tempo o Abade Antonio Rosmini Serbati de *Rovereto di Trento* [10], na época ainda não sacerdote.

Uma parte da família Rosmini possuía uma casa nesta cidade, um pouco mais adiante em relação ao início da *rua Aquileia*, no lado ocidental. Todavia, o que o atraiu ao *Friuli* foi sobretudo o afeto pelo seu amigo fraterno, Dom Sebastiano De Apollonia [11], que fora seu companheiro de estudos na universidade de Pádua e que desde 1819 ensinava metodologia no seminário.

Rosmini já era conhecido pelos seus primeiros estudos filosóficos. Ele viria a tornar-se mais tarde o grande filósofo cristão do século XIX italiano e um dos principais expoentes do movimento político-religioso católico definido como *neoguelfismo*: impelido além disso por um profundo fervor religioso, fundaria duas congregações religiosas, os "*Fratelli della Carità*" e as *Irmãs da Providência*. Todavia, para ele a filosofia, o empenho político e a ação religiosa não eram senão aspetos daquela renascença católica total que representava o sonho de muitos, e o seu em particular.

Precisamente para favorecer tal renascença, Rosmini criara, durante os estudos em Pádua, a célebre «*Società degli Amici*» e De Apollonia fora um dos seus primeiríssimos membros. Recordamos estes factos muito conhecidos porque, durante a sua estadia em Udine, ele fundou um núcleo de tal sociedade. Mas para que o fogo da iniciativa permanecesse aceso, era necessário um coordenador apaixonado. E quem melhor que o padre Carlo? Quem senão o padre Carlo?

Infelizmente não temos informações sobre a atividade deste círculo rosminiano udinense; provavelmente teve vida muito breve. Suspeita-se que não tenha sido do agrado do bispo Monsenhor Lodi [12]; e o padre Carlo, sempre submisso à autoridade da diocese, tê-lo-á deixado dissolver-se.

---

9 Faleceu em Udine em 1867.

10 L. ZANUTTO, Il filosofo di Rovereto ed i seus amigos no Friuli, Udine 1911, pp. 24.

11 Nascido em Romans di Varmo (Udine) em 1792, faleceu cónego em Cividale del Friuli em 1854.

12 Nascido em Milão em 1770, falecido em Udine em 1845, foi religioso dominicano. Pregador, deu «vida, incremento e esplendor» à eloquência sagrada, foi pároco em Venezia, bispo de Udine desde 1819. Restaurou a abadia de Rosazzo, ergueu quase inteiramente o seminário, socorreu os pobres. Foi apegadíssimo à disciplina da Igreja, teve no coração a cultura e a santidade do clero, combateu o vício e as opiniões que perturbavam a ordem pública. (Cfr. P. BANDINI, Elogio funebre di monsignor Emmanuele Lodi vescovo di Udine, Udine 1845, pp. 32). Monsenhor Lodi numa nota sua de 9 de novembro de 1820 denunciava às autoridades austríacas a presença de uma seita sob o

Apesar disso, a figura e o entusiasmo de Rosmini tiveram um forte impacto no círculo mais ativo dos católicos de Udine. Certamente impressionaram *Giovanni Battista Scrosoppi*, que manteve sempre uma profunda admiração pelo grande pensador de *Rovereto*. Aliás, cerca de dez anos depois, avaliará seriamente o ingresso na congregação rosminiana e conservou com cuidado, enquanto viveu, algumas cartas que lhe foram escritas por Rosmini, que hoje se perderam.

Também o nosso Luigi deve ter recebido disso uma forte impressão, pois viu o jovem abade frequentar com devoção, naqueles dias, a igreja de *santa Maria Maddalena* e provavelmente pôde escutar alguma apaixonada conversa sua: o padre Carlo, de facto, tê-lo-á certamente hospedado por vezes na casa *Scrosoppi*. Muito tempo depois, Luigi terá a oportunidade de se dirigir para visitar Rosmini no seu retiro espiritual de *Stresa*.

Entretanto passava por Udine também Silvio Pellico [13]. Mas numa forma bem diversa: acorrentado, entre os guardas da polícia austríaca, dirigido para as prisões do *Spielberg*. No ar sopravam já os primeiros movimentos do *Risorgimento* e as tendências do Romantismo.

Luigi em batina

Luigi Scrosoppi vestiu o hábito eclesiástico a 19 de novembro de 1821 [14]. Tratou-se de uma data fundamental na sua vida, ao ponto de ser citada inclusive no cartão em memória do falecido impresso imediatamente após a sua morte. Ele recebeu-o com espírito santo e com o mesmo espírito levou-o sempre.

Vale a pena recordar que este modelo de vestuário, hoje caído em desuso, devia chegar, segundo as regras do direito da Igreja, até aos maléolos: precisamente por este motivo era definida como «*talare*» (ou seja: uma batina). Sobre ela, durante a boa estação, vestia-se o *ferraiolo* — o manto curto — à romana ou um casaco ligeiro, que se tornava mais pesado no inverno; mas o padre Luigi preferirá sempre uma esclavina, segundo o estilo dos *filippini*.

Sobre a cabeça, em vez disso, punha-se um chapéu cujas abas eram levantadas dos lados por cordões de tensão apropriados.

Precisamente naqueles anos, aquele modelo de chapéu era objeto de uma dura contestação por parte dos membros mais exuberantes do jovem clero. Nada de cordões: a aba descia de modo circular de cada lado. «*Deste modo protege melhor da chuva*»,

---

nome de Società biblica ou seja Fratelli Amici, em apoio aos carbonari. Aludia a quatro pequenas obras difundidas por tal seita, inquinadas por erros doutrinários de cariz protestante e de insubordinação contra a ordem constituída; convidava por isso a intervir com meios drásticos. Todavia as características de tal Sociedade — observa Pellegrino — eram «tais que a distinguiam nitidamente da fundada por Rosmini. Note-se de facto como Lodi se refere a um livro com o título Sommario dell'Istoria, Dottrina e disciplina della società dei cristiani denominata degli amici, diferente do livro Regolamento della Società dell'amicizia cattolica, Torino 1819, no qual se inspirava o desenho de Rosmini e dos seus amigos». (U. PELLEGRINO, Sebastiano De Appollonia e Antonio Rosmini - Ricerche sul rosminianesimo del Friuli, Milano 1973; vol. II, pp. 148 s.; vol. I, parte II, p. 45).

[13] Sobre o atual Albergo Roma da rua Poscolle, onde esta é cruzada pela rua Brenari e pelo beco Gorghi, está colocada a lápide que recorda a passagem de Pellico por Udine, na noite entre 27 e 28 de março de 1822.

[14] Archivio Luigi Scrosoppi (A.L.S.), fascículo 1, documento 8.

sustentavam os contestatários. Os padres mais idosos, pelo contrário, acusavam-nos de falta de espírito eclesiástico.

Mas havia quem fizesse pior, tanto entre os jovens como entre os velhos. Alguns vestiam, como se dizia então, o hábito curto — ou seja: *in curtis* —, isto é, um sobretudo que chegava apenas ao joelho. Tratava-se de um hábito tolerado para os padres de montanha, mas considerado quase escandaloso para os da planície ou da cidade. E ainda teria corrido bem se o sobretudo fosse preto: havia quem o levasse colorido, seguindo a moda civil da época, e do vestuário religioso não restava senão o branco colarinho rígido.

Se é verdade que «*o hábito não faz o monge*», é igualmente verdade que o vestir a bel-prazer ou segundo a moda laica de certos eclesiásticos do tempo estava em contraste com as leis vigentes da Igreja e, em Udine, com a vontade do bispo Lodi, que sobre este ponto era muito rigoroso. Luigi, assim como o padre Carlo e Dom *Giovanni Battista*, foram rigorosamente fiéis à disciplina da Igreja. Isto comportou um trabalho maior para a mãe Antônia, a qual se viu tendo agora três batinas para manter limpas e remendadas.

Ele recebeu as primeiras duas ordens menores, isto é, o ofício de porteiro e o de leitor, no sábado «*Sitientes*» — ou seja: o sábado que precede o domingo da Paixão —, 23 de março de 1822, na catedral de Udine. As outras duas ordens, a de exorcista e a de assistente do altar, foram-lhe conferidas no domingo «*in albis*» — ou seja: o primeiro domingo depois da Páscoa — do mesmo ano, 14 de abril, na igreja de *sant'Antonio abate*, situada ao lado do palácio do bispo [15].

O padre Carlo à frente da *Casa das Derelitte*

No mesmo ano de 1822, o padre Gaetano Salomoni deixava Udine, talvez para se retirar para a sua *Verona* natal ou, mais provavelmente, para reingressar em alguma reconstituída congregação *oratoriana*. Três anos mais tarde — como atesta a lápide dos benfeitores no *Istituto della Provvidenza* — foi receber no céu a recompensa da sua caridade.

Foi assim que o padre Carlo se tornou automaticamente diretor da *Casa das Derelitte*, da qual era administrador há um triénio. Escolheu como colaborador Dom Giovanni Battista Bearzi de Udine, pertencente a uma família originária de *Ampezzo* na *Carnia*, que permaneceu ao seu lado até 1829, quando foi eleito para guiar a paróquia urbana de *san Giorgio*.

Poder-se-ia pensar que o padre Carlo, pelas suas qualidades pessoais e pela influência de que gozava, imprimiu um vigoroso impulso à vida da casa. Em vez disso, ela foi-se enfraquecendo gradualmente, tanto que um pedido oficial seu e de Bearzi de 6 de fevereiro de 1829 [16] para a prefeitura — a delegação provincial de então — parece quase

---

15 A.L.S., fascículo 1, documentos 9-10.

16 No pedido, os dois sacerdotes, após terem renovado a súplica à prefeitura para a aceitação de um capital para desconto das rendas que a Casa das Derelitte devia pagar à Casa das Convertite, acrescentavam: «a conservação do Istituto delle Derelitte aparece-nos infelizmente em perigo, nem se saberia já para onde voltar o olhar para daí extrair outros meios válidos se diminuem continuamente os subsídios caritativos sobre os quais unicamente está fundado;

um canto fúnebre à piedosa instituição. Basta dizer que em 10 de junho de 1819, quando o Filaferro assumiu a sua administração, havia um saldo de caixa de pouco mais de mil liras; no final do ano a receita foi de 6.674 liras (tinha sido de 9.362 liras em 1816), contra uma despesa de 4.991 liras. O balanço foi diminuindo de ano para ano, tanto que em 1829 se reduziu a uma receita de 2.361 liras, contra uma despesa de 2.537 liras.

Em 1830 a receita subirá de um salto para 3.137 liras e não baixará mais. Porquê? Naturalmente porque em 1829, nomeado pároco Bearzi, passou a ser vicediretor o nosso Dom Luigi.

As causas de tal declínio económico tinham sido numerosas. O padre Carlo não se podia dedicar muito à casa por estar absorvido pelo ministério sacerdotal; dirigia-se frequentemente a vários locais para orientar retiros ou exercícios espirituais para o clero ou em conventos de freiras; além disso, o seu confessionário na igreja de *santa Maria Maddalena* estava sempre cheio de penitentes, pois o padre Carlo revelara-se um incomparável mestre de espírito.

O fervor dos apoios em torno da *Casa das Derelitte* tinha-se reduzido então a uma sombra, como frequentemente acontece. A inquietação social e política em constante crescimento e uma progressiva decadência da fé e dos costumes cristãos atingiam na raiz a flor da caridade. Apenas uma alma ardente e corajosa poderá desafiar a indiferença do ambiente e provocar o renascimento da obra.

A família Scrosoppi muda de casa

Em frente à casa que Domenico Scrosoppi comprara em 1811 no bairro de *santa Maria Maddalena* abria-se a *via Rauscedo*; no início desta, no lado meridional, habitava a família Berettini. Mortos em 1812 a senhora Vittoria e em 1814 Monsenhor Paolo, arquipreste de *san Daniele* [17], ficara sozinha a irmã Faustina, que faleceu aos oitenta e cinco anos em 30 de julho de 1822. Dois anos antes, em 24 de julho de 1820, fizera testamento, dispondo alguns legados de beneficência e nomeando herdeiro o senhor Domenico Scrosoppi:

«*que há tantos anos me presta o mais cordial e empenhado serviço e assistência, tanto nos meus assuntos domésticos... como nas minhas frequentes e gravíssimas enfermidades..., nem teria podido agir de outro modo sem faltar a um premente dever de justiça*».

A Berettini não menciona a mãe Antônia, mas foi sem dúvida ela quem a assistiu durante as doenças, e não o marido, que além disso continuava a gerir com o irmão Giuseppe a oficina de ourivesaria da "*via del Monte di Pietà*".

Graças àquele testamento e a sucessivas compras e trocas, Scrosoppi tornou-se proprietário de um complexo de casas, que compreendia oito números de então, que da *via Vittorio Veneto* se estendia até incluir o local da atual "*via san Francesco*". A norte

por isso já se propôs que quanto sobrasse do capital... após ter liquidado as rendas a crédito da piedosa Casa das Convertite, tudo fosse deixado a seu favor». (Arquivo do Istituto della Provvidenza, fascículo I).

[17] Nascido em 1735, faleceu em san Daniele del Friuli em 1814.

corria a *via Rauscedo* e a sul a *roggia* — canal artificial — dos *Gorghi*, hoje coberto. Aquelas casas, passadas depois em herança à *Casa das Derelitte*, foram demolidas por volta de 1935 e na sua área foi construído um bloco de edifícios no qual hoje, no centro, tem sede o cinema Odeon. Exatamente na parte do cinema que dá para a *via Rauscedo* erguia-se o número 47, onde a família Scrosoppi teve a sua nova morada de 1822 em diante.



Udine. Casas da via Rauscedo demolidas em 1934.
No n° 47 a família Scrosoppi habitou de 1822 em diante.

Mas antes de nela habitar era necessário reestruturá-la adequadamente. Para esse fim, o pai Scrosoppi contraiu empréstimos e vendeu pouco depois a casa da *via Vittorio Veneto* à nobre Clementina Porcia, filha do príncipe Serafino; ao mesmo tempo o padre Carlo vendia as suas casinhas em *Gemona*. Em 1824, Domenico Scrosoppi vendeu ao irmão Giuseppe a sua quota na oficina de ourivesaria. De 1823 ao início de 1825, durante as obras de reestruturação, viveu de aluguer com a família, primeiro na paróquia de *san Nicolò*, depois na das *Grazie*.

Domenico Scrosoppi, na gestão da oficina de ourivesaria, ganhara fama de ser meticuloso até ao cêntimo. Precisamente por isso, alguns brincalhões iam fazer compras com ele. Após as habituais negociações exaustivas sobre o preço, acabavam por pôr no balcão a moeda acordada, mas com um cêntimo a menos. Naquele tempo o cêntimo tinha

ainda o seu valor. E o senhor Domenico repetia infalivelmente o refrão, na fala friulana: «*Al mancje un sentesin; pajdilu* — ou seja: Falta um cêntimo; pagai-o! — ».

Toda a diversão estava ali: em ouvi-lo repetir aquela frase. Daqui derivou a alcunha de «*sior Meni sentésin*». Estimado por todos pela capacidade artesanal e pela honestidade, troçavam dele por aquela minúcia.

E minúcia terá sido. Mas quem não quer roubar mantendo altos os preços deve exigir o preço honesto, caso contrário arriscaria a falência.

O senhor Domenico foi, sem dúvida, um administrador atento e preciso e o nosso Luigi herdará do pai o mesmo dom; depurado, naturalmente, de qualquer sombra de interesse terreno. Também ele será escrupuloso até ao cêntimo ao registar entradas e saídas das suas obras. E exigirá das irmãs uma administração escrupulosa até ao último centavo, tanto pela observância rigorosa do voto de pobreza, como para santificar até ao último cêntimo no cadinho da caridade.

Domenico Scrosoppi viveu o suficiente para ver os filhos dedicarem a obras de bem os bens por ele acumulados ou chegados em herança. E ficou feliz com isso. Divertia-se muito, quando velho, durante os teatros que as órfãs davam de vez em quando na *Casa das Derelitte*. Sem saber, e talvez sem querer, ele havia enchido os cofres para que aquelas crianças abençoadas os esvaziassem em nome do Senhor.

Dom *Giovanni Battista* sacerdote

A nova casa estava agora pronta quando Dom *Giovanni Battista Scrosoppi* foi ordenado sacerdote a 17 de dezembro de 1825.

Ele teve uma vida própria, diferente da dos dois irmãos; todavia, pela profunda caridade fraterna que os uniu, é oportuno fornecer um breve resumo da mesma.

De 1826 a 1828 ocupou o cargo de vice-diretor no colégio municipal, ligado ao ginnasio da cidade. Mais tarde, o bispo o enviou como padre assistente do arquipreste de Sacile: ele permaneceu lá por um ano e meio, deixando excelentes lembranças.. Do Natal de 1829 ao julho seguinte exerceu as funções de cura em *Susano*, na época em agitação por disputas locais. Depois transferiu-se como padre assistente de Monsenhor Pisolini, pároco de *Tarcento*; todavia adoeceu e teve de regressar à família.

Uma vez curado, dedicou-se à pregação durante nove anos, tanto na diocese como fora dela, com notável sucesso. Entre um curso de missões populares e um de pregação quaresmal, deslocava-se a toda a parte para substituir párocos e curas doentes, necessitados de repouso ou em dificuldade:

«*assistiu desta forma a mais de uma centena deles — escreve o Blasich* [18] —».

Em suma, Dom *Battista* foi — a título pessoal — um verdadeiro missionário diocesano.

---

[18] Cfr. F. BLASICH, Cenni biografici del M.R.D.G. Batta Scrosop Pi, ms. pp. 31, (A.L.S., fasc. Família); L. TINTI, O.C., pp. 132-140.

Em 1846 assumiu o cargo de diretor espiritual no seminário de *Zara*, chamado por aquele Arcebispo, Monsenhor Giuseppe Godeassi, originário de *Gorizia*, do qual era secretário o udinense Dom Valentino Liccaro, amigo caríssimo do padre Carlo e dos dois irmãos *Scrosoppi*. Permaneceu naquela sede apenas por um ano, pois o padre Carlo chamou-o de volta a Udine. Nos anos de 1848 e 1849 guiou em qualidade de administrador a paróquia urbana de *san Cristoforo*. Finalmente, após a morte por cólera ocorrida a 8 de outubro de 1849 do arquipreste de *Sacile* Monsenhor Malisana, sob pedido explícito dos habitantes de *Sacile*, o Arcebispo Monsenhor Bricito nomeou-o titular daquela importante *pieve* (ou seja: igreja paroquial), que ele administrou durante dezessete anos.

Mas depois de 1859 a situação piorou para a Santa Sé e para a Igreja. É fácil imaginar qual foi o comportamento de Dom *Battista*. «*Resistiu firme e forte no combate — escreve o Blasich — sofreu amargamente pelo crescimento dos males, nunca perdeu o ânimo, não traiu o próprio carácter, não aceitou compromissos indignos; e quando em julho de 1866 se perfilava o perigo concreto de que as novas ideias de liberdade degenerassem em licenças e tornassem inútil o seu ministério por causa de alguns malvados, não por vontade própria, mas coagido, não por temor por si, mas pela violência alheia, deixava a paróquia com a intenção de retomar os próprios deveres assim que a arrogância alheia tivesse sido travada e as calúnias dissipadas.*»

Em termos mais explícitos, à chegada das tropas italianas em 1866, Dom *Battista Scrosoppi*, como católico fiel que era, foi acusado de ser contrário à Itália e uma revolta organizada pelos nacionalistas obrigou-o a abandonar *Sacile*. Uma sorte semelhante tocou então a Monsenhor *Giovanni Battista Gaspardis*, arquipreste de *Codroipo*, e a Dom Filippo Elti, arquipreste de *san Daniele del Friuli*.

Regressou, portanto, a Udine para junto do irmão. E quando em 1867 também o padre Luigi foi afastado da casa da congregação *oratoriana*, transferiram-se ambos para morar no número 1865 da zona das *Dimesse*, hoje *via Luigi Scrosoppi*, na casinha próxima do "*Asilo dell'Immacolata"*. Ali Dom *Battista* viverá ainda quinze anos; e o padre Luigi quererá que no registo civil do município de Udine ele figure como chefe de família.

Don Luigi sacerdote

O devido tributo a Dom *Battista* empurrou-nos para a frente nos anos. Agora é necessário voltar atrás e retomar a história do nosso Luigi.

No fundo, é fascinante este alternar-se no tempo para colher todos os fios de uma trama que se vai compondo admiravelmente sob a guia paterna de Deus. E é belo poder superar, pelo menos com estas recordações narrativas, o decorrer inexorável do tempo cantado pelo poeta, especialmente quando se trata de repercorrer com devota ternura as etapas da vida dos santos.

Luigi, portanto, foi ordenado subdiácono na igreja de *sant'Antonio abate* a 14 de agosto de 1825, véspera da Assunção, e diácono na mesma igreja a 22 de setembro de 1826 [19].

[19] Archivio Luigi Scrosoppi (A.L.S.), fascicolo 1, documentos 11-12.

Nesta última ocasião sustentou o exame previsto pelas leis eclesiásticas perante o vigário-geral Monsenhor Mariano Darù, há pouco nomeado, que expressou este juízo:

«*Ótimo em tudo.*»

Como já tinha terminado os estudos, começou logo a colaborar na *Casa delle Derelitte*. Dirigia-se para lá para dar algumas aulas às órfãs. Certamente de doutrina cristã, mas também de história, geografia e sobretudo de astronomia.

O que terão compreendido das constelações aquelas pobres raparigas? Todavia, com a típica intuição das crianças, captaram no entusiasmo do jovem mestre pelo céu estrelado os impulsos espirituais da sua alma. Pois Dom Luigi foi deveras, à sua maneira, um poeta: poeta de um canto de fé e de dedicação que devia ser entoado até à última nota. Mas, por outro lado, não é fácil encontrar um homem mais realista do que ele, com os pés plantados firmemente no chão, mais concreto e pragmático. A obra estava em crise. Ele, todavia, evitou cuidadosamente interferir, limitando-se a seguir com humilde discrição as indicações do padre Carlo e de Dom Bearzi.

Entretanto chegou o inverno e caiu muita neve em janeiro de 1827.

Mas a primavera estava já a aparecer e despertava a erva, as colheitas e as primeiras flores, quando a 31 de março, sábado que precede a Paixão, Dom Luigi foi ordenado sacerdote no *Duomo* de Udine [20].

O Bispo Monsenhor Lodi costumava celebrar os ritos sagrados com uma solenidade majestosa que foi recordada durante muito tempo. A sua figura alta e imponente era circundada por um numeroso grupo de cónegos, quase todos nobres ou condes: uma assembleia real de província. Outros tempos. E o pavimento do vasto presbitério barroco estava cheio de dezenas e dezenas de jovens padres, prontos a oferecer a Cristo a pureza da sua juventude. Infelizmente, também neste caso, outros tempos.

Don Luigi celebrou a sua primeira missa na igreja de *santa Maria Maddalena* no dia seguinte, domingo de Paixão: sem o Glória, com vestes litúrgicas roxas, perante as imagens sagradas cobertas pelo véu.

Mas, para tornar especial a cerimónia, estavam o padre Carlo e Dom *Battista* para o servirem como ministros assistentes. Um caso mais do que raro, aquele trio de irmãos padres. Podemos bem imaginar a alegria espiritual da mãe Antônia e o orgulho satisfeito do senhor Domenico Scrosoppi.

E Dom Luigi iniciava assim o seu sacerdócio, sob o signo de Jesus crucificado. Alto pouco menos de um metro e setenta, de constituição magra mas robusta, com as bochechas avermelhadas sobre as maçãs do rosto salientes. Por dentro, um desejo ardente de se tornar um santo padre. Um mistério de simplicidade e transparência: ser totalmente diferente, por sentimentos e aspirações, do mundo laico; assemelhar-se o mais possível a Cristo na dedicação total ao serviço do Pai celeste e dos irmãos na terra, especialmente dos humildes, dos pobres e dos sofredores.

---

[20] A.L.S., fascicolo 1, documento 13.

SEGUNDA PARTE

À sombra do padre Carlo (1827-1854)

Capítulo 1

A ALVORADA SACERDOTAL DE DOM LUIGI (1827-1831)

Os santos são todos santos, mas cada um à sua maneira. A graça permeia a sua índole, deixando-a intacta; naturalmente, com exceção daquela parte de sementes más — ou seja: o joio (*zizzania*) — de que cada torrão de terra está poluído. Ninguém é menos impositivo e menos sonhador do que o bom Deus, precisamente porque Ele é Amor, fonte de vida e de beleza, admirável na variedade das criaturas. Admirável, especialmente, nos seus santos!

E quem não o sabe?

Deveríamos porventura lamentar que o nosso Dom Luigi não nos tenha deixado um diário da alma, como santa Teresa do Menino Jesus? Seria sempre um elemento de interesse, por mais devoto que fosse.

Em vez disso, não deixou nenhum.

Fê-lo porque foi de uma humildade quase rudemente silenciosa e reservada em relação ao próprio eu, voltado e projetado apenas na atividade para Deus e para as almas.

Aliás, se alguma vez existiram documentos autobiográficos entre os seus papéis, foram retirados por Monsenhor Tinti quando se dispôs a escrever a sua biografia, alguns anos após a sua morte; e na maioria das vezes, como acontece, esses papéis não voltaram à base. No início do século XX, depois, as *Irmãs da Provvidenza* doaram aos religiosos *Stimmatini* — ou melhor, à sua *casa de* Udine — a rica biblioteca do padre Carlo Filaferro e dos dois irmãos *Scrosoppi*, da qual poderíamos ter colhido não poucas indicações. Também ela se dispersou entretanto e apenas nalgum volume sobrevivente encontramos raríssimos vestígios da escrita de Dom Luigi.

Todavia, restam-nos alguns escritos juvenis seus; aliás, precisamente dos primeiros dois ou três anos de sacerdócio, quando ainda não se tinha dedicado completamente às obras de caridade. Por exemplo, dois grossos cadernos organizados por temas, que poderiam ser intitulados respetivamente "*Pensieri*" e "*Esempi*" sobre as várias virtudes, extraídos de leituras, de sermões ouvidos ou de conversas, e reunidos por Dom Luigi para os utilizar na sua pregação. Ainda, algumas paginazinhas com normas de vida e propósitos espirituais. E finalmente a lista de alguns sermões por ele proferidos de 1828 em diante [1].

Desta tríplice série de documentos parece-nos que emerge de modo bastante nítido a sua espiritualidade naqueles anos.

---

[1] A.L.S., fasc. 37, mss. 1-2.

Os dois cadernos organizados por temas

Dissemos que o caderno dos *"Pensieri"* (Pensamentos) não é senão uma coleção de máximas e de reflexões para a pregação ao povo, mas não é irracional vislumbrar nele algum reflexo pessoal.

Pois bem, quem conta as referências às virtudes individuais entrevê nelas uma sequência significativa. O primeiro lugar é atribuído à caridade, incluindo a esmola, e à humildade, bases evidentes da espiritualidade de Scrosoppi. A estas segue-se o abandono em Deus, com a paciência e a resignação. Vêm depois, a certa distância, a obediência e a castidade.

Desde este início, portanto, ganham relevo duas características perenes do nosso Dom Luigi, tanto no seu próprio crescimento espiritual, como na sua pedagogia para com as órfãs e para com as irmãs. Ele dará sempre o primado ao impulso da alma, que brota do amor a Deus e ao próximo, alimentado e gradualmente aumentado pelo sentir-se humilde servo de uns e de outros. Pelo contrário, não gostará de se deter — e menos ainda com ásperas e altivas censuras — sobre as baixezas morais; pelo contrário, com uma sabedoria que quereríamos definir como "*manzoniana"* (por Manzoni) e contra os costumes da época, será particularmente discreto sobre o assunto da pureza, convencido de que esta floresce melhor se tratada com delicada reserva e se for cultivado intensamente, primeiro, o fervor interior.

Do caderno dos *"Esempi"* (Exemplos) gostamos de transcrever este trecho:

« *Conta-me a Condessa Clementina Porcia que no Convento de san Vito*, *junto das Salesianas, se encontra uma monja por ela conhecida a primeiro de março de 1829, a qual quando jovem tinha uma relação pecaminosa com um jovem a quem fora prometida em casamento, quando uma noite este lhe apareceu envolto em chamas, dizendo-lhe para mudar de conduta de vida para que a mesma sorte não tivesse de lhe tocar também a ela. Então foi reconciliar-se com Deus, pediu o ingresso naquela ordem religiosa e, após anos de prova, foi admitida. E a mesma condessa me conta outra história: uma jovem que tinha a paixão de ter uma bela cabeleira dizia ao Senhor: Senhor, se desejais que eu me doe a vós de modo especial, fazei-me cair todos os cabelos; e em pouco tempo caíram-lhe todos, e depois não cresceram nunca mais nenhum.* »

Pois bem, ao ler estas linhas surge espontâneo um sorriso: um pouco pela gramática incerta de Dom Luigi, compensada porém por um estilo de sabor quase antigo; e um pouco pela cândida simplicidade com que acolhe os dois episódios. É doce pensar naquele jovem Sacerdote, futuro pai de tantas religiosas, que anota aquelas vocações como duas vitórias da penitência e da humildade.

Normas de vida espiritual

Ainda mais iluminadores são alguns papéis espirituais daquele período.

Há, antes de tudo, um «*horário para uso pessoal*» que remonta sem dúvida aos primeiros anos de sacerdócio, quando Dom Luigi pensava dedicar-se à pregação e ao confessional tal como os seus dois irmãos.

Ei-lo. «*Às 6 horas da manhã levantar-te-ás e farás um quarto de hora de oração vocal e meia hora de meditação interior. A ação de graças da santa missa deverá durar um quarto de hora e farás de modo a que não seja impedida. Depois do almoço terás duas horas de estudo de arte oratória sagrada e depois da Ave-Maria uma hora de estudo de teologia moral. Às 10 horas irás dormir.*»

Preciso e volitivo como era, podemos estar certos de que se ateve escrupulosamente a tal horário.

Posteriormente, os compromissos e a idade fá-lo-ão mudar em parte. Sabemos, por exemplo, que em adulto se levantava às cinco e não se deitava antes das vinte e três. Todavia, permanecerá até à sua última missa aquele ponto relativo à ação de graças, e o tempo dedicado já não será apenas de um quarto de hora. Todas as testemunhas são concordes em afirmar que aquele era um momento exclusivo, no qual não era possível perturbá-lo.

Parece-nos muito belo um outro escrito seu, ao qual na verdade não podemos atribuir uma datação certa; todavia, a frescura juvenil e a ingenuidade do texto, juntamente com o fervor santamente combativo — de cunho inaciano — pelo qual é atravessado, fazem-nos razoavelmente reconduzi-lo a esta mesma época. Transcrevemo-lo da obra de Tinti, que o intitula «*Afetos e práticas santas*» [2].

«*Para dar-me um forte incitamento à santa perseverança direi frequentemente:*

Que te aproveitará cada coisa se te condenas, e que te prejudicará se te salvas?

Cada vez que me resultar pesada a prática da pobreza, da humildade e do sofrimento, pensarei no que quereria ter feito no momento da morte e se me encontrasse no Purgatório.

Ah! Prometo, Senhor, sofrer qualquer coisa e a própria morte antes que ofender-vos com um pecado venial, sendo o pecado o verdadeiro monstro de ingratidão para com Deus, aquele que trespassa e mata as almas e os nossos corpos.

Senhor, não quero falar, nem sequer desejar que outros falem para minha estima e honra; Senhor, falarei sempre com estima dos outros e nunca com desestima. Não terei jamais arrogância, ó Senhor, no meu falar e agir, sendo eu um amontoado de putrefação e de misérias nojentas no que respeita à alma.

Quero, Senhor, santificar-me santificando também os outros, fazendo todo o possível para impedir o pecado e para suscitar nos outros o amor para convosco e o desejo de seguir Jesus Cristo nosso mestre.

Quero combater o demónio subtraindo-lhe a presa à custa de qualquer esforço, incómodo e dificuldade minha, e defender as ovelhinhas de Jesus Cristo dos assaltos do demónio, avisando-as dos seus enganos, quebrando as suas cadeias, tornando vãos os seus golpes, reforçando-as nos ataques e arrancando-lhe a presa das presas, e tudo isto para glória do meu capitão Jesus Cristo.

---

[2] L. TINTI, o.c., pp. 197-198.

Quero frequentemente pensar que eu sou, juntamente com Jesus Cristo, oferecido ao eterno Pai em sacrifício, e que por isso devo glorificá-lo com a minha mísera pessoa, considerando-me como uma vítima.

Quero ser verdadeiro filho da Virgem Maria e de São José e, como filho, depender em tudo deles e operar cada coisa com a sua santa bênção.

Quero ser devoto do meu anjo da guarda, tendo-o sempre diante dos olhos, e pedir-lhe perdão da pouca devoção tida para com ele no passado.

Serei devoto de modo especial aos santos que a Igreja me deu como protetores no batismo, isto é, São Luís Gonzaga e São Domingos, bem como aos santos meus pais Filippo e Francesco.

Não quero tomar alimento durante o dia sem uma necessidade especial ou sem que a conveniência o requeira.

Recitarei breves jaculatórias (orações) no decorrer do dia e rezarei também caminhando e na cama, se não conseguir dormir, para não perder tempo e mérito de glória para o Paraíso.»

Nada de estranho, portanto, nada de complicado; pelo contrário, são as mesmas coisas que nós teríamos escrito, e que provavelmente escrevemos muitas vezes. Todavia, através das palavras comuns, sentimos vibrar uma singular simplicidade e uma tranquila sinceridade, como se as coisas prometidas estivessem já ao alcance da mão. Note-se, por exemplo, como fala de «*pecados veniais*», considerando-os quase como as últimas sombras a afastar.

Aparece evidente que estes «*Afetos e práticas santas*» são a conclusão de alguns dias de exercícios espirituais. Restou-nos, de facto, um esquema de exercícios realizados por Dom Luigi que, por semelhança da caligrafia, se interligam estreitamente aos apontamentos de 1829-1830.

Desses exercícios desejamos reproduzir pelo menos os propósitos formulados após cada meditação.

«*De não realizar qualquer ação sem antes avaliar se Deus quer que a faça. De ser indiferente a tudo, no que me diz respeito. De preferir a morte antes que cometer um único pecado, ainda que mínimo. De satisfazer exatamente a honra que tenho de servi-lo. De não pensar senão em Deus, de não querer senão o que Deus quer. Jamais qualquer pecado. Sê mortificado em todos os teus sentidos. Faça isso (ou seja: cumpre a vontade divina: a insistência do autor original é aqui significativa!). De querer ir logo para Ele e pedir a graça de comportar-me como o Filho Pródigo. De sofrer tudo com alegria graças àquela lembrança do Inferno, pois cada coisa é um nada em comparação com aquilo.*»

Repitamo-lo ainda: nada de insólito, mas um perfume de candor. A alma que escreveu estas linhas aparece, com toda a evidência, ardente e decidida.

E serena. Como se não tivesse já nem turbulências nem inquietações nem problemas. Ou melhor, de problemas tinha um, e um só: fazer a vontade de Deus.

Apóstolo da devoção ao Coração de Jesus

don Luigi começou a pregar desde o final de 1827 ou pelo menos desde o início de 1828.

Como celebrava e prestava serviço na *Igreja de santa Maria Maddalena*, sob a orientação dos excelentes ex-*oratorianos*, aquela igreja foi certamente o campo de prova dos seus primeiros discursos sagrados. Aliás, segundo o uso *oratoriano*, deveu dirigi-los aos confrades do Oratório, entre os quais ele próprio estava inscrito há vários anos.

Parece que a primeira pregação teve como tema a humildade [3]; verdadeiramente o tema ideal para quem faria da humildade a virtude fundamental de toda a sua vida, praticando-a até ao heroísmo. O segundo tema teria sido a misericórdia de Deus. Sabemos com certeza que proferiu o seu terceiro discurso a 8 de abril de 1828 e falou nele da Entrada da alma justa no Paraíso. A 24 de agosto do mesmo ano abordou o tema oposto: o Fogo do Inferno. A 30 de novembro, também de 1828, pregou sobre o «*Amor de Deus*», tratando na última parte o espírito da «*Associação à devoção do Santíssimo Coração de Jesus Cristo*». Um mês depois, a 28 de dezembro, tratará o assunto:

«*Devemos amar a Deus, porque Deus nos amou*»; também esta pregação foi dirigida aos «*inscritos no Sagrado Coração*».

Nesta sucessão de temas, influenciada pelos métodos de ensino de então, reconhecemos claramente a orientação essencial de uma vida espiritual sólida e profunda, à qual Scrosoppi permanecerá sempre fiel: fundada nos princípios eternos e movida pelo amor de Deus.

Se quiséssemos definir isto como um «*cristianismo essencial*», o Padre Luigi ficaria feliz com isso. Refinamentos e particularidades não lhe agradaram de todo, em campo algum. Na pregação e na vida espiritual, depois, tê-los-ia considerado desafinados.

Mesmo nas razões que ele apresenta para impelir ao amor de Deus transparece aquela piedade viril que lhe era cara. É preciso amá-lo — dizia — antes de tudo por justiça e por obediência: porque nos criou para o amarmos, e não o amar significaria privá-lo daquilo que é seu; porque nos manda amá-lo como Senhor e como Pai, e não o amar significaria desobedecer-lhe. Depois vem a gratidão: isto é — continuava — amá-lo por quanto fez e faz por nós e por quanto está disposto a fazer [4].

Um discurso à parte merece o seu empenho pela devoção ao Coração de Jesus.

---

[3] Como nos resta uma série numerada de vinte discursos seus, é muito provável que as pregações número 1 e número 2 se devam identificar com as da humildade e da misericórdia de Deus. De facto, nos fascículos que contêm os seus escritos religiosos não existem outras, de pregações concluídas, que possam preencher esses vazios. (A.L.S., fascículo 12, manuscrito 7, pp. 9; fascículo 9, manuscrito 4, pp. 14).

[4] Os motivos que o Padre Scrosoppi apresenta para incitar ao amor de Deus revelam melhor a sua piedade viril se comparados com os apresentados pelo seu amigo don Pietro Benedetti, num discurso proferido na igreja dos filippini de Udine. O nosso anotou-os num dos cadernos de rubrica, sob a entrada « Amor de Deus ». Eis os motivos apresentados por Benedetti: « Deve-se amar a Deus tanto pelo verdadeiro amor que Deus tem ao homem, como pelo modo com que o ama, porque é amável em si mesmo. I. Benefícios de natureza gerais e particulares; de graça gerais e particulares. II. Desde a eternidade (ab aeterno), com amor infinito, gratuitamente. III. Pelos seus atributos, porque é perfeito ». (A.L.S., fascículo 37, manuscrito 1).

Já há muito tempo na *Igreja de santa Maria Maddalena* existia uma associação devota de tais fiéis, talvez encorajada — como mencionámos — pelo Conde Alfonso Belgrado, que vivia atrás da zona do altar daquela igreja, no lado oriental da atual *via della Prefettura*; sabemos de facto que ele favoreceu o nascimento de associações semelhantes em várias vilas da Diocese de Udine. Mais ou menos ao tempo da ordenação sacerdotal de Scrosoppi, o Padre Antonio Londero, Reitor da igreja, pediu oficialmente que a essa associação fossem concedidas as mesmas indulgências de que gozava a associação homónima existente em Roma, na *Igreja de santa Maria ad Pineam*, chamada agora *santa Maria della Pace*: indulgências que o Papa Leão XII concedia a 26 de junho de 1827.

Para dirigir a associação, pelo menos desde 1828, foi escolhido precisamente Dom Luigi. É a ele, de facto, que a 27 de julho de 1829 Antonio Linussio de *Tolmezzo* escreve, pedindo-lhe que se «*digne agregar as pessoas abaixo indicadas à devota Associação do Sagrado Coração de Jesus, estabelecida em Udine na Igreja de santa Maria Maddalena; e isto com data do próximo domingo vindouro, e entregar os respetivos certificados de inscrição ao senhor Monticco, portador da presente carta*» [(5)]; seguem-se os nomes de dezassete pessoas de *Tolmezzo*, *Illegio* e *Gemona*, entre as quais dois Sacerdotes.

A devoção ao Coração de Jesus, no qual o amor de Dio se transforma em dom supremo e pedido urgente na realidade mais profunda do Verbo encarnado, foi portanto o «*la*» (a nota fundamental que dá o início) do hino sacerdotal de Dom Scrosoppi.

Don Luigi coletor de esmolas

Entretanto a *Casa delle Derelitte* ia de mal a pior.

Reduzido ao extremo o auxílio dos benfeitores grandes e pequenos, talvez o Pai Carlo, nascido sob o domínio austríaco, nutrisse ainda alguma ilusão na intervenção do Estado e dirigisse instâncias ao governo imperial de Viena, ao vice- real do *Lombardo-Veneto* e à prefeitura. Qual quê! A burocracia austríaca era lesta em exigir regulamentos e contratos, mas, quanto a dinheiro, não concedia nem um cêntimo.

Contudo, nos primeiros meses de 1829, aconteceu algo de novo. Nada de excecional. Nada, a não ser o facto de que, tendo-se tornado Pároco o Dom Bearzi, a vicedireção da casa passou para as mãos do Dom Luigi.

Aos entusiasmos alheios já esmorecidos, às ofertas diminuídas, a imperadores e vice-reis que respondem negativamente, ele contrapõe o seu coração generoso e a sua tenaz vontade.

Contava vinte e quatro anos e meio de idade e quase dois de sacerdócio. Um jovem. No qual, todavia, ao fervor se unia um carácter decididamente operoso e pragmático.

Dom Luigi deve ter raciocinado mais ou menos assim com seu irmão, o padre Carlo:

«*Não é prático esperar pelas ofertas quando elas decidem chegar. É preciso ir procurá-las. As meninas têm fome todos os dias. Nem devemos contentar-nos em dar-lhes um pedaço de pão e um pouco de sopa. Estão desnutridas desde o nascimento e atravessam*

[5] Archivio Luigi Scrosoppi (A.L.S.), fascículo 14, documento 6.

a idade delicada do crescimento — ou seja: da formação —. É necessário pôr na mesa comida substancial: algumas fatias de queijo e, com frequência, um pouco de carne. Para isso é preciso um procurador que ponha toda a alma na recolha das esmolas e que bata sem temor às portas dos particulares e das lojas, e dos camponeses nas quintas da periferia. Peço-vos, Pai Carlo, deixai-me ir a mim.»

Dava-lhe certamente o tratamento de «*vós*» (ou seja: o tratamento formal de cortesia), porque era dezoito anos mais velho e segundo o costume do tempo.

O facto é que foi. E deve ter começado em março de 1829, porque a 27 daquele mês o Pai Carlo anota, pela primeira vez, entre outras ofertas: «*Ovos n. 22, vitela 11 libras, galinhas 2.*»

E a 18 de abril, que era o sábado santo: «*Focaccia 86 libras, ovos n. 120, ossos de porco 23 libras.*»

E em maio: «*Queijinhos 30 libras, cabrito 6 libras.*»

Nunca antes de então se tinham registado ofertas em carne. Eis como se torna singularmente vivo o depoimento da irmã *Angelica Faccini*:

«*Sei* — diz ela — *que as meninas dos três aos quatro anos lhe corriam ao encontro, agarrando-se à sua batina como à da mãe perdida, pedindo-lhe com inocente liberdade: Gigi, dàmi cicìn. Isto é: Luigi, dá-me carne — no jargão infantil friulano*» [6].

Pode ser que o episódio tenha realmente acontecido, pois a simplicidade e a confiança dos pequenos não ignoram tais saídas. Mas parece-nos mais provável que se trate de uma anedota contada para troçar daquele jovem Padre que entrava nos padeiros, nos salsicheiros, nos talhos a pedir esmola para as suas orfãzinhas. Em tal caso o depoimento seria ainda mais eloquente.

Certamente aquele seu vaguear deixou uma enorme impressão se, aludindo a ele, o jornalista liberal *Camillo Giussani* escrevia mais de meio século mais tarde:

«*Outro padre... consumiu todo o seu património e bateu a todas as portas para manter trezentas raparigas e fazê-las instruir em trabalhos domésticos*» [7].

Não deve ter-lhe custado pouco, especialmente no início.

Era de família abastada e — como se costuma dizer — de boa posição social. Teve, portanto, de sentir ele próprio uma certa repugnância em apresentar-se em público como um mendigo. Quem sabe quantas vezes o pai, o senhor Domenico, lhe terá dito:

«*Faz-me corar diante de toda a cidade.*»

E a mãe Antônia ter-lhe-á perguntado:

«*don Luigi, é mesmo necessário?*»

«*Sim, mãe, é necessário!*»

---

[6] Sr. Teresa Angelica (1818-1900) viveu 62 anos entre as suore dimesse nobres de Udine. Foi mestra das educandas, consultora, vigária e nos últimos anos superiora da comunidade. O convento das dimesse confinava com a Casa delle Derelitte. (Para a relação entre o Pai Scrosoppi e as referidas irmãs cfr. parte III, cap. 2, A Obra para as Surdas-mudas; e L. Tinti, o.c., p. 411, lett. 92).

[7] C. GIUSSANI, Mondo vecchio e mondo nuovo, Udine 1888, vol. I, p. 291.

Batia aos portões dos palácios nobiliárquicos; subia aos apartamentos dos ricos comerciantes. E, enquanto ele esperava no átrio entre o embaraçado e o envergonhado, a empregada ia anunciá-lo à patroa:

«*Está ali aquele jovem padre, filho de Dona Antônia, que veio pedir a caridade.*»

O que o movia e o sustentava? Jesus, um amor infinito por Jesus. Ele tinha levado a sério as palavras do Evangelho:

«*Tive fome e destes-me de comer.*» Viu realmente Jesus nos pobres, viu-o nas órfãos. E tal visão recompensava-o do sal amargo (ou seja: da humilhação) de esmolas negadas ou dadas com grosseria e do duro percurso de escadas subidas e descidas talvez apenas para receber um escárnio.

Pai Domenico na armadilha da caridade

O senhor Domenico Scrosoppi foi sem dúvida um homem bom. Todavia, devido à alcunha de « *sior Meni sentesìn* » — ou seja: o senhor Domenico Centésimo — por mais atenuada que seja, ficou-nos um pouco de lamento.

Pois bem, esse lamento desaparece precisamente quando começa a corajosa atividade apostólica dos seus filhos, pois o ano de 1830 não termina sem um agradável testemunho da sua caridade.

Um certo Domenico Beltrame, amigo íntimo do senhor Domenico, tinha recebido dele um encargo — provavelmente de agente ou administrador — confirmado com um contrato regular de 6 de outubro de 1830. Tal encargo garantia-lhe o direito ao alojamento e a um salário diário. Pouco depois, porém, Beltrame teve de sofrer alguma grave desventura; ele faz-lhe referência com as palavras « *fatalissime circostanze* » (ou seja: circunstâncias gravíssimas). Na sequência disso, foi obrigado a deixar *Udine* e a transferir-se para *Treviso* com a própria família.

Precisamente de *Treviso* ele enviou a Scrosoppi, a 28 de outubro, uma declaração em que afirmava a impossibilidade de « *prestar aquela obra e assistência minha, à qual estava obrigado* » e a renúncia a qualquer compensação estabelecida pelo próprio contrato, tanto para si como para a sua família, tanto no que diz respeito ao alojamento como ao pagamento diário.

A 27 de novembro escreveu uma nova carta na qual afirmava:

« *Não saberia de que modo exprimir a gratidão que nutro para convosco pelos muitos benefícios por vós a mim concedidos em todos os tempos, e especialmente nas minhas passadas difíceis circunstâncias, e pela caridade usada à minha mulher de 100 florins; por tantos favores não deixarei de rogar ao Senhor para que conceda toda a desejada felicidade tanto a vós como a todos os membros da vossa família.* »

Por esta carta compreende-se que a caridade era já um costume na família Scrosoppi. O próprio senhor Domenico deveria ter sido apelidado de « *fiorino* » (florim) e não mais « *centesimo* »: aliás, florim doado. Trata-se apenas de um breve retrato. E, no entanto, sentir-nos-íamos culpados se o tivéssemos omitido.

Don Luigi gostaria de se tornar capuchinho

«*Nos seus primeiros anos de sacerdócio* — escreve Tinti — *o Pai Luigi cultivava seriamente a ideia de se tornar religioso capuchinho*» [8].

Tinti não precisa em que anos, mas diversos elementos levam a pensar em 1830. Já mencionámos os dois grossos volumes organizados por temas nos quais o jovem Sacerdote gostava de anotar os pensamentos ou os exemplos que lhe seriam úteis na pregação. Aqui e ali encontram-se também datas; nenhuma, porém, é posterior a 1830. Pois bem, num desses volumes, na entrada «*vocação*», lê-se este trecho:

«*Para nos tornarmos santos não se deve acreditar que se tenha de retirar para uma ordem religiosa ou para lugares isolados. Santo Agostinho, num sermão dirigido aos religiosos do deserto, chegou a dizer: Eis que estamos na solidão; todavia não são a oração e o canto sagrado que fazem os santos, mas é o agir bem que santifica o lugar e a nós. Se de facto os lugares pudessem santificar quem neles habita, nem o homem nem o anjo teriam caído da sua dignidade.*»

Não é irracional vislumbrar nestas linhas uma reflexão pessoal; e precisamente a decisão, após aquela crise de fervor — ou seja: um período de intensa dúvida espiritual —, de permanecer a fazer o bem no mundo em vez de se retirar para um convento.

Justo então, à tradicional inclinação franciscana herdada do avô e da mãe, acrescentava-se um acontecimento que deve ter tido uma notável influência no seu espírito. Em Udine estava a reabrir-se um convento dos capuchinhos, após a supressão napoleónica de 1807. Não mais na antiga sede da *rua santa Giustina*, mas na *rua Ronchi*, onde outrora se erguia um mosteiro de irmãs capuchinhas.

O novo convento era a pouquíssima distância da *Casa delle Derelitte*.

Que Dom Luigi era franciscano no profundo da alma não há dúvida alguma. Em várias pregações suas encontramos, em conclusão, invocações de entrega àqueles que ele considera os pais espirituais da sua alma: São Filipe Néri e São Francisco de Assis.

Em 1839, quando foi declarada santa Verónica Giuliani, foi ele o encarregado de proferir o seu elogio sagrado na *Igreja de santa Maria della Neve*, anexa ao convento capuchinho; e por alguns elementos parece que o discurso é dirigido de modo particular aos membros da Ordem Terceira. Sabemos que mais tarde, pelo menos durante certo tempo, costumava inscrever na ordem franciscana secular todas as suas irmãs.

Tudo, portanto, concorre para demonstrar quanto Dom Scrosoppi era devoto do *Poverello* de Assis (ou seja: São Francisco) e ligado aos seus filhos espirituais.

Mas, voltando ao período 1829-30, como se pode explicar esse seu pensar «*seriamente*» em tornar-se capuchinho? Bastarão talvez o fervor franciscano natural e do momento, ou a proximidade do convento reconstituído e dos seus religiosos? E por que motivo não realizou a sua aspiração? Não esqueçamos que era Sacerdote há pouco tempo.

Às almas que se doam generosamente a Deus acontece por vezes sentirem uma inefável insatisfação, como se não se tivessem concedido o suficiente. «*Fiz-me sacerdote* — deve

[8] L. Tinti, o.c., p. p.

ter dito a si mesmo Dom Luigi — *para me tornar santo e para santificar. Depois de três anos, quem sou eu e o que fiz de bom? Não é melhor que me retire para um convento, para viver em total recolhimento e na oração?*»

Além disso, ele não era homem de fazer as coisas pela metade ou de ceder a compromissos. Passava grande parte dos seus dias no meio de raparigas paupérrimas; mas depois regressava a casa, onde se vivia em discreta abastança, como costumavam as famílias da boa burguesia. Que ele sentia estar fora do seu lugar, e não por culpa própria, é certo. Logo que morra o Pai Carlo, apressar-se-á a vender a casa paterna para escolher o caminho da pobreza absoluta.

Há depois um outro aspeto: é natural para a alma cristã um certo desejo de fugir do mundo e dos seus perigos. Naquele tempo o renascimento cristão, esperado e acreditado em 1814, deixava já o lugar a uma progressiva decadência da fé e dos costumes. Tudo, portanto, parecia empurrar para a «*bem-aventurada solidão, única bem-aventurança*» (*beata solitudo, sola beatitudo*). Renovava-se nele o dilema interior que se tinha colocado ao seu irmão o Pai Carlo quando, em 1813, pensara em tornar-se jesuíta, mas num clima diametralmente oposto.

Porque não se tornou capuchinho? E no entanto não era de todo de índole indecisa ou inconstante.

Pode ser que o tenha retido a mãe, já idosa. Certamente deve tê-lo desaconselhado o seu diretor espiritual, fazendo-lhe notar como o seu carácter volitivo e operoso era já uma indicação divina para um apostolado ativo na sociedade: seria uma prova disso a reflexão citada anteriormente. Talvez ele próprio tenha pensado que no convento procurava antes de tudo a sua própria paz, não sem um certo egoísmo espiritual.

Mas outros motivos devem ter-lhe aparecido como uma resposta do Céu.

Antes de tudo o pensamento de que fechar-se num convento parecesse quase como abandonar a trincheira de primeira linha, enquanto a fé e a Igreja se tornavam objeto de ataques cada vez mais violentos. E não era coisa que lhe pudesse agradar.

don Luigi tinha iniciado o ano de 1830 com uma pregação sobre o nome de Jesus. Terá sido uma circunstância puramente casual a propor-lhe esse tema, mas talvez a Providência tenha tido a sua parte. Certo é que o jovem Sacerdote se revestiu desse nome — segundo as próprias palavras do seu discurso — como de uma «*couraça impenetrável*» e se fechou nele como numa «*fortaleza inexpugnável*».

A 27 de julho de 1830 estalou em Paris a revolução, seguida a 2 de agosto pela abdicação de Carlos X. Uma revolução cujo sopro passou perto do *Friuli*, pois Carlos X, sob o nome de conde de Ponthieu, refugiou-se exilado em *Gorizia*, onde morrerá em 1836.

A 4 de outubro os belgas, após uma revolta sangrenta, proclamaram a sua independência dos Países Baixos. E em novembro insurgiu-se a Polónia contra a Rússia, com uma revolução tão heroica quanto desesperada, que será reprimida apenas em setembro de 1831, quando um ministro francês assegurará que «*a ordem reina em Varsóvia*»; também nesta ocasião o *Friuli* pôde ter um testemunho direto da tragédia polaca através de algum exilado refugiado no seu território.

A Itália era agora percorrida pelo frémito do *Risorgimento* (ou seja: o movimento para a unificação nacional) que em 1831 provocou as revoltas da *Emilia* e das *Romagne*. No *Lombardo-Veneto* tal sentimento colocava-se como movimento de libertação do domínio austríaco. Contrariamente ao afirmado por alguns, a insatisfação estava presente em largas camadas da população, mesmo que apenas poucos e em circunstâncias especiais pudessem dedicar-se ao ativismo insurrecional. Muitos fatores, entre os quais a dura recruta militar e mais tarde a não equitativa distribuição dos bens comunais, contribuíam para aumentar o descontentamento das pessoas. O *Friuli*, recordando a firme atitude de Monsenhor Capellari, juntamente com o território *bresciano* (da cidade de Brescia), era considerado pela polícia austríaca uma das zonas mais obstinadamente inquietas, se não abertamente rebeldes.

Infelizmente o justo desejo de liberdade estava inquinado por sentimentos menos puros: referimo-nos ao crescente espírito antirreligioso e anticlerical. Udine também teve o seu 1831. Mas a rebelião escondida descarregou-se no alvo mais fraco. Alguns desconhecidos exaltados, tomando como pretexto uma firme carta pastoral do Bispo Lodi contra o vestir indecente das mulheres e o comportamento incorreto durante as funções sagradas, na manhã de 18 de junho, festa do Coração de Jesus, ofereceram à cidade o espetáculo da fachada das igrejas e dos brasões episcopais ignobilmente sujados.

Mas um grave acontecimento de outra natureza deve ter tido uma influência decisiva em Dom Luigi. Já no atormentado julho de 1830 tinha proferido um sermão sobre as características da caridade. E a caridade chamá-lo-á com força durante todo o ano de 1831.

Aquele ano, de facto, estalou também no *Friuli* uma primeira epidemia de cólera. As necessidades aumentavam, as órfãs multiplicavam-se. Pediam pão e não havia quem o partisse para elas.

E foi assim que Dom Luigi, perante o lamento dos pobres e no fatigante percurso de sacrifício por amor do próximo, sacrificou as desejadas aspirações monásticas.

Singular coincidência: ambos os motivos ressoavam do alto do campanário da catedral de Udine. Quando a 8 de setembro de 1833 foram benzidos os novos sinos, no maior implorava-se de Deus a proteção contra o cólera e no médio aludia-se ao «*tempo dificílimo para a religião*» [9].

[9] Atti del Capitolo, vol. IX (1828.1838), c. 137r. (A.C.U.).

Capítulo 2

A NOVA CASA DAS DERELITTE, AGORA *ISTITUTO DELLA PROVVIDENZA* (1831-1839)

Don Luigi deu, portanto, adeus à sonhada paz do convento. E como ao tempo do seu São Domingos os cavaleiros, após uma vigília de oração, se consagravam à proteção dos humildes e ao resgate dos oprimidos, assim ele se sentiu desde então consagrado cavaleiro da caridade.

Muitos, muitos anos depois, hospedará na sua casa aquele santo homem que foi o Pai *Biagio Verri* [(1)], carregado de piolhos (parasitas), enquanto corria o mundo recolhendo esmolas para resgatar nos mercados africanos as jovens escravas africanas. Talvez tenha pensado que também ele tinha começado assim, mas para salvar míseras raparigas de um mundo definido como cristão.

Uma vez tomada a decisão, deve ter dito ao Pai Carlo:

«*Eis, irmão, fico ao vosso lado. Mas mãos à obra. A casa atual é demasiado pequena. Uma casca de noz* (um ambiente demasiado exíguo) *onde seria preciso um navio. Vós tendes experiência e prestígio. Fazei, portanto, um grande projeto, o projeto que é preciso. A Providência ajudar-nos-á. E contai comigo, que vos serei um bom trabalhador de força* (um trabalhador incansável)».

Compra da *casa Florenzis*

Tudo estava pronto para a ação: bastará uma renda não paga para desencadear a iniciativa.

Meu Deus, como somos influenciados pela linguagem militar! Surgem semelhanças bélicas até quando se fala de obras de bem.

De 1815 a 1822 o contrato de aluguer da *casa Florenzis* estava a cargo do senhor Fantini, administrador do Conde *Alvise Ottelio*, tanto que a *Casa das Derelitte* era chamada, mesmo nas circulares do Bispo Lodi, «*obra Ottelio*».

Em seguida, o encargo da renda tinha sido assumido pessoalmente pelo Pai Carlo, mas com um simples acordo verbal. A renda devia ser paga antecipadamente, em duas prestações semestrais, a 31 de janeiro e a 31 de julho.

O dia 31 de janeiro de 1831 passou sem que o Pai Carlo tivesse pago a prestação. Por isso, a 6 de fevereiro o administrador da *Casa das Convertite* — que era a proprietária

[1] Nascido em Barni (Como) em 1819, foi missionário apostólico. Colaborou e foi herdeiro de don Olivieri na obra pia para o resgate das « morette » (ou seja: raparigas negras), pelas quais se prodigalizou com zelo incansável. Ajudou o Ven. Ludovico Casoria, fundador em Nápoles de um colégio para « negretti » (ou seja: rapazes negros) aspirantes ao sacerdócio. Morreu no Cottolengo de Turim em 1884 onde se tinha retirado consumido pelo cansaço. (Cfr. I grandi del Cattolicesimo, enciclop. biograf., Roma 1958, vol. II, pp. 589-590). Da relação entre o Pai Scrosoppi e os dois apoiantes da referida obra tratam duas cartas de Olivieri (2-6-1856, 18-2-1860), um relatório e depoimentos processuais (A.L.S., fasc. 14, docs. 25-26; Summarium, pp. 706, 110, 137 em Positio super virtutibus, Roma 1975).

—, o senhor *Giovanni Battista Pagavini*, instava-o a efetuar «*o pagamento do novo semestre acabado de iniciar, e para negociar, se necessário, um contrato de aluguer formal*».

O Pai Carlo respondeu apenas a 11 de abril. Ele considerava que o local, demasiado estreito, mal distribuído e pior conservado, exigia vultuosas obras de reestruturação das quais certamente a *Casa das Convertite* não se encarregaria, e que a taxa de aluguer paga até então era excessiva. «*Portanto* — concluía ele — *proponho a compra da própria casa*».

A direção das *Convertite* aceitou a proposta e encarregou Pagavini de fazer uma avaliação justa do edifício, que foi fixada em 4.606,18 liras austríacas.

Naturalmente interveio aquela... bendita burocracia. Entre outras coisas, a prefeitura quis saber de que modo o Pai Filaferro enfrentaria o pagamento. Ele respondeu que cederia um legado de 2.500 liras, destinado a favor das raparigas abandonadas pelo Abade francês *Lodovico Maria Berruyer* [2], chegado como refugiado a Udine durante a revolução francesa, e que, pela parte restante, empenhava todos os seus bens e hipotecava a casa a comprar.

A 15 de abril de 1832 era comunicada a aprovação do vice-rei para a «*venda sem leilão*» (ou seja: venda direta); mas deve ter surgido algum outro entrave, talvez de caráter local. O certo é que apenas a 31 de outubro de 1833 o notário *Nicolò Cassacco* redigia a escritura de compra e venda, em casa do Cónego Monsenhor *Giuseppe Gallici*, Diretor das *Convertite*, na presença de Dom Pietro Benedetti e de Dom Pietro Comessatti como testemunhas.

O projeto da nova casa

A antiga *casa Florenzis* media então dezessete metros ao longo da rua, tinha cinco metros e sessenta de altura no beiral e oito metros de profundidade em direção à horta. Um pequeno ninho, em comparação com as dimensões atuais. O dormitório para as órfãs tinha sido instalado no celeiro (no sótão). Havia realmente a necessidade de alargar os espaços. Mas quanto? Mas como?

Restaram-nos dois projetos: um de realização muito simples, que se limitava a dar uma forma melhor aos edifícios existentes; e um de desenho cuidado, redigido por um tal Rossi, que previa, pelo contrário, a demolição do edifício anterior e a construção do zero de um casarão, mais de duas vezes maior em todas as dimensões.

O Pai Carlo e o Dom Luigi terão raciocinado longamente sobre a decisão a tomar. E pode bem considerar-se que o Dom Luigi, um pouco pelo entusiasmo da juventude — tinha quase trinta anos e o irmão quarenta e oito —, um pouco pelo carácter mais decidido e corajoso, deve ter apoiado o projeto de maior fôlego. Tanto mais que ele próprio se encarregaria do peso e do cansaço da execução, pois o Pai Carlo estava demasiado ocupado na orientação espiritual dos seus numerosos penitentes.

---

[2] Nascido em 1764 em Contigny perto de Bourg no Lyonês, vindo para Udine, para viver tinha-se dedicado ao ensino do francês. Morreu em 1825 com cerca de 62 anos.

Foi escolhido, por fim, o projeto executivo que leva a assinatura do mestre pedreiro Marco Bernardis: quarenta e oito metros de fachada, catorze metros e meio de profundidade e três andares. Aliás, acrescentou-se depois um andar de mansardas habitáveis, até atingir a altura de doze metros.

A 10 de junho de 1834, recebido o parecer favorável da comissão de construção de então, o "*podestà"* conde Colloredo concedia a autorização *(podestà: o prefeito ou presidente da câmara municipal sob o domínio austríaco)*. Mas as obras já tinham começado. O primeiro golpe de picareta tinha sido dado a 30 de janeiro, que naquele ano caía a uma quinta-feira.

Por que motivo precisamente a 30 de janeiro?

O dia anterior, 29, era a festa de São Francisco de Sales, a mais solene entre as que se celebravam na *Igreja de santa Maria Maddalena*. Um pouco porque o Pai Carlo e o Dom Luigi estavam fortemente empenhados nas tarefas sacerdotais para aquela solenidade, e sobretudo para colocar a nova casa sob a proteção do santo muito querido para ambos, as obras foram empreendidas no dia seguinte.

Deus sabe quanto os dois irmãos terão rezado e feito rezar antes de meterem mãos à obra. E o dia 29 de janeiro foi inteiramente uma vigília de santas e férvidas invocações. A casa nasceu, portanto, da oração e sob o olhar benevolente do santo Bispo de Genebra.

E como se arranjaram com as despesas?

Infelizmente não nos restou qualquer documentação relativa às obras. Não possuímos uma lista detalhada das saídas, nem conhecemos os nomes dos doadores.

Tudo o que nos resta é uma breve nota sobre as doações voluntárias recolhidas de 27 de agosto a 2 de setembro de 1836 na paróquia urbana de *san Quirino*, num montante de 666,32 liras: nota assinada pelo senhor Giuseppe Cernazai [3] que foi o seu cobrador. Ao lado desta, há uma lista específica de 1.705,29 liras de madeira e ferragens, compradas na loja da tia Rosa Lazzarini de 12 de junho de 1834 a 30 de dezembro de 1837; no rodapé desta lista a tia Rosa escreveu « *liquidada* » a 20 de janeiro de 1854, apenas dez dias antes de o Pai Carlo Filaferro morrer.

Num memorial do Pai Carlo de 20 de março de 1841 lemos que « *o edifício custou 62.472,54 liras* » (e a precisão da cifra faz pensar numa contabilidade meticulosa, como era costume de ambos os irmãos); « *mas se se quiser* — observa o Pai Carlo — *considerar a atenta vigilância das obras, a previdente economia na compra dos materiais, a oportunidade da sua colocação, estou convencido de que uma avaliação técnica do local no estado em que se encontra superaria em muito a soma efetivamente gasta* ».

[3] Nasceu em Udine em 1773 de família rica e com origens provavelmente magiares. Pai cristão que deixou aos filhos testemunho de caridade e de apostolado missionário, foi naturalista e agrónomo, coletor e ordenador de amostras minerais e de uma coleção de plantas sem flores (ou seja, criptogâmicas), interessou-se pela melhoria da produção agrícola e escreveu obras de caráter científico. Foi membro associado da câmara de comércio da região vêneta e sócio da Accademia aquileiese agraria de Udine. (Cfr. M. TOLLER, Pietro Cernazai - Dall'Epistolario, Udine 1974, pp. 5-10).

Noutro memorial não datado, mas de pouco depois, diz:

« *Os métodos seguidos para recolher estes fundos atestam claramente que esta obra é filha da Providência. Excetuando algumas doações de valor relevante, o todo foi quase inteiramente o fruto de duas lotarias, de modestos contributos mensais, do apoio recebido das campanhas vizinhas e de alguns exíguos rendimentos derivados das oficinas e das atividades manufatureiras... E o aspeto que mais põe em destaque a intervenção da Providência* — acrescenta com tocante humildade — *é a confiança que as pessoas depositaram em dois sacerdotes privados de títulos ou méritos evidentes que pudessem justificá-la, entregando nas suas mãos e confiando à sua gestão uma soma tão relevante...* ».

As subscrições mensais

Estamos, pelo contrário, melhor informados sobre as « *pequenas doações mensais* ».

A construção já tinha chegado ao primeiro andar em julho de 1834 « *graças ao rendimento* — escreve o Pai Carlo — *de uma aposta entre particulares proposta para esse fim, e a uma outra soma deixada por duas pessoas devotas* ».

A 17 daquele mês o Pai Carlo mandou distribuir pela cidade um apelo impresso seu, transcrito integralmente pelo Tinti; um folheto semelhante foi difundido a 24 de agosto de 1836.

Em ambos era proposto este método: alguns encarregados recolheriam, em cadernetas ou em fichas, a subscrição voluntária para uma oferta diária não superior a dez cêntimos — ou seja, trinta e seis liras por ano — e não inferior a dois. Posteriormente, « *um outro encarregado para isso designado* » passaria mensalmente a cobrar os contributos.

Acreditamos que este « *outro encarregado* » tenha sido o Dom Luigi, que já se tinha exercitado na recolha de esmolas; disso seria confirmação o trecho já citado de Camillo Giussani.

Certamente não foi pelas casas de mãos vazias. Para facilitar o gesto de caridade, terá distribuído estampas sagradas, especialmente aos rapazes. Parece-nos óbvio que precisamente para esta circunstância tenha sido mandado imprimir um pequeno folheto sobre a esmola, reproduzido também pelo Tinti, com o título: *Palavra de Deus sobre a esmola*. Em vinte e quatro breves parágrafos estão aí transcritas as palavras de Jesus e dos apóstolos sobre o dever da caridade.

Talvez, segundo a luz da prudência humana, tivesse parecido mais oportuno e mais eficaz um discurso concreto sobre a chaga das raparigas abandonadas ou então uma explicação sobre a bondade da obra que se pedia para ajudar. Por isso, parece-nos um sinal muito indicativo do espírito dos dois irmãos o facto de se terem confiado unicamente à santidade e à potência da palavra divina.



P. Carlo Filaferro, meio-irmão do P. Luigi; retrato de Autor desconhecido.



Udine. Igreja de san Antonio e palácio arquiepiscopal; ao lado a sede do antigo seminário, hoje palácio do tribunal. Gravura do século XIX.

As ofertas dos camponeses

O Pai Carlo, no seu memorial, alude além disso a « *ajudas das zonas rurais* ».

Para este fim foram certamente úteis as circulares que o Bispo Monsenhor Lodi enviou naquele tempo — como tinha enviado anteriormente —; a 9 de novembro de 1836 enviou uma a todos os párocos da diocese, e a 18 uma segunda « *a cada classe de habitantes da devota e régia cidade de Udine* ». Em ambas, porém — pois então as obras já estavam quase terminadas —, Monsenhor Lodi solicitava sobretudo ofertas em bens materiais e mantimentos para o sustento das órfãs e o mobiliário da casa. Naquela dirigida aos udinenses, após ter dito que a *Casa delle Derelitte* — através de cem dificuldades... floresce atualmente, e se distingue como perene testemunho do zelo sacerdotal e da infatigável caridade de tantos bons udinenses — recomenda sobretudo uma subscrição anual para a mensalidade de uma órfã, calculada em cento e oitenta liras austríacas, ou pelo menos « *por uma metade, um terço, um quarto, um quinto, e até à vigésima parte de tal importância* ».

O Pai Carlo mandou imprimir um formulário de recibo e de agradecimento pelas ofertas enviadas pelas paróquias. E efetivamente chegaram de várias partes. Destacou-se particularmente Dom Della Rovere, Pároco de *Cussignacco*; e não ficou atrás o pároco de *Fagagna*. Encontram-se além disso anotações para *Dignano*, *Torre di Zuino* e *Flambro*.

Como acontece em casos semelhantes, não devem ter sido muitas as vilas que responderam espontaneamente. Muitas, porém, eram as necessidades. Que fazer então? « *Se Maomé não vai à montanha, será a montanha a ir a Maomé* ». Dom Luigi não o disse talvez assim, mas agiu de tal modo.

Cinco quilómetros a leste de Udine corre — quando corre, pois habitualmente está seco — o ribeiro *Torre*, a grande reserva de brita e areia para a cidade. Quem sabe quantas vezes o jovem Sacerdote terá viajado pelas vilas vizinhas, pedindo aos numerosos transportadores e camponeses que lhe trouxessem alguns carros! Um obrigado de coração e o tradicional copo de vinho ter-lhe-ão bastado, porque os humildes estão sempre prontos e generosos para com as iniciativas de caridade. Especialmente então quando, se havia miséria bem mais do que agora, em compensação havia maior fé e desinteresse.

Com o burrico através do *Friuli*

Mas não se contentou.

« *Ele* — escreve Tinti — *seguindo o exemplo de santa Francisca Romana, saía e percorria a cidade ou as campanhas circundantes sobre um tosco carretão, guiando o asno, para recolher de casa em casa ofertas em dinheiro ou em espécie; e quando se tratava do estaleiro, procurava quem oferecesse gratuitamente o próprio trabalho ou os materiais. Encorajava a boa gente do campo a socorrer as suas órfãs, ou como costumava chamar-lhes graciosamente,* "*as inocentes alminhas do Senhor*", *para que, abandonadas no mundo, não tivessem de percorrer a via da desonra e da ruína. E embora o caritativo Sacerdote Scrosoppi encontrasse frequentemente corações*

generosos que lhe davam esmolas ou aceitavam prestar ajuda gratuita nos trabalhos, não lhe faltaram frequentes recusas, comportamentos grosseiros, até lhe atiçarem o cão de guarda; desprezos que o humilde Ministro de Deus tolerava com alegria, chamando-lhes a sua cara recompensa, que lhe renderia o cumprimento da sua santa empresa. »

E não ia apenas às vilas vizinhas, mas por vezes a quinze ou vinte ou mais quilómetros de Udine, e era obrigado, naturalmente — com o meio de transporte que o servia (ou seja: o asno) —, a pedir hospitalidade para a noite nas casas paroquiais. Nem lhe atiçaram apenas cães.

« *Ouvi dizer que o bom Pai* — narra irmã Donata Cocetta [4] — *foi uma vez com o seu burrico à minha terra natal; e houve uma pessoa que, depois de o ter insultado pesadamente, deu uma bofetada ao venerando Pai. E ele sem se desconcertar disse: Sim, muito obrigado, isto faz-me bem a mim; agora peço-vos por caridade alguma coisa para aos meus órfãos. Estas humildes mas firmes palavras venceram aquele indivíduo malvado, que não só lhe deu uma abundante esmola, como se converteu instantaneamente e tornou-se depois um fervoroso católico.* »

Pobre irmã Donata! Compreende-se bem como ela se tornou depois uma fervorosa promotora da devoção para com o Pai Luigi, para reparar — dizia ela — aquela bofetada. De resto, não é difícil imaginar quantas ofensas dirigiram àquele jovem Sacerdote que ia pedindo esmola para umas pobres raparigas. Ter-lhe-ão gritado para ir trabalhar, em vez de andar a vadiar. Tê-lo-ão coberto de escárnios mais ou menos malignos.

Ele terá certamente levado em conta todas estas grosserias antes de partir. E quando lhe tocou sofrê-las, seguramente as ofereceu ao Senhor. Todavia possuía um carácter bastante impetuoso e ter-lhe-á custado muito suportar em silêncio. Se aquela experiência aproveitou economicamente à casa, serviu muito também para o temperar na paciência e na humildade.

Provavelmente nestas suas excursões caritativas Dom Luigi deve ter difundido amplamente no *Friuli* a devoção ao santo da Providência, São Caetano *da Thiene*. E talvez se possa atribuir também a ele o facto de nas famílias do povo se ter difundido um devoto costume que durou até ao fim do século XIX.

À noite, o chefe de família orientava o terço ao trémulo clarão da lenha no fogão; e terminava-o com esta invocação:

« *Ó grande São Caetano, providenciai-nos o pão para hoje e para amanhã.* »

Esqueçamos por um momento cada subtileza devota ou romântica e imaginemos realisticamente o Scrosoppi naquele carro, pelas estradas daquele tempo, enquanto incita o asno que de vez em quando faz as suas e lança no ar os seus zurros sonoros. E permiti, por favor, que dirijamos um pensamento afetuoso ao ignorado companheiro daquelas aventuras de caridade.

---

[4] Cocetta Bianca (irmã Maria Donata di Rosa Mistica) nascida em Gris (Udine) a 13 de setembro de 1903, entrou na congregação a 3 de maio de 1922, vestiu o hábito a 3 de maio de 1923, professou a 7 de maio de 1924, morreu em Cormons a 28 de junho de 1976.

Uma querida e boa camponesa

Nesse seu girar para recolher ofertas, Dom Luigi não obteve apenas sacos de trigo, ovos, galinhas ou salames, nem sequer apenas brita e traves, mas obteve também uma esplêndida vocação.

Um dia encontrou-se em *Buia* e foi alvo de pesados insultos. Ficou quase atordoado com eles. Mas precisamente ali encontrou uma jovem que, enfrentando com vigor camponês quem ofendia aquele pobre Padre, saltou para a carruagem, tomou as rédeas do burrico e guiou Dom Luigi no prosseguimento da recolha. Aliás, naquele momento ou pouco depois, transferiu-se para Udine e tornou-se uma das primeiras nove Irmãs, fundadoras da congregação.

Chamava-se Orsola Baldasso [5] e tinha nascido em *Buia* a 2 de janeiro de 1808. Tinti escreve sobre ela:

«*Considerava-se a burrinha do convento. Aos olhos do mundo aparecia como uma pobre ignorante, mas não era assim diante de Deus, que lhe concedia dons especiais. Embora não tivesse aprendido a ler, diz-se que, instruída pela própria Mãe divina, rezava todos os dias o ofício da Bem-aventurada Virgem. Infatigável no trabalho, era insaciável de sacrifícios. Foi vista várias vezes a beber a água onde tinham sido lavados os pratos. Depois de ter trabalhado nas tarefas mais humildes todo o dia, passava as noites inteiras diante do Santíssimo Sacramento e depois, com energia, recomeçava a trabalhar. Prestava-se inclusive como ajudante para os pedreiros do instituto e, embora tenha morrido a 7 de maio de 1852 precisamente durante o trabalho, afirmou ao venerado Fundador ter visto já terminados tanto a igreja como o coro, descrevendo-lhe cada detalhe tal como é atualmente. A sua preciosa morte foi o eco fiel de uma vida santa e, no momento de expirar, entoou um alegre cântico à Virgem Maria santíssima.*»

Irmã Giacinta De Monte, quase sua conterrânea porque da vizinha *Artegna*, afirmou que morreu em fama de grande santidade. É o caso de recordar a esplêndida máxima:

«*Os ignorantes insurgir-se-ão e conquistarão o reino de Deus.*»

Don Luigi servente

Juntamente com as santas iniciativas para recolher dinheiro e materiais, os dois zelosos irmãos uniam uma escrupulosa atenção para que tudo fosse utilizado da melhor forma. Para ambos, qualquer coisa que tivesse sido oferecida pela caridade tornava-se sagrada. E ei-los, portanto, a dedicarem-se, como escreve o Pai Carlo, à «*escrupulosa vigilância das obras.*» Uma tarefa que recaiu sobretudo sobre Dom Luigi, o qual teve modo de pôr em prática o seu carácter extremamente concreto e atento à poupança.

---

[5] Baldasso Orsola (irmã Maria Orsola, conversa) pertenceu ao grupo das nove jovens que a 1-2-1837 fixaram a sua estável morada na Casa delle Derelitte, dando assim um primeiro início à congregação das Irmãs da Providência. Vestiu o hábito e professou os votos no Natal de 1845, morreu a 7-5-1852. Erroneamente nos registos da congregação o seu apelido é indicado como Baldassi ou Baldassar.

Ele, todavia, não se contentava em controlar, mas oferecia materialmente o seu braço. Havia que descarregar material à chegada? Era preciso preparar a massa de cimento? Não bastavam os ajudantes para abastecer os pedreiros? Dom Luigi tinha olho para tudo. Aquela pobre batina suja de lama e rasgada! E, com a sua educação fundada na oração e no trabalho, e visando formar as órfãs como mulheres trabalhadoras, organizava as raparigas e as suas assistentes para que dessem alguma ajuda. Viu-se, de facto, como a Irmã Orsola Baldasso «*se prestava inclusive como ajudante de pedreiro.*»

Neste método continuará sempre. Irmã Giacinta De Monte, entrada na congregação a 15 de julho de 1846, falava deste modo do extraordinário período de formação — ou seja: o noviciado — que lhe fez cumprir o Fundador: «*Ouve, Angela, escuta* — tinha-lhe dito ele — *eu não tenho uma mestra para te atribuir para que sejas guiada e encorajada; serei eu o teu mestre.*» «*E de facto* — continua a Irmã Giacinta com uma ponta de agradável ironia — *o Pai Luigi sabia desempenhar muito bem a sua tarefa. Ora me mandava para a horta arrancar a erva, ora ajudar os pedreiros na construção do coro; e naquele lugar o querido Pai transformava-me num novo ajudante de pedreiro e ordenava-me que lhes entregasse os tijolos ou outra coisa.*»

A este propósito desejamos contar um agradável episódio que se refere, porém, a vários anos mais tarde. Na *Casa delle Derelitte* trabalhou durante muito tempo como pedreiro um certo Giovanni Battista Marangone de "*Santa Maria di Sclaunicco"*. Ele próprio contava, por volta dos noventa anos de idade, que às vezes lhe acontecia ter de levantar a voz para que alguém corresse a trazer-lhe o material ou a dar-lhe uma mão. As Irmãs, talvez ocupadas noutras tarefas, nem sempre estavam prontas. E ele, quando tardavam, batia com o martelo no muro dizendo: «*Responde-me pelo menos tu!*» Mas se estava presente o Pai Luigi, acrescentava, esse corria imediatamente.

A morte da mamã

As obras prosseguiram também durante o ano de 1836, apesar do furor de uma nova epidemia de cólera. A epidemia teve início nos primeiros dias de junho e prolongou-se até aos primeiros dias de setembro. No seu apelo de 24 de agosto de 1836, o Pai Carlo tinha declarado, entre outras coisas:

« *Se vós, excelentes cidadãos udinenses, o quiserdes, a Casa das Derelitte dentro de três meses, e portanto antes do início do rígido inverno, estará em condições de poder acolher cerca de uma centena de órfãs por causa do cólera.* »

Teria certamente mantido a promessa, se a família Scrosoppi não tivesse sido atingida por um grave luto.

A 8 de janeiro de 1837, às duas da tarde, morria aos 74 anos a mãe Antônia. Os registos do *Duomo* de Udine relatam que ela foi então sepultada no túmulo da sua família. Naquele tempo estava ainda em fase de construção o grande colunato para as sepulturas familiares. A 14 de fevereiro de 1844 os seus restos mortais serão trasladados para o túmulo que fora mandado construir pela Condessa Clementina Porcia, onde, respetivamente sete e dez anos mais tarde, se lhe juntarão o marido e o Pai Carlo. A boa

senhora tinha, portanto, vivido o suficiente para ver concluída a casa construída pelos seus dois filhos; não teve, porém, a alegria de estar presente na inauguração.

Não sabemos nada dos detalhes da sua morte, mas não é difícil imaginá-la confortada e sustentada pela presença constante dos três filhos Sacerdotes, prontos para cada necessidade sua, ajoelhados em redor do leito da mãe moribunda. Sem dúvida, a preocupação com a doença da mãe e a dor pela sua perda retardaram por algum tempo a abertura do novo instituto.

A inauguração da casa

Dos registos compilados mais tarde pelo Pai Luigi, resulta que as mestras e as primeiras órfãs se estabeleceram na nova casa na terça-feira, 1 de fevereiro de 1837. Talvez nesse mesmo dia, ou mais provavelmente no dia seguinte, por ocasião da festa da *Madonna della Candelora* (ou seja: a Candelária), procedeu-se à bênção das instalações. Quase nos parece vê-los, o Pai Carlo e o Dom Luigi, juntamente com as nove mestras e o pequeno grupo de órfãs, percorrendo com as velas acesas os corredores e as salas, recitando a fórmula litúrgica e entoando hinos sagrados.

Todavia, a solene cerimónia de inauguração deve ter sido celebrada um pouco mais tarde, pois a 1 de fevereiro foram acolhidas apenas quatro meninas, trinta a 4 de fevereiro e doze a 1 de março. Não é improvável que a cerimónia tenha sido adiada para depois da Páscoa, que naquele ano caía a 26 de março. Nem desta solene circunstância nos restou qualquer detalhe, a não ser o discurso oficial, do qual se conserva uma cópia na biblioteca do seminário arquiepiscopal de Udine.



Udine. Vista de conjunto da originária *Casa das Derelitte*

Um cirurgião simpático

Vivia então em Udine uma figura singular de cirurgião, o doutor Giacomo Zambelli. À sua morte disse-se dele:

« *Teve uma verdadeira devoção por tudo o que era bom, nobre e alto. Amou a pátria com afeto profundo, adorou a família; procurou sempre fazer o bem; foi laborioso e atento à poupança, não tanto para si quanto para os seus amadíssimos filhos; cultivou com constância a própria mente, a ponto de se distinguir tanto na medicina como na literatura. O divino poema do Alighieri foi o seu estudo contínuo, o seu conforto, um seu grande amor...* » [6].

O necrológio não mente. Foi de facto um patriota sincero que frequentava o célebre círculo secreto da *estalagem Pletti*, onde tinha encontros com emissários políticos provenientes das outras regiões de Itália; escreveu além disso alguns tratados de medicina e de estudos dantescos, além de numerosos artigos.

Mas foi sobretudo um homem de grande coração e de vivíssimo interesse pelos problemas sociais. Baste dizer que escolheu deixar-se fechar durante algum tempo na prisão, com o objetivo de estudar a psicologia dos detidos e os métodos prisionais então em vigor. Em 1846, por ocasião da entrada em Udine do novo Arcebispo Monsenhor *Zaccaria Bricito*, apresentou-lhe uma memória sua, muito importante e que seria útil ler ainda hoje, na qual sugeria um método de visitas ao domicílio para os pobres, a fim de socorrer a miséria e favorecer o seu resgate moral e civil.

Ligadíssimo ao Pai Carlo e ao Dom Luigi, prestava já há anos a sua obra de médico cirurgião na velha casinha inicial.

A ele os dois fundadores confiaram o encargo de proferir o discurso inaugural. O facto de ele ser um tipo um pouco excêntrico, bastante emotivo e enfático, e de utilizar um estilo artificioso e rebuscado, não retira nada, a nosso ver, ao valor da sua exposição; ela permanece um precioso documento das condições sociais daquela época. Lamentamos que, por evidentes necessidades de brevidade, não seja possível transcrever o texto integral.

Zambelli conta ter proferido o discurso perante muitas « *mulheres ilustres e gentis, que se dignaram fazer-me tão graciosa e invejada coroa* » e muitos « *honoráveis senhores* ». Todavia, quando o Pai Carlo e o Dom Luigi lhe dirigiram o honorável convite, devem ter-lhe recomendado que não falasse deles, pois o texto contém apenas duas breves alusões aos dois zelosos Sacerdotes, sem sequer lhes citar o nome. « *Não será portanto minha tarefa* — diz ele — *entretecer coroas de louvores para esses generosos que, expondo-se ao querer de tantas paixões, à prova de tantas oposições, à prova de tantas oposições, inflamados por uma caridade imparável, construíam um refúgio onde*

[6] Il Giornale di Udine, 3 de março de 1879. Zambelli, nascido em Udine em 1800, distinguiu-se pela capacidade e empenho na sua profissão e nos cargos públicos; demonstrou singular zelo nas epidemias coléricas de 1836 e 1855. Amante de cada progresso das ciências médicas, preferiu a higiene e sobre esta escreveu utilíssimos artigos; dois livros seus, o Catechismo della buona Madre e Memorie sulla pellagra foram apreciados por higienistas italianos. Foi um dos « instituidores do Asilo infantil de Udine, que amou sempre com especial afeto e ajudou com o conselho e a assistência médica ». Morreu em Udine a 1 de março de 1879.

encontrasse finalmente abrigo a inocência pobre, desprezada, insidiada ou ofendida pelos malvados ».

São palavras mais do que claras para aludir às notáveis dificuldades encontradas pelos dois irmãos; e é evidente que os bocados mais amargos — ou seja: as recusas e as hostilidades — teve de suportá-los precisamente o nosso Dom Luigi durante as suas recolhas de esmola de casa em casa. Duas páginas mais à frente, Zambelli recorda ainda « *aqueles benditos que colocaram as primeiras pedras do refúgio hospitaleiro e com tantos cuidados, com tanto amor o ajudaram, encorajando em todos vós o desejo de os ajudar, para que a conclusão desta obra não seja confiada apenas às suas escassas forças* ».

O discurso contém passagens muito tocantes sobre as órfãs internas na casa e sobre as « *externas que vós vedes em longa fila encaminhar-se alegres todos os dias para a morada hospitaleira* », trazendo o seu testemunho de médico sobre os resultados positivos já alcançados. Ele dedica nada menos que sete páginas a refutar quatro objeções levantadas contra a obra e os seus promotores.

Perto do fim, dirige um fervoroso apelo às damas da cidade, « *a vós também estudiosos das letras, a vós estudantes das belas artes* », para que sustentem « *esta pobre família* ». Por fim, encerra com o relato romântico da doença e da morte, ocorrida no hospital da cidade, de uma vítima da corrupção de treze anos e de uma grave infeção — ou seja: uma gangrena facial sifilítica —, assistida por ele com amor. Precisamente a ela o bom cirurgião dirige a invocação final:

« *Oh! do alto dos Céus, onde tu, pequena nova anjinha, resides, feliz pelas alegrias do mundo celeste, volta para mim e para estes homens um olhar que nos aconselhe a bem amar e a bem operar, e roga por nós ao Pai eterno, para que acenda em todos nós o desejo de salvar a inocência, e não seja de modo algum em vão quanto neste dia memorável eu disse e roguei* ».

Não era porventura um dever prestar homenagem ao Zambelli com estas linhas?

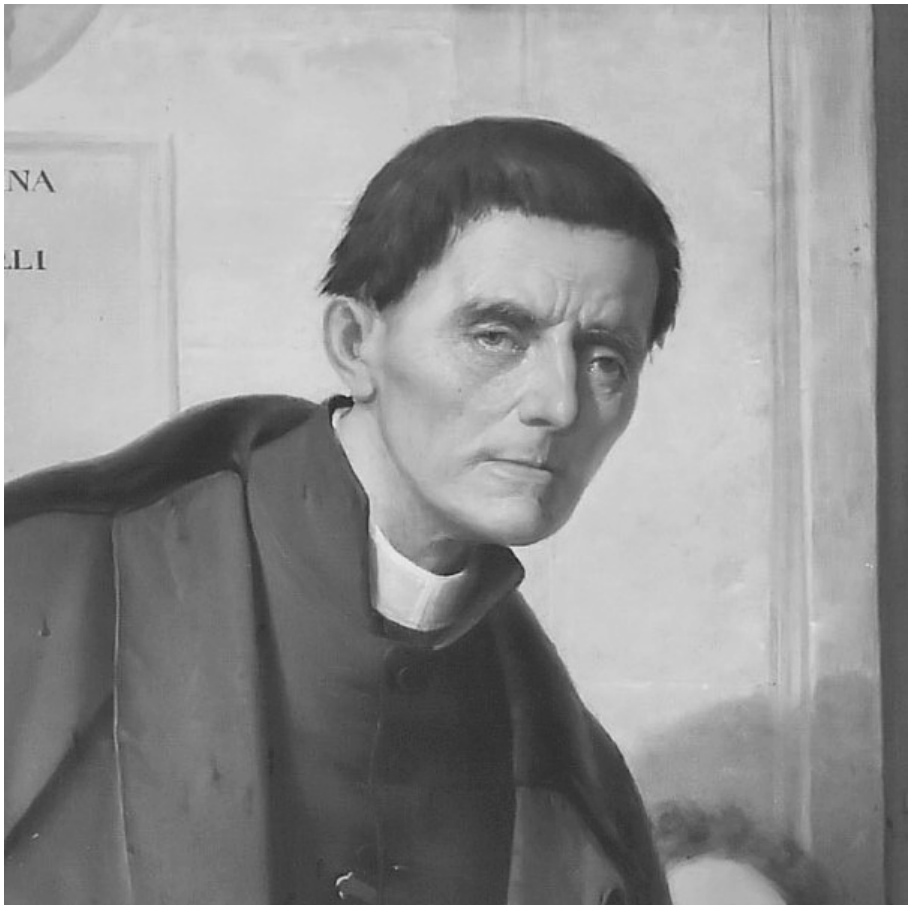
Don Luigi em viagem?

A audácia na caridade do Pai Carlo e do Dom Luigi teve também esta vantagem: acendeu noutras almas generosas um santo desejo de realizar obras boas. Dom Francesco Tomadini [7] sentiu-se impelido a fazer o mesmo pelas crianças que ficaram órfãs devido ao cólera e abriu para este fim o instituto que hoje leva o seu nome. Outros cidadãos, entre os quais os dois irmãos Venerio [8], sentiram-se encorajados a promover aquela

[7] Udinense (1782-1862) de família abastada. Dirigiu durante quase 50 anos a igrejinha do Cristo por ele restaurada; foi o artífice do regresso dos Capuchinhos a Udine. Depois do cólera de 1836 dedicou todo o seu ser aos órfãos para os quais fundou em 1856 um instituto que tomou o seu nome. Foi eleito cónego da catedral, obteve a condecoração de cavaleiro. Sacerdote insigne pela santidade, brilhou nele sobretudo a caridade não só para com os órfãos mas para com todos os necessitados. (Cfr. L. BELLINA-I. DONATO, Il Tomadini e la sua opera, Udine 1957, pp. 1-54).

[8] Girolamo (1778-1844) e Antonio (1783-1857) udinenses, de honesta e rica família; o primeiro foi um excelente meteorologista cujos registos de 40 anos levaram à publicação das « Observações », por parte do seu discípulo G.B. Bassi; o segundo dedicou-se à família e à administração dos bens. Religiosos e caritativos, beneficiaram todas as obras pias da cidade; na prática podem ser considerados os fundadores da casa de repouso. Têm um lugar insigne na história

Casa de Invalidez e Velhice que surgiu em 1846, da qual fala já Zambelli no seu discurso. O próprio Zambelli alude ao facto de que « *alguns* » entre os promotores da *Casa das Derelitte* realizariam em breve uma viagem para visitar as obras de Ferrante Aporti [9], o célebre fundador dos asilos infantis. O asilo, de facto, surgirá em Udine no ano seguinte.



Don Francesco Tomadini, Sacerdote diocesano (1782-1862), foi um colaborador tão próximo do Pai Luigi que era considerado parte integrante da "*família*" oratoriana de santa Maria Maddalena. Enquanto Luigi se ocupava das órfãs, Francesco Tomadini era o braço operacional para a assistência aos rapazes e era chamado: o operário da Caridade.

Entre esses « *alguns* » esteve certamente Dom Pietro Benedetti [10], fundador e animador do asilo durante um trintenário, o qual estava fraternalmente próximo dos dois

da beneficência no Friuli. (Cfr. GB. BASSI, Elogio di Girolamo Venerio, Udine 1844, pp. 32; V. LICCARO, Elogio funebre di A. Venerio udincse, Udine 1857, pp. 28).

[9] Nascido em S. Martino dell'Argine (Mântua) em 1791, Sacerdote, foi professor de Sagrada Escritura no seminário de Cremona, diretor das escolas primárias, fundador em 1827 do primeiro asilo infantil, cuja ereção foi permitida no Lombardo-Veneto. Suspeito para a Áustria por ser demasiado popular e amante das novidades, exilou-se em Turim onde a sua iniciativa teve grande desenvolvimento; professor de pedagogia na universidade, foi nomeado senador, e recebeu o aplauso de admiradores estrangeiros. Morreu em 1857. (Cfr. A. BENEDETTI, Commemorazione aportiana, Udine 1927, pp. 8-12).

[10] Nascido em Oltris di Ampezzo (Udine) em 1790, foi catequista no ginásio de Udine e viveu sempre na esfera dos filippini: prestou serviço na igreja deles até ao confisco, sucedeu ao Pai Filaferro como Reitor e Prepósito da congregação a reconstruir. « De engenho desperto e prontíssimo... foi uma alma ardente de sacerdote fidelíssimo e de apóstolo infatigável. Forte e franco de carácter, lutou contra o josefismo sob os austríacos e contra o antipapismo depois, merecendo a pecha de iliberal ». Como fundador do asilo sofreu com « contradições, escárnios e juízos errados; contudo continuou na sua obra de caridade, a ponto de poder ser chamado o segundo pai das crianças pobres

fundadores. Mas tudo leva a crer que, juntamente com ele, também o Pai Carlo e o Dom Luigi se deslocaram de Udine.

Talvez tenha sido o Dom Luigi a partir.

É agradável imaginar que o Pai Carlo o tenha impelido a conceder-se um breve descanso após os grandes esforços enfrentados para a construção da casa. Talvez o tenha enviado para que procurasse pessoalmente convencer a Irmã Angela Bragato, Superiora Geral das Canosianas, a encarregar-se da obra. Ele já tinha estado em *Verona* várias vezes com este objetivo, a última vez no outono de 1835.

Desta hipotética viagem de Scrosoppi não temos, contudo, qualquer indício certo. Nem, se efetivamente a realizou, obteve um resultado melhor. Pelo contrário, convenceu-se uma vez mais, concreto e confiante como era, de que era preferível proceder com esforço com as próprias forças, em vez de sonhar confiar-se a instituições externas.

Decidiu confiar a obra, portanto, àquelas nove criaturas reunidas de modo fortuito (ou seja: um grupo heterogéneo de mulheres humildes), que a Providência enviara para a casa.

Obstáculos burocráticos

Quando, após a anexação do *Friuli* ao Reino de Itália em 1866, o conselho municipal de Udine, a administração provincial e o ministério do interior procuraram de todos os modos transformar a casa em « *ente morale* » (ou seja: uma personalidade jurídica de utilidade pública), e o Pai Luigi opôs uma resistência que poderíamos definir como atormentada e obstinada, houve quem lhe dirigisse esta objeção: por que vos opõe tanto hoje, sob o Reino de Itália, enquanto outrora, sob o Império Austríaco, aceitáveis medalhas do Imperador e pedíeis reconhecimentos legais ao seu governo?

A malícia de tais críticas era evidente demais. Num clima de exasperado anticlericalismo, com o objetivo de humilhar o clero e pôr em dúvida a sua honra, lançava-se contra os Sacerdotes a fácil e absurda acusação de partidarismo em relação à Áustria.

Mais do que maliciosa, a objeção, no nosso caso, era fundamentalmente falsa. O Pai Luigi teria podido responder: não é verdade! Sempre nos empenhamos para obter a máxima liberdade cristã. Precisamente sob a Áustria fizemos esforços enormes para que a casa fosse declarada « *privada e isenta* ». E, embora com cortesia, respondeu efetivamente assim, para quem quis compreender, na sua declaração introdutória ao *Estatuto da Casa Secular das Derelitte em Udine* de 1880.

Não queremos certamente afirmar — mas nem sequer negar — que na oposição do Pai Carlo e do Dom Luigi à interferência governamental austríaca houvesse também uma motivação patriótica, pois ambos eram claramente próximos daquilo que seria chamado o movimento neoguelfo (ou seja: corrente política católica favorável a uma confederação italiana presidida pelo papa).

». Morreu em 1869. (G. BIASUTTI, Sacerdoti distinti dell'arcidiocesi di Udine defunti dal 1836 al 1884, Udine 1958, pp. 10-11).

Os motivos principais derivavam do princípio teológico e jurídico da liberdade religiosa e da rejeição do josefismo (ou seja: o intervencionismo do Estado nos assuntos da Igreja). Quer se tratasse da República Veneziana ou do Império Austríaco ou de qualquer outro governo, a questão tinha apenas uma importância secundária. O que importava era que nenhum governo obstaculizasse a livre iniciativa da caridade cristã.

A isto somava-se a motivação psicológica da difundida desconfiança pública em relação à excessiva invasão da burocracia.

Havia, contudo, dois pontos de princípio nos quais parecia que o governo tinha boas razões.

Um era a exigência de que cada instituto fornecesse garantias, no plano administrativo, da própria vitalidade e capacidade de se manter. Nesta matéria a burocracia austríaca era extremamente meticulosa. Mas como podia fornecer tais garantias um instituto que vivia apenas de esmolas? Como podia aceitar esse critério quem se confiava principalmente à Providência? A Providência não podia certamente ser registada nos arquivos da polícia.

O outro ponto era a vontade do governo de controlar os programas de ensino, os métodos educativos e disciplinares, os títulos de estudo das mestras e as condições higiénicas dos institutos. Para este fim eram emanadas leis e fundadas instituições modelo. Todavia, tanto as leis como aquelas instituições tinham um caráter esquemático e abstrato, que mal se adaptava às diversas realidades locais. Por vezes exigiam, talvez, um nível de perfeição que não era possível implementar em toda a parte. Não era porventura mais sábio — pensavam os dois fundadores — permitir que se fizesse esse pouco que se podia concretamente realizar?

Em conclusão, o Pai Carlo e o Dom Luigi deviam considerar que no campo educativo a intervenção de imperadores e reis, do governo e das autoridades era bem-vinda se se manifestasse em financiamentos concretos. Em vez disso, costumava esgotar-se apenas em documentos de papel, cheios de inquéritos e de condições, às quais era fatigante ou mesmo impossível responder de modo positivo.

Poupamos aqui a enfadonha lista de tais entraves burocráticos. É preciso, porém, recordar um que arriscou fazer cessar a obra antes mesmo de a casa estar concluída.

Uma nota governamental de 27 de setembro de 1836 impunha duas condições limitativas: que no novo instituto fossem acolhidas exclusivamente as órfãs devido ao cólera e que estas não tivessem uma idade superior a doze anos.

Mas como é possível!

Admitamos a precedência às órfãs do cólera. Mas não podia haver meninas necessitadas de acolhimento também por outras desventuras? E, uma vez terminados os efeitos da epidemia, dever-se-ia talvez fechar o instituto? Para que servia ter construído um edifício tão grande? Além disso, se tinham mais de doze anos, devia-se fechar-lhes a porta e deixá-las nos perigos? E, uma vez atingida essa idade, seria talvez necessário colocá-las no meio da rua?

Aqui aconteceu um facto curioso, que merece ser contado.

A 28 de janeiro de 1837 o Bispo Monsenhor Lodi — na qualidade de presidente da comissão de beneficência — escrevia uma carta severa ao senhor *Giovanni Battista*

Fabris, membro da própria comissão, que fora encarregado de verificar, juntamente com os Párocos da cidade, o número e as condições das meninas a acolher nas *Derelitte*: se fossem acolhidas — dizia — órfãs não devido ao cólera ou de idade superior a doze anos, deviam ser mandadas embora, e a despesa do período de acolhimento seria debitada a quem tivesse colaborado no engano.

O aspeto irónico reside no facto de que a limitação de idade imposta pelo governo não foi de modo algum respeitada. O próprio Monsenhor Lodi, o qual na aparência se mostrara muito rígido, fizera acolher a 15 de janeiro uma rapariga de dezesseis anos e empenhara-se em pagar o seu sustento, entregando 90 liras por um semestre antecipado. Outras duas órfãs, uma das quais sinalizada pelo Conde Pietro Mattioli, tinham dezesseis anos. E mesmo entre as quarenta e duas acolhidas a cargo da comissão de pública beneficência havia nada menos que onze que superavam a idade oficialmente permitida. Compreende-se bem que se fingia obedecer às normas burocráticas, mas depois procurava-se fazer o bem que as circunstâncias exigiam.

Os dois fundadores, contudo, encontravam todos os dias obstáculos que os empurravam a procurar a isenção dos sufocantes controlos governamentais. E finalmente chegou para eles a ocasião certa para a obter.

A visita da Imperatriz

A 6 de setembro de 1838 foi coroado rei do *Lombardo-Veneto* Fernando I, o qual desde 1835 tinha sucedido a Francisco I no trono imperial da Áustria. Em parte porque entrava no costume em semelhantes circunstâncias, em parte para acalmar as tensões ocultas, o novo Imperador foi generoso em concessões e honrarias. Ao próprio Pai Carlo, na qualidade de fundador e diretor da *Casa das Derelitte*, foi conferida a « *medalha de ouro média com fita* » ao mérito civil.

A 19 de outubro a corte chegou a Udine. No dia 20, enquanto o Imperador visitava o seminário, o hospital da cidade e o monte de piedade, a Imperatriz dirigia-se a alguns institutos femininos, entre os quais a *Casa das Derelitte*. A Imperatriz era Maria Ana (Ana Maria Carolina Pia) de Saboia, filha de Vítor Emanuel I e irmã da devotíssima Maria Cristina, esposa de Fernando II, rei das Duas Sicílias.

Para tal ocasião o Dom Francesco Fantoni preparou duas composições de seis versos que talvez tenham sido cantadas. Até o Dom Luigi compôs quatro quadras, que terão sido recitadas por alguma pequena acolhida. Ei-las:

« *Oh! maravilha! o humilde refúgio das orfãzinhas honra a Imperatriz, e com elas mostra-se afável. A ternura e a alegria que nos nascem no peito, o nosso grato afeto quem poderá jamais exprimir?*

Augusta, que fazes da piedade a tua glória, ah, tu serás sempre a nossa esperança e o nosso amor. Senhor, conserva em nós uma tão bela imagem de ti: Senhor, enche o coração de Augusta com os teus dons. »

E o Pai Carlo dirigia à soberana um discurso de saudação, convidando-a a inspecionar também as escolas: « *talvez* — dizia — *vendo as atividades que a caridade cristã sabe*

idealizar e realizar em benefício das orfãzinhas, o vosso coração materno sentirá um novo agrado. »

Mas o que se desejava realmente como fruto da visita aparece claramente na súplica que foi apresentada à Imperatriz, para que a apoiasse junto do Imperador. Estava assinada pelo Bispo, pelo *podestà*, pelos protetores e pelas protetoras da casa e pelos dois fundadores. Nela pedia-se — transcrevemos algumas frases — que o Imperador « *com decreto datado deste dia queira reconhecer e aprovar com a máxima benevolência este estabelecimento privado, do qual apresentamos com respeito o estatuto, autorizando-o por graça a gerir-se autonomamente com a isenção da dependência da autoridade tutelar, e a realizar dentro dos termos legais aquisições de toda a sorte, também por doações entre pessoas vivas ou por causa de morte (ou seja: por herança), tal como qualquer indivíduo privado.* »

Que se esperasse obter um decreto semelhante imediatamente « *datado deste dia* », pode parecer uma grande ingenuidade. É evidente, porém, que se queria saltar a burocracia, da qual não se esperava qualquer favor. Em todo o caso, o leitor compreende por si mesmo o espírito do pedido e pode julgar se foi honesto acusá-la, cerca de trinta anos depois, de ser um servil mendigar reconhecimentos legais.

A Imperatriz fez à casa uma doação de novecentas liras. Mas a súplica teve de seguir, como era previsível, o obrigatório trâmite burocrático. A questão arrastou-se. Todavia, tanto pelo alto patrocínio da boa Imperatriz como pelo constante apoio de um Monsenhor de corte, a 6 de julho de 1839 uma resolução soberana acolhia em boa parte o pedido dos dois fundadores e sancionava a existência legal da casa como « *instituto privado e isento* »; a burocracia obteve porém a sua parte com a nomeação de um comissário governamental, ocorrida a 5 de novembro de 1839, na pessoa do Conde Fabio *di Colloredo* [(11)].

Tal nomeação foi, pelo contrário, um bocado amargo para os dois irmãos. O Pai Carlo procurou definir as competências em sentido muito limitado, mas acabou por se resignar. O Dom Luigi não se adaptou de todo.

Não temos muitas notícias sobre como o Conde *Colloredo* desempenhou o seu cargo; resta-nos apenas uma carta de 8 de março de 1847, de tom bastante autoritário, na qual dá disposições relativas à saúde das internadas. É porém totalmente significativo que ele tenha apresentado a demissão « *por motivos de saúde* » logo após a morte do Pai Carlo. A prefeitura provincial teve então a sabedoria de o substituir, a 5 de fevereiro de 1854, pelo Conde Federico Trento [(12)], que será um devoto colaborador — em vez de um controlador — do Pai Luigi até à sua morte.

---

[11] Era descendente de uma antiga família feudal transplantada para o Friuli na primeira metade do século XII. Esta, através de investimentos e rendas, no início do século XIV ergueu o castelo na vila de Colloredo, de onde tomaram o nome os descendientes, divididos em três linhas, chamadas pelos seus progenitores linha de Asquino, de Vicardo e de Bernardo. O conde Fabio, da linha de Vicardo, nasceu em Colloredo di Monte Albano em 1777, foi camareiro, podestá de Udine e aí morreu em 1855. (Genealogias, Fondo A. Joppi, Bibl. Com. Udine).

[12] Nasceu em Udine em 1806, descendente de família da Val di Non no Trentino, da qual derivou o apelido e que no final do século XVIII obteve a jurisdição de Masarota junto de Dolegnano e o título nobiliárquico. Exerceu com indiscutível probidade vários cargos sob os dois governos, austríaco e italiano, retirando-se para a vida privada quando viu instaurar-se uma nova ordem de coisas contrária à religião e ao papado. Apoiou sempre os institutos de



Retrato do Conde Federico Trento, comissário
governamental e grande apoiante das obras do Pai Luigi



Udine. Fachada exterior do atual colégio Provvidenza que conserva a mesma estrutura
da *Casa das Derelitte* inaugurada em 1837

beneficência da cidade; à sua morte, ocorrida em 1885, toda a imprensa citadina falou dele com estima e respeito. (Ibid.; dr. F. BLASICH, Note Cronologiche Ecclesiastiche, ms., p. 259).

Capítulo 3

UMA PARAGEM DENTRO DA NOVA CASA DAS *DERELITTE*

Organização e fins da *Casa das Derelitte*

Disse-se que o Pai Carlo teria querido abrir a nova casa em outubro ou novembro de 1836. Por este motivo, deve ter redigido desde então aquele *Regulamento para a casa privada das Derelitte*, que — talvez com alguma modificação — foi apresentado à Imperatriz durante a sua visita a 20 de outubro de 1838 e posteriormente impresso em 1840.

Eis a estrutura e os objetivos da obra segundo esse regulamento. A casa dispunha de uma « *direção interna* », composta pela Superiora e por quatro irmãs chamadas « *anciãs* ». A « *direção externa* », pelo contrário, era constituída pelo Presidente — que por estatuto devia ser o Bispo da diocese —, pelo Vice-Presidente — por estatuto o Presidente da Câmara (*podestà*) de Udine —, pelo Secretário e por seis protetores e seis protetoras: estes últimos deviam ser substituídos em parte a cada dois anos. Todavia, a orientação e a responsabilidade da casa estavam confiadas principalmente a dois Sacerdotes: o Diretor, nomeado pelo Bispo, e o Vice-Diretor, escolhido pelo Diretor e confirmado pelo Bispo na qualidade de Presidente.



Na primeira metade do século XIX, a chaga dos rapazes e das raparigas de rua representava uma ferida aberta para a cidade de Udine, diante da qual a Igreja local não podia permanecer indiferente. Respostas concretas a esta emergência foram oferecidas primeiramente pelos Padres filippini, que se dedicaram à assistência das raparigas, e mais tarde pelo Dom Francesco Tomadini, que dirigiu o seu trabalho para os rapazes.

A nós, porém, interessa sobretudo o que é estabelecido em relação ao fim, à educação e à disciplina das alunas. Deste modo, poderemos fazer uma ideia bastante precisa de como se vivia no interior da casa. Transcrevemos alguns trechos, pondo em destaque as frases que definem o instituto:

« *Recolher as pobres raparigas órfãs e abandonadas, ou filhas de pais paupérrimos e ignorantes, ou então descuidadas e encaminhadas para o vício para as subtrair ao mau caminho; educá-las e torná-las idóneas para o serviço junto de famílias honestas; ou para o matrimónio com bons artesãos; ou para se tornarem elas próprias educadoras de outras jovens em dificuldade, é o fim geral do instituto* ».

As « *internas* » (alunas residentes) são descritas deste modo:

« *As mais pobres e totalmente abandonadas são educadas e mantidas inteiramente a expensas da casa, da qual se tornam filhas, e dela não saem senão depois de terem completado a educação e terem recebido uma colocação* ».

Relativamente às « *externas* » (alunas de dia), lê-se:

« *Aquelas raparigas que, embora pobres, têm os pais e que, por ter sido atingido o número máximo de admitidas permanentes, não podem tornar-se filhas do instituto, são acolhidas na estrutura durante o dia; ali recebem o almoço e são educadas como as primeiras, embora de modo separado* ».

Estas alunas externas deviam reunir-se todas as manhãs nas igrejas das respetivas paróquias e, a partir daí, algumas mulheres escolhidas especificamente acompanhavam-nas até à casa.

Às alunas internas e externas eram ensinados antes de mais os fundamentos da fé cristã e também os primeiros elementos da leitura, da escrita e do cálculo; « *não a todas, porém, mas às mais meritórias por bondade e empenho, e isso durante as horas de lazer e nos dias festivos, quase como uma forma de recreio* ».

Não deve surpreender-nos que os primeiros rudimentos do saber fossem reservados apenas às mais aplicadas e ativas, pois naquela época a opinião pública era tudo menos favorável à instrução popular feminina. A situação mudará em poucas décadas e a *Casa das Derelitte* encontrar-se-á muito em breve na linha da frente também no setor da instrução.

Para o momento, o regulamento dava precedência à economia doméstica: entendida, obviamente, em sentido prático.

Ali lia-se:

« *Treinam-se as raparigas em todos os trabalhos típicos do género feminino, a começar pela malha (tricô), pelo uso da agulha e do fuso, progredindo em todas as atividades de que as mulheres podem tornar-se capazes, como preparar os fios, transformá-los em telas e estas em camisas, vestidos e assim por diante, até ao bordado; além disso, a gerir a criação de bichos-da-seda, a trabalhar os casulos ao calor do fogão, a dobar a seda... Exercitam-se outrossim a preparar o pão e a lavar a roupa, em todas as tarefas próprias do pessoal de serviço, em todas as lides, mesmo as mais humildes, de cozinha e de quarto, e no cuidado do gado* ».

Como se vivia na Casa

Na Casa, portanto, estavam ativos os seguintes laboratórios: um de malharia e de confecção de meias, naturalmente executado com agulhas; um departamento de fiação e tecelagem, com ferramentas tradicionais como rocas, fusos, carretos ruidosos, pequenas rodas de fiar e teares manuais; uma escola de corte, costura e bordado; durante um certo período uma fábrica de luvas e, finalmente, uma fiação de seda.

A esta última era fornecida a matéria-prima pela exploração agrícola ligada à casa e gerida por algumas irmãs e raparigas. Encontrava-se logo à saída da *porta Ronchi*, no lado leste da atual *via XXIII Marzo*, e já em 1840 compreendia cerca de cinco hectares, em parte cultivados como prado — para a estribaria, de onde se obtinha o leite — e em parte como cereais, com muitas fileiras de amoreiras necessárias precisamente para a criação dos bichos-da-seda.

E por todas estas iniciativas de valor social, criadas para instruir e não para obter lucro, acreditais porventura que os fundadores receberam elogios e ajudas das autoridades governamentais? Absolutamente não! Receberam apenas impostos, especialmente por causa daquela bendita fiação, como se fossem industriais normais. É inacreditável, e seria entediante contá-lo, o fatigante percurso dos dois pobres Sacerdotes de uma repartição para outra para convencer os burocratas a renunciarem ao seu rigor fiscal.

O leito (cama) das órfãs e das irmãs foi constituído, ao longo do tempo, por humildes colchões cheios de palha ou de folhas de milho. Posteriormente, os colchões das raparigas foram consideravelmente melhorados; para as doentes, fossem elas jovens acolhidas ou irmãs, passaram a ser de lã. Todavia, as irmãs de boa saúde mantiveram durante muito tempo o privilégio do palhaço (ou seja: o colchão pobre de palha).

No que diz respeito ao vestuário, o regulamento de 1840 estabelece que as « *internas* » (alunas residentes) usem um uniforme extremamente sóbrio, isto é, simples, de estilo popular. Sabemos que o seu vestido era feito de um tecido misto de lã, enquanto o das mestras — as futuras irmãs — era de cor castanha. Naturalmente, tratava-se do vestido das ocasiões, para usar sobretudo nos dias de festa ou quando se saía de casa. Nos outros dias, e especialmente para determinados trabalhos, cobriam-se como melhor podiam.

O simpático doutor Zambelli, falando da comida e do vestuário das órfãs no discurso citado, oferece-nos um quadro mais vívido:

« *Elas, é verdade, não conhecem as comodidades e as riquezas da vida abastada dos cidadãos; uma veste rude cobre os seus membros delicados, dormem os sonos da inocência sobre um leito espartano, uma comida frugalíssima (simples) aplaca a sua fome... É verdade que muitíssimas usam ainda vestes gastas, é verdade que muitas, mesmo no rigor do inverno, mostram o pé descalço.* »

Sapatos ou chinelos estavam disponíveis para as internas, mas eram utilizados exclusivamente nos dias festivos.

Em suma, os dois irmãos não quiseram ceder a necessidades supérfluas ou alimentar pretensões, mas preferiram manter as raparigas na condição social de proveniência; nem mesmo o prestígio do instituto os induziu jamais a abandonar um rígido critério de simplicidade e de pobreza. E nisto acreditamos reconhecer a abordagem concreta e,

digamos também, bastante direta de Luigi, pois o nobre Pai Filaferro devia ser mais propenso a um maior requinte.

Neste estilo de pobreza, por exemplo, o Pai Luigi não quis que a casa fosse rebocada exteriormente: permaneceu com os tijolos à vista até depois da sua morte.

Fervor de consensos e salgadas amarguras

Dois aspetos impressionaram profundamente os contemporâneos: a rápida construção do edifício, que pareceu ter algo de prodigioso, e a excelente organização do novo instituto sob todos os pontos de vista.

O próprio monsenhor Lodi dedicou à casa duas passagens de grande elogio nos seus relatórios sobre o estado da diocese enviados à Santa Sé: « *Tal casa* — dizia — *é celebrada pelos louvores gerais e pela manifestação da gratidão pública* ».

Todavia, o coração nutre-se de boas palavras porque oferecem conforto e encorajamento, mas estas não bastam para saciar e vestir ninguém.

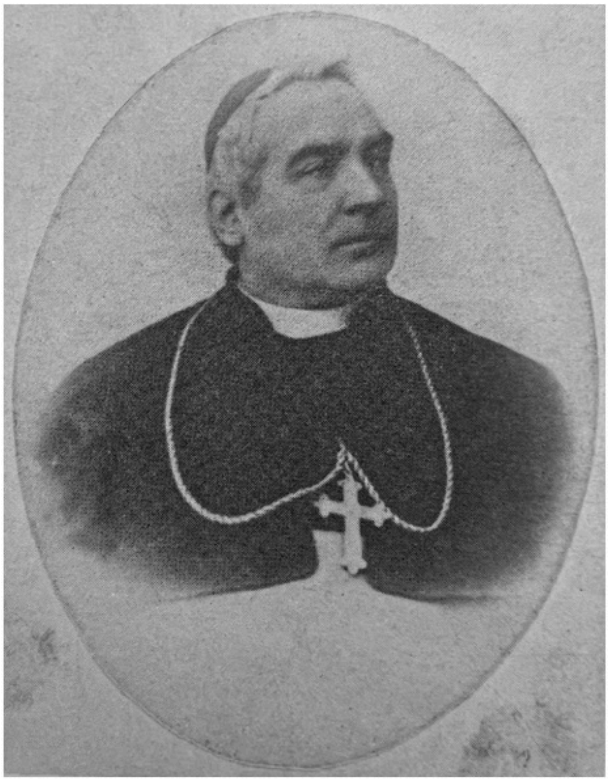
Houve porém almas generosas que compreenderam a necessidade do apoio material. Se estivéssemos a escrever a história completa da casa, deveríamos recordá-las a todas, uma por uma. Limitar-nos-emos a dizer que, já para o mobiliário do edifício e para os vestidos das órfãs, os conventos femininos da cidade rivalizaram com santa competição, especialmente as *Dimesse*, as *Rosarie* e as *Zitelle*; entre os doadores desta categoria encontramos também os nomes de algumas futuras irmãs, como a Gaspardis e as duas irmãs Borghese.

Uma ajuda de grande relevo veio daqueles que nos registos são indicados como « *protetores* » desta ou daquela rapariga, pois tinham favorecido o seu acolhimento assumindo o compromisso de pagar a sua mensalidade. Citamos, por exemplo, as condessas Cecilia Ottelio Brazzà e Teresa Bartolini Dragoni, o doutor Giacomo Zambelli, os monsenhores Bearzi, Someda e Cernazai, Dom Fantoni, os vários membros da família Feruglio-Tinìn [(1)] de *Feletto* e, mais tarde, da família Costantini de *Cividale*, além do célebre compositor de música sacra monsenhor Jacopo Tomadini [(2)].

---

[1] Entre os mais queridos amigos leigos do pai Scrosoppi houve dois exemplares pais de família, de férvido sentir cristão: um foi o senhor Giovanni Feruglio (1807-1882), da família apelidada Tinìn, pois em Feletto (Udine) os Feruglio eram muitíssimos, pai de pelo menos 11 filhos, dos quais três sacerdotes e um destes três bispo: monsenhor Antonio (1841-1911) bispo de Vicenza, don Stefano (1842-1885) e monsenhor Domenico (1850-1932), todos os três ligados às obras do pai Scrosoppi. O outro foi o senhor Cristoforo Costantini (1804-1890), pai de sete filhos, o último dos quais, Luigi (1846-1918), foi sacerdote. (Sobre monsenhor A. Feruglio e don L. Costantini e pelas suas relações com o pai Scrosoppi cfr. parte III, cap. 9, nota 8; cap. 7, nota 7 e cap. 13).

[2] Nascido em Cividale del Friuli em 1820 foi o « príncipe » da reforma da música sacra, a ponto de merecer o título de « Palestrina do século XIX ». Compôs 316 obras e, apesar dos vastos reconhecimentos, das onrarias de várias academias e institutos filarmónicos e do convite para cargos insignes, permaneceu simples organista em Cividale, onde, nomeado cónego, morreu em 1883, deixando o exemplo de uma vida de bondade, de oração e de fidelidade à Igreja. (Cfr. G. BIASUTTI, Sacerdoti distinti..., pp. 58-61).




Monsenhor Antonio Feruglio, bispo de Vicenza, diretor da *Casa das Derelitte* após a morte do pai Luigi.
Monsenhor Jacopo Tomadini foi o « príncipe » da reforma da música sacra e compôs nada menos que 316 obras.

Aos poucos começaram também a chegar legados, tanto pagamentos únicos como doações perpétuas. Fornecemos uma breve lista: em 1836 o conde Vittorio Mattioli e o nobre Francesco Boiani; em 1837 Domenico Giuliani Lessani; em 1839 Maria Visentini viúva Piani e Gian Daniele Marsoni; em 1840 o conde Pietro Mattioli, o benfeitor de longe mais importante [3]; em 1842 o cónego monsenhor Antonio De Vit — que doou nada menos que dez mil liras —; em 1843 Girolamo Venerio; em 1844 a Bartolini e o conde Francesco Brazzacco, marido da condessa Giulia Piccoli.

Para favorecer o necessário afluxo de ajudas, os dois fundadores difundiram, mal a casa abriu, um panfleto com o título:

« *Palavras das pobres raparigas abandonadas aos seus bons concidadãos e benfeitores udinenses* », no qual entre outras coisas se dizia: « *Nós pedimos que cada um de vós que pode e sente compaixão por nós, faça a caridade de assumir o encargo de sustentar por um único dia por mês, pela duração de um ano, uma só de nós infelizes. A despesa é mínima, de apenas 50 cêntimos por mês* ».

O adjetivo « *só* », repetido três vezes na frase, embora sublinhando a modéstia do pedido, mostra claramente a humildade da súplica e deixa antever o receio de resultar invasivo.

Também o bispo monsenhor Lodi continuou a enviar cartas circulares para os peditórios aos párocos da diocese. Conhecemos várias: de 8 de novembro de 1837, de 25 de outubro de 1838, de 1 de novembro de 1839, de 15 de outubro de 1840 e de 29 de setembro de 1841; era enviada uma ao fim de cada época agrícola. Na última fazia notar mais uma

[3] Depois de ter beneficiado em vida a Casa delle Derelitte, deixou-lhe 30 000 liras.

vez quanto esse estabelecimento era santo no seu fim e utilíssimo no seu resultado; declarava outrossim que as numerosas raparigas eram ali educadas e instruídas tão bem que serviam de exemplo aos outros e de extrema consolação para o seu coração. Particularmente significativa é a circular de 16 de dezembro de 1839 aos párocos da cidade: acabara de chegar a notícia oficial do reconhecimento legal da casa e da sua isenção dos controlos do governo; o bispo apressou-se a expressar a sua participação na alegria dos dois fundadores e a aproveitar para encorajar uma subscrição.

Os momentos de glória duraram o que as flores: o espaço de uma manhã, como a manhã do Domingo de Ramos.

Não queremos decerto dizer que à hora do triunfo se seguiu imediatamente, para o pai Carlo, a hora da condenação definitiva; todavia a partir desse momento foi cercado por malignas oposições, que ainda estavam presentes à sua morte, como Dom Valentino Liccaro [4] mencionou publicamente no elogio fúnebre. As causas foram muitas e de diversa natureza.

Além da previsível quebra dos entusiasmos e desse terrível motor de pensamentos venenosos e más palavras que é a inveja — criada nos primórdios da humanidade —, a própria organização perfeita da casa fez crer a alguns que já não havia necessidade de ajuda. Como se sustentar todos os dias duzentas raparigas fosse coisa pouca! Aconteceu aproximadamente o que se conta na anedota de uma devota senhora que resmungou com um mendigo:

« *Mas você está sempre no caminho; já lhe dei uma lira na semana passada!* »

Os legados testamentários, outrossim, suscitavam por vezes mau humor ou aberta hostilidade nos parentes do falecido; em semelhantes casos é extremamente fácil que o sacerdote seja acusado de ser um caça-heranças. Tratava-se de uma acusação totalmente injusta para com o pai Carlo, mas tal é a amarga miséria da vida. Não faltaram sequer incompreensões por parte das autoridades, talvez um pouco indispostas também por causa da obtida « *isenção* » dos controlos. Fornecemos um breve exemplo.

A 3 de fevereiro de 1837 a comissão de beneficência tinha assinado um acordo com o pai Carlo, com o qual se empenhava em fornecer o enxoval às raparigas internadas em seu nome e a pagar uma quota diária de 50 cêntimos por cada uma, mas apenas por um ano. Posteriormente, ficariam a completo cargo da casa. Seguiam-se alguns artigos de natureza sanitária e disciplinar. Entre outros, no artigo 5, estabelecia-se que se uma internada se revelasse afetada por doença crónica ou contagiosa, por decisão da comissão deveria deixar o instituto e caberia à própria comissão providenciar a sua cura. Como acontece frequentemente, a comissão depois não se ocupou disso; todavia a piedade dos dois irmãos nunca utilizou tal artigo para colocar na rua as órfãs doentes. Daqui derivou o reparo já citado do comissário governamental em 1847. Eis demonstrado como vão as

[4] Nasceu em San Pietro al Natisone (Udine) em 1806 e morreu em Udine em 1880. Precetor privado, vigário, secretário e chanceler episcopal em Spalato e depois em Zara, professor no seminário udinense de grego, hebraico e estudos bíblicos, prestou serviço na igreja dos filippini, dedicou-se à pregação e ao confessional. A polícia austríaca primeiro afastou-o de Zara pela sua defesa dos direitos da Igreja e depois expulsou-o do seminário. Opôs-se nitidamente à prevalência das atitudes antieclesiásticas merecendo ser chamado « jesuíta, filippino papista ». Além de alguns elogios fúnebres, publicou o Manuale di predicazione em 10 volumes. (Cfr. G. BIASUTTI, o.c., pp. 46-47).

coisas quando intervêm as comissões e os comissários; assim certamente pensou e disse o Dom Luigi!

Um outro episódio é quase inacreditável. Em 1839 existia ainda, depositado no hospital da cidade, um grande número de artigos e objetos destinados ao socorro dos doentes de cólera de 1836. O pai Carlo pediu uma parte, comprometendo-se a pagar o seu valor estimado em três prestações semestrais. Tratava-se de bens avaliados em 1418,62 liras. Posteriormente, como não conseguia pagar, pediu que a dívida lhe fosse perdoada. Pois bem, a questão arrastou-se por mais de quatro anos: após muitos recursos e recusas, a 24 de junho de 1843 foi convidado a pagar imediatamente sem esperar por novos adiamentos. Obviamente teve de ceder. Mas numa súplica ao vice-rei de 29 de junho de 1840, o pai Carlo fizera notar sem rodeios:

« *Deus bendito quis enviar-me uma dolorosa fonte de humilhação, e recebi-a infelizmente de onde menos podia suspeitá-lo, pois o conselho municipal contra todas as expetativas rejeitou a proposta. E digo contra todas as expetativas porque, afinal de contas, os móveis comprados a quem serviram? Serviram talvez a forasteiros? Não: serviram e servem a inocentes orfãzinhas dos nossos concidadãos, serviram e servem às filhas de pais udinenses que ficaram vítimas do cólera* ».

O terceiro problema é um pouco mais compreensível. Já mencionámos o facto de que, pouco depois da *Casa delle Derelitte*, surgiram o instituto de monsenhor Tomadini para as crianças órfãs do cólera, em 1838 o Asilo Infantil de Caridade e em 1840 a Casa de Repouso.

À *Casa delle Derelitte* foi portanto proibido, em 1839, de recolher as habituais subscrições na cidade; mas o aspeto estranho foi que foi inclusivamente excluída dos financiamentos públicos. « *São quatro anos — escrevia o pai Carlo em 1844 — desde que circunstâncias particulares não permitem à pia casa receber a constante generosidade dos benfeitores. Há quatro anos que cessou para ela a participação nos subsídios públicos extraordinários, e nem sequer obteve subscrições a seu favor, consideradas inoportunas, enquanto a caridade mais vasta se voltara para outras obras de assistência* ».

A amargura do pai Filaferro é evidente. Interessante é a estratégia a que recorreram os dois fundadores para sustentar a casa na sua difícil posição: ofereceram aos cidadãos a compra de uma estampa (litografia) da *Senhora das Dores*, baseada no desenho do conhecido artista udinense Filippo Giuseppini [(5)], ao preço de doze liras, pagáveis no prazo de um ano. Não sabemos quanto lucraram; certamente muito pouco.

Don Luigi era a alma da casa

O Pai Carlo fazia uma visita diária à casa das onze ao meio-dia; no resto do tempo permanecia na *Igreja de santa Maria Maddalena*, da qual foi nomeado Reitor em 1840.

---

[5] Udinense, (1811-1862) pintor neoclássico formado no clima de Viena e Munique. Foi autor especialmente de quadros históricos e sacros, de conceituados desenhos litográficos e teve sucesso no Friuli. No museu de Udine está a sua obra « Diluvio » (Dilúvio), na igreja matriz de Tricesimo (Udine) o retábulo de Santa Filomena. (Cfr. G. MARCHETTI, o.c., p. 758).

Dele, porém, provinham as diretrizes gerais; ele assumia a representação nos contratos e perante as autoridades; e ele aparecia como fundador e chefe da *Casa das Derelitte*, tanto que o povo, abandonando aquela denominação difícil, a chamava simplesmente « *a casa do Pai Carlo* ».

Mas a alma de tudo era o nosso Dom Luigi. Ele, porém, sendo humildíssimo, gostava de ser ignorado ou de aparecer no máximo como um pobre Sacerdote, executor das ordens do irmão.

A pedido do Pai Carlo, o inspetor escolar do *Distrito de Moggio*, Dom Filippo Micoli [6], tinha-lhe enviado a 20 de outubro de 1839 um artigo no qual resumia, partindo das origens, a história da *Casa das Derelitte*. Não sabemos se e onde foi publicado, mas gostamos de transcrever um trecho:

« *Uma obra de caridade tão útil devemo-la a dois dos nossos sacerdotes... São eles o reverendíssimo Pai Carlo Filaferro oratoriano e o seu irmão Dom Luigi Scrosoppi, aquele cabeça e este braço.* »

Quase no mesmo período falou da obra inclusive o célebre Niccolò Tommaseo [7], num escrito seu que deveria ser o extrato de um jornal. Aqui Dom Luigi nem sequer é recordado. Todo o mérito é atribuído ao Pai Carlo, que Tommaseo define como « *digno herdeiro de Neri, alma doce e franca* ». O ilustre escritor fornece-nos duas informações interessantes: as raparigas internas eram sessenta e « *as mestras* — escreve — *estão empenhadas como numa ordem religiosa livre, que invoca o nome de São Caetano* ».

Vibrante de entusiasmo é o artigo que o famoso Francesco Dall'Ongaro [8] publicou a 3 de janeiro de 1841 no periódico de *Trieste La Favilla*, no qual desempenhava as funções de diretor o muito conhecido jornalista udinense Pacifico Valussi. Não se citam nomes, mas, como é certo que foi o Dom Luigi quem vigiou a construção da casa, consideramos que se refere a ele o seguinte trecho:

« *Um pobre sacerdote vigiava o trabalho e apressava-o para a conclusão. Os muros erguiam-se dia após dia e os operários eram pontualmente recompensados pelos seus esforços. De que fontes o pobre sacerdote extraía os seus meios, todos o perguntavam; só ele o sabia: a Providência de Deus não faltará, dizia ele, a quem se propõe um ótimo fim; e a Providência era o seu tesoureiro.* »

---

6 De Muina (Udine) 1801-1857. Foi Arcipreste de Moggio Udinese, inspetor escolar distrital e Cónego do cabido de Udine.

7 Cfr. N. TOMMASEO, Della carità educatrice nelle scuole infantili di Venezia e d'altre città, Veneza 1841, pp. 21-25.

8 Nasceu em Mansuè (Treviso) em 1808. Ex-sacerdote, jornalista, combateu nas revoltas revolucionárias e, após a queda da República Romana, exilou-se. Regressou à pátria na véspera da guerra de 1859 e apoiou com os seus escritos a política saboiana. Nomeado professor de literatura dramática, ensinou em Florença e Nápoles onde morreu em 1873. Escreveu muito: de recordar os stornelli patrióticos, estudos dantescos e aqueles sobre a arte e a literatura dramática. (Cfr. Enciclopedia italiana, vol. XII, p. 242). Sobre a confiança na Providência de que fala Dall'Ongaro no seu artigo, muitos anos depois o Abade e professor Lorenzo Schiavi (nascido em Pordenone 1829, morto em Udine 1911) na recensão da biografia do Pai Scrosoppi escrita por L. Tinti aparecida em Il Cittadino Italiano, 2 de dezembro de 1896, elogiando a Casa das Derelitte, recordava que o Pai Scrosoppi lhe dizia que se tinham « disposto com dívidas (ele juntamente com o Pai Filaferro) a fazer tudo isto; e contudo São Caetano obtém-nos sempre a graça de superar ingentes dificuldades ». (Summarium, p. 390, in Positio...).

De resto, o próprio Pai Carlo confirma o papel predominante do irmão. Na conclusão do regulamento de 1840, aludindo a este, diz: « *Não mais uma só pessoa estimulará os cidadãos a esta caridade e a recolherá, como tem feito até agora.* » E numa carta de setembro de 1843 ao Abade Antonio Rosmini é ainda mais explícito; apresenta-lhe o irmão Dom Luigi, « *a cujo empenho incansável* — escreve — *deve em grande parte a Casa das Derelitte a sua existência e a manutenção de um andamento satisfatório.* »

A capela da casa

Uma pequena capela já existia na antiga habitação. Na nova casa grande, um ambiente foi logo destinado a capela, à espera de lhe construir mais tarde uma sede específica. A 17 de fevereiro de 1837 o Bispo Monsenhor Lodi concedia que ali se pudesse celebrar todos os dias, mesmo nos dias festivos, uma ou mais missas. E oito dias depois autorizava nela a instituição da *Via-Sacra*, que foi realizada pelo Guardião (Superior) do vizinho *Convento dos cappuccini*, o Pai Silvestro *da San Daniele del Friuli*.

O Dom Luigi fez daquela capela o coração pulsante da Casa. Por duas razões. Uma muito prática: o que se devia fazer quando faltava o pão ou o conduto, ou quando algum credor pressionava para ser pago e o dinheiro não existia? Nada mais do que ir à igreja rezar. Rezar a São Caetano, o santo da fé extraordinária na Providência, sob cujo patrocínio fora colocado o instituto desde o seu nascimento; rezar a São José, por quem o Dom Luigi estava profundamente enamorado e a quem considerava como o resolutor seguro de cada caso difícil; rezar a Nossa Senhora, a quem chamava e fazia chamar « *a mamã* ». Rezar: eis o grande segredo dos milagres!

Uma série de testemunhos conta-nos como ele, então e sempre, enviava as órfãs à capela para pedir ajuda nos momentos de necessidade; e como as voltava a enviar para agradecer uma vez obtida a graça — pois a graça chegava! Ia lá ele próprio, sempre que lhe era possível. E quando o Senhor parecia pô-los à prova, fazendo tardar um pouco a ajuda, subia por vezes os degraus do altar e batia à portinha do tabernáculo. Depois, quando passava diante da capela, nunca se esquecia de fazer uma profunda genuflexão fora da porta para saudar Jesus.

Mas a capela era sobretudo o lugar onde se dava àquelas « *animucce* » (ou seja: alminhas ou meninas) uma sólida formação e têmpera cristã.

O conhecimento da alma feminina e das suas inclinações não o tornava de modo algum alheio nem à quantidade nem à variedade de práticas de devoção. Era solícito, aliás, em sugerir e fazer realizar esses pequenos gestos e « *fioretti* » (sacrifícios espirituais), que são tão adequados para suscitar um movimento de amor para com Deus, para fixar a mutável imaginação sobre um pensamento de fé, para exercitar esta ou aquela virtude. E era um mestre no uso das breves jaculatórias (*giaculatorie*), assim como inspirava um vivo desejo de obter todas as possíveis indulgências, especialmente em sufrágio das almas do Purgatório.

Todavia, a sua educação para a piedade e para a virtude fundava-se em poucos pontos fundamentais: a presença de Deus, a consciência de que somos seus servidores, a vontade de fazer tudo para sua glória.

Eis um papelinho autógrafo seu, que deve ter sido o código espiritual da casa naqueles primeiros tempos:

« *Ao levantar-se pensar-se-á que Deus está presente, que aquele dia pode ser o último da nossa vida... Senhor, tudo o que fizer neste dia pretendo fazê-lo para vossa glória, pois vós sois o meu Dono e eu um vosso servo. Propósitos de servir bem a Deus, pedir-lhe a graça. Repetir frequentemente durante o dia: Senhor, eu sou vosso servidor. Tudo por isso quero fazer para vossa glória, ó Senhor. Para vossa glória, ó Senhor, pretendo realizar esta ação. Deus vê-me* ».

Um código simplicíssimo: nada mais do que os primeiros conceitos do catecismo, mas assimilados até se tornarem a base de uma precisa harmonia interior. A própria repetição dos mesmos conceitos sublinha fortemente quais diretrizes eram as mais queridas ao Dom Luigi: duas vezes recorda-se nela a presença de Deus, duas vezes o dever de o servir, três vezes a necessidade de fazer cada coisa para sua glória.

Uma querida devoção

Às vezes, certas descrições aparentemente secundárias revelam, melhor do que qualquer outra coisa, a autêntica tensão espiritual de uma alma.

Eis uma relativa ao Dom Luigi.

A casa tinha sido aberta há pouquíssimo tempo quando nela entrou também a morte. A primeira pequena falecida foi Maria Duri, falecida com apenas sete anos a 6 de novembro de 1837. Outras sete meninas seguiram-na para o céu nos cinco anos seguintes, até maio de 1842.

Agora aquelas jovens eram suas filhas. A elas, enquanto estavam vivas, o Dom Luigi dedicava todos os seus cuidados; por elas, uma vez falecidas, queria oferecer todas as suas orações. Por este motivo, precisamente naquele mês de maio, enviou uma súplica ao Papa para obter a concessão especial do Altar Privilegiado seis vezes por semana. Seis vezes: isto é, todos os dias exceto ao domingo. Na Sagrada Congregação das Indulgências consideraram que o pedido era excessivo; portanto, a 31 de maio, foi-lhe concedido o indulto por toda a duração da sua vida, mas limitado a quatro dias por semana.

Não havia apenas as orfãzinhas por quem oferecer orações de sufrágio: almas muitas vezes totalmente inocentes, de rápido voo para o Paraíso. Havia porém o dever de gratidão para com os benfeitores, e uma dívida de piedade para com a mãe inesquecível, os parentes e os amigos. Além disso, o seu coração, inteiramente voltado para a caridade na terra, desejava exercer a caridade também além dos confins deste mundo. A intenção do Dom Luigi de celebrar todas as suas missas em sufrágio leva-nos a considerar que as rezava — como se diz habitualmente — « *pelo missal* », ou seja: unicamente por própria devoção, sem receber a oferta em dinheiro (o equivalente à esmola que habitualmente acompanha a celebração). Não raras vezes tal oferta ter-lhe-á sido entregue, e ele destinou-a sempre à beneficência. Ele sentia-se Oratoriano (*filippino*) na alma, e era uma característica dos seguidores de São Filipe Néri exercer o ministério sacerdotal de modo totalmente desinteressado.

A devoção pelas almas do Purgatório continuará a ser um traço distintivo da sua piedade. Irmã Brígida Dorigo, entrada na congregação em 1869, fornecerá um agradável testemunho disso:

« *Invejei* — disse ela — *a sorte das que morreram antes dele, pelas grandes orações de sufrágio que recebiam dele: missas, Via-Sacra, terços, penitências, além do que ordenava fazer em comunidade.* »

Todos juntos nos caminhos do Senhor nesta vida; todos juntos na casa do Senhor na vida eterna: eis o programa simplicíssimo que o Dom Luigi se esforçava por realizar de todos os modos.

Trigo prodigioso?

Viu-se como desde 1839 fora proibido recolher ofertas na cidade para a *Casa das Derelitte*, e como o Pai Carlo e o Dom Luigi, em 1844, tinham contornado o obstáculo começando a vender uma estampa (litografia) da *Senhora das Dores* para sustentar a casa, que se encontrava em graves dificuldades.

Se os dois santos Sacerdotes tinham muitas razões para perder a fé nos homens, tiveram mais uma para se abandonarem com acrescida confiança no Senhor. E a Providência interveio, por vezes de modos que pareceram prodigiosos.

Encontrava-se na casa uma certa Caterina Cortelazzis, que fora freira dominicana até ao encerramento das ordens imposto por Napoleão (ou seja: a supressão napoleónica), com o nome de Irmã Giovanna. Tinha entrado entre as raparigas abandonadas em 1840, aos sessenta e dois anos de idade, feliz por dedicar a fase final da sua existência ao serviço das órfãs. Morreu a 7 de dezembro de 1850 e foi celebrar no céu a festa da Imaculada Conceição. O episódio que a envolveu deve ter acontecido nesses anos críticos entre 1841 e 1843; em todo o caso, quando ainda estava em condições físicas suficientemente fortes para poder deslocar sacos de trigo.

Um dia, portanto, a Irmã Giovanna « *foi ao celeiro para buscar o trigo e entregá-lo ao moleiro, mas já não havia mais. A Irmã Giovanna correu para o Pai Luigi para lhe dizer que o trigo tinha acabado. O Pai disse: Vai ao celeiro e enche os sacos. E a irmã respondeu: Pai, não há mais. E ele replicou-lhe: Vai ver e encontrá-lo-ás. A irmã obedeceu e foi lá. Abrindo a porta, para sua grande maravilha, viu uma grande quantidade de trigo. Encheu os sacos e ainda sobrou muito* » [9].

O « *pobre padre* », a respeito do qual Dall'Ongaro escrevera que a Providência era o seu tesoureiro, poderia ter acrescentado que ela guardava também a chave do celeiro. E talvez tenha repetido à estupefaça Irmã Giovanna, citando o frei Galdino de Manzoni da história das nozes: « *Lá está a divina Providência.* »

[9] Cfr. fascículo 28, doc. 5, p. 31 (A.L.S.)

Capítulo 4

ALVORADA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE *SAN GAETANO* OU DA *PROVVIDENZA* (1837-1848)

Através de um escrito do Pai Carlo de 3 de janeiro de 1835 viemos a saber que na casa residiam então « *duas ou três mestras e duas colaboradoras domésticas* ».

Duas das mestras eram certamente a já citada Margherita Gaspardis e Teresa Fabris de Udine, que possuía uma casa nas proximidades della *rua Treppo*. A terceira devia ser Lucia De Giorgio, também udinense do *bairro de santa Lucia*, mas de família originária de *Plasencis*: esta tinha apenas dezesseis anos e por isso, pelo menos pela idade, podia-se considerá-la apenas uma meia mestra.

Ao longo de 1836, enquanto o edifício se encaminhava para a conclusão, os dois fundadores pensaram em recrutar outras boas jovens a quem confiar as futuras acolhidas da estrutura.

O Senhor não escolheu nem sequer um apóstolo entre a chamada « *gente de bem* ». Nem um entre os estudiosos da lei (ou seja: os escribas) e os religiosos observantes (ou seja: os fariseus), nem um entre as pessoas cultas e de alta posição. Eram todos pescadores e camponeses; um era inclusive cobrador de impostos (ou seja: um publicano).

Da mesma forma, os dois irmãos não procuraram as suas colaboradoras entre as meninas da aristocracia ou da burguesia, mas entre as humildes filhas do povo: preferiram as jovens trabalhadoras — costureiras, modistas, bordadeiras — para fazer delas mestras de corte e costura, ou as camponesas para os trabalhos mais pesados. A tal escolha foram impelidos sem dúvida por um critério prático: eram essas as pessoas necessárias. Mas havia também um motivo mais profundo: é muito mais fácil encontrar entre a gente pobre os dois tesouros inestimáveis do espírito de humildade e do espírito de sacrifício.

No final do ano o grupo das mestras devia estar já formado; tanto é verdade que a 30 de dezembro de 1836 a Gaspardis doou o seu próprio crédito para com a casa como dote para a nova comunidade, definida pelo Tommaseo como uma « *ordem livre colocada sob a proteção de São Caetano* ».

O 1 de fevereiro de 1837

O padre Scrosoppi nos deixou, em um arquivo escrito de próprio punho, cinco listas precisas das Irmãs da Providência, desde o nascimento delas até quase sua morte: as das aspirantes, das noviças, das admitidas ao hábito, das professas e das falecidas..

Ele é extremamente preciso ao fixar o 1 de fevereiro de 1837 (o início do caminho comunitário) como data de estreia da nova comunidade: e a partir desse dia faz iniciar o período de prova e o noviciado das primeiras religiosas.

Foram nove, como os nove coros dos anjos.

Eis os seus nomes, segundo a ordem cronológica de adesão: Margherita Gaspardis, Teresa Fabris, Lucia De Giorgio, Orsola Baldasso, Felicita Calligaris, Rosa Molinis, Caterina Bros e as duas irmãs Cristina e Amalia Borghese. Destas, sete eram mestras e duas estavam encarregadas dos serviços domésticos, ou seja, a Baldasso — aquela que guiava o burrico — e a Bros.

Consideramos que tenha sido celebrada uma qualquer cerimónia religiosa, quase para colocar um selo sagrado sobre aquele grupo de almas generosas; talvez uma promessa de dedicação à glória de Deus e ao bem das órfãs, juntamente com a dócil obediência ao Diretor da casa. Todavia não sabemos nada de certo.

Duas coisas apenas são seguras.

Ou seja, que as nove fundadoras renunciaram às joias de ouro que usavam para abraçar a simplicidade, definida como « *lisura* » no regulamento. Nos primeiros tempos as correntinhas foram apenas deixadas em penhor no monte de piedade (*monte di pietà*), pois alguma poderia ter decidido retirar-se do Instituto. Mais tarde, foram vendidos: por exemplo, o de Gaspardis foi vendido por 60 liras e o de Fabris por 42,18 liras.

Outro detalhe é que, desde o início, adotou-se um modelo de vestido, às vezes chamado de "*marrom*", outras vezes de "*cor de café escuro*", como já mencionamos.

A do « *cospettina* »

Entre as primeiras nove esteve pois também a Irmã Cristina Borghese [(1)], destinada a tornar-se uma coluna da congregação. Ela foi depois superiora, de 1858 a 1890, das irmãs empenhadas no hospital de *Portogruaro*: ali conheceu-a Tinti, que nos deixou dela um testemunho cheio de admiração.

A Irmã Cristina amava enriquecer os seus discursos com um bordão sorridente: « *cospettina* » aqui e « *cospettina* » ali.

Eis como ela própria nos transmitiu o relato da sua entrada na comunidade naquele 1 de fevereiro de 1837; uma narração que fazia em idade avançada às irmãs mais jovens.

[1] Borghese Cristina (1805-1891) e Borghese Amalia (1809-1855) irmãs udinenses, pertenceram ao grupo das primeiras nove jovens. A primeira vestiu o hábito e professou os votos no Natal de 1845 e assumiu o nome de Irmã Cristina do Crucifixo, morreu em Udine; a segunda, provavelmente regressada à família por motivos de assistência, vestiu o hábito a 25 de dezembro de 1848, professou a 11 de abril de 1852 e tornou-se Irmã Gioseffa de Jesus Crucificado. Morreu em Udine a 31 de julho de 1855. Para notas sobre a Irmã Cristina veja-se Cenni biografici della vita edificante delle nostre amate Consorelle, manuscrito, volume I, pp. 216-276 (A.L.S.).

Ela e a irmã subiam da sua habitação na *rua Aquileia* em direção à *Casa das Derelitte*, ambas carregadas com as suas poucas coisas. Ao longo do trajeto tiveram entre si um breve diálogo que a Madre Cristina, já idosa, sentia prazer em contar.

« *Que te parece* — dizia à irmã — *que te parece, querida Amalia, do género de vida que escolhemos voluntariamente abraçar?* »

E Amalia, toda amuada, respondia:

« *Pelo amor de Deus, que vida é a nossa! Viver todo o dia com esses diabinhos de raparigas parece-me impossível. Oh, eu receio que não poderei resistir* ».

« *E não nos disse no primeiro dia a mestra Margherita* — repetia Cristina — *que ali dentro é um verdadeiro lugar de sofrimento (ou seja: um purgatório)? Não queríamos acreditá-lo, mas verdadeiramente também eu receio não resistir um ano inteiro* ».

E a boa Madre Cristina concluía o seu relato dizendo:

« *Verdadeiramente, tínhamos acabado de terminar essas lamentações quando nos chega pelas costas o Pai Carlo, que nos seguia sem o sabermos. Cospettina* — era o bordão da Madre Borghese — , *cospettina, que surpresa foi essa para nós. Mal nos alcançou, saudou-nos e depois dirigiu-nos estas precisas palavras:*

Ó irmãs, vamos ao Calvário! » (ou seja: em direção a um caminho de sacrifício e sofrimento).

« *Eu creio* — continuava a Madre Cristina — *que o bom Deus, usando de misericórdia para conosco, colocou nos lábios do excelente Pai aquelas santas palavras, pois chegaram-nos diretamente ao coração; e a partir desse momento a nossa decisão de seguir Jesus ao Calvário, permanecendo no instituto, foi tomada com alegria e sem outros arrependimentos* ».

Na realidade a Madre Cristina foi constante, porque permaneceu sempre na congregação até à sua santa morte, ocorrida a 5 de setembro de 1891. Que importância e significado atribuísse ela, e com ela as primeiras irmãs, ao 1 de fevereiro de 1837, é demonstrado claramente pelo facto de a 1 de fevereiro de 1887 ter sido celebrado o cinquentenário da sua vida religiosa. E Tinti conta que ela conservava ainda com cuidado o seu primeiro hábito religioso de meio século antes. A irmã Amalia, pelo contrário, ou por razões familiares ou por motivos de saúde, saiu durante alguns anos da congregação, pois receberá a vesticão apenas em 1848 e a profissão em 1852, morrendo com quase quarenta e seis anos, por causa do cólera, a 31 de julho de 1855.

Negociações com as Canossianas

Quando a construção da casa apenas tinha começado, o Pai Carlo tivera encontros com a Beata Maddalena Gabriella, marquesa de *Canossa* [(2)], fundadora das *Filhas da*

[2] Veronesa (1774-1835), longínqua descendente da condessa Matilde de Canossa que no século XI esteve no centro da luta entre papado e império. Em 1801 iniciou o seu incansável e luminoso apostolado entre as raparigas pobres e abandonadas em perigo e, com este objetivo, fundou as Filhas da Caridade. Foi declarada beata em 1941. (Cfr. Bibliotheca Sanctorum, Roma 1963, vol. III, pp. 751-753).

Caridade em *Verona*; ela tinha-lhe prometido assumir a gestão da obra, assegurando inclusive que viria pessoalmente a Udine para a inaugurar. Todavia, a Beata morreu a 10 de abril de 1835 e por esse momento qualquer iniciativa ficou suspensa.

Posteriormente, em redor dos dois irmãos tinha-se reunido aquele pequeno grupo de devotas jovens. Não se podia certamente duvidar da sua generosidade, mas como esperar poder constituir uma comunidade religiosa com elementos tão diferentes em idade? Em 1837 a mais idosa, a Gaspardis, tinha cinquenta e um anos e a mais jovem, a De Giorgio, não tinha ainda completado os dezoito. Eram certamente todas mulheres excelentes mas — por assim dizer — desprovidas de formação. Em comum tinham apenas uma certa habilidade nos trabalhos domésticos e um grande desejo de fazer o bem.

Sobretudo o Pai Carlo devia nutrir exigências mais elevadas. E o Dom Luigi, que naquele tempo tinha apenas trinta e três anos, aderiu certamente por um certo período aos critérios do irmão. Devemos admirar a prudência e o espírito de sacrifício dos dois fundadores, os quais se dirigiam a congregações já existentes com tal de garantir o funcionamento e a duração da sua iniciativa de caridade.

Existia em *San Vito al Tagliamento* desde os inícios de setecentos — e existe ainda — um mosteiro de irmãs da Visitação, do qual era então Superiora a Madre Marianna Teresa, filha do conde Domenico Cossali de *Verona* e de Teresa dos condes Ridolfi. O Pai Carlo estava ligado àquele mosteiro pela comum devoção a São Francisco de Sales e certamente ali tinha pregado e exercido a sua conhecida capacidade na orientação espiritual, pois dele está escrito que « *frequentemente era enviado junto de monjas ou religiosas, tanto da nossa diocese udinense como de outras, como confessor extraordinário* ».

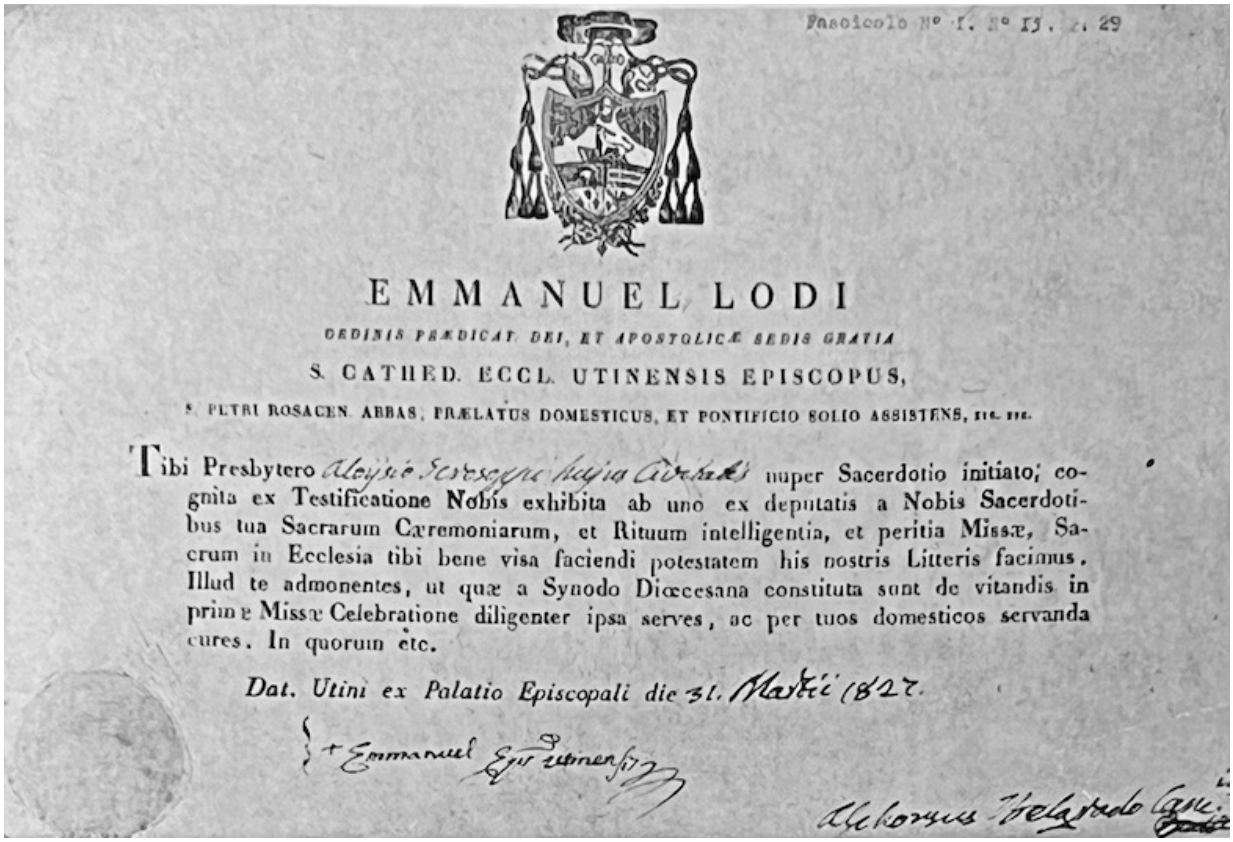
Através de uma carta enviada pela Irmã Cossali a 11 de outubro de 1836, sabemos que o Pai Carlo estava então a negociar com duas congregações. De uma não conhecemos o nome; ela porém devia ter avançado exigências excessivas e, por outro lado, não correspondia aos fins que Filaferro se propunha. « *Não me surpreende nada* — escrevia-lhe a Cossali — *que as informações recebidas não o tenham satisfeito, pois eu própria não as considerava adequadas às suas ideias. Se as fundações devem ser tão fáceis nos seus princípios, poucas certamente serão realizadas. As de Santa Teresa foram muito diferentes, e igualmente as nossas* ».

O instituto de tais irmãs, acrescentava a Cossali, era « *dedicado internamente à educação não só cuidada mas completa de raparigas de boa família e aristocráticas... As educadoras são religiosas com votos solenes e sujeitas a clausura* ».

Não havia nada a fazer, portanto, nessa direção.

O Pai Carlo tinha retomado simultaneamente as negociações com a Madre Angela Bragato, Superiora das *Filhas da Caridade*, que sucedera à beata Maddalena *di Canossa*. A Bragato tinha-lhe escrito a 2 de outubro de 1836, submetendo-lhe nove condições. Mais uma vez interveio a Madre Cossali, ajudada pelo Sacerdote veronês Zamboni, na esperança de obter alguma concessione. Todavia, a tentativa não resultou. Talvez porque, como escrevera a Bragato, « *são tão numerosas as negociações e as ofertas de novas fundações, que não sei como fazer face a todas* ». Na sua carta, a Madre Bragato alude ao facto de o próprio Pai Carlo se ter deslocado a *Verona* e, não a tendo encontrado, ter

deixado um escrito no qual pedia informações sobre a congregação das *Filhas da Caridade* em nome de um « *zelosíssimo sacerdote* », ou seja, o Dom Scrosoppi, e de outras « *devotíssimas pessoas* », isto é: os protetores e as protetoras da casa.



Fascicolo N° I. N° 13. 29

EMMANUEL LODI

DEI NIS PRÆDICAT. DEI, ET APOSTOLICÆ SEDIS GRATIA

S. CATHED. ECCL. UTINENSIS EPISCOPUS,

S. PETRI ROSACEN. ABBAS, PRÆLATUS DOMESTICUS, ET PONTIFICIO SOLIO ASSISTENS, etc. etc.

Tibi Presbytero Aloysio Scrosoppi Regia Auctoritate nuper Sacerdotio initiato, cognita ex Testificatione Nobis exhibita ab uno ex deputatis a Nobis Sacerdotibus tua Sacrarum Cæremoniarum, et Rituum intelligentia, et peritia Missæ, Sacrum in Ecclesia tibi bene visa faciendi potestatem his nostris Litteris facimus. Illud te admonentes, ut quæ a Synodo Diœcesana constituta sunt de vitandis in primæ Missæ Celebratione diligenter ipsa serves, ac per tuos domesticos servanda cures. In quorum etc.

Dat. Utini ex Palatio Episcopali die 31. Martii 1827.

† Emmanuel Epus Utinensis

Atestado de promoção ao sacerdócio do diácono Luigi



Catedral de Udine: Luigi recebeu aqui a Ordem Sagrada das mãos do Bispo Emmanuele Lodi

O Dom Luigi também visitou alguns conventos das Canossianas e ficou admirado pelo espírito que neles reinava, especialmente no que diz respeito à pobreza. Ele permaneceu sempre muito ligado às *Filhas da Caridade*. Cerca de vinte anos depois enviou duas irmãs junto das Canossianas para aprenderem a arte de educar as pessoas surdas (ou seja: os surdos-mudos); e quando as casas da congregação aumentaram e as suas religiosas foram obrigadas a viajar, quis que parassem nos conventos canossianos para aprenderem com o seu exemplo — dizia — o modo perfeito de vivenciar a pobreza.

Uma nova superiora

Fracassadas aquelas tentativas, os dois irmãos resignaram-se a abrir a casa e a prosseguir com o seu pequeno grupo de mestras, do qual foi Superiora, desde 1 de fevereiro de 1837, Margherita Gaspardis.

A vida da pequena comunidade continuou serenamente durante quatro anos, regulada pelo regulamento apresentado à Imperatriz em 1838. Além disso, naqueles anos não se nota qualquer vontade de expansão ou procura de novas seguidoras, pois às primeiras nove uniram-se apenas outras três aspirantes, como colaboradoras ou terciárias, todas as três no período compreendido entre junho de 1837 e março de 1838.

Todavia, advertia-se claramente a necessidade de dar à comunidade uma estrutura melhor e uma formação mais profunda. Era portanto oportuno que assumisse a sua direção alguém que já tivesse experiência da vida religiosa.

A 17 de outubro de 1824 tinha entrado no vizinho *convento das Dimesse nobili* a condessa *Giulia di Colloredo*, que tinha tomado o nome de Irmã Giovanna Francesca. Perto do fim de 1840 ou nos inícios de 1841, ela manifestou o desejo de se transferir para a *Casa das Derelitte*. Talvez o Pai Carlo tivesse posto os olhos nela e terá sido secundado pelo seu amigo Dom Ongaro de *Gemona*[3], que era o confessor das *Dimesse*: é possível que aí tenha exercido também a sua influência o comissário governamental da *Casa das Derelitte*, o conde Fabio Colloredo [4].

A passagem não ocorreu sem fortes contrastes, tanto por parte da Superiora das *Dimesse*, a nobre Irmã Regina Rinoldi, como por parte do próprio Bispo Monsenhor Lodi. Finalmente as dificuldades foram superadas e a Irmã Giovanna Colloredo entrou entre as jovens do instituto a 27 de outubro de 1841.

A nova Superiora estava assim pronta, e Margherita Gaspardis apressou-se a apresentar, com admirável simplicidade, a sua demissão.

---

[3] Nativo de Gemona del Friuli (1778-1857), foi professor em Udine no colégio Toppo (fundado originalmente pelo conde Francesco di Toppo para ajudar os jovens estudantes pobres), confessor das irmãs Dimesse de 1832 a 1855, quando, já idoso e doente, se retirou para a sua Gemona natal.

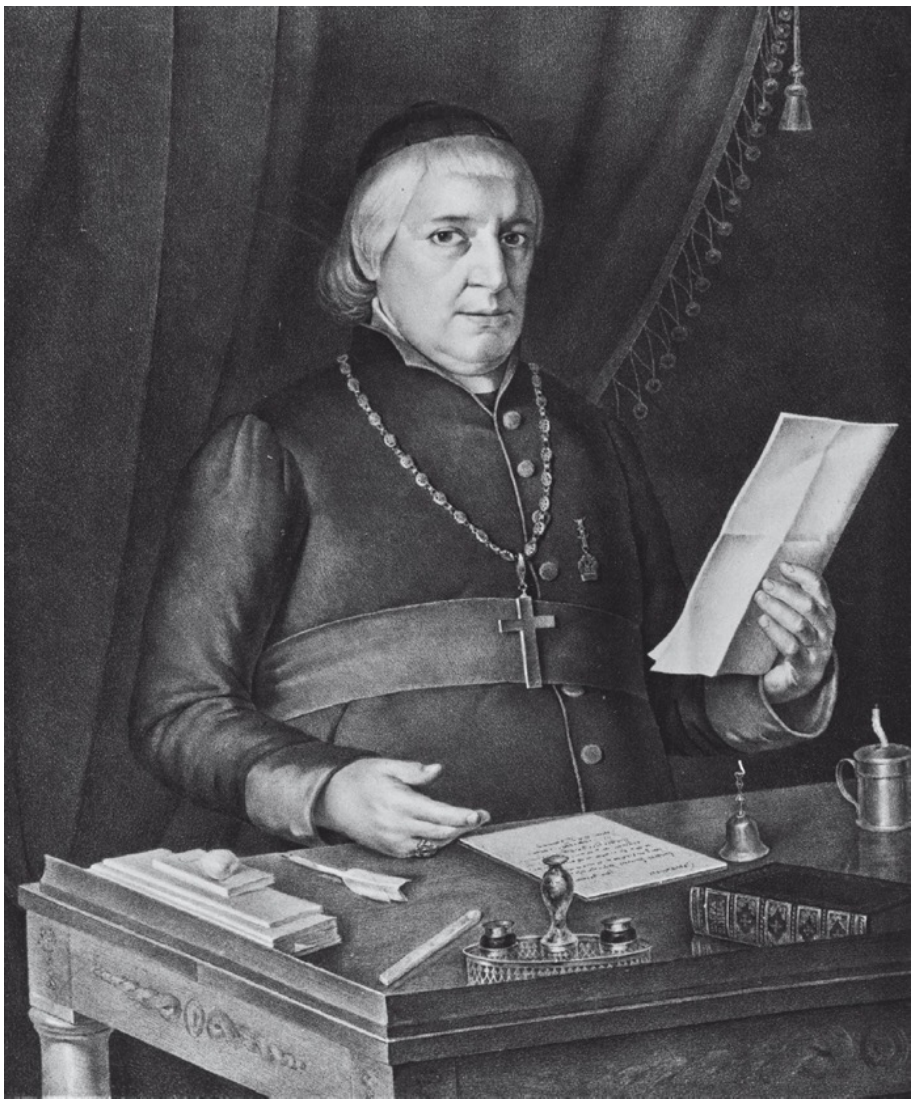
[4] A hipótese de que o conde Fabio Colloredo tenha influído na passagem da Irmã Giovanna Francesca Colloredo das irmãs Dimesse para a Casa das Derelitte é provável: a freira descendia da mesma família do conde, isto é, de uma linha secundária do ramo de Bernardo (irmão de Vicardo, de onde provinha o conde Fabio). Tinha nascido em Udine em janeiro de 1803, filha de Filippo Angelo (1776-1853), contemporâneo do seu parente Fabio, e de Laura condessa Belgrado; morreu em Portogruaro a 4 de outubro de 1871 enquanto assistia os doentes de varíola. (Genealogias, Fondo Joppi, Biblioteca Municipal de Udine).

Monsenhor Lodi escrevia porém, a 10 de dezembro de 1841, esta bela carta ao Pai Filaferro:

« *A renúncia ao cargo de superiora da mestra senhora Margherita Gaspardis, se acrescenta um novo mérito àquele zelo incansável e de exemplo com que desempenhou a tarefa desde a fundação deste louvável instituto até hoje, impõe porém a mim o dever de avaliar com atenção a cessação do grau de superiora de uma pessoa tão digna de louvor, e de procurar atentamente quem possa substituí-la dignamente.*

E é por um objetivo tão delicado e importante que eu considero oportuno que se adie pelo menos até à primeira semana da Quaresma de 1842 a nomeação formal da nova superiora, a ser eleita e instituída segundo o regulamento do instituto, invocando entretanto a orientação especial do Espírito Santo para não errar na escolha. »

Este documento é precioso para louvar a Gaspardis, mas nele parece-nos vislumbrar uma certa hesitação por parte do Bispo, e talvez não apenas sua, na escolha da nova Superiora.



Bispo Emmanuele Lodi (1770-145), bispo de Udine de 1819 a 1845.
Autor do retrato: Giuseppe Malignani (Fototeca dos Museus Cívicos de Udine).

A vontade do Bispo foi plenamente respeitada. De facto, a eleição realizou-se a 18 de março de 1842, véspera de São José e — naquele ano — dois dias antes do Domingo de Ramos. Resultou eleita por unanimidade a Colloredo, e Monsenhor Lodi confirmou a sua nomeação no próprio dia. Na terça-feira depois da *Dominica in Albis* (ou seja: o primeiro domingo depois da Páscoa), 5 de abril de 1842, o Pai Carlo propôs que a Gaspardis fosse declarada « *anciã vitalícia* » e a proposta foi acolhida por unanimidade. Procedeu-se depois à eleição das quatro anciãs conselheiras para o triénio seguinte, e entre elas Cristina Borghese (1) foi nomeada assistente ou vice-superior.

Tudo parecia resolvido; todavia, no decurso de 1842 e 1843 surgiram dificuldades. Talvez não tenha ajudado, mas representado antes um fator negativo, a própria diferença de classe social e de formação da nova Superiora. É certo, de facto, que os dois irmãos decidiram retomar as negociações com uma ordem religiosa já consolidada.

Irmãs humildes e operosas

Neste ponto insere-se um episódio de vocação tanto quanto possível oportuno e doce. É oportuno para interromper a narração austera das complicadas fadigas ligadas à organização interna da casa. É feliz porque, a nosso ver, nos permite compreender concretamente que tipo de homem era o Dom Luigi e qual era a sua visão da vida religiosa.

Tinham decorrido apenas duas semanas desde a eleição da Colloredo quando o Dom Luigi faz entrar na congregação uma pobre rapariga de cerca de vinte e dois anos, filha de incógnitos. Chamou-a enquanto descia da *rua Ronchi* para se dirigir à exploração agrícola da casa.

Tinti conta:

« *Maravilhoso foi o modo como o Senhor atraiu para o instituto a jovem Giovanna Maria na qualidade de irmã encarregada dos trabalhos manuais. O Pai Luigi, passando um dia por uma rua e encontrando esta rapariga que, sentada à porta de casa, estava ocupada a cardar a lã, sem mais rodeios diz-lhe:*

Boa jovem, se tu quisesses prestar o teu trabalho na Casa das Derelitte não te faltaria o trabalho; vem pois e não te arrependerás.

Ao súbito convite, Giovanna responde que lhe é impossível pôr os pés no instituto, aludindo às próprias origens, mas como o Pai Luigi insistia para que não hesitasse, ela cedeu por puro respeito para com o estimável Sacerdote. Aceitou apenas por poucos dias, com o objetivo de trabalhar gratuitamente em benefício das orfãzinhas, mas com a firme intenção de voltar pouco depois à vida civil.

Aqueles poucos dias, por uma extraordinária disposição divina, transformaram-se em quarenta longos anos de uma conduta religiosa exemplar, vivida na comunidade com a admiração de todos, até que em janeiro de 1885 Giovanna Maria subiu para receber do celeste Esposo o prémio de tantas das suas virtudes. »

A Maria entrou como aspirante a 3 de abril de 1842. Provavelmente o Dom Luigi convidou-a porque a estação da criação dos bichos-da-seda estava próxima e eram

precisos braços; talvez lhe tenha imposto depois o nome de Irmã Giovanna Maria de *Santo Isidoro* precisamente porque ficou encarregada dos trabalhos agrícolas. Em todo o caso, desde aquele dia a Superiora condessa Giovanna, de ilustres origens, estava bem equilibrada em casa pela Irmã Giovanna, de humildes origens e encarregada dos serviços materiais.

Naquele tempo convidar uma pessoa nascida fora do casamento para fazer parte de uma congregação religiosa era um gesto de caridade corajoso. O Dom Scrosoppi fê-lo porque possuía a intuição dos corações. Aquela pobre filha conheceu assim o calor incomparável de uma família santa e pôde servir com alegria o Pai Celeste.

O episódio tem um significado mais profundo.

Foi sem dúvida o Pai Carlo quem chamou as mestras; o Dom Luigi reservou para si a alegria de chamar as irmãs humildes, as incansáveis trabalhadoras da casa. Ele pensava que todos devem e podem servir o bom Deus e que as pessoas simples muitas vezes conseguem melhor. Para servir os pobres, aliás, quem é mais indicado do que os próprios pobres? Recordais como tinha chamado aquela querida e simples mulher que era a Irmã Orsola? Agora é a vez da pobre Irmã Giovanna.

E não foram as únicas. A 12 de junho de 1837 tinha chegado de *Raveo*, na *Carnia*, uma certa Giovanna Ariis, que morreu como irmã leiga — ou seja: terciária — em 1849 [(5)].

A 15 de março de 1838 tinha entrado na congregação uma outra mulher da *Carnia*, Maria Maddalena Morassi [(6)] de *Zovello*, que se tornou a vivaz e jubilosa alma da casa. Tinti traça dela este agradável perfil:

« *Deixou uma recordação gratíssima de si no instituto. Incansável nas fadigas, sentia-se toda inflamada de amor divino e entregava-se a cânticos sagrados em cada ocasião. Embora o Pai Luigi lhe tivesse imposto a proibição, ela, com a sua simplicidade e confiança, continuava a cantar diante da porta do Pai; ele corrigia-a e impunha-lhe penitências humilhando-a adequadamente, enquanto ela, feliz por amor de Jesus, aceitava com alegria cada prova.* »

Imaginais aquela mulher da *Carnia* enquanto caminha cantando pela casa como se estivesse nos seus montes natais? Esperemos que tivesse uma bela voz!

« *Ó, pára com isso, Maddalena, já te disse tantas vezes. Por penitência irás para a capela rezar de joelhos no chão durante meia hora.* »

« *Sim, Pai, imediatamente.* »

E se calhar recomeçava a cantar também ali. Morreu de tuberculose linfonodal, que naquele tempo era muito difundida, a 29 de setembro de 1852 com apenas quarenta e três anos.

---

[5] Para a categoria das « terciárias » veja-se parte III, cap. 4, parágrafo "As emendas romanas". Atualmente não existe divisão alguma.

[6] Irmã Maria Maddalena, irmã encarregada dos trabalhos manuais (conversa), nascida a 18 de janeiro de 1808, entrou na congregação a 15 de março de 1838, recebeu o hábito e professou os votos a 25 de dezembro de 1845, morreu em Udine a 29 de setembro de 1852.

Uma outra jovem chegou de *Buia* a 2 de junho de 1844, impelida provavelmente pelo exemplo da Irmã Orsola. Chamava-se Domenica Batigello e recebeu o hábito a 25 de dezembro de 1845, mas posteriormente o Fundador quis que ficasse uma simples irmã leiga — ou seja: terciária —, para que pudesse dedicar-se à recolha de esmolas para as orfãzinhas. O seu irmão Angelo não tinha meios para lhe pagar o dote de entrada no convento. O que fez então? Vendeu um boi e entregou ao Pai as oitenta liras que tinha obtido. Como são generosos os pobres honestos! Da Irmã Domenica os *Cenni biografici* [7] escrevem assim:

« *As colheitas eram escassas e, tendo de sustentar tantas orfãzinhas gratuitamente e por amor, como se costuma dizer, acontecia frequentemente que as pobres irmãs, para não deixarem faltar nada às raparigas, tivessem de reduzir o seu próprio sustento, já de si pobre e grosseiro. Então a refeição das irmãs consistia habitualmente em sopa de cevada, papas de farinha, polenta, poucos acompanhamentos e pouco pão. Às vezes até o pão era recolhido por Domenica Batigello, pessoa devota e caridosa considerada pelo Pai Luigi como a providência visível, porque percorrendo frequentemente as casas senhoriais, pedia o que era mais necessário para as órfãs, além de algum oportuno conforto para as doentes.* »

A Irmã Domenica morreu aos 68 anos a 11 de abril de 1881. O Fundador, no próprio dia, dava notícia às várias casas com estas palavras:

« *Venho do leito da boa irmã Maria Domenica, que precisamente agora foi chamada para Si pelo Senhor. Suportou o mal com uma paciência exemplar, teve uma morte tão quieta e tranquila, verdadeiramente invejável. Foi sempre admirável nas práticas de piedade e de devoção, incansável nos seus deveres e tão zelosa pelo bem da congregação. O Senhor torne-a participante da sua felicidade. A nós compete porém oferecer-lhe as orações de sufrágio previstas pelas santas regras.* »

A partir destes humildes fragmentos de vidas modestas podiam alguma vez formar-se verdadeiras religiosas? O Dom Luigi estava convencido que sim. Todavia não se opôs ao irmão Pai Carlo quando este se dirigiu ao célebre filósofo de *Rovereto* e piíssimo Sacerdote, o Abade Antonio Rosmini, para que enviasse a Udine algumas das *Irmãs da Providência* organizadas por ele no *Reino da Sardenha*.

Negociações com o Abade Antonio Rosmini

O Pai Carlo teve um primeiro colóquio com o Abade Rosmini em *Benaglio* em setembro de 1843. Uma vez regressado a Udine, pediu e obteve a autorização do Bispo, o qual « *se demonstrou totalmente convencido* », como escreveu Filaferro a Rosmini, embora solicitando informações mais detalhadas sobre aquelas Irmãs.

---

[7] Os "Cenni biografici della vita edificante delle nostre amate Consorelle", manuscritos, são dois volumes reproduzidos em várias cópias (poligrafados) de 390 e 442 páginas, anónimos, mas a autora é a irmã Maria Gonzaga di Rosa Mistica (1878-1951), de nome secular Rosa Maria Fabrizio de Oderzo (Treviso). Embora o seu objetivo fosse contribuir para a santificação das irmãs presentes e futuras, o exame crítico permite afirmar que a autora está atenta à exatidão cronológica e, em geral, é fidedigna, pois baseou-se em testemunhos diretos e dirigia-se a leitoras (as freiras), muitas das quais podiam confirmar ou desmentir o que escrevia.

Para esse fim Dom Luigi dirigiu-se imediatamente a *Stresa*, acompanhado na viagem por Dom Andrea Casasola, na época professor no seminário de Udine e posteriormente Bispo de *Concordia* e Arcebispo da cidade friulana.



Retrato do filósofo Abade Antonio Rosmini com quem o Pai Carlo e os irmãos Scrosoppi tiveram frequentes contatos.

As negociações para obter a colaboração das irmãs rosminianas prolongaram-se por mais de três anos; seria longo e supérfluo percorrer aqui cada passagem difícil desse período. Relatamos apenas os traços essenciais.

A 18 de dezembro de 1843 — logo após o regresso do Dom Scrosoppi de *Stresa* — o Pai Carlo escreveu ao Monsenhor Bragato, o prelado de corte a quem se confiava como intermediário, para que apoiasse o pedido junto da Imperatriz Maria Ana (Ana Maria Carolina). À carta acrescentou esta interessante nota final:

« *Oh, se fosse possível, visto que a Casa das Derelitte de Udine é uma instituição totalmente privada, livre por graça soberana do controlo da autoridade administrativa, obter estas boas religiosas sem a interferência sempre longa e complicada dessas repartições burocráticas! O senhor, Monsenhor, compreende bem a situação. Peço-lhe que me desculpe!* »

Naturalmente, o desejo de Filaferro permaneceu totalmente insatisfeito.

Num apontamento de 7 de fevereiro de 1845, preparado para uma carta do comissário governamental conde Fabio Colloredo que devia acompanhar um longo relatório

informativo sobre a casa destinado ao governo, é explicado claramente o motivo pelo qual se desejavam as rosminianas em Udine.

« *Permito-me acrescentar* — escrevia o conde Colloredo — *que concordo plenamente com as opiniões expressas pelos diretores relativamente às Irmãs da Providência; considero estas religiosas, de recente instituição mas já celebérrimas, extremamente aptas para aperfeiçoar o nosso instituto das derelitte. De facto, por muito que as atuais mestras sejam excelentes de coração e capacíssimas, tendo sido reunidas de diversas proveniências e carecendo de uma educação uniforme, acabam por diferir nos princípios e nos modos. Não podem portanto garantir aqueles resultados que derivariam sem dúvida de uma união de pessoas preparadas pela mesma vocação e instrução para todo o tipo de obra caritativa, especialmente para a assistência e instrução das filhas dos pobres.* »

Apenas a 22 de setembro de 1846 foi concedida a permissão do Imperador para a introdução das rosminianas em Udine, mas numa forma que aos dois irmãos pareceu bastante ambígua.

O Pai Carlo enviou imediatamente o texto do decreto soberano — que hoje não conhecemos — ao Abade Rosmini. Este respondeu de *Stresa* a 22 de dezembro:

« *Examinei o decreto imperial relativo às nossas irmãs e também eu nele encontro algumas obscuridades. Estas incertezas poder-se-ão talvez esclarecer no futuro com novos contatos.* »

Portanto, mais tempo perdido, novas negociações e morosidades administrativas.

Rosmini prosseguiu longamente expondo as suas próprias ideias sobre a organização das Irmãs em Udine. Substancialmente, aparecia claro que o seu interesse principal era a criação de um novo centro de formação (um noviciado) para as suas religiosas.

« *Poder-se-ia separar* — dizia ele — *a obra das Derelitte da do noviciado; deste modo o noviciado ficaria sujeito à autoridade do governo, da qual prevejo ser dificilíssimo libertar-se, enquanto pelo contrário a Casa das Derelitte poderia manter os privilégios de que goza atualmente e permanecer isenta do controlo da autoridade tutelar.* »

O Pai Carlo e sobretudo o Dom Luigi pensaram certamente: — Como? Voltar sob o controlo governamental depois de tantos esforços feitos para dele sermos independentes?

E foi precisamente esta, pode-se crer, uma das razões principais que os impeliu a abandonar as negociações com Rosmini. Provavelmente influenciaram também as atribuladas vicissitudes pessoais do Abade de *Rovereto*. As suas doutrinas filosóficas começavam já a ser objeto de duras polémicas e logo a seguir ele foi profundamente envolvido nos acontecimentos políticos do tempo. Aliás, com os ventos que sopravam, não era nem fácil nem aconselhável transferir para o território austríaco uma congregação proveniente do *Reino da Sardenha* e liderada por Rosmini, figura mal vista pela Áustria.

Nas rosminianas, portanto, os dois irmãos não pensaram mais. A burocracia austríaca, contudo, não esqueceu o processo. Solicitou novas informações a 22 de fevereiro de 1847 e a 10 de janeiro de 1848; e — não tendo recebido resposta — voltou à questão *in extremis* a 12 de outubro de 1865!

A 19 de outubro desse ano foi enviada à prefeitura uma declaração assinada pelo Arcebispo Casasola, pelo comissário governamental conde Federico Trento e pelo Diretor Pai Luigi Scrosoppi. Nela afirmava-se que, « *vistas as muitas dificuldades levantadas por Rosmini para unir as próprias religiosas às já presentes na casa e notando, por outro lado, como as nossas se dedicavam já com proveito à gestão regular do instituto, a direção e a presidência decidiram interromper qualquer nova troca de documentos e negociação com o Abade Rosmini.* »

Para que o governo austríaco não procurasse novamente interferir, insistia-se em declarar que as *Irmãs da Providência* de Udine eram as mesmas religiosas que tinham dado vida à *Casa das Derelitte* desde o início e que tinham sido aprovadas, juntamente com o regulamento, pela resolução soberana de 6 de julho de 1839; não se deixava enfim de elencar, com estilo vibrante, os méritos entretanto adquiridos por tais Irmãs a partir de 1848.

Rumo a uma congregação própria

Quem reflita sobre os dez anos de negociações com as Irmãs Canossianas e com o Abade Rosmini partilhará sem dúvida a reflexão de Tinti:

« *É certo que deste modo a divina Providência agia de modo admirável e doce, para que a congregação das Irmãs da Providência de Udine não tivesse de ser uma derivação de outra casa-mãe, mas tivesse uma origem própria e uma perfeita autonomia.*

Este era o pensamento do Pai Luigi Scrosoppi — continua Tinti — *e, embora por respeito para com o irmão mais velho, que o superava em muitos anos, não se opusesse nunca aos seus projetos, todavia não conseguia convencer-se da necessidade de submeter o instituto ao governo de outra pia congregação, firme na ideia, ou melhor, numa forte inspiração, de fundar uma própria congregação religiosa. Apesar disso, entre os dois irmãos manteve-se sempre uma perfeita harmonia, porque onde reina a caridade a diferença de opiniões não divide os corações nem retira a paz da alma: tanto mais que o próprio Pai Carlo, homem de fé viva, nestes seus projetos fracassados reconheceu a verdade do provérbio que diz: o homem propõe e Deus dispõe, entenda-se sempre para o melhor.* »

Tinti retira estas informações e impressões da voz viva de irmãs contemporâneas do fundador, de modo particular da Irmã Giacinta De Monte [(8)], religiosa admirável sob muitos aspetos, mas inclinada a dar muito relevo ao seu próprio relato.

---

[8] De Monte Angela (irmã Maria Giacinta di san Michele) nascida em Artegna (Udine) a 22 de julho de 1814, entrou na congregação a 15 de julho de 1846, vestiu o hábito a 7 de agosto de 1847, professou os votos a 6 de agosto de 1851, morreu em Udine a 27 de dezembro de 1896. Ela é a primeira na história da congregação a assumir um nome novo na vestição. Em "Memórias do Servo de Deus Pai Luigi", narradas pela irmã Giacinta a uma escritora anónima, resulta que teria sido ela o centro de alguns factos; sozinha entre as companheiras fora disposta a unir-se às irmãs rosminianas que viriam dirigir a Casa das Derelitte; com base numa resposta sua, dada enquanto assistia um doente, surgiu o título da congregação; a ela foi-lhe feito vestir aquele que devia ser o hábito das irmãs. (Cfr. fascículo 29, documento 7, pp. 38-46, A.L.S.; L. TINTI, o.c., pp. 46, 59-60). Para notas sobre a irmã Giacinta, veja-se Cenni biografici..., manuscrito, volume I, pp. 277-282).

A nosso ver, no contexto dos factos e da figura espiritual do Dom Luigi, é necessário redimensionar a atribuição de « *uma forte inspiração de constituir uma própria congregação religiosa* ».

Ele, sendo humildíssimo e devotíssimo ao irmão, partilhou plenamente as suas diretrizes e empenhou-se em realizá-las enquanto a sua execução pareceu possível.

Mesmo no leito de morte recusará o título de fundador, definindo-se como um simples executor das intenções do Pai Carlo.

Todavia, perto do fim de 1844 e nos inícios de 1845, levaram a melhor nele o seu claro e decidido realismo e a sua grande confiança.

Quando viu que as questões se arrastavam e até se complicavam pelo caminho; quando viu que a cada passo reaparecia o receio da interferência do governo; quando viu que tratar com outros, especialmente com Rosmini, levava a problemas e sarilhos maiores do que os já presentes em casa; quando viu tudo isto, o seu carácter deve tê-lo impelido a dizer ao irmão:

« *Por que procuramos complicações? Vamos em frente com simplicidade como temos feito até agora. Em vez de procurar a solução ideal, difícil e incerta de alcançar, contentemo-nos em melhorar o pouco que já temos em mãos...* ».

Um terno sentimento humano e cristão para com as primeiras mestras generosas, juntamente com a confiança de que a graça de Deus realizaria maravilhas com meios pobres, impeliram-no certamente a dizer:

« *Deus enviou-nos estas almas. Serão talvez desprovidas de instrução e simples, mas amam a Deus e já se sacrificaram muito pelas órfãs. Tenhamos fé em Deus e confiança nelas...* ».

A certa altura a clareza veio das próprias mestras. Já no relatório de 7 de fevereiro de 1845 se dizia que uma parte delas pretendia voltar à vida laica caso chegassem as rosminianas, enquanto outra parte estava disposta a unir-se às noviças. Tinti refere que apenas uma aceitou a fusão com as rosminianas — e a De Monte assegura ter sido precisamente ela —, enquanto todas as outras, juntamente com o Dom Luigi, estavam desgostosas com isso.

Se houve uma momentânea divergência de pontos de vista entre os dois irmãos, é certo porém que o Pai Carlo aceitou de bom grado o parecer do Dom Luigi e das mestras; aliás, pôs-se com afinco a escrever as regras da nova comunidade.

A congregação nasce junto ao berço do Menino Jesus

Terminado há meses o triénio como Superiora, a Irmã Giovanna Colloredo apresentou a sua demissão ao Vigário da diocese durante o período de vacância da sede (ou seja: o Vigário Capitular em *sede vacante*), o Monsenhor Mariano Darù [(9)], o qual deu comunicação disso ao Pai Carlo a 10 de setembro de 1845.

---

[9] Nascido em Pozzale di Cadore em 1772, morreu em Udine em 1853. Mestre nas classes inferiores do seminário udinense, professor de teologia moral e dogmática, relator, com o seu regime doce e zeloso tornou amável a disciplina;

« *Decidi aceitá-las* — escrevia-lhe ele — *na data de hoje, dado que motivos de consciência, que honram a sua grande virtude, a impeliram a este passo.* »

O Monsenhor Darù encarregava Filaferro de providenciar a orientação temporária da casa da melhor forma, reservando ao futuro Bispo a nomeação da nova Superiora.

A 25 de dezembro de 1845, dia de Natal, « *autorizadas pelo superior diocesano* », quinze Irmãs receberam o hábito religioso. Destas, oito eram as fundadoras de 1 de fevereiro de 1837 — faltava apenas Amalia Borghese, que reentrou na congregação pouco depois — e sete eram as que se tinham acrescentado entre 1837 e 1844.

No mesmo dia, onze em quinze « *sem se comprometerem com votos formais, propuseram firmemente observar com todo o empenho as três virtudes da pobreza, castidade e obediência* ».

Embora não pronunciassem os votos solenes, aquele 25 de dezembro foi depois considerado pelo Pai Luigi como a data da sua profissão religiosa. Das onze, oito eram as « *coriste* » (ou seja: Irmãs dedicadas ao ofício divino e ao ensino): De Giorgio, Cortelazzis, Gaspardis, Colloredo, Fabris, Molinis e Cristina Borghese; três eram as « *converse* » (ou seja: Irmãs encarregadas dos trabalhos manuais): Baldasso, Morassi e Maria (6). Lucia De Giorgio foi nomeada Superiora « *provisória* » e manteve o cargo até 1848, enquanto a Cortelazzis foi escolhida como Assistente ou Vice-superiora.

O caráter provisório do cargo de Superiora deve-se ao facto de a nova congregação ter sido instituída, para aquele momento, apenas a título de experiência. A experiência resultou de modo excelente. Um fervor acrescido difundiu-se no pequeno grupo e um forte espírito de união tornou-o compacto.

Tal feliz resultado deve ser atribuído em grande parte ao Dom Scrosoppi, o qual — como já dissemos — passava o dia inteiro a ocupar-se das questões espirituais para formar as Irmãs segundo o espírito de Jesus Cristo. Todavia, uma boa parte do mérito coube à nova Superiora Irmã Lucia De Giorgio [(10)].

Era a mais jovem entre todas as mestras; no Natal de 1845 tinha apenas vinte e seis anos e meio. Não sabemos muito sobre ela, mas devia certamente possuir dotes excecionais, se permaneceu Superiora durante dez anos até à morte, ocorrida enquanto assistia os doentes durante a epidemia de cólera de 1855; se juntamente com o Pai Luigi deu vida e forma à nascente congregação; se ela, embora sendo a mais jovem, foi capaz de unir num só coração as Irmãs mais idosas e tão diferentes em idade, extração social e formação; e se a sua recordação permaneceu indelével e quase rodeada de uma aura de santidade.

---

por poucos anos Pároco de Valle di Cadore e Arcediago. Regressado a Udine foi Cónego teólogo, Vigário Geral durante um quarto de século, duas vezes Vigário Capitular. Muita doutrina e grande caridade deram à sua ação de governo um prestígio incomparável. (Cfr. Atti del Capitolo, volume X (1839-1858), e. 204, A.C.U.).

[10] Nascida em Udine a 24 de janeiro de 1819, pertenceu ao grupo das primeiras nove jovens, morreu a 28 de julho de 1855. Não pertence ao ramo da família De Giorgio proveniente de Plasencis. Sobre a Irmã Lucia veja-se parte III, capítulo 2, parágrafo "A superiora madre Lucia De Giorgio...".

Objeções às regras do Abade Pirona

Ao longo de 1847 a redação das regras estava já concluída. Sem dúvida o novo Arcebispo de Udine, o Monsenhor Zaccaria Bricito [(11)], aprovou-as antes de serem apresentadas — como era obrigatório — à revisão do imperial régio censor provincial para autorizar a sua impressão.

Naquele período o censor era o célebre Abade Jacopo Pirona [(12)], docente no liceo clássico de Udine: um homem de profunda cultura e autor de uma vasta produção literária, cuja fama está ligada principalmente ao *Vocabolario Friulano*, publicado após a sua morte ocorrida em 1870 e posteriormente, com conteúdos mais do que duplicados, reeditado em 1935 com o título de *Il nuovo Pirona*.

Ele devolveu o manuscrito do Pai Filaferro ao Arcebispo a 12 de janeiro de 1848, acompanhando-o de uma carta na qual emergem claramente a orientação laica e a hostilidade em relação à vida religiosa de cunho antigo, sentimentos então muito difundidos.

« *Todas estas regras* — observava entre outras coisas — *as quais, a julgar pelo título, pareceriam dever visar formar mestras para as pobres alunas, visam antes transformar as docentes numa congregação monástica feminina sob o poder absoluto de uma superiora visível e de um diretor invisível. O espírito e os costumes da vida claustral, adequados apenas a vocações particulares, nunca formarão boas mães de família* ».

« *As pobres raparigas, criadas por tais mestras e moldadas pela influência de tais regras, sairão um dia incapazes de enfrentar com virtude o contato com o mundo; pois não conhecerão qualquer meio-termo entre o misticismo exasperado e a corrupção! Ai de quem levanta muros de separação entre o mundo e Deus!* »

« *As regras em questão são sem dúvida ditadas por um grande desejo de perfeição; mas se este desejo, em vez de santificar o instituto, devesse por acaso transtorná-lo e destruí-lo mudando o seu fim, os benfeitores que o financiaram e a cidade que dele espera os frutos encontrar-se-iam dolorosamente desiludidos* ».

O que havia de partilhável neste juízo sintético era totalmente anulado pela perspectiva dramática e catastrófica de Pirona sobre a vida religiosa e sobre os seus presumíveis efeitos educativos.

O Pai Carlo respondeu com um escrito de cinco páginas para esclarecer alguns artigos que tinham sido marcados com um lápis vermelho, marcas que indicavam que aquelas

---

[11] Nascido em Bassano (Vicenza), falecido em Udine (1802-1851). Professor de filologia grega e de letras, de sagrada eloquência, Arcipreste de Bassano, Arcebispo de Udine, cumpriu a missão na plena dedicação de si. Durante as revoltas políticas suspendeu os rendimentos episcopais, empenhou objetos preciosos no monte de piedade, reduziu a sua mesa a tratamento penitente para socorrer o povo. À sua morte o pouco que lhe restava foi para os pobres da Casa de Repouso. (Cfr. U. MASOTTI, L'Arcivescovo Bricito e l'assedio di Udine nel 1848, pp. 14-19, em Il 1848 in Friuli, Udine 1948).

[12] Nasceu em Dignano sul Tagliamento em 1789, morreu em Udine em 1870. Foi aspiração de toda a sua vida a criação de um museu histórico artístico e científico do Friuli. Quando em 1866 foi oficialmente instituído, ele foi nomeado conservador; mas insatisfeito com a precária disposição do mesmo, abandonou o cargo. Foi zeloso secretário do Asilo infantil de Caridade, patrocinador do Orfanato Tomadini, pronto socorredor de cada obra de bem. (Cfr. G. MARCHETTI, o. c., pp. 505-509).

passagens não eram do pleno agrado do funcionário imperial régio. Pirona tinha-se mostrado particularmente hostil aos artigos relativos à castidade e à chamada « *congregação das culpas* » (ou seja: a assembleia para a acusação pública das faltas).

Filaferro rebatia que:

« *Os fundadores e os legisladores das regras tiveram sempre o objetivo de que as respetivas leis servissem para ajudar os membros no desempenho da obra de caridade prevista pelo seu instituto, e fossem para eles uma proteção contra as incertezas do coração humano, que facilmente se entedia de uma atividade predefinida e frequentemente se distrai com a ilusão de um bem melhor* ».

Relativamente às suas próprias regras, declarava:

« *Devo outrossim prever que na redação destas normas tive presente quanto outros fundadores tinham estabelecido em benefício dos seus institutos, como as Salesianas (de São Francisco de Sales), as Irmãs da Providência (de Rosmini), as senhoras Dimesse, os padres do Oratório, etc.; daqueles retirei as regras que me pareceram mais adequadas e oportunas para o fim geral da santificação das mestras do Instituto das Derelitte e para o objetivo particular do desempenho da sua específica obra de caridade* ».

Numa redação anterior aludira também aos Jesuítas, mas no texto definitivo não fez menção deles, pois naquele período soprava novamente uma violenta tempestade política contra a Companhia de Jesus.

Os artigos criticados por Pirona permaneceram invariáveis no texto impresso, no qual foram acolhidas apenas algumas correções de mínima importância por ele sugeridas.

As regras de 1848

Foram assim dadas à estampa as « *Regras gerais para as mestras do instituto das raparigas abandonadas* »: resultou um livrinho de sessenta páginas, dividido em 67 artigos, em vez dos 64 presentes no manuscrito original.

À primeira vista ficamos surpreendidos pelo facto de o opúsculo não ostentar as indicações formais da cidade, da tipografia e do ano de publicação. Isto explica-se assumindo que o Abade Jacopo Pirona não tenha concedido a autorização oficial e que, para evitar complicações, se tenha escolhido a via de uma impressão privada em substituição do manuscrito.

As regras estavam repartidas em seis capítulos: castidade, pobreza, obediência, submissão para com todos, instrumentos para a exata e fiel observância, motivos de afastamento da comunidade.

Particularmente significativo é o capítulo relativo aos instrumentos, indicados como: a leitura frequente das regras, o capítulo das culpas (ou seja: a acusação pública das faltas a que estava obrigada a própria superiora), a correção entre irmãs, a oração, o exercício da presença de Deus e os três confrontos. Estes últimos consistiam em contrapor a cada sofrimento ou tentação o pensamento do Inferno, da paixão do Senhor e do prémio do Paraíso.

Uma passagem do texto indica-nos qual era considerado o fulcro da formação das irmãs:

« *Da presença de Deus e dos três confrontos falem frequentemente as irmãs entre si; com estes pensamentos confortem-se mutuamente e ajudem-se nas dificuldades; destes se sirvam para se admoestarem; nisto pensem continuamente, tanto quando estão de saúde como quando estão doentes; assim obterão a graça de cumprir facilmente os próprios deveres e de observar as regras com verdadeiro espírito e grande mérito durante a vida...* »

Nestas palavras encontramos plenamente refletida aquela disciplina espiritual simples e essencial que foi tão querida ao Pai Scrosoppi.

Este foi, portanto, o primeiro código espiritual da congregação.

O « *Convocato a Capitolo* » de 23 de dezembro de 1848

No Natal de 1848 terminava o triénio de prova da nova congregação, vivido com um entusiasmo sempre crescente.

Uma vez estabelecidas as regras, não restava senão dar um reconhecimento legal à pequena comunidade. Mas qual caminho escolher?

Aqui encontramo-nos diante de um pequeno enigma que, todavia, para nós hoje é de fácil solução.

É evidente que os dois irmãos nunca agiram sem o consentimento do Bispo; tanto mais que o prelado era, por estatuto, o presidente da casa. Contudo não restou rasto de qualquer decreto que autorizasse em 1845 o triénio de prova ou que sancionasse em 1848 o nascimento estável da nova congregação. Por qual motivo? Deveríamos talvez pensar que o documento se perdeu? Certamente não. Encontraríamos pelo menos uma referência nos registos em que estão anotados todos os atos da cúria de Udine. Além disso, se tivesse existido, não teriam faltado depois mil ocasiões para citar esse decreto. Em vez disso, será mencionada sempre e apenas a resolução imperial de 1839 que aprovava a *Casa das Derelitte* como instituto totalmente privado, segundo as palavras do Pai Carlo.

A aprovação da Igreja foi concedida, mas apenas de viva voz.

E por uma razão clara: naquele tempo não era possível abrir uma nova casa religiosa, e ainda menos fundar uma congregação, sem a permissão da corte imperial austríaca. A cúria não teria podido emitir um decreto em contraste com as leis civis. Se se queria evitar a interferência da autoridade política, não restava portanto senão uma via: fundar a congregação nos factos, mas evitar qualquer pretexto ou suspeita aos olhos vigilantes da burocracia. Por esta razão, nas regras nunca foram usados os termos « *congregação* » e « *irmãs* », mas unicamente os de « *casa* » e de « *mestras* » ou « *irmãs* ».

Maravilha-se portanto que o Pai Carlo e o Dom Luigi tenham sido depois acusados de ter procurado com insistência reconhecimentos legais da Áustria. Quer se tratasse da Áustria ou da Itália, a questão era bem diferente. Os críticos eram obviamente pessoas habituadas a deturpar a realidade.

Contudo um reconhecimento legal era necessário para se protegerem, como dizia o Pai Carlo, das incertezas do coração humano.

Recorreu-se, portanto, a um contrato notarial privado entre os membros da comunidade, que as vinculasse numa associação de facto, especialmente no que dizia respeito à propriedade comum dos bens.

O contrato foi redigido pelo notário doutor Andrea Bassi no sábado 23 de dezembro de 1848 em doze artigos; foi assinado por treze Irmãs — nove dedicadas ao ensino e quatro aos trabalhos manuais. Ele ostenta o título de « *Convocato a Capitolo* » (ou seja: Convocado para Capítulo).

« *Estas senhoras, escolhidas pela Providência para assistirem esta obra pia na educação de pobres raparigas abandonadas desta cidade régia, consideraram como pela graça de Deus este instituto se está a consolidar e a crescer, tanto que a sua duração no tempo não parece mais duvidosa, e uniram-se portanto em caridade fraterna num só corpo sob a proteção do seu patrono São Caetano* ».

Embora nem sequer neste documento se fale explicitamente de irmãs e de congregação, no texto ocorre todavia várias vezes a definição de « *irmãs de São Caetano* ».

Da lista dos nomes resulta que já tinha sido adotado, talvez desde 1845, o prefixo « *Maria* »; todas porém mantiveram o nome que tinham no mundo, exceto a Cortelazzis e a Colloredo, que aparecem com o nome religioso assumido respetivamente entre as dominicanas e as *dimesse*. Apenas em 1851 — com a Irmã Maria Giacinta De Monte e a Irmã Luigia Dario — se introduziu o costume de tomar um nome novo para a vida religiosa.

Ao « *Convocato a Capitolo* » de 23 de dezembro de 1848 as Irmãs farão sempre referência como ao ato de fundação da sua comunidade, até à aprovação do Papa em 1862. Dois dias depois, no Natal, realizou-se a eleição da Superiora e dos outros cargos. Foi confirmada a Irmã Lucia De Giorgio, que fora provisória no triénio anterior e permanecerá Superiora até à morte.

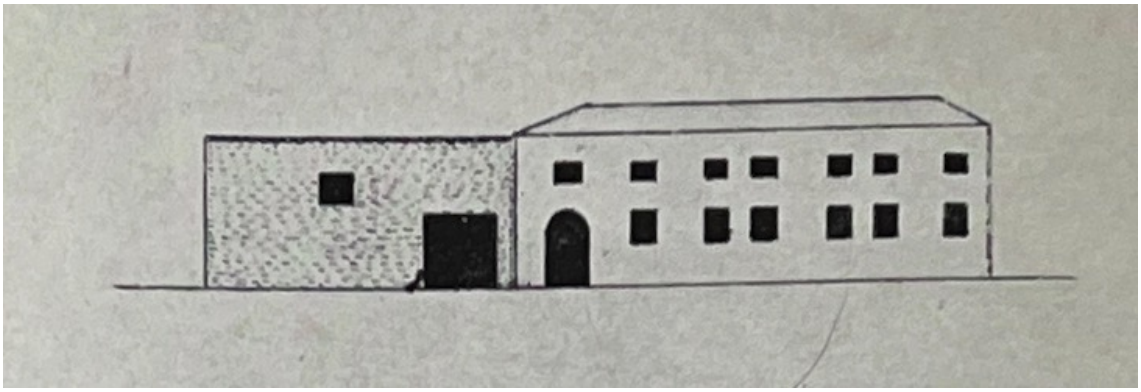
Assim o pequeno navio da congregação desfraldava já as velas ao vento do bom Deus: velas que tinham já sido empurradas por um sopro de heroísmo naquele atormentado 1848.

Um título e um hábito

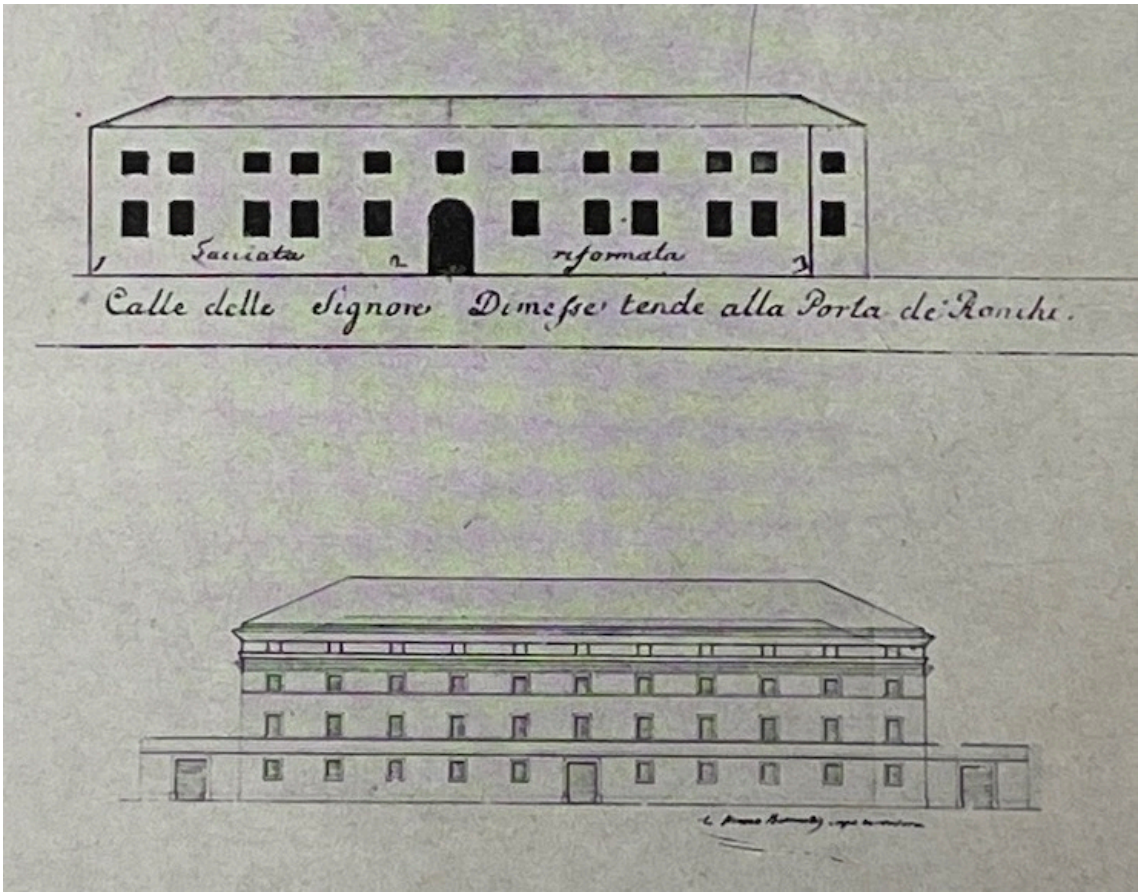
« *... de São Caetano* » são chamadas as irmãs no documento de 23 de dezembro de 1848, mas não são porventura « *da Providência* »? Na realidade, nos primeiros tempos eram conhecidas como « *irmãs das pobrezinhas* », porque dedicavam os seus cuidados às pobres filhas do povo. Por este motivo, diante da pergunta de alguns Sacerdotes que lhe perguntavam a qual congregação pertencia, a Irmã Giacinta De Monte sentiu-se um pouco embaraçada. « *Estamos sob a proteção de São Caetano* » respondeu após um momento de hesitação. Apressou-se a relatar o sucedido mal regressou a casa. O Pai e as

irmãs discutiram imediatamente a denominação e foi estabelecido o título de « *Irmãs da Providência* ».

A Irmã Giacinta foi protagonista também de um outro episódio relativo ao hábito, pois havia um pouco de desacordo entre o fundador e as irmãs. Ela chegou de *Orzano* a Udine e, posta ao corrente do problema, aceitou vestir o hábito escolhido pelas consuores. Assim vestida foi levada ao Pai o qual, mal a viu, aprovou sorrindo o novo hábito.



Desenho da « casetta », primeira sede da *Casa das Derelitte*.



Projetos para a reestruturação da *Casa das Derelitte*.
Foi realizado o segundo mais ousado e mais funcional.

Capítulo 5

O PAI LUIGI E AS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA NA REVOLUÇÃO DE 1848

O júbilo popular de 17 de março de 1848

Os quarenta dias da revolução udinense de 1848 foram tratados em crónicas ou diários, frequentemente redigidos posteriormente; todavia, uma história crítica desse período continua por escrever. Não é este o lugar para o fazer.

Consideramos necessário, porém, restituir o clima da cidade naquelas jornadas frementes. Para tal fim, confiamo-nos às notas do Monsenhor Valentino Pajani [(1)], secretário do cabido metropolitano de Udine, inseridas nas atas capitulares. São notas de forma linguística incerta, mas preciosas por serem inéditas, vivas com o frescor do sentimento imediato e redigidas por um Sacerdote, aliás, por um Cónego.

A 18 de março, Pajani escreve:

« *Inesperado e além de toda imaginação, consolador e aplaudido por toda a Itália, foi o evento ocorrido nos primeiros dias de março em Viena. A capital inteira, insurgida contra o odiadíssimo primeiro-ministro Metternich, invadiu o seu palácio ateando-lhe fogo, demoliu as cavalariças dos soberbos cavalos e correu ao palácio imperial para exortar sua majestade a reconciliar-se com o seu povo; houve assaltos ao arsenal e riscos mortais. Tudo isto aconteceu no dia 12 do corrente.*

Chegada a Udine na escuridão da noite (de 17 de março) esta felicíssima notícia, logo todos os cidadãos se apinharam beijando-se, abraçando-se e gritando por toda a cidade para que fossem acesas as luzes nas janelas dos palácios. Em cada bairro ressoavam os gritos: "*Viva Pio IX*", "*Viva a Itália proclamada livre dos soberanos estrangeiros*".

Este fermento isento de desordens durou toda a noite e todo o dia seguinte, apesar do tempo chuvoso. As autoridades determinaram imediatamente reunir a guarda nacional, armá-la e fazê-la patrulhar a cidade com ordem militar, sem insultar os soldados austríacos nem os oficiais, respeitando-se reciprocamente. Por volta das 11 horas, na Sé, o Monsenhor Arcebispo celebrou uma missa solene com a intervenzione do Delegado Régio Pascottini e da municipalidade, que tinha removido a águia imperial do corpo de guarda para hastear a própria. A multidão na Sé foi imensa e sem incidentes; a cerimónia concluiu-se com o canto ambrosiano.

O povo prosseguiu durante todo o dia com os "*Viva Pio IX*", *embora continuasse a chover; foi ordenada a iluminação noturna, foi adotada uma laçada tricolor (vermelho,*

[1] De Sclaunicco (Udine), nascido em 1769, foi um Sacerdote de íntegro sentir eclesiástico e patriótico; durante algumas décadas pároco da paróquia udinense do Ss. Redentore, depois Cónego e secretário capitular, morreu na sua Sclaunicco natal a 25 de junho de 1848.

verde e branco) e estão a formar-se os corpos da guarda nacional, que receberá um soldo nos dias de serviço...

Todavia, no meio de um júbilo tão exuberante, não poucos temem consequências funestas, segundo o provérbio: Extrema gaudii luctus occupat [2]*, ou seja: à grande alegria segue-se o pranto* ».

Don **Luigi com a grande laçada**

O Dom Luigi foi, em grau perfeito, um Sacerdote segundo a definição paulina:

« *escolhido de entre os homens, é constituído para o bem dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus* ».

Não foi um homem político, portanto, e ainda menos um agitador. Ele estava demasiado solidamente ancorado na esfera dos valores eternos para atribuir uma importância que não fosse puramente relativa às mutáveis vicissitudes da política contingente.

Contudo, aderiu com todo o coração à causa nacional. Foi impelido a isso, entre outras coisas, por aquele amor pela justiça que poderíamos definir como « *exasperado* » para indicar a sua plenitude, e que guiou sempre cada sentimento e cada ação sua, mesmo nas questões mais minúsculas. Pareceu-lhe uma límpida exigência da razão, além de uma condição necessária para a paz, que os austríacos estivessem na Áustria e os italianos na Itália. Aliás, vislumbrou nisso um verdadeiro dever moral, seguindo o provérbio popular: « *A cada um o seu, e assim ao diabo não resta nada* ».

Nos primeiros momentos, ele pecou certamente por aquela ingenuidade que emerge das notas do Pajani: esperou, ou seja, que a liberdade pudesse ser conquistada sem desordens e no respeito mútuo.

Na época era pároco (*pievano*) de *Osoppo* o Dom Pasquale Della Stua [3], o qual pouco depois — durante o cerco austríaco àquela fortaleza — se distinguiria ao ponto de merecer o aplauso solene do Arcebispo Bricito, ganhando um lugar de relevo entre os Sacerdotes « *patriotas* » do *Friuli*.

É precisamente o Della Stua, tornado depois Cónego em Udine, a contar-nos a atitude do Pai Luigi naquelas jornadas. É oportuno transcrever integralmente um trecho do seu diário:

« *Era o 19 de março, um domingo, quando se apresentaram na casa paroquial dois indivíduos, Angelo Venturini e um outro de cujo nome não me recordo, com laçadas tricolores no chapéu, armados de espingarda e sabre. Estavam festivos e exultantes e convidavam-me a celebrar para o dia seguinte uma missa solene seguida do Te Deum.*

---

[2] Cfr. Atti del Capitolo, vol. X (1839-1858), c. 165 (A.C.U.).

[3] Nascido em Ampezzo (Udine) em 1815 e falecido em Udine em 1893. Foi inspetor escolar distrital, depois Cónego do cabido de Udine do qual foi secretário e administrador e assistente da Sociedade das Mães Cristãs. Durante as revoltas políticas relativas à fortaleza de Osoppo deu prova de muita prudência, destreza e caridade. (Cfr. F. BLASICH, Note cronologiche ecclesiastiche, ms., pp. 445-447).

Perguntei-lhes o motivo de tal função extraordinária e responderam-me: "Porque o imperador concedeu a constituição".

Estando eu alheio a qualquer novidade, repliquei que sem uma ordem das autoridades não faria nada, para não me expor a mim próprio e à povoação a graves problemas, especialmente por parte da fortaleza; esta, de facto, já alarmada pelos alvoroços, tinha trancado os portões e dizia-se que mantinha os canhões apontados para nós.

Eles retorquiram: "Não tema, esta mesma manhã o Monsenhor Arcebispo (Zaccaria Bricito) cantou o Te Deum na Sé, na presença de todas as autoridades". Acrescentei então que, se a autoridade local não tivesse instruções sobre o assunto, iria eu próprio a Udine no dia seguinte para me informar.

Aquele anúncio inesperado perturbou-me muito e naquela noite dormi pouquíssimo.

Tendo-me levantado cedo e celebrado a missa sozinho, pus-me a caminho de Udine, perguntando-me o que estaria a acontecer. Chegado a Artegna, vi todos com a laçada no chapéu ou no peito; homens armados gritavam para mim: "Viva Pio IX, Viva a Itália!". O mesmo aconteceu passando por Tricesimo.

Por volta das 10 horas cheguei a Udine junto à porta Gemona (o atual piazzale Osoppo) e o primeiro Sacerdote que encontrei foi o reverendo Dom Luigi Scrosoppi, o qual caminhava com muita gravidade ostentando um coccardone (grande laçada ou distintivo) espetado na parte anterior da sua batina.

Perante aquela visão fiquei surpreendido, quase de pedra, e pensei: "Caramba, se os Scrosoppi, que são tão sérios e atentos ao próprio decoro, usam a laçada, é preciso mesmo dizer que haja algo de novo e de sério" [4]*.* »

O testemunho do Monsenhor Della Stua é de grande valor. O Pai Luigi aparece nele como um modelo de Sacerdote, e a estima estende-se também ao Pai Carlo e ao Dom Giovanni Battista. Aquela grande laçada não pareceu de todo uma nota dissonante em relação à sua seriedade habitual; pelo contrário, precisamente daquele porte sacerdotal a sua escolha patriótica extraía maior valor.

Muitos anos depois, Della Stua seria celebrado como um "*patriota*", enquanto o Pai Luigi era olhado com suspeita como inimigo das instituições nacionais por ser considerado um "*papalino intransigente*". Assim é a vida! Todavia, o Monsenhor Della Stua, que conhecia bem o valor do fundador, foi em 1884 o presidente do comité para as honras fúnebres dedicadas ao Pai Luigi no trigésimo dia da sua morte.

Um parêntese necessário

Não é nossa intenção narrar integralmente os acontecimentos daqueles quarenta dias: resultaria disso um volume inteiro.

[4] Memorie sulle vicende di Osoppo nel 1848, escritas pelo falecido Cónego Pasquale della Stua, em Pagine Friulane, 5 de maio de 1898, p. 2.

Basta evocar as fileiras de voluntários lideradas por Gustavo Modena [5], levadas por um ímpeto entre o romântico, o patriótico e o místico, que se ajoelham para receber a bênção do Monsenhor Bricito antes de se dirigirem para a defesa de *Palmanova*. Pense-se no Monsenhor Bricito que, ladeado pelo conde Antigono Frangipane e por Domenico Barnaba [6], ambos com o fuzil ao ombro, se dirige para benzer as barricadas.

Da mesma forma, não desejamos deter-nos nas críticas que se seguiram ao fracasso da revolução [7].

Houve, por exemplo, quem acusasse a cidade de Udine de se ter rendido com demasiada facilidade. O próprio Monsenhor Pajani escreve:

« *O povo, irritado por este plano, declarou querer resistir...; chegou um reforço de habitantes de Treviso que protestaram contra tal resolução* ».

Falou-se sem cessar contra a chefia desordenada e incapaz da luta, entre relatos fantasiosos de traições e de espiões. Ainda o Pajani resume o seu juízo com estas amargas palavras: « *...infelizes povos, governados por pessoas inexperientes, tímidas, imprevidentes, etc. etc.* ». Pobre Cónego! Este foi quase o seu testamento espiritual, pois pouco depois retirou-se para a sua *Sclaunicco* natal, onde morreu a 25 de junho de 1848 aos setenta e nove anos.

Devemos porém dedicar um pouco de espaço a uma questão que envolveu posteriormente também o Pai Scrosoppi.

Uma certa historiografia partidária empenhou-se em pintar o clero como inimigo da pátria e favorável à Áustria. Poderíamos ignorar tais acusações sobretudo porque nenhum

---

5 Grande trágico veneziano (1803-1861) e fervente mazziniano. Teve uma vida aventurosa e participou nos motins de 1848. Chegou a Udine com os « cruzados venezianos » a 8 de abril de 1848 e entusiasmou o povo com os seus discursos. Depois do que ele teria dito: « Estas terras do Friuli estão eletrizadas de amor pátrio e de espírito de independência quando eu não o esperava ». Expulso do Lombardo-Veneto, refugiou-se em Turim onde morreu. (Cfr. A. FALESCHINI, Gustavo Modena nel 1848 in Friuli, em Giornale di Trieste, 4-3-1948). Capelão dos « cruzados » em Palmanova foi o Sacerdote Antonio Coiz de Faedis (Udine), (1824-1886). Emigrou para o Piemonte para participar na guerra de 1859, depois para Milão até 1866 e ali escrevia para ajudar os patriotas emigrados. Regressado a Udine vestiu o hábito secular, ensinou em várias cidades de Itália e morreu em Bérgamo. « Não nos parece exagerado dizer que o Coiz foi, na sua apostasia, de algum modo uma vítima do Risorgimento e da "questão" que este colocou entre a Igreja e a unidade da Itália; é "vítima" em parte também de coincidências totalmente pessoais ». Figura a considerar com « um sopro de cristã comoção e de reverente piedade ». (Cfr. G. COPOLUTTI, Riflessi della « Questione romana » nel clero udinese durante il pontificato di Pio IX, (tese de licenciatura) Roma 1963, pp. 102-107, Bibl. Sem. Arciv. Udine).

6 O conde Antigono (1813-1877), descendente de família friulana à qual foi atribuído tal apelido depois do séc. XV, foi cavaleiro da coroa de ferro, camareiro, presidente da câmara (*podestà*) de Udine de 1855 a 1860. (Cfr. Encicl. storico-nobiliare italiana, vol. III, Milão 1930, p. 267). Barnaba (1818-1901) nascido em Buja (Udine) e falecido em S. Vito al Tagliamento, foi advogado e escritor conceituado. Com a palavra e os escritos manteve desperto no Friuli o pensamento da liberdade; teve uma parte notabilíssima na defesa da fortaleza de Osoppo em 1848. Nos vários cargos que teve, operou com interesse e amor. (Cfr. C. FATTORELLO, Un illustre friulano - Domenico Barnaba, Udine 1890, pp. 26). Para o facto cfr. D. BARNABA, Da 17 marzo a 14 ottobre 1848, Udine 1890, p. 42.

7 Sobre a rendição de Udine em 1848 v. P. ANTONINI, Il Friuli Orientale - Studi, Milão 1865, pp. 486-511; D. BARNABA, o.c., p. 50; PIERI CORVATT [P. Michelini], El Quarantevott - Sonetti friulani, Udine 1903 (v. prefácio de G. Marcotti); P., Le vicende dell'originale del « Patto di Udine », pp. 27-28; U. MASOTTI, L'arcivescovo Bricito e l'assedio di Udine nel 1848, pp. 16-19, e T. TESSITORI, Sintesi del 48, pp. 73-77. Il 1848 in Friuli, Udine 1948, pp. 77; G. MARCHETTI, o.c., p. 573.

destes presumíveis historiadores se deu ao trabalho de consultar os arquivos eclesiásticos para documentar as próprias teses; e deveriam tê-lo feito, precisamente para as tornar válidas. Apenas os contos de fadas não precisam de documentos.

A acusação de serem apoiantes da Áustria foi dirigida a todo o clero Veneto: « *austriacantismo* — escreve justamente Giovanni Mantese [8] — *sempre reafirmado, e nunca demonstrado* ». Nem se pode dizer, a mais de um século de distância, que o clima faccioso em que ela nasceu tenha desaparecido de todo.

Nós limitamo-nos ao clero udinense. E porque examinámos um a um os documentos de todos os arquivos disponíveis, afirmamos que se trata de uma grosseira calúnia. Fornecemos apenas alguns elementos de prova.

Poderíamos elencar os numerosos Sacerdotes presos, inquiridos ou admoestados pela polícia austríaca, ou removidos dos seus cargos. Poderíamos citar um panfleto veneziano de 4 de abril de 1848, assinado por « Alguns Cidadãos », no qual, lamentando que certos párocos de Veneza se calassem, se os exorta a imitar, entre outros, « os párocos do *Friuli* ». Poderíamos recordar que no *Giornale Politico del Friuli*, editado em Udine durante a revolução, se teve inclusive de defender o clero das críticas de quem o julgava demasiado patriótico e o queria menos empenhado ou ausente.

Mas preferimos testemunhos mais específicos.

E em primeiro lugar os de Sacerdotes muito próximos do Scrosoppi. Por exemplo, o seu querido amigo Dom Domenico Someda [9], então ajudante de chanceler na cúria de Udine, ousava registar no livro da cúria esta nota a 16 de agosto de 1849, a quase um ano e meio da revolução e uma semana antes da queda de Veneza:

« *Ao cabido metropolitano, convidando-o por ordem das autoridades civis a dar as devidas disposições para uma missa solene com o Te Deum, para solenizar o aniversário do nascimento de sua majestade o imperador Francisco José I e último* » [10].

Repetimos: a nota encontra-se no livro da cúria, que podia cair sob os olhos de muitos. O Someda com aquele *último* pensou ser um profeta fácil a curto prazo; foi-o, mas a muitos anos de distância.

A 8 de agosto de 1848 o Monsenhor Giuseppe Gortani — velho amigo do Pai Carlo e do Pai Luigi — escrevia de *Piano d'Arta* ao célebre compositor de música sacra Dom Giovanni Battista Candotti:

---

[8] G. MANTESE, Monsignor Giov. Giuseppe Cappellari vescovo di Vicenza, Vicenza 1960, p. 101.

[9] Udinense (1810-1885), durante cinquenta anos trabalhou na cúria, ao lado de quatro bispos, com zelo, obediência e humildade. Chanceler episcopal, provigário e vigário revelou em tais cargos singular prudência, paterna mansidão e nobre doçura de trato. Prestou serviço na igreja dos filippini, atendeu à pregação e ao ministério do confessional. Douto e piedoso, grande benfeitor dos pobres, deixou o exemplo de uma vida sacerdotal ilibada e laboriosa. (Cfr. F. BLASICH, Serie cronologica dei Vicari Generali di Aquileia e di Udine, Udine 1883, pp. 5-8).

[10] Prot. Cancelleria arciv. 1846-1849, (A.C.A.U.).

« *O nosso assunto, que por tanto tempo nos manteve em angustiosa espera, pelo que se diz, vai piorando desesperadamente, e se é assim não nos resta senão, resignados, recomendá-lo à proteção da Providência* » [(11)].

Eis o que era a liberdade da pátria para eles: o « nosso assunto », que angustiava as almas!

Don Andrea Casasola — que foi por mais de vinte anos Arcebispo de Udine e alvo das acirradas iras dos patriotas — foi dos primeiros a abraçar a causa nacional. Tiveram de o reconhecer, após a sua morte, os próprios jornais liberais. Grande amigo do Dom Luigi, fora seu companheiro na viagem a *Stresa* de 1843 e será ele a promover a primeira expansão da congregação religiosa, mandando-a chamar para o hospital de *Portogruaro*.

Que dizer então do irmão espiritual do Dom Luigi, o Dom Francesco Fantoni? Ele foi uma das mais notáveis vítimas do marechal Radetzky, quando este quis dar uma lição severa aos padres que tinham participado nos motins de Quarenta e oito.

Desta têmpera eram feitos os proclamados padres apoiantes da Áustria do *Friuli*! E note-se bem: falámos apenas de Sacerdotes íntimos do fundador das *Irmãs da Providência*, de Sacerdotes que foram todos, como ele, fervorosos apoiantes do Papa.

Os próprios adversários políticos tiveram de reconhecer o comportamento coerente do clero udinense em relação ao movimento do *Risorgimento*.

O senador conde Prospero Antonini, nada suspeito de clericalismo, escreveu que o clero da arquidiocese de Udine « *se mostrava antes do concordado austríaco de 1855 mais favorável do que contrário à causa italiana* » [(12)].

Naturalmente tal propensão inseria-se num quadro bem claro:

« *Na cidade de Udine* — deixou escrito o jornalista liberal Camillo Giussani — *em 1846-48 o neogelfismo tinha-se apoderado não só dos notáveis, mas também dos populares* » [(13)].

Poder-se-ia ter acrescentado que aquela corrente nascera, cerca de trinta anos antes, precisamente no seio do clero e dali se expandira para as outras classes sociais. Em poucos lugares a revolução de 1848 teve um caráter neogelfo tão acentuado como no território udinense. O próprio diretor d'*Il Giornale Politico del Friuli* durante a revolução, o futuro deputado Giovanni Battista Castellani e conde de *Montalcino*, provinha do seminário, onde estudara até ao segundo curso de teologia; e permaneceu sempre fiel ao sentir católico. Vários anos antes de 1848 participava, juntamente com o já recordado Abade Candotti, num movimento secreto para a libertação nacional. O senador Gabriele Pecile [(14)], educado também por algum tempo no seminário mas passado depois para a

---

[11] G. BIASUTTI, Giovanni Battista Castellani redattore del « Giornale politico del Friuli », em III Congresso Nazionale di storia del giornalismo, Udine 1971, p. 124.

[12] P. ANTONINI, Il Friuli orientale, Milão 1865, p. 526, nota 1.

[13] C. GIUSSANI, Mondo vecchio e mondo nuovo, Udine 1889, vol. II - fasc. I, p. 42.

[14] Nascido em Fagagna (Udine) em 1826 e falecido em Udine em 1902. Com o seu filho Domenico foi o maior agrónomo friulano. Licenciou-se em direito, fez parte da Associazione Agraria Friulana, centro de reunião de liberais e de conspiradores. Sob o governo italiano foi deputado em várias legislaturas, foi durante muito tempo presidente

frente oposta, não deixará de aludir com desprezível ironia aos tempos do domínio clerical de 1848. O Pecile tinha-se tornado sobrinho por afinidade da tia Rosa Lazzarini e portanto, segundo os costumes do tempo e apenas em sentido lato, primo do Pai Luigi.

Caso estes testemunhos não fossem suficientes, eis que surge como confirmação definitiva uma voz austríaca: nada menos que a do governador do *Veneto*, Puchner. Numa dura carta enviada ao Arcebispo Monsenhor Bricito a 20 de dezembro de 1849, convida-o a repreender severamente o clero, especialmente « aqueles que pelo seu fanatismo se distinguiram e que não duvido lhe serão bem conhecidos », pois — escreve — « lamento ter de o dizer, precisamente na província de Udine mais do que em qualquer outro lugar reina um espírito hostil à atual ordem das coisas... ». Mesmo dois anos após a revolução, a 19 de fevereiro de 1850, o comando militar de Udine protestará junto do Arcebispo porque em algumas paróquias não eram recitadas as orações prescritas para o Imperador e os pregadores não invocavam as rituais bênçãos sobre o monarca. Em 1851 o Abade Stefano Dalla Ca', que proferiu um aplaudido ciclo de sermões quaresmais na sé de Udine, omitiu intencionalmente aquela invocação no sermão de encerramento; pagará tal audácia com diversos meses de prisão nos cárceres do castelo da cidade.

A chamada involução, segundo a qual o clero teria posteriormente mudado de orientação, ocorreu efetivamente. Todavia já tinha começado antes de 1848. É um documento célebre disso a carta pastoral de 8 de novembro de 1847, na qual o Monsenhor Bricito levantou um sentido protesto contra a exploração do nome de Pio IX para alimentar os ódios e instigar os tumultos; uma carta que foi duramente criticada por Niccolò Tommaseo.

As causas de tal involução foram muitas e não é este o lugar para as analisar. De qualquer modo, é totalmente injusto e anti-histórico reduzi-la à fórmula facciosa e superficial de oposição à liberdade italiana e servilismo para com o estrangeiro. Por que não defini-la, com sinceridade, como uma oposição ao modo e ao espírito com os quais se estava a realizar a tão desejada unidade nacional?

Este parêntese — que admitimos ter sido longo — era necessário, e consideramo-lo tal para compreender com exatidão as atitudes de então e dos tempos sucessivos do Pai Scrosoppi. Dele, todavia, não conhecemos outro gesto público além daquela grande laçada exibida com brio. As subtilezas da política não eram o seu campo; era-o, pelo contrário, e foi-o sempre, a perfeita fidelidade à Igreja e à Santa Sé.

Sem dúvida ele rezou e fez rezar para que tudo procedesse da melhor forma, mas durante a revolução de 1848 realizou também algo mais, que espantou — tal como espantou os seus contemporâneos — pelo realismo e pela coragem.

Sob o fogo dos canhões

O Dom Luigi tinha nove anos quando, nos arredores de Udine, se ouviram as últimas descargas das guerras napoleónicas. Talvez não as tenha ouvido ou talvez não

da câmara de Udine e em 1880 senador do reino. Os seus escritos revelam a participação nas questões daqueles anos no campo político e social. (Cfr. G. MARCHETTI, o.c., pp. 618-622).

conservasse memória delas; todavia, é uma característica das almas fortes saberem recorrer a todos os seus próprios recursos no momento de necessidade.

Acontece não raras vezes que homens, por outros aspetos notáveis e excelsos, se percam nas horas difíceis; o santo, pelo contrário, mantém a sua firmeza. Se a graça divina encontra na sua personalidade os dotes naturais necessários para enfrentar a prova, reforça-os e eleva-os a nível sobrenatural; se não os encontra, cria-os, como aconteceu no solene exemplo do primeiro Pentecostes cristão.

Quando, na Sexta-feira Santa de 21 de abril de 1848, as granadas começaram a cair sobre a cidade, a pequena família da *Casa das Derelitte* — sessenta órfãs e cerca de vinte Irmãs — ficou obviamente transtornada como por um súbito golpe de vendaval. O que fez então o Pai Luigi?

« *Foi enquanto fervia a refrega — narra com simplicidade uma Irmã — que, para encorajar as raparigas assustadas, ele pendurou no botão da batina um quadro de Nossa Senhora do Rosário. Era esse o escudo mais potente que, unido à oração mais fervorosa do seu coração ardente, impedia os projéteis mortíferos de atingirem e arruinarem a casa. De facto... nenhuma bomba caiu senão para lá do instituto, de modo que tudo e todos ficaram ilesos* ».

A casa erguia-se a curta distância das muralhas da cidade, naquele tempo ainda íntegras, na parte baixa da cidade, precisamente onde pressionavam com maior força as tropas austríacas do general Nugent. O Pai Luigi, temendo os incêndios, mandou logo atirar pelas janelas colchões e utensílios para o pequeno pátio, preocupando-se em providenciar a saúde espiritual e física daquelas pobres filhas.

« *Era a tarde de Sexta-feira Santa — conta a Irmã Giacinta De Monte, então apenas noviça — por volta das quatro horas, quando ao toque do sino fomos todas chamadas, Irmãs e raparigas, para a pequena igreja, onde o venerado Pai nos deu a absolvição* ».

Posteriormente, um grupo de órfãs foi enviado para junto das Irmãs *Dimesse*, outro para as *Rosarie*, enquanto outras ficaram em casa com algumas religiosas. Entre estas havia uma rapariga com deficiência física, que não tinha sido possível mudar.

« *O bom Pai* — narra a Irmã Angelica Gervasoni — *tinha sempre os olhos nela, para que nada pudesse assustá-la ou tornar ainda mais triste a sua já difícil condição. Mandou-a pois transportar para o meio do jardim e encarregou três ou quatro das mais velhas e corajosas de lhe fazerem companhia e a consolarem* ».

Um gesto de requintada atenção que leva a Gervasoni a concluir: « *Uma terna mãe não teria feito mais pela sua filha* ».

Mas já antes daquela Sexta-feira Santa, a intuição do Pai Luigi lhe tinha sugerido uma providencial iniciativa. Superados os primeiros dias de ilusões românticas, ele tinha compreendido que a situação iria precipitar-se. Tinha por isso convidado o cirurgião doutor Giacomo Zambelli a instruir brevemente as Irmãs sobre como tratar as feridas. E, coisa ainda mais significativa para demonstrar a sua capacidade formativa, soube transmitir àquelas mulheres simples e inexperientes um heróico espírito de dedicação. Ou melhor, esse espírito já o tinha instilado; bastou um único aceno para que aquelas almas generosas se pusessem ao trabalho.

As Irmãs entre os feridos

« *Entre as Ave-Marias e a hora da noite* — continua a Irmã Giacinta — *levou-nos a oito para o portão e disse-nos comovido: O Senhor vos abençoe, até logo no Paraíso* ».

As Irmãs dirigiram-se em parte para o liceu — situado nas proximidades da atual *praça Garibaldi* — onde fora instalado um posto de primeiros socorros, e em parte para o hospital civil, perto da *Igreja de san Francesco*.

« *Na rua* — escreve Tinti — *encontraram um tal Passero, que tinha uma perna mutilada pelo rebentamento de uma bomba; depois de o levantarem, quatro delas levaram-no com cuidado para o hospital, e assim, um após outro, recolhiam os pobres feridos* ».

Imaginai aquelas Irmãs a caminho pelas ruas desertas ao crepúsculo, enquanto a população se refugiava nas caves; imaginai a sua inexperiência perante a violência da guerra, o tremor feminino à vista do sangue, enquanto carregavam os feridos nos braços, com as mãos e os hábitos sujos de sangue. Deve ter pensado nisso também o Abade Jacopo Pirona, o qual compreendeu que a vida religiosa não as tornava de modo algum incapazes ou inúteis, como inicialmente temera.

Precisamente no periódico *Lo Spettatore Friulano*, do qual Pirona era figura de destaque, surgiu um mês depois, a 25 de maio, um significativo testemunho da direção do hospital. Na noite de 21 de abril, doze pessoas, entre civis e militares, tinham sido internadas na estrutura, quase todas feridas com gravidade.

« *Se por um lado a direção estava aflita com o espetáculo doloroso dos sofredores, por outro sentia-se encorajada pelo aparecimento imediato e espontâneo de algumas Irmãs de Caridade, conhecidas como* "*Derelitte*"*, do benemérito estabelecimento do Pai Carlo Filaferro. Para descrever a utilidade extraordinária dos seus ofícios, que ainda prosseguem, a direção confessa não ter expressões adequadas; deixa o julgamento a quem conhece as obras inspiradas pela pura caridade do Evangelho e confia na fama que difundirá, uma vez saído do hospital, qualquer pessoa que tenha provado a sua afetuosa e incomparável assistência* ».

É oportuno notar que o hospital, naquele tempo, era servido apenas por enfermeiros e enfermeiras assalariados; o diretor, doutor Trombini, terá mais tarde ocasião de evidenciar as suas falhas, especialmente no que diz respeito ao pessoal feminino.

Um artigo do Dr. Zambelli

Poucos dias antes, a 20 de maio, no mesmo periódico tinha surgido uma carta do doutor Zambelli datada de 12 de maio, endereçada «Ao cortesíssimo doutor Formiggini - Trieste»; uma carta que transcrevemos integralmente.

« *Quando no passado outono nos encontrámos no navio a vapor que levava para Chioggia os sábios do congresso veneziano, e serenos e seguros, discutindo temas científicos, atravessávamos as águas calmas do Adriático, não imaginava certamente que passados poucos meses teria de vos escrever para recordar as desventuras que recentemente atingiram a minha pobre pátria, e para recompensar com bênçãos aquelas*

almas nobres que o Céu enviou para adoçar a amargura e os sofrimentos. E contudo tudo isto aconteceu, meu amigo!

Não me deterei a descrever-vos as provações bélicas que a minha cidade natal sustentou, porque prefiro falar-vos das obras misericordiosas de quem, sem se cuidar da própria salvação, socorreu com conforto e ajuda as vítimas de tal flagelo.

Estas minhas palavras referem-se às Irmãs derelitte de Udine, as quais, na noite terrível de 21 de abril de 1848, ganharam o direito a um reconhecimento eterno junto daqueles que estimam mais as obras piedosas do que as gloriosas.

Sabei pois, egrégio doutor, que poucos dias antes daquela dolorosíssima noite, um dos Sacerdotes que dirigem o santo hospício chamava-me a si dizendo-me com discrição: Se considerardes que as pobres derelitte podem prestar algum serviço à humanidade no perigo que nos ameaça, secundando o piedoso desejo das minhas filhas, eu vo-las ofereço, para que ajudeis com o seu socorro os infelizes que dele necessitarem. Eu apreciei logo o tesouro que com aquelas francas palavras me era oferecido, agradeci com todo o coração àquele homem digno, e infelizmente veio o dia em que a caridade daquelas criaturas angélicas foi posta a uma duríssima prova.

Ao cair da noite em que Udine foi atacada, ao primeiro trovejar das artilharias, lembrei-me da oferta das irmãs derelitte e chamei-as a dirigirem-se logo ao hospital subsidiário do borgo Grazzano, confiado aos meus cuidados; antes mesmo de cair o primeiro ferido, oito daquelas bravas irmãs já estavam no seu posto, prontas a suportar qualquer incómodo e a enfrentar todo o risco para socorrerem os seus irmãos sofredores.

E foi verdadeiramente admirável ver este grupo de jovens mulheres deixar o sossego solene da sua morada; deixar os pacíficos estudos e os cuidados maternos com que se dedicam a criar na fé e no trabalho as raparigas pobres, para se lançarem subitamente entre as iras e os rancores do mundo, entre o sangue e os horrores de um assalto militar, entre as dores e os lutos dos hospitais. Oh! Certamente o não fraquejar numa tão rápida mudança de situação não pode ter sido senão um milagre da caridade, e quem se ocupa de registar os factos desta divina virtude, escreva também este, porque tem bem motivo!

Foi certamente vontade de Deus que a zona para onde acorreram as generosas irmãs fosse a mais duramente atingida pelos raios da guerra e onde foi maior o número de pobrezinhos que caíram sob a sua mortífera potência. Mas a constância daquelas eleitas não fraquejou no duríssimo embate; foram vistas acorrer em ajuda dos que perigavam; foram vistas vigiar como anjos junto do seu leito e encorajá-los com remédios e palavras docíssimas; foram vistas amparar-lhes delicadamente a cabeça e alimentá-los com as próprias mãos; quando eram levados para os hospitais, foram vistas empenhar-se em limpar e cobrir as feridas, sempre com o rosto iluminado por uma doçura celestial, sempre tranquilas, serenas e seguras.

Nem menos fortes se mostraram as benditas irmãs quando, transferidas para o hospital da cidade, tiveram de se ocupar dos membros lacerados e sangrentos daqueles pobrezinhos, nem quando, para os salvar da morte, os viram sofrer os espasmos indizíveis da faca cirúrgica que aqueles membros cerceava sem piedade. Oh! Sim,

repito-o com o ânimo comovido por maravilha e devoção: isto foi um prodígio, um verdadeiro prodígio!

Mas a caridade, sabeis bem, ótimo amigo, não conhece rancores de fação, nenhum sofredor é estrangeiro para ela, a todos ela doa iguais afetos e iguais cuidados; por isso as virgens derelitte não operavam somente a favor dos seus concidadãos mas, como elas desejavam, deram prova da sua piedade também para com quem era considerado um adversário.

Por isto, quando foi internado entre nós o tenente-coronel de artilharia barão Smola, gravemente ferido por um projétil, elas foram generosas em tantas consolações e prestaram-lhe serviços tão amorosos que, quando aquele senhor recuperou do mortal esgotamento que o oprimia, apertando-me a mão disse-me: Recebei os meus agradecimentos, vós confiastes-me aos cuidados de alguns anjos.

E quando poucos dias depois aquele oficial recebeu a visita do general de artilharia conde Nugent, este, ouvido por ele quanto as irmãs derelitte tinham feito para o servir, expressou-lhes vivos agradecimentos em seu nome e do exército que ele comanda.

Passaram já mais de vinte dias desde aquela noite fatal, e um escolhido grupo de irmãs derelitte desempenha ainda a santa tarefa de socorrer os feridos. Elas são a sua esperança e a sua consolação; são a admiração dos médicos e o exemplo para os enfermeiros assalariados, aos quais ensinam como deve ser cumprido este difícil ministério.

E após provas tão belas, após ter visto quanto benefício pode derivar aos doentes dos serviços prestados por quem está inflamado pela caridade, poderemos nós duvidar que quem administra o hospital civil de Udine não se empenhe com toda a sua força para que os pobres enfermos não devam nunca mais ser privados de um semelhante socorro? Oh, confio demasiado na fé e na cortesia daquele presidente para temer uma tal desventura!

Deste modo, em pouco tempo, aquele lugar que é tanto evitado pelos pobres tornar-se-á uma estadia querida e desejada, como o teria sido sempre se os doentes, em vez de serem deixados nas mãos de servos mercenários, tivessem tido em sua ajuda quem nada espera e nada pede aos homens, porque espera cada prémio e cada recompensa do Céu ».

Prova de fogo

O breve cerco de Udine não causou graves danos materiais. Algumas habitações foram atingidas ou incendiadas pelo tiro das artilharias austríacas, mas as perdas de vidas humanas foram felizmente limitadas. Os registos do hospital civil relatam cinco óbitos na sequência dos ferimentos sofridos. Nas duas paróquias mais expostas, situadas na zona meridional da cidade para onde pressionava o exército inimigo, contaram-se outros quatro mortos: apenas um na *paróquia de san Giorgio* e três na do *Carmine*. Entre estes últimos estiveram dois cidadãos — pai e filho — e um capitão dos granadeiros austríacos, um certo Francesco Giuseppe Schima, morávio, atingido pelo canhão defensivo logo à saída da *porta Aquileia*.

O dano mais profundo foi porém o moral: a amargura pela rápida derrota e as acusações de cobardia dirigidas a quem governava naquele momento. Até o Arcebispo, o Monsenhor Bricito, foi acusado de excessiva condescendência para com o inimigo. Foi precisamente ele quem foi instado a negociar a rendição; a lenda descreve-o caminhando descalço pela *alameda Palmanova* entre as tropas austríacas que, comovidas, estendem os seus mantos na estrada à sua passagem. O Arcebispo respondeu a estas críticas numa longa e célebre carta, reproduzida pelo Antonini, definida como escrita « *com franqueza e com imparcialidade histórica* ».

Depois das imensas tragédias de 1914-1918 — quando Udine se tornou « a capital da guerra » — e dos dramas de 1940-1945 com os bombardeamentos massivos, poderíamos ser tentados a sorrir definindo como « tremenda » a noite de Sexta-feira Santa de 1848. Todavia, é preciso mergulhar naquele tempo: depois de trinta e cinco anos de paz ininterrupta desde 1813, era preciso uma coragem autêntica até apenas para lançar uma pedra contra o bivaque de um guarda austríaco ou para entoar os coros do *Nabucco*. Era preciso ainda mais para empunhar uma espingarda e erguer barricadas.

O heroísmo das Irmãs *derelitte* não parece de modo algum diminuído pelo alcance limitado das suas ações. Considerando a vida extremamente reservada das mulheres de então, e em particular das religiosas, o seu gesto foi surpreendentemente audaz. Elas foram, de facto, antecessoras das enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha, impelidas exclusivamente pelo espírito de caridade.

O Pai Luigi sentiu orgulho pelo testemunho oferecido pelas suas filhas espirituais; não procurava o aplauso do mundo, mas jubilava ao ver que as Irmãs eram capazes de um amor a Deus e ao próximo pronto a desafiar a morte.

Uma vez proclamado o armistício, apressou-se a reunir as orfãzinhas dispersas com uma alegria profunda. A Páscoa não foi festiva nos consumos, mas foi-o no fervor da oração comunitária.

As Irmãs, que assistiam os feridos, permaneceram a prestar socorro no hospital durante cem dias, até ao fim de julho.

O barão coronel Carlo Smola

Segundo as crónicas do Tinti, este oficial austríaco foi transportado para o hospital após a rendição da cidade. Parece que foi atingido precisamente quando, assomando à praça da *porta Aquileia*, convidava os cercados à rendição.

O barão Smola recebeu cuidados amorosos da Superiora, a Irmã Lucia De Giorgio, e da Irmã Amalia Borghese. O Pai Carlo, graças ao seu perfeito conhecimento da língua alemã, foi-lhe de grande apoio espiritual. O coronel, em sinal de gratidão, escreveu-lhe posteriormente: « *Esteja bem certo de que a recordação da assistência que me prestou no período mais triste da minha vida nunca esmorecerá* ».

Depois de cinquenta dias de sofrimento, o barão recuperou e visitou o Instituto das *Derelitte* para agradecer pessoalmente aos dois Sacerdotes. Uma vez regressado a Viena, manteve uma constante relação epistolar com os irmãos Scrosoppi, acompanhando

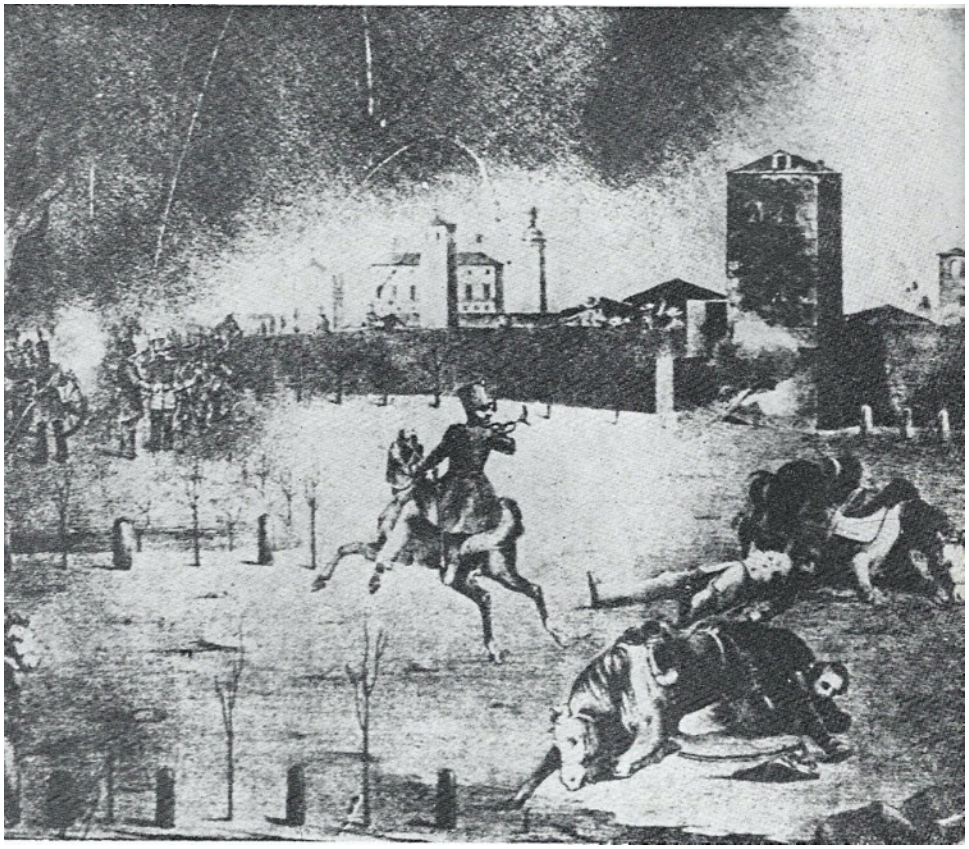
frequentemente as suas cartas com donativos generosos para a obra. Este oficial demonstrou-se reconhecido não só por palavras: interveio de facto junto da administração imperial para favorecer a permuta de alguns campos fora das muralhas por um amplo terreno situado precisamente em frente à *Casa das Derelitte*.

Numa carta enviada ao Dom Luigi a 4 de maio de 1854, por ocasião da morte do Pai Carlo, Smola escreveu:

« *Estou profundamente entristecido pela perda do seu irmão Carlo... estou convencido de que ele encontra já no céu a recompensa por se ter sacrificado a favor da inocência pobre. Venerava-o como um santo... Ele deixou no senhor um digno sucessor* ».

Concluía confiando a sua família às orações do Dom Luigi, por quem nutria a mais viva estima.

Naquela derrota de 1848, as Irmãs e os dois irmãos tinham obtido sobre o inimigo a mais alta vitória: a da bondade.



Gravura de época reproduzindo a referência do Barone coronel Smola sob as muralhas de Udine cercada em 1848.

Por que as Irmãs não ficaram no hospital de Udine

O doutor Zambelli tinha expressado o desejo de que as *Irmãs da Providência* fossem contratadas em caráter permanente para o serviço do hospital da cidade.

Não é claro se, durante os cem dias em que ali permaneceram pela emergência, já tinham decorrido negociações formais nesse sentido entre a direção e o Pai Carlo. Todavia, mal as religiosas se retiraram, a sua falta foi imediatamente sentida. A 5 de

agosto, a direção do hospital escreveu ao Arcebispo, pedindo-lhe que interviesse com a sua palavra autorizada para que fossem designadas para a assistência dos enfermos « *algumas daquelas Irmãs que tanto se distinguiram pela humanidade demonstrada nos dias da desventura* ».

O Arcebispo acolheu o pedido com alegria e a 8 de agosto escreveu ao Pai Carlo:

« *Estava precisamente nos planos da Providência que, naqueles dias de sofrimento, todos tomassem conhecimento de que nesta cidade já se possuía aquele tesouro que o signatário procurava noutras províncias para o bem do hospital, e que por este motivo a desventura mesma se fizesse portadora das mais caras consolações* ».

O Arcebispo, entusiasmado com o facto de a sua diocese não ter mais de invejar às outras aquelas figuras generosas capazes de compreender e implementar as sublimes inspirações da caridade, pediu ao Diretor que entrasse em contacto com ele para estabelecer os acordos necessários e definir o plano operacional.

O Pai Carlo Filaferro respondeu a 14 de agosto, pondo algumas condições precisas: requeria que o número de Irmãs para a ala feminina e para a dos enjeitados — pois a contratação dizia respeito apenas a estes dois setores — fosse elevado para quinze; estabelecia que a Superiora local devesse ficar subordinada à Superiora das *Derelitte*, pois a nova fundação dependeria sempre do instituto mãe; pedia outrossim que às Irmãs fosse atribuído um alojamento separado, que garantisse a tranquilidade necessária para se dedicarem à vida espiritual. Do ponto de vista económico, propunha que o hospital destinasse um capital inicial de 1300 liras para o arranque e, posteriormente, uma lira por dia para cada enfermeira. A 28 de agosto, para fazer face às dificuldades da direção, aceitou reduzir o número de Irmãs para treze e o capital inicial para 1200 liras.

A 29 de agosto o Arcebispo escreveu à direção do hospital comunicando que todos os obstáculos tinham sido removidos. Pelo contrário, estava prestes a surgir o problema mais grave.

Dois dias depois, o Pai Carlo dirigiu-se ao gabinete do diretor do hospital — que na época era o doutor Persoli Dell'Onore — para acordar concretamente a questão do alojamento. É evidente que ele tinha muito em conta o « *sossego necessário para as coisas do espírito* », como já tinha solicitado. Para o efeito, insistiu para que às Irmãs fossem concedidos alguns locais situados em frente à fachada da *Igreja de san Francesco* (hoje demolidos), onde porém há catorze anos se tinha estabelecido o Asilo de Caridade dirigido pelo Dom Pietro Benedetti.

O diretor, que inicialmente não tinha dado importância à cláusula sobre o alojamento, ficou desconcertado. Escreveu imediatamente ao Arcebispo explicando que para o asilo infantil estava em vigor um contrato de aluguer válido até 1851; acrescentou que a adaptação daqueles vãos para uso das Irmãs teria exigido uma despesa de mil florins, uma soma impossível de encontrar nas atuais condições económicas do hospital, e que a opinião pública julgaria negativamente o despejo do asilo. Convidou portanto o Arcebispo a inspecionar pessoalmente os outros espaços oferecidos pelo hospital, para verificar se eram compatíveis com as condições postas pelo Pai Carlo. Com uma reflexão um pouco amarga, concluía afirmando que — se as Irmãs das *Derelitte* não cedessem ou o fizessem apenas por pura obediência — seria melhor abandonar a ideia e retomar os

contatos já iniciados com as Irmãs do instituto de *Lovere*, dado que a melhoria da situação política permitia agora uma regular correspondência postal.

Não sabemos se o Monsenhor Bricito efetuou essa vistoria. É certo porém que as negociações se interromperam e as *Irmãs da Providência* não entraram de todo no hospital de Udine.

Quatro anos depois, não as Irmãs de Caridade de *Lovere* — fundadas pelas santas Bartolomea Capitanio e Vincenza Gerosa, hoje comumente chamadas « *de Maria Menina* », mas as Servas da Caridade de *Brescia*, fundadas pela santa Maria Crucificada Di Rosa, fizeram a sua entrada na estrutura. Nesse momento o Dom Benedetti, com o seu asilo, teve de deixar os locais e mudar-se por algum tempo para a *rua Cicogna*.

É muito provável que, além da divergência sobre o alojamento, houvesse na alma dos dois irmãos Scrosoppi uma prudente hesitação em solicitar a expansão da congregação. Talvez tenham considerado necessário um período suplementar de preparação interior, ou talvez tenham refletido sobre a advertência evangélica: « *Ninguém é profeta na sua terra* ».

Os dois fundadores e os perseguidos políticos

Não seria justo concluir esta narração sobre os acontecimentos de 1848 sem acrescentar um pormenor que, a nosso ver, realça a altíssima estatura moral do Pai Carlo e do Pai Luigi.

Por trás deles estava a responsabilidade de um instituto de órfãs. Sabemos bem quanto eles foram sempre contrários a qualquer forma de tutela ou controlo por parte da autoridade civil. Todavia, a chamada « *prudência humana* » (ou seja: a cautela ditada pelo oportunismo ou pelo receio material) deveria pelo menos ter-lhes sugerido que não atraíssem as suspeitas da polícia austríaca, que poderiam causar sérios problemas e entraves. Com tudo isso, eles não se preocuparam minimamente.

Quando, quatro anos mais tarde, o marechal Radetzky ordenou o afastamento do seminário — que tinha sido um dos mais ardentes centros de patriotismo — de alguns docentes, entre os Sacerdotes atingidos estiveram o Dom Fantoni e o Dom Valentino Liccaro, amigos de longa data [(15)] dos dois irmãos Scrosoppi.

---

[15] Tinham sido acusados de possuir «falsos e exagerados princípios da supremacia eclesiástica sobre as potestades civis». Para o don Liccaro foram também recordados os seus «maus» antecedentes políticos e a sua «encarniçada aversão» ao governo quando estava em Zara, pelo que foi de lá expulso. O vigário geral Monsenhor Darú defendeu-os a 30 de dezembro de 1852: para o Liccaro não existia qualquer relação entre os factos de Zara e as circunstâncias presentes; «jamais deu prova de exaltada opinião sobre a potestade eclesiástica». As matérias ensinadas pelo don Fantoni nem sequer ofereciam ocasião de tratar da supremacia da Igreja. Informava depois, a propósito do Fantoni ao qual unia também o don De Apollonia, que se tratava de mexericos malévolos feitos por alguns que, enveredando por caminhos tortuosos, julgavam os dois Sacerdotes demasiado rígidos de moral e zelosos na observância da disciplina eclesiástica. Concluía elogiando a «exemplar religião» também dos outros professores «aos quais a cidade e a diocese fazem justiça», louvando o seu ensino que inculcava «fiel submissão às supremas potestades eclesiásticas e civis como ensina o Apóstolo, e de dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». Defesa vã: a 15 de fevereiro de 1853 por ordem de Radetzky os Sacerdotes Liccaro e Fantoni (e com eles também o don De Apollonia e o don T. Turchetti, ecónomo) deviam ser «por vistas políticas imediatamente afastados do seminário mesmo, e

Pois bem, os dois irmãos não só não se distanciaram deles, como infelizmente acontece frequentemente quando um amigo se torna um suspeito ou um perseguido, mas a partir desse momento tiveram-nos mais caros do que nunca.

Liccaro prosseguiu o seu ministério na *Igreja de santa Maria Maddalena* e em 1854 seria o seu orador oficial. O Dom Fantoni, por seu lado, permaneceu tão ligado ao Pai Luigi que pôde ser considerado de pleno direito, juntamente com ele, quase um cofundador da congregação das irmãs.

Se nesta atitude emerge acima de tudo o nobre valor humano de uma amizade fiel, não se pode deixar de vislumbrar nela também uma caridade solícita e uma serena, mas firme, altivez.

absolutamente excluídos de qualquer cargo na instrução pública». (Cfr. U. PELLEGRINO, o. c., vol. II, pp. 384-391).

Capítulo 6

O SETÉNIO DECISIVO
DAS ASCENSÕES ESPIRITUAIS (1845-1852)

Os anos que vão de 1845 a 1852 foram como uma « *cela no tempo* » para o fundador e para as *Irmãs da Providência*: um período de concentrado e intenso recolhimento, quase fora das inquietudes do século.

Relativamente às irmãs: se as mestras da *Casa das Derelitte* transbordavam docilidade e generosidade, non beneficiou certamente a sua serenidade espiritual a década de longas e incertas buscas para encontrar uma congregação a que confiar a obra. O Dom Luigi trouxe clareza e paz com a constituição, no Natal de 1845, da primeira comunidade religiosa das *Filhas de São Caetano*. Isso foi sem dúvida feito como uma experiência, mas esse mesmo compromisso exigiu um período de grande tensão formativa por parte das freiras, e especialmente por parte dele.

O súbito clamor de 1848 caiu em pleno período de isolamento e suscitou uma resposta de heroica dedicação, que não desviou nem distraiu do santo propósito, mas antes o revigorou.

Relativamente ao fundador: como poderia ele moldar aquele variado grupo de almas para a perfeição religiosa? A experiência não o socorria certamente, restava-lhe portanto um único método: precedê-las e arrastá-las com o exemplo. Não era do seu carácter exigir dos outros o que não tivesse feito primeiro. Devia portanto pedir tudo a si mesmo para poder pedir muito às suas filhas espirituais.

Na verdade, acreditamos que já emergiu claramente da sua formação e das suas obras o espírito animador do Dom Luigi: ardente, magnânimo, tenaz e muito ativo; mas ao mesmo tempo humilde, esquivo e amante de um zeloso ocultamento. Entre 1845 e 1852 ocorreram porém alguns factos que nos permitem olhar profundamente na sua vida interior, precisamente entre os quarenta e um e os quarenta e oito anos da sua vida.

É a época em que cada personalidade atinge um assentamento ou um desajuste quase definitivos.

Frequentemente acontece que, precisamente nos chamados « *bons* », o assentamento se realize numa bondade resignada ou amarga. Aplacados os fervores e desvanecidos muitos entusiasmos, a virtude e o fervor das obras acomodam-se numa rotina rica talvez em sabedoria, mas desprovida de impulso; ou então as cicatrizes das batalhas passadas amarguram o carácter. Quando, pelo contrário, do trabalho emerge a figura do homem bom « *bom* » (ou seja, uma pessoa de profunda e autêntica bondade), resplandecente de juventude espiritual e suavidade, grita-se ao prodígio.

Não queremos adentrar-nos em subtis análises psicológicas sobre a vida interior do Dom Luigi, mas deixaremos falar os factos e os documentos, dos quais veremos finalmente brotar lampejos de heroica santidade.

Don Luigi torna-se oratoriano

Já desde 1815 alguns cidadãos udinenses — entre os quais figurava o senhor Domenico Scrosoppi — tinham apresentado uma súplica ao imperador da Áustria para que permitisse o restabelecimento da congregação dos *filippini* em Udine; é provável que fosse também por este motivo que o Pai Carlo renunciou, na época, a entrar para os Jesuítas. Todavia, o pedido não foi acolhido.

Nos vinte e cinco anos seguintes não se chegou a nada de concreto.

O Pai Carlo voltou a pensar nisso em 1840, logo que lhe foi confiada a direção da Igreja de *santa Maria Maddalena*. Como não havia esperança de que o governo austríaco restituísse a antiga sede — utilizada para as repartições da delegação provincial e hoje sede da polícia e da prefeitura — iniciou imediatamente as negociações com os irmãos Francesco e Niccolò Braida para adquirir o edifício que ostentava então o número 1850, situado na extremidade norte do atual palácio dos correios. Com a aprovação entusiasta do Bispo Monsenhor Lodi e graças aos contributos de vinte e oito cidadãos, a 26 de janeiro de 1842 pôde finalmente assinar o contrato de compra. Dois meses e meio depois, a 9 de abril, chegou finalmente o decreto imperial que aprovava o restabelecimento da congregação dos *filippini* de Udine. O documento impunha contudo a condição de que esta nunca pesasse sobre os cofres do Estado ou sobre outros fundos públicos e que se dedicasse ao cuidado das almas sob a direção do Bispo diocesano. Era outrossim mantido o pagamento anual de 344,82 liras à Igreja de *santa Maria Maddalena*, que passava definitivamente para a congregação.

A casa Braida, todavia, era pouco salubre e inadequada para acolher os novos religiosos.

A isto somou-se uma ulterior complicação burocrática: apesar de a decisão imperial de 9 de abril de 1842 ter sancionado a transferência de propriedade da igreja para a congregação em vias de reconstituição, os funcionários impuseram a habitual espera. O Pai Carlo teve de se empenhar por mais de três anos para que a promessa fosse mantida. Apenas a 4 de novembro de 1845 o Cónego Faraj pôde escrever-lhe de Veneza: « *Viva! Viva! Neste dia, sagrado a São Carlos Borromeu — com o qual São Filipe se dava muito bem — chegou-me, embora tarde, a notícia certa do decreto favorável para os filippini de Udine* ». A entrega oficial da igreja ocorreu a 8 de janeiro de 1846.

Finalmente, a 26 de maio, o Pai Carlo, o Pai Antonio Specie — também ele antigo *filippino* —, o Dom Luigi Scrosoppi e o frade leigo Lorenzo Menon, também ele sobrevivente da antiga congregação, reuniram-se na Igreja de *santa Maria Maddalena* para a reconstituírem; o Pai Carlo foi, como era natural, eleito Superior.

Mas por que motivo o Dom Luigi se uniu a eles apenas quatro meses e meio após a entrega da igreja?

Sem dúvida o Pai Carlo esperara que o seguissem alguns dos excelentes Sacerdotes que prestavam serviço naquela mesma igreja. Em vez disso, apesar do afeto e da partilha de ideais, ninguém aderiu: nem Someda, nem Benedetti, nem Fantoni, nem Liccaro, nem sequer o Dom Giovanni Battista Scrosoppi. No entanto possuíam todos as qualidades e o espírito necessários. Mas os tempos tinham mudado e o futuro afigurava-se incerto e confuso.

Leva a pensar que aos convites do Pai Carlo não opuseram uma recusa neta, mas uma série de hesitações e de cautelosas reservas. Precisamente o que era preciso para fazer disparar a determinação do Dom Luigi. Ele deve ter dito, mais uma vez, ao Pai Carlo:

« *Procurámos demasiado o consenso dos homens para voltarmos a pôr de pé a congregação. Os três Sacerdotes necessários já cá estão: vós e o Pai Specie; e o terceiro aqui está. Para o futuro confiamos no Senhor* ».

Consideramos que as coisas correram efetivamente assim, porque oito anos mais tarde veremos repetir-se a mesma situação feita de prudentes adiamentos. Será precisamente o Pai Luigi a romper as demoras, de modo quase impetuoso, correndo o risco de quebrar a amizade com o querido e estimado Dom Benedetti. Isto acontecerá porque o Pai Carlo, embora tendo restabelecido formalmente a congregação filipina em 1846, nunca implementou a vida em comum entre os seus membros. Uma tarefa de que, após a sua morte, o irmão se encarregará precisamente.

No ímpeto e na constância com que o Pai Luigi quis o renascimento dos *filippini*, além da devoção para com o Pai Carlo, podemos vislumbrar o desejo de levar a termo a sua dedicação sacerdotal de 1827 com a generosidade típica da vida religiosa, inspirando-se no espírito do « *Pippo buono* » (o bom Pippo, alcunha de São Filipe Néri) de que se alimentara desde a infância. Mas havia muito mais.

Precisamente porque os tempos corriam para pior para o sentimento religioso de muitos, ele considerava indispensável proteger e reavivar o valor cristão dos fiéis mais devotos, que era um dos fins principais do Oratório filipino. Embora o Oratório nunca tivesse deixado de existir, o Pai Luigi empenhou-se para lhe devolver o vigor, tanto que em 1857 ele se tornou alvo de duras críticas dirigidas a um dos seus mais assíduos frequentadores, o dramaturgo Giovanni Battista Zerbini [(1)].

Sonhava outrossim com fazer nascer, como era costume nas casas filipinas, um centro de formação cristã para os jovens operários e estudantes de Udine, ou pelo menos uma espécie de círculo juvenil católico de vanguarda [(2)]. Não o conseguiu plenamente, sobretudo pela falta de colaboradores adequados, ou conseguiu-o apenas em mínima parte. Todavia, compreende-se bem por que motivo, muitos anos depois, apoiou com força as iniciativas semelhantes do Abade Giovanni Dal Negro, nas quais via realizarem-se os seus sonhos apostólicos.

---

[1] Udinense (1788-1868), nos cargos de deputado, inspetor escolar distrital, etc., agiu com consciência e zelo. Ao compor os ensaios dramáticos visou sempre a educação moral da juventude. Profundamente religioso, sensível às dores alheias, socorreu largamente os institutos de beneficência. (Cfr. Necrológio no Giornale di Udine, 18-12-1868).

[2] Cfr. L. TINTI, o.c., p. 78.

Era necessário explicar tudo isto para dar o pleno significado à escolha oratoriana do Dom Luigi. Com esta decisão, ele deixa de ser « Dom » e torna-se « Pai », como lhe chamaremos doravante. Provavelmente as irmãs já lhe chamavam assim desde antes, embora nas suas conversas preferissem o termo friulano « *padrut* », isto é: pequeno Pai. Usavam-no para o distinguir do Pai Carlo enquanto este foi vivo, e continuaram a fazê-lo depois porque expressava bem o seu afeto filial e a sua humildade.

Todavia, era um « Pai » a meias, pois a congregação filipina não era ainda uma comunidade de vida em comum.

Às irmãs « filhas de São Caetano e da Providência », que tinham iniciado o seu percurso religioso provisório no Natal de 1845, ele, que em maio de 1846 iniciava o seu percurso igualmente provisório como « filho de São Filipe », bem podia dizer:

« *Eis que somos todos* "*provisórios*"*: lutemos juntos para atingirmos a plenitude em nome do Senhor* ».

A capelinha de *san Gaetano*

A leste da casa outrora *Florenzis* encontravam-se alguns humildes locais destinados a lenha ou armazéns, como acontece habitualmente em qualquer habitação rural. Os dois fundadores já os tinham transformado em 1837, obtendo deles a cozinha e os espaços para a criação do bicho-da-seda e a fiação. Por volta de 1846 decidiram elevar aquele edifício e construir nele, no primeiro andar, uma bela capelinha com um oratório atrás para a numerosa comunidade. Começaram precisamente pela capelinha.

Esta foi terminada na primavera de 1847 e benzida a 20 de junho pelo Cónego Monsenhor Giovanni Battista Bearzi, que foi por muitos anos colaborador do Pai Carlo. O Vigário Capitular Monsenhor Darú elevou-a imediatamente ao posto de sacramental, concedendo assim a permissão de nela conservar permanentemente o Santíssimo Sacramento.

À capelinha de *san Gaetano* ainda em construção alude o conde Lodovico Rota [3] no seu livrinho intitulado "*Cenni su alcuni oggetti di belle arti ed utili istituzioni esistenti nella Regia città di Udine capitale della Provincia del Friuli"*, cujo prefácio remonta a 15 de maio de 1847. « *Esta pequena igreja, que está sendo construída com a maior economia possível entre os dois edifícios do instituto de caridade, merece ser lembrada tanto por sua localização singular quanto por sua simplicidade gótica.* ».

Aliás, no seu opúsculo, Rota dedica à igreja e ao Instituto das *Derelitte* um espaço maior do que a qualquer outra igreja ou instituição da cidade. Isto não surpreende, pois Rota estava ligado aos dois fundadores por vínculos estreitíssimos de amizade e de estima; define-os como « *verdadeiros homens do Evangelho e... decoração e orgulho desta cidade florescente* ».

---

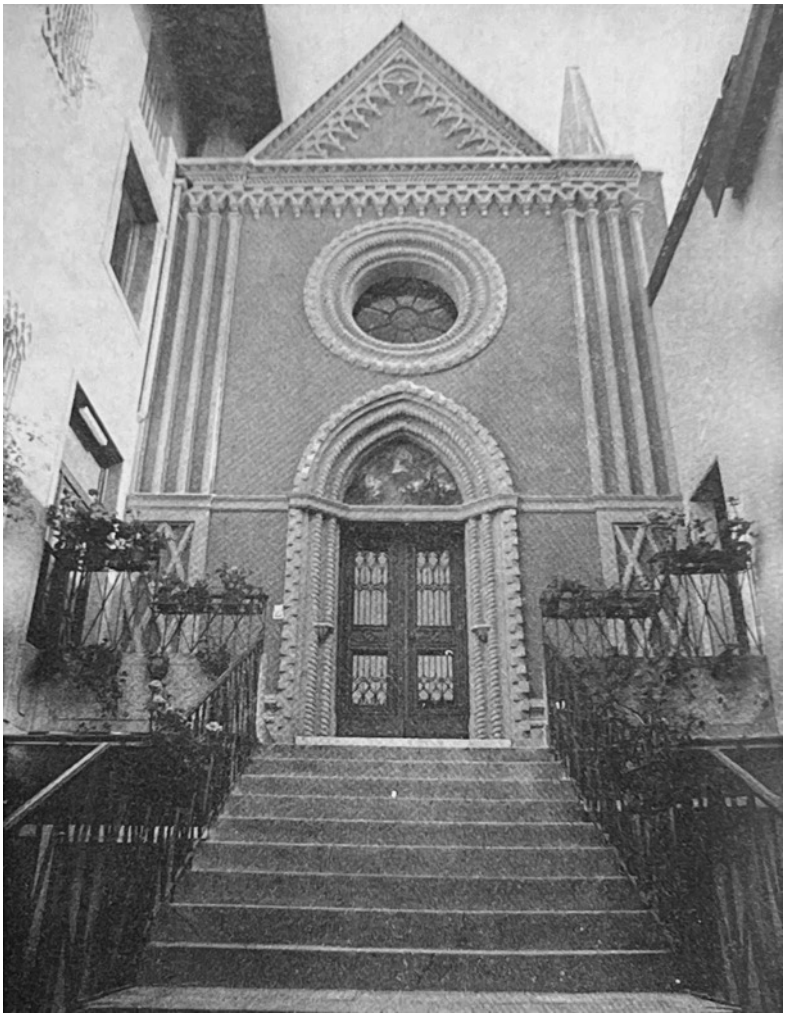
[3] Nativo de San Vito al Tagliamento (1774-1858), descendente de família originária da região de Bérgamo, daquele ramo desta que no último quarto do século XVI iniciou a linhagem dos Rota friulanos (Genealogias, Fondo A. Joppi, Biblioteca Municipal de Udine). Confiou dois dos seus filhos (Paolo, 1821-1890; Francesco, 1825-1870) à direção espiritual do Pai Scrosoppi. (Cfr. Summarium, p. 134, parágrafo 432, em Positio...).

Ao Pai Luigi tinha confiado a direção espiritual dos seus filhos — como atesta Maria Jacob — e ele próprio se tornara um conselheiro técnico voluntário da casa para as obras de construção e para a gestão dos terrenos agrícolas de Udine e de *Orzano*.

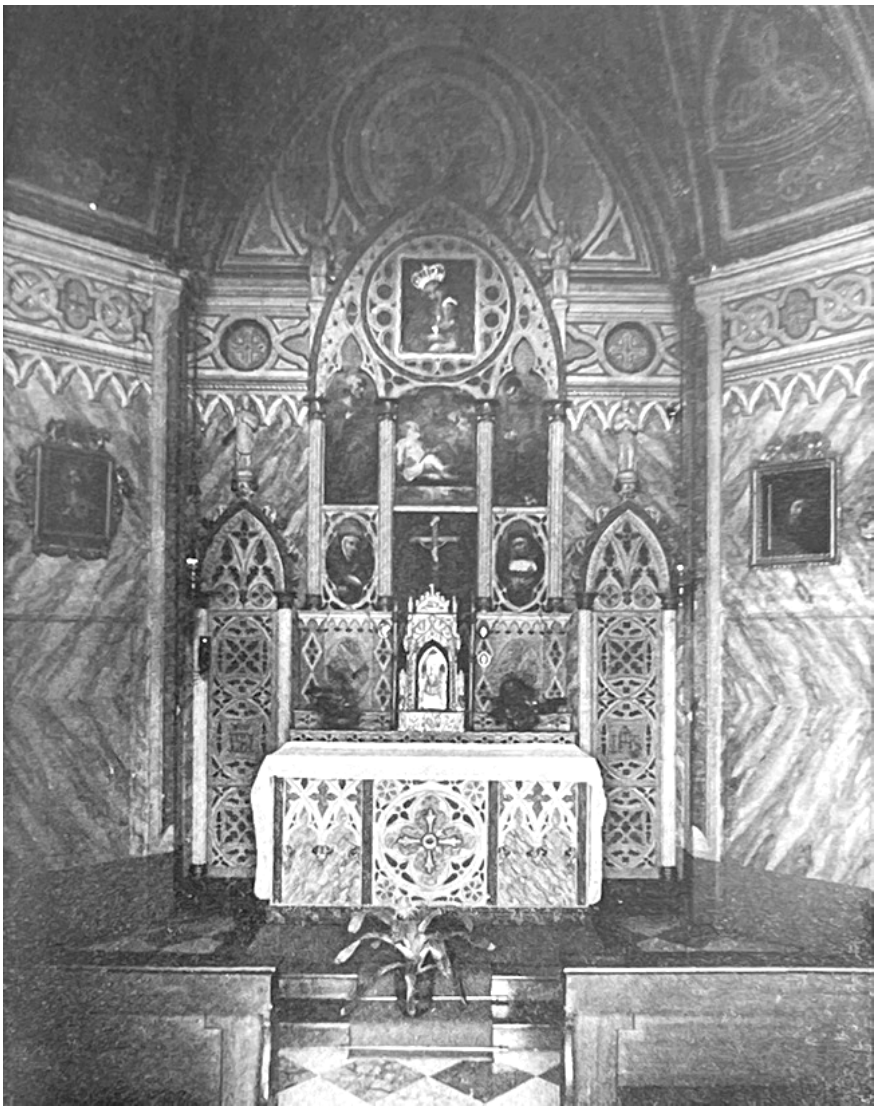
Parece que o projeto da capelinha é obra do próprio conde Rota, que se deleitava em várias formas de arte, enquanto a parte pictórica teria sido executada por um artista que tinha prometido empenhar ao máximo a sua capacidade para torná-la uma joia. É provável que esse pintor fosse o já recordado Filippo Giuseppini.

O Pai Luigi tinha a peito sobretudo que na casa estivesse presente Jesus sacramentado. Remonta a 29 de janeiro de 1849 o decreto da cúria de Udine com o qual se permite a exposição e a bênção com o Santíssimo em vários dias e festividades do ano: é necessário recordar como semelhantes cerimónias eram então concedidas muito mais raramente do que nos nossos dias.

A partir desse momento introduziu na casa a prática da adoração perpétua. Ele próprio escolheu o seu turno, das 10 às 11 da noite, e permaneceu-lhe sempre fiel. A recordação daquelas suas horas de adoração ficou indelével entre as irmãs. Testemunhos simples, preciosos precisamente por ignorarem a sua própria importância, permitem-nos vislumbrar o Pai Luigi em êxtase, num caminho místico e envolto numa luz suave durante aqueles fervorosos colóquios eucarísticos.



Udine. Entrada da capelinha de san Gaetano.



Udine. Interior da capelinha de san Gaetano.



Coro interno da *Casa das Derelitte* dedicado ao Sagrado Coração
numa foto de 1937, agora completamente transformado.

« ***Entre os santos a tua alma respire*** »

Detenhamo-nos um momento para visitar também nós a capela. É bela, e contudo modesta, e atrai-nos de modo particular porque constitui um indubitável monumento que fala das diretrizes espirituais do fundador das *Irmãs da Providência*.

O estilo gótico, mencionado por Rota, antecipado pelo portão de entrada, caracteriza toda a fachada da igreja e a estrutura interna, repropondo-se no altar em madeira entalhada. Como se encontra no primeiro andar, acede-se a ela através de uma larga escadaria de dezoito degraus.

No arco ogival colocado sobre o portal, um fresco, parcialmente restaurado, mostra um numeroso grupo de orfãzinhas no seu vestido azulado sob o véu branco, guiadas por três irmãs — duas das quais colocadas em primeiro plano —, ocupadas a rezar diante de um altar com a imagem do titular *san Gaetano*.

A capelinha mede internamente, nas suas dimensões máximas, cerca de 6,50 metros por 5,70 metros. Trata-se de um pequeno ninho de recolhimento, iluminado suficientemente pelos vitrais da porta e pela abertura circular colocada no topo da fachada.

Prostramo-nos ainda para adorar o Dono da casa, Jesus presente no sacramento, junto aos restos mortais do Pai Luigi, colocados desde 1952 no interior da parede meridional.

O que porém cativa o olhar é o altar.

Sobre a mesa está colocado o sacrário, em cuja portinha o Pai Luigi mandou pintar a imagem do *Sagrado Coração de Jesus*: a representação atual é todavia fruto de um retoque recente executado por uma mão não experiente. O sacrário é encimado pelo pequeno trono gótico destinado à exposição do ostensório.

Mais acima, encontramos uma pequena tela de *san Gaetano* com o Menino Jesus — proveniente da pequena casa de 1817 e dádiva do Pai Gaetano Salomoni —: quando foi colocada nesta sede, foi alongada na base com uma faixa de cor verde escuro. Ainda mais acima existe uma Madona com o Menino, ambos cingidos por coroas. Estes dois quadros são obra de um valente autor do século XVIII.

Aos lados de *san Gaetano* e da Madona sobressaem *san Giuseppe* e *san Luigi*, pintados sobre tela em figura inteira, enquanto na parte inferior — ao lado do pequeno trono — se encontram pinturas semelhantes, mas de meio busto, de *santa Veronica Giuliani* e de *santa Giovanna Francesca Frémiot de Chantal*.

Sobre as duas agulhas do altar de madeira elevam-se duas pequenas estátuas de *san Carlo Borromeo* e de *san Vincenzo de' Paoli*, o qual segura um crucifixo.

À direita e à esquerda do altar estão apoiados na parede dois estreitos portais em estilo gótico, em cujo topo se encontram outras tantas estatuetas de *san Filippo Neri* e de *san Francesco d'Assisi*. Em ambos os portais está presente uma portinha que se pode abrir, uma decorada com o monograma mariano, a outra com o do nome de Jesus. Por esta última era distribuída a sagrada comunhão.

O Pai Luigi celebrou aqui a santa missa durante mais de trinta anos; fazia-o segundo o estilo claustral, ou seja: permanecendo não visível à multidão das estudantes do internato

e das religiosas. Existia todavia um altar adossado à parede, no oratório atrás, onde se celebrava durante as festividades solenes e onde tinham lugar as cerimónias — como as devoções do mês de maio — reservadas exclusivamente à comunidade.

Neste conjunto de imagens sagradas cada figura possuía um significado preciso. *san Carlo* e *san Luigi* recordavam à mente a devoção dos fundadores pelos seus próprios patronos pessoais; *san Filippo Neri* e *san Francesco d'Assisi* representavam os pais e os mestres da sua orientação ascética; *san Vincenzo de' Paoli* era o santo da caridade e *san Gaetano* o modelo da confiança na divina Providência; finalmente *san Giuseppe*, a Madona com o Menino e o sacrário falavam de Jesus, centro de todos os corações.

Às irmãs eram indicadas como modelos especiais as duas santas, Verónica e Joana Francisca. Por que razão precisamente estas duas e não outras? Embora se possa vislumbrar a influência da espiritualidade capuchinha, salesiana ou das visitandinas, queridas aos dois irmãos, a nosso ver o significado é mais profundo. O nome de Jesus gravado simbolicamente no peito da Chantal e a coroa de espinhos na cabeça de *santa Veronica* pretendiam recordar às religiosas a dupla característica da sua vocação: existir unicamente para Jesus e juntamente com Jesus sofredor. Aqui percebe-se com extrema clareza o princípio da dedicação total e sacrificial, típico do Pai Luigi.

Na abóbada da capelinha, no interior de duas molduras circulares, estão pintados a fresco *santa Teresa d'Avila* e ainda *san Vincenzo de' Paoli*. A mão do artista, muito diferente, e outros detalhes sugerem que são de época posterior. Talvez o fundador tenha querido representar neles a contemplação e o empenho caritativo como as duas riquezas ou os dois elementos de suporte da *Irmã da Providência*, segundo as regras estabelecidas em 1862.

Esta capela representou o berço da congregação, idealizada e querida até nos mínimos detalhes pelo Pai Luigi. Nela sentimos realmente pairar o seu espírito.

Existe um modo de sentir e de compreender, profundo e misterioso, que vai além do aspeto material e penetra entre as linhas e as pedras. Quem sabe mergulhar num silêncio profundo experimentou-o. Nós próprios o sentimos nesta capelinha. Ao nosso coração ressoou o canto solitário do Pai Luigi, feito de poesia, fé, doce melodia e força de ânimo. Percebemos o coro abafado de centenas de vozes de raparigas que seguiam, com timidez e alegria, a voz do Pai.

O oratório interno

Certamente os acontecimentos de 1848 impuseram uma interrupção no prosseguimento das obras para construir a ala a norte da pequena igreja. No primeiro andar estava previsto, como já se mencionou, o oratório privado da comunidade [(4)].

[4] Existe ainda, mas muito mudado com sucessivas transformações. Em particular foi invertida a sua orientação. Na primeira forma o presbitério ficava a sul, de fronte à capelinha de san Gaetano onde agora é um corredor de passagem; agora pelo contrário abre-se luminoso na extremidade setentrional do edifício. Era necessário acelerar para aquelas almas, para todas as almas, a alegria e a paz do Paraíso. Por isso o Pai Luigi pediu desde o início o indulto do altar privilegiado também para esta nova capela.

O oratório não estava ainda terminado na primavera de 1852, quando a 7 de maio morreu a humilde Irmã Orsola Baldasso, que nos últimos dias de vida falava dele como se já estivesse concluído. Foi levado a cabo no outono do mesmo ano. E para o inaugurar foi pedida a permissão para celebrar solenemente nessa ocasião a festa do *Sagrado Corazón de Jesús*, ao qual o edifício foi dedicado, tal como o é atualmente.

A 12 de novembro de 1852 a *Congregação das Indulgências* respondia que não havia necessidade de uma permissão específica, pois Pio VII, com um decreto de 7 de julho de 1815, já tinha concedido a autorização geral « *que tal festa se pudesse celebrar em qualquer dia do ano com licença do respetivo bispo diocesano, e com o privilégio de celebrar nesse dia a missa própria, isto é, da festa do sagrado Coração de Jesus* », acrescentando uma indulgência plenária válida também para as almas dos defuntos. A 24 de dezembro seguinte, o registo da cúria de Udine anota um novo decreto no qual, com base num documento papal, é declarado privilegiado o único altar presente no oratório das *Derelitte* e são reconhecidas indulgências plenárias e parciais em diversas festividades do ano.

Sabemos quanto o Pai Luigi tinha a peito as orações de sufrágio pelos mortos. Durante as obras do oratório, entre 1849 e 1852, tinham falecido cinco irmãs, entre as quais — além da Baldasso — a venerável Irmã Giovanna Luigia Cortelazzis e a alma jubilosa da casa, a irmã encarregada dos trabalhos manuais Maddalena Morassi.

A estes lutos internos tinha-se somado a perda do seu pai, o senhor Domenico, falecido devido a um ataque de apoplexia a 10 de agosto de 1851. Não conhecemos detalhes específicos sobre esta morte, mas é natural supor que o coração do filho tenha sido atingido pela dor e tenha extraído disso um novo motivo de desapego dos bens materiais e de total dedicação ao Senhor.

Poucos meses depois de Scrosoppi, a 4 de março de 1852, morria aquele grande amigo do instituto que fora o Monsenhor Giovanni Battista Bearzi, o qual no seu testamento deixou, entre outras disposições, « *Às Derelitte chamadas do Pai Carlo, 100 florins* ».

Era necessário acelerar para aquelas almas, para todas as almas, a alegria e a paz do Paraíso. Por este motivo, o Pai Luigi pediu desde o início o indulto do altar privilegiado também para esta nova capela.

O 25º aniversário de missa do fundador

Algumas irmãs, entre as primeiras, sustentam que o Pai Luigi se deslocou a *Loreto* e ali tomou pessoalmente as medidas da *Santa Casa*, embora outras digam que tais dimensões — reproduzidas depois na capela de *Orzano*, onde o Pai escolheu ser sepultado — ele as teria obtido mais tarde de uma pequena igreja na zona de *Verona*.

É certo que entre os objetos por ele guardados com extremo cuidado se encontra um saquinho com a inscrição « *Pó da Santa Casa de Loreto* », o qual, pelos caracteres e pela imagem sobreimpressa, parece remontar precisamente a meados do século XIX; existe outrossim uma fita que contém as medidas do crucifixo de *São Francisco de Assis*. Estes

indícios, unidos ao seu profundo amor por *São Francisco*, levam a crer que ele tenha realmente realizado essa viagem.

E que momento teria sido mais adequado senão o início da primavera de 1852? A 31 de março desse ano celebrava-se, de facto, o vigésimo quinto aniversário da sua primeira missa.

Naturalmente, de *Assis* terá depois descido até Roma.

Uma confirmação poderia vir do facto de que, pouco tempo depois, o Jesuíta friulano Pai Paolo Beorchia enviou ao Dom Luigi um breve prefácio para um opúsculo, destinado ao Arcebispo de *Gorizia* e voltado a « *oferecer, através da sua difusão, uma ajuda económica a um instituto de raparigas para providenciar às suas difíceis condições de subsistência* ». Tratava-se do *Orfanato Contavalli*, cuja gestão foi oferecida às *Derelitte* pelo Arcebispo de *Gorizia* a 28 de agosto de 1852. Como a iniciativa não chegou a bom termo, o opúsculo não foi publicado. No prefácio de Beorchia o signatário era indicado como « *o editor P.L.S.* », ou seja: o Sacerdote Luigi Scrosoppi. Resulta de qualquer modo evidente que entre o Pai Beorchia e o Dom Luigi havia relações cordiais, nascidas provavelmente de uma visita deste último a Roma, onde o Jesuíta residia.

Ulterior confirmação dessa viagem poderia ser a crescente devoção do Dom Scrosoppi para com o *Pobrezinho* de *Assis*. De facto, a 15 de outubro de 1852 é registada a sua « *vesticão* » como confrade da *Ordem Terceira franciscana*, na qual emitirá a « *profissão* » a 17 de outubro de 1853. Dez anos depois, a 27 de janeiro de 1863, o Superior do *convento dos capuchinhos* de Udine, o Pai Agostino Scattaglia de Veneza, comunicar-lhe-ia ter sido eleito por unanimidade Ministro da *Ordem Terceira* udinense.

Se o Dom Luigi fora sempre franciscano de alma, aquela « *vesticão* » de 15 de outubro demonstra como nesse outono ele ardia num fervor altíssimo. Pouco depois, ele próprio nos deixaria um documento excecional como testemunho disso.

O retiro espiritual de novembro de 1852: humildade na cruz e voto de serviço

Por volta do fim desse mês de novembro, portanto, o oratório interno da *Casa das Derelitte* foi inaugurado solenemente com uma celebração em honra do *Coração de Jesus*, ao qual era dedicado.

A cerimónia foi precedida por um curso de exercícios espirituais.

Teria sido o próprio Dom Luigi a dirigi-los?

Certamente participou neles. E desses dias restou-nos um documento de imenso valor.

O original perdeu-se enquanto se encontrava nas mãos do biógrafo Monsenhor Tinti, o qual, felizmente, conservou o seu texto. O documento é tanto mais precioso quanto revela espontaneamente o nível de espiritualidade a que o fundador tinha já chegado.

« *Quais e quantos propósitos o venerado Pai* — escreve Tinti — *estabeleceu no seu retiro espiritual, demonstram-no os seguintes escritos autógrafos por ocasião do retiro em novembro de 1852, por ele renovados nos anos seguintes.*

1º Proponho a qualquer custo querer remediar as faltas que infelizmente costumo cometer nas santas orações, na celebração da santa missa, na recitação do breviário e na administração dos sacramentos da Eucaristia e da confissão.

2º Proponho querer aperfeiçoar as ações quotidianas que realizarei e limpá-las dos defeitos:

a) recitando para esse fim todas as manhãs, logo ao levantar, orações especiais à minha querida mãe Maria Santíssima, ao meu querido pai São José, e aos santos e santas meus protetores;

b) realizando o exame de consciência ao meio-dia e à noite, para ver se tivesse cometido alguma falta em tais obras santas e, em caso positivo, pedir logo perdão ao Senhor e realizar alguma penitência, como se me fosse imposta pela própria Senhora.

3º Proponho abraçar o terceiro grau de humildade e querer seguir Jesus Cristo na pobreza, na humildade e no sacrifício. Pensarei frequentemente que Jesus é o meu capitão e eu sou um soldado que quer ser-lhe fiel, unido perfeitamente a ele no caminho para o Céu, para me tornar uma sua imagem fiel. Ah, sim, Senhor! Olharei frequentemente para Vós na cruz, onde Vos encontrarei como modelo do terceiro grau de humildade. Não devo portanto apenas estimar e amar a pobreza, a humildade e o sofrimento, mas deverei desejar estas três virtudes. Para as praticar e desejar como bem supremo e herança minha, considerar-me-ei como um servo na congregação do meu pai São Filipe, e como um servo também na casa da Providência do santo pai Caetano. Visitarei doentes e pobres, colocando-me junto deles como um servo.

4º Proponho ser regular e preciso em todos os meus ofícios e deveres, fazendo tudo no tempo estabelecido e no modo prefixado, agindo sempre como se o Senhor mesmo me comandasse a obra a realizar.

5º Proponho perseverar no regulamento de vida estabelecido, à custa de qualquer sacrifício, e apenas a obediência expressa ou presumida me fará mudar ou suspender os meus compromissos.

6º Proponho ler estes propósitos e o meu regulamento de vida uma vez por semana. »

Quando o Pai Luigi escreveu estas linhas tinha há pouco completado quarenta e oito anos. Uma idade na qual, por um lado, o exame de consciência atinge necessariamente o máximo de clareza e de rigor, especialmente numa nota de íntima reserva redigida na conclusão de um curso de exercícios espirituais; e na qual, por outro lado, os propósitos devem aderir à situação concreta da alma, pois as generosas mas irreais aspirações espirituais — poderíamos defini-las como santas ambições — são compreensíveis apenas nos anos da juventude.

Por estes motivos o documento é um autêntico testemunho de vida e, sem dúvida, de excecional importância.

Dele emerge, antes de mais, como o Pai Scrosoppi tinha já superado serenamente as muitas durezas da luta interior. Não lhe resta senão a ansiedade « *de querer aperfeiçoar as obras quotidianas que realizarei e de as limpar dos defeitos* », isto é, das faltas mais involuntárias do que conscientes. Aliás, a pureza da intenção e das ações é tal que estas faltas são imaginadas como uma vaga possibilidade: « *se tivesse cometido* — escreve — *alguma falta em tais santas obras* »; estas também, contudo, não escapariam a uma imediata penitência purificadora, desejada e executada docemente « *como se me fosse imposta pela própria Senhora* ».

Mas o que impressiona profundamente é sobretudo o terceiro propósito, com a dupla escolha do terceiro grau de humildade e da total servidão.

O Pai Scrosoppi segue, nos graus da humildade, a classificação de Santo Inácio de Loyola. « *O terceiro grau de humildade é perfeitíssimo* — escreve Tanquerey —. *É o grau dos perfeitos, é o amor da cruz e da humilhação com Cristo e por seu amor; chegados a este ponto, está-se na via da santidade* » [(5)].

Se o Pai Luigi se propõe este terceiro grau, é porque o sentia já ao alcance da mão, porque advertia a sua urgência na alma e no sangue. Tinha tido tempo e ocasiões suficientes para praticar os dois primeiros! Agora não lhe restava senão completar a santa fadiga, subindo com Cristo à cruz.

A este ponto tinha chegado a sua espiritualidade! Ao ponto de não hesitar em escrever uma frase surpreendente para um homem concreto, realista, sóbrio e afastado de qualquer retórica como ele: « *Quero... conseguir ser uma sua imagem fiel* », um reflexo autêntico de Jesus Cristo!

Outra expressão digna da máxima nota é aquela com que o Pai declara três vezes querer considerar-se como um servo: entre os *filippini*, na *Casa das Derelitte* e diante dos doentes e dos pobres. Não acreditamos que se trate apenas de uma piedosa expressão; pensamos, pelo contrário, encontrar-nos diante de uma explícita formulação daquele voto de servidão [(6)], que foi pronunciado por outras almas santas e no qual a chama suprema da caridade para com o próximo se une a uma humildade heroica. O próximo não é mais simplesmente próximo, a quem amar em nome do Senhor como a si mesmo; o próximo torna-se aqui o superior — é Deus, é Jesus! —, que tem o direito de exigir serviços prestados com amorosa e jubilosa prontidão. Sua vida, sempre dedicada a servir a todos, confirma isso. Poderíamos dizer que um semelhante voto era previsível. Nasceu quase espontâneo do seu mundo interior e define a forma da sua dedicação para os anos vindouros.

---

[5] A. TANQUEREY, Compendio di teologia ascetica e mistica, Roma 1948, p. 699.

[6] A prática da caridade fraterna dos perfeitos, segundo Tanquerey, consiste nisto: eles amam o próximo até ao sacrifício de si mesmos: « Tendo Jesus dado a vida por nós também nós devemos dar a vida pelos irmãos! » Foi esta a ideia que impeliu santos sacerdotes a fazerem o voto de servidão em relação às almas. E o autor continua descrevendo as manifestazioni da caridade fraterna por parte de quem pronunciou tal voto. (Ibid., pp. 765-766).

Parece-nos deveras comovente o crescimento paralelo da obra e da alma que a tinha querido.

No mesmo dia no qual, com a solene bênção do oratório interno, a estrutura da *Casa das Derelitte* podia dizer-se verdadeiramente concluída, nesse mesmo dia o Pai Luigi — com a humildade na cruz e com a total servidão — parece completar a sua catedral interior.

A piedade formadora do Pai Luigi

Neste mesmo período de sete anos pesou sobre o Pai Luigi a maior responsabilidade da sua vida: a de dar uma precisa e forte orientação espiritual às primeiras irmãs e, através delas, fornecer a tonalidade e a direção fundamental à vida da nascente congregação.

O Pai Carlo deixou-lhe completa liberdade de ação, sabendo poder contar totalmente com ele. O Dom Francesco Fantoni unir-se-á a ele na formação das religiosas apenas depois de 1852, quando a polícia austríaca o removeu do ensino no seminário. Todavia, de 1845 a 1852, o fundador encontrou-se sozinho a enfrentar uma tarefa de tal empenho.

Ele não teve pressa e não procurou antecipar os tempos. O seu pensamento principal não foi o de elaborar à secretária o modelo definitivo da congregação ou da *Irmã da Providência*. Nas constituições pensaria apenas uma dezena de anos mais tarde. Relativamente às regras, compôs juntamente com o seu irmão Pai Carlo aquele breve esboço que o Pirona não aprovou; mas também essa tentativa foi feita apenas na esperança de obter um reconhecimento legal para a pequena comunidade religiosa, que porém não chegou. Posteriormente, baseando-se na experiência concreta e não em esquemas teóricos, foi recolhendo observações próprias, das superioras e das irmãs, até que por volta de 1860-61 extraiu delas um código de regras que foi considerado um modelo de perfeição.

Pelo momento, ele preocupou-se acima de qualquer outra coisa em transmitir e consolidar nas irmãs um espírito específico: aquele espírito de que queria que fossem intimamente animadas, para que se tornassem o tipo de religiosa que ele desejava.

Tal espírito não podia deixar de ser um reflexo do seu próprio mundo interior.

A ascese do Pai Luigi foi profundamente centrada em Jesus Cristo. Mas também neste âmbito ele operou uma escolha precisa. Não se concentrou no Jesus dos milagres e da transfiguração no *Tabor*, nem no Jesus ressuscitado ou naquele que se senta à direita do Pai. Escolheu antes o Jesus pobre sobre a palha de *Belém*, o Jesus laborioso e escondido da casa de *Nazaré*, o Jesus ensanguentado da *Via-Sacra* e o Jesus oculto na Eucaristia. E, precisamente por isso, procurou o Jesus vivo nos humildes, nos pobres e nos doentes; o Jesus presente na comunidade reunida no seu amor e no seu nome.

Tratava-se de uma perspectiva da vida religiosa perenemente válida e, ao mesmo tempo, muito moderna.

Este era o Jesus a amar e a servir; este era o Jesus esposo da alma de cada cristão, mas com um acento ainda mais forte para a alma consagrada. Apenas uma superficialidade mesquinha ou resíduos grotescos de sentimentalismo podem ignorar ou interpretar mal a

potente exigência deste vínculo nupcial espiritual. Às núpcias do Cordeiro vai-se para trabalhar e morrer com ele e como ele, tornando-se vítimas de caridade em benefício dos irmãos.

Quando observámos a multidão dos santos na capelinha de *san Gaetano*, talvez alguém tenha pensado numa espécie de dispersão da devoção, em contraste com esta centralidade de Jesus. Mas não é assim.

O Pai Luigi não era de modo algum contrário a um correto pluralismo dentro da própria devoção cristocéntrica. Todavia, aquelas figuras doces e queridas levavam todas a Jesus e falavam todas dele. Algumas pelo inefável vínculo de parentesco, como a Madona, *san Giuseppe* e, depois, os santos *Gioacchino* e *Anna*, que ele gostava de chamar "*avós*". Outras pela proximidade direta à humanidade de Cristo, como os apóstolos e as três Marias do sepulcro [7].

Outras ainda porque protegiam a nossa união com Cristo: os santos do próprio nome recebidos no batismo; os santos e as santas que, na vocação religiosa, definiam o seu estilo particular.

A atenção a Jesus não era portanto enfraquecida, mas aumentada: cada santo indicava-o como o único fim da alma e da vida comunitária.

Um lugar absolutamente especial cabia porém a Maria Santíssima e a *san Giuseppe*. Certamente a eles se dirigia o coração com particular ternura e gratidão, sendo os intermediários mais próximos da dádiva do Pai. Mas também neles o fundador sublinhava sobretudo o vínculo estreitíssimo com Jesus humilde, pobre, trabalhador e mártir, e o ensinamento exemplar que daí derivava.

Quanto o Pai Luigi amasse e fizesse amar a Madona é mais fácil imaginá-lo do que descrevê-lo. Vimo-lo desde rapaz devoto do Coração doloroso de Maria e de *Maria Auxiliadora*. Já desde 1837, depois, colocou no oratório da comunidade uma estátua de madeira da Virgem Mãe que, pela cor vermelha viva do manto, foi chamada "*a Madona vermelha*". Tinham-lhe oferecido as irmãs *Dimesse* e não tinha qualquer valor artístico. Mas que importava? As primeiras irmãs consideraram-na milagrosa, porque o Pai as enviava para junto dela em cada momento difícil ou por cada tormento interior, e elas regressavam de lá serenas.

Por volta de 1840 começaram a difundir-se também no *Friuli* as *Confrarias do Coração Imaculado de Maria* para a conversão dos pecadores, promovidas já desde 1836 pelo Abade Carlo Dufriche-Desgenettes, pároco de *Nossa Senhora das Vitórias* em Paris. A Igreja de *santa Maria Maddalena* tornou-se logo o centro desse movimento mariano, e as irmãs e as raparigas da *Casa das Derelitte* foram naturalmente nela inscritas.

Talvez ainda antes, mas certamente nesses anos, foi introduzida na mesma igreja a piedosa prática do mês mariano; e da igreja passou logo para a casa, pois já a 18 de junho

[7] Nos testemunhos e relatórios processuais fala-se da devoção do Pai Scrosoppi às « três Marias » do Calvário, devoção que entra na sua ascese cristocêntrica: teve uma terna adoração pela Humanidade de Cristo, por isso, além de santos ligados à Encarnação, venerou as « três Marias » que serviram o Cristo durante a vida e o acompanharam na sua paixão. (Cfr. Summarium, por ex. pp. 104, par. 328; 131, 417; 693, em Positio...).

de 1850 o Pai Luigi agradecia ao célebre compositor Giovanni Battista Candotti pela bela composição das ladainhas.

Todavia, se o fundador indicava Maria Santíssima como a doce mamã, consoladora benevolente e auxílio poderoso, ele queria que as irmãs e as órfãs — especialmente as religiosas — vissem nela a mãe que acompanhou Jesus no caminho terreno feito de suor e de sangue e, por isso, a mestra do sacrifício e da mortificação que ensinava a percorrer o mesmo trilho.

Por isso, entre as várias formas de devoção, deu o primado à da *Dolorosa*: e se lhe uniu a do Coração de Maria, tratava-se sempre de um coração trespassado pela espada. Por isso, ainda, ele procurava e praticava a penitência e a mortificação como se lhe fossem impostas pela própria Senhora. Por isso tinha tanto em conta as devoções particulares do mês de maio, nas quais deu primeiro exemplos por vezes assombrosos de pública humilhação. Uma vez, seguindo o bilhete que tinha tirado à sorte, quis beijar os pés da superiora diante de toda a comunidade.

São José, portanto, tinha que ser o pai de todos porque fora o pai de Jesus: mas visto em tribulações, em trabalhos árduos e em anonimato. O Pai Luigi fazia admirar a sua constante e total busca da vontade de Deus e a generosa obediência ao executá-la, pronto a dar tudo sem pedir nada para si. Além disso sublinhava esse seu pleno e confiante abandono na Providência, ao ponto de quase lhe fazer tomar o lugar do tradicional *san Gaetano*. Colocou de facto uma estatueta de *san Giuseppe* à entrada da *Casa das Derelitte*, nomeando-o dono da casa, e opôs-lhe uma saca a tiracolo ao pescoço, para que o pão da esmola parecesse vir das suas mãos. A estátua existe ainda, embora sem a saca.

Nesta sólida piedade formadora do fundador unia-se numa esplêndida unidade tudo o que as irmãs deviam crer, amar, venerar, rezar e fazer. Tudo retornava a Jesus: da gruta de *Belém* à cruz e ao sepulcro do Calvário.

Era o único conhecimento necessário de São Paulo, estendido à inteira humanidade humilhada e sofredora do Senhor.

As Mães anciãs

Na história das *Irmãs da Providência* foram chamadas « *anciãs* » as conselheiras que nos primeiros tempos acompanhavam a Superiora. Mais tarde a tradição chamou com tal apelativo as Irmãs que viveram nos tempos do Pai Luigi e que levaram mais viva a sua marca.

Entre estas costumou-se também distinguir três gerações: a primeira chega até 1855, a segunda a 1877 e a terceira até à sua morte em 1884.

Que Irmãs saíram da escola do fundador é fácil de intuir, depois de quanto foi dito.

Dever-se-ia acrescentar apenas uma máxima, um pouco paradoxal, que o Dom Luigi costumava repetir com significativa insistência:

« *Devemos tornar-nos santos e grandes santos* — dizia ele — *mas não santos de altar.* »

Certamente não a tinha contra os santos canonizados. Mas queria afastar as suas filhas espirituais daquelas poses ascéticas e daqueles imaginários arrebatamentos místicos, a que o ânimo feminino podia ser tentado, para as reconduzir a uma santidade totalmente concreta, pois alimentada de humildade, de mortificação e de silêncio.

Ele deixou-nos uma folha de « *Recordações* », que se pode bem definir como o código scrosoppiano da vida religiosa.

Ela começa assim:

« *Sereis em breve santa:*

1. Se vos considerardes um nada;

2. Se desejardes ser abandonada e tida em nenhuma conta;

3. Se aceitardes da mão de Deus tudo o que vos acontecer;

4. Se não desejardes outra coisa senão fazer a vontade de Deus. »

Continua indicando que tipos de religiosas não atingirão jamais a perfeição, quais pelo contrário conseguirão a felicidade do espírito e quais sejam as virtudes e atitudes que levam à santificação.

E conclui com o trinómio « *Fazer, Padecer, Calar* »[8], que devia ser o lema e a insígnia da congregação e de cada *Irmã da Providência*.

Quem convida, aqui, as religiosas a considerarem-se um nada, a desejarem ser abandonadas, a considerarem-se inferiores a qualquer pessoa, é o mesmo que em novembro de 1852 se propôs abraçar o terceiro grau da humildade e querer considerar-se como o servo de todos.

Às religiosas formadas pelo Pai Luigi pode-se aplicar perfeitamente o dito de Jesus:

« *O discípulo não é maior do que o mestre; mas todo o discípulo bem preparado será como o seu mestre.* »

Se não superaram o seu Pai espiritual, competiram todavia generosamente com ele. Eis um conjunto rápido de definições que descrevem com eficácia as almas que viveram no seu arrebatador exemplo; definições que recolhemos aqui e ali dos preciosos *Appunti biografici*:

« *Afortunadas as nossas primeiras mães, que tiveram a graça de conhecer e de tratar com o venerado pai fundador, e assim se mergulharam naquela simplicidade, caridade, humildade e pobreza que ele próprio vivia. Ingenuidade e simplicidade, virtudes características das nossas veneradas mães anciãs, porque tanto ensinadas e recomendadas pelo nosso venerado pai fundador. Uma educação séria e suave, como se usava naqueles primeiros tempos do nosso instituto.* »

Parece que naquele primeiro bendito grupo primavam três sentimentos: uma perfeita caridade fraterna, um total esquecimento de si e uma sede inextinguível de mortificação.

---

[8] Lema que foi já de São Paulo da Cruz (1694-1775).

« *A família religiosa...* — dizem ainda os *Appunti biografici — era um ninho quente de amor, tal como o desejava o nosso venerado fundador, e esta ânsia do Pai era realizada muito bem nas nossas veneradas mães anciãs. Delas se podia bem dizer e aplicar o que foi dito dos primeiros cristãos: eram um só coração e uma só alma.* »

E falando da Irmã Maria Maddalena, de nome civil Orsola Marini, entrada no convento a 22 de novembro de 1851, faz-se esta incisiva observação:

« *Lamentamos que, tanto desta como das nossas outras veneradas mães anciãs, não possamos escrever longas páginas sobre as santas e heroicas virtudes por elas constantemente exercitadas. Antes de mais, porque eram almas escondidas; recusavam profundamente manifestar quanto de bem realizavam. Virtudes escondidas, pregava e queria o Pai Luigi. Em segundo lugar, disse a Mãe Osanna, nada se observava e não se reparava em si mesmo. Naqueles belos tempos de ouro do pai fundador não parecia nunca demasiado, em matéria de virtude e de sacrifício.* »

A austeridade e a mortificação ocupavam o lugar de honra.

« *É preciso dizê-lo, em louvor da verdade* — continuam os *Appunti — que as nossas mães anciãs, que tiveram a grande fortuna de conviver com o nosso venerado pai fundador, aprenderam do seu exemplo e dos seus santos ensinamentos um amor grande e concreto à santa mortificação, à mortificação dos sentidos, a abraçarem com fervor as penitências e austeridades do corpo, a renunciarem a si mesmas mesmo em coisas lícitas, a mortificarem sobretudo as próprias paixões, os vícios e os defeitos...*

As austeridades naquela fervorosa família eram não só muitas e contínuas, mas também tidas em grande estima. As primeiras colaboradoras na benemérita obra do Pai Scrosoppi sentiam-se impelidas a fazerem penitências extraordinárias, como resulta de alguns bilhetes nos quais a Mãe Lucia De Giorgio pedia ao Pai Luigi a permissão para realizar tais atos. Assim aquelas almas se robusteciam e se encorajavam a suportarem de boa vontade, por amor de Deus e das pobres raparigas que tinham sob custódia, também as privações quotidianas que a necessidade lhes impunha. »

E com uma frase de síntese noutro local diz-se:

« *Aquele Deus que perscruta os corações e mantém registado cada ato virtuoso nosso, cada sacrifício nosso, só ele um dia tornará visíveis a todos os atos heróicos que praticaram as nossas veneradas mães anciãs; virtudes e atos vistos, aprendidos e praticados pelo nosso venerado pai fundador, e que elas sabiam imitar tão bem.* »

Nenhuma admiração, portanto, se não poucas orfãzinhas se sentiram fascinadas por esses admiráveis exemplos. Bastará para todas o testemunho da Irmã Diomira Tuzzi:

« *Veio-me a vocação* — dizia ela — *ao ver as nossas mães anciãs tão humildes, tão mortificadas, tão fervorosas.* »

Mas é muito significativo como a cada passo o fundador é sempre recordado; as virtudes heroicas das suas filhas espirituais são sempre apresentadas como o espelho das virtudes do Pai. Se estas pinceladas delineiam bem o ambiente, sob um certo aspeto elas desenham com ainda maior incisividad a figura do Pai Luigi como modelo e guia do seu pequeno rebanho.

O fundador de uma família religiosa não se reconhece tanto pelo facto de ter instituído uma nova comunidade, quanto pela alma que nela soube infundir e pelo ímpeto com que a arrastou. Nisto, o Pai Scrosoppi aparece-nos com uma potência e uma incisividad deveras excecionais.

Florinhas à maneira filipina

São Filipe Néri gostava muito de certos gestos, entre o brincalhão e o insólito, com os quais pretendia robustecer os seus discípulos na virtude, especialmente na humildade.

Também ao Pai Luigi agradaram muito, e a sua atividade de educador é amplamente enriquecida por eles.

Antes de voltarmos às preocupações dos acontecimentos históricos, queremos concluir este capítulo, dedicado à sua vida interior e à das irmãs, com alguns breves episódios.

« *Uma irmã* — conta uma testemunha — *antes de 1845, num período em que o instituto era paupérrimo e tinha dificuldade até em garantir o vestuário necessário, recebeu de presente da sua irmã o tecido para confeccionar um hábito preto. Como era hábito, entregou-o logo ao pai fundador, manifestando contudo o grande desejo de que lhe fosse preparado esse vestido. Mas o Pai, que queria as suas filhas desapegadas de qualquer bem e com o coração pertencente inteiramente ao Senhor, não só não a satisfez mas, vendo-a demasiado ligada a essa dádiva, mandou preparar o hábito para outra. A irmã aceitou com submissão esse sacrifício, apesar de lhe custar muito esforço.* »

« *Uma noviça* — lê-se noutro relato — *mostrou um excessivo apego a um livro de orações. O que fez o Pai? Ele a tirou dela; depois foi à sacristia. Amarrou-a com um cordão de missal e a pendurou em seu pescoço, enviando-a para o meio do coro até que as orações terminassem. Ela não queria nada com bens materiais; eles roubam o coração de Deus, e Deus ou o quer inteiro ou o rejeita* » Provavelmente São Filipe teria agido da mesma forma.

Algo de semelhante aconteceu à já citada Irmã Maddalena Marini. O trecho das notas biográficas que fala disso está imbuído de um humor tão delicado que merece ser transcrito integralmente.

« *A Irmã Maddalena possuía belíssimos livros espirituais e o Pai Luigi, de vez em quando, pedia-lhe algum. Um dia, por fim, levou-lhes todos. A Mãe Maddalena vai ao dormitório e encontra a pequena estante ao lado da cama vazia. O que faço agora da estante sem os livros?* — disse ela —. *Pegou nela e levou-a para o quarto do Pai. Agora que levou os livros, fique também com a estante, porque eu já não sei o que fazer dela. Almas simples.* »

Este último episódio aconteceu muito depois do período que estamos a tratar, mas continua a ser um gracioso exemplo do método bonacheirão e gradual com que o fundador gostava de fazer crescer as religiosas na virtude e, ao mesmo tempo, da simplicidade com que elas aceitavam estas provações.

À distância de mais de um século, parece-nos perceber ainda a firme orientação desse santo homem, capaz de ser ao mesmo tempo doce e forte como um pai. Tudo isto para que as suas filhas espirituais o seguissem no caminho da santidade.

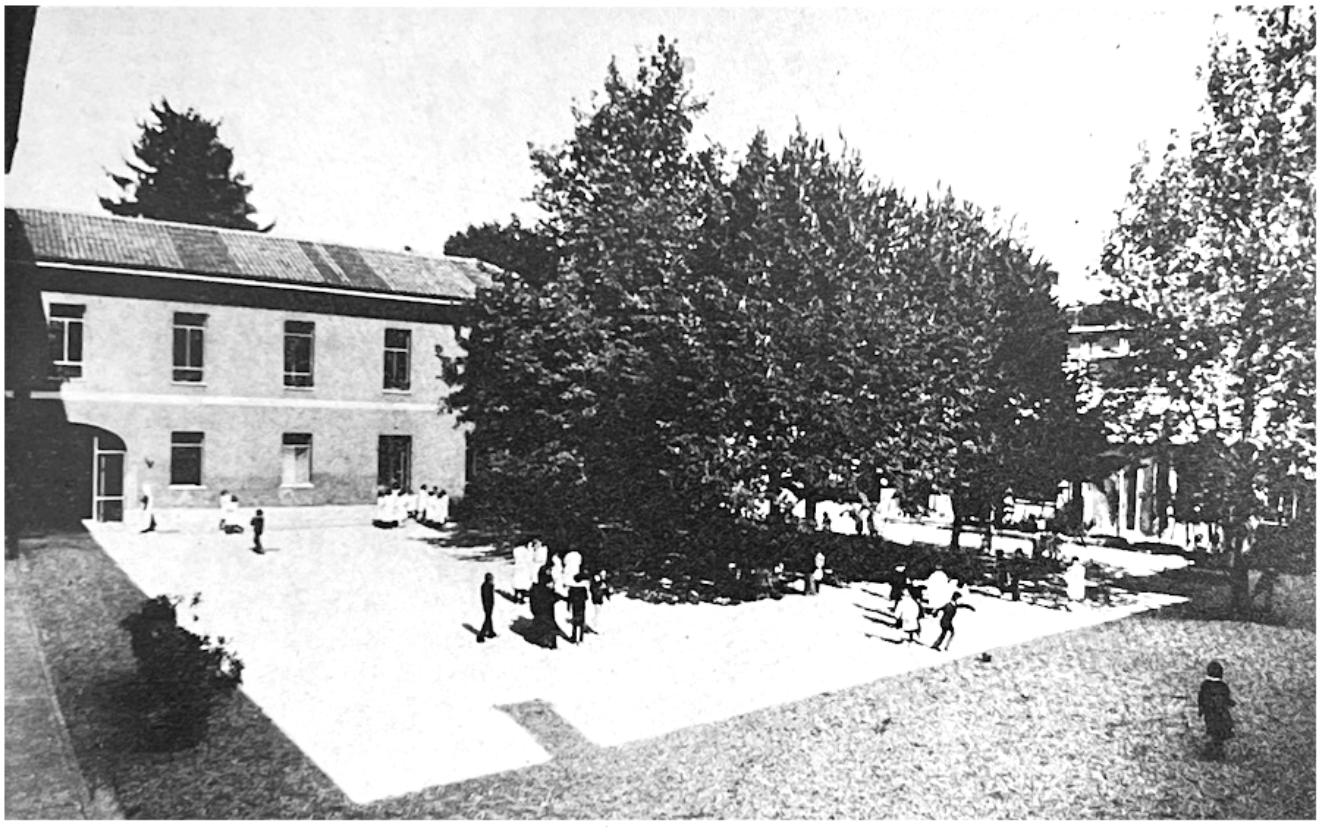
Capítulo 7

O PIEDOSO OCASO DO PAI CARLO (1848-1854)

Ar e sol para as meninas frágeis

Às vezes aquelas abençoadas meninas chegavam à *Casa delle Derelitte* em condições realmente piedosas: estavam desnutridas, sofriam de raquitismo, pelagra, escrófula ou tuberculose. Hoje temos dificuldade em imaginá-lo, porque a higiene social e o difuso melhoramento económico trouxeram benefícios imensos às classes mais pobres, ou pelo menos à sua saúde física. Mas naquele tempo os pobres viviam numa miséria espantosa.

Naturalmente o coração dei dois irmãos, animado por uma profunda caridade cristã, acolhia aquelas inocentes desafortunadas com uma ternura especial. Todavia, não se podia certamente pensar em obrigá-las a inclinarem-se sobre os livros na escola, ou a trabalharem nas oficinas com a agulha, diante dos fogões da fiação ou nas máquinas da tecelagem. Para elas era necessário antes de mais nada um banho revigorante de ar e de sol.



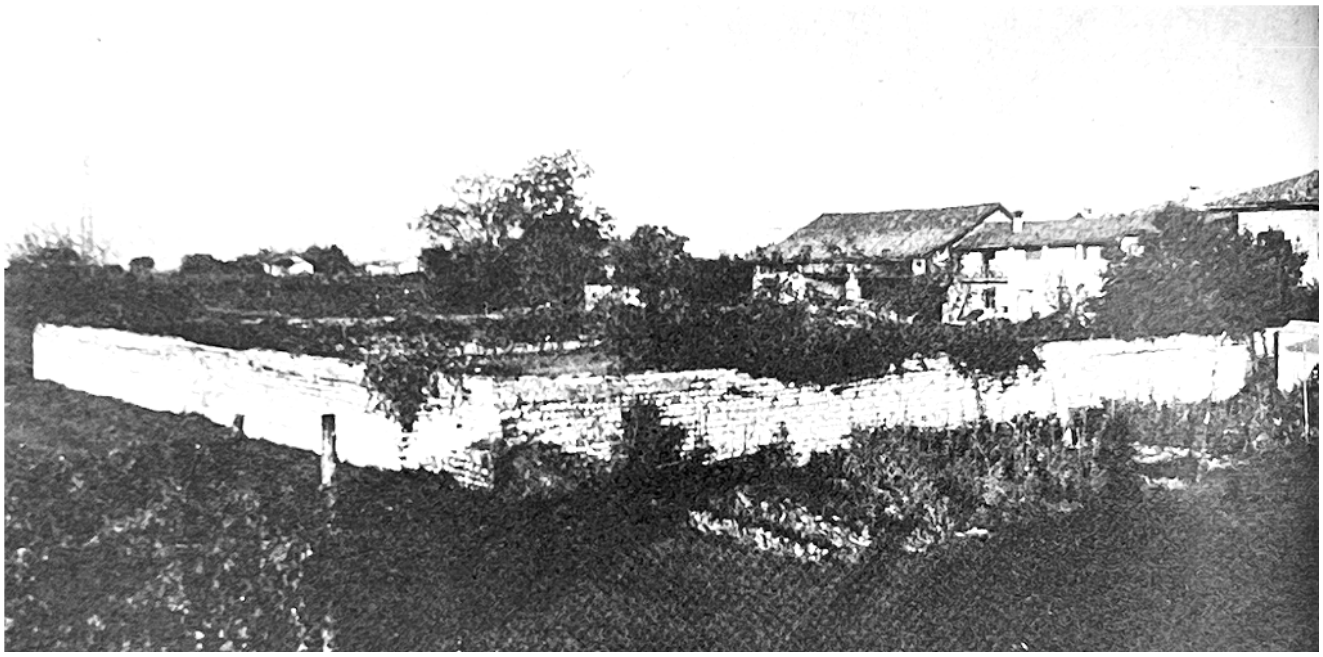
Pátio interno do colégio da Providência com alguns alunos da escola elementar.

A cidade de então não era a de hoje, e a *Casa delle Derelitte* gozava de uma posição extremamente favorável: era um lugar arejado, ensolarado, tranquilo e isolado do mesmo que limitado ruído da cidade. Contudo, aos dois santos sacerdotes isto não bastou.

Pensaram imediatamente numa casa de campo, considerando-a necessária por diversas razões.

É sem dúvida admirável a sua preocupação de realizar uma seleção sanitária para as meninas fracas, talvez portadoras de doenças, separando-as das sãs para proteger estas últimas de qualquer possível contágio e para revigorar as primeiras com os dons inestimáveis da serenidade rural.

A casa de campo serviria também às irmãs e às raparigas mais robustas para turnos de descanso depois da constante fadiga do ano escolar.



Orzano (UD). Vista de conjunto da propriedade adquirida pelo Pai Carlo e pelo Pai Luigi.



Orzano (UD). Fachada da casa de Orzano.

Nisto, como em qualquer outra escolha, os dois irmãos partilhavam o mesmo pensamento. É evidente, porém, que foi sobretudo o Dom Luigi quem insistiu na oportunidade desta nova iniciativa: aquele Dom Luigi que passava o dia inteiro em contato direto com as necessidades da casa; aquele Dom Luigi que tinha começado o seu apostolado precisamente ali, enriquecendo a mesa das órfãs com carne e acompanhamentos graças às suas coletas. Nesta decisão adverte-se o toque concreto e amoroso da sua mão.

Inicialmente o Pai Carlo esperou abrir esta casa de repouso em Lovaria, a cerca de nove quilómetros de Udine, na estrada que conduz a Gorizia.

Em 1833 o senhor Pietro Piani tinha deixado em herança ao hospital de Udine algumas das suas casas e terras naquela aldeia, para que ali fosse aberto um centro de convalescença para os pobres que recebiam alta do hospital mas que não tinham uma família para onde voltar ou que ali não teriam podido receber os cuidados necessários depois do internamento.

Por várias razões o hospital não tinha dado vida ao novo instituto até 1842. Naquele ano o Pai Carlo, agindo por encargo dos herdeiros Piani e com o apoio do bispo monsenhor Lodi, propôs à direção do hospital confiar-lhe a realização do projeto. Pedia contudo, para evitar qualquer ingerência civil, que lhe fossem vendidos aqueles bens, pelos quais oferecia vinte mil liras, soma depois aumentada para vinte e cinco mil em 1844 e para trinta mil em 1847. Apesar disso, não se concluiu nada.

Em 1837 o Pai Luigi, para apoiar as santas intenções do seu irmão, renovou a proposta garantindo um mínimo de mil e duzentas jornadas de presença anuais no futuro centro de convalescença e adicionando também um colégio-escola para um certo número de enjeitados. Mas não teve melhor fortuna.

Os dois fundadores compreenderam desde o primeiro momento que o projeto de Lovaria não chegaria a bom termo. Como consideravam indispensável uma casa salubre em pleno campo, voltaram o olhar para outra parte e pousaram-no em Orzano.

A casa de campo em Orzano

Orzano é uma pequena aldeia de campo, situada a oito quilómetros a leste de Udine e outros tantos a oeste de Cividale, posicionada um tanto para trás na margem esquerda do pedregoso rio Torre, do qual o torrente do Malina a separa.

Na época, ambos os cursos de água eram desprovidos de pontes. Estes fluxos hídricos, que era necessário atravessar a vau, às vezes cresciam repentinamente e o Dom Luigi encontrou-se em perigo em várias ocasiões.

Um dia, por exemplo, pareceu que a onda ia arrastar o cavalo, a carruagem e todos os que nela se encontravam; o próprio cocheiro perdeu a calma. Ele, pelo contrário, não. Uma fervorosa oração, e ei-los a salvo na outra margem.

Hoje, a industrialização chegou a essas áreas com inúmeras empresas de vários tipos. No tempo do Pai, a população dedicava-se exclusivamente aos trabalhos agrícolas: à nobre simplicidade da fé e da vida unia apenas um interesse recreativo, que revelava a gentileza da alma: a música.

Ali, a 1 de agosto de 1844, o Pai Carlo adquiria ao senhor Pietro Gennaro uma villa senhorial com casa de lavoura, juntamente com outras três pequenas habitações e quarenta e oito campos friulanos. A 1 de outubro do mesmo ano adquiria através de um contrato de arrendamento a longo prazo outros dezessete campos de propriedade já comunal e a 20 de dezembro adicionava cerca de outros oito do mesmo tipo, cedidos por Giovanni Battista Nicolin de Orzano [1].

No total, a nova propriedade de Orzano consistia em mais de cinco hectares de terreno arável ou de pastagem e duas zonas pedregosas destinadas a bosque.

De grande ajuda na organização da colónia agrícola de Orzano foi o já citado conde Lodovico Rota, perito em agricultura, que cuidou pessoalmente da plantação de videiras e amoreiras, além de pequenos bosques de acácias, choupos e outras árvores para lenha. Já em 1849 o Pai Carlo tinha investido onze mil liras daquele tempo em melhorias, sobretudo para adaptar a modesta casa senhorial a local de férias para as órfãs e para as irmãs.

Os dois irmãos não descuraram certamente o aspeto económico das terras de Orzano, pois dali esperavam trigo, milho, vinho, queijo e manteiga, lenha e qualquer outro rendimento necessário para sustentar a *House of the Derelitte*. Sendo proibidas as coletas e reduzidas ao mínimo as ofertas espontâneas dos benfeitores, eles apontaram para um autofinanciamento da sua obra. Contudo, mostraram-se sempre compreensivos, aliás, amplamente generosos para com os camponeses ou arrendatários das terras de Orzano; não é raro encontrar, nos registos autógrafos de administração mantidos pelo Pai Luigi, a rubrica "*subsídios*" concedidos a esses trabalhadores, especialmente durante os anos agrícolas menos afortunados.

Dois admiráveis critérios do Pai Scrosoppi

Desde o início foram enviadas para Orzano algumas irmãs e conversas com um pequeno grupo de órfãs. O Pai Luigi adicionava uma "*terciária*" particularmente adequada para a gestão económica. Ele sacrificava o seu desejado desejo de se tornar religiosa com votos, a fim de que pudesse, sem prejudicar o recolhimento e a santa pobreza, tratar com os camponeses e com os corretores ou deslocar-se aos mercados. A sua atenta sensibilidade não o impedia, porém, de exigir também daquelas preciosas colaboradoras uma profunda vida interior. Houve uma — apelidada a "*Rosona*" pela sua estatura imponente [2] — que ficou famosa nos anais da congregação.

Para Orzano enviava também aquelas pobres raparigas com problemas físicos e mentais — refugos aos olhos do mundo — que recorriam a ele para se tornarem irmãs. Suas

---

[1] É necessário recordar que o governo austríaco, por resolução soberana de 16 de abril de 1839, tinha ordenado a venda em leilão a particulares dos terrenos comunais, que até àquele tempo tinham sido administrados pelos municípios ou aldeias rurais e utilizados para pastagem ou bosque de uso coletivo.

[2] Novello Rosa, nascida em Artegna (Udine) a 11-9-1832, entrou na congregação como terciária a 24-2-1866 e faleceu em Orzano (Udine) a 29-3-1908. Duas irmãs tinham-na precedido no convento em 1864: Teresa (n. 1-4-1837) e Luigia; a segunda, também terciária, faleceu em Cormons (Gorizia) em 1888; a primeira vestiu o hábito em 1871 com o nome de Irmã Maria Francesca Serafina, professou em 1875, faleceu em Cormons em 1918. Para notas sobre Novello Rosa v. Cenni biografici..., ms., vol. II, pp. 293-295.

deficiências físicas as impediam de serem aceitas na vida religiosa; o amor ardente por Deus que as inspirava tornava impossível rejeitá-las. Uma destas tornou-se o anjo de Orzano e ali faleceu em odor de santidade, amada e venerada por aquela boa população [3].

Uma escola rural em Orzano

Todas as freiras eram obrigadas a praticar o apostolado. É verdade, a vida solitária em Orzano podia ser preenchida com oração e trabalho, mas ao fundador não bastava. Era necessário que fizessem o bem.

Por isso, já desde 1853, quis instituir ali uma escola elementar feminina para as meninas do lugar. Naquele tempo eram poucas as aldeias que gozavam de tal fortuna. O Pai Luigi fez a Orzano essa dádiva. Aliás, o primeiro professor foi precisamente ele. Eis como.

A Irmã Giacinta De Monte, que foi a partir desse ano a primeira Superiora da casa, fornece-nos o relato.

« *Era a festa da Imaculada Conceição por volta da tarde. O Reverendíssimo Pai chamou-me a si e disse-me: Olha, pensei em instituir uma escola em Orzano para remediar a ignorância daquelas pobres raparigas. Nós partiremos esta noite e passaremos a noite em Orzano. No dia seguinte chamou a si a filha do colono e outras duas, convidando-as para a sala no rés-do-chão para ficarem com ele. Antes de mais nada fez-lhes fazer o sinal da cruz, única prática religiosa que as coitadinhas sabiam fazer; de resto, não se pôde ouvir delas nem orações, nem outra coisa* [4].

Estas três foram a semente daquelas tantas que, de modo totalmente gratuito, receberam depois essa instrução primária, tão necessária e preciosa para as pobres filhas do povo. O número de alunas externas no inverno era considerável; no verão, por causa dos trabalhos do campo, o número tinha depois diminuído. Aqui, ensinavam principalmente doutrina cristã, depois costura e bordado e, finalmente, leitura e escrita.

Embora — continua irmã Giacinta — *o Pai devesse afastar-se daquela casa, que tanto amava e que dizia ter escolhido como seu túmulo, contudo a cada oito ou no máximo quinze dias ali regressava por algumas horas, e lá interrogava as raparigas sobre o que aprendiam e se interessava pelo seu proveito.* »

À escola foi adicionado imediatamente o oratório festivo feminino.

Quando o Pai Scrosoppi chegava a Orzano para aquelas breves visitas, a notícia difundia-se num relâmpago. Acorriam a beijar-lhe a mão os rapazes e as raparigas, as mulheres e os próprios homens. « *Fique conosco, Pai* » suplicavam-lhe.

Respondia: « *Não temais, regressarei em breve. E depois de morto ficarei sempre convosco.* »

---

[3] Foi Nadalutti Luigia (1844-1902) acolhida como órfã na Casa das Derelitte. Era tão coxa no corpo que nunca pôde ser admitida entre as Irmãs. Terminada a educação, o Pai Scrosoppi mandou-a para Orzano (Udine) como mestra de costura e professora da doutrina cristã, cargo que durante 36 anos exerceu « maximo zelo et spiritu Christi ». (Cfr. Summarium, pp. 475-476, em Positio...). Para notas sobre ela v. Cenni biografici..., ms., vol. II, pp. 347-354.

[4] Provavelmente uma acentuação do relato por parte da irmã Giacinta (ver: parte II, cap. 4, par. Rumo a uma própria congregação).

O seu corpo, de facto, permaneceu em Orzano sessenta e oito anos: tiveram de o levar d'escondidas, porque os habitantes de Orzano o consideravam o seu único e precioso tesouro.

O Pai Luigi amou Orzano como a sua segunda pátria, a pátria de eleição: e foi profundamente correspondido no afeto.

A « *braida* » dos Missionários

Em Udine, em frente à *Casa das Derelitte*, estendia-se uma grande *braida* (um prado cercado utilizado para cultivo). Outrora era chamada « *a braida dos Missionários* », pois por volta de meados do século dezoito o último patriarca de Aquileia, o cardeal Daniele Delfino, tinha-a separado dos bens del património do patriarcado para a doar à congregação dos Padres da *Missione*. Estes Sacerdotes, seguidores de São Vicente de Paulo, tinham sido chamados ao *Friuli* pelo patriarca para que se dedicassem às missões populares.

Após as repressões da era napoleônica, a casa e as terras foram transferidas em parte para o município de Udine e em parte para o Estado, ficando logo depois sob o controle do Ministério da Guerra. Ainda hoje, na sua parte ocidental, erguem-se os edifícios do distrito militar de Udine.

A 2 de março de 1841, o Bispo monsenhor Lodi tinha-a obtido em arrendamento, sucedendo a um certo senhor Sante Moschini. A 26 de outubro do mesmo ano tinha pedido ao comando militar para a poder comprar, já que outrora pertencia ao património patriarcal e lhe parecia justo que regressasse à Igreja. Contudo, foi-lhe exigido um preço exorbitante:

« *Se porventura* — escrevia o Bispo a 27 de dezembro de 1842 — *nesse terreno não estiver enterrado um tesouro que permita cobrir uma suma tão enorme.* »

As negociações de monsenhor Lodi não tiveram sucesso e o zelozo Bispo adoeceu pouco dopo, falecendo no início de 1845.

A esse ponto, o Pai Carlo começou a interessar-se pelo assunto. Certamente atraía-o a evidente utilidade de uma horta tão ampla situada mesmo em frente à *Casa das Derelitte*, mas o motivo principal era o desejo de que esse terreno não terminasse nas mãos de estranhos, comprometendo a privacidade do instituto.

O Pai Carlo empenhou-se durante anos nesta negociação, apoiado com força em Viena por monsenhor Luigi Bragato e pelo coronel Smola, o mesmo que tinha sido tratado pelas irmãs em 1848. Foi precisamente Smola a anunciar com alegria, a 11 de novembro de 1852, a notícia da conclusão favorável. A 20 de março de 1853 foi assinado o contrato. Não se tratou de uma compra, mas de uma permuta. O Pai Carlo cedeu em troca alguns lotes de terreno na *rua Cividale*, que tinha começado a adquirir precisamente com esse fim desde 1848. Esses terrenos serviram como praça de armas, primeiro para o exército austríaco e depois para o italiano; hoje estão ocupados pelo quartel « *Spaccamela* » do génio militar.

Assim que a *braida* foi adquirida, foi erguido para sudoeste um alto muro de divisa para a separar da área reservada ao distrito militar. A 8 de junho do mesmo ano de 1853, o Pai

Carlo apresentou um requerimento à junta municipal de Udine para abrir um pequeno portão na grande muralha que dava para a *rua delle Dimesse*, mesmo em frente à entrada da *Casa das Derelitte*, e para rebaixar o muro cerca de um metro. O projeto, assinado pelo pedreiro Eusebio Brida, revela que a muralha nunca foi rebaixada, enquanto os pilares do portãozinho foram realizados meio metro mais altos em relação ao desenho original.

Apenas em tempos recentes, no inverno de 1974, o muro foi finalmente rebaixado, mantendo contudo intacto o portãozinho.

O terreno foi cultivado como horta e pomar. Com o tempo, aquelas árvores de fruto tornaram-se uma tentação para as órfãs. As mais vivas, movidas pela gula, cometiam pequenos furtos. O Pai Luigi, porém, vigiava e a certa altura tomou a drástica decisão de mandar cortar as plantas. A irmã encarregada da horta ficou desgostosa com isso, pensando nas doentes que gostavam muito daqueles frutos; dirigiu-se ao fundador rogando-lhe encarecidamente que retirasse a ordem. Ele acedeu, mas com a condição de que houvesse uma vigilância mais atenta, a fim de que aquelas jovens filhas do povo não ganhassem o hábito de pilhar.

Contudo, existindo árvores de fruto também no pátio da Casa, onde a vigilância era mais difícil, as repetidas advertências revelaram-se inúteis. Então o Pai mandou cortar primeiro as árvores cujos ramos baixos estavam ao alcance das raparigas, e depois teve de mandar abater também as outras. A partir desse momento, no pátio das desamparadas sentavam-se à sombra das amoreiras. Assim como Jesus secou com uma maldição a figueira estéril, assim o Pai Luigi mandou erradicar macieiras, pereiras e cerejeiras, a fim de que aquelas transgressões não prejudicassem a educação e a pureza das suas filhas espirituais.

Havia sempre maneira de comprar fruta no mercado; se pelo contrário não chegava à mesa, essa privação devia servir como ensinamento. É um episódio demonstrativo da sua pedagogia de cunho evangélico:

« *E, se o teu olho te servir de escândalo, arranca-o e atira-o para longe de ti; se a tua mão ou o teu pé te servir de escândalo, corta-o e atira-o para longe de ti.* »

Meadas de seda emaranhadas

Aquela concessão do prado cercado — obtida não gratuitamente, mas através de uma permuta — representou um raro momento de serenidade, como uma solitária flor de loto que flutua sobre águas agitadas pelas opressivas exigências das autoridades civis.

A 14 de dezembro de 1850 a administração municipal, impulsionada por uma circular da delegação provincial, solicitou o envio dos habituais e minuciosos relatórios económico-estatísticos. O Pai Carlo respondeu a 27 de dezembro precisando que na casa residiam vinte mulheres, entre superiora, mestras e pessoal de serviço, sessenta alunas internas e cento e quarenta externas. Não sem uma clara alusão polémica, adicionou que as rendas do modesto património e os proventos do trabalho « *mal bastam* — dizia — *para cobrir a metade das despesas anuais, enquanto para a parte restante se deve confiar em algumas esmolas ocasionais de socorredores espontâneos* ».

Contudo o governo continuava a exigir dinheiro e não aceitava justificações.

Em 1851 o instituto foi obrigado a contribuir para os chamados empréstimos nacionais voluntários com uma quota de 1850 liras.

Não se pode sequer esperar isenções fiscais: a 30 de julho de 1851 o Pai Carlo pediu que pelo menos o edifício do instituto fosse incluído entre os bens temporariamente excluídos dos impostos, e a cúria arquiepiscopal apoiou o pedido com uma sentida recomendação. Contudo, a delegação provincial rejeitou a petição, seguida de perto pelo inspetor do cadastro para o *Friuli* e pela junta central do recenseamento para o *regno Lombardo-Veneto*.

Os dois irmãos eram habitualmente contrários a pedir subsídios ao Estado. Em algumas raras ocasiões, contudo, viram-se obrigados a isso pelas graves dificuldades financeiras da casa. Não se podia certamente alimentar as órfãs com ar, e os impostos juntamente com as cédulas de empréstimo retiravam o pão necessário. Enviaram um pedido de ajuda em 1853, quando a Imperatriz da Áustria passou por *Sacile*, onde era arquipreste o seu irmão Dom Giovanni Battista Scrosoppi. Este último escreveu a 14 de junho:

« *Farei pessoalmente e entreguei nas suas mãos o recurso que vos anexo em cópia. Prometeu que fará o possível, dado que recebe contínuos pedidos; adicionou que a vontade de ajudar existe, mas faltam os fundos. Veremos se a promessa terá seguimento.* »

Não teve qualquer efeito. Contudo, o incómodo maior veio de outro lado. Já o mencionámos, mas é útil falar disso novamente.

Por causa da pequena fiação dotada de quatro caldeiras de fiação, aberta desde 1837, a *Casa das Derelitte* tinha sido imediatamente inserida nos registos dos impostos para a indústria e o comércio. Na verdade, o município de Udine tinha-a sempre isentado sem exigir documentos específicos: bastava observar a realidade dos factos.

Mas a 10 de fevereiro de 1853 a comissão imperial para a determinação do imposto sobre os rendimentos exigiu o seu pagamento, enviando a notificação diretamente ao Pai Carlo Filaferro. Este teve portanto jogo fácil ao responder, a 28 de fevereiro, com uma carta que merece ser reproduzida na íntegra:

« *O devotíssimo signatário Pai Carlo Filaferro nunca foi proprietário de uma fiação, nem poderá jamais sê-lo, tanto pelo seu ministério sacerdotal quanto pela sua pobre condição económica. Apesar disso, foi considerado quase todos os anos um operador neste ramo industrial, mas todos os anos foi do mesmo modo naturalmente isentado. Parece finalmente oportuno que semelhantes erros, repetidos com demasiada frequência, cessem de uma vez por todas, para evitar às repartições públicas contínuas trocas de correspondência e retificações, e ao abaixo-assinado inúteis dores de cabeça e incómodos.*

É bem verdade que o signatário, na qualidade de fundador e diretor deste piedoso Instituto das Derelitte, desejou e permitiu que, para a instrução das raparigas aqui acolhidas, se realizem exercícios anuais também na criação do bicho-da-seda e na respetiva fiação, utilizando exclusivamente as folhas de amoreira que é possível recolher

junto ao instituto. Esta atividade educativa, como é evidente, não representa um exercício comercial tributável, mas uma louvável obra de beneficência.

Se se quisesse objetar que no instituto estão presentes quatro caldeiras e que bastaria uma só para a instrução, pode-se demonstrar que estas permanecem em funcionamento por muito pouco tempo e que a sua quantidade é útil para fazer trabalhar simultaneamente um bom número de jovens, estimulando neles o interesse, o encorajamento e a competição. Teve-se também o conforto de ver que a seda assim produzida, embora em pequena quantidade, obteve há poucos meses uma menção honrosa entre os prémios industriais da nossa província.

Se depois, apesar de tudo isto, se quisesse de qualquer modo considerar essa fiação sujeita ao imposto sobre os rendimentos, declara-se que o sujeito titular deve ser o piedoso Instituto das Derelitte e nunca o Pai Carlo Filaferro, o qual, como representante e diretor do estabelecimento, voltaria como de costume a demonstrar a inadequação de tal aplicação fiscal. »

Não se podia ser mais dignamente claro e, ao mesmo tempo, agastado. A assinatura é do Pai Carlo, mas ele era de uma índole muito afável e diplomática; por isso pensamos que o vigor da resposta revela o carácter do Pai Luigi, decisivamente hostil a qualquer forma de avidez fiscal e de injustiça. Era ele, de resto, que em maio e junho se levantava às três ou às quatro da manhã para correr ao campo fora da *porta Ronchi* a cortar os ramos das amoreiras, regressava depois para celebrar a santa missa e dedicava muitas horas do dia a trabalhar e vigiar a criação do bicho-da-seda. Se se tivesse de calcular um salário para ele e para as suas colaboradoras, como acontece numa empresa industrial, do presumível lucro não teria restado nada.

Mas não houve nada a fazer. O Pai Carlo lembrou em vão aos burocratas que o sexto parágrafo da lei imperial de 11 de abril isentava a casa do imposto sobre os rendimentos, « *sem sequer apelar* — observava — *à condição especial deste pobre estabelecimento que vive exclusivamente da caridade* ».

Coube-lhe protestar novamente, a 20 de novembro de 1853, contra a ordem de pagar 403,88 liras de impostos e uma cifra equivalente como multa por falta de notificação. Tinham-lhe infligido inclusive uma multa!

O despojamento do Pai Carlo

Não se tratava apenas de uma precisão burocrática levada até um excesso manifestamente hostil. Por baixo escondia-se uma certa aversão em relação ao Filaferro. Além da maldita erva daninha — a grama — da inveja, devia haver alguém que cobria las críticas com pretextos enganosos.

O pretexto não faltava de todo: até àquele momento, casas e terrenos estavam registados pessoalmente em nome do Pai Carlo. Um pouco para calar os mal-intencionados, un pouco porque sentia próximo o seu fim, o Pai Carlo pôs cobro a isso com um ato assinado a 2 de janeiro de 1852 entre ele e a superiora Mãe Lucia De Giorgio. Naquele documento declaraba — após uma cuidadosa enumeração dos edifícios, das propriedades agrícolas e dos capitais — « *que todos os bens imóveis acima descritos os mandei registar em*

nome da firma proprietária privada Casa das Derelitte em Udine nos registos públicos do novo recenseamento estável »;

contemporaneamente, a superiora atestava que a casa, desde aquele momento, tinha recebido a propriedade efetiva e o usufruto dos frutos de cada bem.

A 16 de abril de 1852 o delegado provincial real visitou o instituto e a 1 de maio escreveu ao Pai Carlo:

« *Na visita por mim realizada a 16 de abril do ano passado ao Instituto das Derelitte nesta cidade, pude convencer-me de que a boa ordem reina em todas as suas partes, e que ao vosso distinto zelo correspondem com pleno sucesso os cuidados do infatigável subdiretor Pai Luigi Scrosoppi, da superiora e das mestras. ... Li com verdadeiro prazer o ato de 2 de janeiro do ano corrente por vós fornecido, com que declarais que todos os terrenos e bens adquiridos pertencem para sempre à privada Casa das Derelitte e constituem a sua atual dotação, indicando um a um esses mesmos terrenos e bens; tal ato solene servirá, se tornado público com o depósito do original ou de uma cópia autenticada junto de repartições públicas e notariais, para consolidar a existência e o crédito económico e moral do instituto.* »

O Pai Carlo não se preocupou em tornar público o ato, consciente de que não existe maneira de apagar a malignidade de quem quer ser mau; mandou apenas redigir uma cópia, a 13 de julho de 1852, para que fosse depositada na cúria arquiepiscopal, isto é, nas mãos do seu superior eclesiástico. As amarguras que lhe vinham dos homens eram amplamente confortadas pela esperança no justo Juiz divino.

De amarguras teve muitas. Nestas circunstâncias, ainda mais do que nos honores dos primeiros anos, o Pai Luigi esteve-lhe duplamente próximo: tanto porque ele próprio estava envolvido nisso, quanto porque sentia no seu próprio ânimo o que entristecia os últimos dias do seu amado e venerado irmão.

A acusação infamante

O murmúrio ácido contra o Pai Carlo devia ser muito difundido e conhecido por todos, se o Dom Valentino Liccaro não teve temor de falar disso extensamente no elogio [5] que proferiu durante os seus funerais diante da multidão apinhada na *Igreja de Santa Maria Madalena*.

Ele tinha primeiro resumido a história da *Casa das Derelitte*; tinha sublinhado de modo particular a administração iluminada e zelosíssima e a gestão escrupulosa, atribuindo o mérito — no texto impresso — ao Pai Luigi. « *Tal êxito* — prosseguia —, *tantas fadigas sustentadas e tantos méritos adquiridos pelo Pai Carlo parecia que deviam procurar-lhe a gratidão pública e o aplauso universal. Mas, infelizmente, mísera condição da nossa humanidade decaída! Neste baixo mundo não é possível fazer o bem sem se chocar com a contradição e ficar sujeito às mordeduras das paixões malnascidas.* »

Após recordar o exemplo de Jesus Cristo, que tinha recebido os clamores de condenação em troca do bem realizado e pregado, continuava:

---

[5] Cfr. V. Liccaro, Funebre elogio del padre Carlo Filaferro, Udine 1854, pp. 20-21.

« *Nenhuma maravilha, portanto, se o Pai Carlo, fazendo o bem à semelhança do modelo divino, não foi poupado pelas línguas malvadas. Foi-lhe lançada em cima a acusação de ser um sôfrego especulador da caridade alheia, um ávido caçador de heranças e legados, quase como se os tivesse depois convertido em seu próprio proveito.* »

Nem Liccaro perdia tempo a rebater aquelas perversas e caluniosas insinuações. « *Não tenho necessidade de o fazer* — exclamava —; *falem os factos com a sua linguagem inquestionável.* » Os ouvintes conheciam esses factos, sabiam muito bem como o Pai Carlo se tinha comportado. O orador preferia descrever o método delicado e discreto usado pelo Filaferro, certo de não poder ser desmentido. O estilo requintado não retira nada ao vigor deste público e solene testemunho.

« *E além disso observai bem, senhores* — dizia —, *que o Pai Carlo, para obter tais resultados a favor dos míseros, devendo recorrer à caridade alheia, que é para quem possui riquezas um dever cristão, não rastejava de todo diante dos ricos ou dos abastados, nem os lisonjeava ou lhes fazia pressões: expondo simplesmente as necessidades da obra piedosa, pedia com dignidade, deixando cada um plenamente livre, tanto em vida como em morte, de doar e consagrar aos pobres a esmola que mais lhe agradasse. E quem foi generoso com ele* — concluía —, *não era porventura dono do seu próprio dinheiro como qualquer outro? Ou talvez não sabia bem quão frutiferamente seria empregado?* »

Hoje, com os documentos da gestão escrupulosa da casa na mão, perguntamo-nos surpreendidos que legados ou que heranças puderam desencadear semelhante e injusto alvoroço. De 1845 até à morte do Pai Carlo encontramos registados apenas seis legados num total de 4300 liras; outros três por 7300 liras, uma pequena casa e quatro campos, chegaram após a sua morte. E todos provenientes de pessoas tão abastadas quanto livres de dispor dos seus próprios bens, sem prejudicar ninguém.

De mais de um indício emerge que a calúnia tirava força do crescente anticlericalismo, que procurava pretextos para desacreditar os sacerdotes, sobretudo os de intrépida fidelidade à Santa Sé, como eram os dois irmãos. A maior ressonância deve ter sido suscitada por dois casos nos quais o Pai Luigi foi chamado em causa. Mencionamo-los brevemente, pois precisamente nestes resplandece a sua sensibilidade.

As duas doações de Dom Giuseppe Pletti

O sacerdote udinense Dom Giuseppe Pletti [6] tinha doado, através de uma escritura notarial de 25 de junho de 1843, um capital de 6.000 liras a benefício da *Casa das Derelitte*. Posteriormente, com outro contrato datado de 18 de março de 1846, dispôs de uma quantia adicional de 8.107 liras para instituir uma bolsa de estudos na congregação do *Oratório*, que seria reconstituída dois meses depois. Entretanto, dispôs que esse capital permanecesse a vantagem das *Derelitte*. Em ambos os atos, o Dom Pletti solicitou expressamente que os fundos e os documentos respetivos fossem entregues pessoalmente nas mãos do Pai Carlo. Este último, pela importância da questão e por uma forma de

[6] Nascido em 1780, falecido em 1846.

correção pessoal, quis que fosse preparada uma cópia das duas doações para ser entregue à cúria arcebispal.

Tudo isto tinha sido gerido com extrema reserva, mas de modo totalmente regular, antes que a doença levasse à morte do doador, ocorrida a 14 de novembro de 1846.

O Dom Pletti tinha redigido um testamento a favor de um dos seus irmãos e da esposa deste último. Contudo, um segundo irmão, que tinha sido excluído da herança, enviou a 24 de agosto de 1847 uma memória formal ao Arcebispo de Udine. Neste escrito ele afirmava entre outras coisas:

« *Durante a sua última doença, o falecido foi assistido incansavelmente pelo reverendo Dom Luigi Scrosoppi, o qual se tinha ocupado exclusivamente de todas as questões relativas a Pletti, ou seja, dos documentos, do dinheiro e de tudo o que se encontrava no quarto; após a sua morte, ele declarou não ter encontrado nem dinheiro nem papéis* ».

Na verdade, o dinheiro e os documentos tinham sido entregues oito meses antes ao Pai Carlo. O próprio autor do protesto reconhecia que os herdeiros, não querendo pôr em dúvida a honestidade do reverendo Scrosoppi, tinham aceitado a sua declaração. Contudo, ele pedia ao Arcebispo para investigar o caso, ameaçando recorrer aos tribunais civis.

A investigação foi conduzida com tal precisão que o veredicto definitivo foi emitido apenas mais de quatro anos depois. A 9 de janeiro de 1852, o Vigário Capitular Monsenhor Darù, homem de conhecida severidade moral, declarou que o duplo contrato de doação do Dom Giuseppe Pletti fora depositado na cúria e aprovado explicitamente em todas as suas partes. No mesmo dia, os registos da cúria recolhem uma carta enviada ao irmão do falecido na qual se respondia que, após ter mandado examinar a longa petição por pessoas sábias e prudentes, nos contratos de 25 de junho de 1845 e de 10 de março de 1846 não emergia nada de contrário nem à justiça nem às leis da Igreja.

Mas como se comportou o Pai Luigi? Do capital de seis mil liras destinado à casa, registou apenas 3 428,37 liras, que foram empregues para a construção da capelinha; à quantia restante renunciou claramente por amor à paz e para evitar ulteriores conflitos. Relativamente, pelo contrário, ao fundo destinado aos estudantes da congregação oratoriana, depois de esta ter sido suprimida in 1867, destinou-o a uma bolsa de estudos no seminário arcebispal.

Tia Rosa Lazzarini

Uma prova evidente da correção do Pai Carlo ao solicitar ajudas financeiras para a casa e ao geri-las é-nos fornecida pelas suas relações com o Dom Francesco Cernazai. Entre 1842 e 1844 tinha recebido dele três empréstimos num total de oito mil liras. Tratava-se de bem pouca coisa para aquele riquíssimo sacerdote. Apesar de Cernazai ser muito amigo dos dois irmãos, e em particular do Pai Luigi, Filaferro emitiu-lhe de cada vez a respetiva letra de câmbio. E quando, a 12 de março de 1850, Cernazai decidiu perdoar a dívida, considerando-a como uma doação por parte da sua mãe Orsolina Cernazai Cargnelli — falecida a 1 de fevereiro de 1842 e já fervente protetora das desamparadas —, o Pai Carlo comprometeu-se a manter no instituto duas órfãs como contrapartida do

juro anual, as quais seriam escolhidas pelo Dom Francesco ou pelos seus herdeiros. Quem poderia jamais vislumbrar no modo de agir de Filaferro um vestígio das lisonjas, das insistências ou das pressões de que foi acusado? E contudo esse teria sido o caso ideal para o fazer; se o tivesse feito, não nos maravilharíamos, antes pelo contrário acharíamos compreensível ou até louvável. Todavia, o Pai Carlo não lo fez.

Mas a sensibilidade dos irmãos, e neste caso sobretudo do Pai Luigi, manifesta-se com tons comoventes ou até dramáticos nas suas relações com a tia Rosa Lazzarini.

Ela possuía um património avaliado naqueles tempos em cerca de trezentas mil liras, constituído pelas casas Lazzarini na *rua Strazzamantello* [7] em Udine, pelo armazém de madeiras e ferragens com os respetivos créditos, por quarenta campos com habitações em Pozzuolo del Friuli e por um rico enxoval familiar. Como os seus filhos tinham falecido, tudo a levava a favorecer o Pai Carlo e o Pai Luigi, filhos da irmã Antonia, por estarem mais próximos dela tanto pelo afeto como pelos sentimentos cristãos; ou antes a favorecer a *Casa das Derelitte*, da qual, enquanto permaneceu viva, foi uma das protetoras previstas pelo regulamento.

De facto, ajudou a casa, tanto com subvenções como com o cancelamento da dívida pelas compras efetuadas no seu armazém para a construção do próprio edifício. Num aponto escrito do seu próprio punho, o Pai Scrosoppi indica o montante total em doze mil liras. Contudo, nem sequer essa quantia foi considerada a título puramente gratuito.

A tia Rosa tinha-se voltado a casar em 1818 com o senhor Gabriele Angelo Pecile. Seguindo aproximadamente a mesma modalidade e proporção utilizadas com o Dom Francesco Cernazai, a 20 de janeiro de 1854 foi lavrado um ato em virtude do qual a piedosa *Casa das Derelitte*, « *sempre reconhecida pelas diversas e importantes ajudas que os senhores Gabriele, do falecido Paolo, e Rosa nascida Lazzarini, cônjuges Pecile... lhe concederam em diferentes momentos* », reconhecia à senhora Rosa e, após o seu falecimento, às mulheres da casa Pecile o direito de acolher gratuitamente no instituto três raparigas, a escolher entre as órfãs de Udine, Fagagna ou Pozzuolo.

Com uma carta de 31 de julho seguinte, o Pai Luigi convidava a tia a exercer esse direito, e ela fê-lo efetivamente a 10 de agosto. No documento respetivo ela escrevia que « *o sobrinho Pai Carlo fazia remontar tudo à divina Providência e nela confiava inteiramente para prover às necessidades de todo o género para as suas desamparadas* »; e declarava « *que desde a adolescência amava e era correspondida pelo afeto do seu excelente sobrinho o Pai Carlo Filaferro. E no doloroso falecimento ocorrido* — o pai Carlo tinha morrido há cerca de sete meses —, *consola-me a esperança de que ele tenha sido acolhido por divina bondade na morada dos bem-aventurados, como prémio das suas fadigas evangélicas vividas constantemente e sustentadas com dignidade* ».

Vários anos antes, com um testamento de 1839 e depois com uma doação de 1841, a senhora Rosa tinha-se deixado convencer a ceder o inteiro património Lazzarini ao marido. E este, um par de meses antes da sua morte, ocorrida a 10 de julho de 1833, tinha

[7] A antiga rua Strazzamantello compreendia a metade da atual rua Paolo Canciani, ou seja, aquela que une a rua Pascolle com a praça Matteotti (já praça de São Tiago).

deixado todos os seus bens ao seu sobrinho Gabriele Luigi Pecile — posteriormente presidente do município de Udine e senador do reino de Itália — com a única obrigação de prestar assistência à tia, definida como afetada por distúrbios mentais. A pobre mulher morreu em Fagagna a 7 de dezembro de 1853; as testemunhas próximas dela contam a sua profunda tristeza quando se deu conta de que não podia dispor de nada para realizar obras de bem, devido à doação feita tantos anos antes.

Os seus herdeiros naturais teriam sido os filhos da irmã mais velha Antonia — o Dom Giovanni Battista e o Dom Luigi Scrosoppi — e os da irmã mais nova Francesca — o professor Giovanni Battista Bassi [8] e Francesca, casada com D'Este-Roviglio. A eles foi finalmente reconhecida uma quota sobre os bens móveis da casa Lazzarini; os Scrosoppi aceitaram ser liquidados em último lugar, em maio de 1839, com três mil liras cada um.

Não, não se podia verdadeiramente dirigir aos dois fundadores da *Casa das Derelitte* a infamante acusação de ir em busca de legados e heranças. Eles encomendaram-se com humildade à divina Providência. E o Pai Luigi, mesmo privado de ajudas humanas que seriam justamente previsíveis, não exprimiu nem lamentos nem recriminações. Foi antes pelo contrário ditoso de poder repetir, quase como o seu amado san Francesco, que ele e as suas órfãs deviam dirigir as suas orações e as suas esperanças unicamente ao Pai que está nos céus.

O piedoso trânsito do Pai Carlo

Já no outono de 1853, o Pai Carlo fora avisado do seu fim iminente por uma grave crise de saúde, que nesse momento superou com sucesso. Um segundo ataque atingiu-o por volta do fim de janeiro de 1854 e, mais uma vez, pareceu que poderia recuperar. Todavia, sobrevieram complicações orgânicas que o levaram à morte a 30 de janeiro, pouco depois da meia-noite.

« *Ele pediu imediatamente* — escreve o vigário curato da catedral metropolitana, Dom Zoratti — *os confortos da religião, suportando a custo ser privado do Viático por causa do vómito violento de que padecia. Exprimindo frequentemente atos de fé, de esperança e de caridade, e oferecendo-se e recomendando-se à divina bondade, expirou. Os seus restos mortais foram trasladados da casa às nove horas da manhã de 31 de janeiro e colocados sobre o catafalco na Igreja de santa Maria Maddalena.* »

Nesse local cantou-se o Ofício dos defuntos completo e foi celebrada uma missa fúnebre solene, na presença de uma grande multidão de cidadãos de todas as condições sociais. Após a leitura do elogio fúnebre por parte de Dom Valentino Liccaro, foi dada ao corpo a absolvição final. Zoratti relata que o rito se desenrolou entre os gemidos e o pranto — que não eram contidos, segundo o costume da época — das irmãs, das órfãs e dos numerosos fiéis que se confessavam com o santo sacerdote. O corpo foi então levado para a catedral, onde foi celebrada outra missa, e reconduzido para *santa Maria Maddalena*, onde permaneceu exposto durante todo o dia.

---

[8] De Pordenone (1792-1879), matemático, meteorólogo, arquiteto. Em 1851 publicou as Osservazioni meteorologiche di G. Venerio; foi autor de opúsculos biográficos e projetou o campanário de san Giorgio em Pordenone. (Cfr. Com. G. Marchetti, o.c., p. 742).

Na manhã de 1 de fevereiro o corpo foi finalmente trasladado para o cemitério com solene cerimónia e acompanhamento [9] e sepultado no túmulo Porcia, no qual repousavam já os restos mortais da mãe Antonia e do padrasto Domenico Scrosoppi.

Quase para resumir os traços espirituais desta luminosa figura sacerdotal, eis o retrato que dela fornece Liccaro ao término do seu elogio fúnebre:

« *Em conclusão do exposto, direi que o Pai Carlo, o qual vivia de modo frugal, vestia pobremente e tratava-se a si mesmo com severidade..., o Pai Carlo morreu pobre, cheio de boa vontade em ajudar o seu próximo e sobrecarregado pelas dívidas contraídas pela causa dos pobres. Uma vida íntegra, pura e impecável como foi a sua; uma vida sóbria, dedicada ao sacrifício e laboriosa; uma vida pia, devota, exemplar e ativa, porque inteiramente consagrada ao cumprimento dos seus deveres sacerdotais: estes são os fundamentos das nossas esperanças para a sua salvação eterna.* »

Em seguida, após ter louvado a sua humildade autêntica, a singular modéstia, a firmeza inabalável e inalterável paciência que o distinguiu entre as muitas adversidades e dores da vida, dirigia aos sacerdotes e seminaristas presentes estes veementes apelos:

« *Quanto a nós, eclesiásticos, por fim, aqui reunidos para oferecer o sufrágio das nossas orações ao benemérito Pai Carlo, ao homem de Deus, grande por inteligência, por coração, pelas fadigas e pelas suas obras, cuja memória será certamente abençoada pelos vindouros, espelhemo-nos neste modelo e tiremos proveito do exemplo da sua vida puríssima, da dedicação incansável aos seus sagrados deveres, da sua atividade para a glória de Deus e para o bem das almas, do seu desinteresse, da caridade e da sua paciência... E vós, jovens clérigos, esperança do futuro, vendo faltar um após outro os nossos mestres na disciplina eclesiástica, os pilares do santuário, monsenhor Darù, o Pai Carlo... lembrai-vos dos seus ensinamentos e dos exemplos que vos deixaram, e sobre tais modelos refleti.* »

O herdeiro espiritual do Pai Carlo

Quiséramos poder conhecer o conteúdo dos inexprimíveis colóquios ocorridos entre os dois santos sacerdotes na hora do desapego terreno. Que palavras terá dirigido o Pai Carlo ao seu Dom Luigi? Com que terna comoção terá o Dom Luigi tentado consolar os últimos instantes daquele que para ele fora mais um pai do que um irmão?

Sem dúvida, se o Pai Carlo encomendou serenamente o seu espírito à divina bondade, deixou sem temores, aliás com uma fé inabalável, a sua missão e as suas obras. Confiava-as a mãos nodosas e fortes, generosas e doces, magnânimas e tenazes: as mãos de quem, aparentemente, fora o seu humilde executor, mas na realidade fora o seu infatigável animador e agora se tornaria o seu timoneiro seguro.

A *Casa delle Derelitte* estava já organizada e consolidada com sabedoria.

---

[9] Cfr. Registo de Óbitos da paróquia da Catedral, livro VI, fl. 124.

A congregação das Irmãs de *san Gaetano* — ou da *Provvidenza* — tinha dado provas extraordinárias do espírito de que era animada, tanto que se falava dela com admiração mesmo fora do estreito círculo de Udine. Aos prementes pedidos para ter as irmãs no hospital civil de Udine em 1848, somou-se em 1852 a petição do arcebispo de Gorizia, monsenhor Francesco Saverio Lushin, para que assumissem a direção do instituto para órfãs fundado naquela cidade pelo Dom Contavalli. A prudência dos dois irmãos tinha-os levado a declinar ambas as ofertas e a adiar o nascimento de novas comunidades; mas nas vinte e quatro religiosas que choravam em redor do caixão do Pai Carlo ardia o desejo de dedicações ainda mais vastas.

A perda do Filaferro foi, sem dúvida, sentida profundamente pelas irmãs; contudo, como o Pai Luigi era a sua alma e guia desde a fundação, não se advertiu o menor vazio. Pelo contrário, elas estreitaram-se ainda mais em redor dele, prontas a partir a um sinal seu rumo às mais santas aventuras da caridade. De resto, o Pai Scrosoppi associou à direção das freiras àquele admirável sacerdote, o padre Francesco Fantoni, que era aquela admirável figura de sacerdote que foi o Dom Francesco Fantoni, muito semelhante em inteligência e doçura ao Pai Carlo.

Nem sequer a dor humana pela morte do seu irmão, mitigada docemente pela sua grande fé, retardou o seu passo; antes lhe revigorou a vontade de levar a termo o que tinham projetado e desejado juntos.

À morte do Pai Carlo estavam em curso de realização três iniciativas, algumas apenas esboçadas, outras somente sonhadas: duas de carácter caritativo e uma de natureza mais estreitamente spiritual.

No seu elogio fúnebre para o Filaferro, Liccaro alude às duas primeiras. Tratava-se de uma "*Casa del Provvedimento*" para domésticas à espera de emprego, na qual já se estava a trabalhar: o Pai Luigi abri-la-á em outubro de 1854. A outra era um instituto para surdas-mudas que seria realizado em 1857.

De ambas falaremos mais adiante.

Havia, finalmente, noutro campo, a necessidade de levar a uma forma perfeita a congregação filipina, ressuscitada sim em 1846, mas não ainda como uma comunidade religiosa regularmente formada.

No elogio fúnebre do Pai Carlo, Liccaro tinha colocado com muita delicadeza o problema da sua sucessão:

« *Quando o profeta Elias foi tirado da terra e arrebatado sobre um carro de fogo, o seu fiel Eliseu rogava-lhe que o seu espírito descesse duplicado sobre si...; e vendo-o subir ao céu..., agarrando o seu manto retinha-o como penhor da proteção divina, e com ele operava prodígios. Que o Senhor tenha misericórdia, e orem a Ele, meus irmãos cristãos, para que o espírito do Padre Carlo desça sobre um dos clérigos que me ouvem, e que ele possa possuir a herança de seu manto para a glória de Deus e o vosso bem* »

Aludia Liccaro porventura ao Dom Luigi? Voltaram-se os olhares dos ouvintes para ele perante aquelas palavras? Provavelmente sim.

Contudo, a sua profunda humildade e o seu viver completamente à sombra do irmão não tinham permitido talvez avaliar plenamente as suas capacidades. Tinha-se falado dele apenas como do braço fidelíssimo do Pai Carlo, tanto que talvez custasse imaginá-lo como a mente diretiva de todas aquelas obras. Um aço encerrado ainda na bainha: eis o que deve ter parecido o Pai Luigi no fim de janeiro de 1854; e numa bainha simples e gasta, tal que não fazia suspeitar que lá dentro se ocultava uma lâmina de Toledo.

Não passará muito tempo antes que todos se deem conta, e não por uma vã autopromoção da sua parte. Ele tinha do seu lado duas forças de valor absolutamente pessoal: no plano sobrenatural, uma fé granítica e uma coragem operacional sem par; no natural, um imenso afeto pelo irmão, pelo qual considerava sagrado continuar o que ele tinha começado e realizar o que tinha sonhado.

Mais uma vez, mesmo que Liccaro ou os ouvintes não tivessem pensado nele, cumpriu-se a palavra do Apóstolo:

« *Mas Deus escolheu o que é estulto no mundo para confundir os sábios; Deus escolheu o que é fraco no mundo para confundir os fortes; Deus escolheu o que é vil e desprezado no mundo, e aquilo que não é nada, para reduzir a nada as coisas que são, para que nenhum ser humano se possa gloriar diante de Deus.* »

E assim um sacerdote pobre, simples e pacato põe-se ao timão. O cálculo humano não lhe teria dado crédito. Depois, contudo, verá com admiração desfraldarem-se as velas rumo a grandes metas espirituais e materiais.

Mas, aos cinquenta anos, não seria ele porventura já demasiado idoso?

Não. Da fé e da união com Deus brota uma veia de vigorosa e perene juventude:

« *Tudo posso naquele que me dá a força.* »

PA PARTE TRÊS

Padre Luigi no comando (1855-1884)

Capítulo 1

DON LUIGI, PREPÓSITO DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO (1854-1867)

A boa semente sufocada pelos espinhos

Treze anos de esforços generosos e, no entanto, completamente em vão; treze anos marcados por amargas decepções; treze anos que encontraram o seu epílogo na supressão da ordem e, sobretudo, no tormento de ver dessagrada a amada igreja de Santa Maria Maddalena: este é o melancólico resumo da experiência filipina de Dom Luigi Scrosoppi. Todavia, o fracasso de um projeto não prova de modo algum que ele não fosse válido, nem diminui o valor do homem animado por grandes desejos que o havia promovido. Se a boa semente morre sufocada pelos espinhos, a responsabilidade não recai sobre a semente, nem sobre quem a semeou.

Em 1854, Dom Luigi estava convencido de que o pleno restabelecimento da Congregação do Oratório era uma necessidade urgente; esperara-se tempo demais e talvez o tempo útil estivesse prestes a esgotar-se. Deveria ele, portanto, desanimar-se? Não era da sua natureza, nem a sua fé inabalável e o seu zelo inabalável o permitiam. A glória de Deus e a salvação das almas exigiam uma tentativa. E ele tentou.

Quais foram as suas motivações? É bom reiterá-las.

Certamente influiu o profundo amor pelo Oratório e pelo seu caro pai San Filippo, um sentimento absorvido desde a infância e radicado na alma. Certamente pesava o terno desejo de realizar os sonhos do irmão, Dom Carlo.

Todavia, a estas razões pessoais acrescentaram-se outras duas de caráter geral.

A situação religiosa piorava dia após dia. Os tempos eram indubitavelmente críticos para a Igreja e cada sinal deixava prever que se tornariam ainda mais duros. San Filippo vivera numa época igualmente difícil e, no entanto, não se deixara abater. Era necessário lançar uma santa contraofensiva espiritual; era preciso reunir um grupo de sacerdotes corajosos que fossem para o meio do povo pregar a fidelidade ou o retorno a Deus, especialmente através das missões. Demasiadas vezes os ministros do Evangelho, vencidos pelo desânimo ou pelo medo, tinham abandonado o campo a Satanás. Demasiadas vezes, em vez de agirem com prontidão apostólica, tinham-se movido tarde, quando a colheita espiritual já fora devastada.

Don Luigi estava, além disso, fascinado pelo modelo filipino de um ministério sacerdotal totalmente gratuito. Dessa forma, as calúnias daqueles que acusavam os sacerdotes de agirem por ganho profissional ou pessoal cairiam em ouvidos moucos. Por tal razão, a congregação filipina acolhia habitualmente apenas sacerdotes capazes de se

manterem com o próprio património. Mas o que fazer se não houvesse sacerdotes ricos ou abastados? Ele sonhou que ao apelo responderiam os pobres. Por eles proveria a divina Providência; por eles empenhava-se ele próprio a garantir o sustento, para que pudessem dedicar-se ao apostolado « *gratis et amore Dei* » (isto é, gratuitamente e por amor de Deus) .

O memorial de Dom Pietro Benedetti

Apenas três dias após a morte do Pai Carlo, às 18h00 de 2 de fevereiro, reuniram-se na casa da congregação (adquirida em 1842) os sacerdotes Pietro Benedetti, Luigi Scrosoppi, Antonio Specie, Francesco Fantoni, Domenico Someda e Domenico Deotti [1] « *com o propósito de nomear um novo representante da própria congregação* ». Foi eleito por unanimidade Benedetti, culto e piedoso fundador do asilo infantil; o arcebispo monsenhor Trevisanato [2] concedeu imediatamente a sua aprovação, nomeando Benedetti também reitor da igreja de *Santa Maria Madalena*.

O Pai Luigi não teve qualquer dúvida sobre o apoio daquele venerado confrade. A sua surpresa foi por isso ainda mais amarga quando, a 21 de maio de 1854, ouviu ler por Benedetti, diante dos mesmos sacerdotes, uma detalhada « *Memória sobre o restabelecimento dos filippini em Udine* » [3].

As dificuldades sucediam-se uma após outra como os elos de uma cadeia inexorável.

Por que razão o Pai Carlo, « *de bendita e saudosa memória... homem de grande inteligência e de grande coração..., extremamente zeloso* », não se tinha decidido nunca a abrir o internado? Devia ter tido « *motivos certamente gravíssimos para temporizar tanto tempo, apesar do risco para a nova congregação* ».

Convidava portanto a refletir sobre o estado da casa: pouco ensolarada e escassamente ventilada, com apenas três divisões decentes, privada de espaços abertos para apanhar ar e tão húmida que ele próprio, nos três anos em que lá tinha habitado, tinha adoecido duas vezes com febres reumáticas. « *Relativamente a dois jovens sacerdotes ricos, capazes e de bons costumes* — afirmava — *aos quais propus entrar na congregação, ninguém me*

---

[1] Nascido em Postoncico (S. Martino di Valvasone - Udine) em 1801, faleceu em Udine em 1869. Agregou-se à congregação do Oratorio e após a sua supressão colaborou na paróquia da sé. Homem de fé, de piedade e de zelo, estava « pronto para servir humildemente em qualquer lugar desde que ganhasse almas para o Senhor » (Cfr. G. BIASUTTI, Sacerdoti distinti..., p. 34). Don Specie de Resiutta (Udine) — 1788-1855 — foi companheiro de noviciado e de profissão do Pai Carlo Filaferro. Após a supressão do Oratorio esteve no cuidado das almas na diocese, depois foi capelão de coro do cabido de Udine, onde faleceu.

[2] Nasceu em Veneza na Giudecca. Foi um douto professor de línguas orientais e de hermenêutica sagrada no seminário durante vários anos, depois cónego teólogo de s. Marco, arcebispo de Udine e em seguida patriarca de Veneza em 1862 e cardeal em 1863. Cuidou da formação do clero, recomendou as missões e os exercícios espirituais para o povo. Apoiou a Obra da Propagação da Fé, instituiu a da Santa Infância; generosíssimo na beneficência, desenvolveu uma grande atividade como presidente da comissão de beneficência pública; durante o seu episcopado surgiu a associação « As Conferências de São Vicente ». Uma harmonia de fortaleza e suavidade, de sabedoria e prudência caracterizaram o seu governo. Lutou pelos direitos da Igreja e no Concílio Vaticano I esteve entre os mais doutos e firmes defensores da infalibilidade pontifícia. (Cfr. A. TESSARIN, Delle lodi dell'eminentissimo cardinale Giuseppe Luigi Trevisanato, Veneza 1877, p. 68; G. COPOLUTTI, o.c., pp. 40-52).

[3] A.L.S., fotocópia do ms., pp. 8 (Fundo dos Institutos religiosos, A.C.A.U.).

tirou a esperança de uma aceitação, mas ambos expressaram reservas sobre as condições atuais da casa. »

Passava depois a examinar os quatro candidatos que deviam constituir a congregação: ele próprio, Specie, Deotti e Dom Luigi. Todos tinham superado os quarenta e cinco anos, a idade máxima estabelecida por são Filipe. Relativamente às obrigações, especialmente a pregação, ele era o idoso catequista do ginásio, aposentado há dois anos por problemas de voz; Specie era capelão da sé; Deotti colaborava incansavelmente na medida em que a sua saúde precária o permitia, mas nunca tinha pregado. « Dom *Luigi Scrosoppi* — prosseguia — *noutras circunstâncias seria um excelente colaborador. Mas, sendo administrador, diretor e confessor do hospício das derelitte, pobríssimo e muito frequentado* — três encargos que bastariam para esmagar três homens robustos — *é um facto que na nossa igreja não celebra missa, não confessa, não distribui a comunhão nem prega; é quase um milagre que encontre tempo para assistir às demais funções.* »

Finalmente, apresentava um balanço das receitas e despesas previstas, recordando que os *filippini* por regra devem manter-se de forma autónoma e servir gratuitamente. Disso resultava que para a alimentação não ficariam mais de 29 cêntimos por dia por pessoa, « *a menos que* — adicionava — *haja ajudas económicas ocultas.* »

Neste ponto observava:

« *A quem me respondesse que é preciso confiar na divina Providência, replicaria como fez o Pai Giuseppe Passalenti ao seu superior, o Pai Massimo dos condes Brazà, o último da antiga congregação: Pai meu, não terá sido porventura a divina Providência a colocar-nos a cabeça sobre os ombros, para que pensássemos também nós nos nossos assuntos?* »

Benedetti concluía exortando a adiar a abertura do internado até que a casa fosse saneada e se tivessem encontrado os meios financeiros necessários, apesar da fome então difundida, para garantir a sobrevivência da congregação.

Entrementes, o Dom Luigi teria podido liquidar as dívidas pela compra da casa e afrontar as despesas da restauração. Enquanto isso, dois sacerdotes pobres seriam enviados ao Oratório de Verona, onde o próprio Dom Luigi havia se informado pessoalmente, utilizando as duas bolsas de estudo de trezentas liras cada, já preparadas.

Exortava além disso a fazer de modo que entrementes outros sacerdotes, de preferência locais e abastados, se unissem a eles, fazendo notar aos interessados nas missões que a nova congregação do *Oratório* se tornaria também o centro para a congregação dos missionários diocesanos a instituir segundo o modelo da de Vicenza ou das que operavam com sucesso no Reino de Nápoles.

Não há dúvida sobre as boas intenções de Benedetti. Contudo, quem lê hoje essa « *Memória* » pode apreciar a sua prudência, mas recebe a impressão de que estava destinada a encerrar para sempre o projeto da congregação dos *filippini*. E isto, o Pai Scrosoppi não podia aceitar.

A ata da reunião

Terminada a leitura da « *Memória* », todos os presentes foram convidados a expressar o seu parecer.

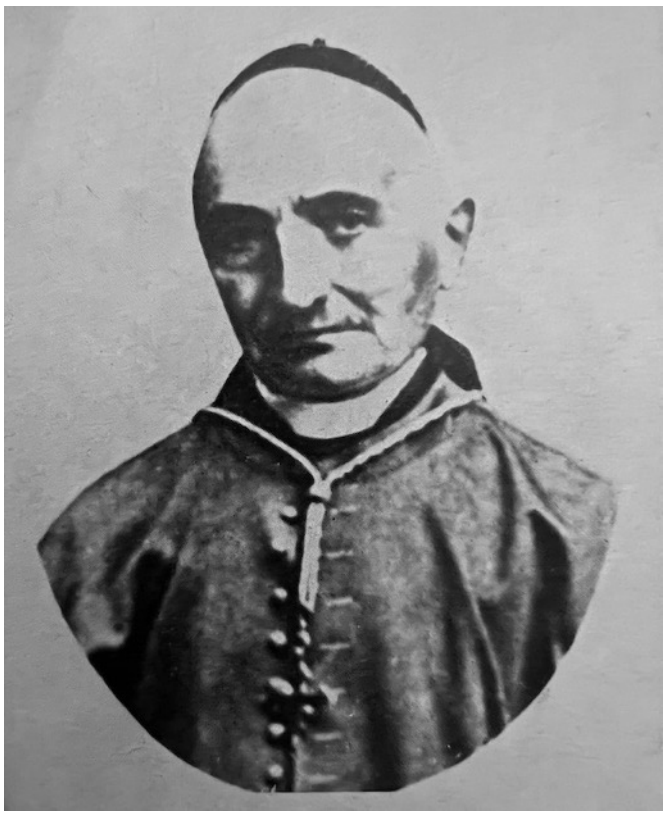
« *O reverendo Dom Luigi Scrosoppi* — reza a ata escrita por Someda — *apesar das dificuldades listadas e cheio de confiança na divina Providência, insiste na abertura imediata da congregação, declarando que se isso não acontecer, não manterá mais as promesas de sustentar a congregação com meios que lhe são conhecidos.* Dom Domenico Deotti declara também desejar a abertura imediata. Dom Antonio Specie, pelo contrário, considera que deve suspender a abertura para assegurar melhor os meios de subsistência.

don Francesco Fantoni e Dom Domenico Someda, considerando por um lado o bem da reabertura e pelo outro a dificuldade que derivaria do retiro de Dom Luigi e dos seus meios, votam pela reabertura, apesar de não estarem resolvidas todas as questões críticas da "*Memória*"; isto também porque, tratando-se de uma fase provisória, os sacerdotes podem retirar-se se a experiência demonstrasse a impossibilidade de continuar, segundo as regras de são Filipe. »

Todos assinaram a ata. Contudo, o Pai Scrosoppi adicionou à sua assinatura:

« *Declaro ter expresso muitas observações e objeções à leitura da "Memória" do muito reverendo pai Pietro Benedetti, que foram omitidas nesta ata.* »

Não sabemos quais eram, mas é evidente que o Pai Luigi ficou profundamente amargurado.



Monsenhor Domenico Someda, vigário geral da diocese de Udine e confessor do Pai Luigi.

Admirável humildade de Dom Benedetti

A « *Memória* » e a ata da reunião foram entregues ao Arcebispo, o qual as reteve consigo por mais de dois meses.

O bom Dom Benedetti deve ter sofrido um profundo tormento interior nesse lapso de tempo, incerto sobre a decisão a tomar, dado que somente a 8 de setembro escreveu uma longa missiva dirigida « *À veneranda congregação do Oratório de Udine* », endereçando-a a Dom Someda.

Na carta ele afirma ter sempre procurado, em toda a sua vida, cumprir o que o seu superior lhe tivesse ordenado ou sugerido. Contudo, o Arcebispo tinha-lhe feito notar que ele também percebia « *a dificuldade da empresa* » e tinha-lhe devolvido os documentos « *sem me dar qualquer ordem a esse respeito... E embora Dom Luigi me tivesse assegurado que sua excelência monsenhor arcebispo me convocaria de novo para discutir o assunto, a realidade foi que, após ter esperado em vão a chamada durante vários dias, e tendo-me em seguida apresentado a ele por outras razões, ele não me fez mais qualquer menção ao assunto.* »

« *Encontro-me, pois* — continua o texto — *confiado unicamente ao meu discernimento. Sem uma ordem superior, sem um impulso interior que possa ser interpretado como uma vocação divina, debilitado pela idade avançada, pelas doenças e sobretudo pelas fadigas enfrentadas no passado, e portanto incapaz de fazer face como outrora às dificuldades e obstáculos, terminaria sendo eu próprio um estorvo para o sucesso do projeto se decidisse comprometer-me nele.*

Rogando, pois, ao Senhor para que abençoe a referida obra, deixo a tarefa de a tentar a quem possua mais energia do que eu e uma mais firme confiança na divina Providência. »

Acrescentava além disso que na tarde anterior tinha deixado a casa da congregação junto com a sua família e se tinha retirado, sozinho, para o quarto « *que no passado tinha servido como alojamento para os reitores da igreja... com o propósito de não deixar o edifício sagrado privado de um guardião, enquanto não se decida de outro modo, e também para me unir aos corajosos fundadores da nova comunidade de operários evangélicos, caso o Senhor celestial, que por vezes envia trabalhadores para a sua vinha até à undécima hora, se digne chamar-me.* »

Trata-se de uma carta verdadeiramente magnífica!

Está inteiramente imbuída do pesar por não ter encontrado a coragem de ousar, mas ao mesmo tempo está iluminada pela esperança de poder ainda oferecer a sua contribuição, apesar dos seus sessenta e sete anos de idade.

Don Luigi vende a casa paterna

A 20 de setembro Dom Luigi escrevia uma carta aos seus amigos; embora o texto original se tenha perdido, sabemos que nela pedia autorização para iniciar imediatamente as obras de restauro da casa. Os amigos responderam no dia 23 nos seguintes termos:

« *Em relação à solicitação por si feita com o seu escrito de 20 do corrente, os abaixo-assinados declaram que não só nada obsta por parte deles, mas que se alegram de que dê início às obras para a preparação da casa que deverá servir para a congregação dos Padres filippini; e que, uma vez pronta, possa esperar ali em companhia del reverendo Dom Domenico Deotti os sujeitos que a divina Providência chamará a ser filhos de são Filipe. Deus o assista na santa empresa, sobre a qual os abaixo-assinados com as suas orações não deixarão de invocar as celestiais bênçãos.* »

A aprovação trazia as assinaturas de Benedetti, Fantoni, Someda, Deotti e Specie.

Don Luigi iniciou prontamente as obras, que se prolongaram durante todo o ano de 1855: um testemunho de tal obra é ainda visível no brasão dos *filippini* [4] colocado sobre a padieira de uma porta no lado ocidental da *rua della Prefettura*.

Simultaneamente, juntamente com o Dom Benedetti — então reitor da igreja — e baseando-se nos desenhos do arquiteto Zandigiacomo, promoveu a conclusão da fachada de *Santa Maria Madalena*, que permanecera inacabada desde os tempos da reconstrução do início do século dezoito.

De onde obteve os fundos necessários?

Para a igreja, vários cidadãos ofereceram generosas contribuições. Para a casa, em contrapartida, confiou exclusivamente nas suas próprias forças: assumiu todo o encargo económico da mesma, já que era sua a inabalável vontade de a inaugurar. De facto, precisamente em 1855, vendeu a casa paterna situada no número 47 da *rua Rauscedo*. Embora não tivesse nascido ali, tinha passado trinta anos ali e entre aquelas paredes tinha visto morrer a sua mãe, o seu pai e o seu meio-irmão o Pai Carlo.

A tradição narra que a venda foi motivada pelo desejo de impedir uma apostasia (o abandono da fé). Tal versão é historicamente credível: ele cedeu o imóvel a um preço muito baixo a um sacerdote em crise espiritual, esperando reconduzi-lo a melhores conselhos com a sua própria benevolência. Como resposta, pouco tempo depois, esse mesmo sacerdote pagar-lhe-ia tornando-o alvo de rancorosos escárnios, juntamente com muitos outros religiosos e leigos fiéis à Igreja [5].

Apesar de ter herdado outras propriedades juntamente com o Dom Giovanni Battista, a venda daquela específica habitação, tão densa em queridas memórias, representou um ato de extremo desapego. Para o Dom Luigi foi um gesto simbólico definitivo: significou renunciar a uma morada privada para abraçar — já quinquagenário — a vida em comum. Como se costuma dizer, "*queimou os navios*" para tornar impossível qualquer retirada.

---

[4] Na atual rua Marinolli, na casa n. 2, encontra-se o brasão dos filippini que ostenta a data 1651; nele estão representados três ramos de oliveira sobre cada um dos quais pousa uma pomba.

[5] Foi o cónego Gianfrancesco Banchieri, nascido em Feltre (Belluno) em 1800, falecido em Udine em 1882, professor no seminário e no liceu, abade de Latisana, inspetor escolar diocesano; foi um homem de cultura, mais de um carácter pouco feliz. Tendo-se professado fiel à Áustria, por volta de 1857 mudou de sentir político. (Ver Cronaca Umoristica 1857, Bibl. Com. Udine, ms. 1542). « Afirmava a integridade dos dogmes e o seu obséquio à hierarquia; mas fora daí gostava de posar como expoente dos espíritos "*livres e inovadores*". Nesses "*tempos de confusa transição*", ele, "*talhado para os livros*", mas não um tipo forte para "*resistir às lisonjas e às paixões de partido*", não soube "navegar entre os escolhos da vida" ». Cfr. G. BIASUTTI, Sacerdoti distinti..., pp. 6-8. É na referida Cronaca que lança acusações gratuitas contra insignes sacerdotes de Udine tachando-os de iliberais, papistas, pró-austríacos.

Para o fim de 1855 chegou a Udine, proveniente do *Oratorio* de Veneza, o *filippino* Pai Ferdinando Bettini. Sob a sua direção, Scrosoppi, o fiel Dom Deotti e o irmão leigo Francesco Zaninotti — que se tinha aderido à nascente congregação a 1 de janeiro de 1855 — estabeleceram-se na casa da antiga *Braida*, ao lado da igreja de *Santa Maria Madalena*, iniciando o ano de noviciado. A eles uniu-se também o Frei Lorenzo Menon, sobrevivente da congregação anterior às supressões napoleónicas; ele, porém, não chegou a tempo de ver o pleno restabelecimento da ordem, falecendo a 25 de fevereiro de 1856 com a idade de setenta e oito anos e meio.

O Pai Luigi mergulhou com a habitual dedicação na vida da nova comunidade e nas práticas espirituais do noviciado. Não descurou certamente as órfãs e as *Irmãs da Provvidenza*, podendo contar com a valiosa ajuda do Dom Francesco Fantoni, tornado entretanto vice-diretor da *Casa das Derelitte*. E contudo, encontrou a força interior para multiplicar os seus próprios esforços. Se já o Dom Benedetti tinha notado como qualquer outra pessoa teria ficado esmagada pela mole de compromissos do Dom Luigi, naquele período a carga aumentou ainda mais. A fé e o amor divino operam prodígios: diante do que aparecia humanamente irrealizável, ele gostava de repetir:

« *Tudo é possível para quem crê.* »

Que grande exemplo devem ter recebido as suas religiosas ao verem o seu próprio pai e fundador fazer-se humilde e fervente noviço, ele que daquelas mesmas almas era guia e mestre.

O Pai Luigi, prepósito do Oratório

O ano de prova, estabelecido pelas regras filipinas, chegou ao seu termo a 9 de novembro de 1856, por ocasião do segundo domingo do mês, data em que então se celebrava a festa do Patrocínio de Maria Santíssima. A pequena comunidade — composta pelos padres Bettini, Scrosoppi e Deotti — comunicou oficialmente ao arcebispo a constituição da congregação através de uma missiva.

« *A divina Providência* — lê-se na introdução — *que através da congregação do Oratório realizou, e realiza, um bem tão grande em benefício da sociedade, permitiu finalmente que chegasse esse dia alegre em que este instrumento de bem renascerá nesta cidade, e se renovam as práticas fundadas pelo santo pai Filipe, tão eficazes para reconduzir ao reto caminho quem se extraviou e tão queridas dos fiéis devotos.* »

Após ter recordado os sacrifícios do Pai Carlo, descrito como uma figura « *de querida e santa memória* », e citado o decreto imperial de 9 de abril de 1842 (considerado o ato fundador do renascimento legal da congregação), o texto recorda como as práticas espirituais oratorianas já tinham sido restauradas pelo Pai Carlo e levadas por diante « *sob a guia do ilustre Dom Pietro Benedetti* ».

« *Hoje finalmente, sob a proteção do Patrocínio de Maria mãe de Deus e do nosso santo pai Filipe, com o consentimento e a bênção de Vossa Excelência Reverendíssima, a congregação ressurge formalmente. Os abaixo-assinados aqui, com o apoio do muito reverendo pai Ferdinando Bettini da congregação do Oratório de Veneza, dão início às*

atividades da congregação do Oratório segundo as formas estabelecidas. Portanto, seguindo as regras, procederam à eleição de um superior na figura do muito reverendo pai Luigi Scrosoppi. »

No dia seguinte, o arcebispo monsenhor Trevisanato emitiu um decreto com o qual nomeava Scrosoppi também reitor da igreja de *Santa Maria Madalena*. Ao mesmo tempo, enviou uma calorosa carta ao Dom Benedetti, expressando-lhe gratidão pela obra realizada e convidando-o a « *prosseguir com o mesmo zelo a assistência espiritual às almas naquela igreja* ». Dom Benedetti honrou tal pedido até ao momento do seu falecimento, ocorrido em 1869.

Como a festa de são Carlos Borromeu tinha passado há pouquíssimo tempo, é muito provável que a escolha do domingo seguinte a 4 de novembro fosse um ato deliberado para prestar homenagem à memória do Pai Carlo, que tinha desejado esse dia com todo o seu ser. Certamente, naquele momento solene, o pensamento do novo prepósito dirigiu-se ao seu amadíssimo irmão.

O superior evangélico

O Pai Luigi não teve certamente qualquer preocupação de natureza autobiográfica; a sua profunda humildade o impediu de fazê-lo. Muito raramente pôs por escrito os sentimentos mais íntimos da sua alma, obstaculizado por uma índole pouco inclinada à efusão e por um característico pudor espiritual. Por essa razão, cada documento capaz de iluminar a sua vida interior resulta-nos hoje ainda mais precioso.

Um deles é um simples fragmento de papel: uma nota apressada respeitante a um « *programa horário* », escrita provavelmente na noite de 1 de novembro de 1856. Nele estão listadas inicialmente as orações e as práticas piedosas com que costumava começar o dia: adoração, ação de graças, oferta, recordação da meditação, revestimento, meditação e visita à igreja com as respetivas orações. O papelinho continua depois com estes cinco propósitos de carácter geral:

« ...

9. Mortificação: olhar dirigido para o chão – língua: falar em voz baixa e com calma, dizendo apenas o estritamente necessário e conveniente – corpo sempre ereto – orações de joelhos e sem se apoiar.

10. Penitência: disciplina, cilício e cordas nas mãos e nos pés – S.P.A.G. (cinco Pai Nossos, Ave Marias, Glorias pelas cinco chagas do Senhor) de braços abertos – 7 Salve Rainha (pelos sete dores de Maria Santíssima) de braços abertos – Via Sacra de braços abertos – Miserere de braços abertos.

11. Humildade: na maneira de estar, de falar e de pedir – escovar as roupas e os sapatos – varrer os solos – fazer as camas, limpar os pentes, os penicos e as mesas de cabeceira.

12. Obediência em tudo: não ir a lugar nenhum, não receber, não dar e não fazer nada sem permissão ou sem ter avisado.

13. Pobreza: pedir sempre (isto é, não tomar nada por iniciativa própria) e escolher sempre a pior coisa – não possuir nada. »

Na congregação filipina, à época, havia um único irmão leigo, Zaninotti, o qual estava já excessivamente ocupado entre a sacristia e a cozinha. Quem se encarregaria, portanto, das fadigas da limpeza doméstica? O Pai Luigi ficou muito feliz por assumi-las sobre si mesmo. Quatro anos antes tinha emitido o voto de servidão:

« *Considerar-me-ei como um servo na congregação do meu pai são Filipe, e do mesmo modo como um servo na casa da Providência do santo pai Caetano.* »

Contudo, não lhe bastou a servidão interior inspirada pelas palavras de Jesus:

« *O maior entre vós será vosso servo.* »

Ao menos na casa da congregação filipina, ele quis ser servo também em sentido material, reservando para si mesmo as tarefas mais humildes. Apesar dos óbvios protestos dos confrades, começou a exercer a sua autoridade de prepósito precisamente deste modo:

« *A mim a vassoura, a mim a arrumação dos quartos!* »

Muitos de nós, no decurso da vida, escreveram páginas cheias de santos propósitos, expressos com palavras mais eloquentes ou aparentemente mais heroicas do que as usadas pelo Pai Luigi. Frequentemente, porém, os nossos propósitos desvaneceram-se no seu nascimento. A página do Pai é extremamente essencial: poucos e incisivos traços. Mas ele manteve esses propósitos fielmente.

Há detalhes nesses cinco pontos que reaparecerão em cada fase da sua existência. Por exemplo, o compromisso de manter o « *corpo sempre ereto... sem se apoiar* » durante a oração de joelhos; será uma novidade absoluta vê-lo apoiar-se num banco para se levantar apenas nos últimos anos de vida. Ou ainda, o uso de amarrar-se com « *cordas nas mãos e nos pés* »: quase trinta anos mais tarde, a irmã Osanna Tisot descobri-lo-á casualmente nessa posição, recebendo uma severa repreensão pela sua indiscrição. Finalmente, a necessidade de pedir permissão para cada deslocação e o querer « *pedir, e sempre o pior* »: a mãe Serafina Strazzolini, superiora da *Casa das Derelitte* desde 1855 até depois da morte do fundador, dir-se-á literalmente « *aflita* » por tais constantes manifestações de obediência e pobreza por parte do venerado Pai.

Hoje poderíamos afirmar que nesses cinco pontos o Pai Luigi tirou, com um autorretrato espiritual ideal, a sua fotografia espiritual mais autêntica.

Ouro documento precioso

Um testemunho adicional é-nos fornecido por Tinti, com o título *« Frutti degli esercizi spirituali e regolamento di vita »*. O texto remonta com certeza a 1857 ou a um período imediatamente posterior, dada a referência ao instituto para as surdas-mudas que o Pai fundou precisamente nesse ano.

Eis o conteúdo do documento, integrado por algumas notas explicativas:

«

1. *Plena conformidade com a vontade de Deus para alcançar a felicidade nesta vida e na outra. A tua vontade, ó Senhor, seja a minha! (Voluntas tua, Domine, voluntas mea!).*
2. *Refletir frequentemente sobre o amor que o Senhor derramou sobre mim e sobre as suas divinas perfeições, para inflamar o meu coração para com Ele.*
3. *Cumprirei os meus deveres como terceiro e como membro das confrarias do Santíssimo Coração de Jesus, da Cintura, do Preciosíssimo Sangue e do Sagrado Coração da Virgem Maria; observarei além disso os meus compromissos como inscrito na Propaganda Fide, na Santa Infância e como Confrade dos Sacerdotes (refere-se à confraria de São Pedro apóstolo para o clero, instituída junto à igreja de Santo António Abade em Udine).*
4. *Apenas me desperte, passarei uma hora na igreja: dedicar-me-ei às confissões, se necessário, ou então à oração segundo os costumes do Oratório.*
5. *Estarei presente na igreja meia hora antes do Ave-Maria vespertino para confessar e para as atividades do Oratório (neste ponto e no anterior faz-se referência à igreja de Santa Maria Madalena, onde depois de 1856 o Pai prestou serviço durante cerca de dez anos como confessor e animador das práticas oratorianas).*
6. *Cada quarta-feira e domingo dedicarei um quarto de hora aos irmãos e aos noviços do Oratório.*
7. *À quinta-feira dirigir-me-ei durante meia hora a visitar os enfermos do hospital (foi precisamente durante estas visitas que ele obteve a profunda estima do Dom Colomba e do Dom Sinigaglia, respetivamente cura e capelão da estrutura).*
8. *Respeitarei escrupulosamente as santas regras, tanto durante as conferências como nas práticas de humildade.*
9. *Dedicarei três horas todos os dias ao ensino com as derelitte: uma hora para as noviças, uma para as surdas-mudas e uma para as meninas.*
10. *Empregarei duas horas por dia na gestão e na administração do instituto.*
11. *Participarei todos os anos nos exercícios espirituais.*
12. *À segunda, à quarta e à sexta-feira praticarei a disciplina (penitência corporal) e nesses mesmos dias cumprirei o rito da Via-Sacra.*

A humildade e a caridade sejam evidentes para com qualquer pessoa e em cada ação minha. Sempre o mel na boca e o mel no coração (Semper mel in ore, et mel in corde).

Viver constantemente na presença do Senhor, realizando cada coisa unicamente para Ele e com Ele, começando cada atividade minha com a invocação: Ó Deus, vinde em meu auxílio (Deus in adiutorium meum intende) ».

Os dois últimos parágrafos encerram a essência mesma da espiritualidade de Scrosoppi: humildade, caridade, o constante sentido da presença divina e o agir exclusivamente para

a glória de Deus. Estes são os "*registos*" fundamentais sobre os quais ele entoou o seu ininterrupto e coerente hino de vida dirigido ao Senhor.

A congregação dos *filippini* não deita raízes

Sob a orientação do Pai Luigi, a igreja de *Santa Maria Madalena* continuou a ser, como sempre fora, o centro de devoção mais vital della cidade de Udine. Aliás, com a sua gestão, verificou-se um novo incremento do fervor religioso. Além das habituais práticas oratorianas, a igreja distinguia-se pela oração da coroa de Nossa Senhora das Dores, celebrada desde o domingo da Sexagésima até ao último dia de Carnaval, pela solene observância do mês mariano — introduzida já antes de 1850 — e pela grande devoção aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. Um documento da época, intitulado «*Ricordi lasciati ai devoti di Maria Santissima nel mese di maggio 1863 nella chiesa dei PP. Filippini di Udine*», testemunha que desde o ano anterior estava em uso nesse templo a « *Fórmula da consagração do Coração a Maria* ».

O Pai Scrosoppi cuidou pessoalmente da impressão e distribuição de numerosos folhetos devocionais deste tipo. Entre os papéis, conserva-se por exemplo uma anotação autografa sua numa boletim escolar que contém « *Orações oportunas para as necessidades atuais della Igreja Católica* ». Tratava-se de iniciativas perfeitamente coerentes com o apostolado dos *filippini*, orientado para difundir o espírito de oração [6].

O jornal irreligioso *Il Friuli*, na edição de 21 de outubro de 1884, escreverá que o arcebispo monsenhor Casasola tinha procurado substituir a suprimida igreja dos *filippini* pela arquiepiscopal de *Sant'Antonio* para satisfazer as « *mulheres espirituais* »: tal ironia pungente confirma quão viva estava ainda a memória da igreja de *Santa Maria Madalena* como um autêntico foco de piedade. Se o Pai Luigi foi o seu diretor e motor incansável, grande parte do mérito deve ser reconhecido aos seus queridos confrades e amigos que continuaram a prestar serviço ali: Benedetti, Someda e Fantoni, aos quais se tinha associado o Dom Valentino Liccaro.

Contudo, face à vigorosa vitalidade da igreja, a renascida congregação dos *filippini* não lograva desenvolver-se.

Os dois sacerdotes de bons costumes e abastados, mencionados pelo Dom Benedetti na sua « *Memória* », não se apresentaram, apesar de a casa já ter sido saneada. Não tomaram corpo também as adesões daqueles dos sacerdotes pobres que o Pai Luigi teria querido enviar ao *Oratório* de Verona para se formarem no espírito de são Filipe; um projeto que tinha encontrado obstáculos já desde 3 de outubro de 1854 pelas reservas expressas pelo Pai Sorio, prepósito daquela casa.

Procurou então atrair membros das congregações de *filippini* de outras cidades, mas com parcos resultados. A 20 de maio de 1856, o Pai Giacomo Miconiz do *Oratorio* de Bréscia declarou-se « *pesaroso* » por não poder ajudar. Mesmo o venerável cónego

---

[6] Os filipinos costumavam imprimir pequenos opúsculos e imagens de tipo divulgativo, contendo orações para a manhã, para a noite e para vários momentos do dia.

Niccolò Giovanni Battista Olivieri, o apóstolo das meninas africanas que o Pai tinha conhecido em Udine e ao qual se tinha dirigido esperançoso, escreveu-lhe a 2 de junho de 1856 e a 18 de fevereiro de 1860 explicando que as casas de Florença e de Roma estavam impossibilitadas de enviar sujeitos.

Apenas a casa de Veneza enviou, a 6 de janeiro de 1857, o Pai Vincenzo Frucco, permitindo a Bettini regressar à lagoa e garantindo à comunidade de Udine o número mínimo legal de três pais. Contudo, após quatro anos, Frucco teve de regressar à *Sereníssima* por motivos de saúde.

Finalmente, a 17 de dezembro de 1865, o Pai Luigi pôde acolher um sacerdote: o Pai Carlo Peruggia de Cassano, diocese de Como. Infelizmente, esse único novo ramo revelar-se-ia em breve para ele como um espinho doloroso.

Não teve melhor fortuna com os irmãos leigos. O único a permanecer-lhe constantemente fiel foi o Irmão Francesco Zaninotti. Outros quatro permaneceram por curtos períodos antes de se irem embora, uns por motivos de saúde, outros para entrar em outras ordens religiosas.

Desvaneciam-se assim as esperanças do Pai Scrosoppi de reunir um grupo de apóstolos corajosos. Fracassava também o plano de criar em redor da congregação um movimento para as missões populares, que ele considerava o único remédio contra o enfraquecimento do sentimento cristão e a difusão de erros ideológicos. Em verdade, em 1858 foi instituída uma « *Congregação dos Sacerdotes para os Exercícios Espirituais na Arquidiocese de Udine* », dedicada ao Imaculado Coração de Maria e ao Bem-aventurado Odorico Mattiussi de Pordenone, missionário do século XIV; foi inclusive publicado o seu regulamento, mas a iniciativa teve uma vida brevíssima.

E contudo, a opera de bem não podia parar. Si ninguém parecia querer cruzar o limiar da casa dos *filippini* por vocação oratoriana, o Pai Luigi abrirá essas mesmas portas a outros apóstolos que a Providência lhe enviou por caminhos diferentes: os Jesuítas.

Os jesuítas na casa dos filipenses

Os habitantes de Udine, não tendo nunca havido sedes dos jesuítas na cidade, não nutriam simpatias particulares para com a Companhia de Jesus, embora não se mostrassem, em linhas gerais, hostis. No entanto, em certos setores — aqueles que constituíam a chamada opinião pública — havia-se difundido um sentimento de aversão, alimentado pelo clima da época, por razões políticas e por uma acentuada irreligiosidade. Já durante os levantes revolucionários de 1848, o *« Giornale Politico del Friuli »* havia dirigido algumas críticas aos filhos de santo Inácio.

Não se registraram, por outro lado, reações contrárias quando dois jesuítas pregaram os exercícios espirituais na Catedral, de 1 a 10 de dezembro de 1854, por ocasião do jubileu convocado por Pio IX para a proclamação do dogma da Imaculada Conceição.

« *O povo nos primeiros dias* — relatam as atas do capítulo — *parecia relutante em participar, mas a eloquência dos padres jesuítas superou a frieza inicial; a energia, o zelo e o extraordinário fervor com que o padre Banchich guiava as meditações, unidos à profunda doutrina, à ordem e à clareza de seu companheiro, abalaram os ouvintes a*

tal ponto que, nos últimos dias, a afluência era tal que a igreja metropolitana mal conseguia contê-la. Hoje, 10 de dezembro, a comunhão geral presidida pelo arcebispo foi numerosíssima e prolongou-se por umas boas três horas »[7].

Em poucos anos, contudo, o clima mudou radicalmente.

Em 1863, monsenhor Andrea Casasola foi transferido da sede episcopal de Concordia para a sede arquiepiscopal di Udine. Ele estivera entre os primeiros, em 1848, a exibir a escarapela tricolor, assim como o padre Luigi. Desde então, no entanto, convencera-se de que o movimento para a unificação nacional havia empreendido um caminho de aberta rebelião contra a Santa Sé, a Igreja e a própria religião.

« *Uma real preocupação religiosa* — observa o historiador Cessi[8] — *nunca fez parte dos planos nem das massas populares, nem das classes intelectuais responsáveis pelo movimento revolucionário, incluindo os mazzinianos mais fervorosos* ».

Monsenhor Casasola não compartilhava de forma alguma dessa visão. Pelo contrário, via na grave decadência da fé a única verdadeira causa da confusão e dos conflitos sociais.

Propôs-se, portanto, promover na arquidiocese um vigoroso relançamento do sentimento católico, seguindo uma linha que considerava indiscutível: estava convencido de que apenas os jesuítas poderiam ter sucesso em tal empreitada.

Começou imediatamente a negociar com a Companhia de Jesus para que estabelecesse a sua própria sede em Udine. Tendo obtido uma resposta positiva, no início da primavera de 1865, decidiu testar a reação da cidade com um experimento.

Chegaram assim três jesuítas que pregaram um mês de exercícios espirituais, desde a antevéspera da Anunciação (a padroeira local) até ao domingo in albis, 23 de abril. Naquele período, os padres alojaram-se diretamente no palácio arquiepiscopal.

Blasich, nas suas *"Note cronologiche ecclesiastiche"*[9], relata que, desde os primeiros dias, alguns grupos de agitadores tentaram afastar os fiéis com ameaças; chegaram mesmo a detonar engenhos explosivos, de manhã e à noite, junto às portas laterais da Catedral e até contra uma janela do arcebispado.

Por causa desses distúrbios, muitos cidadãos preferiram abster-se e a missão não obteve os resultados esperados. A polícia austríaca adotou severas medidas de segurança: na Catedral semivazia, durante as funções noturnas, rondavam numerosos guardas à paisana, presentes também no exterior.

---

7 Atas do Cabido, vol. X (1839-1858), c. 217.

8 R. CESSI, Studi sul Risorgimento nel Veneto, Pádua 1965, p. 43.

9 As Note Cronologiche Ecclesiastiche são dous grossos volumes manuscritos, conservados no arquivo da paróquia de San Quirino de Udine. Aquele do qual são extraídas as notícias utilizadas na presente biografia consta de 890 páginas e compreende os anos 1806-1891. Para o episódio narrado compare-se página 95. O autor, nativo de Udine (1836-1892), foi professor no seminário diocesano de Concordia, e regressou à sua diocese após a eleição de monsenhor A. Casasola como arcebispo de Udine. Teve várias funções na cúria que desempenhou com ciência, previsão e amor. Foi reitor da igreja de San Pietro Martire onde exerceu o ministério, especialmente da pregação com o máximo zelo. De forte engenho, amante dos estudos, especialmente da história eclesiástica da diocese, publicou vários opúsculos; foi estimado como um sacerdote exemplar, douto, laboriosíssimo. (Compare-se Registro VI Defunti, da paróquia de San Quirino de Udine, 1878-1908, p. 57, n. 11; Il Cittadino Italiano 19-1-1892).

Apesar do desfecho infeliz do teste, nem o arcebispo nem os jesuítas renunciaram ao projeto; no entanto, decidiram agir com maior prudência.

Mas onde alojar os padres? Inicialmente, pensou-se no antigo convento de Santo Spirito. Posteriormente, tanto para evitar a preparação de uma nova estrutura, como pelo temor que a figura carismática do padre Luigi incutia nos violentos, optou-se por instalá-los com os filipenses. É provável que tenha sido o próprio padre Scrosoppi a sugerir essa solução, a qual ele, de qualquer modo, acolheu com grande entusiasmo, oferecendo aos filhos de santo Inácio a melhor parte da casa da congregação.

« *Os nossos entraram* — escreve o jesuíta Adone Aldegheri — *em pequenos grupos de um ou dois de cada vez, a partir de 24 de outubro de 1865. Agiram com tal cautela que a cidade só se apercebeu da sua presença passados dois meses. Os padres apareciam na casa por breves períodos, quase como se fossem hóspedes de passagem dos filipenses, para depois se deslocarem imediatamente por toda a diocese a guiar missões populares que se revelaram extremamente proveitosas. Dedicaram a este ministério os últimos meses de 1865; com o início do novo ano, consideraram que tinha chegado o momento de trabalhar também pelo bem espiritual de Udine. O Senhor ajudou-os a tal ponto que conseguiram fundar duas congregações, pregar na igreja dos filipenses onde residiam e guiar numerosos ciclos de exercícios espirituais* » [10].

Tinti, referindo-se à igreja de Santa Maria Maddalena, sublinha que o Padre se valeu da preciosa colaboração de dois jesuítas, os padres Zuccherini e Banchich, que durante algum tempo agiram como verdadeiros apóstolos para com os fiéis, os quais encontravam naquele local um apoio espiritual constante.

O padre Luigi tirou imensa alegria da convivência com os jesuítas. No entanto, já se preparava a tempestade política que viria a dispersar aquele pequeno núcleo. Felizmente, a Providência ofereceu-lhes um novo abrigo: a 2 de abril de 1866 morreu o mui piedoso sacerdote Dom Giuseppe Bacci [11], o qual nomeou a Companhia de Jesus como herdeira com a condição de que três padres residissem permanentemente em Gorizia. Quando, em julho de 1866, o exército italiano avançou no Vêneto e no Friuli, os jesuítas de Udine puderam, assim, transferir-se para essa nova casa.

Os filhos de santo Inácio, que haviam partilhado esses nove meses com o padre Scrosoppi, mantiveram por ele um afeto sincero e uma profunda devoção. É precisamente graças a esse conhecimento direto que, doze anos após a sua morte, as páginas da *« Civiltà Cattolica »* falarão dele definindo-o como *« um santo »*.

Supressão e confisco

Com uma lei de 7 de julho de 1866, foram estendidas a todo o reino da Itália as normas já promulgadas nos Estados Sardos relativas à supressão das corporações e das congregações religiosas e sobre a « *conversão* » dos seus bens para o Estado. O padre

[10] A. ALDEGHERI, Breve storia della Provincia Veneta della Compagnia di Gesù dalle sue origini fino ai giorni nostri (1814-1914), Venezia 1914, pp. 187-188.

[11] Bacci Giuseppe (1799-1866), goriziano, fu catechista nelle scuole normali, prof. di catechetica e pedagogia nel seminario teologico centrale, confessore per molti anni delle monache di s. Orsola della mesma cidade.

Luigi recebeu a primeira comunicação oficial de que também a congregação filipense de Udine caía sob tal legislação no dia 21 de dezembro: um amargo presente de Natal.

Deveríamos agora relatar os longos e dolorosos acontecimentos que se seguiram e os esforços por ele realizados para salvar a congregação ou pelo menos a igreja de Santa Maria Maddalena. Apenas faremos uma breve alusão a eles.

Não teve sucesso a tentativa de fazer declarar os filipenses isentos da lei de supressão, iniciativa levada adiante pelo Padre juntamente com os superiores dos Oratórios de Chioggia, de Veneza e de Pádua. Resultaram vãs as petições de bem sessenta e oito cidadãos, em maio de 1868, para que a igreja fosse restituída ao culto, assim como análogas instâncias apresentadas por algumas nobres donas de Udine no julho seguinte. Revelaram-se inúteis também as declarações de sacerdotes ou leigos que atestavam como alguns paramentos sagrados eram de propriedade privada, apresentadas na primeira metade de 1868 para subtrair ao menos algo às pretensões do fisco.

E eis aqui algumas etapas deste doloroso percurso de sofrimento.

Em 2 de abril de 1867, o padre Scrosoppi teve de se resignar a apresentar a denúncia dos bens móveis e imóveis da congregação, acompanhando-a com esta carta: « *Delegado real, ao entregar-lhe a denúncia que nos foi imposta pelo artigo 13 da lei de 7 de julho de 1866, o abaixo assinado padre superior, em deferência às leis divinas e eclesiásticas, declara solenemente ter de se prestar a tais atos e às consequências desejadas apenas pela necessidade de evitar males piores, e para não causar um dano ainda mais grave aos membros desta congregação do Oratório* ».

Em 24 de abril — apenas três dias depois da Páscoa! — o delegado da régia intendência de finanças de Udine procedia « *às operações de inventário e tomada de posse* », ordenando verbalmente que a casa e a igreja fossem desocupadas até 9 de maio, data que foi depois adiada para o dia 18 e, por fim, de modo irrevogável, para o dia 29. Naqueles dias, o padre Luigi deslocou-se a Castellavazzo, na região de Belluno, para uma planejada fundação das irmãs da Providência; mas provavelmente fê-lo na ilusória esperança de que a sua ausência pudesse adiar ainda a decisão inexorável, confiando talvez que o seu querido são Filipe, cuja festa ocorria a 26 de maio, lhe obteria um milagre. Avisado de que qualquer esperança já era vã, regressou imediatamente a Udine, onde não lhe restou outra alternativa senão sofrer o confisco e o despejo.

« *O Padre* — escreve Tinti — *acorreu solícito a celebrar de manhã cedo a santa missa e a receber pela última vez as sagradas Espécies guardadas no tabernáculo; e embora conservasse ainda a esperança de resgatar a igreja do patrimônio público e reabri-la ao culto, no entanto ele curvou-se a esse ato doloroso com lágrimas amargas e com o coração partido ao pensar em ver assim prejudicado o grande bem espiritual que se realizava naquela casa de Deus. Na angústia do padre Luigi participavam intensamente os seus confrades e grande parte da população da cidade.* »

Havia alguns meses que se tinha refugiado na casa da congregação Dom Giovanni Battista Scrosoppi, afastado por motivos políticos da sua paróquia de Sacile. Agora os dos irmãos seriam unidos no mesmo destino. Expulsos juntos daquela morada,

encontraram um alojamento de fortuna em alguns locais junto ao Instituto para as Surdas-Mudas, a poucos passos da *Casa das Derelitte*.

Mas o padre Scrosoppi tinha bebido apenas a metade do seu cálice de amargura.

Um irmão extraviado

Como se não bastasse a perseguição das autoridades externas, o padre Luigi teve de sofrer a rebelião do único irmão ao qual tinha aberto as portas da sua própria casa e estendido os braços com afeto paterno: o padre Carlo Peruggia.

Este, movido pelas pressões da cúria de Udine, emitiu em 5 de maio de 1867 a seguinte declaração:

« *Declaro eu, abaixo assinado, pronto a confirmá-lo sob juramento, não ter revelado o conteúdo do que escrevi num conhecido caderno meu, com estas raras exceções:*

1° *Que pouco me importava a supressão da congregação, pois, não lhe observando as regras, encontrava-me numa posição falsa relativamente à minha vocação;*

2° *Que o meu superior é ciumento e teria feito todo o possível para me impedir de me tornar guardião da igreja;*

3° *Que assumir a guarda da igreja é uma questão muito delicada devido à anterior presença dos jesuítas, e que não teria aceitado o encargo sem o consentimento prévio do arcebispo.*

Além destas declarações... confirmo, oferecendo-me também para jurar, não ter revelado mais nada a nenhuma autoridade, nem de viva voz nem por escrito, nem direta nem indiretamente. »

Seria interessante poder consultar esse « *libreto* », mas apesar das cuidadosas pesquisas não foi possível rastreá-lo. Tratou-se, indubitavelmente, de um manuscrito e não de uma obra impressa, caso contrário Peruggia não teria podido sustentar ter mantido em segredo o seu conteúdo.

É realmente singular o depoimento deste homem! Admite candidamente não ter a vocação filipense e simultaneamente acusa o superior de ciúmes porque não lhe confia o cuidado da igreja; deseja ser o seu reitor, mas ao mesmo tempo levanta objeções porque o edifício teria sido « *colocado sob suspeita* » ou « *contaminado* » pela estadia dos jesuítas...

Não sabemos onde Peruggia se refugiou imediatamente após o confisco da casa filipense, mas é certo que permaneceu em Udine por mais de um ano. Consta, de fato, uma longa carta sua à cúria, datada de 16 de junho de 1868, na qual manifesta o intenção de se mudar para « *prosseguir a sua própria vocação na rigorosíssima congregação do Oratório de Biella* ».

Sustentava seguir os conselhos de monsenhor Someda (então vigário geral), do seu próprio confessor e até do seu antigo superior, o padre Luigi. Para partir, contudo, exigia

a emissão de um atestado oficial (ad litteram), anexando um texto de sua própria mão — para nós desconhecido — sem o qual, segundo ele, qualquer tentativa de fazê-lo deixar a cidade teria sido inútil.

Até àquele momento, o padre Luigi tinha-se recusado a conceder-lhe tal documento, apesar das várias tentativas de mediação amigável. E é fácil compreender o motivo: como podia a sua consciência escrupulosa recomendar a uma comunidade « *muito observante* » um sujeito que tinha declarado abertamente não sentir a vocação e não querer submeter-se a nenhuma regra?

Duas semanas depois, a 29 de junho, Peruggia assinou uma promessa formal: se o padre Luigi lhe entregasse o referido atestado, ele teria « *decidido irrevogavelmente deixar a diocese no prazo de quinze dias, para não mais voltar lá* ».

Podemos apenas imaginar o quanto monsenhor Someda teve de se esforçar para convencer o padre Luigi a superar as suas legítimas dúvidas morais. No final, conseguiu e Peruggia partiu.

Evidentemente, aquele pobre homem tinha sido arrastado pelas turbulências do seu tempo. Não é seguro se alguma vez foi realmente ao Oratório de Biella, mas com certeza não permaneceu lá muito tempo. Em 12 de novembro de 1890 vivia em Milão numa habitação privada, de onde escrevia ao arcebispo de Udine para obter uma declaração destinada à cúria milanesa. Pedia que fosse colocado por escrito que não havia qualquer objeção à sua permanência por tempo indeterminado na diocese de Milão. Não parecia de todo curado do seu velho vício de exigir ordens disfarçadas de pedidos, pois exigia « *uma declaração... formulada exatamente nos termos acima citados* ».

Talvez Peruggia tivesse acabado de partir quando se consumou o último ato dramático relativo à igreja de Santa Maria Maddalena.

A igreja de Santa Maria Maddalena dessagrada

No dia 7 de julho de 1868, foi afixado nos muros de Udine um « *Aviso de leilão* » sob a forma de manifesto, no qual se anunciava que no dia 13 do mesmo mês seriam postos em hasta pública os paramentos e os móveis das igrejas e dos conventos supressos, « *entre os quais objetos se compreendem os altares, o órgão, os sinos da ex-igreja dos filipenses e outros da mesma proveniência* ».

No dia 4 de julho, o padre Scrosoppi tinha escrito uma carta sincera e implorante ao seu amigo Luigi Nicoletti [(12)], conselheiro do Tribunal de Apelação e cunhado do patriota de

[12] Nascido em Valvasone em 1811, morreu em Barbeano (Pordenone) em 1894. « Humilde, piedoso, caridoso, gastou a sua vida fazendo o bem a quantos podia. De consciência delicada, de ótimo coração, de mente perspicaz, foi um magistrado íntegro; aposentado, defendeu preferencialmente as razões dos pobres. » (Registro Canonico dei morti, 1839-1921 - 1894, 14/10, n. 10). O seu cunhado Castellani Giovanni Battista, nascido em Cividale del Friuli em 1820, formado em direito, foi o primeiro jornalista livre friulano, dando vida por alguns meses em 1848 ao Giornale politico del Friuli, que reunia também as vozes patrióticas dos seus antigos companheiros de seminário então sacerdotes. Foi embaixador da República de Veneza junto da Santa Sé, também no tempo da República Romana, merecendo a estima dos republicanos, sem esconder os seus sentimentos católicos. Cfr. G. BIASUTTI, Giovanni Battista Castellani redattore del « Giornale politico del Friuli »..., pp. 121-126.

Cividale Giovanni Battista Castellani, o qual — na sequência dos acontecimentos de 1848-49 — se tinha mudado para a Toscana.

« *A sua partida para Florença* — dizia-lhe entre outras coisas — *infunde-me grande esperança para a questão da igreja dos filipenses daqui... Pobres de nós! Então na segunda-feira, 13 do corrente, veremos vender todos os paramentos da igreja mais bela de Udine?... O senhor deve fazer de modo, assim que chegar a Florença, a empenhar-se para que este leilão seja imediatamente suspenso. Não se poupe, por caridade, que são Filipe lhe dará uma generosa recompensa... Entretanto, faça com que o senhor conde Castellani obtenha a submissão ou suspensão do leilão... Agradeça ao egrégio conde por tudo o que fez até agora e suplique-lhe que queira interceder para superar as dificuldades que se apresentam. Boa viagem! Eu não deixarei de se lembrar do senhor todos os dias no santo altar e o senhor lembre-me ao conde deputado, e escreva-me frequentemente para me manter atualizado sobre tudo.* »

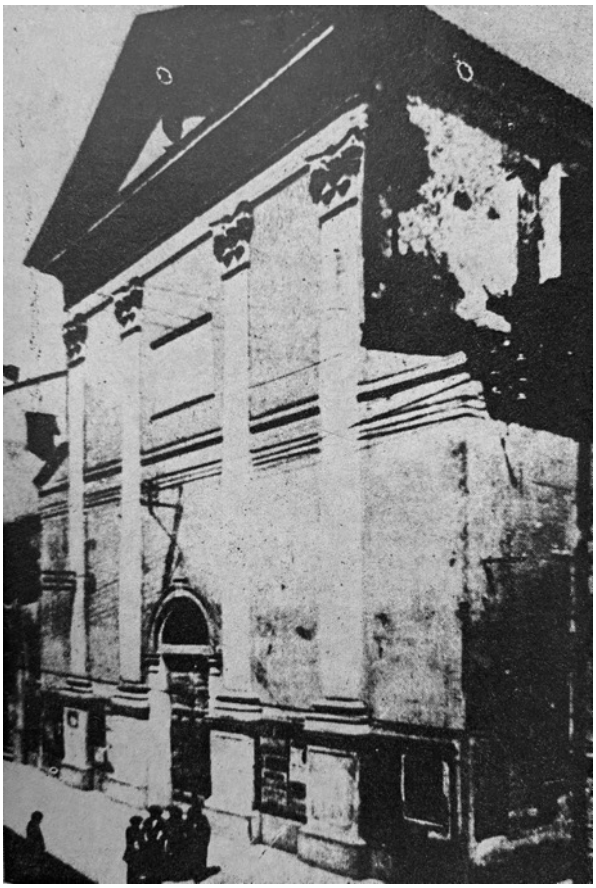
Naturalmente, o conde Castellani não conseguiu obter nenhum resultado.

Quem sabe si o padre Luigi se apresentou pessoalmente no leilão; estamos inclinados a acreditar que não. Todavia, alguém foi lá em seu nome e adquiriu o altar-mor — valiosa obra de Torretti, que mais tarde passou para a igreja de Maiano del Friuli [13] — e vários outros objetos, entre os quais os quadros do Coração de Jesus e do Coração de Maria. Estes foram comprados em parte com o seu dinheiro e em parte com fundos oferecidos pelos seus amigos: monsenhor Someda, monsenhor Cernazai, Dom Tommaso Turchetti e os senhores Giovanni Puppati, Pasquale Fior e Luigi Zamparo.

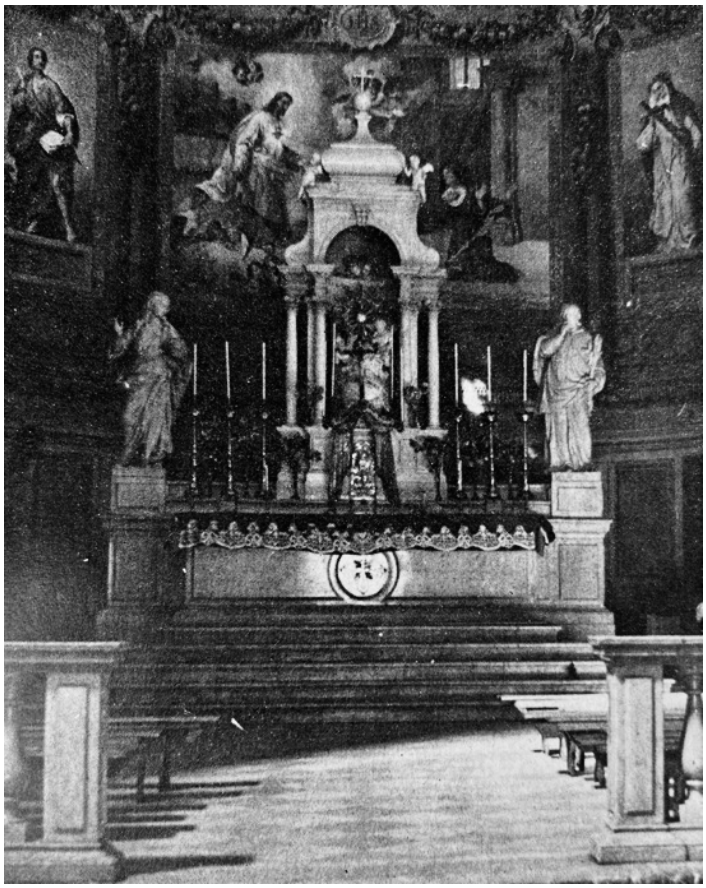
Foi uma dor indizível para o padre Luigi e para o bom padre Domenico Deotti, que lhe tinha permanecido fidelíssimo! Talvez este desgosto tenha acelerado a morte deste último, que o atingiu repentinamente em 21 de junho de 1869, precisamente no dia da festa de são Luigi, enquanto se preparava para apresentar os votos de bom dia de nome ao seu estimado confrade e superior. Os irmãos de Deotti honrarão a sua memória oferecendo benefícios à *Casa das Derelitte*.

O padre Luigi permaneceu sozinho a esperar ainda, *"contra spem"* (ou seja, para além de qualquer esperança razoável).

[13] Em contrapartida, a partir de documentos do arquivo do Istituto della Provvidenza (ex Casa delle Derelitte) resulta que o altar foi vendido à junta de fábrica da igreja de Artegna (Udine), onde monsenhor Pietro Antonio Antivari, bispo auxiliar de Udine, o consagrou em 28-2-1897.



Fachada da igreja de Santa Maria Maddalena



Altar da igreja de Santa Maria Maddalena. Resgatado em leilão público após o confisco de 1867, foi colocado na igreja de Artegna (UD)

Em vão se empenharam Castellani, Nicoletti e o renomado músico abade Jacopo Tomadini para que ao menos a igreja fosse restituída ao culto. Em junho de 1873, sem sequer um aviso prévio ao arcebispo, deu-se início à exumação dos cadáveres sepultados nos túmulos no interior da igreja, segundo o antigo costume. A duras penas se conseguiu subtrair à profanação os restos do venerado monsenhor Francesco Trento [(14)] — exumados por interesse do conde Federico Trento — e os do cardeal Daniele Delfino [(15)], último patriarca de Aquileia e primeiro arcebispo de Udine. Estes últimos, no final de janeiro de 1874, foram trasladados para o túmulo do patriarca Dionisio Delfino, no interior da igreja de São Antônio abade.

Deste modo, a secularização da igreja foi levada a termo. O governo tinha-a cedido ao Município « *para fins de utilidade pública* »: e a administração municipal transformou-a numa « *picadeiro* », ou seja, numa sala destinada à ginástica e à esgrima.

---

[14] Nobre udinense (1710-1786), também ele descendente da família originária do Val di Non no Trentino, foi doutor em direito eclesiástico e história, cooperador na igreja dos filipenses, visitador das escolas de doutrina cristã, cónego, diretor de espírito segundo a doutrina de são Francisco de Sales, publicou discursos, homilias, instruções, etc., exemplares pela solidez e simplicidade. (Cfr. F. Florio, Elogio di monsignor Francesco Trento, Udine 1787, pp. 68).

[15] Era da célebre linhagem veneziana dos Delfino (1688-1762); em 1744 foi patriarca de Aquileia e a partir de 1747 também cardeal. Convocou o sínodo diocesano, ergueu em Udine a igreja da « Purità di Maria Vergine » afrescada por Tiepolo, chamou a Udine os padres da Missão, contribuiu para a construção de igrejas, mosteiros, etc., foi pai dos pobres. Suprimido o patriarcado, ele manteve o título vitaliciamente. (Cfr. F. BLASICH, Preziose memorie Diocesane, ms. 764, pp. 113-116, A.C.A.U.).

Em vão monsenhor Casasola tentou reivindicar a propriedade da casa da congregação, invocando o contrato de compra de 26 de janeiro de 1842, segundo o qual o imóvel deveria regressar ao arcebispo em funções caso a congregação filipense cessasse após vinte anos da sua reconstituição legal. A casa tornou-se, pelo contrário, sede de uma escola de música, da "*Società dei Reduci dalle patrie battaglie*" e da Cruz Vermelha.



Tela do Sagrado Coração outrora pertencente à igreja de Maria Maddalena e atualmente colocada na pequena igreja de San Gaetano.



Tela da Senhora das Dores que chegou à igreja de Santa Maria Maddalena vinda do mosteiro das Beneditinas de Spilimbergo por volta do fim de 1700. Agora encontra-se na pequena igreja de San Gaetano.

Após o conflito de 1915-18, tanto a casa como a igreja foram demolidas; na sua área foi edificado em 1926 o palácio dos correios, projetado pelo arquiteto D'Aronco.

Diante de tal destruição, pode-se facilmente imaginar a imensa amargura do padre Luigi. Em 12 de maio de 1874, os capuchinhos conseguiram recomprar ao patrimônio público, graças à ajuda de alguns benfeitores, o seu convento da via Ronchi. Pouco depois, o Padre escrevia a uma superiora das irmãs da Providência:

« *Aqui temos uma notícia consoladora: os reverendos padres capuchinhos conseguiram recomprar em leilão o seu convento por 20.000 liras italianas, de modo que agora vivem tranquilos e todos os bons cristãos se alegram. Não foi assim para os padres filipenses, que estão perdendo tudo. Foram vendidos até os altares da nossa igreja, o órgão, o órgão, o pavimento de mármore, e profanaram-na transformando-a numa amazona! O Senhor perdoe a estes profanadores e conceda-lhes que se arrependam. Que a santa mãe Igreja possa triunfar, e então esperamos assistir à ressurreição desta nossa venerada igreja.* »

Mas são Filipe permaneceu no seu coração

Aquele homem de bem e santo homem de monsenhor Giuseppe Vale [16], comentando a ordem de despejo dos filipenses da sua habitação, deixou escrito:

« *Bela lei! feita por ladrões, feita para ladrões e executada por ladrões!* »

Nestas palavras transpira o profundo ressentimento do clero que viveu naqueles anos envenenados por um ardente anticlericalismo.

No entanto, embora o tivessem privado da casa e da igreja, ninguém conseguiu subtrair ao padre Scrosoppi o que realmente importava: o espírito de « *Pippo buono* » (ou seja, o caráter afável e caritativo de são Filipe Neri).

Em primeiro lugar, permaneceu intacta a sua doce humildade. Um dia, vários anos após a supressão da congregação, chegou de Cormons a Udine o jesuíta padre Giuseppe Rossi; o Padre desejava acompanhá-lo a visitar a casa de campo em Orzano. Sem demora, preparou-se a carruagem. Para a ocasião, o padre Luigi teria certamente preferido utilizar « *Puppa* », uma égua mais vigorosa e veloz, em vez de « *Bagalin* », um pangaré lento e de pouco valor. Mas eis que surgiu um amigável contraste entre os dois religiosos sobre quem deveria subir primeiro ao veículo. A disputa parecia não ter fim. Por fim, teve de ceder o padre Rossi, que subiu exclamando:

« *O meu pai santo Inácio exige a obediência.* » E o padre Luigi respondeu prontamente com um sorriso: « *E o meu são Filipe quer a humildade.* »

E depois a sua doçura. O padre Luigi tinha extrema necessidade dela, pois possuía por natureza um temperamento bastante irascível. Precisamente por isso tinha introduzido no seu regulamento de vida o propósito:

« *Sempre o mel na boca e o mel no coração* » (Semper mel in ore, et mel in corde).

Se a isto se somasse a sua vontade de ferro e uma certa tendência para a severidade, a dose de doçura deveria ser necessariamente dobrada. São Filipe concedeu-lhe tanta bondade que ele permaneceu na memória de todos os que o conheceram com o apelativo de « *padrut* », ou seja, de « *querido pequeno pai* ».

Do santo da alegria aprendeu a tornar-se ele próprio um mestre de serenidade spiritual e de paz, derivando daí até o gosto pela brincadeira. Gostava de troçar, antes de mais, de si mesmo, humilhando-se às vezes até fazer sorrir quem o observava. E se aparecesse por perto alguma mulher um pouco vaidosa demais, como se divertia a gozar com ela de boa mente! Não o fazia para humilhar, mas apenas para suavizar os caracteres rígidos demais (ou seja, os "*cabos de vassoura*").

Este hábito acompanhou-o até ao leito de morte. Assistia-o como enfermeira a irmã Osanna Tisot, uma mulher um pouco autoritária e de nariz pronunciado. O que inventa o

---

[16] Ele nasceu em Gemona del Friuli em 1877 e faleceu em Udine em 1950. Professor de latim e história no seminário de Udine, depois cônego e diretor da biblioteca arquiepiscopal, "*ele era o arquivo vivo da história eclesiástica friulana*": escreveu sobre as origens e os eventos de cidades, instituições, igrejas, conventos, ritos, etc., de Friuli. (G. MARCHETTI, o.c., p. 787). Ver G. VALE, L'Oratorio e la Congregazione dell'Oratorio di S. Filippo Neri a Udine, fasc. III, p. 44 (ms. 550, A.C.A.U.).

padre Luigi, já chegado ao fim dos seus dias? Obriga-a a calçar uns chinelos enormes, preparados para o corpulento Dom Luigi Costantini, e fá-la vestir por cima do hábito religioso um velho escapulário de lã seu, todo gasto e não exatamente perfumado. A freira tinha então trinta e sete anos e, embora a vaidade não deva encontrar lugar no convento, não lhe agradava certamente parecer um *mascherotto* (ou seja, uma figura ridícula de carnaval). Por felicidade, estando acostumada a semelhantes métodos educativos, aceitou a brincadeira com o espírito de são Filipe. E talvez tenha conseguido arrancar do Padre moribundo os seus últimos sorrisos.

E não terá sido porventura a relíquia de são Filipe, herdada do seu irmão Carlo e guardada com imenso amor, que o fez perceber — como ele estava convencido — com um misterioso tique-taque, o momento de deixar este mundo para o Céu?

Em todo o caso, esta parte da história do padre Luigi como filipense representa quase apenas um capítulo limitado da sua existência; uma vida que ele dedicou inteiramente às pequenas órfãs e às irmãs da Providência.

É deste fundamental apostolado que devemos agora voltar a tratar.

Capítulo 2

A OBRA CONTINUA A FLORESCER COM HEROÍSMO (1854-1857)

A *"Casa del Provvedimento"* ou Obra de santa Zita [1]

Uma nobre característica da *Casa das Derelitte*, desde as suas origens, foi a abordagem familiar que os dois fundadores seguiram constantemente: eles ocupavam-se de acolher e educar as jovens, de lhes encontrar uma prudente colocação quando atingiam a idade e a maturidade necessárias para enfrentar a vida com autonomia, e de vigiar sobre elas acolhendo-as de novo em casa caso se encontrassem em dificuldades ou em perigo [2].

Se os dois sacerdotes mostravam um afeto paterno para com todas, faziam-no de modo especial para com as jovens realmente abandonadas, como estipulava o regulamento:

« *As mais pobres e absolutamente abandonadas são educadas e mantidas inteiramente às custas da casa, da qual se tornam filhas, e não saem dela senão depois de terem completado a sua educação e terem recebido os meios necessários* ».

Por esta razão, o padre Luigi retinha estas jovens no instituto por meses e, às vezes, por anos, mesmo que tivessem superado os dezoito anos: mantinha-as consigo, precisamente, até conseguir colocá-las adequadamente.

No entanto, surgiu muito em breve um problema pedagógico. Era oportuno fazer conviver no mesmo ambiente crianças pequenas e mulheres jovens, dos quatro aos mais de vinte anos? Eis por que, quando o padre Carlo ainda estava vivo, os dois irmãos projetaram uma *"Casa del Provvedimento"*, onde as jovens pudessem encontrar um ambiente mais adequado à sua idade.

---

[1] A obra foi assim chamada em memória de santa Zita, virgem luquesa do século XIII. Passou a sua vida na casa Fatinelli como serva, suportou maus-tratos dos companheiros de trabalho e durezas dos patrões; com o seu amor e respeito converteu os corações, ganhando confiança e afeto. A fama de santidade de que já gozava em vida aumentou com a sua morte e foi confirmada por milagres. Foi proclamada, em 1935, celeste padroeira das empregadas domésticas. (Cfr. Bibl. Sanctorum, Roma 1969, vol. XII, pp. 1483-1484).

[2] Dois contemporâneos, ao elogiarem a Casa del Provvedimento, denunciaram indiretamente a dolorosa situação em que se encontravam as jovens desamparadas: se recolhidas nela, seriam preservadas de ser « expostas sem dinheiro e sem teto à voraz corrupção », não cairiam « como acontece por desgraça, nas cloacas da cidade, ou nos prostíbulos já tão povoados, a aumentar o número das infelizes vítimas dos maus costumes » (F. BLASICH, Il P. Luigi Scrosoppi d. O., p. 12; V. LICCARO, Funebre elogio del p. Carlo Filaferro, p. 19). Que o p. Scrosoppi retirava ex-alunas do local de serviço quando encontravam perigos ali resulta do registro das assistidas na *Casa delle Derelitte*. No processo informativo numerosos testemunhos que tinham bebido de uma mesma fonte, declararam sobre uma vexação diabólica contra o p. Scrosoppi, (cfr. Summarium, pp. 37-38, 146, 331-332, 461, parágrafos 77, 71, 49, 48, etc., em Positio super causae introductione, Roma 1957). Além da real possibilidade de uma intervenção do demônio, talvez o facto pudesse atribuir-se a algum senhor que, ofendido na sua honra porque tinha sido retirada da sua casa uma ex-aluna do Istituto delle Derelitte, se teria vingado no p. Luigi, entrando um dia no instituto, subindo ao escritório do Padre e agredindo-o.

Nessa obra já se estava a trabalhar em 1853, mas a inauguração oficial ocorreu apenas a 4 de outubro de 1854, no dia da festa de são Francisco de Assis. É oportuno recordar como esta iniciativa, na pequena Udine, precede em mais de sete anos a análoga aberta na grande Turim a 10 de fevereiro de 1862, com o mesmo nome de *"Casa del Provvedimento"* ou Obra de santa Zita, por obra do servo de Deus Dom Francesco Faà di Bruno, a quem o biógrafo Trabucco define como « *pioneiro da assistência social* » [(3)].

A obra udinense teve a sua sede durante dez anos numa « *casinha* » composta por poucos aposentos, situada onde hoje se encontra o Asilo da Imaculada. Acedia-se a ela pelo portão que se abria no terreno (*braida*) dos antigos Missionários, exatamente em frente à entrada principal da *Casa das Derelitte*: evidentemente, o padre Luigi desejava manter uma vigilância discreta sobre quem entrava e saía.

Talvez para obter o espaço necessário para a escola de surdas-mudas, o padre Luigi pensou, um ano mais tarde, em transferir a *"Casa del Provvedimento"*. Para esse fim, em 1855, comprou alguns edifícios de propriedade Gremese ao sul da igrejinha e do oratório das *Derelitte*; no entanto, pôde completar legalmente a compra apenas em 1862. Começou imediatamente naquele lugar a construção de um edifício mais imponente. Para esta nova sede transferiu-se a *"Casa del Provvedimento"* em 1865 e continuou a sua atividade até outubro de 1904, quando foi transformada num internato para as alunas do colégio da Providência que frequentavam as escolas externas da cidade. A obra durou, portanto, exatamente meio século.

O padre Luigi deixou-nos um registro autógrafo das hóspedes na casa entre 1854 e 1862. Ao lado de numerosas orfãzinhas, já filhas da *Casa das Derelitte*, encontramos ali uma dezena de moças saídas do departamento de « *expostos* » (recém-nascidos abandonados) do hospital civil e outras jovens provenientes de várias aldeias da província para procurar emprego como domésticas na cidade. A instituição funcionava, portanto, simultaneamente como escola profissional para criadas, como agência de colocação e como obra para a proteção da mulher jovem *ante litteram* (ou seja, com antecedência em relação aos tempos).

No entanto, desde o princípio, também encontraram hospitalidade ali algumas mulheres idosas, quase todas antigas governantas, que desejavam concluir a sua modesta existência numa pacífica atmosfera religiosa. Uma explicação desta heterogeneidade nos é fornecida pela mãe Elena Zuccolli, superiora da *Casa das Derelitte*, numa carta de 1 de julho de 1898:

« *Esta "Casa del Provvedimento" foi aberta... com o único objetivo de acolher temporariamente aquelas nossas orfãzinhas que, uma vez colocadas como criadas nas famílias, se encontrassem eventualmente sem trabalho e sem sustento, e portanto*

[3] Nascido em Alessandria em 1825, morto em Turim em 1888, capitão e combatente, licenciado em matemática em Paris, fundador das irmãs Mínimas do Sufrágio (instituição leiga) para dirigir a Opera s. Zita que, estendido o seu raio de ação, foi denominada Conservatorio di Nossa Senhora do Sufrágio, construtor da igreja homónima, para oficiar a qual tomou as ordens sagradas. As suas contribuições científicas e as suas invenções foram muito apreciadas; escreveu ou dirigiu publicações ascéticas e para obras de apostolado. (Cfr. Enciclopedia cattolica, vol. V, p. 935; C. TRABUCCO, Francesco Faà di Bruno, pioniere dell'assistenza sociale, Roma 1957, pp. 122). O decreto sobre a heroicidade das virtudes é de 14 de junho de 1971.

expostas aos perigos do mundo. E se o nosso venerado padre Luigi admitiu em algumas ocasiões senhoras desejosas de se retirar, fê-lo apenas para secundar os pedidos ferventes e as recomendações de algum benfeitor particular do instituto ».

Em certos casos, contudo, este refúgio excecional foi ditado por uma sensibilidade caritativa requintada. O padre Luigi acolheu ali, por exemplo, uma mulher que tinha sido aspirante a freira e tinha saído da congregação havia vários anos. Mais tarde ofereceu asilo a Francesca e Elena Juri, que ficaram sozinhas após a morte de seu irmão Pietro (falecido em 1865), que fora vizinho de casa na rua Rauscedo e seu devoto amigo, ao qual estava ligado também pelo fervor comum na Ordem Terceira franciscana. Foi precisamente Elena Juri a última hóspede da casa; com a sua morte, ocorrida à idade de 84 anos a 6 de outubro de 1904, a estrutura ficou vazia e foi destinada a outros fins.

« *Da mihi animas* » (Dai-me as almas)

O Padre preocupava-se que as hóspedes da "*Casa del Provvedimento*" recebessem um treino esmerado e fossem colocadas no mundo do trabalho com prudência; no entanto, teve a coração sobretudo a sua elevação espiritual. Elas frequentavam habitualmente a igrejinha de San Gaetano para cumprir os seus deveres religiosos e exatamente naquele lugar o padre Luigi teve a ocasião de guiar e moldar as suas almas. Três das jovens acolhidas chegaram a renunciar ao serviço junto dos patrões terrenos para se consagrarem como irmãs da Providência.

Ele soube, contudo, utilizar aquela estrutura também para elevados fins apostólicos. Hospedou ali, por exemplo, as meninas africanas (as "*morette*") que os servos de Deus Niccolò Olivieri e o seu sucessor Biagio Verri [4] levavam consigo durante as suas peregrinações dedicadas à recolha de esmolas para o resgate das escravas. O heroico padre Verri chegava frequentemente perto dele esgotado, com as roupas em farrapos e infestado de parasitas. O padre Luigi acolhia-o com uma veneração comovida, oferecia-lhe refrigério, doava-lhe as suas próprias vestes e confiava aqueles pobres trapos à irmã roupeira da *Casa das Derelitte*, recomendando-lhe que cuidasse deles como convém às relíquias de tão grandes fadigas missionárias.

Além disso, na casa deu asilo também a duas jovens luteranas e a uma calvinista, às quais a sua caridade abriu as portas da fé católica. Lembramos de modo particular a última delas, uma certa Amalia Widoszky, nascida por volta de 1835 em Pusta-Fedimes, na Hungria, de Giovanni e Emilia Zulek. O seu pai, pastor evangélico e até superintendente (responsável superior dos pastores) de toda a província de Nitra, tinha-se convertido ao catolicismo em 1846. No entanto, hostilizado pelos parentes e pelos membros da sua ex-religião, para sobreviver tinha-se reduzido a trabalhar como professor primário em Kolveza, onde morrera dois anos depois.

---

[4] Olivieri Nicolò Giovanbattista (1792-1864) de Voltaggio na Ligúria, sacerdote, missionário apostólico, fundou em Génova em 1848 a Opera Pia para o resgate das Morette. Viajou durante catorze anos para combater o tráfico de negras na África, da Índia à Rússia. Morreu em Marselha. (Cfr. I grandi del Cattolicesimo, encicl. biogr., Roma 1958, vol. II, p. 247; para don Verri v. parte II, cap. 2, nota 1).

A filha Amalia tinha permanecido inicialmente com a avó. À morte desta última, pusera-se a caminho de Graz, onde uma sua irmã se tinha casado. Não conseguindo encontrá-la, foi-lhe dito que ela se tinha mudado para Udine com o marido. Chegou, pois, à nossa cidade, onde contudo perdeu qualquer rasto da parente.

Deambulava desconsolada pela "*piazza delle Erbe"* (o de *San Giacomo*), quando uma boa vendedora ambulante, Giovanna Bearzotti de Chiesiellis, tomou conhecimento da sua situação. Levou-a imediatamente consigo e, sabendo que era protestante, relatou o facto ao seu confessor, o qual fez com que ela fosse acolhida na "*Casa del Provvedimento*" a 12 de setembro de 1856.

A jovem exprimiu imediatamente o desejo de abraçar a fé católica, seguindo o exemplo paterno. Por essa razão, o padre Luigi confiou-a ao cónego monsenhor Filippo Micoli, que tinha um excelente conhecimento da língua alemã, para que lhe fornecesse a necessária instrução religiosa. Finalmente, a 19 de abril de 1857 (domingo in albis), l'arcebispo monsenhor Giuseppe Luigi Trevisanato administrou-lhe solenemente na catedral o batismo sob condição, o crisma e a primeira comunhão, diante de uma grande multidão de fiéis.

O vigário coadjutor da catedral, monsenhor Leonardo Zoratti — o qual, no registro dos batismos, transcreveu integralmente um artigo do jornal milanês "*La Bilancia"* relativo à cerimónia e ao discurso proferido por monsenhor Trevisanato — adicionou do seu próprio punho esta nota:

« *Foi colocada no instituto filial das abandonadas, naquela casa chamada del "Provvedimento", instituída expressamente para acolher camareiras e servas que ficaram sem emprego e jovens abandonadas e errantes que desejam resgatar-se e colocar-se no caminho reto. Coisa extraordinária! O pobre instituto central das abandonadas, que vive na sua maior parte de esmolas e caridade, provê simultaneamente e quase por milagre a esta casa filial do "Provvedimento", bem como àquela recém-inaugurada para as surdas-mudas.* »

Das palavras de monsenhor Zoratti emerge com clareza a profunda impressão que a iniciativa e o fervor caritativo do padre Luigi despertavam então na população da cidade.

Aquele seu generoso impulso apostólico devia ser muito conhecido, se até alguma astuta aventureira tentou tirar proveito dele. Um dia apresentou-se na casa uma jovem que afirmava ser não católica e contava uma história romanceada de sofrimentos e peripécias. O Padre acolheu-a com a bondade habitual e preparou-a para o batismo. No entanto, precisamente na véspera do sacramento, ele intuiu que a coitada tinha construído um castelo de mentiras unicamente para obter vantagens materiais. Não restou outra alternativa senão despedi-la serenamente, provavelmente após uma necessária advertência moral, mas não sem lhe ter fornecido os meios necessários para enfrentar os primeiros dias do seu triste vagabundeio.

A iluminação da Imaculada

Apenas dois meses após a iluminação... a inauguração da *"Casa del Provvedimento"*, o papa Pio IX proclamava solenemente em Roma o dogma da Imaculada Conceição.

O arcebispo estabeleceu que tal proclamação fosse celebrada com solenidade em Udine e em todo o Friuli no dia 2 de fevereiro de 1855, por ocasião da festa della Purificação. Nos três dias anteriores, os sinos de cada campanário deveriam tocar a rebate três vezes por dia durante uma hora inteira; por fim, cantar-se-ia em toda a parte uma Santa Missa acompanhada pelo Te Deum.

Na noite de 2 de fevereiro, no seminário arquiepiscopal, realizou-se uma refinada academia, aberta e encerrada por graciosas canções marianas musicadas e dirigidas pelo abade Jacopo Tomadini. Entre as várias contribuições, foi recitada uma écloga latina del professor Dom Francesco Turchetti, na qual dialogavam Melânia e Mêmio (Maximino), os dois pequenos pastores testemunhas da aparição da Virgem a 19 de setembro de 1846 no monte La Salette.

Ao cair das trevas, a cidade inteira refulgiu de luzes. « *Sem se deter* — relata uma crónica do Giornale de Roma — *no palácio arquiepiscopal, no seminário, no palácio municipal ou na religiosa casa das "Dimesse", que se distinguiram entre todos pela abundância das luzes e pela originalidade das decorações, não havia palácio, casa ou mísero tugúrio que não oferecesse a Maria sinais inequívocos de homenagem e religiosa exultação; e era magnífico observar nas ruas as janelas de agricultores e artesãos adornadas com quadros e estatuetas da Rainha do Céu, rodeadas por numerosas e brilhantes chamas* ».

É fácil imaginar com que fervor participavam em tal celebração o Pai, as irmãs e as orfãzinhas. No alto, na fachada da *Casa das Derelitte*, foi colocada uma estátua da Imaculada, rodeada de muitas flores e círios em cada janela. O padre Luigi permitiu às irmãs e às jovens deslocarem-se à *braida* (espaço de relva vedado) para que pudessem desfrutar plenamente daquele doce espetáculo. No entanto, entre o assombro e os aplausos, insinuou-se uma pequena tentação.

Aquelas muitas e coloridas luzes na vizinha casa das "*Dimesse"*, tão louvadas pelo quotidiano romano! O desejo de as ver foi irresistível.

Enquanto as irmãs e as orfãzinhas estavam concentradas em contemplar o cintilar das luzinhas no *Casa das Derelitte*, « *algumas jovens das mais vivazes* — narra a crónica — *à revelia das outras afastaram-se do grupo, desejosas de ver as luzes das "Dimesse". Uma novicia e uma irmã, madre Clementina Zoratti* [5]*, tendo-se apercebido do facto, seguiram-nas para as vigiar. Quando o resto do grupo regressou, estas estavam ainda fora* ».

O padre Luigi e a superiora, avisados do sucedido, esperaram a sua chegada à porta; o pai fundador condenou-as todas a ficar sem jantar.

Por felicidade, encontrava-se na casa um mediador, o padre Fantoni, o qual, diante de tal sentença, começou a suplicar ao padre Luigi que lhes perdoasse por aquela vez, argumentando que não se tinham afastado por malícia, mas apenas para admirar a homenagem à Nossa Senhora. A súplica foi acolhida e todas puderam jantar.

---

[5] Zoratti Teresa (sr. Maria Clementina del ss. Sacramento) erroneamente in registri indicata « Sorati », nata a Udine nel 1833, entrò in congr. il 5-8-1851, vestì il 27-3-1853, professò il 2-2-1857, morì a Udine il 21-5-1882. Per cenni su lei v. Cenni biografici..., ms., vol. II, pp. 307-312.

A irmã Clementina, contudo, teve de cumprir a punição pelo grupo inteiro. O Padre impôs-lhe que tirasse o véu por uma semana inteira; a coitada teve de andar com a cabeça coberta apenas por um lenço de cor azul, como era uso no convento para os trabalhos domésticos. Uma vez terminados os dias de castigo, o Padre concedeu-lhe o perdão e a permissão de usar novamente o seu querido véu. O bom Padre, iluminado por Deus, compreendeu que para ela era necessário agir daquela maneira. Quem sabe que mérito terá adquirido diante de Deus aquela devota religiosa!

Este ingénuo relato mostra claramente como Dom Fantoni e o padre Luigi tinham bem repartido os papéis na *Casa das Derelitte*: o primeiro agia como uma mãe e o segundo como um pai. Poder-se-ia dizer um pai um nadinha severo, mas não demasiado, dado que o "*sem jantar*" — punição habitual naqueles tempos — foi prontamente revogado. Mais rigorosa foi a humilhação infligida à irmã. « *Se o tivésseis pedido* — terá certamente pensado o Pai — *poderíamos ter ido todos juntos. Não se honra a Nossa Senhora agindo por conta própria e cedendo a uma caprichosa curiosidade* ».

De resto, a irmã Clementina do Santíssimo Sacramento soube tirar proveito daquela humilhação; tirou tal proveito dela que ficou famosa na congregação pela sua atitude sempre recolhida, com os olhos baixos e as mãos juntas. Tinha apenas vinte e dois anos e tinha recebido o hábito religioso um ano antes, a 27 de março de 1853, quando foi posta à prova pelo fundador: um jardineiro experiente que soube guiar para um correto desenvolvimento aquela terna plantinha.

As irmãs da Providência entre os coléricos

De julho a setembro de 1855, o Friuli foi assolado pelo cólera, que grassou como um flagelo exterminador (uma epidemia implacável que semeia a morte). O período de máxima gravidade registrou-se entre 17 de julho e 26 de agosto, atingindo o acme (o pico de intensidade) no dia 7 daquele mês; naquela única jornada, na cidade de Udine, contaram-se 125 novos contagiados, 53 dos quais expiraram antes do pôr do sol.

Qual foi a reação do fundador? Mais uma vez, ele mobilizou as suas filhas espirituais, lançando-as no heroico serviço da caridade. Embora não chovessem granadas como durante as revoltas de 1848, o perigo não era de forma alguma menor. A doença agia como um áspide invisível (uma serpente venenosa escondida), capaz de ferir e abater um homem de repente. Mas isso não as desanimou: o heroísmo demonstrado pelas irmãs foi idêntico, sustentado por um mesmo e total espírito de dedicação.

« *O padre Luigi* — escreve o biógrafo Tinti — *prevendo a chegada do flagelo, já tinha instruído as irmãs sobre as modalidades de prestação de cuidados aos doentes atingidos pelo terrível mal. Acolheu, portanto, com extrema generosidade os numerosos e prementes pedidos da autoridade civil, para que enviasse as suas filhas para assistir os coléricos tanto na cidade como nas aldeias vizinhas. Este grupo escolhido de sagradas virgens entregou-se com entusiasmo ao mais alto ato de caridade: arriscar a própria vida para salvar a dos irmãos. Partidas aos pares, acorreram aos lazaretos e às habitações dos doentes, assistindo-os dia e noite com o sincero afeto de uma mãe. O padre Luigi tinha-as previamente prevenido contra os riscos e instruído sobre os*

métodos sugeridos pela piedade e pela prudência para os enfrentar; apesar disso, deslocava-se frequentemente para as visitar nos vários locais de serviço para se certificar da sua saúde e para lhes infundir novo ânimo no meio daquelas circunstâncias tão funestas e difíceis. Eis o que nos relata — prossegue o Tinti — *uma irmã idosa ainda viva.* »

« *Se acontecia que uma de nós tivesse de se deslocar a casas onde a religião era pouco considerada, o padre Luigi recomendava-nos: Lembrai-vos, filhas, que nos locais onde ireis não encontrareis nem um crucifixo nem outros objetos sagrados; contudo, tende coragem: o Senhor vos susterá e abençoará as vossas fadigas. E de fato, pude verificar pessoalmente o quanto o bom Padre dizia a verdade.*

Un dia, enquanto assistia um senhor atingido pelo letal mal-estar, as suas condições pioravam de momento para momento, e no entanto não mostrava qualquer intenção de receber os últimos confortos religiosos. Não o abandonei um único instante até ser chamada com urgência pelo irmão do moribundo, o qual me pediu encarecidamente que fizesse todo o possível para que o enfermo recebesse os sacramentos, acrescentando que o infeliz não o fazia há doze anos.

Eu lhe prometi e, depois de ter pedido força a Deus, voltei para o doente e disse-lhe: — Bom senhor, gostaria de lhe pedir um favor. Ele compreendeu imediatamente onde eu queria chegar e, como nutria uma profunda gratidão para com quem estava arriscando a vida por ele, respondeu sorrindo: Compreendo, compreendo; pois bem, chame logo o pároco. Mandou-se chamar o sacerdote, o enfermo recebeu os sacramentos naquela mesma noite e de manhã já tinha expirado! »

Estaríamos desejosos de ter maiores detalhes sobre esta heroica missão realizada pelas irmãs tanto na cidade como na província, e em particular sobre aquele constante ir e vir do Pai para as encorajar na assistência aos coléricos. Sabemos contudo que para coordenar estas generosas mulheres estava, também nesta ocasião, o excelente doutor Zambelli, o qual geria as forças à sua disposição segundo o seu próprio juízo, às vezes agindo de modo diferente relativamente aos pedidos dos municípios ou às indicações do Pai. É prova disso uma carta datada de 6 de agosto, escrita por Niccolò Fabris, representante do município de Lestizza, e dirigida ao padre Luigi:

« *Reverendo Senhor, enquanto a signatária delegação lhe expressa os mais vivos agradecimentos pela solicitude e caridade demonstradas ao enviar as duas reverendas irmãs do instituto por si guiado em socorro dos coléricos de Lestizza, onde elas representam uma verdadeira bênção divina, devo expressar-lhe igual gratidão por ter destinado outras duas reverendas irmãs à aldeia de Nespoledo, também esta atingida pelo cólera e privada de qualquer ajuda. Contudo, a sua vontade relativamente a estas últimas não foi respeitada, visto que o doutor Zambelli as enviou arbitrariamente para a aldeia de Pantianicco.* »

Fabris tinha-se deslocado ao local para as reclamar, mas não tinha conseguido sequer falar com elas « *devido à oposição de alguns* — relata — *que sustentavam o quanto a sua obra era ali necessária* », apesar de — nota ele — já estarem presentes três sacerdotes e um médico residente.

« *Considerando portanto esta delegação municipal que as referidas irmãs estão retidas em Pantianicco com engano ou talvez pela força (inclusive!), e sendo urgente a sua intervenção em Nespoledo... pedimos-lhe, se possível, que se desloque ao régio comissário de distrito de Codroipo para pôr por escrito a sua vontade, convidando-o a fazê-la chegar às suas irmãs pelo meio que considerar mais oportuno.* »

Em resumo, aquelas benditas irmãs eram tão preciosas que as várias aldeias se as "*disputavam*" entre si. É provável que o padre Luigi tenha resolvido a disputa enviando mais duas religiosas para Nespoledo.

Em Lestizza — onde o cólera causou a morte de quarenta e nove pessoas — as irmãs permaneceram até 18 de agosto. Fabris acompanhou-as de regresso à *Casa delle Derelitte* com a seguinte carta:

« *Visto que pela graça de Deus o terrível mal que atingiu este município desapareceu quase por completo, a delegação municipal, para não se aproveitar mais da bondade das duas veneradas irmãs do seu instituto, as quais com tanta caridade se dedicaram aos enfermos, considerou um dever dispensá-las do encargo e acompanhá-las de regresso à sua sede.*

No momento em que se apresentam diante de si, senhor diretor, em meu nome e no de toda a população de Lestizza, expresso-lhe a mais profunda e imperecível gratidão pela obra caritativa, eficaz e incansável prestada pelas irmãs a favor dos numerosos coléricos desta zona; pedimos-lhe que lhes transmita estes sentimentos. Com o desejo de poder um dia retribuir, rogamos fervorosamente para que Deus o recompense a si e às benditas irmãs, derramando generosamente a divina Providência sobre todo o instituto. »

Parece realmente que Fabris não encontrava adjetivos suficientes para louvar adequadamente a dedicação mostrada pelas duas religiosas.

A superiora madre Lucia De Giorgio vítima do cólera

A epidemia penetrou também no interior da *Casa das Derelitte*, atingindo várias jovens e irmãs. As vítimas foram quatro: duas órfãs e duas religiosas. A primeira a subir ao céu foi uma órfã de oito anos e meio, Caterina Forte, que faleceu no dia 28 de junho às dez horas da manhã.

« *E é precisamente nesta circunstância* — escreve o biógrafo Tinti — *que a madre superiora Maria Lucia De Giorgio refulgiu pelas suas virtudes, juntamente com as religiosas suas filhas, na intrépida e amorosíssima assistência às queridas enfermas. Infelizmente, ela própria, verdadeira mártir da caridade, contraiu o fatal mal, que a arrebatou rapidamente da vida no dia 28 de julho, deixando no desconsolo toda a comunidade. Todas apreciavam os raros dotes da falecida e sentiam profundamente a gravíssima perda sofrida pela congregação.* »

A tradição da casa narra que a madre De Giorgio contraiu a doença precisamente porque quis assistir pessoalmente a pequena Forte, de modo a não expor as outras irmãs ao risco do contágio. Morreu às duas horas da tarde, apenas quatro horas depois da menina de quem tinha cuidado. Tinha há pouco completado trinta e seis anos de idade.

A esta esplêndida figura de religiosa, superiora das irmãs da Providência desde o Natal de 1845, o Tinti dedica uma página carregada de emoção, que reflete a veneração e a fama de santidade que as irmãs conservaram sempre para com a sua primeira superiora.

« *Alta de estatura, de porte nobre e de saúde robusta, possuía um juízo sólido, uma mente elevada e um coração nobilíssimo... Ainda hoje as religiosas mais antigas lembram com emoção a madre Maria Lucia, que se distinguiu pela vivacidade da fé e o ardor da caridade. Ela sabia fazer-se "tudo para todas"; as irmãs e as jovens encontravam nela, nos momentos de dor, de privação ou de dúvida, uma mãe afetuosa capaz de dar orientação, alívio e novo vigor para perseverar no bem. Tinha aprendido da sabedoria divina a arte de governar, possuindo o segredo de se fazer obedecer e, ao mesmo tempo, amar, tanto que cada filha sua se sentia a predileta. Utilizava a sua autoridade para reservar para si mesma as tarefas mais pesadas, humildes e desagradáveis; em troca, o Senhor recompensou-a com graças extraordinárias.* »

« *Uma irmã ainda viva testemunha que, quando uma jovem foi atingida por uma doença infeciosa e repugnante, as enfermeiras custavam a resistir ao mau cheiro insuportável; para que a doente não ficasse privada de assistência, a De Giorgio assumiu esse penoso encargo. Pois bem, enquanto a superiora se encontrava no quarto para cuidar da enferma, aquela irmã sentiu de repente o odor desagradável transformar-se num suave perfume, que voltava contudo a ser insuportável assim que a superiora se afastava momentaneamente. Atesta ainda que, quando a De Giorgio saía do quarto do doente, se lhe viu várias vezes a cabeça rodeada por uma luminosa auréola e que, após a sua morte, uma consorte que se tinha deslocado ao parlatório viu a falecida superiora ali ficar à escuta, quase como querendo recomendar a exata observância de uma regra tão fundamental para as comunidades religiosas.* »

Naqueles dias tristes verificou-se um episódio singular e comovente. Aquela que tinha sido companheira e émula da De Giorgio ao assistir os feridos de 1848, foi-o também no cuidado dos doentes de cólera e no momento da morte. Referimo-nos a Amalia Borghese, conhecida na religião como irmã Maria Gioseffa, que morreu três dias depois, a 31 de julho, juntamente com outra órfã de dez anos, Antonia Venturini. Pareceu quase que não queria separar-se da sua amada irmã e mãe.

No dia 5 de agosto, o mal ceifou também a vida de Orsola Desitz, de vinte e seis anos, que estava internada na "*Casa del Provvedimento*".

Não houve outras vítimas além destas cinco; todavia, o contágio atingiu numerosas outras irmãs e jovens. Disso somos informados pelo próprio padre Luigi, através de uma instância apresentada à congregação municipal.

A *Casa das Derelitte* tinha comprado à farmácia Filippuzzi os medicamentos necessários para curar as doentes internas, por uma despesa total de 277,71 liras. Como o Município de Udine se tinha comprometido a pagar os fármacos para os menos favorecidos, o padre Luigi pediu que a administração se encarregasse daquela dívida. Entre os motivos, além da pobreza do instituto, lembrou como « *as irmãs abandonadas, durante o furor da epidemia, se tinham oferecido com solicitude para desempenhar o caridoso ofício de enfermeiras em muitas famílias da cidade* »; sublinhava ainda como o município sabia o quanto tal serviço tinha sido agradecido e oportuno, prestado com uma abnegação ditada pela só fé religiosa no meio de um grave perigo. Ele não nutria dúvidas

sobre o acolhimento do pedido, visto que, como afirmava, os factos falavam a seu favor: se aquelas jovens tivessem adoecido nas suas famílias de origem em vez de no interior da obra, o custo das medicinas teria recaído de qualquer modo sobre o Município dada a sua indigência; além disso, várias entre as que tinham adoecido na casa tinham contraído o vírus precisamente prestando serviço como enfermeiras aos coléricos da cidade.

Estaríamos curiosos por conhecer os nomes de todas aquelas "*várias*" irmãs que adoeceram para assistir os doentes, mas é suficiente que sejam conhecidos por Deus. Sem dúvida, o padre Luigi encontrou consolo para as graves perdas sofridas vendo o quanto as suas filhas espirituais se tinham demonstrado prontas para a obediência mais heroica. A cidade de Udine e todo o Friuli ficaram profundamente edificados com isso.

A madre Serafina Strazzolini nova superiora

No dia 7 de setembro de 1855, realizou-se a reunião prescrita pelo regulamento para a nomeação da nova superiora. Também nesta ocasião, como já tinha acontecido com a De Giorgio, não foi escolhida uma das religiosas idosas, mas sim a mais jovem das irmãs: a madre Maria Serafina Strazzolini. Professa há pouco tempo e com apenas trinta anos de idade, o Tinti define-a como « *uma mulher cheia de entranhas de caridade e muito inteligente* ». Embora a eleição representasse um reconhecimento das suas grandes qualidades, é legítimo vislumbrar nela a influência do fundador, ao qual competia por regulamento a designação de três eleitoras. Mais uma vez, ele desejou à frente da congregação uma figura capaz, mas ao mesmo tempo rica daquelas preciosas virtudes e energias típicas da juventude apaixonada por Deus — não por acaso a Strazzolini tinha assumido o nome religioso de « *Serafina del divino Amore* »: ou seja, a docilidade, a generosidade, um sagrado entusiasmo e um vivo espírito de iniciativa. O padre Luigi estava convencido de que toda a congregação receberia um novo impulso se estimulada e guiada por tal fervor; ao mesmo tempo, as irmãs mais velhas teriam a oportunidade de exercitar a humildade, virtude caríssima ao fundador.

As suas esperanças não foram desiludidas. « *O padre Luigi* — escreve o Tinti — *encontrou nela uma ajuda preciosa para fazer progredir a congregação, à qual a madre Serafina prestou serviços valiosíssimos até à morte* ».

Também os "*Cenni biografici"*, citados várias vezes, referem-se a ela:

« *Junto ao venerável pai fundador, a madre Serafina esmerou-se com imenso zelo e espírito de sacrifício para a redação das Santas Regras, que na época eram ainda seguidas a título experimental. O padre Luigi consultava-se constantemente com ela para gerir os assuntos da casa, de todas as sedes e da congregação inteira. A madre Serafina, graças à experiência adquirida em muitos anos, à sua pronta intuição e a um sentido prático que lhe era congénito, foi de imenso apoio para o pai fundador... Pode ser considerada uma verdadeira cofundadora, por tudo o que fez e colaborou com o padre Luigi para o bem da congregação, antes mesmo de a madre Cecilia Piacentini entrar no instituto; pode-se até afirmar que a reverendíssima madre Cecilia encontrou o trabalho já realizado em dois terços... A madre Serafina esteve sempre na linha da frente (um pioneiro) para que as regras, nesses anos de prova queridos por Roma, fossem observadas pelas irmãs com pontualidade e amor.*

Observava com atenção se havia necessidade de adicionar ou modificar algo na prática quotidiana, entre as variadas ocupações das irmãs nos hospitais, nos asilos e nas escolas. Expunha com humildade o seu próprio parecer ao pai fundador, e juntos faziam as anotações e as correções consideradas oportunas. Deste modo, as primeiras experiências e as primeiras provas ocorreram sob o governo da madre Serafina. Ela e o pai fundador insistiam muito para que no instituto que tanto queriam e que tinha custado fadigas e sacrifícios de todo o género, reinassem soberanos o espírito de caridade e um autêntico espírito de família. »

Este testemunho resume a vida inteira da Strazzolini: foi reeleita superiora em 1858, permanecendo no cargo até agosto de 1862; ocupou novamente o cargo de superiora geral de 1867 a 1880 — ano em que cedeu o posto à Piacentini — e de 1880 até à sua morte, ocorrida em 1889, foi superiora da casa de Udine.

Assim, 1855 concluía-se positivamente para a *Casa das Derelitte* e para a congregação. A madre Lucia De Giorgio e a irmã Gioseffa Borghese tinham deixado o legado de um exemplo inestimável de supremo sacrifício, numerosas religiosas tinham-se formado através de uma dedicação heroica e a direção da congregação tinha passado para as mãos dignas e apaixonadas da Strazzolini.

Como o Padre Luigi acolheu os pequenos órfãos

Naturalmente, a epidemia de cólera fez convergir para a *Casa das Derelitte* uma nova vaga de órfãs, tanto que o instituto ficou repleto delas; por outro lado, estava quase constantemente assim.

Um indício leve, mas extremamente significativo, da generosidade do Pai ao acolher as meninas pobres e abandonadas é-nos fornecido pelo número de órfãs admitidas durante o seu governo. Nos 17 anos em que a direção foi confiada ao padre Carlo, ou seja, de 1837 até ao fim de 1853, foram acolhidas 58 jovens, com uma média anual de onze. Nos trinta anos exatos da gestão do padre Scrosoppi, foram aceites bem 420, levando a média para catorze. O padre Luigi demonstrou-se, portanto, tendencialmente mais propenso e aberto a acolher novas orfãzinhas.

Isto não aconteceu certamente porque os recursos económicos da casa tivessem aumentado ou se tivessem tornado mais consistentes. Pelo contrário, as esmolas estavam progressivamente a diminuir e, em maior escala após 1866, o instituto enfrentou um longo período tornado difícil por inumeráveis sofrimentos. Apesar disso, o padre Luigi dispôs que a casa mantivesse sempre a « *porta aberta* » para aquelas pobres criaturas.

A razão de tal conduta deve ser procurada no seu espírito corajoso diante das adversidades e na sua fé inabalável na Providência; mas reside também na sua alma profundamente misericordiosa, pronta a comover-se diante de cada situação de abandono. Talvez, num primeiro momento, começasse por opor recusas — « *Não há mais espaço! A casa não tem meios!* » — mas acabava inevitavelmente por aceder.

As orfãzinhas representavam para ele um « *dom da Providência* ». Deste modo as considerava e pretendia que fossem vistas pelos outros. Muitas vezes — como relatam

algumas testemunhas — escondia sob o seu amplo manto alguma menina recém-chegada e perguntava às que já viviam no instituto: — « *Adivinhem o que tenho escondido aqui debaixo?* » Depois respondia ele mesmo: « *Um presente que o bom Deus nos mandou!* » Só então levantava a aba do manto para apresentar às órfãs a nova irmãzinha.

Se depois a menina levada para a casa aparecia particularmente indigente e, como acontecia frequentemente em casos semelhantes, suja e infestada de parasitas, o Pai sentia uma alegria ainda maior com isso. Entregava-a à irmã do vestiário exclamando: « *Estes são os dons mais preciosos do Senhor; tende por isso um cuidado especial com eles.* »

« *O bom Pai* — narram os relatos da crónica do instituto — *amava os pobres a tal ponto que, quando lhe era confiada uma jovem que vivia na miséria mais negra, malvestida, com as roupas em farrapos e tão suja que hospedava numerosos insetos, a tomava imediatamente sob a sua proteção. Ordenava que a querida pequena fosse lavada, limpa e vestida com decoro, dizendo: Estas são as minhas alegrias, fazei de modo que não lhes falte nada* »

Aquelas criaturas chegavam à casa das maneiras mais impensáveis, semelhantes a passarinhos perdidos no meio da neve.

Um dia apresentou-se um menino de seis anos juntamente com a sua irmã mais nova; empurrou-a para o átrio do edifício e depois fugiu a sete pés.

« *Numa outra ocasião* — relatam as crónicas — *uma pobre mulher, prostrada pela doença e que custava a manter-se de pé, chegou à porta com duas meninas. Mandou chamar o bom Pai e disse-lhe: Peço-lhe, Pai, ocupe-se você destas minhas duas filhas; eu vou morrer no hospital. Depois de ter pronunciado estas palavras, foi-se embora; poucos dias depois morreu, serena por ter confiado as suas pequenas em mãos seguras. O bom Pai acolheu-as da melhor maneira e providenciou com solicitude a cada uma das suas necessidades.* »

« *Uma outra pobre desventurada teve uma menina mas estava privada de qualquer meio para a sustentar. Não sabendo o que fazer, tocou à porta das Abandonadas e, assim que lhe abriram, empurrou a pequena para dentro e fugiu sem dizer uma palavra. O que se podia fazer? O bom Pai acolhia todas, confiando sem reservas na divina Providência. Contudo, no fim, também o instituto chegou ao limite da capacidade: mantinha sessenta no colégio de Udine e vinte entre as mais pequenas na sede de Orzano.* »

Os presentes de monsenhor Filipponi

Quem se distinguiu em levar ao padre Luigi aqueles « *dons mais belos do Senhor* » foi monsenhor Carlo Filipponi, seu coetâneo, concidadão e amigo fraterno. Pároco de San Quirino em Udine desde 1834 até à sua morte, ocorrida a 26 de janeiro de 1879, foi um sacerdote de imensa caridade; a cidade inteira considerou-o o digne herdeiro do veneradíssimo monsenhor Francesco Tomadini na direção do orfanato masculino fundado por este último.

Um dos seus « *presentes* » está ligado precisamente à epidemia de cólera de 1855.

« *Um dia* — relatam ainda as crónicas — *o pároco de San Quirino foi chamado para assistir uma boa mulher doente, já em fim de vida. Vivia numa estrebaria, privada de tudo, com duas meninas sujas ao seu lado, infestadas de parasitas, cobertas de trapos, emaciadas e enfraquecidas pela fome: mais do que criaturas humanas, pareciam duas aranhas. A mãe, com um fio de voz, disse ao bom pároco que lhe confiava as suas filhas e que morreria serena se soubesse que estavam nas suas mãos. Por sua parte, o pároco assegurou à moribunda que teria o máximo cuidado delas e disse-lhe para morrer em paz, certa de que o bom Deus providenciaria tudo. Ele lhe proporcionou os últimos confortos della santa religião e acompanhou-a a morrer cristãmente.*

Depois levou as duas pequenas sob o seu manto e trouxe-as diretamente ao seu amigo o padre Luigi. Quem poderia descrever o acolhimento que o pai fundador reservou àquelas duas pobres meninas? Mandou chamar a irmã enfermeira e confiou-as a ela para que tomassem imediatamente um banho; depois entregou-as à professora com muitas e sinceras recomendações caritativas. »

As duas orfãzinhas são com toda a probabilidade Maria e Giovanna Pascolatti, cuja mãe, Paolina Montico, morreu de cólera a 9 de agosto de 1855 na paróquia de San Quirino [6].

A Filipponi deve ser atribuído também um outro episódio que ficou célebre na tradição da *Casa das Derelitte* [7].

« *O bom pároco de San Quirino* — relatam ainda as crónicas —, *que se apresentava frequentemente com presentes deste género para o bom Padre, tinha sido avisado de que de momento não era possível acolher mais nenhuma, visto que já não havia espaço onde instalá-las. Um dia este digno pároco... depara-se com uma mulher que levava pela mão uma menina de quatro anos, emaciada, faminta, vestida pobremente e infestada de parasitas: ela detém-no e diz-lhe sem rodeios: Ou o senhor cuida desta pequena ou eu vou afogá-la, porque já não sei como sobreviver. Tenho de trabalhar para ganhar o meu pão e com ela atrás de mim é-me absolutamente impossível. O bom pároco, a essas palavras, tomou a menina pela mão e a mulher fugiu.*

E agora, a quem confiá-la? Qualquer outro se teria perdido, mas ele, que conhecia a grandeza do coração do padre Luigi e sabia que a sua caridade teria abraçado o mundo inteiro, se pudesse, para o elevar a Deus e o subtrair à miséria, esconde-a sob o manto e dirige-se prontamente ao Casa das Derelitte. Toca à porta e pergunta: Onde está o padre Luigi?

---

[6] A primeira recebeu o hábito de irmã em 1866, assumindo o nome de irmã Saveria, mas morreu a 14 de abril de 1871; a segunda, que terminada a educação tinha saído do instituto em 1867, regressou a ele pouco depois da morte da sua irmã entre las irmãs da Providência, assumindo o mesmo nome religioso.

[7] Ao contrário de Tinti (op. cit., p. 166) segundo o qual foi o pároco Filipponi (1805-1879) quem levou para a *Casa das Derelitte* a menina para quem foi preparada a cama no cesto da roupa, num relatório manuscrito (A.L.S., fasc. 29, doc. 9, c. 90) afirma-se que foi, ao invés, o seu sucessor don Luigi Indri (1840-1909). Nesse relatório figura como superiora do instituto a irmã Serafina Strazzolini, eleita em 1855 e permanecendo no cargo por muitos anos. Todavia, para que uma menina em tenra idade, uma certa Maria Cioli da paróquia de San Quirino, entre na *Casa das Derelitte* é necessário chegar a 26 de agosto de 1883. Nesse caso, tê-la-ia levado o pároco Indri, sucessor de Filipponi: porém, esta última tinha quase seis anos.

No seu quarto, respondem-lhe.

Ele sobe a correr, mantendo o seu tesouro oculto para não se deixar ver. Entra no quarto e diz ao Pai: Preciso de ti; não te podes negar à caridade que te peço.

Eh, caro amigo — responde o Pai —, *já imagino o que desejas, mas é absolutamente impossível que eu aceite mais nenhuma, não saberia mesmo onde metê-las.*

Não importa, também desta vez deves satisfazer-me e acolher o que te entrego; tenta recusar se fores capaz disso. E dizendo isto, abre o manto e mostra a querida menina, que até àquele momento tinha permanecido num silêncio profundo.

O pároco contou o sucedido enquanto o bom Pai sorria para a pequena; e a sua caridade não foi capaz de opor uma recusa. »

Mas onde instalá-la?

Acabou-se por adaptar-lhe como caminha o cesto da roupa...

A tradição não nos transmite com certeza quem era aquela pequena criatura para a qual foi improvisado aquele ninho tão singular. Muito tempo depois procurou-se identificá-la como Giuseppina Quaini ou Elvira Dossi, ambas tornando-se mais tarde irmãs da Providência, respetivamente com os nomes de irmã Rosamaria e irmã Battistina. Todavia, as circunstâncias da sua entrada no instituto desamamentem tal hipótese. É provável que se tratasse, ao invés, de uma certa Teresa Maria Longhino, pertencente precisamente à paróquia de San Quirino, acolhida exatamente aos quatro anos e meio a 2 de dezembro de 1850. Talvez o seu nome se tenha perdido porque o episódio remontava a uma data muito longínqua e porque não ficou memória do destino daquela orfãzinhas. Trata-se, em todo o caso, de um detalhe de pouca importância.

Poderíamos ter resumido estas últimas páginas em poucas linhas, se desta narrativa tão ingénua e fragrante não emergisse de modo vívido a suave caridade del padre Luigi. Pelo contrário, desejamos adicionar ainda um detalhe.

O padre Scrosoppi entre as órfãs mais sós

Em 1852 foram acolhidas na *Casa das Derelitte* duas meninas, Maria e Barbara Mayerhoffer, respetivamente de sete e quatro anos. Tinham nascido em Sant'Ulrich, na Hungria. O pai Michele, coronel do exército austríaco, tinha-se estabelecido em Udine após os levantamentos revolucionários de 1848. Tendo ficado viúvo de sua esposa Agostina, encontrava-se com dois rapazes e duas meninas, e tinha confiado estas últimas ao padre Luigi. Um tenente- marechal barão Mayerhoffer receberá em 1859-60 a honra de condecorar alguns soldados friulanos que tinham combatido sob o seu comando pela defesa dos Estados Pontifícios: não sabemos si se trata do mesmo pai das duas orfãzinhas.

Uma delas, irmã Tranquilla, falecida em Udine a 25 de abril de 1926, deixou-nos um longo testemunho escrito sobre o fundador. Reproduzimos aqui um trecho, que revela ao mesmo tempo a melancolia das meninas pela falta do pai natural e a delicadeza do padre Luigi ao consolar estas pequenas almas extraviadas.

« *Eu ia sempre visitar* — escreve a irmã Tranquilla — *este bendito Padre, que me acolhia sempre com imenso amor e me dizia que ele era o meu pai, pedindo-me que o amasse como se fosse sua verdadeira filha. Crê em mim* — dizia-me — *que amo a todas, mas a vós em particular, porque vos acolhi quando éreis muito pequenas. E quando nos via juntas, em quatro ou cinco, lançava-se de joelhos e recitava conosco três Agimus (ou seja, a oração de ação de graças* "*Nós Te damos graças*"*). Vós sois as minhas verdadeiras filhas* — dizia — *e desejava que tivéssemos uma fé inabalável nele. E eu tinha-a, porque ia visitá-lo todos os dias e corria sempre para ele para desabafar por cada coisa que me acontecia.* »

Aqui está ele, o padre Luigi, de joelhos entre as mais abandonadas das abandonadas: reza com elas e ensina-as a rezar. Compreende a sua solidão profunda e perigosa e, para a mitigar, oferece o dom de uma paternidade ainda mais afetuosa. O conforto espiritual e a ternura humana fundem-se numa harmonia encantadora.

A Obra para as Surdas-Mudas

Numa obra específica destinada às surdas-mudas já se pensava antes do falecimento do padre Carlo, como indicado por Liccaro no elogio fúnebre. Não está claro como nasceu a ideia de instituir em Udine um centro semelhante, considerando que já existia um bem encaminhado na vizinha Gorizia. É provável que através da « *porta sempre aberta* » da *Casa das Derelitte* já tivessem entrado algumas destas desafortunadas jovens, as quais necessitavam obviamente de um percurso educativo totalmente particular.

O padre Luigi não pôde ocupar-se disso imediatamente, visto que entre 1854 e 1856 esteve totalmente absorvido pela reconstituição da congregação filipense. Assim que esta foi restabelecida, dedicou-se à realização da obra sonhada. Desta iniciativa, o Tinti e outras testemunhas forneceram informações por vezes imprecisas, quer pela breve duração da instituição, quer pelo exíguo número de surdas-mudas hospedadas. As pesquisas mais recentes permitem, contudo, esclarecer o assunto.

A 7 de março de 1857 chegou a Udine o imperador da Áustria Francisco José juntamente com a sua consorte Isabel Eugénia (la célebre Sissi). No dia seguinte, enquanto o imperador visitava quartéis e institutos escolares, Isabel dirigia-se em visita aos conventos das Clarisse (Uccellis), das Rosárias (Renati), das *Dimesse*, das abandonadas e das *Zitelle*, cada um dos quais sediava uma escola feminina.

A obra foi oficialmente inaugurada precisamente naquele dia, embora as surdas-mudas tenham tido uma sede dedicada apenas algum tempo depois.

Em tal ocasião, foram recitados à soberana os mesmos poemas compostos para o visita de Ana Maria Carolina de 1838. Contudo, Dom Fantoni adicionou os seguintes versos: « *Salve, Augusta, salve, ó piedosa, nossa esperança e nosso amor! Surdas-mudas pobrezinhas, centenas e centenas de jovens, com o meu te oferecem o seu coração.* »

E o padre Luigi retomou a lira e escreveu as seguintes quadras:

« Voi mute gioite.
S'appresta la scuola

che l'alma parola
donar vi potrà.
E tu lo vorrai,
divina Maria
ché l'opera pia
si dedica a te.
Quel ch'é presso Dio
del Ciel la Reina,
a Cesar vicina,
Augusta, sei tu ».

« Vós, jovens privadas da palavra, alegrai-vos. Está-se a preparar a escola que saberá doar-vos a palavra vital. E tu o quererás, divina Maria, visto que esta obra de caridade é dedicada inteiramente a ti. O que a Rainha do Céu representa ao lado de Deus, tu, nobre Imperatriz, representa-lo ao lado do Imperador. »

Por estes versos compreende-se que a obra foi dedicada à Virgem Maria, e é quase certo que levasse o título da Imaculada.

A última quadra, com aquela aproximação bastante audaz entre a imperatriz e a Nossa Senhora, visava comover o coração de Isabel a favor do *Casa das Derelitte*. Foi-lhe, de fato, apresentado um memorial no qual se declara explicitamente que o instituto « *hoje, para tornar eterna a memória da vossa augustíssima presença, abre um abrigo e uma escola especiais para algumas surdas-mudas indigentes da província.* » O objetivo real, contudo, era obter as habituais e necessárias isenções fiscais:

« *como entidade caritativa* — lia-se — *do imposto sobre heranças sobre os bens derivados de doações ou legados; como entidade privada, dos impostos sobre imóveis; como entidade industrial, das contribuições sobre artes e comércio.* »

A petição, porém, ficou sem resposta.

É interessante notar como na súplica o padre Luigi não pedia subsídios diretos, mas unicamente isenções. Era como se dissesse:

« *Se não me podeis ajudar, paciência! A Providência cuidará disso. Mas ao menos deixai-me trabalhar em paz sem me pedir dinheiro depois de me ter esgotado por amor dos pobres e em benefício da própria sociedade.* »

Voltando à Obra das Surdas-Mudas, vimos que monsenhor Zoratti, ao registrar um batismo em abril de 1857, a definia « *apenas aberta* ». Funcionava já de algum modo quando, a 3 de abril, o padre Scrosoppi comprou propositadamente uma casa propriedade das Dimesse, confinante com a "*Casa del Provvedimento"*. « *A divina Providência* — reza o preâmbulo do contrato — *abriu um asilo para as surdas-mudas de Udine e província junto à Casa das Derelitte. Faltando o espaço necessário, pediu-se à caridade do nobre colégio das Dimesse para vender a casa com horta adjacente, adaptadíssima ao uso; e embora tal venda seja onerosa para as Dimesse, elas consentiram para cooperar em tão santa empresa.* » Dom Fantoni, sendo capelão das Dimesse, agiu certamente como intermediário.

Durante cerca de dez anos, o padre Scrosoppi teve de recorrer a pessoal especializado externo à congregação, não havendo entre as irmãs especialistas nesse ramo do ensino.

Mais tarde, porém, enviou para Veneza junto das Canossianas duas religiosas — irmã Costanza Murero e a primeira irmã Saveria Pascolatti que fizeram os votos em 1868 (6).

(6) A primeira recebeu o hábito de irmã em 1866, assumindo o nome de irmã Saveria, mas morreu a 14 de abril de 1871; a segunda, que terminada a educação tinha saído do instituto em 1867, regressou a ele pouco depois da morte da sua irmã entre as irmãs da Providência, assumindo o mesmo nome religioso.

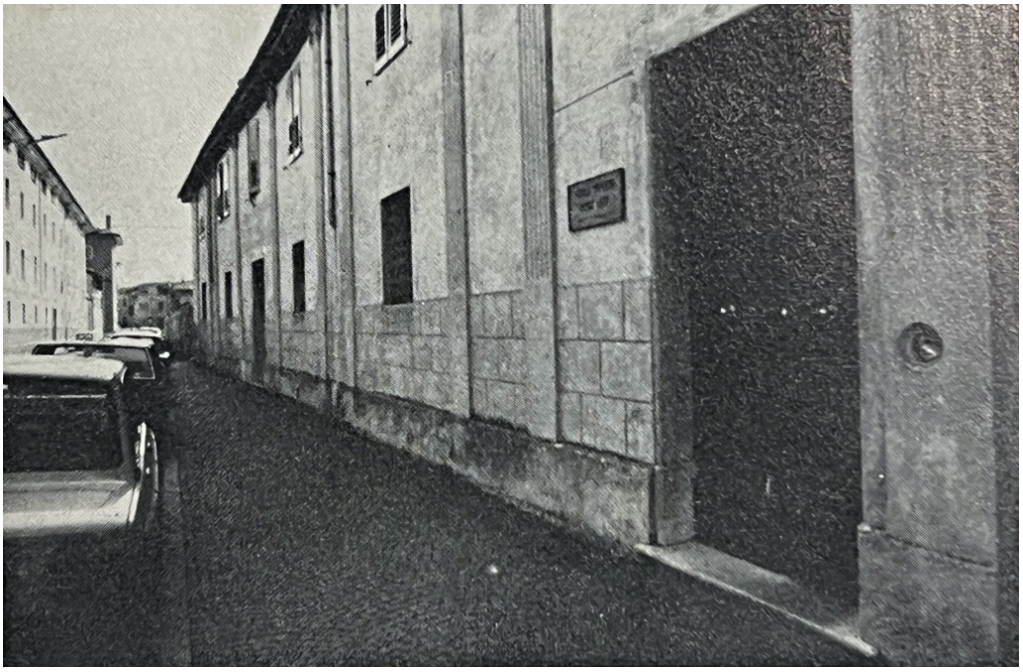
Elas deviam já ter feito prática com as jovens surdas, visto que regressaram de Veneza com o diploma de habilitação após apenas três meses de formação.

Contudo, a Pascolatti morreu a 14 de abril de 1871. Em parte por causa desta perda e em parte — escreve o Tinti — porque « *o padre Luigi foi abandonado por quem podia e devia sustentá-lo... com grande dor sua foi obrigado a deixar cair uma obra de tão grande caridade.* »

A autoridade civil, sob o governo austríaco, interessou-se pela questão apenas para lhe solicitar, a 9 de outubro de 1861, os dados estatísticos das hóspedes, tendo chegado ao seu conhecimento « *que no estabelecimento por si instituído há jovens surdas.* » Uma vez mudado o governo, o interesse desapareceu por completo.

A atividade durou, portanto, cerca de quinze anos, de 1857 a 1872; contudo, alguma rara aluna surda aparece ainda nas crónicas sucessivas.

Se no seu regulamento de vida se tinha proposto dedicar todos os dias uma hora de escola às jovens surdas, exatamente como às noviças e às orfãzinhas, devemos pensar que também ele tinha aprendido a comunicar com aquelas criaturas privadas da palavra. Ei-lo ali a compassar o ar com gestos simbólicos; ei-lo a sugerir, com o movimento dos lábios, os primeiros sons difíceis e guturais. O seu pensamento estava voltado para Jesus. E as jovens surdas percebiam certamente, pelos seus gestos e pelos seus movimentos, todo o seu amor por Jesus, juntamente com o seu paterno convite ao bem e ao Paraíso.



Udine. O padre Luigi fundou aqui uma escola para surdos-mudos.
Em 1901, a escola infantil Immacolata foi transferida para cá.

Capítulo 3

O PRIMEIRO ENXAME
AS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA
NO HOSPITAL DE PORTOGRUARO (1857)

Tributo de reconhecimento ao heroísmo das irmãs no cólera de 1855

A epidemia de cólera estava a penas a extinguir-se e a impressão suscitada pelas irmãs da Providência, graças ao seu generoso serviço prestado aos doentes na cidade e nas aldeias, era ainda vivíssima, quando a 26 de agosto de 1855 o arcebispo de Udine, monsenhor Trevisanato, sentiu a necessidade de difundir uma carta para que nas paróquias da diocese fossem organizadas coletas em benefício da *Casa das Derelitte*.

« *Um estabelecimento que me está grandemente no coração* — escreve o arcebispo — *, que constitui a glória e a honra desta cidade e desta ilustre arquidiocese, é certamente o instituto privado das pobres jovens abandonadas (derelitte). Para ninguém é ignorado como este benemérito instituto provê todos os dias ao sustento de mais de três00 infelizes jovens, as quais, chegando de cada canto da cidade, encontram aqui, graças a excelentes professoras movidas pelo espírito da caridade cristã, um nutrimento salutar para a alma; elas, sendo instruídas nos princípios da verdadeira sabedoria e no santo temor de Deus, são treinadas admiravelmente nos trabalhos adaptados ao seu sexo e recebem contemporaneamente todos aqueles subsídios necessários para o sustento físico. E a piedosa casa não se abre apenas às jovens da cidade, mas acolhe e hospeda no seu internado tantas mais míseras jovens quantas pode, as quais chegam ali de cada parte da vasta arquidiocese. Contudo, um instituto tão digno de mérito encontra-se atualmente provido apenas de uma sexta parte do património que seria absolutamente indispensável para garantir a sua futura existência.* »

A circular prossegue longamente, ilustrando as causas das dificuldades económicas em que a casa se encontrava e exortando a recolher pelas habitações « *trigo e legumes, manteiga e queijos, e qualquer outro género alimentar que seja oferecido pela caridade dos fiéis.* » De facto, naquele ano, as recolhas efetuadas fora da cidade (as peditórios « foresi ») renderam um ganho cinco vezes superior comparado com o do ano anterior.

Quisemos citar esta carta porque dela emerge claramente quanta estima nutria monsenhor Trevisanato — que mais tarde se tornou patriarca de Veneza e cardeal — pelo trabalho do padre Luigi e pelas suas religiosas. Além disso, foi a última circular emanada a favor da casa: nos anos seguintes, o agravamento das condições económicas e políticas impedirá de dirigir semelhantes apelos oficiais. Portanto, o padre Luigi deverá confiar-se mais do que nunca nas doces mãos da divina Providência, especialmente

considerando que naquele período a morte lhe subtraiu muitos dos seus mais fiéis e generosos benfeitores.

Lutos entre os benfeitores

No dia 2 de setembro de 1855 morreu a condessa Cecilia o Brazzà, esposa do conde Alvise Ottelio, que ocupou durante vários anos o cargo de *podestà* de Udine. Já vimos como esta piedosa nobre senhora tinha herdado o ideal caritativo de sua cunhada Giulia di Brazzà Piccoli, tornando-se em 1816 uma das fundadoras da *Casa das Derelitte*, da qual foi inicialmente, juntamente com o marido, o sustento principal. Ela não se esqueceu da obra nem mesmo depois de Filaferro e Dom Luigi terem dado ao trabalho um impulso mais vigoroso. A favor do instituto tinha disposto, no seu testamento de 11 de fevereiro de 1848, um legado de 2500 liras austríacas, do qual os seus filhos Tommaso e Antonio pagaram regularmente os juros até 1862. Mais tarde, os herdeiros — ou por desleixo ou pelo mudado clima cultural da época — deixaram de se ocupar disso. O padre Luigi teve paciência durante três anos; esperou, e depois tentou — como era seu costume em tais circunstâncias — a via de um humilde apelo ao dever. Um exemplo magnífico disso é uma carta sua de 15 de abril de 1868 dirigida a um patrício udinense, reproduzida por Tinti. Contudo, causava-lhe profunda amargura o facto de as vontades benéficas dos defuntos serem espezinhadas por quem teria de as executar. Por tal razão, viu-se obrigado em 1865 a instaurar uma ação judicial que se concluiu a 11 de agosto de 1868 com uma sentença favorável à *Casa das Derelitte*.

No dia 2 de novembro de 1856 falecia, com a idade de oitenta e quatro anos, a condessa Teresa Bartolini Dragoni [(1)], outra insigne protetora da *Casa das Derelitte*, à qual doou um legado de 5000 liras, além do resgate por 9000 liras de um foro anual sobre alguns terrenos em Baldasseria, situados ao sul da cidade. Não são conhecidos os motivos pelos quais o instituto pôde beneficiar destas doações apenas a partir de 1861.

Uma semana mais tarde, a 10 de novembro de 1856, morria a jovem condessa Clementina di Porcia [(2)], que deixou em herança à *Casa das Derelitte* catorze campos, denominados « *Podere Liliana* », situados na localidade de Ca' di Farra no município de Ragogna. Também deste legado, mais do que benefícios concretos, derivaram ao padre Luigi e à sua obra somente intermináveis complicações legais. Baste dizer que a questão se resolveu apenas em 1899, graças a um acordo voluntário com o conde Ermes di Porcia, o qual se comprometeu a liquidar às Irmãs da Providência a soma de 5000 liras, em todo o caso onerada pelas despesas suportadas.

---

[1] Bartolini Dragoni Teresa (1772-1836) fidalga udinense que deixou para as instituições culturais da cidade o palácio onde actualmente reside a biblioteca municipal.

[2] Descendente da histórica família friulana dos condes e príncipes de Porcia, iniciada nos primeiros anos do século XII, foi filha do príncipe Francesco Serafino. Nasceu em Spittal, no condado de Ortenburg, em 1779. Tendo-se mudado para Udine, colocou-se sob a direcção do pe. Carlo Filaferro com a vontade de se tornar religiosa, como resulta de uma carta de 9 de junho de 1821 do referido pai ao príncipe Serafino, com quem ele tinha uma relação íntima. (Cfr. L. TINTI, o.c., pp. 280-285). Aquando da sua morte, no registo da paróquia udinense de São Giorgio está indicada como « monja das abandonadas », embora não apareça como tal nos registos das irmãs; a anotação diz que permaneceu sempre ligada ao instituto.

No dia 15 de dezembro de 1856 falecia o senhor Antonio Venerio, o qual, com testamento de 2 de março de 1855, tinha deixado às Abandonadas uma casa com cerca de quarenta campos entre Felettis e Bicinicco, na Baixa Friulana; o instituto tomou posse dela, contudo, apenas em 1869, à morte da esposa do defunto. Após o falecimento de Antonio, a casa pôde cobrar um legado de 6000 liras, disposto desde 1842 pelo seu irmão mais célebre, o senhor Gerolamo, e participar no conspícuo legado que este último tinha estabelecido a favor das obras de beneficência da cidade. Sobre esta última doação, contudo, surgiram disputas relativamente a quem correspondia o direito de administração: se à Província, ao Município de Udine ou ao Arcebispo. A 31 de dezembro de 1861, a direção da *Casa das Derelitte* foi convidada a apresentar-se em juízo juntamente com os outros beneficiários, mas o padre Luigi respondeu a 10 de janeiro de 1862 renunciando a qualquer ação legal por sua própria conta. A controvérsia foi depois resolvida pela autoridade judicial a favor do Município, visto que o Arcebispo podia ter voz no capítulo apenas em qualidade de presidente estatuário da comissão municipal de beneficência.

Mencionámos estes acontecimentos bastante intrincados por duas razões. Em primeiro lugar, porque era um dever recordar às Irmãs da Providência os nomes de pessoas tão devotas e generosas para com o seu fundador. Em segundo lugar, porque a nosso ver emerge daí uma clara lição moral: ou seja, quanto é complexa e dificultosa a caridade dos ricos, mesmo quando é movida por intenções sinceras. Ao dinheiro acompanha sempre a cizânia (ou seja, complicações e discórdias).

Ao contrário, a caridade dos pobres parece correr de modo simples e sereno. São prova disso dois episódios de uns anos depois.

No dia 19 de dezembro de 1861 morria em Udine o sacerdote Dom Giovanni Amadio Tirelli de Mortegliano [(3)], deixando 3500 liras às Abandonadas. Neste caso não houve nenhuma disputa nem confusão; o seu irmão/sobrinho Francesco Colosetti alegrou-se de pagar a soma a 27 de fevereiro de 1862.

No dia 1 de novembro de 1861 tinha morrido um tal Giovanni Bacina. Ele próprio, quando estava em vida, tinha comunicado ao padre Luigi que a sua esposa Elisabetta Bevilacqua, morta antes dele, o tinha encarregado de doar vinte napoleões de ouro às abandonadas. Poupando alguns dias após o seu falecimento — precisamente a 10 de novembro — apresentou-se diante do padre Luigi a doméstica com o rolinho de moedas de ouro (marenghi)!

Devemos além disso adicionar que a administração financeira austríaca possuía olhos de Argos (vigilância impiedosa e omnipresente) e garras de abutre. O padre Luigi teve por vezes de esperar anos antes de cobrar efetivamente os legados, mas o fisco impunha-lhe imediatamente o pagamento dos impostos. Ele via-se obrigado a escrever repetidamente: — « *Como posso pagar se não recebi ainda nada? Exigis o pagamento imediato de impostos sobre bens de que não tenho ainda a posse e que talvez não obterei nunca. Esperaria compreensão e favores soberanos, e em seu lugar enviais-me intimações e oficiais de diligências!* »

[3] Nascido em Mortegliano (Udine) em 1793, pároco em algumas aldeias, mudou-se para a diocese de Treviso em 1848; mais tarde regressou a Udine e ali faleceu em 1861.

Contudo, as finanças permaneciam surdas aos seus pedidos. Não restava senão pedir contínuas prorrogações. Por fortuna, havia um homem honrado, o senhor Giovanni Puppati, que cada vez se fazia garante do Padre. Trata-se de um relato longo e tedioso, cujos detalhes poupamos ao leitor, confiando em que possa imaginá-los.

Podia alguma vez o padre Luigi nutrir uma alguma simpatia pelo governo austríaco? Por isso, o seu único interesse era fazer o bem.

Toques de piedade familiar

O padre Scrosoppi já não tinha senão dois únicos primos por parte de pai: Luigi, filho do tio mais velho Valentino, e Giuseppe Angelo, filho do tio mais jovem, Giuseppe. Ambas as famílias foram atingidas, precisamente naqueles anos, por dois graves lutos.

O primo Luigi perdeu, durante a epidemia de cólera de 1855, a sua esposa Pierina Tonutti, originária de Cividale. Pouco depois, a 13 de janeiro de 1856, o padre Luigi acolheu a filhinha que ficara órfã, Giovanna, no interior da *Casa das Derelitte*. A rapariga tinha então pouco mais de doze anos. Uma vez completada a sua instrução, entrou como aspirante a irmã na congregação a 29 de janeiro de 1864; recebeu o hábito religioso a 14 de maio de 1865 — assumindo o devoto nome de irmã *Maria Fedele di Gesù* — e fez a sua profissão solene a 27 de outubro de 1868. O fundador, antes de morrer, enviá-la-á como primeira superiora para a casa de Rovigno d'Istria, encargo que manteve antes de passar para a direção da sede de Orzano até 1918. Faleceu em Udine a 29 de julho de 1921. Desta estimada religiosa resta-nos o seguinte testemunho sobre o Pai:

« *A falecida mãe Fedele relatou muitas vezes que o Pai aproveitava cada ocasião para instruir as pessoas simples sobre as verdades da fé; e que cada vez que se aproximava de um operário ou de uma pessoa estranha, com santa ingenuidade, procurava elevar o seu pensamento a Deus, sugerindo uma pequena oração para encontrar alívio numa doença, uma jaculatória a são José para obter trabalho, ou uma breve reflexão sobre o Crucifixo para conseguir suportar os conflitos na família.* »

Na *Casa das Derelitte* tinha sido acolhida também uma outra parente de Dom Luigi, Maddalena Baldovini, filha de uma prima do senhor Domenico, Regina Scrosoppi, que a tinha deixado órfã em 1845. Também Maddalena tinha entrado na congregação em 1864 e, no momento da vesticão em 1866, tinha assumido o nome de irmã Antonia, provavelmente em memória da mãe do fundador. Contudo, devido a problemas de saúde, foi obrigada a regressar à casa paterna antes de poder professar os votos.

Sem dúvida, o padre Scrosoppi ficou profundamente dolorido pelo luto que atingiu o primo Giuseppe Angelo. Este último, que levava por diante o negócio familiar como ourives, tinha-se casado com Giulia Rossi de Osoppo, com a qual tinha tido quatro filhos varões e duas mulheres. O primogénito chamava-se Girolamo Marino Giuseppe. Embora o costume o empurrasse a continuar a empresa do seu pai, escolheu antes o caminho do sacerdócio. Quem sabe se para o inspirar não teria sido precisamente a admiração pelo padre Luigi? Era já estudante de teologia, embora não tivesse recebido ainda as ordens sagradas, quando a morte o arrebatou a 16 de junho de 1857, com apenas vinte anos e meio. É lícito perguntarmo-nos se o padre Scrosoppi não esperava tê-lo ao seu lado na

congregação filipense e nas atividades caritativas; sentia de facto uma grande necessidade de um colaborador jovem e de confiança.

Precisamente naqueles dias, as Irmãs da Providência preparavam-se para dar o seu primeiro passo fora do núcleo original udinense (ou seja, a levantar o primeiro voo fora do ninho).

Monsenhor Andrea Casasola, bispo de Concordia

A 23 de setembro de 1855, o papa Pio IX designou bispo de Concordia monsenhor Andrea Casasola [4], anteriormente docente no seminário de Udine e, a partir de 1853 — na sequência do falecimento de monsenhor Darù —, vigário geral da arquidiocese. De 6 de abril a 18 de junho de 1856, tomou parte nas conferências do episcopado lombardo-vêneto em Viena, onde recebeu a consagração episcopal a 18 de maio do núncio apostólico, o cardeal Viale-Prelà (então eleito arcebispo de Bolonha), juntamente com monsenhor Trevisanato e monsenhor Romilli, arcebispo de Milão. Devido a estes compromissos, a sua entrada oficial na diocese de Concordia foi adiada para o dia 24 de agosto de 1856.



Mons. Andrea Casasola, arcebispo de Udine, amigo e defensor do pe. Luigi e da sua obra.

[4] Nascido em Buia (Udine) em 1806 e falecido em Rosazzo em 1884. Bibl.: Limitamo-nos a assinalar: Il Cittadino Italiano, 18-19 de maio de 1881; Ricordo delle feste giubilari di SE. Mons. Andrea Casasola, Udine 1881, pp. 50; B. FEDRIGO, In morte di... parole, Udine 1884, pp. 46; L. MUSSINANO, Elogio funebre..., Udine 1884, pp. 38; P. MENIS, Andrea Casasola arcivescovo di Udine, Udine 1958, pp. 24; G. BIASUTTI, Sacerdoti distinti..., Udine 1958, pp. 20-23.

Apenas dois anos mais jovem do que o padre Luigi, monsenhor Casasola estava unido a ele por uma profunda amizade e conhecia perfeitamente o espírito que animava a sua congregação religiosa. Pode-se dizer, portanto, que tinha acabado de chegar a Portogruaro, sede do bispo de Concordia, quando concebeu a ideia de chamar as Irmãs da Providência para trabalhar no hospital da cidade. Até àquele momento, a estrutura era gerida por pessoal leigo assalariado (mercenário), encontrava-se numa fase de decadência e não conseguia responder adequadamente às necessidades de saúde que cresciam de dia para dia. Ele deve ter envolvido o padre Luigi no projeto já por volta do fim de 1856; consideramos de facto que a autorização para celebrar a missa fora da diocese por dez dias (« *ad decem dies* »), concedida pela cúria de Udine a 3 de fevereiro de 1857, se refere precisamente a uma viagem deste último a Portogruaro.

As negociações revelaram-se imediatamente promissoras. O Padre pensou logo em preparar com cuidado algumas irmãs para a delicada missão que estavam prestes a empreender. Enviou, por isso, quatro ou vem cinco delas para Gorizia, a fim de que aprendessem os métodos de assistência aos doentes naquele hospital de beneficência, então dirigido pelas Irmãs de São Vicente de Innsbruck. Entre elas estavam certamente a irmã de coro Cristina Borghese e a irmã conversa Orsola Del Medico.

xxx

O estágio das irmãs em Gorizia

« *Nos breves meses em que as boas irmãs* — escreve Tinti — *estiveram em Gorizia, não se pode descrever quanto aprenderam no seu treino sob a direcção daquela experiente mestra que era a madre Nepomucena Piccinini, superiora daquela casa. Ela ocupava as irmãs aprendizes nas tarefas mais fatigosas, humildes e repugnantes. Era necessária a sua sólida vocação para resistir às múltiplas provas que afrontaram naquele período ao curar as chagas, assistir os moribundos, amortalhar e vestir os cadáveres. A caridade, à semelhança da morte, vence tudo com a sua força. Fortis ut mors dilectio (ou seja, o amor é forte como a morte).* »

As breves anotações de Tinti são completadas de modo agudo pelas vivazes recordações da irmã Cristina Borghese — conhecida pelo seu típico lamento « *cospettina* » —, reproduzidas nos "*Cenni biografici"* citados várias vezes.

« *Às vezes* — lê-se no texto — *durante os momentos de recreação, as irmãs mais jovens pediam que lhes fosse contado o período de prática como enfermeira realizado em Gorizia.*

Madre — diziam-lhe — *o que aprendeu na* "*Beneficenza*" *de Gorizia com aquelas boas irmãs alemãs?*

Eh! — respondia ela com toda a naturalidade — *o que aprendi? De tudo; o que não sabia e o que na minha vida jamais tinha feito. Esvaziar os púcaros de noite: e ao fazê-lo sujava-me muito frequentemente, porque os esvaziava da maneira errada, e então, cospettina!, punha-me bonita de verdade! ... Depois uma chamava-me para refazer a cama, a outra para a lavar, uma terceira para a confortar, e quase sempre todas ao mesmo tempo. Estava realmente em dificuldades, cospettina!*

Madre — insistiam as irmãs — *mandaram-vos alguma vez tratar dos mortos?*

Cospettina, com certeza que me mandaram! Nada menos do que lavar um cadáver; e fecharam-me sozinha com a falecida, sem ninguém para me fazer companhia! Bem verdade é que a superiora me vigiava pelo buraco da fechadura para ver se eu cumpria o meu dever, mas eu não o sabia. Oh, meu Deus, isso sim é que foi um belo sacrifício (fioretto)! Mas fi-lo, cospettina! Quando porém pensava ter terminado e queria ir lavar as mãos, aquela bendita madre superiora, para me fazer vencer qualquer nojo, não me permitiu; e tive de ir almoçar com as mãos a cheirar a morte. Mas esfreguei-as bem no avental, e com o mesmo avental parti o pão, tendo cuidado para não me deixar ver pela superiora. Ah, bendito padre Luigi — dizia cá para mim —, *que Deus lho perdoe! Precisamente a Maria Cristina quis mandar para aqui. Paciência, tudo passa, passará também isto!* »

As irmãs, ao relato destas aventuras, riam de bom gosto, e continuavam com as perguntas.

« *Madre, diga-nos, o que vos davam de comer? Era cozinha alemã ou italiana? Ehhh!! Alemã, alemã!! Grandes pratos de massa, por exemplo nhoques redondos, bigoli, e com muita frequência um grande prato de macarrão. Cospettina de Diana, era preciso o estômago do florestal Margoni (personagem proverbial pelo seu apetite) para digerir toda aquela comida.* »

Outra irmã perguntava-lhe:

«Madre, com todo esse trabalho restava-vos depois tempo para rezar?

« *Certamente que rezava, mas quando ia para a capela juntamente com elas, não entendia outra coisa senão* "*Bitt für uns, bitt für uns*" *(ou seja, rogai por nós).*

Conte-nos, madre — prosseguiam as religiosas — *algo também de Maria Orsola (a Del Medico), que estava consigo na mesma sala. Tinha de fazer as mesmas coisas?*

Ohhh! A ela, que era irmã conversa, punham-na a esfregar os pavimentos o dia todo. Tinham-na confiado a uma irmã que falava um italiano canhestro. De vez em quando esta última, olhando com compaixão para a nossa conversa que vertia suor e apontando para o céu para a encorajar, exclamava: "*Bel Paratis, Manie Orzule, bel Paratis!*" *(ou seja,* "*Belo Paraíso, Maria Orsola, belo Paraíso!*"*).*

Finalmente — concluía a madre Cristina — *veio o padre Luigi buscar-nos para nos levar de regresso a Udine. Ohhh! esse sim é que foi um dia de festa para nós, cospettina! Todavia, jamais esquecerei aquelas excelentes irmãs e ser-lhes-ei sempre reconhecida pelo bem que nos fizeram. Ora viva! Seria uma ingrata se não o fosse.* »

Partida para Portogruaro

O conselho municipal de Portogruaro deliberou, a 19 de agosto de 1857, confiar às Irmãs da Providência « *o serviço, a alimentação, os medicamentos, a manutenção e a renovação dos móveis e utensílios, etc., necessários para a instalação* » do hospital; a

delegação provincial de Veneza ratificou tal decisão a 25 de setembro. A 9 de outubro, no palácio episcopal, na presença de monsenhor Casasola, do comissário de distrito, dos representantes do município e do diretor honorário do hospital, o padre Scrosoppi assinou o contrato com o qual eram confiadas às irmãs a assistência aos doentes e a administração interna do nosocómio (hospital). A reabertura da estrutura na sua nova forma estava prevista para o dia 15 de novembro.

Enquanto em Portogruaro se procedia com as aprovações burocráticas do contrato junto das autoridades civis superiores, o padre Luigi regressava a Udine para preparar para a partida o grupinho de sete ou oito irmãs destinadas a este novo campo de missão e para implorar do arcebispo — sem o consentimento do qual ele não dava nenhum passo — a sua paterna bênção. Numa carta de 14 de outubro, monsenhor Trevisanato expressou o seu pleno acordo ao pedido apresentado por monsenhor Casasola:

« *Desejo* — escrevia entre outras coisas — *que o Senhor abençoe esta santa empresa e mantenha em saúde as nossas boas irmãs, para que possam dedicar-se com ímpeto a uma obra tão útil e devota.* »

Num pós-escrito, encarregava o Padre de entregar uma outra carta anexa ao bispo de Concordia.

Pode-se portanto considerar que a partida ocorreu entre quinta-feira 15 e sábado 17 de outubro.

Era necessário pôr-se em viagem no coração da noite, por volta das três ou quatro horas da manhã, visto que era preciso cobrir cinquenta e seis quilómetros em carros capengas ao longo das estradas esburacadas e poeirentas da época. Tratava-se de um dia inteiro de viagem.

O fundador celebrou a Santa Missa e ofereceu o "*Pão dos fortes*" (ou seja, a Eucaristia) àquelas queridas filhas espirituais. Finalmente, entre um murmúrio (burburinho) de saudações intermináveis, chegou o momento da separação. Podemos facilmente imaginar que muitos rostos, tanto entre quem partia como entre quem ficava, estavam sulcados pelas lágrimas. A irmã Cristina terá certamente tentado levantar o moral com uma das suas habituais tiradas: — « *Vamos, vamos, não nos ponhamos a choramingar agora, cospettina!* »

Recebida a bênção da superiora, a madre Serafina Strazzolini, a caravana pôs-se em movimento num clima de oração. O padre Luigi viajava com elas.

Ao erguer do sol estavam já perto de Codroipo. Prosseguiram depois para a Baixa Friulana, além do rio Tagliamento, por entre os campos de milho já colhidos e as videiras de folhas raiadas de amarelo e de vermelho às margens da estrada. Embora no ar se respirasse o outono, nos seus corações era plena primavera!

Uma profecia para começar

Uma vez chegadas a Portogruaro, as irmãs não puderam instalar-se imediatamente no hospital, visto que os locais não estavam ainda totalmente prontos; foram portanto hospedadas durante um certo período no palácio episcopal. Este detalhe é-nos transmitido por uma declaração que se detém em descrever uma « *profecia* » do fundador

relativa à futura vocação de uma menina, uma certa Maria Liva de Latisana, nascida em 1850 de Giovanni Battista e Anna Mazzolini.

« *A pequena Maria Liva* — lê-se no documento — *, uma menina de apenas sete anos, encontrava-se em Portogruaro com a sua mamã e estava afetada pela febre quartã (ou seja, uma forma de malária que se manifesta a cada quatro dias). As Irmãs da Providência tinham entrado naquele hospital há apenas escassos dias; como o seu alojamento não estava ainda terminado, deviam deslocar-se para dormir no paço episcopal. Esta boa mulher acompanhava as religiosas à noite e ia buscá-las pela manhã.*

Um dia, enquanto estava em companhia da pequena Maria, encontrou-se com o bom Padre. Assim que viu a menina, ele colocou as mãos sobre a cabeça e disse: Custodiai-a, porque será minha filha. Em várias ocasiões teve oportunidade de encontrar-se com ela e cada vez o bom Padre repetia o mesmo refrão: Custodiai-a, porque será minha filha. E contudo a coisa parecia impossível, sendo ela filha única com quatro irmãos. A menina crescia e de vez em quando refletia sobre o significado daquelas palavras, sem conseguir chegar ao fundo da questão, visto que na sua mente as dificuldades aumentavam. Maria não sentia nenhuma atração pela vida religiosa; era uma rapariga vivaz e a ideia de se encerrar num convento não lhe agradava de todo.

Passados alguns anos, Deus chamou para Si a sua boa mamã. No leito de morte, ela disse ao marido com um tom quase imperioso: Não é oportuno que Maria permaneça aqui sozinha no meio de quatro irmãos. Confia-a portanto ao padre Luigi, no Casa das Derelitte em Udine, entregando-lhe a sua parte da herança. O pai lhe fez uma promessa e a mulher morreu serena relativamente ao futuro de Maria. O marido manteve a promessa e confiou ao padre Luigi a filha de quinze anos a qual, com o seu carácter exuberante, estava muito longe de pensar em fazer-se irmã.

Contudo o bom Deus, que a queria toda para Si, fez-lhe logo sentir o Seu chamamento. Ela acolheu-o e procurou corresponder com a oração e o desejo sincero de doar-se a Deus. Tinha dezanove anos quando, juntamente com outras duas companheiras, se apresentou ao padre Luigi pedindo-lhe para ser admitida ao probandato (ou seja, o período de prova). Foram apresentadas à madre geral e aceites; com imensa alegria foram admitidas entre as aspirantes. Eis que a profecia do bom Padre se cumpria. A jovem Maria — conclui o testemunho — *superou com mérito os anos de prova, recebeu o hábito e professou os votos; não apenas isso, tornou-se uma das prediletas do padre Luigi e viveu felizmente por mais de cinquenta anos de vida religiosa entre as Irmãs da Providência, com o nome de mãe Ottilia.* » [(5)]

A mãe Ottilia foi durante trinta anos sacristã na casa de Udine, onde faleceu a 8 de janeiro de 1927. Durante o processo diocesano, a irmã Eustochio Dorigoni cita-a como uma das testemunhas mais convictas da santidade do padre Luigi.

---

[5] O relato é de uma notável precisão histórica. De facto, dos registos da casa de Udine resulta que a Liva foi ali acolhida órfã a 4 de junho de 1862; e nas listas autógrafas do fundador figura admitida entre as aspirantes a 10 de dezembro de 1869, juntamente com Maria Mayerhoffer, Sr. Perpetua, e com Margherita Dorigo, irmã Brigida.

E no entanto, o Padre tinha-lhe infligido vários castigos por causa da sua natureza um pouco descuidada.

Exatamente em frente ao seu escritório, sobre uma prateleira, encontrava-se uma estatueta de são Luís. Para os lados da noite, a irmã Ottilia, no seu papel de sacristã, devia acender ali uma pequena lâmpada de azeite e deixar ao lado um daqueles pavios embebidos em gordura que os fabricantes de velas chamam "*acendedores*"; isto servia para que o Padre ou as irmãs pudessem tomar o fogo para acender todas as outras lâmpadas de azeite ou de petróleo da casa. Muitas vezes, porém, o acendedor desaparecia. O padre Luigi fez notar estas faltas à jovem irmã; ela garantiu-lhe a máxima precisão, atribuindo a culpa a alguma irmã distraída que deixava o pavio pela casa.

« *E o Padre: Presta atenção, porque quem esquece merece precisamente um castigo.* »

« *Sim, Padre, mas um castigo a sério! respondeu a irmã.* »

« *E que castigo lhe darias? perguntou-lhe o Padre.* »

« *O de ficar ali debaixo da estátua por um tempo com os braços abertos.* »

« *Muito bem, assim faremos, concluiu o Padre.* »

Poucos dias depois, o acendedor faltava de novo. O padre Luigi, apostado por trás da porta entreaberta do escritório, descobriu que a desmemoriada era precisamente a irmã Ottilia, surpreendida enquanto regressava em bicos de pés para voltar a colocar furtivamente sobre a prateleira o pavio esquecido quem sabe onde. Tocou-lhe portanto a ela ficar ali com os braços abertos enquanto as outras irmãs iam jantar.

Uma outra vez, enquanto acendia a lâmpada no refeitório, puxou com demasiada força o cordão do mecanismo (a roldana de guilhotina), fazendo cair o candeeiro que se despedaçou, espalhando o petróleo pelo chão. Desesperada, correu a pedir perdão ao Padre pelo seu descuido; pelo susto, conseguia apenas chamá-lo entre soluços da base da escada: — « *Pai, Pai!* » O fundador, inteirado do incidente, consolou-a oferecendo-lhe a sua própria limonada e depois disse-lhe: — « *Agora vai para o coro e reza um De Profundis com os braços abertos.* »

Trata-se de episódios mínimos, dos quais contudo emerge o quanto o padre Luigi era exigente inclusive nos pequenos detalhes, com o fim de incutir nas religiosas o amor pela ordem, a disciplina e o espírito de pobreza no cuidado dos bens da comunidade.

Mas voltemos a Portogruaro e observemos como se comportava aquele primeiro pequeno grupo de Irmãs da Providência. Elas mostrarão concretamente a medida do heroísmo impresso nas suas almas pela sólida formação recebida do seu Pai.

Trabalho e oração até à imolação

« *A madre Giovanna, condessa de Colloredo* — escreve o Tinti — *, em qualidade de vigária e diretora do hospital, juntamente com outras irmãs suas ia instalar-se na casa da dor e da caridade, com imensa consolação do bispo Casasola e do clero da cidade, e com sumo benefício para os pobres enfermos, que muito em breve experimentaram quanto alívio ao corpo e ao espírito trazem os cuidados maternos de quem, no doente, pretende servir a própria pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Devido ao novo regulamento do hospital, o número de internados duplicou, de modo que as poucas irmãs enviadas já não conseguiam suportar a enorme fadiga. Foi portanto necessário solicitar outras ao padre Luigi, como emerge da seguinte carta, que constitui um esplêndido testemunho do zelo daquelas irmãs para com os doentes e da sua total desconsideração, por espírito de sacrifício, da sua própria saúde. »

« *Prezadíssimo padre Luigi,*

Portogruaro, 11/12 de dezembro de 1857

Monsenhor bispo deu-me a ordem expressa de lhe escrever e de lhe pedir encarecidamente, em seu nome, que não se recuse desta vez a aceder aos seus desejos. Toda a cidade não tem senão palavras de louvor para o belíssimo efeito produzido até agora pelas zelosas e excelentes Irmãs da Providência; qualquer pessoa, entre conterrâneos e estrangeiros, que visite o hospital sai de lá maravilhada e comovida. Demos graças por isso ao Senhor e demos-Lhe louvor!

É contudo um facto reconhecido unanimemente por todos que, dadas as condições dos locais e a multidão dos enfermos, as irmãs são numericamente insuficientes. É firme vontade de monsenhor, portanto, que elas sejam aumentadas em pelo menos duas unidades: uma irmã conversa e a outra terciária ou, na pior das hipóteses, duas aspirantes que possam desempenhar as tarefas necessárias, tanto para o serviço à porta como para os recados na cidade, para a direção das lavadeiras e para muitíssimos outros deveres; mas sobretudo porque é fácil prever que as atuais não possam, sem um milagre evidente de Deus, conservar por muito tempo a sua saúde...

Hoje monsenhor bispo impôs-me reuni-las (chamá-las a capítulo), dar-lhes uma conferência e impor-lhes por obediência que se moderem relativamente às contínuas e ininterruptas vigílias noturnas, que nunca são compensadas com uma hora de descanso durante o dia. O fervor das irmãs e o seu comportamento despertam a admiração de todos, e o hospital foi transformado verdadeiramente numa casa religiosa.

A título informativo, não acredite que o pedido do bispo nasça de uma mínima queixa ou sugestão das irmãs; pelo contrário, elas nunca abriram a boca para pedir o que quer que fosse ou para se queixarem de nada, e tive de impor a autoridade da obediência para conseguir que as mais fatigadas se concedam o descanso necessário. Estamos pois à espera tanto da sua vinda como da ajuda invocada; contaremos o resto a ele pessoalmente quando ele voltar para estar conosco...

Abraçando-o no Senhor, sou o seu

Afetuosíssimo pe. Pietro Serravalle » [6]

[6] Piíssimo sacerdote, nascido em Viscone (Udine) em 1820; foi mestre de câmara de A. Casasola bispo de Concordia e director espiritual das Irmãs da Providência em Portogruaro; seguiu depois monsenhor Casasola para a sede de Udine, foi director da Pia Unione delle Figlie di Maria. Passou para a diocese de Gorizia em Viscone al Torre como confessor junto ao santuário de Madonna di Strada, faleceu em Medea em 1896.

Um velho casaco

« *O padre Luigi Scrosoppi* — prossegue Tinti — *acorreu pressuroso a Portogruaro com a ajuda invocada de outras irmãs, pois para ele até o simples desejo de um bispo valia tanto quanto um comando absoluto.* »

Dado que a carta de Dom Serravalle remonta a 12 de dezembro, a viagem do fundador — ocorrida provavelmente naquele mesmo mês ou, no máximo, nos primeiros dias do janeiro seguinte — realizou-se durante a estação mais gélida do ano. Talvez tenha sido precisamente em tal ocasião que aconteceu o episódio narrado por Tinti:

« *Chegado uma vez a Portogruaro em pleno inverno, vestido de modo ligeiro e todo a tremer de frio, não dava mostras de lamentos. Um sacerdote, percebendo a situação, ofereceu-lhe de presente um velho sobretudo, que ele aceitou com alegria para se identificar com um pobrezinho necessitado da caridade alheia.* »

O seu amor pela santa pobreza era, por outro lado, proverbial.

« *Ninguém conseguiu jamais* — contava a irmã Filomena Angeli — *fazê-lo calçar um par de sapatos novos. A tentativa foi repetida várias vezes, mas ele desejava e preferia os seus chinelos remendados ao infinito, que já tinham perdido inclusive a forma de calçado. Quando o sapateiro lhe devolveu as peças novas, ele agradeceu como se estivesse recebendo o presente mais precioso do mundo.* » E Tinti adiciona:

« *No vestir era pobríssimo, tanto que de nada serviam as astúcias das irmãs para o convencer a desfazer-se de um hábito gasto e consumido; se se apercebia de uma substituição secreta, devolvia imediatamente o vestido novo para reaver o velho remendado, lembrando constantemente às suas filhas a pobreza que reinava na gruta de Belém e na santa casinha de Nazaré.* »

Quando, à sua revelia, conseguiam fazer-lhe chegar um vestido ou um casaco novos, ele identificava logo, no vizinho seminário de Udine, um clérigo pobre a quem as peças assentassem bem; e ele voltava a cobrir-se de trapos, visto que se considerava de facto "*um trapo do bom Deus*".

Exigia das irmãs um idêntico espírito de pobreza em cada coisa, por vezes com gestos bastante resolutos.

Numa carta de 12 de março de 1878 — escrita após a visita a um hospital, provavelmente na região de Trentino — lamenta que a irmã encarregada da cozinha preparasse demasiada sopa e polenta, tanto como para ter de atirar as sobras « *até aos animais e às galinhas* »; e admoesta: — « *Não, é necessário preparar pouco e fazer bem o que se faz, bem cozinhado e condimentado com moderação.* »

Uma vez, descendo às cozinhas de Udine, viu um grande lume aceso inutilmente. Sem dizer uma palavra, virou por cima um belo balde de água.

Precisamente no hospital de Portogruaro começou a praticar a pobreza de um modo particular, que manteve depois por toda a sua vida durante as visitas aos nosocómios (hospitais) geridos pelas suas religiosas. Naquele tempo, nos hospitais eram internados habitualmente os enfermos mais pobres e sós, privados de uma família em condições de

os assistir. Pois bem, o padre Luigi pedia por caridade às suas irmãs para poder trocar a sua própria camisa com a do doente mais mísero, ou talvez o lenço, se possuíssem um. Não fazia isto apenas por amor da pobreza, mas porque no pobre via realmente Jesus e sentia que vestia as roupas do seu amado Senhor. Os santos acreditam sinceramente na identidade entre Cristo e o pobre. Talvez o afirmemos também nós, julgando-nos sinceros, mas perante a prova dos factos as nossas palavras revelam-se retórica, visto que uma troca desse género nunca a faríamos. Para os santos, pelo contrário, é uma verdade profundamente sentida e vivida.

O padre Luigi queria que as suas religiosas estivessem intimamente convencidas desta verdade. Por isso, quando chegava a Portogruaro — e posteriormente a outros locais — e encontrava uma jovem irmã que estava a começar, perguntava-lhe: — « *Já beijaste os pés dos doentes? Sabes que são os pés de Jesus!* » A irmã talvez os tivesse lavado, mas não tinha chegado a semelhante gesto de devoção. Então ele levava-a consigo para as enfermarias, beijava pessoalmente aqueles pés e depois pedia à religiosa que fizesse o mesmo.

Aquela bendita escada

É humanamente impossível reconhecer e servir a Jesus na figura do pobre e do doente sem possuir um espírito sobrenatural, alimentado e vigiado sem cessar.

Por esta razão, o fundador preocupou-se para que as irmãs unissem à dedicação laboral mais extrema uma intensa vida de oração, e para que pudessem encontrar na sua residência um oásis de paz semelhante ao de um convento de clausura.

As « *contínuas e nunca interrompidas vigílias noturnas* », citadas por Dom Serravalle na sua missiva, eram na realidade vigílias de oração: serviam em parte para recuperar as práticas religiosas comunitárias que a pesada carga de trabalho impedia durante o dia, e em parte para realizar as horas cíclicas de adoração perpétua que o padre Luigi tinha introduzido na congregação (e que aboliu para as horas noturnas apenas nos últimos anos de vida). Poder-se-ia afirmar que ao Padre não desgostava ver as religiosas consumirem-se como velas no binómio de trabalho e oração. O ímpeto heroico que tinha incutido nas suas primeiras filhas espirituais, e que por estas era partilhado com generosidade, fazia-o quase esquecer o inevitável desgaste das forças físicas. Por outro lado, naqueles primeiros tempos, não era sequer pensável poupar-se. Uma maior moderação tornar-se-á possível apenas mais tarde, com o aumento do número das irmãs; e tornar-se-á necessária quando o Padre — como ele próprio escreverá numa carta — vir a casa-mãe transformar-se numa espécie de enfermaria para as "*vítimas da caridade*".

Quanto ele considerava criar uma espécie de pequeno convento tranquilo — mesmo dentro do contexto frenético do hospital — onde as irmãs pudessem reencontrar o recolhimento e viver a alegria espiritual da vida comum, emerge claramente de um episódio que merece ser narrado detalhadamente. O facto em si é de modesta entidade, mas fornece uma luz preciosa sobre o seu método de governo e sobre a sua personalidade.

A 12 de janeiro di 1858, o padre Luigi escrevia ao comissário de distrito de Portogruaro:

« *Como é notório a este imperial régio ofício, desde o momento em que se estabeleceu que as reverendas Irmãs da Providência assumissem a direção interna deste hospital civil, foi reconhecida a necessidade indispensável e urgente de construir no estabelecimento uma segunda escada que, partindo do local no rés-do-chão marcado com o n.º 8 da planta, subisse até ao segundo andar.*

Tal necessidade está confirmada pela experiência quotidiana, tanto que o abaixo-assinado diretor deve insistir para que seja executada imediatamente. A falta desta escada causa às irmãs uma fadiga excessiva no serviço aos doentes, obrigando a aumentar o seu número em nada menos que duas unidades, com um dano evidente para a casa central; além disso, as irmãs não gozam da liberdade necessária para as práticas religiosas previstas pelo seu instituto.

Por estas razões, e desejando pôr em ordem os locais, o abaixo-assinado oferece-se para assumir pessoalmente a construção em madeira da escada em questão, pedindo uma compensação de apenas 300 liras a trabalho concluído, e requer a autorização necessária. »

A autorização foi concedida pela delegação provincial de Veneza a 19 de fevereiro e comunicada pelo *Podestà* de Portogruaro, o doutor Fabris, no dia 27, com duas solas cláusulas: que a obra não comprometesse a estabilidade do edifício e que não superasse o orçamento de despesa.

O Padre deu logo início à construção daquela "*bendita escada*". Contudo, antes mesmo de estar concluída, o comissário de distrito levantou objecções ao Município e este último escreveu ao Padre a 22 de abril, declarando que « *esta administração municipal tem o desgosto de ter de definir o trabalho como arbitrário e irregular, ordenando a sua suspensão à espera de ulteriores decisões superiores.* »

O padre Luigi respondeu a 30 de abril com uma carta que é um testemunho cristalino do seu carácter:

« *Surpreendeu-me e entristeceu-me* — escreve — *a nota de 22 do corrente mês n.º 939 dessa honrada administração municipal, relativa à construção de uma escada no hospital civil. Surpreendeu-me porque sou acusado de ter quase concluído a escada sem acordar com o Município e de a ter construído numa posição diferente da pactuada.*

A portaria municipal n.º 464 de 27 de fevereiro passado exclui claramente qualquer ulterior formalidade, afirmando explicitamente: "*Tanto se comunica para sua norma, a fim de que possa proceder à execução do trabalho*". *As únicas condições impostas eram não prejudicar a estabilidade do edifício e não superar a despesa de 300 liras; condições que foram respeitadas rigorosamente.*

É além disso singular a acusação de ter mudado de posição, após os repetidos acordos fiduciários e após ter esclarecido os motivos da mudança: ou seja, a menor perda de divisões úteis, a maior comodidade e o menor custo. Com o projeto original a despesa teria sido de 821,08 liras; com a modificação proposta baixou para apenas 300 liras.

Obtinha-se assim uma poupança de 521,08 liras, garantindo ao mesmo tempo a máxima comodidade possível às pobres Irmãs da Providência. Entristeceu-me depois profundamente porque eu, propondo esta obra com o único objetivo de prestar um

serviço útil, não podia imaginar sofrer a humilhação de receber censuras por presumíveis arbítrios ou irregularidades, sendo tratado da mesma forma que um comum empreiteiro de obras públicas.

Rogo portanto ao honrado Município reconsiderar as minhas propostas, feitas e aceites de boa-fé, e apresentar às autoridades competentes estas sinceras justificações. »

Da carta emerge o escrúpulo do padre Scrosoppi em respeitar as hierarquias, mas também a firme, quase orgulhosa, reivindicação da correção do seu próprio agir. Percebe-se a sua aversão por toda a forma de ambiguidade e a defesa da lealdade mútua, da « *boa-fé* ». Visto que os pactos não eram honrados, ele tinha assumido o encargo económico após ter obtido as licenças; e se tinha no coração a serenidade das irmãs, não tinha descurado o interesse do hospital. A firmeza do tom acalmava-se finalmente num gesto de humildade e respeito para com as instituições.

A controvérsia foi resolvida por um decreto da delegação provincial:

« *A escada interna do hospital, estando já quase concluída, poderá ser completada, tanto mais que, segundo o parecer técnico do engenheiro régio e a inspeção do conselheiro imperial, resultou plenamente conforme.* »

Por trás desta pequena história ocultava-se provavelmente uma hostilidade de cunho secularista para com as religiosas, que se manifestou com outros entraves semelhantes nos anos vindouros. Felizmente, para guiar as irmãs em Portogruaro estava a mãe Cristina Borghese, a qual sabia desenredar-se de cada dificuldade com sabedoria prática e um toque de humor.

Irmã Cristina, superiora excepcional

O fundador tinha colocado à frente do primeiro grupo de irmãs em Portogruaro a irmã Giovanna di Colloredo, certamente para que o prestígio do seu nome aristocrático servisse de travão às inevitáveis e rasteiras oposições. Pela mesma razão, nomeá-la-á superiora nos primeiros meses também na casa de Cormons, aquando da abertura em 1866. A Colloredo permaneceu sempre profundamente ligada ao hospital de Portogruaro, onde faleceu piamente a 4 de outubro de 1871. Todavia, já a partir de 1858, tinha-lhe sucedido no papel de superiora a irmã Cristina Borghese.

Sob a sua direção e graças à generosa dedicação das irmãs, as atividades procederam tão bem que a delegação provincial — como relata o Tinti — « *a 12 de setembro de 1859, vista a importância assumida pelo hospital..., declarou-o hospital civil público geral.* »

Nem ela foi poupada a incómodos e contrariedades. Os "*Cenni biografici"* relatam um exemplo divertido de como sabia livrar-se de embaraços.

« *A direção do hospital tinha projetado algumas modificações estruturais nas enfermarias dos doentes que à madre Cristina não agradavam de todo. Não querendo contudo entrar em aberto conflito, acompanhou pessoalmente o diretor, o senhor Boriero, que juntamente com o pedreiro devia estabelecer que janela emparedar ou que porta fechar.*

A madre Cristina deixou que falassem e dispusessem durante um bom pedaço; depois, cá para si, pronunciou o seguinte monólogo, mas num tom tal que o diretor pudesse ouvi-la: Cospettina, estou mesmo curiosa para ver como isto vai acabar: fecha aqui, barra além, o salão ficará cada vez mais escuro. Ora! ... Quer dizer que usaremos o senhor Boriero como candeeiro de iluminação pública.

Diante daquela inesperada tirada, o senhor Boriero retirou-se em silêncio para o seu escritório, abandonando definitivamente qualquer projeto de modificação. »

Monsenhor Tinti, que teve oportunidade de a conhecer e privar com ela durante muitos anos como cónego e vigário geral em Portogruaro, escreve sobre ela:

« *Admiravam-se nesta excelente superiora as duas qualidades recomendadas por Jesus Cristo: a simplicidade da pomba e a prudência da serpente. Afável no trato, indulgente ao julgar, mas sempre firme tanto ao obedecer como ao exigir obediência, geria magistralmente, com olhar atento e minucioso, a administração interna daquela grande família de sofredores, ganhando a estima de todos. Sempre calma e serena, mesmo nas maiores dificuldades, demonstrava com o seu exemplo quão suave é o jugo de Cristo e leve o seu fardo.* »

A 2 de fevereiro de 1887 as irmãs — na presença das autoridades e de muitos cidadãos — festejaram o seu quinquagésimo aniversário de vida religiosa. Naquela ocasião a madre Cristina, digna seguidora do padre Luigi no amor da pobreza, vestiu o seu primeiro hábito religioso, velho de meio século e tornado glorioso por inumeráveis remendos e cerzidos.

Nos últimos anos de vida, muitas pessoas iam visitá-la porque o diálogo com aquela veneranda religiosa infundia uma paz e uma serenidade fora do comum, enriquecidas por saborosas recordações ou observações agudas; ela, entretanto, continuava a tricotar ou a aviar outros pequenos trabalhos femininos, mesmo que os seus interlocutores fossem bispos, cónegos ou altas personalidades.

Em obediência à superiora geral a madre Cecilia Piacentini, deixou Portogruaro a 15 de outubro de 1890. Não foi uma data escolhida ao acaso: exatamente trinta e três anos antes tinha chegado de Udine com as primeiras irmãs. Regressou à casa-mãe, onde foi exemplo para as irmãs com as suas extraordinárias virtudes e as alegrou com os seus relatos pontuados pelo típico « *cospettina* ». Ali faleceu serenamente no Senhor a 5 de setembro de 1891.

Uma outra profecia do fundador

O padre Luigi nunca viajou muito. Sendo um homem inclinado ao recolhimento e ao ocultamento, como ele próprio desejava profundamente, era necessária uma verdadeira necessidade para o empurrar a mover-se de Udine. Contudo, a comunidade de Portogruaro teve o privilégio de o ver com uma certa frequência; os próprios cidadãos puderam admirar-lhe as virtudes, competindo com os udinenses em venerá-lo como um santo.

A recordação destes rápidos deslocamentos não nos chegou através de relatórios formais de crónica, mas sim por meio de histórias edificantes ou instrutivas que as irmãs gostavam de contar.

Por entre estas, recordamos uma em particular, na qual se quis vislumbrar uma outra profecia sua.

A própria protagonista, Filomena Angeli, nos conta sobre isso [7].

Estamos no início de 1870, quando esta pobre irmã adoeceu tão gravemente em Portogruaro que o médico sugeriu administrar-lhe os últimos sacramentos.

« *O seu único desejo* — relata uma antiga declaração — *, naqueles instantes extremos, era ver pela última vez o padre Luigi. A superiora escreveu ao Padre referindo-lhe a doença e o desejo da irmã, mas ele também estava doente e não podia levantar-se da cama.*

*Finalmente, no trigésimo sétimo dia de doença, a irmã teve a grande consolação da visita inesperada do bom Padre. Naquele dia as suas condições eram mais graves do que nunca, e contudo o bom Padre, aproximando-se do leito, disse-lhe: — Minha filha, vim para te conduzir à casa de Udine; por hoje começa a comer tudo o que te trouxerem; amanhã levantar-te-ás e depois veremos.

Ao ouvir a voz da obediência, a irmã respondeu prontamente: — Com o senhor, Padre, estou pronta para ir para onde quer que queira, porque se eu morrer estou certa de que encomendará a minha alma a Deus... No dia seguinte armou-se de coragem e, para obedecer, esforçou-se por se levantar. Contudo desmaiou e foi levada de volta para a cama; temendo o pior, foi-lhe trazida a Comunhão como viático. O venerado fundador, entretanto, continuava a rezar e a esperar.

Dois dias depois quis conduzi-la consigo para Udine; as irmãs levantaram-na em peso para a transportar para a sua carruagem, onde desmaiou de novo. O Padre e a irmã Orsola Del Medico, que viajava com eles, prodigalizaram-lhe todos os cuidados possíveis durante o longo trajeto de Portogruaro a Udine. Passado algum tempo a irmã voltou a si e o Padre interrompeu a sua oração incessante para lhe fazer beber alguns goles de leite.

Coisa extraordinária! De repente o Padre voltou-se para a irmã Orsola [8] — a qual estava um pouco fraca mas certamente não exausta como a irmã Filomena — *e disse-lhe: Tu, minha filha, prepara-te para morrer santamente! Depois, voltando-se para a irmã Filomena: Tu, pelo contrário, prepara-te para gerir a criação dos bichos-da-seda na nossa casa de campo.*

E assim aconteceu. A boa irmã Orsola, passados escassos meses, voou para o céu, enquanto a irmã Filomena, após cerca de um mês de cuidados, recuperou a saúde; a seu

---

[7] Filomena Angeli (irmã Filomena dei ss. Cuori, irmã conversa) nascida em Campo Denno (Trento) a 7 de agosto de 1835, entrou na congr. 18-11-1867. No registo autógrafo o fundador qualifica-a de « terciária » e não a elenca entre as noviças ou professas. De outro registo da congregação resulta que fez a vestição em 1870 e a profissão em 1876. Faleceu em Udine a 6 de dezembro de 1922.

[8] Del Medico Maria (sr. Maria Orsola degli Angeli, irmã conversa), nascida em Tarcento (Udine) a 22-1-1832, entrou na congr. a 16-6-1855, recebeu o hábito a 2-2-1857, professou a 6-1-1861, faleceu em Udine a 3-7-1870.

tempo foi-lhe confiada a tarefa dos bichos, que levou por diante durante oito anos consecutivos. »

A irmã Orsola Del Medico faleceu, de facto, a 3 de julho de 1870. A irmã Filomena, pelo contrário — uma mulher miúda proveniente do "*Val di Non"*, que parecia poder voar ao primeiro sopro de vento — foi durante décadas a porteira da casa de Udine, permanecendo talvez mais perto do Padre do que qualquer outra e tornando-se uma fervorosa testemunha da sua santidade.

Neste relato poderia chamar a atenção a franqueza com que o Padre avisou a irmã Orsola do fim iminente. Parece contudo que possuía o dom de infundir, juntamente com o grave anúncio, uma misteriosa serenidade. A própria irmã Filomena narra:

« *Uma pobre enferma, ignorando a gravidade do seu estado, adiava continuamente o momento de receber os últimos sacramentos. Uma irmã que a assistia estava muito preocupada, visto que o perigo aumentava e não queria entristecer a doente, à qual custava tanto morrer. Referiu portanto a coisa ao Padre, o qual se dirigiu logo para a doente e, com modos quase proféticos, disse-lhe: — Sim, prepara-te, porque em breve morrerás. Isto bastou para que a pobrezinha encontrasse a paz e se preparasse com imenso fervor para o grande passo em direção à eternidade. Dois ou três dias depois já não existia.* »

A palavra « *morte* », quando é pronunciada por um santo, perde toda a aspereza e enche-se de luz celeste. Ele diz « *morte* », mas na verdade quer dizer « *Jesus* ». A alma que escuta, esquecendo de repente todo o temor, é invadida por uma grande paz e dispõe-se com docilidade para o inefável voo em direção a Deus.

Aquele famoso casaco

Mencionámos o casaco oferecido em Portogruaro ao padre Luigi enquanto tremia de frio. Parece que mais tarde ele preferiu ao casaco pesado a samarra, para se proteger durante as estações mais rigorosas.

Mas, quer se tratasse de um casaco ou de uma velha samarra, a peça serviu-lhe primorosamente para pôr em prática alguma saudável burla "*à filipina*" (ou seja, no estilo alegre e humilhante típico de São Filipe Neri).

A irmã Osanna Tisot, quando era ainda noviça, dirigiu-se um dia de Udine para Portogruaro juntamente com o Padre e a madre vigária. Não era uma mulher vaidosa, mas — como se dizia — possuía um carácter um pouco exuberante « *son qua mi* » (ou seja, uma pessoa que tende a pôr-se em evidência), tanto que mais tarde foi apelidada de « *o comandante* ». Talvez durante o trajeto tivesse dado provas do seu temperamento audaz e o Padre pensou que era oportuno dar-lhe uma lição de humildade. Chegados ao santuário da *Madonna di Rosa*, perto de *San Vito al Tagliamento*, estava prevista uma paragem obrigatória, quer para fazer descansar os cavalos e os viajantes na vizinha hospedaria, quer naturalmente para dirigir uma saudação à Virgem. O padre Luigi ordenou-lhe que vestisse a sua própria samarra, de modo a expô-la aos risos e às partidas dos presentes. Ela não se fez rogar: fantasiada daquela maneira, dirigiu-se tranquilamente

à hospedaria e à igreja. Mais tarde, o fundador interrogou-a para saber o que tinha sentido com aquele tratamento. Ela respondeu:

« *Pensei que o Padre quer fazer-me festejar o carnaval mesmo que não o seja.* »

Àquele mesmo lendário casaco atribuiu, pelo contrário, um poder taumatúrgico (milagroso) a irmã Angela Rodaro [9], assistente geral desde 1899. A irmã Angela, chegada um dia a Udine vinda de Trento, sentava-se no locutório toda encolhida por causa dos graves problemas de estômago de que sofria habitualmente durante as viagens. O padre Luigi desceu, deu-lhe um licor reconstituinte e depois disse-lhe: « *Espera, Maria Angela, espera que te cubra* »; e colocou-lhe sobre os ombros a sua samarra desbotada. A partir daquele momento, a irmã não sofreu mais dos habituais problemas durante as suas deslocações.

A irmã Angela era uma pessoa totalmente alheia a lamentações ou à fantasia: distinguiu-se, pelo contrário, pela sua alegria e pelo seu sentido prático. E contudo, ela acreditou firmemente naquela cura: uma prova irrefutável da sua fé na santidade do venerado pai fundador.

Não podemos concluir este capítulo sem mencionar a humilde irmã Maria Agnese Candetti [10], que faleceu em 1878 no hospital de Portogruaro como vítima da caridade, durante uma das epidemias então recorrentes. Tinti escrevia em 1897 que a recordação dela era ainda vivíssima, ao lado da irmã Giovanna Francesca Colloredo, « *mortas ambas* — afirmava — *na brecha (ou seja, permanecendo no seu posto até ao último momento) naquele hospital cívico.* »



Portogruaro (VE). Hospital civil onde as Irmãs da Providência entraram em 1857.
Antiga igreja de S. Giovanni Evangelista anexa ao hospital civil. Nela algumas das primeiras Irmãs da Providência emitiram os votos religiosos após a aprovação da Santa Sé.

[9] Rodaro Domenica (sr. Maria Angela del ss. Redentore) nascida em Avasinis (Udine) a 3-10-1833, entrou na congr. a 25-1-1858, recebeu o hábito a 15-8-1859, professou a 24 de setembro de 1862, faleceu em Cormons a 29-5-1911.

[10] Candetti Maria, (Sr. Maria Agnese del Cuore di Maria) nascida em Udine a 16-2-1821, entrou na congr. a 30-1-1858, recebeu o hábito a 19-3-1859, professou a 2-8-1862, faleceu em Portogruaro (Veneza) a 6-6-1878. Para notas sobre ela veja-se Cenni biografici..., ms., vol. II, pp. 198-201.

Capítulo 4

O FUNDADOR ESCREVE AS CONSTITUIÇÕES E AS REGRAS DAS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA (1858-1862)

A guerra de independência de 1859

As Irmãs da Providência tinham acabado de se estabelecer no hospital de Portogruaro quando, a 26 de abril de 1859, estalou a Segunda guerra para a independência italiana. Nesta ocasião, ao lado do exército piemontês — entre cujos soldados militavam numerosos voluntários de Veneto e friulanos — combatia contra a Áustria um imponente contingente francês guiado por Mac Mahon, sob o comando direto do imperador Napoleão III.

Com o início do conflito, o padre Luigi não teve outro objetivo senão o de colocar em prática a santa caridade cristã.

« *O mesmo zelo* — escreve o Tinti — *que o venerável fundador tinha demonstrado com as suas irmãs para com os pobres feridos durante os levantamentos de 1848, foi por ele profundido também em 1859, quando os soldados austríacos, feridos na batalha de Custoza, foram em grande parte transferidos para Udine, cidade situada na fronteira. Também naquela circunstância as suas irmãs acorreram com a mesma premura para prestar a sua admirável assistência nos hospitais militares, demonstrando mais uma vez quanto benefício traz à saúde da alma e do corpo a presença da irmã ao leito do doente, especialmente se se trata de um soldado sofredor.* »

A guerra concluiu-se, como é sabido, com o armistício de Villafranca de 11 de julho, acordado por Napoleão III com os austríacos à revelia dos piemonteses. Com base em tal acordo, apenas a Lombardia era anexada ao Reino da Sardenha, enquanto o Vêneto permanecia sob o domínio austríaco. Naquele contexto era proposto de novo o ideal, já caro aos neogüelfos, de uma federação dos estados italianos presidida pelo Papa, na qual deveria participar também o imperador da Áustria em qualidade de soberano do Vêneto.

Contudo, os acontecimentos tomaram rapidamente uma direção diferente: em 1859 foram anexados ao Piemonte os ducados de Parma e de Modena, o Grão-Ducado da Toscana, as Legações pontificas e a Romanha. No decurso de 1860 sofreram a mesma sorte o Reino das Duas Sicilias, assolado pela expedição garibaldina dos Mil, e a Úmbria e as Marcas, invadidas pelas tropas piemontesas. No fim do ano a Itália já não era apenas uma « *expressão geográfica* », mas uma verdadeira unidade política. A este imponente e inevitável movimento de unificação resistiam já apenas o domínio pontifício — reduzido ao Lácio apenas — e o Vêneto, ainda sujeito à Áustria. A 17 de março de 1861 o Parlamento reunido em Turim proclamou solenemente o nascimento do Reino da Itália sob a dinastia dos Saboia; escassos dias depois, Camillo Cavour declarou necessário e indispensável que Roma se tornasse a capital do novo Estado.

Emergia assim em primeiro plano a chamada « *questão romana* », que culminará com a ocupação de Roma de 20 de setembro de 1870 e encontrará uma solução definitiva apenas com os "*Patti Lateranensi"* de 11 de fevereiro de 1929. Abriram-se setenta anos de laceração religiosa entre os filhos da mesma pátria, um período de mal-estar e de humilhação para os católicos italianos.

A fita tricolor levada sobre o peito pelo padre Luigi em 1848 testemunhava de modo eloquente o seu puro e fervoroso patriotismo. Mas como se comportará agora, diante desta complexa questão?

Padre Luigi indefectivelmente fiel ao Papa

Será talvez necessário reiterar que o impulso interior do cristão, e sobretudo do santo, não pode esgotar-se exclusivamente nos acontecimentos históricos em que se encontra a viver? A preocupação prioritária com o Reino de Deus inspira-lhe um particular desapego — e quereríamos dizer quase um certo sentido de « humor » — em relação aos reinos terrenos, sujeitos a mutáveis instituições políticas e a fronteiras geográficas em contínua mudança. A aspiração em direção ao Reino dos Céus confere ao seu caminhar neste mundo o sentimento insuperável do exilado, que sabe que não possui aqui baixo uma pátria estável, mas busca uma futura e eterna. Em termos mais simples, o culto devido a Deus, a liberdade da religião e da Igreja e o bem espiritual das almas encontram no seu espírito uma ressonância mais imediata e poderosa do que qualquer questão política, económica ou social. Embora permanecendo profundamente inserido no seu próprio tempo, é à luz de tais princípios e de tais impulsos espirituais que se formam os seus sentimentos e se cumprem as suas escolhas. Este, ao menos, era o pensamento do nosso pai Luigi.

A situação que se delineou nos anos 1859-61 colocava o clero vêneto diante de uma dupla perspectiva: uma de carácter limitado e prático, a outra que tocava um problema extremamente grave e delicado.

A primeira perspectiva dizia respeito à questão de se era «oportuno» para o Vêneto católico aderir aos movimentos de anexação ao Piemonte e ao Estado Saboiano, dada a concreta moldura política do momento. Para muitos, a resposta não podia senão ser negativa.

A 3 de outubro de 1859, o arcebispo de Udine, monsenhor Trevisanato, enviou ao clero uma circular « muito reservada », na qual afirmava:

« *Fui tranquilizado pelas autoridades superiores de que a facção adversa, a qual busca por todos os meios alimentar também nas províncias vênetas o desejo da anexação ao Piemonte, tenta trazer para o seu lado também o clero, sabendo quão influente ele é graças ao contato direto com o povo... Considero oportuno advertir com a máxima reserva os párocos particulares desta trama... Continuemos entretanto a rezar a Deus unanimemente para que, na sua misericórdia, guie e proteja a sua santa Igreja, sustente e conforte o Sumo Pontífice Pio IX e devolva a todos nós dias de paz e serenidade.* »

O motivo da recusa da anexação ao Piemonte era, portanto, de natureza puramente religiosa. As leis de política eclesiástica (as Leis Siccardi), o exílio e a prisão de diversos bispos — em 1860 foi encarcerado inclusive o cardeal De Angelis, arcebispo de Fermo

e futuro presidente do Concílio Vaticano I —, juntamente com a declarada hostilidade em relação à Igreja ou a irreligiosidade de algumas correntes risorgimentais, não podiam certamente atrair as simpatias do clero.

A Áustria, neste contexto, jogava um papel marginal. Meio século de governo austríaco não tinha criado no Vêneto um sentimento de lealdade incondicional: os levantamentos de 1848 tinham sido a demonstração disso. Pelo contrário, muitos comportamentos daquele governo tinham-no tornado bastante impopular. A acusação de ser « *austriacanti* » (pró-austríacos) foi dirigida a alguns quase por reação à desconsiderada política religiosa italiana, favorecida também pela habilidade da Áustria em propor-se progressivamente como baluarte da religião e da Igreja.

Contudo, sobre o padre Luigi — assim como sobre a grande maioria do clero — prevaleceu a segunda perspectiva: ou seja, o projeto de uma completa anexação do Estado Pontifício ao novo Reino. O Papa tinha lançado a excomunhão contra quem invadisse os territórios de São Pedro e reivindicava a sua própria soberania territorial como garantia de independência no exercício do seu magistério supremo. Para o padre Scrosoppi isto era suficiente: por isso ele permaneceu inamovivelmente alinhado com o Pontífice.

Ele permaneceu fiel ao Papa com uma foi inabalável no Vigário de Cristo. Costumava defini-lo como « a boca de Deus » e a sua emoção ao falar dele era tal que — como referem as testemunhas — « *parecia que dançava* ». Fazia recitar todos os dias a oração especial pelo Papa composta por Pio VII e aparecia visivelmente feliz cada vez que podia relatar um triunfo ou uma consolação recebida do Sumo Pontífice.

Teve por Pio IX uma ternura filial, considerando-o em vida como um mártir e venerando-o depois da morte como um santo, recorrendo pessoalmente e convidando outros a recorrer à sua intercessão.

A 19 de março de 1860 o arcebispo de Udine emanou « *uma comovente encíclica arcebispal* — escrevem os atos do capítulo [1] —, *com que sua excelência reverendíssima excita todo o clero a oferecer generosamente o dinheiro de são Pedro para socorrer o santo Padre posto pela revolução nas mais graves estreitezas.* » Para este fim foi instituída a confraria de São Pedro Apóstolo, que devia difundir-se em cada paróquia. Entre os doadores de Udine merecem ser recordados dois sacerdotes exemplares: o padre Pietro Benedetti e o padre Luigi Fabris [2], os quais ofereceram cada um o seu próprio relógio!

O padre Luigi não foi segundo a ninguém nesta devoção para com o Pai comum. Além de participar nas coletas públicas para dar o bom exemplo, encontrou o modo — apesar das prementes necessidades das suas obras caritativas — de subscrever ao débito público pontifício pela soma, na época considerável, de 1500 liras.

---

1 Actos do capítulo, vol. X (1839-1858), c. 16 (A.C.U.).

2 Udinense (1812-1879), exerceu a sua actividade no seminário como professor de gramática e humanidades, e como prefeito dos estudos até à sua morte. Promoveu após 1866 a retoma católica no Friuli fundando La Madonna delle Grazie, o primeiro jornalzinho dos católicos friulanos, iniciando o movimento da Acção Católica, do qual foi o primeiro assistente. Linear no seu pensamento: pela liberdade da Igreja contra o josefinismo, com o Papa e a Igreja em cada campo. Foi no seu tempo um dos sacerdotes friulanos mais cultos com uma vasta produção literária. (Cfr. G. BIASUTTI, Sacerdoti distinti..., pp. 36-38).

A irmã Gioacchina Gremese relatava dele:

« *O seu respeito e o seu amor pela Igreja e pelo Santo Padre eram imensos. Sofria e chorava quando a Igreja era perseguida, intensificando as orações e as penitências. O mesmo pedia para fazer às irmãs e às meninas. Estas — e a Gremese estava entre elas — chegavam a privar-se inclusive do pedacinho de pão do lanche da tarde para economizar e enviar algumas moedas a mais como óbolo ao Santo Padre.* »

O Tinti escreve outrossim:

« *O coração sensível do pai fundador, tão atento a cada desventura do próximo, era do mesmo modo atingido pelos trabalhos da Igreja católica e da sua cabeça visível. A perseguição aberta contra as congregações religiosas, a espoliação do domínio temporal do Papa e dos bens eclesiásticos, o triunfo da maçonaria que tomava o controlo da imprensa, da escola e das instituições sociais, eram feridas profundas para a alma do padre Luigi. Pelo Romano Pontífice ele teria dado a vida, com tanto que adoçasse a amargura causada pelos seus inimigos.*

O padre Luigi sofria, fazia penitência e oferecia-se como vítima de reparação pelos tristes acontecimentos que atingiram a Igreja na Itália entre 1859 e 1870. Participava tão profundamente do luto eclesial que, daquele momento em diante, proibiu às orfãzinhas do seu instituto os habituais festejos de carnaval, já que considerava inaceitável que os filhos da Igreja fizessem festa enquanto a sua cabeça sofria na tribulação.

Por este motivo ordenava às irmãs e às meninas orações especiais, comunhões frequentes e visitas fervorosas ao Santíssimo Sacramento; além disso, enviava pessoalmente ou por meio da congregação a sua generosa contribuição económica acompanhada de afetuosas cartas ao ilustre prisioneiro do Vaticano. »

Quem não for capaz de compreender a partir de dentro o drama vivido pelos católicos e pelo clero vêneto daquele tempo — chamados a aderir a um movimento que parecia querer atingir de morte a Igreja e a independência do Papa — poderia formular juízos superficiais ou presunçosos. Contudo os crentes, mesmo num contexto hoje muito diferente, não podem senão ficar comovidos. Não era uma mania política que movia o padre Scrosoppi e os humildes sacerdotes da época, mas sim um sagrado fervor de fidelidade ao Papado. É fácil respeitar o Papa quando goza de um prestígio universal, mas amá-lo e segui-lo nas horas mais escuras é o verdadeiro banco de prova para cada católico. E o padre Luigi tê-lo-ia feito — como recorda o Tinti — até ao extremo sacrifício.

Por que o padre Scrosoppi se dispôs a escrever as constituições e as regras

O amor profundo para com o Papa deve ter desempenhado um papel fundamental ao empurrar o padre Luigi a redigir as constituições e as regras para a congregação das Irmãs da Providência. Ele desejava ardentemente a bênção e a aprovação do sucessor de Pedro para que, como para são Paulo, a sua obra não resultasse vã. Numa época em que muitos se afastavam da Igreja ou traíam a sua própria fé, ele quis que as suas filhas espirituais estivessem ligadas por um vínculo indissolúvel à Sede Romana.

Naturalmente, influenciou também o facto de a congregação estar a crescer: com a abertura da casa de Portogruaro, ela saía dos limites da arquidiocese de Udine, assumindo um carácter interdiocesano do qual, contudo, o padre Luigi pareceu quase esquecer-se na redação dos documentos.

Não foi o número das irmãs que ditou tal necessidade — eram então apenas uma trinta entre coristas, conversas, terciárias e noviças — mas sim o seu progresso interior.

Aquelas mulheres, inicialmente um grupo heterogéneo de oblatas de caridade, tinham-se transformado numa verdadeira compagine religiosa.

Até àquele momento, a vida espiritual do grupo tinha sido guiada por três documentos principais:

1. O regulamento para a *Casa das Derelitte* (1840), que continha as primeiras normas para as professoras.
2. As regras para as professoras (1848), que o abade Pirona tinha julgado demasiado próximas do estilo monástico.
3. O « *Convocato a Capitolo* » (23 de dezembro de 1848), que tinha sancionado a comunhão dos bens.

Contudo, estas normas já não eram suficientes para conter a chama espiritual irradiada pelo fundador.

Assim, após se ter ocupado do restabelecimento da congregação filipense entre 1854 e 1856, o padre Luigi dedicou-se a partir de 1857 à "*fundição*" de todo este material espiritual no código das constituições e, sobretudo, no molde de ouro das regras. Ao anoitecer de 1861, a obra estava concluída.

O Tinti relata-nos de modo conciso como se chegou à redação definitiva das regras, pondo bem em relevo que o maior impulso foi ditado pelo desejo de obter a aprovação do Pontífice.

Os colaboradores e o autor das regras

« *O padre Luigi* — escreve o Tinti — *desejava ardentemente que a congregação das Irmãs da Providência recebesse a aprovação definitiva do Romano Pontífice. Por este motivo, dedicou-se à redação das constituições e das regras que, segundo o seu juízo, pudessem responder melhor ao desenvolvimento da sua obra caritativa. Para se fazer ajudar nesta empresa, chamou o culto sacerdote Francesco Fantoni, que tinha sido um estimado professor no seminário e que dedicou depois toda a sua vida à pregação e à delicada tarefa de diretor espiritual das senhoras Dimesse e de outros institutos piedosos...*

Scrosoppi e Fantoni, animados pelo mesmo desejo de se santificarem através do serviço ao próximo, permaneceram sempre ligados por uma profunda amizade fraterna, que trouxe a ambos grandes benefícios espirituais.

Poderia parecer uma tarefa fácil escrever constituições e regras para uma congregação, se nos detivermos a olhar apenas para a pequena dimensão do livro que

as contém ou se acreditarmos erroneamente que são os homens que devem servir as leis, e não o contrário.

Os dois sábios sacerdotes não pouparam fadigas: realizaram inicialmente numerosas viagens para visitar e estudar institutos semelhantes à congregação da Providência; procuraram os textos legislativos de outras famílias religiosas e, por fim, consultando-se com a madre superiora (irmã Serafina Strazzolini), a vigária e a mestra das noviças (irmã Teresa Fabris), redigiram com paciência as normas adaptadas ao fim do instituto. Só Deus, como testemunha uma irmã anciã, sabe quantas fadigas, privações, sofrimentos, humilhações, orações e constantes penitências custou este trabalho ao nosso venerado fundador! »

Não temos detalhes precisos sobre as « *muitas viagens* » mencionadas por Tinti, mas podemos certamente considerar que o padre Luigi, com a sua proverbial prudência, se informou amplamente e guardou como tesouro a experiência e os conselhos de outrem.

Contudo, as regras — e de modo particular estas — brotaram diretamente do seu coração. A tal propósito é extremamente reveladora uma carta que ele escreveu muitos anos mais tarde, a 21 de outubro de 1881, a uma superiora:

« *...O meu único desejo é ver todas precisas em observar as santas regras. Antes de as escrever, roguei longamente a Mãe (a Nossa Senhora), a são José e a são Caetano a fim de que me iluminassem para as redigir bem. Desejava que a sua observância levasse a uma prática contínua das virtudes, acumulando méritos para a eternidade e tornando as almas das irmãs cada vez mais caras a Jesus, o seu divino esposo. Eis a razão pela qual insisto tanto neste ponto, convencido de que também a vós vos interessa. Sejam como tantos anjinhos, e sê-lo-ão certamente se praticarem exatamente estas santas regras.* »

Considerando a profunda humildade que caracterizava o fundador, não se pode senão ficar surpreendido com a importância e a eficácia que ele atribuía às regras compostas pelo seu próprio punho: entre as linhas emerge claramente a sua convicção de ter sido assistido pelo Céu durante a redação e de ter recebido quase uma garantia divina sobre a sua capacidade de santificar quem as observa.

Contexto histórico das constituições e das regras

A 15 de fevereiro de 1861, as constituições e as regras foram enviadas à Congregação romana dos Bispos e dos Regulares, acompanhadas por cartas do arcebispo de Udine, monsenhor Trevisanato, e do bispo de Concordia, monsenhor Casasola.

Poucos dias antes, a 2 de fevereiro, as Irmãs da Providência tinham enviado ao Papa cento e vinte liras em ouro com o seguinte endereço:

« *Beatíssimo Padre, As pobres Irmãs da Providência em Udine, vossas devotíssimas e amorosíssimas filhas, dolentes e aflitas por vos verem imerso em tantas e tão amargas tribulações e afãs, não cessam dia e noite de suplicar ardentemente ao Sagrado Coração de Jesus, seu divino esposo, que vos queira libertar deste lagrimoso estado com o ansiado triunfo da vossa dileta Esposa! Ah! Pai Santo, abençoai os votos destas vossas filhas, e os tristes dias mudar-se-ão em dias de alegria. Aceitai, Pai Santo, o óbolo que*

vos oferecem estas vossas filhas e dignai-vos conceder à sua congregação a bênção apostólica, para que possa resvalar melhor para maior glória de Deu e santificação das almas. »

O breve pontifício de agradecimento e bênção data do dia 6 de março posterior.

O padre Luigi e o seu irmão pe. Giovanni Battista enviaram separadamente o seu próprio óbolo, acompanhado por « *respeitosíssimas cartas* », nas quais devia fazer-se alusão às obras de caridade, visto que o Papa respondeu a 13 de abril de 1861:

« *Rendemos-vos merecidas graças, ó diletos filhos, rogando suplicantes a Deus, autor de todos os bens, a fim de que conceda a vós e às vossas instituições toda a prosperidade espiritual e temporal.* »

O pe. Scrosoppi contava muito, para uma pronta aprovação, com o apoio do cardeal Fabio Asquini [3], nativo de Fagagna no Friuli, que era então prefeito da Congregação dos Ritos; e, embora não se tenha deslocado pessoalmente a Roma, manteve correspondência com monsenhor Rizzari, o qual nos primeiros dias de fevereiro de 1862 lhe assegurou que o assunto chegaria a bom porto em poucos dias. A espera tornou-se dolorosa.

A 23 de março, o pe. Luigi escrevia a monsenhor Jacopo Tomadini, cónego de Cividale, que naquele tempo se encontrava na capital da cristandade:

« *Prezadíssimo Dom Giacomo e amantíssimo amigo, esperar e não vir é uma coisa de que morrer. Precisamente nesta posição me encontro eu. Cada dia me parece um mês. Não duvido do seu grande interesse e da sua grande cuidado por ver o fim do assunto das nossas irmãs, pelo que não deveria escrever a este propósito.* »

Mas ainda assim lhe escrevia, rogando-lhe que agilizasse as coisas de modo que a aprovação pontifícia chegasse antes da Páscoa, que naquele ano caía a 20 de abril. De facto, tinha acontecido algo novo: o arcebispo de Udine, monsenhor Trevisanato, tinha sido preconizado patriarca de Veneza.

« *Devendo o nosso arcebispo* — dizia o padre Luigi — *imediatamente após as santas festas da Páscoa deixar a nossa arquidiocese para se deslocar ali a fim de assistir à canonização dos santos mártires japoneses e depois passar à sua residência como patriarca de Veneza, se antes das santas festas da Páscoa não chegarem as constituições aprovadas, não se poderá efetuar a tão ansiada função para a bênção do Vigário de Jesus Cristo sobre esta nova congregação religiosa com a renovação solene dos votos por meio do Ilmo. e Revmo. monsenhor arcebispo, ao qual tanto interessa esta congregação de esposas do divino Cordeiro. Estas e outras razões procure apresentar perante esse Ilmo. e Revmo. monsenhor Rizzari para o mover a terminar o assunto antes da Páscoa.* »

O fundador não o sabia, mas tudo tinha já sido feito. A 7 de fevereiro de 1862, Sua Santidade Pio IX tinha feito emitir o chamado « *decreto de louvor* », adiando contudo a

[3] Nascido em Fagagna em 1802, faleceu em Roma em 1878. Vice-delegado em Ferrara, delegado em Ancona, núncio em Nápoles, secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, patriarca titular de Tarso, foi criado cardeal em 1845. Obteve de Gregório XVI a restauração do arcebispado de Udine (bula de 14-3-1847); contribuiu para o reconhecimento do culto da beata Elena Valentinis. (Cfr. G. BIASUTTI, Ibid., pp. 5-6).

aprovação das constituições « *para um tempo mais oportuno* ». E a 22 de março, a Congregação romana tinha enviado o decreto ao arcebispo de Udine, com esta postila:

« *Quis além disso Sua mesma Santidade que se lhe comunicassem algumas observações feitas às constituições de dito instituto, as quais, tal como estão, não podem aprovar-se: cujas observações estão contidas nos anexos papéis, a fim de que possa vossa senhoria instruir disso as irmãs para as oportunas emendas.* »

O padre Luigi, com imediata docilidade, fez as correções solicitadas a tambor batente, e devolveu a Roma as constituições emendadas a 6 de abril, na ingénua esperança de que com a mesma celeridade fossem aprovadas. Contudo, o pacote nunca chegou a Roma, talvez vítima inocente da confusão política da época.

Em Udine soube-se do extravio quase sete anos mais tarde; e monsenhor Casasola, tornado já seu arcebispo, enviou outra cópia à Sagrada Congregação a 15 de março de 1869, solicitando com uma carta amplamente laudatória de 25 de outubro do mesmo ano a aprovação das constituições corrigidas, e uma carta semelhante tinha enviado o bispo de Concordia. A 22 de setembro de 1871, Pio IX « *aprovou e confirmou, segundo a forma dos sagrados cânones e as constituições apostólicas, o mencionado piedoso instituto..., adiando para tempo mais oportuno a aprovação das constituições, sobre as quais entretanto prescreveu algumas observações* »; e a 30 de setembro, a Sagrada Congregação enviava este segundo decreto junto com treze « *observações* » para ulteriores emendas.

Depois daquilo, o fundador não realizou nenhuma outra insistência para ver aprovadas aquelas benditas constituições. Obedeceu docilmente à vontade da Santa Sé que exigia « *um longo experimento* » e, se talvez lhe pesou, reconheceu certamente a sabedoria de tal pedido.

Apenas mais de seis anos após a sua morte, sob o governo da superiora geral madre Cecilia Piacentini, foi finalmente aprovado um texto bastante mais amplo das constituições e um mais reduzido das regras, por Leão XIII a 28 de agosto de 1891, com decreto da Congregação de 23 de setembro posterior.

A emissão dos votos de 7 de agosto de 1862

Embora o decreto de louvor tivesse chegado a Udine por volta do fim de março de 1862, a cerimónia inicialmente prevista para a Páscoa não teve lugar. Com toda a probabilidade, o padre Luigi preferiu esperar pela aprovação do novo texto das constituições, reenviado para Roma a 6 de abril precedente.

Algum tempo depois, apesar de não se terem ainda notícias do novo texto, o fundador foi encorajado a proceder de qualquer modo com a solene função. Em tal circunstância — talvez durante uma audiência concedida a monsenhor Trevisanato — Pio IX terá pronunciado as fatídicas palavras: « *Crescat pusillus grex* », formulando o voto de que o pequeno núcleo da congregação pudesse crescer e expandir-se. De tal exortação pontifícia faz menção monsenhor Casasola numa carta de 25 de outubro di 1869.

Consideramos que a este voto do Papa se liga o segundo envio do óbolo de São Pedro por parte das irmãs; um gesto de gratidão ao qual o Pontífice respondeu com um breve de agradecimento datado de 25 de junho. « *Fiéis à vossa instituição e à vocação para a qual fostes chamadas* — lê-se nele —, *com o estudo e a prática de todas as virtudes tornai Deus propício e misericordioso para com aqueles que se encontram na tribulação.* »

Doravante, portanto, podia-se proceder com passo seguro, fortes com o nome e a bênção do Papa.

« *Portanto* — escreve o Tinti — *o benemérito fundador fez instruir com muito cuidado as suas filhas relativamente aos deveres das religiosas, à importância da profissão dos três votos simples e à diligente observância das novas regras. Em seguida, declarou a todas as irmãs que estavam em absoluta liberdade de deixar a congregação caso não se sentissem prontas para o novo regulamento. Maravilha dizer-se! Embora tivessem sido deixadas livres para decidir autonomamente (in manu consilii sui), as irmãs não só aceitaram todas com entusiasmo, mas exultaram de coração vendo finalmente realizados os seus próprios ardentes desejos, felizes por emitir publicamente aqueles santos votos que já anteriormente renovavam em privado. Após terem celebrado com fervor os exercícios espirituais segundo o método de santo Inácio, a 7 de agosto de 1862, festa do seu celeste patrono são Caetano, vinte irmãs emitiram a profissão dos três votos na sua graciosa igrejinha, recebendo o sagrado anel esponsal das mãos de monsenhor Giuseppe Trevisanato, arcebispo de Udine.*

Foi aquela uma festa de paraíso para a comunidade inteira: imenso era o gáudio das novas professas com a grinalda de esposas sobre a cabeça, de igual tamanho a santa inveja que sentiam as noviças! O terno pai Luigi derramava lágrimas de alegria, e as irmãs sobreviventes recordam ainda com profunda emoção aquele dia memorável. »

Monsenhor Trevisanato, de facto, encontrava-se ainda em Udine; faria a sua entrada no patriarcado de Veneza apenas um mês mais tarde, a 8 de setembro.

O próprio fundador deixou escrito que ao comovente rito esteve « *presente sua excelência ilustríssima e reverendíssima monsenhor Giuseppe Luigi Trevisanato, patriarca de Veneza, que graciosamente aceitou presidir a esta solene profissão a pedido do ilustríssimo e reverendíssimo monsenhor Niccolò Frangipane, vigário capitular da arquidiocese de Udine.* »

« *Um espetáculo de igual modo doce* — continua o Tinti — *repetiu-se a 24 de setembro do mesmo ano na igreja de San Giovanni Evangelista em Portogruaro, onde o bispo Casasola recebeu a profissão dos três votos simples de cinco irmãs daquele nosocómio cívico. Foi precisamente por ocasião desta profissão que a congregação das irmãs, sob o patrocínio de são Caetano, adoptou o seu próprio cerimonial para a vesticão e a profissão, estabelecendo além disso prosseguir regularmente a salmodia em coro com o ofício da Bem-Aventurada Virgem Maria.* »



Cardeal Trevisanato, patriarca de Veneza. Ainda arcebispo de Udine recebeu nas suas mãos a primeira profissão religiosa das irmãs da Providência em 1862

Entrementes, a 10 de agosto, o capítulo tinha elegido como superiora geral a madre Teresa Fabris, que manteve durante quatro anos também o cargo de superiora da casa de Udine. A madre Serafina Strazzolini foi nomeada vigária geral, enquanto a irmã Luigia Dario se tornou mestra das noviças; em Portogruaro foi confirmada no papel de superiora a irmã Cristina Borghese.

A partir deste momento a congregação teve o seu primeiro protetor no cardeal Fabio Asquini o qual, durante uma breve visita ao nativo Friuli, visitou a casa de Udine, levando dela uma profunda estima e veneração pelo padre Luigi e pelas suas religiosas.

Observações gerais sobre as constituições e as regras redigidas pelo padre Scrosoppi

Após o desenrolar do processo diocesano finalizado para a beatificação do padre Luigi, a Congregação dos Ritos encarregou dois teólogos censores de examinar os seus escritos.

Por entre estes documentos encontrava-se uma nota na qual o primeiro dos censores identificou « *inexatidões não leves* — estas são as suas palavras exatas — *relativamente à definição de regras e de constituições dos institutos e das ordens religiosas. Em tal texto afirma-se* — prossegue o censor — *que as constituições representariam* "*as leis fundamentais da ordem*" *e que as regras* "*não são senão a explicação das constituições*"*, quando na realidade é verdade exatamente o contrário! Não sabemos contudo* — conclui

— se estas notas teóricas relativas às constituições são obra de um ou do outro dos dois cofundadores » [4].

O censor romano tinha sob os seus próprios olhos a cópia datilografada daquelas notas. Contudo, a análise da grafia do texto original revela que esta não pertence nem ao padre Carlo — desaparecido já há vários anos — nem ao padre Luigi. Resulta evidente que o autor foi uma personagem que permaneceu desconhecida, à qual o padre Luigi se tinha dirigido para obter esclarecimentos e conselhos por volta de 1858, precisamente antes de iniciar o trabalho de redação.

Em qualquer caso, o fundador estabeleceu entre as constituições e as regras esta precisa distinção: as primeiras tinham a tarefa de delinear os traços essenciais e a estrutura organizativa da congregação; as segundas, ao contrário, deviam custodiar o seu espírito profundo e sugerir, de consequência, o estilo de vida, as virtudes e os instrumentos ascéticos (ou seja, as práticas de aperfeiçoamento espiritual) do qual teria surgido o perfil espiritual típico das Irmãs da Providência.

É do todo natural que o padre Luigi se tenha dedicado principalmente às regras, no interior das quais transferiu toda a sua própria intensidade espiritual. Em mérito a estas, o segundo teólogo censor exprimiu um juízo que não poderia ser mais elogioso:

« *Representam um exemplo a ser retomado fielmente para a criação de outros eventuais institutos, visto que no seu interior ele não descurou nada, nem sequer os mais mínimos detalhes, de tudo aquilo que pode resultar necessário para o crescimento espiritual e a formação de uma religiosa* » [5].

É importante notar que tal valoração foi exprimida mais de setenta anos após a redação operada pelo padre Luigi.

O conteúdo das regras permaneceu substancialmente idêntico inclusive no pequeno volume publicado em 1892, apesar de a forma expressiva e a subdivisão dos capítulos terem sido sensivelmente modificadas. Uma vez eliminadas as citações das Sagradas Escrituras em língua latina, nas quais o padre Luigi se tinha apoiado com grande convicção, e removidas algumas passagens de natureza exortativa, as regras ganharam em fluidez e em precisão do ponto de vista do direito canónico e da forma exterior; contudo, isto ocorreu não sem perder, a nosso ver, um pouco daquela fragrância espiritual das origens.

No que diz respeito às constituições, o Pai tinha-as condensado em nove breves capítulos, que se tornaram depois vinte e oito na versão aprovada definitivamente em 1891. Aquele esquema sintético concebido pelo Fundador transformou-se num código jurídico bem estruturado, que mostra claramente a intervenção do seu sucessor, monsenhor Antonio Feruglio, perito em direito canónico e futuro bispo de Vicenza.

Em tempos recentes, as constituições foram submetidas a uma profunda reforma. Contudo, as regras de 1862 — em modo particular no que concerne às suas exigências

---

4 Positio super scriptis, p. 4, in Positio..., Roma 1975.

5 Ibid., p. 13.

de compromisso espiritual — deveriam manter um valor eterno, agindo como baluarte para custodiar com fidelidade a originalidade do ideal religioso proposto pelo fundador.

Se as regras receberam desde sempre um juízo extremamente positivo, sendo definidas como "*áureas*", face às constituições a Congregação dos Regulares avançou em contrapartida dezesseis propostas de modificação em 1862 e outras treze em 1871.

Não é nossa intenção recolhê-las aqui de modo analítico, visto que este volume não representa o lugar adequado para um exame comparativo tão detalhado.

É contudo indispensável tratar alguns destes pontos. Através da análise de um tema que poderia parecer, em superfície, árido e aborrecido, veremos resplandecer fragmentos de luz intensa, capazes de nos mostrar um padre Luigi no papel de precursor e de inovador na visão da vida consagrada.

As emendas romanas às constituições do padre Luigi

Aludimos brevemente a duas correções de natureza estritamente jurídica.

Nas suas constituições originais, o padre Luigi tinha continuado a considerar o arcebispo de Udine como o presidente e o pai da sua própria família religiosa. A congregação romana opôs-se justamente a esta abordagem, visto que as irmãs deviam depender do bispo sob cuja jurisdição se encontravam as casas particulares; concedeu-se apenas que o capítulo geral fosse presidido pelo bispo do lugar em que se reunisse, mas com a função formal de delegado apostólico.

Em seguida, a congregação fez retirar dos quadros diretivos a figura do sacerdote diretor, papel que até àquele momento era desempenhado pelo próprio fundador. O padre Luigi, na sua profunda humildade, não sentiu de todo ressentimento; pelo contrário, a partir daquele momento alegrou-se por conceder plena liberdade de ação à superiora geral e às suas conselheiras, ou seja — como se costuma dizer — de « passar as chaves » (ceder a gestão e o comando). Neste admirável gesto de se despojar da autoridade de fundador, para dar lugar a uma vigilância extremamente discreta de pai afastado, aplicou a si mesmo as palavras de são João Baptista:

« *Elas devem crescer e eu pelo contrário diminuir.* »

Em ambos os casos citados, o padre Luigi, embora compreendendo os novos desenvolvimentos da sua própria obra, tinha-se limitado a cumprir a organização original da *Casa das Derelitte*, cujos pilares eram precisamente o bispo de Udine como presidente e o sacerdote diretor.

Outras emendas proposta pela congregação romana pareceram-lhe contudo de maior relevo.

Ele tinha concebido a caridade integral como fim último da sua congregação, tanto porque a caridade lhe parecia como um dever por sua natureza ilimitado, como porque não queria absolutamente que as irmãs permanecessem fechadas no convento caso ocorresse uma qualquer calamidade. E assim tinha operado durante a revolução de 1848, a epidemia de cólera de 1855 e a guerra de 1859. Por esta razão, as constituições comprometiam as irmãs a oferecer os seus serviços « *em qualquer obra de caridade*

compatível com a condição de religiosas e mandada pelas circunstâncias, sempre contudo ao juízo do seu próprio ordinário. » Roma exigiu em contrapartida que o fim e o âmbito de ação fossem delimitados com precisão, mas o padre Luigi não se sentiu com ânimo de aportar tais restrições. Apenas no texto definitivo de 1890 este passo será suprimido.

O fundador estava convencido de que o Senhor podia chamar qualquer pessoa, em qualquer momento, a servi-Lo na figura dos pobres e dos sofredores. Por este motivo tinha estendido até aos trinta e cinco anos o limite máximo de idade para a admissão entre as irmãs: isto porque considerava que, superada aquela idade, as candidatas teriam mais facilmente necessidade de assistência antes que a capacidade de a oferecer. Além disso, ele não excluía as viúvas. Contudo, as emendas romanas reduziram o limite para vinte e oito anos e das viúvas não se fez já menção alguma.

Uma outra questão estava particularmente no coração do padre Luigi. Plenamente consciente da sublimidade da vocação, teria dado a vida para que cada religiosa sua permanecesse fiel até à morte na dedicação total ao Esposo divino. Ele contudo era igualmente consciente da fragilidade e da mutabilidade da alma humana. Por uma infinidade de razões, também um propósito santo e inicialmente sincero podia mais tarde enfraquecer ou desvanecer-se de todo. Pois bem, segundo ele não havia de que se escandalizar; nem se deviam absolutamente criar aqueles dramas ligados a vocações forçadas ou traídas. Com uma visão decididamente adiantada no seu tempo, o padre Scrosoppi desejava que o « serviço de caridade » permanecesse sempre como uma oferta alegre e nunca se transformasse num jugo insuportável. A jovem ou a mulher devia permanecer livre para se retirar com facilidade, sem delongas burocráticas e sem sentimentos de culpa, caso por qualquer motivo já não se sentisse capaz de prosseguir ou não fosse considerada idónea. Retirar-se-ia serenamente, feliz por ter doado alguns anos da sua vida inteiramente a Deus e aos pobres. Por este motivo tinha escrito: « *os votos são emitidos por tempo indeterminado.* » Com as alterações estabeleceu-se em contrapartida a duração de três anos para os votos das coristas e de um ano para os das conversas.

No texto original de 1861, o Pai tinha dividido as irmãs em três categorias: coristas, conversas e terciárias. A Sagrada Congregação, nas correções solicitadas a 22 de março daquele ano, tinha observado:

« *Será necessário refletir seriamente se é oportuno admitir terciárias, de modo que formem quase um grau distinto das conversas.* »

Naquele tempo, a única terciária era Domenica Batigello, a quem o padre Luigi chamava a « *providência visível* ». O Pai refletiu sobre a questão e considerou oportuno mantê-las, mudando apenas o seu nome.

« *Às irmãs coristas e conversas* — escreveu no texto corrigido — *adicionem-se as irmãs lidadoras (sorelle faccendiere), as quais, além dos ofícios internos mais humildes das casas, desempenhem também as tarefas externas, como as de encarregadas das compras, de procuradoras para a coleta e de outros serviços modestos.* »

Ele estava convencido de que também algumas pobres criaturas, talvez consideradas « *escombros ou trapos* » (pessoas à margem da sociedade) aos olhos do mundo e

aparentemente inadequadas para a vida comunitária, teriam podido tornar-se igualmente preciosas servidoras do Senhor. Por outro lado, o padre Luigi desejava que as irmãs, embora não estando obrigadas à rígida clausura tradicional, tivessem as menores relações possíveis com o mundo exterior; neste contexto, precisamente aquelas colaboradoras tornavam-se quase indispensáveis. Sabemos, por outro lado, que precisamente entre estes elementos a congregação viu esplêndidos exemplos de vida espiritual. O padre Luigi, embora querendo obedecer à suprema autoridade da Igreja, procurou proteger aquelas pobres filhas às quais não tinha coração para dizer: « *Vós já não fazeis parte da comunidade !* » Contudo, nas constituições de 1891, já não se fará menção alguma a estas figuras.

Um outro aspecto singular que despertou surpresa foi o artigo em que o Pai reconhecia às conversas o direito de participar no conselho com os mesmos direitos que as coristas. « *É uma novidade absoluta* — fez notar a Sagrada Congregação — *que ao conselho geral seja admitida até uma simples conversa.* » Evidentemente, o Pai não gostava de distinções demasiado marcadas entre as religiosas. Que importava se as conversas eram analfabetas ou pouco instruídas? O amor a Deus não se mede com a capacidade de ler, escrever ou contar. Ele inspirava-se certamente no dito evangélico segundo o qual os humildes e os ignorantes conquistariam o reino de Deus. Ele próprio encorajou paternalmente algumas destas almas simples a estudar e seguiu atentamente os seus progressos — como aconteceu com a irmã Filomena Suoch [6]. Em seguida, promoveu-as do grau de conversas ao de coristas. Nesta atitude não se pode senão admirar a sua extraordinária bondade para com as religiosas mais humildes e o seu espírito profundamente moderno.

Também relativamente à delicada questão dos sacramentos, o fundador manifestou ideias originais que o tornam um precursor da prática da comunhão frequente. Nas constituições tinha estabelecido:

« *Aproximam-se da comunhão em todos os domingos e nas festas de guarda, assim como nas festividades de nosso Senhor e da Santíssima Virgem embora não sejam de preceito, em todas as quartas e sextas-feiras do ano, no dia dos seus santos patronos e nos aniversários fixados pela congregação. Caso uma irmã deseje comungar fora dos dias estabelecidos, por uma necessidade ou por particular devoção, deve receber a permissão da superiora ou da vigária local.* »

A Sagrada Congregação observou a esse respeito:

« *Requer-se que as irmãs façam a comunhão três vezes por semana, além das festividades. Sendo isso considerado demasiado oneroso para as irmãs, estabelece-se que a comunhão deve ocorrer no máximo duas vezes por semana, deixando à sua vontade e ao conselho do confessor a possibilidade de uma prática mais frequente.* »

---

[6] Suoch Marianna (Sr. Filomena di S. Luigi) nascida em S. Pietro al Natisone (Udine) a 19-3-1834 (ou a 7-3-1836), entrou na congregação a 17-5-1856, recebeu o hábito a 15-8-1859, fez a profissão a 7-8-1862 e morreu em Udine a 13-5-1901. Assim lhe escrevia o Fundador em data de 20-1-1882: « As suas cartinhas foram-me muito caras, e consolei-me ao notar que a irmã melhorou muito o seu carácter, e que também os seus escritos exprimem bem as suas ideias. » (L. TINTI, o.c., p. 352, lett. 24). Para dados biográficos sobre ela, veja-se Cenni biografici..., ms., vol. II, pp. 226-276.

O padre Luigi obedeceu. E na sequência do decreto de 1871 foi introduzido entre as irmãs o hábito de comungar à quinta-feira e ao domingo. Na noite de quarta-feira, as irmãs costumavam cantar uma melodia em friulano da qual conservamos o incipit: « *Joibe l'è il dì d'amor — Quinta-feira é o dia do amor* ».

Contudo o Pai, anuindo aos pedidos das irmãs, dirigia-se frequentemente ao seu amigo e vigário geral, monsenhor Someda, para pedir a permissão de adicionar algum dia. E, segundo a tradição, regressava a casa cheio de alegria para anunciar a notícia: « *Amanhã teremos a santa comunhão!* » No padre Luigi não havia de facto rastro algum daquela mentalidade jansenista (ou seja, uma doutrina rigorista que via Deus como um juiz severo e tornava difícil o aproximar-se dos sacramentos) [7].

Na versão não corrigida das constituições, ele proibia as irmãs de se confessarem mais do que uma vez por semana. A Sagrada Congregação retirou esta proibição e inseriu um artigo sobre a necessidade de um confessor extraordinário. Também neste detalhe é fácil notar como o Pai procurava prevenir o desenvolvimento de consciências atormentadas pela ansiedade ou por escrúpulos excessivos, e aquela necessidade exasperada de procurar conselhos ou certezas a que o ânimo feminino pode por vezes estar inclinado. Ele desejava uma espiritualidade sólida, mas serena e confiante, como teriam sugerido os seus dois santos prediletos, são Filipe Neri e são Francisco de Sales.

A Sagrada Congregação tinha além disso precisado que a chamada « *acusação das culpas* » (a confissão pública das próprias faltas externas à regra) em público não devia ser admitida senão de via facultativa. No texto corrigido, o padre Luigi manteve contudo o seguinte artigo:

« *Todas as sextas-feiras, com exceção da Sexta-Feira Santa e daquela em que caia uma festa de preceito, as irmãs devem reunir-se para a acusação das faltas cometidas contra a regra ou contra outras disposições particulares impostas pela superiora ou pelas vigárias, e para verificar os progressos ou os atrasos na aquisição e na prática das virtudes.* » Tal artigo permaneceu, com leves modificações, também nas constituições de 1891.

Evidentemente, no pensamento original do Pai, existia a obrigação para cada irmã de realizar este ato público de humildade, visto que ele atribuía a tais gestos uma grande importância educativa. Se cada irmã, por muito idosa que fosse, devia pedir perdão de joelhos talvez a uma noviça por uma falta de cortesia privada, como podia não realizar o mesmo gesto pelas ofensas infligidas à regra comum? Adicionaremos que, além destas « *acusações* », as irmãs costumavam praticar a disciplina com o cilício (uma cordinha provida de nós), coisa que não deixava de despertar algum sorriso entre as noviças mais vivazes que estavam a começar. O Pai pretendia transmitir, juntamente com a humildade,

[7] No desenrolar da causa de beatificação, o segundo censor dos escritos do p. Scrosoppi tinha observado que alguns poucos trechos continham « inexatidões, pelo menos aparentes, que parecem manifestar uma mentalidade um tanto jansenista », mas adicionava que a doutrina pregada pelo nosso biografado « é perfeitamente ortodoxa, embora tenda ao rigorismo, como se usava naquela época na Itália setentrional ». Mais tarde, esses « alguns poucos trechos » foram vistos como reflexo do rigorismo do tempo « de que estavam influenciados os docentes, os manuais de teologia e as obras de pregação que se utilizavam nos seminários ». Pelo contrário, foi notado que ele difundiu desde 1828 o antídoto do jansenismo, isto é, a devoção ao Sagrado Coração, que praticou e inculcou a confissão e comunhão frequente, a devoção a Nossa Senhora, a prática da Via Sacra, o amor filial ao papa, elementos suficientes para afastar qualquer dúvida a esse respeito. (Cfr. Relatio et Vota, Roma 1977, p. 58).

o espírito de penitência. E se a alguma irmã custava compreender a importância destas duas virtudes, ele encontrava o modo de lhe aclarar bem as ideias!

Na décima terceira observação de 1871, a Sagrada Congregação fazia notar que nas constituições « *não se fala... da assistência espiritual e material que se deve oferecer às irmãs doentes, nem das orações de sufrágio que se devem rezar pelas irmãs falecidas.* » E é verdade que as constituições se calavam neste ponto, mas as regras não, precisamente por causa da visão pessoal do fundador citada anteriormente. Vale a pena recolher o que ele escrevia a esse respeito, para saborear um pequeno exemplo das regras brotadas diretamente do seu coração.

Às enfermas tinha dedicado o artigo 11 do capítulo VI:

« *As irmãs doentes serão objeto de cuidados e atenções particulares; as irmãs enfermeiras, guiadas pela caridade mais pura, oferecer-lhes-ão com afeto e prontidão os melhores serviços.* »

Contudo, fiel ao seu princípio de educar para a fortaleza de espírito, fazia seguir imediatamente esta Advertência:

« *Visto que uma excessiva preocupação com a saúde do próprio corpo poderia facilmente induzir as irmãs a procurar remédios e cuidados para qualquer mínima indisposição, o que poderia ser prejudicial em vez de útil para a sua saúde, não usarão medicamentos, nem consultarão médicos ou outras pessoas sem a permissão da madre superiora ou da vigária local, salvo o caso de um mal-estar súbito e grave, como por exemplo uma cólica violenta, uma febre perniciosa, um fluxo de sangue, etc.* »

O padre Scrosoppi não era certamente o tipo de homem que condescendia com quem gostava de se comprazer nas doenças e nos fármacos! E no entanto, a sua solicitude para com as irmãs realmente doentes permaneceu lendária. Ele pretendia que não se poupasse em duas coisas: o cuidado da igreja e tudo o que fosse necessário para as doentes.

Não seria ele mesmo, porém, se não tivesse dirigido uma das suas características exortações também às diretas interessadas. Fê-lo nos artigos 15-18 do capítulo IX.

« *As doentes* — escreve entre outras coisas — *esforçar-se-ão por ser exemplo para quem quer que as visite; darão prova de autêntica humildade e de paciência religiosa; usarão palavras devotas e construtivas, demonstrando de tal modo que aceitam o sofrimento que as aflige não só como vontade do seu Criador, mas como um dom precioso do céu, destinado a enriquecê-las e aperfeiçoá-las ulteriormente.* »

Ele próprio deu o exemplo: guardou os seus próprios males com ciúme, como se fossem tesouros preciosos, sem os deixar transparecer senão raramente a quem lhe estava próximo. Quem sabe quantas vezes terá repetido:

« *Minhas filhas, permanecer serenas quando se está de saúde qualquer uma é capaz; é a nossa fé que deve doar-nos a paz no momento da prova.* »

E as irmãs crescidas na sua escola demonstraram ter aprendido bem a lição. Os textos biográficos falam pouco das suas obras apostólicas, mas estão repletos de relatos sobre a sua heroica paciência durante as doenças.

Relativamente aos sufrágios (as orações pelos defuntos), o padre Luigi tinha dedicado o artigo 14 do capítulo VI das regras:

« *Por espírito de caridade fraterna, todas deverão, se possível, participar nos funerais das irmãs falecidas; pela sua alma deverão oferecer sete comunhões, ouvir sete missas e rezar sete terços: tudo isto em adição às orações pelas falecidas previstas habitualmente na congregação.* »

Já lembrámos o quanto lhe era cara a devoção às almas do Purgatório. Quando uma irmã morria, por vezes imediatamente após ter-lhe dispensado a última bênção, apressava-se a escrever às superioras das várias casas:

« *Executai imediatamente as orações de sufrágio prescritas pelas regras.* »

Não podia senão desejar a ascensão imediata das suas filhas ao Paraíso aquele que tinha feito voto de permanecer no Purgatório até ao dia do juízo final, contanto que as visse a todas salvas.

O fundador recomenda a observância das regras

Ao término desta comparação entre as constituições originais redigidas pelo padre Luigi e as propostas de alteração vindas de Roma, o atento leitor terá extraído dela — cremos — uma impressão do todo particular.

As Emendas Romanas parecerão sem dúvida sensatos, embora se ressintam muito de uma perspectiva puramente teórica e burocrática e permaneçam ligados à mentalidade da época. Nas constituições do fundador, pelo contrário, a caridade e a realidade pulsam livres e corajosas, sustentadas pelas asas de um espírito enamorado do bem e decididamente antecipador dos tempos.

No que diz respeito às regras, seria necessário lê-las integralmente para poder gustar o seu carácter doce e ao mesmo tempo vigoroso, realista e fervoroso: uma essência verdadeiramente completa. Percebe-se claramente nelas a mão de quem possui o dom de guiar as almas em direção aos cumes mais altos da santidade.

Contudo, pode bastar-nos o já citado juízo do teólogo romano, o qual as considera exemplares inclusive para os nossos tempos. Queremos antes, através de uma rápida revisão da sua correspondência [8], mostrar o quanto o padre Luigi considerava fundamental a observância das regras, que ele não sentia como próprias criações, mas como nascidas das orações dirigidas a Nossa Senhora, a são José e a são Caetano.

« *Sê fiel* — escreve a uma irmã a 18 de dezembro de 1875 — *na execução das santas regras, e serás santa.* » E a 30 de setembro de 1881 adicionava:

« *Antes de morrer, desejo intensamente ver em todas as casas uma exacta observância das santas regras, a fim de que a vossa santa congregação possa consolidar-se cada vez melhor.* »

[8] Referimo-nos a Tinti, que recolhe no apêndice 117 cartas do padre Scrosoppi, além de outras três inseridas na biografia. (Cfr. L. TINTI, o.c., apêndice VIII, pp. 332-433; pp. 111, 165, 221).

« *Recomendo a todas vós* — escreve a 8 de maio de 1882 a uma superiora no Trentino — *a exata observância das santas regras, para corresponder dignamente à vossa santa vocação religiosa, e peço-vos e conjuro-vos que não deis a mínima ocasião para que alguém possa mover a mais pequena crítica a vosso respeito.* » Alguns dias depois escrevia a outra superiora: « *Interessa-me que me forneça uma informação precisa sobre todas estas minhas filhas, quer relativamente ao espírito religioso e à observância das santas regras, quer pelo que concerne à sua devoção, o exercício das virtudes e o seu carácter e comportamento exterior.* »

A 14 de novembro de 1882 exprimia uma doce consolação já que « *a reverendíssima madre geral relatou-me que naquela casa reina uma boa ordem, que todas podem dedicar-se às práticas religiosas, que se observam fielmente as santas regras, que há paz e contentamento e que todas desempenham bem os seus deveres com autêntico espírito de caridade. Queira o Senhor que nunca falte a santa perseverança e que cada dia possais crescer cada vez mais nestas práticas virtuosas.* »

Doze dias depois dirigia-se com estas palavras cheias de afeto a uma jovem irmã da casa de Cormons:

« *Peço-lhe, caríssima filha, que queira ser exemplo na observância das santas regras e que não deixe passar nem um só dia sem ter realizado algum ato de humildade ou de obediência absoluta para com quem, naquela casa, representa a Deus.* »

Aproximava-se já o fim da sua vida terrena. Não se podem ler sem comoção os últimos avisos do santo ancião.

A 28 de julho de 1883 escreve a uma superiora do Trentino:

« *A estas suas boas filhas e minhas queridas irmãzinhas, filhas e senhoras, que poderia dizer-lhes? Consolo-me ao saber que todas estão bem e recomendo-lhes a perfeita observância das santas regras; nela encontrarão o exercício contínuo das virtudes que lhes permitirá acumular méritos para o santo Paraíso, fazendo delas santas esposas do divino Cordeiro.* » E em 9 de setembro do mesmo ano exprimia aquele que foi quase o último desejo do seu coração:

« *Lembremo-nos do que diz o nosso divino Esposo: "Estote perfecti, sicut Pater vester perfectus est" (ou seja: Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito). Portanto, sempre em frente nas virtudes, sem nunca se saciar com o que fazemos; o nosso progresso em direção à perfeição devemos encontrá-lo na perfeita execução das santas regras, que o Senhor nos deu como meio eficacíssimo para a nossa santificação. Portanto, dileta filha no Senhor, seja vigilante e cheia de zelo a fim de que estas regras sejam executadas perfeitamente pelas suas amadas filhas.* »

Ele continuou a recomendar e a implorar até ao momento do seu falecimento, visto que « *O leito das suas dores* — como relata o Tinti, testemunha ocular — *tinha-se transformado numa cátedra (ou seja, um local de ensino solene) da qual se aprendia a verdadeira ciência dos santos.* »

O « Diretório » do padre Fantoni

O ano de 1861 representou um ano de especial empenho para as irmãs da Providência. Na expectativa da ansiada aprovação papal, o fundador, como já mencionámos:

« *fez instruir com muito cuidado as suas filhas relativamente aos deveres das religiosas, à importância da profissão dos três votos simples e à diligente observância das novas regras.* »

Ele desejava de facto que as irmãs chegassem a uma escolha que fosse tão livre quanto consciente.

Confiou esta tarefa ao padre Fantoni, o qual deu às religiosas numerosas instruções « *para ilustrar a excelência e a santidade da vossa vocação, a fim de que possais amá-la e estimá-la mais.* »

Trata-se de ensinamentos que mandou imprimir em Monza, na tipografia do instituto dos Paulinos. Três fascículos foram publicados em 1861 e dois em 1862. Ao término daquele ano, reuniu-os num único volume intitulado: "*Direttorio per uso della Religiosa Congregazione delle Suore della Provvidenza in Udine*" (Diretório para uso da Religiosa Congregação das Irmãs da Providência em Udine), dedicando-o à nova superiora geral, madre Maria Teresa di Gesù Nazareno.

« *Aquele bom Deus* — escreve o padre Fantoni no prefácio — *que inspirou o nascimento da vossa piedosa união e que a quis durante alguns anos pequenina como o grão de mostarda (ref. Mateus cap. 13) e modesta como a fonte recordada no livro de Ester (cap. 10), não é porventura aquele que desde há uns anos e no presente a tornou grande e belíssima? Tanto que hoje, sob a sombra desta planta, se refugiam muitas rolas-turcas inocentes (isto é, as irmãs) que repetem o lamento do amor, e ao longo do curso da fonte, agora transformada num rio de águas limpas, se purificam e se embelezam tantas pombas místicas (isto é, as almas consagradas)...*

Não me resta pois — conclui — *senão rogar a Deus a fim de que visite esta vinha eleita, plantada pela sua mão potente e amorosa, com contínuos orvalhos celestiais; que a fecunde, a faça prosperar, a transplante e a encha de flores raras e frutos preciosos, protegendo-a sempre através das duras adversidades dos tempos, e inclusivamente habite nela como o Amado entre os lírios..* »

A diferença do prefácio, no qual o transporte emotivo se concede um compreensível tom retórico, o padre Fantoni no corpo do texto utiliza um estilo simples, claro e preciso; em cada página adverte-se o fervor de um mestre espiritual manso e encorajador.

Hoje, quer porque se ressente do período histórico em que foi escrita, quer porque os exemplares do *Diretório* se tornaram já uma raridade para os colecionadores (raridade bibliográfica), a obra deste santo sacerdote já não é utilizada como manual de leitura na congregação; não se faz menção dela, por exemplo, nas "*Costumanze ad uso delle Suore della Provvidenza"* (Costumes para uso das Irmãs da Providência). Contudo, poderia ainda ser lida e meditada com grande proveito. Em qualquer caso, sobre este texto se formaram as irmãs das primeiras décadas.

É digno de nota como o padre Fantoni não faz jamais qualquer referência ao fundador. Sem dúvida isto aconteceu por explícita vontade do humildíssimo padre Luigi. Este, por

outro lado, deu prova da sua humildade deixando ao seu « *irmão de alma* » a direção espiritual da pequena comunidade naquele delicado período de transição; provavelmente preferiu manter-se à margem também para que a sua forte personalidade não condicionasse de modo algum a livre decisão das religiosas.

Apenas no primeiro fascículo o padre Fantoni introduz algumas alusões à vida e ao funcionamento do *Casa das Derelitte*, que num passo define como « *fundado e crescido quase milagrosamente.* »

Pelas vias do Senhor

Deste modo, precisamente a partir da tempestade que naqueles anos parecia sacudir violentamente a Igreja de Deus e fazia vacilar muitos corações, a congregação das irmãs da Providência emergiu consolidada e fortalecida. Cheia de gáudio pela bênção e o voto exprimido pelo Papa, e nutrida pela seiva de regras extraordinárias, não lhe restava senão caminhar com coragem pelas vias do Senhor, obedecendo a outra magnífica exortação dirigida por Pio IX às irmãs da Providência:

« *Sequimini Sponsum quocumque ierit — Segui o Esposo para onde quer que vá.* »

Segui-Lo-ão.

Capítulo 5

DESENVOLVIMENTOS DA CONGREGAÇÃO (1862-1866)

O Asilo infantil de Udine

Na oração para a inauguração da *Casa delle Derelitte*, realizada em 1837, o doutor Zambelli tinha aludido ao facto de um sacerdote presente se estar a preparar para visitar os asilos instituídos pelo célebre abade Ferrante Aporti em Cremona e em outras localidades, com o intuito de fundar um também em Udine. O sacerdote a quem Zambelli fazia referência era sem dúvida o Dom Pietro Benedetti.

Enquanto este último visitava os asilos de Aporti, em Udine instituía-se uma escola metódica para a formação das professoras de asilo, uma iniciativa sem precedentes em outras cidades. O promotor e diretor foi o professor Giovanni Codemo, à época professor de matérias literárias nas escolas udinenses e pouco depois nomeado professor de humanidade em Pádua. Codemo, « *digno discípulo* » de Aporti, foi — juntamente com este último e o abade De Grandis de Veneza — um dos principais promotores dos asilos infantis na Itália setentrional.

Na escola de Codemo, inaugurada a 1 de março de 1838, inscreveram-se doze jovens mulheres da cidade. Enquanto Codemo ministrava lições de pedagogia e de metodologia, o Dom Benedetti aprofundava a instrução religiosa, o Dom Giovanni Battista Zorzi ensinava música e canto, e o doutor Zambelli ocupava-se da higiene e da educação física. Mais tarde, Codemo recordar-se-á com satisfação daquela primeira experiência experimental, escrevendo três anos depois:

« *Os progressos deste seminário feminino puderam ser plenamente reconhecidos e louvados durante o exame realizado na presença de uma alta comissão.* »

O asilo udinense foi inaugurado a 6 de agosto de 1838, sob a direção de Marianna Flaibani, coadjuvada por Anna Maria Nigg e Anna Maria Zorzutti. Após a partida de Codemo, o Dom Benedetti foi nomeado « *inspetor* », enquanto Zambelli lhe sucedeu na formação cultural, dedicando ao asilo, como se fosse uma segunda família, « *afetuosos e sábios cuidados* ».

Visto que nos seus primeiros vinte e cinco anos de vida o asilo não entrou diretamente nas atividades do Pai Scrosoppi, não repassaremos a sua história inteira, a qual é aliás já conhecida graças a uma consistente documentação bibliográfica [(1)]. Recordaremos apenas que a sua primeira sede foi estabelecida em algumas divisões — hoje demolidas — do

[1] Bibl.: Relazione e proposte sull'Asilo infantile di Udine, Udine 18..., pp. 4; P. BENEDETTI, Stato della Scuola infantile di carità in Udine sul fine del I anno di sua esistenza esposto dall'ispettore, Udine 1839, pp. 46; S. PELLICO, La scuola infantile di carità - versi, Udine 1839, pp. 6; G. ZAMBELLI, Alle educatrici dell'asilo di carità per l'infanzia di Udine - allocuzione, Udine 1840, pp. 30; G. ZAMBELLI, Breve storia dell'Asilo infantile di Carità narrata da un fanciullo ai suoi compagni, Udine 1847, pp. 42; A. PICCO, Cenni storici sull'Asilo infantile di Udine dal 1838 al 1890, Udine 1890, pp. 16.

velho hospital civil da cidade, situadas ao lado da fachada da igreja de *San Francesco*. Em 1858 o instituto teve de mudar-se e por dois anos encontrou hospitalidade num edifício municipal contíguo ao velho ginásio, na rua que ainda hoje conserva o seu nome, perto da *praça XX Settembre*. A 8 de junho de 1860 o asilo trasladou-se para a *rua Cicogna*, numa casa alugada pelo Dom Francesco Rossi. Finalmente, a 31 de dezembro de 1862, foi possível adquirir uma sede definitiva — graças a um capital reunido mediante subscrições de ações — na casa Ballico na *rua Prampero*, edifício que para a ocasião foi amplamente reestruturado e sobrelevado segundo um projeto do arquiteto Zandigiacomo.

Inicialmente a instituição, criada em benefício das crianças pobres, tinha tomado o nome de « *Asilo infantil de Caridade* », ao qual, depois de 1854, foi adicionada a dedicatória « *da Imaculada* ».

Até 1862, o Dom Benedetti tinha confiado a custódia e a instrução dos meninos a piedosas mulheres leigas. Contudo, a gestão tornou-se difícil por vários motivos: o salário devido era superior às escassas receitas do asilo, as mulheres custavam a suportar o enorme sacrifício requerido pelo cuidado de tão grande multidão de crianças em tenra idade e, não o menor, pareceria que uma das professoras tinha ficado implicada em movimentos secretos antiaustríacos. Por tais razões, a 10 de novembro de 1863, o Dom Benedetti teve de convidar as "*Ancelle di Carità"*, que desde há cerca de dez anos operavam no hospital vizinho, a assumir a sua direção.

Contudo essas irmãs, sendo de origem lombarda e não conhecendo o dialeto friulano, tinham grandes dificuldades em fazer-se compreender pelas crianças, as quais pertenciam às classes mais pobres da cidade. Por este motivo tiveram de renunciar ao encargo. Foi então que o Dom Benedetti se dirigiu para obter ajuda ao seu amigo íntimo o Pai Luigi Scrosoppi, o qual lhe concedeu de bom grado quatro *Irmãs da Provvidenza*.

O contrato foi formalizado a 31 de julho de 1864 e as irmãs começaram o seu serviço a 10 de agosto. A diretora de então, Maria Felicita Lorio, assistida por sua irmã, foi agregada a 1 de novembro entre as « *terceiras* » da congregação; pouco tempo depois, porém, por motivos de caridade, teve de regressar à casa paterna.

Embora o Pai Luigi tivesse permitido às suas religiosas assumir a gestão do asilo para que a obra na qual o Dom Benedetti tinha investido coração e capitais não se perdesse, a instituição manteve a sua própria autonomia jurídica. O Dom Benedetti permaneceu como inspetor até à morte, que o surpreendeu após uma breve doença a 19 de novembro de 1869.

Apagava-se assim uma figura sacerdotal extraordinária, brilhante por sua inteligência e produção literária, mas sobretudo por sua devoção e espírito de serviço. No registo de defuntos da igreja metropolitana é justamente descrito como um homem « *colmado de dias e de méritos, entre os quais brilharam especialmente a caridade e a misericórdia ao socorrer e nutrir os pobres, e de um modo particular as crianças necessitadas, das quais podia com bom direito ser considerado o segundo pai* ».

Contudo, a causa da sua inabalável fidelidade à Igreja e ao Papa por um lado, e do rancoroso anticlericalismo da época pelo outro, o seu enterro esteve quase deserto. O Dom Benedetti tinha sido por muitos anos um estimadíssimo professor de religião no

ginásio da cidade. Com a ajuda do Monsenhor Francesco Cernazai, tinha reaberto aos estudantes a igreja de "*Santo Spirito"*, a qual tinha passado sob o controlo do Estado na sequência das supressões napoleónicas. Pode afirmar-se que a melhor juventude udinense o tinha tido durante décadas como conselheiro e amigo insubstituível. A gerações de crianças tinha oferecido uma educação verdadeiramente iluminada, como emerge dos profundos elementos pedagógicos presentes nas suas obras. E contudo, o seu desaparecimento foi anunciado pelo *Giornale di Udine* com um artigo muito curto; no seu enterro não estiveram presentes autoridades, nem a multidão daqueles a quem tinha beneficiado, e inclusive o clero escasseava. As tensões políticas não só empurravam a desertar a homenagem devida a tal benfeitor, mas faziam com que esse mesmo homenagem fosse mal visto e suspeito.

Alguém, contudo, caminhava com reverência e comoção atrás dos restos do santo sacerdote: era o fiel doutor Zambelli, juntamente com os amigos inseparáveis o Pai Luigi e o Dom Fantoni. Este último, de facto, recolheria a sua herança espiritual, ocupando o cargo de inspetor do asilo durante catorze anos, até à sua morte.

Num mundo demasiadamente amiúde malévolo e mesquinho brilham às vezes milagres de nobreza espiritual. Um deles foi certamente esse grupo de espíritos seletos, unidos por um profundo sentimento de amizade e movidos por uma mesma e santa paixão pelo bem, cujos nomes nos agrada repetir como numa oração de ação de graças: Benedetti, Zambelli, Scrosoppi, Fantoni...



Udine, rua Prampero: primeira sede do Asilo Infantil de Caridade

A sede da *rua Prampero* não era ideal para o asilo, já que carecia dos pátios necessários para o jogo e a recreação das crianças. Já em 1896 Tinti escrevia:

« *As Irmãs da Providência confiam no socorro divino e na generosidade da cidade para poder oferecer ao número sempre crescente de crianças um lugar mais amplo e salubre,*

dotado de uma área ao ar livre para o espargimento dessas queridas crianças, fazendo assim ainda mais eficaz uma obra de tal valor. »

Com efeito, em 1898, a superiora geral Mãe Cecilia Piacentini decidiu trasladar o asilo para a sede atual, situada diante do colégio da *Provvidenza*, onde num tempo se encontrava o Instituto das Surdas-Mudas e posteriormente a chamada Casa Administrativa. O projeto de reestruturação foi encarregado ao piedoso e estimado engenheiro Lodovico Zoratti, enquanto as obras foram executadas pelo empreiteiro Angelo Agosti.

Uma manhã de julho de 1901 as crianças, reunidas na *rua Prampero* e tendo vestido o avental regulamentar, foram acompanhadas de duas em duas para a nova sede. Guiando-as estava a superiora Mãe Silvina. Chegados à *rua Ronchi* — hoje *rua padre Luigi Scrosoppi* — encontraram uma refeição especial preparada pela reverenda Mãe Eustella Pedrazzoli, que assumia nesse momento o cargo de superiora. À tarde, Sua Excelência Monsenhor Zamburlini, arcebispo de Udine, assistido pelo diretor Monsenhor Zucco e pelo confessor Monsenhor Pugnetti, procedeu à solene bênção dos locais e da capela.

Depois de 1919, durante los primeiros anos do seu sacerdócio, o futuro cardeal Ildebrando Antoniutti [2] ocupou durante algum tempo o cargo de capelão-inspetor do asilo, quem permaneceu sempre ligado por um profundo afeto a esta benéfica instituição.

Ainda hoje, de vez em quando, os pequenos hóspedes sobem a escalonada que conduz à igrejinha de *San Gaetano* e detêm-se em oração diante do túmulo do Pai Luigi, a cujo grande coração o asilo deve a sua própria salvação, no tempo em que era o único da cidade e, a causa da maldade daqueles tempos difíceis, parecia destinado a desaparecer.

As florinhas da Madre Cherubina

E aqui permitimo-nos um doce parêntese. Mesmo que fôssemos acusados de ter saído do tema, não nos arrependeríamos de todo.

Desejamos dedicar algumas páginas a uma irmã que trabalhou durante muito tempo no asilo, deixando ali uma recordação queridíssima. Foi escrito, de facto:

« *As crianças afeiçoaram-se tanto a esta irmã que, mais de quarenta anos depois, ainda se lembravam dela e regressavam ao instituto para visitá-la.* »

Queremos falar dela extensamente, visto que a figura do Pai Luigi aparece frequentemente no relato e porque esta crónica mostrará claramente que tipo de religiosa crescia sob a sua guia, tão firme quanto amável.

Lucia Filomena Voncini nasceu em Udine, na paróquia de *Le Grazie*, a 16 de setembro de 1838. Perdeu o pai em 1849, ficando órfã com numerosos irmãozinhos. Por essa razão, o doutor Zambelli fê-la acolher na *Casa delle Derelitte* a 7 de abril de 1850.

---

[2] Nascido em Nimis (Udine) em 1898, licenciado em teologia, foi professor de história eclesiástica no seminário udinense. Iniciado no campo diplomático, foi secretário do cardeal Costantini, delegado apostólico na China, auditor da nunciatura em Portugal, delegado apostólico na Albânia onde foi consagrado arcebispo titular de Synnada; por Pio XII foi enviado à Espanha durante a guerra civil, posteriormente foi durante 15 anos delegado apostólico no Canadá. Criado cardeal, foi prefeito da s. congregação para os religiosos. Por Paulo VI foi definido « clara figura de fiel servidor da Igreja ». Morreu em 1974. (Cfr. il Gazzettino di Udine, 4-8-1974; Avvenire, 2 e 3 de agosto de 1974).

Destacou-se facilmente entre as órfãs por sua inteligência, seu caráter vivo e sua beleza. « *Era, contudo, um pouco vaidosa, como ela própria admitia. Gostava dos vestidos ajustados, dos sapatinhos lustrosos e dos saltos altos. Era de pequena estatura, mas gostava de causar boa impressão e pavonear-se.* » Pois bem: esta menina um pouco vaidosa tornar-se-á uma irmã tão amante da pobreza que o seu exemplo ficou memorável. Quando em 1907 regressou de Primiero, o baú do seu enxoval foi enviado para Cormons. A irmã Marcella Rotta, conselheira geral, « *não se contentou com admirar sozinha a mais rigorosa pobreza que transluzia de cada peça, mas chamou também as noviças para que observassem e aprendessem concretamente a santa pobreza... De um modo particular, chamava a atenção e a admiração uma saia composta inteiramente por retalhos de toda a qualidade e cor, tão gasta que não se conseguia compreender como podia ainda trazê-la vestida.* » E contudo, a Madre Cherubina tinha em grande apreço esses harapos, considerando-os bandeiras da sua vitória sobre a vaidade da juventude. « *Não se creia, contudo, que fosse descurada ou desleixada... Pelo contrário! Manteve-se sempre, até uma idade avançada, limpa e ordenada como uma pombinha. Fazia da limpeza um ato de devoção.* »

De jovenzinha era além disso bastante gulosa. Um dia recebeu de presente umas moedinhas e pensou em comprar uns doces. « *Mas como fazê-lo? Astuta como era, correu para uma das janelas que davam para a rua, esperando que passasse alguma pessoa de confiança para concluir o seu grande negócio. Finalmente viu passar um conhecido e começou a gritar em friulano: "Oilà, che cjali, che sinti, che torni indaùr!" (isto é: Olhe, veja, escute, volte!).* »

À força de insistir, foi ouvida. « *Então lançou-se a correr em direção às escadas para alcançar a pessoa de confiança... Mas, pobre pequena, sentiu-se de repente agarrada por um braço pelo Pai Luigi, que tinha sido espetador inadvertido da cena: Ah, traquinices, espera agora... Que olhem, que escutem, que voltem... Ah, traquinices! E repreendeu-me e castigou-me de uma maneira apropriada — dizia a Madre Cherubina — como eu merecia, mas comportando-se sempre como um bom pai.* »

O pai fundador, que tinha adivinhado as excelentes qualidades daquela futura filha espiritual, tinha-a debaixo de olho e, como um bom pai, amava-a ternamente — relatava ela própria — procurando educá-la na virtude com essa pedagogia séria e doce típica daqueles primeiros tempos. Se retirou proveito de tal educação demonstrou-o mais tarde, não buscando jamais manjares seletos e adaptando-se à comida mais simples e pobre. Quando, em idade avançada, se deslocava a Cormons para os exercícios espirituais, pedia que ao pequeno-almoço lhe servissem um pouco de polenta fria em vez de pão.

Ela também caiu doente com cólera em 1855 e pareceu à beira de morrer. A irmã Blandina Leonardelli escrevia em 1932 ter ouvido dos seus próprios lábios como:

« *sendo chamado o nosso venerável Pai para administrar-lhe o sacramento da unção dos enfermos, o Pai aproximou-se dela e disse-lhe ao ouvido: — Escuta querida, promete à querida Virgem fazer-te Irmã da Providência e sararás. Ela fê-lo e imediatamente começou a sentir-se melhor.* »

Houve talvez, nesta singular chamada, um elemento profético e prodigioso?

De todos os modos, pelos registos escritos da mão do fundador, resulta que não foi admitida como aspirante à congregação senão três anos depois, a 2 de fevereiro de 1858; vestiu-se com o hábito religioso em 1861 e fez a profissão em 1863, tomando o nome de Maria Cherubina da Sagrada Família.

Começou como mestra no asilo a 10 de setembro de 1867, e de 1871 a 1882 foi a sua superiora. Posteriormente, durante um breve período, foi mestra suplente das noviças. Em 1884, pouco depois da morte do Pai Luigi, tornou-se superiora em Primiero; de 1907 a 1911 ocupou de novo o posto de superiora do asilo de Udine na nova sede.

Mais tarde foi aposentada. Contudo, mantendo-se sempre muito ativa apesar de sofrer muito de dores relacionadas com a artrite, fez pôr a máquina de costurar no seu quarto e, dizendo a si mesma: « *Ânimo, Maria Cherubina!* », fazia-a funcionar a todo o ritmo. Morreu cheia de méritos a 29 de março de 1925, com a idade de oitenta e seis anos e meio e após sessenta e sete anos de vida religiosa.

Chegou, pois, ao asilo em 1867, no período do anticlericalismo mais aceso. As crónicas relatam que o presidente do município de então — visto que o município tinha certa influência na gestão do asilo — e com ele o Dom Giovanni Vogrig [3], o qual mais tarde abandonou o hábito sacerdotal, queriam obrigar as irmãs a tirar o hábito religioso. O Pai Luigi e as suas filhas opuseram-se com determinação. E foi então que começaram as dificuldades mais graves. Seguiu-se, de facto, uma infestação diabólica que durou três anos. A biografia da Madre Cherubina descreve detalhadamente uma série de fenómenos verdadeiramente extraordinários. Lê-se ali, entre outras coisas:

« *Foi ele, o maldito diabo, quem ateou fogo à capela. As chamas queimaram por completo o altar de madeira. Mas o quadro de altar — uma tela de valor que representava a Virgem como* "*Mater Amabilis*" *de meio corpo* — [4] *não se queimou nem sofreu dano algum; não caiu, apesar de o moldura que o sustentava ter ficado queimado. Permaneceu como suspenso no ar, para consolo das irmãs pelo milagre ocorrido e ao verem a salvo a sua querida Virgência a quem tanto amavam. Finalmente — continua a biografia — após três anos de sofrimentos, o sacerdote Dom Pietro Serravalle realizou os exorcismos e expulsou o demónio, que desde esse momento não se fez ver nem ouvir mais.* »

Considerando que o arcebispo monsenhor Casasola permitiu ao Dom Serravalle, seu estreito colaborador, realizar os exorcismos; que se esperou três anos antes de outorgar a referida autorização; que na época não se estava de todo inclinado a permitir semelhantes práticas, especialmente num clima de troça para com o que se chamava superstições

---

[3] Nascido em Clastra (Udine) em 1818, após várias tarefas foi professor no ginásio-liceu de Udine, posto reconfirmado pelo governo italiano em 1866. A questão político-nacional, e em particular a temporalista, embora destas fosse um acérrimo propugnador, tiveram uma importância secundária em comparação com a sua rebelião religiosa. Suspenso a divinis, não se submeteu e declarou-se independente. Em 1874 começou a publicação do periódico reformista-protestante L'Esaminatore Friulano; tentou a fundação de uma igreja friulana separada. Com outro sacerdote apóstata intentou processos, dirigidos sob diferente forma contra o arcebispo A. Casasola, a cuja morte suprimiu o seu semanário; pareceu então possível um arrependimento, o que não sucedeu. Morreu em 1904. (Ver G. COPOLUTTI, o.c., pp. 95-102).

[4] A tela conserva-se na escola infantil Dell'Immacolata (antigo Asilo Infantil de Caridade) de Udine.

religiosas; e visto que, efetivamente, após os exorcismos todo o fenómeno inquietante cessou, deve admitir-se que a presumível infestação diabólica tinha algum fundamento.

Pelo resto, para não crer na existência dos demónios seria preciso desprezar demasiadamente os homens, atribuindo exclusivamente à espécie humana toda essa imensa carga de perversidade, atrocidade e loucura que envenena a história do mundo. É, em contrapartida, quase consolador pensar que os monstruosos mistérios do mal encontrem em parte explicação numa potência externa ao homem e mais malvada do que ele. Mas se alguém prefere crer que a maldade diabólica reside inteiramente no ser humano, que faça como crer.

A irmã Cherubina possuía uma simplicidade encantadora, unida a uma imensa bondade e mansidão. Tinham-se dado conta também os vivos meninos do asilo, que se aproveitavam disso para lhe fazer travessuras, sem conseguir contudo jamais fazer-lhe perder a paciência. Demonstrou esta simplicidade sua em muitíssimas ocasiões. Por exemplo nesta.

Como narra ainda a sua biografia:

« *No asilo de Udine, quando celebravam os seis domingos dedicados a São Luís, expunham sobre o altar uma imagem do santo recortada de um velho calendário de cartão. A pobreza da casa não permitia nada melhor. Pois bem, um domingo um ventinho pouco respeitoso fez cair o pobre São Luís. As irmãs presentes, que rezavam com os olhos baixos, não se deram conta; ouviram contudo a exclamação da sua mãe superiora: "Ah, puar frut, al è colat!" (isto é: Ah, pobre pequeno, caiu!). Uma vez saíram da capela, a irmã Cherubina chamou-as para o seu lado dizendo com sincera humildade: — Quando estiver morta, contem a todos o que disse na capela, para que se riam e estejam alegres à minha custa e conheçam a minha tola asneira.* »

Eis quem era a irmã Cherubina: e nós quisemos cumprir o seu desejo.

As *Notas biográficas* concluem o seu perfil com estas palavras:

« *Esta querida velhinha nossa... foi-nos sempre de exemplo: fervorosa, humilde, amável e prestativo. Com a sua agradável simplicidade foi-nos sempre de alívio e consolo. Ditosas as nossas primeiras mães que tiveram a graça de conhecer e tratar o nosso venerado pai fundador, alimentando-se assim daquela simplicidade, caridade, humildade e pobreza que ele próprio vivia.* »

Monsenhor Giovanni Maria Teloni

Por volta dos anos 1860-62, o Pai Luigi fez o conhecimento do cónego barão monsenhor Giovanni Maria Teloni: entre os dois nasceu, desde esse mesmo momento, uma profunda e santa amizade que se manteve firme até ao desaparecimento do fundador.

O Teloni foi um missionário apostólico de clara fama, cuja figura caracterizou toda a segunda metade do século dezanove graças a uma infatigável obra de pregação desenvolvida na Itália setentrional e central, no Trentino e na Ístria, acompanhada pela

publicação de numerosos opúsculos ascéticos (breves tratados dedicados à vida espiritual e à perfeição cristã) [5].

Ele pregou também em Udine e dirigiu certamente alguns cursos de exercícios espirituais para as Irmãs da Providência. De tal experiência ele madurou uma estima tão profunda pelo Pai Luigi e por suas religiosas, que posteriormente recomendou o estabelecimento daquelas irmãs quase aonde quer que se deslocasse a pregar.

Deve-se precisamente à sua influência se, em 1863, foram iniciadas as negociações para abrir uma casa delas em Venzone e, em 1865, outra em Castellavazzo, embora ambos os projetos não encontrassem depois execução. Foi sempre graças a ele que se deram os primeiros passos para a abertura da casa de Primiero em 1866 e da de Rovigno d'Istria em 1882.

As duas obras não realizadas em Venzone e em Castellavazzo

Venzone é uma fortaleza medieval característica, embora de origens romanas, situada numa posição estratégica de controlo entre o desaguamento dos Alpes Cárnicos e o início da planície friulana. Conserva ainda em boa parte a sua cintura de muralhas dotada de torres, ao longo de cujo lado ocidental corre a estrada nacional « *Pontebbana* » que do Friuli ascende em direção à Áustria; a pequena cidade é bastante conhecida pelas famosas « *múmias naturais* » conservadas num museu apropriado [6].

Na época de que tratamos, diversas causas faziam com que a situação civil e religiosa do lugar fosse bastante turbulenta. Precisamente no intento de devolver ali um clima de serenidade, foi anunciada uma missão pregada pelo Monsenhor Teloni. Esta iniciativa, começada na Quarta-feira de Cinzas, 18 de fevereiro de 1863, teve um desenvolvimento positivo e concluiu com o estabelecimento de uma confraria do Sagrado Coração de Jesus destinada exclusivamente à juventude feminina; dita associação foi sancionada por um documento oficial de Pio IX a 3 de março desse ano.

O bom monsenhor, aproveitando as numerosas manifestações de afeto recebidas da população, dirigiu um apelo aos representantes do município, no qual sugeria dois instrumentos para obter o renascimento espiritual desejado: a abertura de uma casa das Irmãs da Providência — que se ocupassem de uma escola gratuita para as meninas pobres, do ensino da doutrina cristã aos domingos e durante a quaresma, de um oratório festivo feminino e da direção da confraria do Sagrado Coração, assistidas por uma vice-

[5] La Civiltà Cattolica de 27 de abril de 1878 (na pág. 317) voltando ao apostolado da palavra e da pena do monsenhor Teloni, enunciava o título geral dos seus opúsculos: Lembranças e admoestações para preservar o fruto das santas missões e viver abençoadamente, explicando depois que cada um tinha um título especial; eram dirigidos a pessoas de cada idade e de cada categoria. Recordava também que estes escritos foram louvados por Pio IX. Posteriormente foram louvados por Leão XIII. (Cfr. a carta do arcebispo de Udine, monsenhor A. Casasola de 24-4-1882, colocada no prefácio ao opúsculo de Teloni, publicado em Udine em 1882, a arte de sempre desfrutar do seu trabalho..., pp. 262). Ao longo dos anos 1874-1893 o Teloni publicou pelo menos uma cinquentinha de tais opúsculos. Citamos alguns relatados nas várias anualidades da referida revista: Creia em Deus; Creia na Santa Igreja; Escute a palavra divina; Ame o seu próximo como a si mesmo; Santifique a festa; Convite à comunhão frequente. Trinta e quatro dificuldades e... soluções; Para maridos e esposas; Para mães e professoras; Para clérigos que aspiram ao sacerdócio. Admoestações muito úteis; A pequena biblioteca do soldado (12 panfletos); Fuja da desonestidade; etc.

[6] Até ao sismo de 1976 estas múmias encontravam-se na « Rotonda delle Mummie », o antigo batistério; atualmente estão colocadas numa estrutura protetora especial (box).

presidente leiga — e a contratação de um sacerdote que colaborasse com o idoso pároco, Dom Tusini. Ambas as propostas foram acolhidas.

O mesmo Monsenhor Teloni tinha-se então dirigido a toda a pressa a Udine para suplicar ao Pai Luigi a fim de que, pelo amor de São José e das almas daquele povo, enviasse as irmãs fazendo-se inteiramente cargo dos gastos, tanto para o mobiliário da casa como para o sustento das religiosas; ele pedia que o povo se limitasse a fornecer os locais e o quintal anexo, sendo a comunidade totalmente incapaz de estabelecer fundos ou compensações. O Pai Luigi acedeu. Este gesto representa uma prova luminosa da generosidade do fundador e da influência que Teloni exercia sobre ele. Teloni, de resto, sabia bem como tocar as cordas corretas rogando « *pelo amor de São José* »: o Pai Luigi não teria podido negar nada a ninguém que lhe implorasse em nome daquele a quem gostava de chamar « *o pai* ».

Monsenhor Teloni escreveu posteriormente de Gemona, na sexta-feira, 13 de março, convidando o Pai a dirigir-se a essa localidade « *para malhar o ferro enquanto está quente e para gozar eu também da sua vinda a Gemona, devendo trasladar-me na terça-feira para as outras missões* ».

Não temos confirmação de se o Pai Luigi se dirigiu efetivamente ali. Contudo, as negociações continuaram de maneira favorável, posto que a 9 de maio a administração municipal de Venzone convidou o Pai a apresentar um plano ou um projeto de instituição do qual se pudessem deduzir com precisão os direitos e deveres a assumirem-se reciprocamente. O Pai enviou dito plano a 20 de maio. A mesma administração, numa carta enviada à cúria de Udine a 5 de junho, alude à futura escola feminina sob a direção das Irmãs da Providência, surgida posteriormente, segundo se diz, de uma muito generosa oferta do seu benemérito fundador.

Os motivos que posteriormente levaram ao fracasso das negociações continuam a ser desconhecidos, o qual não dependeu certamente do Pai Scrosoppi, que tinha proposto condições de uma generosidade inclusive excecional. Talvez a razão deva buscar-se na tensão cada vez mais crescente e confusa no interior do povo. A 23 de junho tinha chegado ao lugar, enviado pela cúria, um sacerdote colaborador com funções de mestre para ajudar o pároco. Este, contudo, permaneceu apenas um ano; quase simultaneamente com a sua partida, o pároco mesmo, Dom Tusini, a 2 de abril de 1864, viu-se obrigado a dar a sua demissão.

Toda a aventura de Venzone teve como único resultado o de fazer entrar na congregação das Irmãs da Providência, nesse período e alguns anos mais tarde, duas jovens mulheres provenientes desse lugar.

Igualmente infrutíferas, embora mais complexas, foram as negociações para abrir uma casa em Castellavazzo, na diocese de Belluno.

Castellavazzo é um grande centro habitado situado a cerca de uma milha de Longarone. Na terrível catástrofe de 1963, quando uma porção do *monte Toc* se desmoronou no lago artificial do Vajont e a onda de choque destruiu grande parte de Longarone, também Castellavazzo, situado mais acima, sofreu danos consideráveis.

Desde 1846 a tarefa das almas estava confiada ao Dom Girolamo Barpi. Ele tinha estabelecido, numa casa de sua propriedade, um pequeno núcleo religioso feminino

composto por quatro piedosas mulheres, as quais geriam uma escola gratuita para as meninas, ensinavam a doutrina cristã nos dias de festa e visitavam os enfermos a domicílio.

Contudo, no início de 1865, a obra atravessava um momento de dificuldade. Nesse período o Monsenhor Teloni encontrava-se nessas regiões, que escreveu ao Pai Luigi a 9 de maio: « *Parece-me, se não me engano, que a Virgem me conduziu entre as montanhas do Cadore para preparar ali uma fundação das filhas da Providência* ». À carta ajuntava uma mensagem do Dom Barpi, na qual este último oferecia a propriedade da casa e indicava que móveis e provisões poderia proporcionar à filial desejada das Irmãs da Providência.

O fundador dirigiu-se a Castellavazzo juntamente com o Dom Fantoni e decidiu aceitar a proposta. Mais antes, acordaram-se imediatamente algumas obras de renovação a fim de que o edifício fosse mais apropriado para alojar uma comunidade religiosa.

Tendo obtido a 22 de junho a aprovação entusiasta do Bispo de Belluno e Feltre, Monsenhor Giovanni Renier, e tendo superado alguma nova dificuldade graças a uma viagem adicional do Pai no início de agosto, a 25 de outubro de 1865 assinou-se o contrato com o qual o Dom Barpi vendia à piedosa *Casa delle Derelitte* de Udine uma casa com quintal situada em Castellavazzo. Simultaneamente, o Pai Scrosoppi entregava-lhe uma declaração privada com a qual se comprometia a restituir a casa gratuitamente ao pároco em funções no momento, se, por qualquer razão, a instituição não tivesse sido efetivamente aberta ou tivesse sido fechada.

Tudo parecia já pronto quando a guerra de 1866 estalou. Com a união do Veneto ao Reino de Itália, apresentou-se o grave problema de estabelecer se a *Casa delle Derelitte* devia considerar-se sujeita às leis sobre as congregações religiosas de 1855 e 1862.

Tanto o Dom Barpi como o Pai buscaram todos os meios possíveis para superar ou esquivar tais obstáculos. O Pai Luigi encontrava-se precisamente em Castellavazzo para este propósito quando recebeu a notícia de que a igreja de *Santa Maria Maddalena* tinha sido definitivamente confiscada pelo Estado. Regressou portanto a toda a pressa a Udine, fazendo notar ao Dom Barpi que, nessa situação, era impossível pensar em novas fundações. Com efeito, no setembro seguinte, estipulou-se um novo contrato com o qual a *Casa delle Derelitte* revendia ao Dom Barpi o que tinha anteriormente comprado.

Das quatro mulheres devotas de Castellavazzo, duas entraram entre os Irmãs da Providência com a qualificação de terceiras. As relações entre o Pai Luigi e o Dom Barpi, nomeado posteriormente monsenhor, permaneceram sempre muito cordiais, tanto que este último encomendou pouco depois uma sobrinha sua às irmãs como pensionista, primeiro em Udine e depois em Cormons. A jovem mesma converteu-se posteriormente em irmã; contudo, dois anos depois da sua profissão, deixou a vida religiosa para regressar à vida civil, mantendo contudo uma muito terna devoção filial para com o Pai Luigi, como o testemunham algumas cartas a ele dirigidas [7].

[7] Anna Monticolo de Agordo (Belluno), nascida a 19-8-1858, fez a profissão a 24-9-1880 com o nome de Irmã Maria Faustina e saiu da congregação a 3-8-1882. Antes da sua saída, o fundador recomendava-a como órfã a uma família de parentes que a acolheu cordialmente até que tivesse encontrado uma honesta ocupação. Da ex-irmã conservam-se três cartas dirigidas ao Pai Luigi. (A.L.S., fasc. 33, documentos 122-124).

O fundador abre uma casa em Primiero

Se o monsenhor Teloni amava assinar « *pecador* », o Dom Giuseppe Sartori, pároco de Primiero, às vezes subscrevia como « *pobre cura* », mas mais amiúde adicionava espiritualmente a sigla para nada misteriosa « *g.g.g.* ». Esta não era de todo enigmática porque ele próprio proporcionou a sua explicação numa carta enviada ao Pai Luigi a 10 de novembro de 1865, anunciando a sua chegada a Udine, conforme escreveu ele mesmo:

« *Quando virdes um cura grande, grosso e gordo, dizei bem: este é o decano de Primiero.* »

Primiero é uma célebre estância turística do Trentino, situada a cerca de quinze quilómetros da ainda mais renomada *San Martino di Castrozza*. Posicionado à direita do ribeiro Cismon, o povoado surge num risonho vale, fechado ao norte pelas famosas Pale Dolomitiche de San Martino e ao sul pelos montes feltrini.

No outono de 1865, o monsenhor Teloni tinha-se dirigido a essa localidade para pregar uma missão (isto é, um período de pregação e oração intensiva). Foi ele quem sugeriu ao Dom Sartori chamar as Irmãs da Providência para dar nova vida a um pequeno e sofrido hospital municipal, do qual o decano era então presidente. O Dom Sartori escreveu imediatamente, a 18 de outubro, à direção das irmãs e a sua solicitação foi acolhida. A 25 de outubro, a Superiora Geral Mãe Teresa Fabris escreveu ao Bispo de Trento para pedir o seu consentimento e bênção. O Bispo concedeu o seu visto bom a 29 do mesmo mês, convidando contudo o pároco de Primiero — de conformidade com o artigo 18 da concordata entre a Santa Sé e o governo austríaco — a apresentar uma cópia de três documentos: a autorização pontifícia das irmãs, a aprovação das mesmas por parte do Imperador da Áustria, e o acordo entre a administração do hospital e a superiora da congregação da Providência.

A primeira autorização já estava disponível. Para obter a segunda iniciaram-se imediatamente os trâmites, valendo-se da ajuda de um primo do Dom Sartori, que ocupava o cargo de conselheiro perante a secretaria do governador (a máxima autoridade civil) para o Tirol em Innsbruck. A 15 de novembro, o decano de Primiero desceu a Udine onde, ao dia seguinte, se redigiu um rascunho de acordo, assinado por ele, pelo Pai Scrosoppi e pela superiora, e logo ratificado pelo arcebispo monsenhor Casasola.

Chegar a Primiero partindo de Udine era na época tudo menos simples ou cómodo: requeriam-se quase três dias de viagem. Era necessário tomar o comboio para Treviso e passar ali a noite. Na manhã seguinte partia-se com a diligência postal para Feltre e dali com o « *veloce* » (isto é, uma carruagem mais rápida para o transporte de passageiros) até Fonzaso, onde era necessária outra paragem noturna. Nesse lugar buscava-se o « *pedone* », a saber, o guia de montanha que acompanharia os viajantes a pé ou a dorso de asno pelos trilhos de montanha.

Para a viagem de regresso, o Dom Sartori teve como companheiro o Dom Fantoni, encarregado pelo Pai de verificar que tudo estivesse disposto da melhor das maneiras para a chegada das religiosas. O bom e simples Dom Fantoni ficou tão impressionado pela jovial hospitalidade do decano, pelo espetáculo maravilhoso da natureza alpina, e pelo canto de um rouxinol que o Dom Sartori criava numa gaiola, que regressou a Udine proporcionando as mais amplias seguranças. A estas, contudo, a realidade dos factos não

correspondeu, tanto que posteriormente o Pai Luigi quis sempre verificar em pessoa as sucessivas fundações no Trentino; ele costumava dizer, com efeito, referindo-se precisamente a Primiero, que « *o gato não se mete duas vezes no saco* » (isto é, que não se deve deixar enganar duas vezes pelo mesmo erro).

De todos os modos, a 3 de fevereiro de 1866 quatro irmãs, acompanhadas pela Vigária Geral Irmã Strazzolini, partiram em direção ao novo destino, confortadas pelos desejos das suas irmãs e pela solene bênção do pai fundador, conforme tinha escrito o Dom Sartori:

« *Em Fonzaso esperar-vos-ei eu com uma caravana de asnos* » (isto é, uma referência irónica à viagem bíblica de Maria e José para o Egito).

O estupor sentido por essas irmãs foi do todo natural, como escreve o Tinti:

« *a maravilha surgida nessas irmãs, jamais acostumadas a semelhantes viagens nem às fortes emoções dos alpinistas, ao verem o trilho íngreme que deviam remontar e ao terem de montar a cavalo pela primeira vez. Superada em parte a renuncia para com essa maneira de viajar, umas sentaram-se nas garupas dos cavalos, outras nos modestos asnos e depois, entre risos inocentes, puseram-se em caminho pela subida pedregosa e quase impraticável, caracterizada por contínuos desníveis e sempre situada na borda de um profundo e escuro barranco, guiadas contudo com segurança pelos peritos guias montanheses. Em certos troços mais perigosos tiveram de desmontar e proceder a pé, trepando entre ramos secos e matagais, até que, pela graça de Deus, alcançaram a fronteira austríaca.*

Desde ali continuaram a viagem em pequenas carruagens e, cruzando essas aldeias, especialmente em Imer e Mezzano, a passagem das irmãs foi festejada com o som de sinos, o estalido de petardos (mortaretti) e outras manifestações de alegria, visto que era a primeira vez que esses simples e bons montanheses viam irmãs de caridade. Graças a estes signos de júbilo e mais ainda graças a arcos de triunfo e inscrições comemorativas (epigrafi), foram acolhidas em Primiero, o que serviu para aliviar os não poucos contratempos sofridos pelas religiosas durante essa fatigante viagem. »

Chegaram a Primiero na tarde de 6 de fevereiro. Ao dia seguinte, conforme narra a *Voce Cattolica* de Trento de 27 de fevereiro:

« *foram conduzidas em procissão desde a igreja paroquial até ao hospital, onde, terminada a cerimónia da bênção da capela provisória e tendo escutado durante a santa missa algumas palavras de consolo improvisadas pelo reverendo decano na emoção do seu coração comovido, permaneceram nesse lugar para oferecer também aos nossos olhos o espetáculo admirável desse sacrifício que só pode ser compreendido por quem, nas chagas do pobre, veja as de Jesus Cristo.* »

O Tinti adiciona mais detalhes:

« *Contudo, o estado moral e económico daquele hospital era realmente miserável: naquele tempo contava apenas com quatro ou cinco enfermos encomendados aos cuidados de um pobre homem que, segundo o relatado, deixava os enfermos num estado de abandono, tanto que morriam sem a devida assistência, com grande dor daquele digno decano. Daí derivava o escasso número de hospitalizados, por causa do*

compreensível nojo surgido nos aldeãos perante a ideia de se dirigirem àquele lugar gerido tão mal. As irmãs encontraram além disso o hospício privado das coisas mais indispensáveis, tanto para os enfermos como para elas mesmas.

Nas primeiras noites foram alojadas noutra parte, já que não estavam prontos nem os sacos grandes de palha (paglericci) nem os móveis; durante o dia, enquanto se empenhavam em organizar o hospital, buscavam adaptar-se como melhor podiam, contentando-se com comer usando os próprios joelhos como mesa.

Aquelas valentes filhas da Providência não desanimaram de todo, visto que o Pai Luigi as tinha treinado bem em toda a classe de privações e na verdadeira penitência religiosa, tanto que estas almas devotas permaneciam sempre alegres e contentes mesmo no meio de tanta pobreza. Com a ajuda de pessoas devotas e generosas da aldeia, prepararam em poucos dias sacos grandes, colchões, lençóis e mantas, limitando-se contudo ao estritamente necessário. »

Contudo, o ambiente do hospital era muito inadequado e quase deprimente; nem o conselho dos chefes dos municípios do distrito se mostrava generoso em proporcionar às irmãs o necessário. Por fortuna, a Vigária Geral, interpretando fielmente o generoso espírito do pai fundador, interveio pessoalmente, utilizando aqueles recursos económicos de que o previsor Pai Luigi a tinha dotado para toda a necessidade.

O Tinti prossegue no relato:

« *Apesar de tudo, as irmãs, felizes por terem Jesus presente no sacramento da sua casa, não a teriam trocado por um palácio real, e cresciam de dia em dia na força do espírito, tanto para reorganizar o hospital da maneira devida como para conseguir educar e instruir as mentes simples de tantas meninas.*

E o Senhor Deus escutou benevolamente os desejos daquelas queridas esposas suas, tanto que dois meses depois, tendo-se unido a elas outras irmãs mestras acompanhadas pelo sacerdote Francesco Fantoni, o fiel amigo do Pai Luigi, puderam abrir a escola com a plena aprovação das autoridades escolares e da devota população. O hospital foi depois organizado e melhorado graças aos seus cuidados maternos, tanto que hoje — em 1896 — acolhe como média sessenta ou mais enfermos. Da mesma maneira, as irmãs estabeleceram em Primiero um oratório festivo para meninas, que ainda hoje é muito frequentado e muito sólido. »

O fundador seguia desde longe, com a oração e com a solicitude mais paternal, aquela pequena família sua transplantada entre as montanhas. Nem um mês depois da partida, pedia ao Dom Sartori notícias sobre elas. O decano respondia a 8 de março de 1866:

« *Quereis saber de mim como acolhi as irmãs?... Dir-vos-ei que lamento não ser um taumaturgo ou um grande senhor para não poder preparar imediatamente tudo o que possa fazer às irmãs menos amarga a primeira estada em Primiero. Dir-vos-ei finalmente que o hospital mudou de aspeto e começa a parecer um lugar sagrado; que os enfermos e as enfermas estão convencidos disso, e da gente nem falemos; apenas à administração os gastos que se tiveram de afrontar pela primeira vez não lhe terão caído facilmente, mas que contudo se fizeram, em quanto o permite a nossa situação de montanha. Pelo demais, o seu comportamento é exemplar, e já isto por si só tem um grande valor para o crescimento espiritual comum: não saberia desejar mais.* »

A Mãe Strazzolini permaneceu em Primiero por um período considerável, até que viu a comunidade bem organizada; depois deixou como superiora a Irmã Gioseffa Luigia Visentini, então de trinta e quatro anos, que tinha sido uma das primeiras irmãs enviadas ao hospital de Portogruaro.

Pouco depois da sua chegada a Primiero, as irmãs tiveram a ocasião de demonstrar o heroico espírito de dedicação transmitido pelo Pai Luigi, mostrando-se dignas rivais das irmãs mais antigas que se tinham entregado durante os dias sangrentos de 1848 e a epidemia de cólera de 1833. Difundiu-se, com efeito, uma violenta epidemia de varíola e as irmãs dedicaram-se incansavelmente à assistência dos contagiados. A superiora Irmã Visentini deu o exemplo a todas, mas ela própria foi atingida pela doença, que a levou à beira da morte.

Conseguiu curar, mas daquele momento o seu carácter mudou profundamente. Tinha sido sempre de saúde delicada, posto que o Dom Serravalle, na sua carta ao Pai desde Portogruaro em 1857, a tinha mencionado a primeira entre as religiosas esgotadas pelo cansaço: o rosto pálido e magro e a tosse persistente indicavam um princípio de tuberculose, embora ela fizesse de tudo para ocultá-lo. Posteriormente tinha-se recuperado.

Contudo, as sequelas da varíola deixaram-lhe uma certa dureza de maneiras e a tendência para suspeitar e interpretar mal cada coisa. Desta atitude sofreu as consequências uma pobre irmã conversa, Irmã Crocifissa, que nesse mesmo ano foi inclusivamente afastada da congregação; foi readmitida ali mais tarde, quando a sua inocência apareceu clara.

Disso teve de sofrer não pouco também a futura Superiora Geral, Irmã Cecilia Piacentini, que chegou a Primiero como mestra no outono de 1867. A sua biografia relata detalhadamente as dificuldades vividas durante os três anos de permanência naquele lugar. O fundador mesmo, baseando-se nas informações proporcionadas por Visentini, pôs a dura prova a virtude daquela que mais tarde seria considerada a cofundadora da congregação. Contudo, o Pai Luigi mudou de ideia, graças também à intervenção do Dom Fantoni, e escreveu-lhe uma carta com amor materno, prometendo-lhe que em breve a trasladaria para outra casa a fim de que encontrasse alívio aos seus longos sofrimentos morais e físicos. Trasladou-a, com efeito, para a nova casa de Tesero a 20 de setembro de 1870.

Em ambos os casos, o Pai Luigi proporcionou um exemplo notável da humildade e da sabedoria necessárias a um superior. Fiel à disciplina, num primeiro momento atuou com firmeza para com aquelas filhas espirituais suas; mas mais tarde foi capaz de reconhecer o erro de avaliação e devolveu-lhes a mais plena e consoladora confiança.

Tal exemplo é ainda mais admirável se se considera que manteve uma alta estima por Visentini, a qual, por muitas razões, a merecia. Ela alimentava um grande amor pela congregação e pela casa-mãe. Contudo, excedia-se num zelo não equilibrado e numa excessiva meticulosidade, tanto que o fundador teve de lhe chamar a atenção várias vezes. As cartas enviadas pelo Pai a ela — Visentini é a pessoa que conservou o maior número delas — são verdadeiras pequenas obras-primas de bondade, firmeza e sábios

conselhos espirituais sobre como governar com serenidade, através dos quais o Pai buscava moderar e dulcificar aquela superiora geograficamente distante.

Esta última, entre os seus vários méritos, teve também o de atrair para a congregação numerosas vocações, que introduziram um importante grupo de irmãs de Trento dentro da agrupação composta em grande parte por friulanas. Visentini permaneceu como superiora em Primiero até à primavera de 1881; foi depois chamada para a casa de Udine, onde morreu em 1886 à idade de cinquenta e três anos, concluindo a sua existência num clima de tranquilidade e paz.

Uma nova casa em Cormons

Duas semanas antes com respeito à abertura de Primiero, as Irmãs da Providência tinham inaugurado uma nova casa em Cormons. Neste relato não respeitámos rigorosamente a ordem cronológica visto que esta nova instituição não deveu a sua origem à iniciativa do Monsenhor Teloni, mas provavelmente à obra do jesuíta Pai Antonio Banchich, proveniente da Esclavónia friulana (a região do Friuli oriental habitada por populações de língua eslovena), o qual estava então negociando com o Pai Scrosoppi para abrir uma residência da Companhia de Jesus na casa dos Filippini em Udine.

Cormons é uma pequena cidade do Friuli oriental, situada a vinte e dois quilómetros a leste de Udine, ao longo do caminho que conduz a Gorizia; surge deitada na vertente meridional do monte Subìda, em cujo cume corre hoje a fronteira entre a Itália e a Eslovénia (à época da redação do biógrafo, a Jugoslávia).

Naquela cidade, a nobre de Cormons Orsola de Grotta [8] tinha fundado em 1714 uma congregação religiosa denominada das « *Irmãs da Caridade da Doutrina Cristã* », edificando para elas um convento apropriado. Ao lado deste edifício, entre 1774 e 1778, tinha sido construída uma igreja dedicada a Santa Catarina de Sena.

A igreja e o convento tinham sido confiscados quando o Reino Itálico de Napoleão se tinha estendido às Províncias Ilírias e, por consequência, tinham sido vendidos em leilão. O convento tinha-se convertido em propriedade da família Stua, enquanto a igreja tinha sido adquirida pelo nobre de Cattanini, o qual pretendia doá-la ao município. Este último, contudo, nem então nem posteriormente quis fazer-se cargo das condições postas pelo doador, tanto que em 1863 a igreja tinha caído num penoso estado de abandono; isto ocorria apesar de ali ser venerada uma estatueta prodigiosa da Virgem, chamada « *Rosa*

[8] Bibl.: Istituto delle sorelle della Dottrina Cristiana: fascicolo di lettere e documenti vari (A.C.A.U.); SIMONETTI G.I., Commemorazione di suor Orsola de Grotta (1691-1747), Cormons 1956, pp. 19; ROSSI GIUSEPPE, Orsola de Grotta e l'istituto della Dottrina Cristiana in Cormons - Memoria storica, ms., fascicoli 6, cc.n.n. (Arch. ex casa generalizia, suore d. Provvidenza, Cormons); ROSSI GIUSEPPE, Maria Santissima venerata in Cormons nella chiesa di santa Caterina - memoria storica, Padova 1822, pp. 106 - II edizione pp. 81 con Cenni sull'istituto delle consorelle della Dottrina Cristiana, pp. 83-207, con Appendice pp. 208-224, Cormons 1931; La solenne incoronazione di Maria ss. Rosa Mistica, in supplemento al n. 9 del periodico La voce di Maria ss. Rosa Mistica, 1931. (Arch. ex casa gen. suore d. Provv., Cormons).

Mística », que se dizia ter suado na mão direita entre meados de janeiro e os primeiros dias de fevereiro de 1837.



Cormons (GO). Igreja de s. Catarina de Sena, atualmente santuário da Rosa Mística

Parecia que o céu mesmo chamava nesse lugar as Irmãs da Providência: no quadro do altar-mor, ao lado da titular Santa Catarina, estavam com efeito representados São José e São Caetano de Thiene, os dois padroeiros principais da sua congregação, e nas imagens e medalhas da Rosa Mística a Virgem era invocada como « *Mater providentiae* » (Mãe da Providência).

As negociações entre o pároco-decano de Cormons, Dom Antonio Marocco, e o Pai Luigi tiveram um desenvolvimento rápido e positivo, tanto que a 21 de dezembro de 1864 o decano pôde pedir ao Arcebispo de Gorizia, Monsenhor Andrea Gollmayer, o consentimento para chamar as Irmãs da Providência. Contudo, apenas a 10 de julho de 1865 se logrou assinar o contrato, com o qual os esposos Antonio Stua e Anna Maghet vendiam por seis mil florins a maior parte do antigo convento à *Casa delle Derelitte*, representada pelo Pai Luigi e pela Superiora Mãe Teresa Fabris. Estes últimos comprometiam-se a estabelecer nesses locais « *uma secção ou casa filial com quatro ou cinco Irmãs da Providência mestras, que se ocupem da instrução e da educação das meninas pobres de Cormons e das aldeias limítrofes* ».

Para a compra tinha contribuído com uma generosa oferta a baronesa Ernesta Locatelli, nascida condessa Strassoldo. Três anos depois, precisamente a 20 de abril de 1868, perante o temor de que a *Casa delle Derelitte* fosse suprimida pelo governo italiano e que os seus bens fossem objeto de confisco ou disputas legais, a casa mesma — declarando-se impossibilitada de pagar a dívida restante para com a família Stua — revendeu o antigo convento ao Pai Luigi Scrosoppi.

Uma vez assinado o contrato, deram-se início de imediato às obras de renovação a fim de que os locais fossem apropriados para alojar a nova comunidade religiosa. Os acontecimentos, contudo, não procederam de todo sem obstáculos.

Embora uma grande parte da população de Cormons estivesse feliz pela chegada das irmãs, havia também quem se opusesse, a causa da aversão para com as instituições religiosas nutrida pelo partido liberal da época, o qual em Cormons exercia uma forte influência. De dita hostilidade a imprensa leiga da zona fez-se porta-voz, à qual o Pai Luigi não podia resultar grato já que era considerado como « *papista e reacionário* » segundo a linguagem polémica daquele tempo.

don Marocco teria além disso desejado que o instituto das irmãs integrasse no seu seio a escola municipal feminina. O município, contudo, não consentiu. Esta divergência de pareceres causou durante muitos anos problemas e tensões; ao fim as irmãs tiveram de resignar-se a ver a sua própria escola considerada como uma simples escola « *privada e popular* ».

A esses motivos somavam-se as fofocas habituais, alimentadas pelas rivalidades entre diferentes regiões, respeito à fiabilidade daquelas « *pobres irmãs de Udine* ». A 8 de agosto o Dom Marocco pediu uma declaração oficial ao Arcebispo de Udine « *ut obstruatur os loquentium iniqua* » (isto é, a fim de que seja fechada a boca de quem pronuncia iniquidades) naqueles anos tão turbulentos. O Monsenhor Casasola emitiu o documento a 16 de agosto com estas palavras:

« *Conhecendo por experiência pessoal e de outros o grande benefício que deriva ao povo fiel da sua obra inteligente e amorosa nos diferentes exercícios de caridade a que se dedicam por vocação, e especialmente na educação das meninas, felicitamos a Vossa Reverência e à estimável população de Cormons, que de tal maneira veem assegurada para as novas gerações a vantagem de uma sólida educação cristã e civil.* »

Por fortuna, a 27 de setembro chegou a notícia de que Fernando e Marianna de Áustria tinham concedido um subsídio de quinhentos florins em favor das Irmãs da Providência de Cormons; dita ajuda foi obtida graças ao interesse do Monsenhor Gaspardis, confessor perante a Imperatriz. A soma tinha um valor superior ao seu montante económico, posto que fazia mais difícil caluniar quem tinha sido honrado pelo apoio dos soberanos.

Entretanto a Superiora Geral tinha-se dirigido ao Arcebispo de Gorizia, a 15 de agosto de 1865, para a solicitação formal para abrir a casa, escrevendo com profunda humildade:

« *A educação oferecida pelas nossas irmãs não é de um alto nível nem destinada às classes elevadas da sociedade, posto que o fim principal é a educação e instrução das classes pobres e médias, e está portanto orientada a formar boas cristãs e úteis donas de casa.* »

O Monsenhor Gollmayer não concedeu o consentimento senão a 2 de dezembro, tanto para fundar a nova comunidade religiosa como para abrir a escola, recomendando que as religiosas devessem, no possível, adaptar-se aos regulamentos locais sob a direção da inspeção escolar do distrito.

Poucos dias depois, a 19 de dezembro, uma resolução imperial estabeleceu que às irmãs lhes fosse também « *cedida gratuitamente a igreja e as suas dependências, com a faculdade especial de registar legalmente a propriedade a seu nome* ». Contudo, uma vez mais, a burocracia fez sentir o seu peso. As irmãs obtiveram a posse legal da igreja apenas a 16 de maio de 1867, comprometendo-se a mantê-la sempre aberta ao culto divino, a cuidar da sua manutenção às suas próprias expensas, e a aterem-se às prescrições diocesanas para as funções sagradas, evitando em particular perturbar as atividades da igreja paroquial. Como escreverá mais tarde o historiador do santuário da Rosa Mística:

« *Desde esse dia começa o renascimento desta igreja e sobretudo a renovação do culto dedicado à grande Mãe de Deus, aqui venerada na sua estátua prodigiosa sob o título de Rosa Mística.* »

Em janeiro de 1866, o fundador dirigiu-se a Cormons para supervisionar pessoalmente os últimos preparativos. Era extremamente meticuloso não apenas para organizar tudo o necessário a fim de que a vida comunitária seguisse rigorosamente as regras, mas também para cuidar dos mínimos detalhes a fim de que a cerimónia de entrada — como cada outra celebração da congregação — resultasse perfeita. Não cessava de fazer-lhes ensaiar e ensaiar de novo cada passo. Contudo, deu uma vez mais um exemplo extraordinário do seu desejo de permanecer na sombra e da sua humildade: partiu de Cormons a véspera da cerimónia, feliz por regressar ao seu trabalho silencioso e à sua oração recolhida.

O jornal de Veneza "*La libertà cattolica*" transmitiu a crónica deste feliz acontecimento, celebrado a 23 de janeiro de 1866:

« *Às 8 da manhã as Irmãs da Providência reuniram-se na capela pública do Conde Del Mestri, dedicada aos Desposórios de Maria (festa que caía precisamente nesse dia). Depois de terem escutado a santa missa, acompanhadas em procissão pelo clero, pelas mulheres da nobreza, e pelas demais senhoras de Cormons, assim como pelos alunos de ambos os sexos e por uma grande multidão, foram introduzidas na igreja do convento e acompanhadas ao presbitério.*

Pouco depois chegou à igreja o Arcebispo o qual, trás ter benzido o povo com água benta, se dirigiu ao altar-mor onde, depois de ter adorado o Santíssimo Sacramento, subiu ao trono preparado para a ocasião.

Nesse momento, o reverendo pároco-decano apresentou as irmãs ao Arcebispo, suplicando-lhe que tivesse a bem acolhê-las como suas filhas e transmitir-lhes a sua bênção paternal. Feito isto, a reverenda superiora da casa-mãe de Udine apresentou-se aos pés de sua reverendíssima alteza [(9)] para agradecer-lhe a bondade demonstrada para com elas e para render-lhe homenagem beijando o anel sagrado; o mesmo fizeram todas as demais irmãs, às quais o Arcebispo dirigiu de imediato um discurso, recordando-lhes os votos solenes e a sua missão como educadoras da juventude feminina.

[9] O Arcebispo de Gorizia e o Bispo de Trento tinham o título de « alteza » porque eram considerados príncipes do Império austríaco.

Posteriormente o Arcebispo vestiu-se com os ornamentos sagrados para celebrar a santa missa, antes da qual se cantou o hino Veni Creator. Durante as partes principais do sacrifício eucarístico, as irmãs cantaram a vozes sós hinos devotíssimos compostos pelo célebre mestre de Cividale, Dom Giacomo Tomadini, que dirigia as cerimónias emocionantes. »

« *Não se pode descrever* — prossegue a crónica com um evidente tom polémico — *quanto os habitantes de Cormons e das aldeias vizinhas se regozijavam por este benefício e como todas as senhoras de Cormons competiam em proporcionar às irmãs móveis e provisões. Esta é a prova de que as famílias religiosas são desejadas e amadas, e de que a sua utilidade para a educação cristã é reconhecida. Que isto sirva para refutar quem desejaria a destruição das comunidades religiosas para arrastar mais facilmente o povo para uma completa perda dos valores morais.* »

À frente da comunidade religiosa de Cormons o fundador colocou a Irmã Giovanna Francesca Colloredo, como tinha já feito em Portogruaro e pelas mesmas razões, enquanto a direção da escola foi encarregada à Irmã Eletta Cucito. Esta última logrou ganhar em pouco tempo a estima de todos, tanto do povo como das autoridades.

Em julho de 1866 os exames finais não se realizaram já que o surto de alguns casos de cólera impôs o encerramento antecipado das escolas. Contudo, no início de 1867, o novo governador de Trieste ficou tão satisfeito da visita ao instituto que prometeu o seu pleno apoio; concedeu-o efetivamente a 3 de outubro, quando autorizou a adição da quarta classe elementar às três já existentes e promoveu a escola das irmãs ao estatuto de « *escola principal* » (um centro escolar de referência), como se costumava dizer na época. Os exames finais de julho daquele ano tiveram um excelente resultado, na presença de muitas personalidades locais, entre elas o pretor Wincler, que foi sempre um partidário enérgico e apaixonado da escola contra a oposição do partido liberal. As avaliações das alunas foram inclusivamente publicadas por escrito, graças à generosidade dei benfeitores.

Por desgraça, contudo, precisamente naqueles dias a casa de Cormons foi golpeada por um grave luto. A 11 de julho di 1867, trás poucos dias de doença, morria a Irmã Eletta Cucito, deixando uma muito doce recordação. Para substituí-la chegou de Udine, como diretora e professora de alemão e francês, a Irmã Maria Gioseffa Fabris, nascida em Trieste, ela também religiosa devota e muito capaz.

Concluímos estas notas sobre as origens da casa de Cormons recordando que a comunidade religiosa — trás um breve período confiado ao sacerdote polaco residente na cidade, Dom Carlo Pniewski, e posteriormente ao professor reformado Dom Paolo Fabris de Sevegliano — teve como confessor, desde o mesmo começo de janeiro de 1867, ao jesuíta Pai Giuseppe Rossi [(10)], o qual manteve o cargo durante mais de doze anos. O

[10] Nascido em Módena em 1820, passou grande parte da sua vida na educação da juventude como professor e ministro em internatos, assim como diretor espiritual do seminário. A partir de 1879 esteve em Cormons como capelão na Igreja de Santa Caterina, diretor espiritual e confessor da casa das Irmãs da Providência a qual, desde 1866, se tinha convertido na casa generalícia da congregação; passou os seus últimos anos em Pádua como diretor da casa de exercícios, onde morreu em 1883. Muito devoto de São José, colaborou na publicação em Módena do periódico

Pai Scrosoppi esteve feliz por confiar a mãos tão experientes a direção espiritual das suas filhas, e entre os dois nasceu uma profunda amizade mútua que apenas a morte pôde interromper.

Reconhecimento legal das Irmãs da Providência

O fundador, longe de pedir com insistência reconhecimentos legais para as suas obras, e em particular para a congregação das irmãs, experimentava antes temor para com isso. Ele baseava-se firmemente na chamada aprovação de 1839, que tinha reconhecido o caráter privado da *Casa delle Derelitte* e a tinha isentado do controlo e da tutela da autoridade civil. Respeito às irmãs, o seu pensamento era aproximadamente este:

« *De facto existem e concretamente prestam a sua obra benéfica. O que se poderia querer mais?* »

Naturalmente, tal posição já não era suficiente.

Num memorando do fim de 1865 reconhece-se que, sem um reconhecimento legal:

« *se estas mestras, chamadas Irmãs da Providência, fossem convidadas a assumir o encargo de outras escolas em lugares diferentes, ou a prestar noutra parte os seus cuidados caritativos, não teriam podido deslocar-se ali regularmente.* »

As negociações para Primiero e para Cormons obrigaram portanto o Pai Luigi a procurar também a aprovação civil para a sua congregação.

Foi nesta circunstância que aconteceu um facto bastante significativo. Quando o governo de Innsbruck recebeu o pedido de aprovação para o envio das Irmãs da Providência para o hospital de Primiero, pôs-se logo em alerta, visto que no Trentino e no Tirol esse nome estava associado exclusivamente às irmãs rosminianas, e a figura de Antonio Rosmini não era bem vista pela polícia austríaca. Por essa razão, o governo de Innsbruck solicitou informação às autoridades do Friuli, as quais pediram esclarecimentos ao Pai, recordando as tentativas feitas vinte anos antes para levar para Udine as irmãs de Rosmini, como já mencionámos no seu lugar.

Uma vez esclarecidas as suspeitas, os trâmites para o reconhecimento legal tiveram de afrontar o habitual e fatigante caminho burocrático entre as diversas secretarias, até que a 19 de dezembro de 1865 o imperador Francisco José aprovou « *a fundação da família religiosa das chamadas Irmãs da Providência sob o patrocínio de São Caetano, já concretamente iniciada e existente em Udine.* » A 3 de janeiro de 1866 o ministério de Viena deu comunicação disso ao governo de Veneza, o qual a 11 del mesmo mês informou disso o Arcebispo de Udine. Ao mesmo tempo, a notícia foi comunicada ao governo de Innsbruck e o primo do Dom Sartori escreveu-lhe a 12 de janeiro que « *os papéis tinham finalmente chegado ao seu destino.* » O simpático decano de Primiero, numa carta ao Pai Luigi, comentava com agudeza:

« *Mas bem que nos os fizeram suspirar!* »

"*Il Divoto di san Giuseppe*". Da sua infatigável obra em favor dos cidadãos de Cormons e das Irmãs da Providência fala o Tinti, e à morte do Pai Rossi, o Pai Scrosoppi escreveu às irmãs exortando-as a rezar « por esta alma inesquecível dos nossos corações agradecidos ».

As primeiras irmãs « mestras diplomadas »

A perspectiva de abrir escolas femininas em Primiero e em Cormons trouxe uma novidade adicional no interior da congregação. Conforme escreve o Tinti:

« *Na origem do instituto, o Pai Luigi contentava-se com que as irmãs mestras soubessem pouco mais do que ler e escrever; ele sustentava com efeito que isto era mais adequado para uma vida escondida e humilde, e provavelmente isto era suficiente naquela época de menores pretensões. Mas o previsor Pai compreendeu que os tempos estavam a mudar, que a instrução requeria métodos diferentes e que para as mestras o diploma era já necessário.* »

O seu grande amor por São Francisco de Assis fazia-lhe talvez recordar aquele ponto da regra franciscana em que está escrito:

« *E quem não sabe ler não se preocupe em aprender; mas considerem que acima de qualquer outra coisa devem desejar possuir o espírito do Senhor.* »

Dito critério estava perfeitamente em linha com a sua índole e com a sua orientação espiritual. Contudo, ele não ignorava quanto tinham mudado os tempos e ele próprio animava as irmãs analfabetas a aprender a ler e escrever. Quando depois uma lei do Estado austríaco impôs que, mesmo nos institutos privados, o ensino devia ser ministrado por mestras diplomadas, ele obedeceu com prontidão.

Por fortuna, em 1863 tinha entrado na congregação uma mestra de Trieste já habilitada, a já citada Giuseppina Fabris, que tomou o nome de Irmã Maria Gioseffa do Espírito Santo. O fundador aproveitou esta valiosa oportunidade e abriu na casa de Udine uma escola para a formação de professores para permitir a algumas irmãs obter a habilitação magistral. Como escreve ainda o Tinti:

« *A boa mestra Irmã Maria Giuseppina de Trieste com os estudos literários, o Pai Luigi com a geografia e a astronomia e o sacerdote Fantoni com a catequética e a metodologia, prepararam seis irmãs para realizar os exames perante as autoridades escolares a 21 de março de 1865; todas lograram obter a habilitação magistral imperial régia com grande honra e com notável vantagem para o instituto.* »

Entre as seis aprovadas estava a Irmã Cecilia Piacentini, que na época era ainda noviça.

Posteriormente, a atividade da escola magistral continuou na casa de Cormons, inicialmente sob a direção da Fabris — que morreu aos sós quarenta e seis anos a 10 de outubro de 1872 — e posteriormente da Irmã Costanza Murero; contudo, isto não ocorreu sem fortes resistências por parte de quem teria querido excluir as religiosas do âmbito escolar. O jesuíta Pai Rossi transmitiu-nos páginas amargas respeito a aquelas tristes oposições. Mas dificuldades ainda mais graves surgiram para o Pai Luigi e para as suas obras a causa dos acontecimentos políticos de 1866.

Capítulo 6

DEUS E CÉSAR (1866-1870)

Relações do Pai Luigi com as autoridades administrativas

A administração municipal de Udine constatava dia após dia quão socialmente útil era a obra de Scrosoppi. Por essa razão, as relações entre o município e o Pai, naquele período, foram marcadas por um respeito mútuo.

A 11 de agosto de 1863, um dirigente municipal anunciava à merecedora direção da *Casa delle Derelitte* uma próxima visita sua, expressando o desejo de conhecer em pessoa aquele lugar de caridade. A 11 de fevereiro de 1864, o mesmo dirigente — depois de se ter manifestado um surto de varíola entre cinco internadas na *Casa del Provvedimento* — convidava o diretor a exortar todas as hóspedes e alunas a submeterem-se à nova vacinação, para com a qual existiam ainda fortes desconfianças. A 23 de março seguinte, o município atribuía à casa uma oferta de cem florins por ocasião do aniversário do imperador Francisco José. O Pai Luigi agradecia a doação recebida em apoio daquela pobre casa.

Mais de um ano depois aconteceu um facto que merece ser mencionado.

Perante o temor de uma nova epidemia de cólera, a 20 de setembro de 1865, o município pediu ao Pai para poder utilizar como lazareto a casa de campo das *Derelitte* situada fora da *porta Ronchi*, oferecendo em troca um aluguer adequado. Ele acedeu imediatamente.

Os locais foram desocupados a 13 de janeiro de 1866 e o Pai Luigi deu aviso da devolução, respondendo a uma nota municipal de 21 de dezembro; afirmava, entre outras coisas, que a casa se consideraria satisfeita com qualquer compensação que os representantes do município tivessem considerado oportuno oferecer. Estes últimos, contudo, não pagaram um único cêntimo. E ele não disse nada.

Dois anos depois, contudo, a 3 de agosto de 1867 — quando já muita água tinha passado debaixo das pontes — o município renovou a solicitação para criar, conforme se explicava, um lugar de depósito temporário e de observação para quem chegasse indisposto pelo caminho-de-ferro, a causa da temida propagação do cólera. Para o aluguer, a administração fazia referência às condições já estabelecidas na ata de setembro de 1865.

O Pai Luigi respondeu a 5 de agosto:

« *O abaixo-assinado acolhe de bom grado a solicitação e aceita também as condições estabelecidas naquela ata respeito à compensação. Contudo* — continuava — *visto que a soma devida à Casa delle Derelitte pela ocupação dos locais em 1865 não foi ainda paga, o escritor roga a esta honrada administração interessar-se a fim de que dita*

questão seja resolvida o mais breve possível. Seguro de uma resposta favorável, agradeço antecipadamente. »

Não lhe interessava certamente aquele pouco dinheiro; mas a ocasião era ideal para uma repreensão cortês e um toque de boa ironia. Entre linhas, ele pretendia dizer:

« *Sois tão hostis para com os sacerdotes e estais a criar-me problemas de todo o tipo, e contudo para nós os sacerdotes fazer caridade é um dever grato; vós contudo deveríeis sentir a obrigação de manter a palavra dada.* » Não sabemos que resultado teve este subtil lembrete.

Quem continuou em contrapartida a comportar-se como uma presença incómoda foi a Repartição de impostos da província de Udine. Os cofres do Estado austríaco tinham uma necessidade desesperada de fundos para manter unido o império contra os perigos que surgiam por todos os lados. Por essa razão os impostos aumentavam e a burocracia vigiava cada cêntimo para impedir inclusive a menor evasão. Alguns episódios deste período são decididamente curiosos.

Enfureceram-se como no passado, com uma insistência quase opressiva, a fim de que a « *grande fiação* » das *Derelitte* pagasse os impostos como uma empresa industrial normal. O Pai viu-se obrigado a apresentar súplicas e recursos, enquanto o fisco austríaco enviava requerimentos definitivos e ameaças de multas. Num documento de 15 de outubro de 1863 ele demonstrava que a fiação estava em realidade em perdas para a casa, e concluía:

« *Por caridade, entenda-se de uma vez por todas que não se trata de uma fábrica comum, mas de uma simples escola para as meninas necessitadas.* » Finalmente, a 29 de janeiro de 1864, emitiu-se um decreto de isenção. E visto que o Pai já tinha tido de pagar o imposto, teve então de apresentar uma nova solicitação para obter o seu reembolso.

Outro incómodo fastidioso chegou de uma lei austríaca de 13 de dezembro de 1862, sobre a base da qual se submetiam a um imposto equivalente sobre os bens móveis « *não apenas as comunidades, as uniões e os institutos, mas também todas as outras corporações e sociedades, sejam públicas ou privadas, a cujos membros não corresponda uma quota do capital social.* »

O Pai Luigi teve então de afanar-se, cobrando força na resolução soberana de 1839, para demonstrar que a *Casa delle Derelitte* não era nada parecido e menos ainda uma sociedade, mas antes uma simples habitação privada: « *assim como qualquer outra casa privada que faz caridade a uns pobres* — concluía — *não é afetada pela lei de 13 de dezembro de 1862 do imposto equivalente, assim o humilde abaixo-assinado tem toda a razão para considerar que não está sujeita a ele também a privada Casa delle Derelitte.* » A administração financeira austríaca, contudo, não quis escutar razões; por consequência, derivaram-se outros recursos sem fim.

Mas eis algumas autênticas pérolas.

A casa tinha adquirido, a 18 de outubro de 1863, um campo e meio na periferia de Udine ao nobre Guglielmo Rinoldi; o contrato tinha sido assinado por Rinoldi e, por conta da casa, pelo Pai e pela Superiora Mãe Teresa Fabris. A repartição de finanças deu-se conta de que o selo de legalização das assinaturas era de 75 *soldi*, cifra correta se as assinaturas

tivessem sido duas; visto que em contrapartida eram três, intimava-se a pagar outros 25 soldi pela terceira assinatura, além de uma multa de 50 *soldi*. O Pai Luigi teve de demonstrar que cada contrato referente à casa devia ser assinado, para a sua validade, tanto pelo diretor como pela superiora:

« *embora sejam duas pessoas* — observa — *e tenham posto no contrato as suas assinaturas, devem-se por lei considerar como uma só pessoa... Portanto, considerados como uma só firma, o selo aplicado pelo notário é regular.* »

Desta vez a intendência de finanças deu-se por vencida.

Pouco depois, o Pai Luigi viu-se obrigado a subscrever duas obrigações forçosas do tesouro austríaco e foi convidado a depositá-las na repartição financeira a caminho de um « *recibo em papel sem selo.* » Contudo, a caixa tinha exigido que a sua assinatura fosse autenticada por um notário, e o Pai tinha executado a ordem. E eis que se lhe intimou a pagar 50 *soldi* pelo selo faltante na legalização, além de um florim de multa. « *Se o recibo* — protestava o Pai Luigi a 2 de outubro de 1864 — *por lei está isento de selo, por consequência também a autenticação estará isenta de selo. Por tal razão o abaixo-assinado fez realizar a autenticação em papel comum e não com a intenção de fraudar os direitos do fisco.* » Também neste caso o recurso foi acolhido. Subscrever obrigações forçadas e ver-se por acréscimo extorquido era verdadeiramente o cúmulo.

Um cúmulo que será contudo superado quando, trás a anexação à Itália, o Pai seja repreendido por ter subscrito aquelas mesmas obrigações. Como se o tivesse feito de boa mente!

Neste último episódio ele demonstra a sua consciência escrupulosa também no cumprimento dos deveres cívicos, ali onde afirma não ter tentado jamais fraudar os direitos do fisco. Pelo mesmo motivo defendeu-se com extremo vigor quando, a 14 de setembro de 1864, a intendência lhe repreendeu pela falta de notificação de alguns terrenos inscritos em nome da casa, como se tivesse querido evadir o imposto sobre os bens imóveis. O Pai pôde demonstrar que parte daqueles terrenos tinham sido regularmente declarados; que para outro campo tinha havido um erro de inscrição, corrigido depois a 12 de maio de 1863; e respeito aos restantes — uma casa em Udine e meio campo fora da cidade — precisava que « *são propriedade exclusiva das mestras.* » Estes últimos bens, de facto, não resultavam entre os imóveis da *Casa delle Derelitte* e, através de investigações particulares, averiguámos que se tratava de uma casa propriedade da Mãe Teresa Fabris e de duas parcelas pertencentes a outras religiosas. Desta contestação emerge que desde há pelo menos uma década a congregação das irmãs tinha constituído uma sociedade de facto com bens próprios, da qual ainda em 1864 a De Giorgio, falecida em 1855, a Gaspardis, falecida em 1862, e a Colloredo, naquela época ainda viva, resultavam administradoras.

Não encontramos nenhum documento que indique que a intendência do Reino de Itália tenha depois atormentado o Pai como as finanças austríacas o tinham feito. Os problemas, no novo ordem do dia, tiveram uma origem, por assim dizer, mais elevada, visto que surgiram da legislação italiana referente aos institutos religiosos.

A guerra de 1866

A 19 de junho de 1866, o Reino de Itália, aliado com a Prússia, declarava a guerra à Áustria com o objetivo de reunir o Veneto à pátria mãe. A 24 de junho, os dois exércitos chocaram na sangrenta batalha de Custoza. Naquele combate caiu, aos sós vinte e seis anos de idade, Giovanni Battista Scrosoppi, filho de Giuseppe e primo do Pai Luigi, que se tinha alistado como voluntário entre as fileiras italianas. Conforme relata um descendente daquele caído, a cuja memória foi conferida a medalha de prata, o Pai Luigi deslocar-se-á posteriormente várias vezes àqueles lugares para celebrar a santa missa em sufrágio do seu parente.

A caridade impeliu mais uma vez o fundador a oferecer a obra das suas religiosas para a assistência aos feridos. O "*podestà"* de Udine solicitou seis delas para a casa de caridade, onde entre enfermos e feridos se contavam cento e sessenta pessoas, e o *podestá* respondia a 1 de julho:

« *Reservo-me vir pessoalmente render-vos as devidas graças pelos princípios de autêntico altruísmo de vossa parte, que com boa razão gozais da estima da inteira cidade.* »

Infelizmente, quão mutável é a estima dos homens!

A 26 de julho, o udinense Augusto Berghinz, ao comando de um destacamento de lanceiros de Aosta, entrava triunfalmente na praça que leva hoje ainda o seu nome, situada diante do atual *Tempio Ossario* dedicado aos caídos da guerra 1915-1918.

A entrada das tropas italianas em Udine esteve acompanhada por manifestações hostis contra o clero e os institutos religiosos. As crónicas da época relatam um sacerdote o qual, surpreendido na rua pela multidão enfurecida, foi carregado numa daquelas carroças de gaiola (isto é, de vimes, as utilizadas para as aves de capoeira) utilizadas para transportar os animais ao mercado ou ao matadouro, e arrastado pela cidade em meio da troça pública. Conforme acontece nos meandros mais vil e escuros da alma humana, não eram poucos aqueles que buscavam num patriotismo improvisado e num anticlericalismo ruidoso um pretexto para cobrir as suas próprias culpas ocultas: e os velhos informadores e delatores da polícia austríaca gritavam mais forte do que todos:

« *¡Abaixo os curas! ¡Viva Itália!* »

A néscia raiva dos seita-membros não perdoou nem sequer os brancos véus femininos e religiosos de quem se desvelava por assistir os sofridos, tanto que as Irmãs da Providência tiveram de retirar-se assustadas. Contudo, a 28 de julho o novo *podestá* Beltrame escrevia « *ao reverendíssimo Dom Carlo Scrosoppi* », rogando-lhe fazer voltar de imediato seis « *Irmãs da Misericórdia* » à Casa de Caridade; a 7 de agosto o médico Sguarzi, que operava naquele hospital, solicitará que se deixem duas para continuar a assistência aos enfermos em condições gravíssimas.

Finalmente assinou-se a paz em Viena a 3 de outubro e a 22 do mesmo mês as populações do Veneto e do Friuli expressaram mediante um plebiscito a sua vontade de unir-se ao Reino de Itália. Desde os primeiros dias de agosto tinha chegado a Udine Quintino Sella, em qualidade de governador com plenos poderes em nome do Rei de Itália. A 15 de novembro chegou à cidade, em meio de um desdobramento de tricolores

e do entusiasmo da multidão, Vittorio Emanuele II; diante do palácio antes Belgrado, atual sede da província, o arcebispo Monsenhor Casasola leu um discurso de homenagem em presença dos colégios de sacerdotes (isto é, os cabidos) de Udine e Cividale e dos párocos da cidade. O Rei agradeceu muito a homenagem e quis o arcebispo à sua direita durante o banquete que seguiu pouco depois: atuando com a nobre, embora vã, intenção de aplacar os ódios anticlericais e favorecer a pacificação dos espíritos. Contudo, durante a mesma ceia, houve quem alimentou os contrastes com uma inoportuna ostentação de zelo patriótico [(1)].

A casa generalícia e o noviciado trasladados para Cormons

É necessário recordar à memória as leis de supressão das entidades religiosas ditadas pelo Reino de Itália para compreender plenamente o estado de profunda ansiedade em que jaziam as comunidades religiosas do Veneto no momento em que sobreveio o exército italiano. Não havia outra coisa a esperar senão o encerramento das casas e o confisco dos bens por parte do Estado, como efetivamente sucedeu.

Por essa razão, conforme relata o Tinti:

« *o Pai Luigi atuou com sábia prudência e firme determinação e, em pleno acordo com as irmãs, decidiu trasladar para Cormons a casa generalícia, solicitando para tal fim, por meio da Superiora Geral, o consentimento do Bispo de Udine, de quem a separava, e do de Gorizia, a cuja autoridade a submetia.* »

Em data de 30 de junho, com efeito, a Mãe Teresa Fabris escrevia ao Monsenhor Casasola:

« *Circunstâncias gravíssimas, que me causam uma dor indizível, exigem que comunique a Vossa Senhoria Ilustríssima e Reverendíssima a decisão que, junto com as irmãs antigas, considerei dever tomar: a de afastar-me de Udine, onde a congregação não possui uma casa própria, para dirigir-me a Cormons. Ali pretendo estabelecer-me no convento que é propriedade da nossa congregação, deixando contudo em Udine, para as casas que se encontram sob a nossa direção, o número de mestras e de pessoal necessário para a assistência e a educação.* »

Além do parecer dos dois arcebispos, de documentos posteriores emerge que foi solicitado o visto bom da Congregação de Bispos e Regulares em Roma, a qual o teria concedido apenas temporariamente (*ad tempus*), até que a situação política se tivesse aclarado e estabilizado.

A Mãe Fabris deixou portanto com o coração colmado de angústia a sua amada cidade natal e a *Casa delle Derelitte*, lugar em que se tinha consagrado a Deus mais de trinta anos antes; trasladou-se para Cormons junto com outras irmãs e cinco noviças. Para estas últimas foi celebrada a cerimónia de tomada de hábito a 26 de fevereiro de 1867 pelo

[1] Foi o monsenhor Gianfrancesco Banchieri, cónego primicério do cabido, que junto com o decano desse mesmo cabido e com o arcebispo tinham recebido o Rei na estação e foram convidados ao banquete real. Mas o decano monsenhor Giovanni Paolo Foraboschi tinha-se feito dispensar (veja-se Parte I, Capítulo 4, parágrafo Os estudos do jovem Luigi). À mesa Banchieri improvisou um soneto em que saudava Vittorio Emanuele como « redentor » do « solo italiano » e fazia votos por Roma capital de Itália. (Cfr. Atti del Capitolo, vol. XI (1859-1891) fl. 71, A.C.U.; Ricordi storici em Pagine Friulane, 11-1-1891, p. 177).

venerável cónego escolástico Monsenhor Domenico Castellani, delegado pelo arcebispo de Gorizia. Essa foi a única cerimónia de tal género celebrada em Cormons. A partir de 1868 e até à morte do fundador, todas as demais tomadas de hábito realizaram-se de novo em Udine, onde, entretanto, o noviciado tinha sido devolvido. Simultaneamente, a *Casa delle Derelitte* permanecia confiada aos cuidados da Mãe Strazzolini, que a 7 de março de 1867 foi eleita formalmente « *superiora* ».

Neste passo deve entender-se que, com a eleição de 7 de março, a Strazzolini assumiu também o cargo de superiora geral para as casas situadas em território italiano: a saber, a *Casa delle Derelitte*, a casa de Orzano, o hospital de Portogruaro, a *Opera di santa Zita*, o Instituto das Surdas-Mudas e o Asilo Infantil. Ao contrário, a Mãe Fabris manteve o cargo de superiora geral para as casas em território austríaco, isto é, Cormons, Primiero e, a partir de 1869, Tesero.

Desdobramento aparente da autoridade, feito inevitável pelas péssimas relações diplomáticas entre Itália e Áustria, teve fim em outubro de 1873, quando a Strazzolini voltou a ser a superiora general de todas as casas e a Mãe Fabris pôde reingressar em Udine, onde o cargo de mestra de noviças lhe foi designado.

O Pai Luigi não teve nem sequer a possibilidade de saudar o pequeno grupo de pobres exiladas em partida, posto que naquele momento se encontrava retido na cama pelas febres na casa dos Filippini.

O Pai Scrosoppi detido

Entrementes, daquela casa tinham-se afastado os Jesuítas, a quem o Pai Luigi tinha hospedado por cerca de nove meses; a essa mesma casa chegava o seu irmão Dom Giovanni Battista, afastado do seu cargo de arquipreste de Sacile. Para aquele edifício e para a igreja anexada começava aquele doloroso calvário que se concluiria com o confisco e com a supressão da ordem dos Filippini.

Mas o próprio Pai Luigi experimentou pessoalmente os efeitos do anticlericalismo imperante.

Já parámos para fazer alusão a Barbara Mayerhoffer [2], filha de um oficial húngaro, que tinha sido acolhida junto com a sua irmã entre as *derelitte* em 1852, aos sós quatro anos de idade, e que posteriormente se converteu em irmã com o nome de Irmã Tranquilla. Dela nos ficou uma longa relação, na qual começa dizendo que desde os 17 ou 18 anos alimentava o desejo de fazer-se Irmã da Providência, mas não tinha falado disso com ninguém senão com o seu confessor; não tinha falado disso porque a sua saúde precária

[2] Respeito às irmãs Mayerhoffer, Maria e Barbara, encontra-se uma certa confusão ou inversão entre as duas. No registo do fundador e da congregação, Maria (nascida em 1845) é identificada como Irmã Tranquilla e Barbara (nascida em 1848) como Irmã Perpetua. Se em contrapartida consultarmos o Registo de defuntos da paróquia udinense do Carmine, Maria resultaria ser a Irmã Perpetua, falecida aos 50 anos a 16 de março de 1896 (nascida portanto em 1845). Por conseguinte, a Irmã Tranquilla que aparece neste episódio seria identificável com Barbara, dita nascida em 1848. O desdobramento exato não tem contudo um valor determinante, embora o relato pareça adaptar-se melhor à jovem nascida em 1848 antes do que à de 1845.

aparecia como um obstáculo para a aceitação. E eis que um dia o Pai lhe disse palavras semelhantes a estas:

« *Sei o que desejas, mas por agora permanece alegre e não penses nisso. Asseguro-te que sararás e que te converterás em irmã tu também. Ensinar-te-ei eu, no momento oportuno, o que deverás fazer para seres aceita.* »

Até aqui a Irmã Tranquilla desejava sublinhar como o Pai Luigi tinha o dom de ler nos corações e de prever o futuro.

Mas ela prossegue oferecendo-nos o relato da detenção e do interrogatório do Pai Luigi por parte da polícia, ocorrido num dia não precisado para os finais de 1866 ou a princípios de 1867. Relatamo-lo fielmente:

« *Uma vez fiz uma viagem de Udine a Portogruaro com ele; alguém o tinha acusado de ter começado a trasladar as irmãs. Não bem subimos à carruagem, apenas saídos da grande porta — que então se montava aqui no pátio, porque tínhamos aqui os animais e as carruagens — apenas saídos, eis dois guardas que nos detêm e perguntam ao Pai aonde vai. Ele, do todo calmo e tranquilo, responde com franqueza: Vou a Portogruaro. Eles insistem e dizem que não é verdade e que deve dizer a verdade. Mas sim, homens benditos, que vou precisamente lá.*

Bem, — disseram — *procedamos.*

Conduziram-nos ao pátio de um grande quartel; ali disseram ao Pai que baixasse da carruagem e que subisse aos andares superiores. Permaneceu ali mais de uma hora com estes soldados.

Depois, quando o consideraram oportuno, vieram perguntar-nos também a nós se nos molestava baixar da carruagem. Nós, prontíssimas, respondemos que não e fizemos por baixar. Então, vendo-nos tão decididas e indiferentes, deixaram-nos dentro e fizeram avançar o cavalo passo a passo. O nosso bom Pai procedia a pé, em meio dos soldados; parecia precisamente Jesus bendito que ia ao Calvário, rodeado por uma multidão imensa de povo que o seguia gritando loucamente: ¡À prisão, à prisão!

Eu não sei descrever quão agitada me sentia; chorava a lágrima viva ao ver o bom Pai e ao ouvir aquelas vozes. Parecia-me ir ao inferno.

Finalmente levam-nos ao tribunal, e ali fomos interrogadas por várias pessoas, sempre sob vigilância. Chega por fim o último funcionário encarregado do exame. Este chama primeiro o reverendo Pai; depois, por temor a que o bom Pai me sugerisse que responder, ordenou que entrasse eu imediatamente depois dele. Eu tinha muito medo e não queria ir; dizia àquele senhor que chamasse primeiro a irmã, porque eu não sabia que lhe dizer. Não conhecia então a sua astúcia. Mas o bom Pai, que compreendia tudo, disse-me: Vai querida, responde a tudo o que te perguntar.

Este senhor convidou-me a sentar-me perto dele e tratou-me com tal amabilidade que logo tomei alento. Então começou a interrogar-me e disse-me: Escuta, querida, sabes dizer-me aonde vai o pai Luigi? Eu respondi-lhe que ia a Portogruaro.

A fazer o quê?

A encontrar as irmãs, como tem feito sempre, para ver se necessitam de alguma coisa.

E a irmã?

A irmã talvez se deterá ali, e regressará outra.

E tu, vais para ficar?

Espero que não, conforme me disseram: vou porque não me encontro muito bem e por isso os superiores me levam a fazer um pouco de movimento e a tomar um pouco de ar.

E quando estareis de regresso?

Talvez o sábado.

Escuta querida, ouviste alguma vez dizer ao vosso Pai que deve trasladar as freiras? Eu respondi-lhe que não, que não o tinha ouvido jamais.

Diz-me, quem é que manda no lugar do pai Luigi até ao seu regresso?

É o seu irmão, o vice-diretor, o a superiora.

*Sabes o que há na carruagem?

Na viatura talvez estarão os vestidos das irmãs, lençóis, camisas e o que se necessita para os enfermos.*

Diz-me, queres tanto ao pai Luigi?

Se não lhe quero a ele, a quem deveria querer?

As superioras e as freiras querem-vos bem? Castigam-vos alguma vez?

Querem-nos tanto que sacrificaram toda a sua vida para fazer-nos o bem, e amam-nos como verdadeiras mães; e se alguma vez se veem obrigadas a dar-nos algum castigo, fazem-no de maneira que se percebe o seu pesar interior, e não se pode menos do que amá-las também então.

Faz muito tempo que estás no convento?

Fui ali de menina.

Querias também fazer-te freira?

Oh, nisso não penso, porque se não tenho saúde não posso nem sequer tomá-lo em consideração.

Bem, ânimo, adeus querida. Continua sendo boa, virei visitar-te ao convento. Manda-me a mãe para dentro. — E com ela despachou o assunto em poucas palavras —.

Permanecemos ali desde as cinco da manhã até às dez e meia. Depois inspecionou a carruagem para ver se tinha dito a verdade; finalmente despediu-nos.

Apenas subidas de novo à carruagem, o Pai começou a rezar em ação de graças. Depois perguntou-me o que tinha dito durante tanto tempo àquele senhor, e eu lhe contei tudo. Ele consolava-se ao ouvir que tinha sabido responder tão bem e que, por mérito meu, tinha escapado da prisão. »

O Tinti, ao relatar a narração, faz dizer à Irmã Tranquilla:

« *A acusação apresentada perante a Chefatura de polícia era que o Pai Luigi estava trasladando os fundos da congregação fora do Estado. Mas, visto que o presumível tesouro se tinha transformado num saco de ligaduras e gazes para os enfermos, aquele empregado despediu-nos cortesmente.* »

E conclui afirmando que se soube posteriormente que quem tinha denunciado e caluniado vilmente o Pai Luigi tinha sido uma pessoa ajudada por ele, de quem ele mantinha gratuitamente uma filha no seu instituto. Por desgraça, naqueles tempos de agitações políticas, prestava-se fácil crédito e ouvidos atentos aos inimigos do clero e das comunidades religiosas.

Mientras o Pai permanecia durante mais de cinco horas sob o interrogatório da polícia, a notícia da sua detenção chegou à *Casa delle Derelitte*; pode-se facilmente imaginar o desalento das irmãs. Quando ao dia seguinte regressou de Portogruaro, todas se estreitaram ao seu redor chorando. Ele repreendeu-as bonacheirão-mente e encerrou o assunto com estas tranquilas palavras: — *¡Tudo é vontade de Deus!*

Deve reconhecer-se que, ao menos neste caso, o empregado anónimo usou maneiras civis. Uma parte da população, em contrapartida, não as usava.

Por exemplo, houve um pobre operário o qual insultava o Pai Luigi cada vez que o encontrava pela rua. O Pai suportou pacientemente durante longo tempo. Mas um dia aproximou-se dele e soube ganhá-lo a tal ponto que o conduziu à *Casa delle Derelitte*, escutou os seus sofrimentos e recompensou-o pelas ofensas recebidas dando-lhe cinco florins. O pobrezinho ficou transformado por isso. Desde então começou a frequentar o Pai, que o instruiu e o conduziu de novo aos sacramentos.

Naquele mesmo clima ocorria além disso que os rapazes — com a típica crueldade dos pequenos, aprendida dos grandes — troçavam dele, gritando-lhe por trás « *corcunda* », quando a idade o houve curvado um pouco, ou mais comumente « *saco de carvão* ». Farão falta mais de sessenta anos antes de que este ódio contra o sacerdote se atenue.

Se bem que estes incómodos comuns a todos os sacerdotes eram pouca coisa em comparação com os gritos e as manifestações públicas contra o Papa, a Igreja e o Arcebispo: cenas indignas que naqueles anos se sucederam incessantemente, e cada ocasião era boa para provocá-las.

A 15 de março de 1867 o palácio arcebispal foi invadido e saqueado, e o monsenhor Casasola salvou a duras penas a vida. Isto ocorreu porque na cerimónia pelo aniversário de Vittorio Emanuele II se tinha recitado, conforme as instruções do Pontífice, uma oração comum em lugar da específica para o Rei. No mesmo ano, Giuseppe Garibaldi pronunciou desde a varanda do palácio Mangilli, na praça que agora leva o seu nome, um discurso duríssimo contra o Papa, os curas e os frades; seguiu-se um cortejo que gritava contra a Igreja. Uma noite de 1869, em protesto contra a condenação à morte de Monti e Tognetti — os responsáveis pelo atentado bombista no quartel pontifício Sirtori — desatou-se uma demonstração ainda mais violenta do que o habitual; diante do palácio arcebispal queimou-se a efígie de Pio IX em meio de gritos inimagináveis.

Inútil adicionar que a 20 de setembro de 1870, e posteriormente cada ano nessa data, se realizaram verdadeiras celebrações do anticlericalismo.

Às vezes aqueles cortejos vociferantes logravam passar também ao longo da *rua Ronchi*, diante da *Casa delle Derelitte*. Nicoletta Zanussi, viúva Antonia Comi, nascida em Udine em 1859, testemunhou no processo diocesano em 1932:

« *Recordo que uma noite, quando tinha treze anos, ouvimos uma multidão de homens passar diante do instituto e gritar: ¡Fora as freiras, fora os frades! E nós, assustadas, tínhamo-nos refugiado todas sob o pórtico, onde o Pai Luigi nos confortava dizendo-nos: ¡Rezai, filhinhas, rezai e permanecei com Deus!* »

Tentada supressão da *Casa delle Derelitte*

A 21 de dezembro de 1866, a Repartição fiscal do Reino enviava à direção da *Casa delle Derelitte* uma cópia de um aviso, datado de 14 de dezembro, com o qual os superiores e os administradores das casas religiosas, das congregações e de outros entes semelhantes eram formalmente convidados a apresentar até ao dia 29 do mesmo mês a declaração das propriedades do seu próprio instituto, utilizando os formulários fornecidos pela mesma repartição. Isto significava que a *Casa delle Derelitte*, segundo a administração fiscal, entrava também no âmbito de aplicação da lei de supressão.

O Pai Luigi respondia a 24 de dezembro, explicando a natureza e os objetivos da casa e declarando que:

« *um tal instituto está portanto evidentemente excluído das disposições da lei mencionada anteriormente, aquela de 7 de julho de 1866* — que tinha estendido ao Veneto a lei de supressão de 1862 — *enquanto se por esta se quisesse considerá-lo afetado, haveria que dizer que todos os institutos de beneficência estavam sujeitos à supressão, e que um destino semelhante devia afetar também o hospital civil e especialmente a Casa de Caridade, com a qual o Instituto das Derelitte é particularmente comparável, com a única diferença de que no seu âmbito de caridade aquela hospeda idosos pobres e necessitados, enquanto esta acolhe as meninas pertencentes às classes mais pobres.* »

O Pai tinha toda a razão para sublinhar que a lei afetava « *as instituições de ordem religiosa, não as de simples beneficência como a casa mencionada.* » No caso específico, a lei teria podido afetar a congregação das irmãs; contudo, a *Casa delle Derelitte* não tinha nascido da congregação, mas tinha sido a congregação a nascer da casa.

Não sabemos quanto ele teve de se afanar para convencer os zelosos burocratas desta lógica distinção. Dispomos apenas de uma breve nota, na qual se faz referência a uma:

« *portaria do governo civil n.º 6279, de 14 de maio de 1867, que comunica o decreto do Ministério do Interior em data de 24 de abril de 1867, n.º 38530, relativo à supressão da Casa delle Derelitte de Udine, dirigida ao município local, à Casa delle Derelitte e à conservatória do registo predial de Udine.* »

Evidentemente o decreto do Ministério tinha reconhecido a validade das objeções apresentadas pelo Pai, visto que da medida de supressão não se fez mais menção.

Recorreu-se então — por parte das autoridades civis — a outra lei do Reino de Itália, aquela de 3 de agosto de 1862 sobre a administração das obras pias (os institutos de caridade), estendida às províncias venezianas e à de Mântua pela lei de 28 de julho de 1866. Desde esse momento começou uma longa controvérsia para transformar a Casa num ente reconhecido pelo Estado (uma pessoa coletiva) sujeito à vigilância e à autoridade dos poderes civis, uma condição que o Pai Luigi não estava absolutamente disposto a aceitar.

A *Casa delle Derelitte* erguida em pessoa coletiva

A batalha burocrática referente a este assunto entre o Ministério do Interior, o Governador Civil, a Deputação Provincial e o Conselho Municipal de Udine por uma parte, e o Pai Scrosoppi pela outra, arrastou-se durante treze anos. Dispomos de nada menos do que oitenta e seis fichas, cada uma das quais marca uma etapa fatigante desta aventura; os documentos relativos conservam-se num processo de duzentas páginas datilografadas [3]. Atrás destes papéis escondem-se inumeráveis encontros pessoais, longas discussões privadas, debates públicos nos conselhos municipal e provincial, amplas intervenções da imprensa local e, sobretudo, as profundas angústias do Pai Luigi. Vem de forma natural perguntar-se se os ilustres administradores (isto é, os *patres conscripti*) de todo o nível não teriam feito melhor em dedicar tempo e energia mental à repressão da delinquência ou ao melhoramento da economia, antes do que obstaculizar um pobre sacerdote que desejava somente fazer o bem e, por acréscimo, às suas próprias expensas.

Repassemos brevemente as etapas principais deste difícil caminho. O primeiro ato oficial sobre a questão foi uma nota do Ministério do Interior de 14 de janeiro de 1868, na qual se declarava caducada a concessão de 15 de abril de 1840 — que tinha isentado a Casa do controlo governamental — e se propunham algumas modificações ao regulamento então vigente.

A 16 de julho de 1870, o Conselho Municipal estabelecia que instituições citadinas de beneficência deviam ser consideradas como "*obras pias*" (entidades assistenciais públicas), incluindo ali também a *Casa delle Derelitte*. Para esta última, contudo, recomendava-se a aplicação do artigo 25 da lei, o qual estabelecia:

« *Os fundadores dos institutos que mantenham pessoalmente a administração deles podem ser isentados, em todo ou em parte, das obrigações e das formalidades previstas pela presente lei.* »

Uma resolução semelhante foi emitida a 29 de dezembro de 1871 pela Deputação Provincial, a qual considerava dever dispensar o fundador, Dom Luigi Scrosoppi, das obrigações administrativas previstas pela lei. Ao contrário, a Deputação Provincial foi a única a pôr-se do lado do Pai, visto que a 15 de julho de 1872 revogou a decisão anterior, exprimindo o parecer de que a *Casa delle Derelitte* devia ser considerada, pelo momento, como uma instituição puramente privada.

---

[3] A.L.S., fasc. 16-17.

Contudo, o Governo Civil não se deu por vencido e a 4 de janeiro de 1873 enviou o conselheiro Pasqualini a inspecionar a casa. Em dita ocasião o Pai Luigi, em presença do conde Trento, fez assentar na ata este protesto:

« *Não por falta de respeito para com a autoridade civil, mas pelo dever que tenho de defender os direitos desta Casa delle Derelitte privada, fundada por mim junto com o meu irmão o Pai Carlo Filaferro, não considero dever submeter o instituto à inspeção da autoridade de vigilância respeito à administração, conforme ocorre por lei nos institutos sujeitos a ela.* »

Renovou o mesmo protesto a 16 de janeiro de 1874.

A 30 de junho de 1875, o Conselho Municipal de Udine confirmou a decisão de cinco anos antes, apesar de que alguns jornais liberais e o conde Niccolò Mantica [(4)] — pessoas para nada suspeitas de simpatias para com o clero — tivessem solicitado por unanimidade que o Pai fosse deixado em paz. Não serviu de nada. A 14 de setembro do mesmo ano, o Conselho de Estado estabelecia que a casa entrava na lei sobre as obras pias e impunha ao Pai apresentar dentro de dois meses um estatuto orgânico (isto é, um regulamento constitutivo).

Em vão um amigo anónimo seu buscou algum intercessor influente a fim de que a decisão do Conselho de Estado fosse modificada. Escrevia no seu memorial:

« *O Pai Luigi Scrosoppi é demasiado conhecido pelos udinenses como para que não se sintam partícipes das tribulações que se lhe causam, especialmente pelo bem que realiza através da casa aberta por ele e pelo seu falecido irmão em benefício das pobres meninas. A tutela administrativa, além de ser um insulto para quem sacrificou a sua vida e os seus próprios bens pelos pobres, levaria inevitavelmente à dissolução do instituto, visto que o Pai Scrosoppi considera não ter necessidade de vigilância e porque, com o seu retiro, faltaria a confiança dos cidadãos.* »

Parece em efeito que o Pai pensou seriamente, no verão de 1875, em abandonar tudo, antes do que vergar-se a disposições que considerava injustas e prejudiciais para a casa. Talvez foi dissuadido, e certamente a dor de deixar as órfãs a um destino incerto o reteve.

Contudo, não se decidia a redigir aquele solicitado estatuto orgânico. A 10 de dezembro de 1875 escrevia ao Governador Civil de Udine:

---

[4] Udinense (1835-1900), de vida íntegra e laboriosa, teve muitos cargos nos quais aportou desinteresse e busca constante do bem público. Publicou muitos estudos histórico-estatísticos. O seu enterro realizou-se em forma civil. (Cfr. Giornale di Udine, 22-5-1900). O Tinti recorda que o Mantica no congresso internacional de beneficência de Milão (29 de agosto-5 de setembro de 1880) realizou um relatório que logo entregou à imprensa. Nele, trás ter louvado a administração do Instituto Tomadini e da *Casa delle Derelitte* escrevia: « Estamos vigilantes; e quando uma administração vai mal seja económica ou moralmente, mudemo-la sem miramentos, já seja regida por curas ou por seculares, mas quando vai bem, deixemo-la continuar tranquila, os encarregados sejam seculares ou curas, sem lhe pôr de contínuo paus nas rodas, como em repetidas ocasiões se tentou fazer precisamente com os institutos Tomadini e Derelitte, apenas porque os encarregados eram curas ». E com isto provavelmente se referia à escaramuça entre as autoridades civis e o p. Scrosoppi para obrigá-lo a submeter a *Casa delle Derelitte* à lei sobre as Obras pias. No mesmo relatório o Mantica lealmente afirmava de si mesmo: « Todo o contrário a amigo do cura, não saberei contudo jamais condenar ao ostracismo um homem benéfico e que dá todo si mesmo ao pobre, porque é cura ». (Il congresso internazionale di beneficenza - Relazione di N. Mantica, Udine 1880, fls. 147-149).

« *Os meus habituais achaques, tornados mais frequentes e mais fortes a causa da triste situação e da rígida estação atual, não me permitiram ainda preparar convenientemente o estatuto solicitado.* »

Foi requerido de novo pelo Município de Udine a 17 de agosto de 1877 e a 18 de dezembro de 1878. Finalmente apresentou-o a 22 de janeiro de 1879 ao Governo Civil o qual, em nome do Ministério, lhe pediu algumas emendas a 9 de fevereiro de 1879 e a 7 de abril de 1880.

Enviando de novo o texto com as últimas correções, a 7 de maio de 1880 escreveu a seguinte carta ao Governo Civil:

« *In resposta à vossa nota de 7 de abril passado, n.º 5544, o abaixo-assinado apresenta de novo o estatuto orgânico para o Instituto das Derelitte de Udine, a fim de que essa autoridade tenha a bem transmiti-lo de novo ao Governo para os trâmites posteriores.*

Tendo-me conformado plenamente aos desejos do Ministério do Interior, satisfazendo cada petição, espero que todo o obstáculo para a aprovação definitiva do estatuto seja finalmente removido.

Desde a minha juventude me tenho dedicado inteiramente ao bem do instituto, fundado por mim e pelo meu irmão o Pai Carlo Filaferro de venerada memória; a Divina Providência tem-no benzido sempre, posto que, apesar do pequeno património, o número das alunas internas tem aumentado sempre, assim como o das externas que o frequentam.

Encontrando-me agora em idade avançada, cada atraso na aprovação do estatuto é para mim uma fonte de grande pesar e angústia.

A fim de acelerar a aprovação, declaro renunciar ao crédito que reclamo para com o instituto a título de beneficência, sempre que o Governo do Rei aprove o presente estatuto o qual, na sua forma atual, responde melhor aos fins do instituto e ao espírito das leis vigentes sobre as obras pias. »

O estatuto foi aprovado a 17 de junho de 1880 por decreto real de Humberto I. Sobre a base deste, a administração permaneceu nas mãos do Pai — em qualidade de fundador — até à sua morte. Posteriormente, a autoridade civil nomeou um administrador; foi precisamente por este motivo que a antiga casa das surdas-mudas foi renomeada "*Casa Administrativa*".

Generosidade do Pai Luigi

Embora a transformação da casa em pessoa coletiva lhe tivesse resultado muito difícil de aceitar, o Pai Luigi não deixou de demonstrar o seu desinteresse e a sua generosidade.

Já a 17 de novembro de 1866, o advogado Antonio Zamparo e o conde Tommaso Gallici tinham verificado, através de uma cuidadosa revisão dos livros de contabilidade, um crédito do Pai para com a casa de mais de trinta e cinco mil liras por subsídios proporcionados de 1852 a 1865 com o fim de equilibrar os orçamentos anualmente deficitários. Para garantir-lhe ao menos em parte dita soma — em realidade para evitar o temido confisco dos bens — com a aprovação do arcebispo de Udine em qualidade de presidente da casa, a Superiora Mãe Strazzolini tinha vendido a 16 de abril de 1868 ao

Pai Luigi a herdade dos Missionários, as casitas adquiridas às "*Dimesse"* e aquelas do ex-Cremese utilizadas como *Casa del Provvedimento*; quatro dias depois cedia-lhe o convento de Cormons, com a carga de pagar a dívida restante para com o vendedor Antonio Stua. Pela mesma razão, a 18 de abril tinha-se vendido a colónia agrícola de Orzano ao Dom Antonio Feruglio, o qual assumia a tarefa de reembolsar os bens aportados em dote por treze irmãs e outros credores, entre os quais estavam o Dom Fantoni e o Monsenhor Francesco Cernazai.

A 11 de junho de 1875 — quando a questão da obra pia estava no seu apogeu — Fabio Cernazai, Alessandro Biancuzzi e Eugenio Ferrari tinham verificado um crédito adicional do Pai de cerca de sessenta mil liras, por similares subsídios complementares aos orçamentos de 1865 a 1874.

Uma vez aprovado o estatuto, o Pai Luigi emitiu em 1880 a declaração:

« *considerar como definitiva e absolutamente devolvidos em benefício do instituto os desembolsos realizados por mim e pelo meu falecido irmão para o sustento da casa pelo período de muitos anos, não sendo suficientes para isso as rendas do instituto. Estes subsídios nossos* — adiciona — *mantinham-se em evidência para fazer valer sobre os mesmos as nossas razões em caso de que se tivesse querido dar ao instituto uma direção não conforme à nossa vontade.* »

Naturalmente não se tinha tido em conta o tempo e a dedicação total dedicada pelo Pai à obra. No entanto, se a Câmara fosse considerada em pé de igualdade com as instituições públicas, ele deveria ter recebido um salário adequado. Precisamente a tal benfeitor da cidade e da sociedade se lhe amargurava a velhice com a desgastante pressão de quem não tinha vertido uma gota de suor e não oferecia nem um cêntimo, mas pretendia todo o controlo...

Contudo, se é tão fácil como cruel combinar leis facciosas em prejuízo dos generosos, os santos conhecem a poesia da caridade, ampla e submissa no dar e ignorante da posse. Ignorante da posse, ao menos aqui abaixo.

Por que o Pai opôs tão tenaz resistência à ereção da obra em pessoa coletiva

Foi durante esta diatribe que alguém dirigiu ao Pai críticas, às quais no memorando de resposta são dadas as qualificações ora de « *injuriosa* » e ora de « *infamante* »: o memorando revela a mão de um advogado, mas a força do tom deve ter vindo da alma santamente indignada do Pai Luigi. A insinuação mais maliciosa atribuía-lhe ter mendigado reconhecimentos e apoios do governo austríaco, enquanto se opunha tenazmente à ingerência do governo italiano. A falsidade histórica da acusação e o veneno que estava subtilmente implícito nela não podiam menos do que ofender o zeloso sentido da verdade e da justiça do qual estava impregnado. O Pai Luigi tinha lutado denodadamente sob a Áustria pela isenção dos controlos governamentais e para reivindicar a sagrada liberdade da caridade cristã. Se tinha atuado assim sob um regime ao menos em aparência respeitador dos valores religiosos, por que não devia continuar com tal comportamento sob um regime cujas leis e prática estavam dominadas por uma inspiração totalmente diferente?

As causas da resistência do Pai descrevem-se de forma mais subtil num relatório anónimo e sem data à deputação provincial, com estas palavras um tanto contorcidas:

« *Para qualquer pessoa que insistisse em investigar as origens, ver-se-ia forçado a reconhecê-las numa espécie de aversão convencional, que em certas esferas se busca infundir mesmo nos espíritos mais bem intencionados — isto, ao menos, admite-se do Pai! — contra o princípio da autoridade laica, que se vê com temor, devido aos velhos preconceitos, estender o prestígio e influência da sua atividade naquelas instituições que se tinham crido uma exclusiva e ao mesmo tempo um instrumento de poder para uma Causa cujo reino não é deste mundo.* »

O Pai Scrosoppi teria podido responder que a caridade se faz precisamente neste mundo, e que a verdadeira intenção dos adversários era eliminar o sacerdote e a irmã — e portanto a influência religiosa — do leito dos enfermos e do lado dos órfãos. ¡Naturalmente « *no nome da liberdade* »!

Mas ele, com o seu espírito realista, amou sublinhar especialmente as absurdas consequências práticas que se teriam derivado da ingerência governamental:

« *Diga-se a mim* — escrevia em 1868 —: *supondo que agora a casa se encontrasse sob a autoridade de vigilância, o diretor ou o administrador desta, que deveria fazer hoje, quando a casa está sem um cêntimo, sem polenta, privada por completo do que se necessita? A autoridade de vigilância deveria ou bem provê-lo, ou mandar que se feche a casa, pondo na rua todas estas pobres meninas albergadas nela. Ninguém forneceria nada à casa sem ter uma garantia de ser pago. E quem fará esta garantia? Certamente nem o diretor nem o administrador poderia fazê-lo, sob o perigo de ter que sucumbir ao pagamento. Só este ano estou exposto a gastos por mais de 3.000 liras.* »

O fundador teve de sofrer sobretudo porque se desconhecia a dedicação das irmãs, que nem sequer podiam ser chamadas irmãs, mas apenas mestras. Viu-se que para aquelas destinadas ao asilo se queria inclusive a deposição do hábito religioso. O que teria sido da obra sem elas?

« *Se as mestras deixassem a casa* — escrevia — *o que seria da casa? Se as mestras se encontram na casa, não é talvez porque é uma casa privada? E regulada pelo seu presente estatuto? Se se fizessem modificações, continuariam elas permanecendo ali? A meu ver certamente não. Como então, mestras assalariadas, sem rendas patrimoniais? Pode-se portanto solicitar um decreto real para a piedosa casa, enquanto que, antes de que este pudesse ser outorgado, a casa teria podido falir?* »

O Pai não pedia, para si e para as irmãs, senão o direito de poder sacrificar-se nas obras de bem; tocou-lhe em contrapartida também discutir com os que disputavam, mas sem se sacrificarem e devidamente remunerados. Ao fim, contudo, pagou o tributo querido por César. Por fortuna, mesmo através de não poucas humilhações e contradições, as obras puderam sobreviver e as irmãs continuar a sua missão; não reconhecidas pela lei humana, mas por alguém mais acima sim. E era isto o que contava.

As obras de caridade, embora a duras penas, salvaram-se porque a sua assunção teria implicado encargos financeiros que o governo não queria assumir. A matança, em contrapartida, foi fácil quando se tratou apenas de tomar. E o Pai Scrosoppi não sofreu apenas pelos seus Filippini, mas também por outras congregações. Em setembro de 1866

— escreve Tinti — perante a supressão das freiras de Santa Clara [5] e o confisco do seu convento, que já tinha tido lugar de uma maneira e sob circunstâncias muito deploráveis, o Pai Luigi, que estendia o seu amor e os seus cuidados também às demais instituições, sofreu por isso um gravíssimo pesar, e iniciou todos os trâmites, e empregou todos os meios possíveis para obter uns locais onde aquelas sagradas virgens do Senhor pudessem refugiar-se o melhor possível, continuando a viver em comunidade. Do convento do século XIII dos *Uccellis* passaram, em efeito, para o convento antes dos Servos de Maria perto da basílica de *Le Grazie*, e o irmão do Pai Luigi converteu-se no seu confessor e diretor espiritual.

Nem menor sofrimento experimentou, ele um terceiro franciscano, pela supressão dos Capuchinhos; e regozijou-se alguns anos mais tarde, quando viu o seu convento redimido e a família reconstituída.

O Concílio Vaticano I e a ocupação de Roma

Enquanto se celebrava em Roma o Concílio Vaticano, o jornal "*L'Unità Cattolica"* fez-se promotor de um peditório entre os sacerdotes, propondo como mínimo « *o oferecimento de uma missa* ».

Nos três volumes "*Voti del Clero Italiano per la definizione dogmatica dell'infallibilità pontifícia"*, sob a data de 5 de junho encontramos também os nomes de cerca de cinquenta sacerdotes da cidade de Udine, dos quais o do Pai Scrosoppi por 5,04 liras e o do seu irmão Dom Battista e de Dom Felice Linda, confessor das *derelitte*, por 2 liras cada um. Pequeno sinal de quanto o Pai suspirava por aquela auréola ao redor da tiara papal.

Pouco depois, a 20 de setembro, as tropas italianas penetravam em Roma e tinha fim o Estado Pontifício. Hoje, para nós, o desânimo e a confusão que os bons católicos da época sentiram são completamente inimagináveis. O Pai Luigi esteve inabalavelmente com o « *prisioneiro do Vaticano* ».

A 8 de outubro o presidente da câmara de Udine, conde Gropplero, escrevia ao Pai:

« *Tenho o prazer de comunicar a Vossa Senhoria que na tesouraria municipal existe uma ordem de pagamento da quantia de 100 liras a título de subsídio a favor desse instituto, que a junta municipal decidiu dispor para festejar o grande acontecimento nacional cumprido com o plebiscito romano, que uniu aquelas províncias ao resto de Itália.* »

Obviamente o Pai não se deslocou a cobrar aquela doação assim motivada; escreveu de seu próprio punho na nota municipal: « *Não respondida* ». A 23 de março de 1867 — oito dias depois de ter sido invadido e saqueado o palácio arquiepiscopal — tinha sido

[5] O mosteiro de s. Chiara fundado em 1294 por Enrico Stanca dito Uccelluto foi um instituto de educação. Suprimido pelo decreto napoleónico de 1810, foi deixado como internato às freiras. Tendo mudado de governo, foi de novo reconhecido como comunidade religiosa até 1866, quando, secularizado, foi utilizado para a educação feminina sob o nome de Instituto Uccellis; (Ver F. Di Toppo, Sull'istituzione della Commissaria Uccellis - Fondazione e storia del Collegio, Udine 1875, fls. 7-10).

entregue à Casa uma quantia igual: e uma difundida tradição, que deve referir-se a aquela circunstância, diz que a rejeitou.

Em 1867 o oferecimento acompanhava-se à humilhação do Arcebispo; em 1870 à do Papa. Um dinheiro de tal espécie não lhe pareceu certamente idóneo para comprar um pouco de pão para as pobres órfãs.

Capítulo 7

A CONGREGAÇÃO ESPALHA-SE NO TRENTINO (1868-1876)

O bom nome das irmãs de Primiero

Cerca de oitenta quilómetros separam *Fiera di Primiero* de Trento.

A meados do século dezanove requeriam-se três horas de carruagem para percorrer os primeiros vinte quilómetros, de Trento a Levico; e um dia inteiro para trepar de Levico a Primiero, procedendo na sua maior parte a dorso de mula entre as Dolomitas.

O jovial decano de Primiero, Dom Sartori, percorria aquele caminho várias vezes ao ano para se dirigir perante a cúria de Trento. Ao longo do caminho, pernoitando em alguma reitoria ou detendo-se noutra para tomar alento, louvava abertamente as Irmãs da Providência, que tinham sido uma verdadeira bênção para a sua paróquia. Isto não deixava de despertar, obviamente, a sã inveja dos seus irmãos. Tinha tido uma excelente intuição aquele sacerdote montanhês acostumado à fadiga.

Não havia contudo necessidade das louvações proclamadas a grande voz pelo decano; a boa fama das religiosas chegadas a Primiero vindas de Udine espalhou-se rapidamente ao longo dos vales, especialmente na Valsugana. Posto que, se o mal sobre a terra voa com a rapidez de um abutre, pela graça de Deus o bem também se difunde, talvez com ritmos menos rápidos mas com a graça das pombas.



Fiera di Primiero (TN). Panorama e hospital de s. Giuseppe. As irmãs começaram o seu serviço em 1866.

A Irmã Gioseffa Luigia Visentini exercia talvez uma autoridade um pouco demasiado rígida sobre a comunidade religiosa de Primiero; mas, em compensação, as irmãs ofereciam um serviço admirável e exemplar, tanto na assistência aos enfermos do pequeno hospital, como na escola para as meninas, e no oratório festivo e na congregação

das « *filhas do Sagrado Coração* », que estava tão no coração do decano e que o Pai Luigi as recomendava em todas as suas cartas àquelas filhas espirituais distantes.

Não surpreende portanto que as Irmãs da Providência fossem muito cedo convidadas a assumir a gestão de outras instituições em Levico e em Roncegno de Valsugana, embora ditas iniciativas não tenham tido depois um resultado positivo.

Obras não realizadas em Levico e em Roncegno

Levico é uma bela pequena cidade a 307 metros sobre o nível do mar, situada quase ao princípio ocidental da larga e fértil Valsugana. Deitada nas pendentes meridionais da Canzana e do monte Fronte, densa de pinheiros que se miram no lago do mesmo nome, que o bastião de colinas de Tenna separa do lago de Caldonazzo, de cinco vezes maior. Precisamente naqueles anos — em 1860 — começava-se a explorar industrialmente as fontes de águas minerais e arsenicais que brotam perto de Vetriolo, e que fizeram de Levico uma estância procurada para a cura da anemia e das doenças cutâneas.

Em Levico havia então um pequeno hospital de quinze ou vinte camas, administrado pelo comum.

A 16 de julho de 1869 Dom Deoprani, pro-decano e dirigente da congregação de caridade, escrevia ao Dom Sartori rogando-lhe mediar a fim de que as Irmãs da Providência assumissem a sua gestão. E o Dom Sartori escrevia por sua vez ao Pai Luigi com o seu habitual estilo expeditivo:

« *Faça Vossa Reverência portanto de maneira que o assunto chegue a bom porto; haveria também ali a possibilidade de fazer o bem, para não ter depois que render conta do bem que se podia fazer e não se fez.* »

O decano de Primiero não deixava de enviar muitos cumprimentos ao Dom Fantoni de parte do rouxinol, o qual naqueles dias — dizia — tinha permanecido em silêncio a causa da muda.

O fundador respondia-lhe que as Irmãs da Providência não seriam contrárias a aceitar a direção e a assistência do hospital de Levico, sempre que a situação política tivesse melhorado, e expunha em sete pontos as condições mínimas necessárias para abrir a nova casa. Mas o assunto não teve continuidade, precisamente porque os acontecimentos políticos pioraram.

« *Aqui suspira-se* — concluía — *para não chorar, esperando de dia em dia, trás uma tormenta, o bom sereno.* »

Em lugar do bom tempo chegou a ocupação de Roma, enquanto sobre a *Casa delle Derelitte* e sobre a congregação das irmãs se espessava cada vez mais ameaçadora a sombra de leis opressivas.

A metade da Valsugana, na pequena cidade de Roncegno, havia um hospital ainda mais pequeno do que o de Levico. Havia hóspedes, de facto, de quatro a oito enfermos na temporada de verão e de oito a quinze na de inverno. A 28 de dezembro de 1870 o Dom Alessio Pretis, pároco do lugar, em nome do município rogava ao Pai Luigi enviar ali

duas das suas religiosas. Mas o Pai respondia a 12 de janeiro de 1871 que lhe era impossível aceitar:

« *Posto que* — dizia — *está estabelecido por regra que estas irmãs não podem estabelecer-se em nenhum lugar em número menor de cinco.* »

Obviamente Roncegno não tinha necessidade de tantas pessoas, visto que as irmãs corriam o risco de ser mais numerosas do que os enfermos.

Por então, portanto, as irmãs não foram a Roncegno. Estabelecer-se-ão ali alguns meses depois da morte do fundador. E foi essa a última obra aceite por ele: a última daquelas doze que, como ele tinha predito, seriam abertas antes da sua morte. ¡Doze! O presságio inspirava-se na sua viva devoção para com os doze apóstolos do Senhor.

As irmãs enviadas a Gorizia

No outono de 1868 chegou ao Pai Luigi outro convite, de outra zona e para uma obra diferente.

Havia em Gorizia um florescente instituto para surdos, dirigido então pelo Dom Andrea Pauletig, onde prestavam assistência quatro irmãs ursulinas, as quais na cidade geriam também um grande colégio. A superiora geral daquelas irmãs tinha decidido retirá-las a meados de novembro:

« *Porque* — dizia — *não foram concedidas todas aquelas condições requeridas pelas regras da sua congregação.* »

Desta vez foi o jesuíta Pai Antonio Banchich, amigo devoto do Pai Luigi, quem lhe escreveu a 31 de outubro:

« *Aqui necessitar-se-iam quatro das suas irmãs, que conheçam a língua italiana e algumas a eslovena, e saibam já, ou ao menos estejam em condições de aprender, o método para a educação dos surdos. Para o começo, em caso de que não se pudessem ter todas, aceitar-se-iam inclusive apenas duas. Sei que Vossa Reverência tem ali duas irmãs bem instruídas nesta matéria, e tem também de língua eslovena. Envio-lhe com esta carta o estatuto e o regulamento do instituto, a fim de que avalie o assunto. Espero que se sentirá impelido a aceitar esta obra do Senhor; as Irmãs da Providência proverão ao bem dos surdos e ao crescimento da sua congregação.* »

A decisão devia ser tomada em prazos brevíssimos, posto que na sexta-feira, 6 de novembro, se reuniria a junta do instituto para tomar as decisões necessárias.

Não ficou a resposta do Pai Luigi, mas foi evidentemente negativa. Talvez ele esperava ainda manter em vida a casa para surdas que tinha aberto em Udine, embora não encontrava apoio algum por parte das autoridades civis. Não se explicaria, de outro modo, como não enviou a Gorizia a Irmã Saveria Pascolatti ou a Irmã Costanza Murero, a quem tinha feito instruir expressamente para aquele apostolado perante as canossianas.

As Irmãs da Providência começarão o serviço naquele instituto meio século mais tarde, a 13 de novembro de 1920.

As Irmãs da Providência em Tesero

As coisas foram bem, em contrapartida, para Tesero, de cujo hospital as Irmãs da Providência assumiram a direção a primeiros de junho de 1869.

Tesero é uma das mais antigas vilas do Val di Fiemme, no Trentino setentrional, renomada pelas suas velhas casas embelezadas por características janelas de duas luzes (bifore) e por varandins de madeira. A povoação deita-se sobre um planalto à foz do ribeiro Stava e do vale do mesmo nome, na margem direita do *rio Avisio*, que desce depois entre profundos desfiladeiros no Val di Cembra, espumando contra as rochas de pórfiro.



Tesero (TN). Ao hospital Giovanelli as irmãs chegaram em 1869.

Em Tesero havia um hospital que servia a todo o vale: uma instituição bem organizada para aqueles tempos, capaz de sessenta camas e em caso de necessidade inclusive mais, com o seu próprio capelão e o seu próprio médico.

Tinham tido a sua gestão durante cerca de vinte anos as irmãs de São Vicente de Innsbruck (conhecidas como as « *cappellone* »); e desde 1861 as irmãs de Maria Bambina.

A primeiros de 1868 um servente do hospital, instigado pelo médico de então, tinha acusado a superiora de desordem e de abusos na administração do instituto. Tinha-se seguido um julgamento, ao encerramento do qual o caluniador tinha retratado as acusações e pedido perdão. O médico instigador tinha sido afastado e no seu lugar tinha sido chamado o doutor Crescini, já médico em Primiero, onde tinha podido conhecer e admirar as Irmãs da Providência.

Mas o assunto não terminou ali, porque as irmãs de Maria Bambina decidiram retirar-se do hospital. Não foram de utilidade nem a mediação do Bispo de Trento nem o oferecimento realizado pela direção do hospital de aceitar qualquer condição ou proposta. Declararam que se iriam irrevogavelmente a 1 de junho di 1869.

O decano de Cavalese, Dom Corrado Mersa, e o doutor Crescini recorreram então à intercessão do Dom Sartori para terem as Irmãs da Providência. O doutor Crescini escrevia:

« *Toda a nossa esperança está posta em Vossa Reverência, e vivemos confiados em que por obra sua o nosso hospital não se verá privado de um socorro tão humanitário e justo, a fim de que não triunfe um partido que desejaria desterrar toda a ordem religiosa. Estamos seguros de que se prestará com toda a sua autoridade para um fim tão santo.* »

O decano de Primiero enviou as duas cartas ao Pai Luigi a 1 de maio, adicionando uma sua, na qual lhe dizia com o habitual tom:

« *Proponha a questão ao superior, supere as dificuldades que surgirem, descreva as condições e envie-as para mim, para que eu as encaminhe; organize uma visita ao local, mas certifique-se de que o pedido deles seja atendido até 1º de junho.* »

O fundador respondia a 4 de maio, aceitando em linha de princípio a proposta. Pouco depois, para confortá-lo na decisão, chegava ao arcebispo de Udine uma carta do Bispo de Trento datada de 19 de maio:

« *Muito satisfeito como estou da excelente obra que estas veneráveis religiosas prestam já desde há alguns anos no hospital de Primiero, não posso menos do que recomendar-me encarecidamente a Vossa Excelência, a fim de que seja aceite a oferta deste novo campo que se abre à sua caridade.* »

Contudo o Pai Luigi quis informar-se sobre as razões que faziam do hospital de Tesero uma sede difícil para religiosas, visto que já duas congregações o tinham abandonado. Escreveu ele mesmo ao jesuíta Pai Ferdinando Moser, que tinha sido seu hóspede em Udine, perguntando por que o tinham deixado as irmãs de Innsbruck; o Pai Moser respondeu-lhe a 21 de maio que a causa tinham sido as estreitezas económicas e algumas pesadas e inoportunas exigências locais. O Dom Fantoni pediu similar informação respeito às irmãs de Maria Bambina ao seu amigo Dom Emanuele Bazzanella, professor no seminário de Trento e diretor do jornal "*La Voce Cattolica"*. O Dom Bazzanella respondeu que em última análise a verdadeira causa pela qual as Irmãs da Caridade decidiram abandonar o hospício de Tesero residia no facto de que elas tinham aberto melhores centros no Reino de Itália, onde os pedidos eram tantos que não podiam satisfazê-los todos.

Não deixava contudo de adicionar alguns conselhos:

« *Com quanto agrado veria agora estabelecer-se lá acima as Irmãs da Providência, pelo grande bem que quero à congregação. Supondo que se chegue a uma conclusão para enviar a Tesero as boas irmãs de Udine, sigam esta norma: ¡o menor número de serventes e criadas possível! Antes façam o sacrifício de adicionar algumas irmãs mais. Na dieta dos enfermos que a superiora seja generosa com a comida antes do que o contrário. O regime de cidade é insustentável para aquelas naturezas robustas da*

montanha, que conservam mesmo na doença o seu estômago de ferro: daqui derivava grande parte dos descontentamentos com a passada superiora. »

O caminho portanto não apresentava graves obstáculos. Mas o prudente fundador — escreve o Tinti — quis certificar-se com os próprios olhos tanto das condições como do lugar onde eram requeridas as suas amadas filhas espirituais. Eis portanto o Pai Luigi empreender solícito a longa e fatigante viagem desde Udine a Cavalese.

Partiu provavelmente a 24 de maio, posto que a carta de apresentação da cúria para poder celebrar a missa fora da diocese é de 23.

Não sabemos, em contrapartida, que caminho percorreu. O mais cómodo — tinha escrito o Dom Sartori — era o que levava pelo caminho-de-ferro de Udine a Egna — uma trintena de quilómetros ao norte de Trento — e desde Egna a Tesero com a diligência diária de quatro horas de viagem. Mas o Dom Sartori esperava-o com os braços abertos em Primiero, passando por Conegliano e Feltre:

« *Desde Primiero a Tesero* — tinha adicionado — *farei eu de guia, e depois embarcarei Vossa Reverência para o caminho-de-ferro.* » Certamente, na ida ou na volta, o fundador não omitiu uma visita à pequena comunidade di Primiero.

Em Tesero encontrou tudo em perfeito ordem, tanto respeito ao hospital como para o alojamento das irmãs ao qual estava anexada uma igreja com o Santíssimo Sacramento. Regressou a Udine satisfeito e fez partir de imediato cinco irmãs sob a guia da Vigária Geral Mãe Strazzolini. A primeira superiora de Tesero foi a Irmã Angela Rodaro, que tinha adquirido experiência no hospital de Portogruaro na escola da Mãe Cristina. As coisas foram de maravilha desde o princípio, tanto que o Dom Mersa podia escrever ao Pai a 22 de julho:

« *Nas nossas terras, e especialmente em Tesero, até agora tudo vai muito bem, graças a Dios, de quem provém todo o bem, cui omnis honor et gloria et gratiarum actio; graças também a Vossa Senhoria Reverendíssima milhares e milhares de vezes.* »

Para prevenir problemas futuros, o Pai Luigi redigiu um « *Regulamento disciplinar e Código de conduta da Casa de Caridade em Tesero* », do qual nos fica o seu rascunho autógrafo com correções e adições do seu irmão Giovanni Battista. Enviou-o a 6 de julho ao Dom Mersa, que o encontrou muito oportuno e plenamente conforme às necessidades do hospital de Tesero. Agradecia de novo ao Pai pelo feliz êxito da empresa, inspirada e guiada por Deus com uma evidência palpável, e previa um porvir próspero para ela, porque as irmãs tinham estabelecido a base verdadeira para as melhores esperanças.

Vale a pena explicar em que consistia, para o zeloso decano, aquela « *base verdadeira* ».

Ele observava que dita base, de excelente augúrio, consistia em manter-se rigorosamente reservadas e severamente apartadas de correspondências e relações com pessoas estranhas, as quais, levando e trazendo boatos, tinham terminado por pôr em completo desordem o instituto. As irmãs atuais, mantendo-se longe de similares pessoas molestas e ocupando-se exclusivamente dos seus deveres, tinham realmente dado no alvo eliminando toda a possibilidade de intriga. O Dom Mersa continuava:

« *Creia-me, no Val di Fiemme o único remédio soberano para triunfar sobre as más línguas é uma reserva de ferro, ou melhor, a reserva dos santos, a qual não confia nada aos estranhos sem um preciso motivo de cargo, de caridade ou de utilidade espiritual. Um silêncio sistemático frente aos estranhos impõe respeito e confunde a quem desejaria falar mal.* »

Provavelmente o Dom Mersa não conhecia ainda o lema do Pai Luigi « *Trabalhar, sofrer, calar* », no espírito do qual ele tinha formado solidamente as Irmãs da Providência: e a Irmã Angela Rodaro era uma figura o mais indicada possível para pôr em prática aquele prudente « *calar* ».

« Oh, os Santos ! »

O fundador permaneceu em Tesero apenas alguns dias, mas bastaram para que deixasse ali uma profunda impressão. A gente estreitava-se ao seu redor como perante um santo e acudiam não só os habitantes de Tesero, mas os de todo o vale. Deste clima fica testemunho na história de duas vocações, cuja semente foi deitada precisamente a finais de maio de 1869.

Desde Castello do Fiemme chegou a Tesero a jovem Maria Corradini, de vinte e dois anos de idade; desde havia anos desejava fazer-se religiosa, mas estava atormentada por temores e ansiedades a causa de certos obstáculos que pareciam retê-la. O Pai a tranquilizou, assegurando-lhe que tudo se resolveria em pouco tempo e que com certeza entraria no seu instituto. Antes, conforme ela própria relatou meio século mais tarde: « *ele intuiu também o motivo oculto pelo qual queria entrar para o convento, do qual não tinha falado com ninguém* ». Entrou de facto na congregação três anos depois, a 3 de outubro de 1872, tomando o nome de Irmã Vincenza de Jesus; faleceu a 3 de março de 1929.

O outro caso concerne a Teresa Zeni de Tesero, a qual se converteu em Irmã de a Providência em 1882 com o nome de Irmã Eufemia e faleceu em Cormons a 7 de novembro de 1936. Nesta circunstância repetiu-se a profecia que o Pai Luigi tinha realizado em Portogruaro em 1838 à futura Irmã Ottilia Liva.

Eis como se fala disso num relatório recolhido para o processo diocesano:

« *O Pai Luigi, dirigindo-se à reitoria, encontra na rua uma menina de cerca de oito anos junto com a sua mamã, que lhe diz: Teresina, beija a mão ao sacerdote. Teresina apresenta prontamente o seu homenagem. O Pai Luigi, enquanto segundo o costume lhe apresenta o polegar para beijar* [1]*, posa-lhe a mão esquerda sobre a cabeça e, apertando-a docemente, diz-lhe: Tu és minha. Treze anos mais tarde a previsão cumpriu-se: chamada por Deus ao estado religioso, a jovem solicitou e obteve do Pai Luigi ser admitida entre as suas filhas.* »

O primeiro de todos em sentir o encanto da espiritualidade de Scrosoppi foi o próprio decano, Dom Mersa.

---

[1] Testemunhas no processo informativo depuseram que o Pai Luigi, a quem quer que quisesse beijar-lhe a mão, lhe dava a beijar o dedo polegar, na parte interna, porque dizia que o polegar e o índice estão sempre em contacto com Jesus (Summarium, p. 156, par. 535; etc., em Positio...).

Na biografia da Mãe Cecilia Piacentini lê-se esta amável página:

« *Um radiante dia de maio de 1871, a Mãe Angela Rodaro e a Irmã Cecilia deixam o caminho principal que leva a Cavalese para se internarem num sendeiro estreito em meio dos bosques perfumados de resina e dos prados salpicados de flores.*

Devem dirigir-se ali para tratar assuntos com o presidente do hospital, Dom Corrado Mersa, sacerdote inteiramente dedicado a Deus e aos seus pobres. A acolhida é tão cordial como a despedida. O sacerdote recomenda à superiora saudar de sua parte o fundador quando lhe escreva, pois dizia: Eu considero-o uma das almas mais santas deste mundo.

A criada decide acompanhá-las para desabafar um pouco com as Irmãs da Providência, esperando que possam compreendê-la.

Começa a relatar quão gravoso, e às vezes impossível, é servir os santos; como o seu amo é excessivamente generoso com a caridade, tanto que a miúdo a carne desaparece da panela; o sábado já não encontra a roupa limpa porque foi doada aos pobres e vê-se obrigada a esconder as coisas. Além disso adiciona: Depois de que travou amizade com o Pai Luigi Scrosoppi, quando veio aqui pelo hospital e dormiu na reitoria, o meu senhor decano já não quer que lhe faça a cama nem tampouco que lhe limpe o quarto; quer fazer tudo por si mesmo, como um cartuxo. Este costume aprendeu-o do vosso Pai... Um dia, quase sem dar conta, confessou-me. ¡Oh, os santos!

A mulher continuou as suas queixas até que chegaram diante da igreja da Addolorata. As duas religiosas apressaram-se a exprimir o desejo de entrar na igreja para venerar a estátua prodigiosa da Virgem e assim se despediram [(2)]. »

Na sua carta de 22 de julho de 1869, o Dom Merza — entusiasmado pela paz que as Irmãs da Providência tinham levado a Tesero e pela renovação espiritual promovida pelo seu exemplo — tinha-se dirigido ao Pai Luigi para que lhe enviasse o jesuíta Pai Banchich para dar um curso de pregação em Cavalese:

« *sob a forma de exercícios espirituais* — escrevia — *tanto para o jubileu como para outra solenidade que pretendo celebrar em dita ocasião: o centenário da Bem-aventurada Virgem Addolorata, muito venerada neste vale. Desejaria uma tal pregação para os primeiros dias de novembro. Rogo portanto a Vossa Senhoria Reverendíssima ter a bem dignar-se servir de mediador para obter-me esta graça, sem negligenciar quaisquer meios úteis para esse fim e insistindo com rogos e súplicas até que sejamos ouvidos.* »

Tinha sido sem dúvida o Pai Scrosoppi quem tinha proposto o nome do seu queridíssimo Pai Banchich; nas conversações que tinha mantido com o decano terão falado da situação religiosa local e o Pai terá sugerido um curso de exercícios pregado pelo seu amigo como o meio mais eficaz para suscitar uma generosa reação à difusão da indiferença religiosa e da hostilidade contra a Igreja. Vê-se uma vez mais com que zelo o Pai Luigi se preocupava pela glória de Deus e o bem das almas, mesmo fora das suas obras de caridade.

---

[2] M. MAKAROVICHI, La solerte giardiniera di Rosa Mistica - madre Cecilia Piacentini, Albano 1955, fls. 67-68.

As irmãs encontraram portanto no *Val di Fiemme* aquela devoção à *Addolorata* da qual o fundador se fazia promotor desde havia mais de trinta anos. Esse facto de fazer a cama um mesmo e de limpar o seu próprio quarto lembra à mente os propósitos do Pai Luigi de novembro de 1856, quando se tinha encarregado desses humildes serviços não só para si mesmo mas também para os seus irmãos. Tinha-os praticado durante onze anos na casa ao lado de Santa Maria Maddalena e tinha permanecido fiel a esse método rigoroso na casita onde se tinha refugiado, trás o seu afastamento, junto com o seu irmão arquipreste.

Incómodos para a escola de Orzano

Enquanto a divina Providência abria ao Pai Luigi no Trentino amplos horizontes de esperança, incómodos sobre incómodos lhe choviam em cima nas obras de Orzano e de Cormons, sobretudo no âmbito escolar.

Governar não é certamente fácil. Mas não é um truísmo dizer que a pior maneira de fazer leis é a teórica, sem ter em conta a realidade concreta, para depois aplicá-las com uma precisão burocrática colada à letra da lei, à custa de prejudicar a vida real. Quando além disso a lei é ditada e aplicada com rancor partidário, a situação torna-se desastrosa.

O governo italiano e as autoridades locais tinham utilizado tal método respeito às instituições de caridade promovidas e dirigidas por eclesiásticos ou religiosos, exigindo controlos invasivos, à custa de secar as fontes da caridade privada e de pôr na rua os pobres que se beneficiavam dela.

O mesmo sistema adotou-se em matéria escolar também. Que houvesse necessidade de organizar o ensino, tanto para fazê-lo universal como para estabelecer programas uniformes e qualificar o pessoal docente, podia-se razoavelmente conceder. Naturalmente, respeitando a liberdade de ensino que a Igreja e o pensamento católico têm reivindicado sempre como uma condição da mesma liberdade pessoal; não há em efeito pior ditadura do que aquela que pretende enquadrar os cérebros. Mas o espírito de fação faz facilmente transcender das instâncias razoáveis às exigências absurdas.

No Friuli, depois de 1866, o controlo das escolas tinha caído nas mãos de Gabriele Pecile, um parente do Pai; ele tinha levado ali uma animosidade anticlerical deplorada por muitos entre os mesmos liberais e inclusive por alguns sacerdotes renegados. Em semelhante clima intoxicado, inclusive a pequena escola das Irmãs da Providência de Orzano teve o seu desagradável problema.

A 27 de abril de 1869, o presidente da câmara de Remanzacco escrevia a Anna Molinis — Irmã Matilde — então diretora da escola de Orzano (da aldeia de Orzano), comunicando que o conselho escolar tinha deliberado tolerar a existência das escolas privadas apenas até ao final do mês de julho. A Irmã Matilde, certamente por indicação do Pai, respondeu a 29 de abril que já tinha terminado as lições gratuitas que oferecia às pobres meninas de Orzano e que tinha decidido não reatá-las mais no sucessivo.

Que teriam pensado os administradores do município de Remanzacco? A solução, em teoria, era fácil: teria bastado que o comum tivesse construído uma escola própria em Orzano e a tivesse confiado a uma mestra diplomada e retribuída. Mas onde encontrar os

meios? Não era mais sensato deixar que as irmãs mantivessem gratuitamente, e em locais gratuitos, a escola que geriam desde havia quinze anos?

As coisas chegaram ao seu ponto crítico no outono, quando teria devido começar o novo ano escolar e a escola das irmãs não foi reaberta. ¡É fácil imaginar o desordem levantado pelos habitantes de Orzano!

A 2 de novembro, o presidente da câmara de Remanzacco, o senhor A. Giupponi [(3)], viu-se obrigado a escrever esta eloquente carta ao Pai Luigi:

« *Foi uma providência, uma verdadeira bênção do céu para os habitantes de Orzano ver fundada nesta aldeia uma filial daquela meritória Casa delle Derelitte de Udine, da qual Vossa Reverência, distintíssimo senhor, é o patrono, o diretor e o sucessor daquele piedoso homem que era o Pai Carlo Filaferro; desde esse momento, nessa filial, as meninas da aldeia podiam receber o pão benéfico da instrução moral e familiar.*

Vossa Reverência não pode imaginar a minha dor e o comum pesar ao saber que esta instrução, por tantos anos tão proveitosa, tinha terminado repentinamente o verão passado. E a perda deste benefício sente-se tanto mais agora, porque quem sabe quando se poderá obter a escola feminina, carecendo atualmente Orzano de locais e de uma mestra.

Só Vossa Reverência poderia remediar tanto dano e devolver-nos a calma, a mim e aos habitantes, sobre este tema.

Que o vosso excelente coração, com um novo traço daquela caridade evangélica que o distingue, tenha a bem anular a suspensão da instrução que tanto entristeceu esses bons aldeãos, os quais com tanta satisfação viam as suas filhas tão bem encaminhadas para uma educação doméstica.

Além do bem geral, tenha a bem conceder-me também a mim o consolo de ver que, a raiz do meu interesse, Vossa Reverência se dignou permitir que as boas irmãs do instituto se prestem de novo ao ensino daquelas pobres meninas, ao menos até que melhores circunstâncias permitam aliviá-las de tal fadiga. »

O Pai Scrosoppi bem teria podido replicar: ¿E quem o quis? Limitou-se em contrapartida a responder a 6 de novembro que tinha acedido a fim de que em Orzano as irmãs mestras da *Casa delle Derelitte* garantissem a instrução para esse ano também, como de costume, para as pobres meninas da aldeia.

Provavelmente Giupponi tinha assinado a intimação de 27 de abril dobrando-se a uma ordem superior, posto que desta carta transluz a sua grande estima pela obra das irmãs, com alguns apontamentos sobre as suas relações pessoais de amizade com o Pai, confiando em que este teria acedido precisamente a raiz do seu interesse. Talvez ele era um descendente daquele Angelo Giupponi que tinha estado tão estreitamente ligado à família Scrosoppi e padrinho no batismo de Giovanni Battista.

---

[3] Nascido em Udine em 1799 e falecido em Remanzacco em 1873, pertencente provavelmente à mesma família à qual pertenceu o homónimo Giupponi, padrinho de batismo do irmão do Pai Scrosoppi, Giovanni Battista (ver Parte I, Capítulo 1, nota 8).

Tranquilas as escolas na *Casa delle Derelitte*

Pelo contrário, nenhum documento deixa entrever problemas para as escolas da casa de Udine. Um pouco, talvez, porque ali ensinavam irmãs regularmente diplomadas; um pouco porque os mesmos adversários — incluindo o seu primo — não podiam negar o respeito e a reverência para com o Pai Luigi. Houve, de facto, alguma personalidade que exprimiu o seu aplauso.

Muito cortês, por exemplo, mostrou-se o cavaleiro Federico Bellazzi, deputado ao parlamento, o qual no outono de 1866 visitou a *Casa delle Derelitte* por conta da inspeção das prisões e das casas de correção nas províncias venezianas, ficando muito satisfeito com ela. Por uma carta a ele dirigida pelo fundador a 29 de novembro, sabemos que o Pai Luigi lhe tinha enviado, a pedido seu, uma breve reconstrução histórica das origens da casa e do desenvolvimento das obras anexas. Adicionava a ela:

« *À pergunta de se a casa podia assumir a direção, a vigilância e a assistência de algumas pobres jovens em dificuldade, assim como de algumas detidas para reabilitação, o abaixo-assinado responde que de muito boa mente se prestaria a esta santa obra, sempre que se dispusessem locais separados.* »

Bellazzi agradecia-lhe a 12 de dezembro, reservando-se voltar sobre o projeto do instituto de correção. De tal iniciativa encontra-se talvez um indício em algumas gestões para abrir um centro de acolhimento na *rua di Mezzo*, gestões que contudo não chegaram a cumprimento.

Sem embargo, na *Casa delle Derelitte* foi acolhida posteriormente de forma ocasional alguma jovem confiada pela *pretura* (tribunal local de primeira instância com juiz singular) ou pelo tribunal de Udine.

Decididamente favorável ao Pai Scrosoppi e às suas obras foi o deputado provincial Putelli [4], quem por mandato do governo civil inspecionou a casa a 25 de maio de 1871. No relatório da visita, Putelli recorda antes de mais nada os dois fundadores « *que deram* — diz — *todo o seu próprio património a fim de dar vida a tal piedosa fundação.* »

Pouco depois adiciona:

« *A obra pia subsiste mediante a caridade pública e privada, com o trabalho, assim como em virtude dos grandes sacrifícios de quem quer que a dirige, das mestras e do pessoal auxiliar, que oferecem quanto possuem em benefício da casa. Não se correspondem compensações ou salários a ninguém. Cada prestação realiza-se por puro espírito de caridade...* »

E conclui:

« *O abaixo-assinado creu do seu dever exprimir ao diretor o Pai Luigi Scrosoppi a sua plena satisfação pelo curso regular, o crescimento e a prosperidade de um instituto fundado por ele, de tanto decoro e utilidade pública; merecem ao mesmo tempo uma palavra de louvor a direção e os protetores, que se esmeram por manter viva, ativa e próspera uma fundação tão providencial.* »

---

[4] Advogado (1816-1885) de Palmanova (Udine), participou activamente nos acontecimentos políticos de 1848; ocupou cargos públicos. Teve o culto da pátria e promoveu cada instituição liberal e cada progresso do País. (Cfr. La Patria del Friuli, 18-5-1885).

A declaração de Putelli é tanto mais notável quanto que era emitida no período mais agudo da luta por transformar a casa em pessoa coletiva. O mesmo Putelli teve posteriormente o modo de exprimir concretamente a sua admiração para com o Pai, influenciando a deputação provincial a fim de que esta lhe fosse mais benevolente do que qualquer outra autoridade.

Cerca de dois meses depois da visita de Putelli, o governo civil de Udine anunciava, a 15 de julho de 1871, a visita de uma comissão nomeada pelo conselho escolar, com o fim de estudar as condições presentes dos institutos educativos femininos, tanto no que concerne à parte administrativa como à didática, ou propor as reformas julgadas necessárias. A compunham Lanfranco Morgante, o doutor Carlo Luigi Schiavi e o nobre doutor Niccolò de Brandis. A esta visita deve talvez referir-se o episódio narrado pelo Tinti:

« *O conde Federico Trento, patrício udinense, que à nobreza do sangue unia um profundo sentimento religioso e um verdadeiro amor à pátria, durante mais de vinte anos foi um protetor válido das instituições de caridade e um amigo íntimo do Pai Luigi. O nobre, a causa da sua leal franqueza e do seu nobre engenho, tinha fácil acesso perante as autoridades e valia-se disso para ser útil às obras pias.*

Relatava ele mesmo que um dia, presidindo com um representante do governo os exames das meninas órfãs no instituto de Scrosoppi, enquanto as jovens davam provas da instrução recebida das boas irmãs, aquele senhor louvava tanto as alunas como as mestras. Mas não bem ouviu o exame de religião, tornado sério de rosto disse:

Senhor conde, — disse-lhe *— isto não me agrada; saiba que eu sou um livre-pensador.*

Ao que o espirituoso conde respondeu: Eu sou um livre-pensador também. Como? — replicou o senhor maravilhado *— Vossa Excelência, um partidário das freiras, é um livre-pensador?*

Sim, — afirmou o conde *— é mais, adiciono-lhe que as irmãs também são livre-pensadoras; e por isso, se o senhor se considera livre de não professar a religião, deixe-me a mim e a estas irmãs do mesmo modo livres de crer e de ensinar a doutrina cristã. Semelhante conclusão não admitia réplica, e por isso mestras e escolares foram deixadas em paz.* »

Mar revolto na escola de Cormons

Em Cormons existiam duas escolas femininas: a pública do município e a gerida pelas irmãs na sua própria casa. Semelhante dualidade não podia senão gerar tensões, tanto mais quanto que, trás a morte em 1867 da Irmã Eletta Cucito, estimada por todos, se verificou algum desacordo entre as mesmas irmãs diplomadas.

Em parte por estes motivos e em parte pelo clima político da época, entre 1868 e 1872 umas intrincadas peripécias turbaram a casa de Cormons e arriscaram fazê-lo perder o seu zeloso diretor espiritual, o jesuíta Pai Giuseppe Rossi.

Ele próprio relata os detalhes disso [5], embora o seu relato pareça influenciado pela sua apaixonada participação nos acontecimentos. Não há que esquecer que naqueles tempos, entre católicos e liberais, reinava em todas as partes uma antítese agudíssima, que o Pai Rossi vivia com particular intensidade.

Os problemas foram principalmente dois.

Ao princípio do ano escolar 1867-68, o renovado conselho municipal de Cormons deliberou por unanimidade encomendar às Irmãs da Providência as escolas femininas municipais, repartidas em quatro classes. O município teria garantido uma contribuição de quatrocentos florins ao ano e a lenha para o aquecimento de inverno.

Ao final do ano escolar, o Pai Luigi pediu que a retribuição fosse levada, para o ano seguinte, a oitocentos florins. O Pai Rossi considerava razoável o pedido, « *mas talvez* — escreve — *era melhor sentir o terreno antes de arriscar o fracasso, como logo ocorreu.* » Além disso, por motivos desconhecidos, a nota do fundador não foi apresentada em julho, não bem foi redigida, mas para os finais de outubro, muito perto da reabertura das escolas.

« *O município teve a impressão de ser tomado pelo pescoço* — observa o Pai Rossi — . *Os adversários aproveitaram-se disso logo; disseram-se coisas enormes... Tire-se a escola às irmãs, gritaram, e abra-se noutra parte, embora tivesse que custar inclusive mil florins, com tal de salvar a honra do comum.* »

Ao fim, com tal de não pagar os oitocentos florins pedidos pelo Pai Luigi, o município preferiu gastar muito mais. Contratou-se imediatamente duas mestras de Gorizia, carentes de diploma, por duzentos e cinquenta florins cada uma, e gastou-se uma fortuna para equipar o antigo convento dos dominicanos; o resultado foi que só se puderam dispor duas classes em lugar das quatro geridas anteriormente pelas irmãs.

O Pai Rossi menciona três principais responsáveis pelo tumulto, entre eles o inspetor de distrito Pietro Pajakovic, o qual declarou para a Páscoa de 1869 que, se tivesse dependido dele, teria feito fechar a escola das irmãs porque não respondia às exigências dos tempos e porque nela — ¡ Ouça, Ouça! — se utilizavam livros italianos contrários ao governo. O mesmo inspetor, continua o Pai Rossi, foi autor de manifestas injustiças respeito às candidatas das irmãs que se apresentaram em Gorizia para os exames de habilitação para o ensino.

Com a lei austríaca sobre a instrução pública de 14 de maio de 1869, a escola interna das irmãs foi declarada escola popular privada, apesar de que o conselho escolar de distrito, a 28 de dezembro de 1871, lhe tivesse concedido um certo reconhecimento ditando algumas normas. « *Graças àquela decisão oficial* — continua o Pai Rossi — *sabia-se portanto que esta escola era reconhecida; privada, certamente, mas reconhecida.* »

Três anos depois, nos finais de 1871, o município de Cormons convocou o concurso para dois postos de mestra e ajudante de mestra na escola municipal. O Pai Luigi aproveitou-se disso e, esperando fazer o bem da pequena cidade, fez participar duas irmãs

[5] Crónica referente à escola popular das Irmãs da Providência em Cormons desde 1866 até 1872, fasc. 24, ms. 9, cc. 14, A.L.S.

diplomadas. Desta maneira ter-se-ia eliminado a dualidade entre a escola municipal de duas classes e a das irmãs, chegada já a cinco; o Pai oferecia de novo os locais do convento para a escola única, aceitando que só duas mestras fossem pagas segundo a norma da lei. Enviou a Cormons o Dom Fantoni, quem regressou com o seu otimismo habitual, mas as suas esperanças viram-se frustradas.

Para os meados de janeiro de 1872, o conselho municipal procedeu ao nomeação de duas mestras laicas, sem sequer responder a uma carta da Superiora Mãe Teresa Fabris que apresentava a candidatura das duas religiosas.

« *Não atacaram diretamente as irmãs* — escreve o Pai Rossi —; *é mais, falaram delas com louvor. Mudaram de táctica, contudo... sustentando que pelo decoro do povo era melhor manter ambas as escolas.* »

Talvez precisamente porque o ardente jesuíta tinha ficado amargurado por estes sucessos, o superior da Companhia de Jesus em Gorizia, o Pai Giovanni Battista Dionisi, comunicou a 20 de janeiro al fundador que o Pai Rossi deixaria Cormons para o dia 4 de fevereiro para se converter em reitor do seminário de Cremona. Mas o Pai Luigi utilizou toda a sua influência perante os jesuítas para evitá-lo. Por fortuna, tanto para a população de Cormons como para a congregação, o Pai Rossi foi deixado pelos seus superiores na cidade durante outros sete anos.

Aquele querido « grande personagem » do Dom Sartori

Em Primiero não ocorreram problemas de qualquer espécie enquanto viveu o bom decano Dom Sartori. Era necessário remediar, contudo, a facilidade com a qual Dom Fantoni, cúmplice do célebre rouxinol, tinha aceite aquele encargo para as Irmãs da Providência.

Para os finais de agosto de 1868, respondendo ao Dom Sartori que apoiava vivamente a admissão do hospital de Levico, o Pai Luigi dirigia-lhe este firme reparo:

« *Se o Senhor dispusesse que o projeto tivesse lugar, antes de que as irmãs se trasladassem para ali, desejaria eu deslocar-me primeiro ao lugar para uma inspeção prévia, para ver se tudo estivesse bem preparado e disposto; e desejaria bem antes pôr-me de acordo com essa administração do hospital e com esse honorável município de Levico, de modo que as irmãs, uma vez chegadas, não tivessem que sofrer dissabores ou ser enganadas, como o foram — perdoe-me, reverendíssimo decano — aquelas de Primiero.*

¡Oh!, quantas vezes sinto ecoar nos meus ouvidos de parte destas mães: Pobre Pai Luigi, ¡oh!, com quanta boa fé procedeu com os habitantes de Primiero... Ah, dizem-me elas, ¿onde está a capela que tinha sido prometida e onde está o segundo quarto para as irmãs? ¿Onde estão as 100 liras ao ano prometidas por Teloni para a viagem de visita da reverenda superiora e para as trasladações das irmãs por realizar-se? Ah, dizem-me, ¿que paga têm as irmãs mestras de Primiero? Pobres irmãs, ¿que coração têm os habitantes de Primiero para pretender que duas irmãs se sacrifiquem todo o ano a dar escola e dar-lhes por paga 55 florins a cada uma e alguma pequena adição de taxas? ¿E isto depois de que se dizem satisfeitíssimos do seu ensino e das prestações mais do que maternas das irmãs?

As irmãs — continuava — *não têm como fim das suas prestações o interesse económico certamente, mas pensem também os senhores de Primiero que as Irmãs da Providência também para viver devem comer, beber, vestir: por tanto convém dar-lhes o que basta para estas necessidades suas. Estes e outros parecidos reparos frequentemente sinto ecoar nos meus ouvidos de parte destas reverendas mães; a dizer verdade, não uma, mas milhares e milhares de razões têm para me censurar assim...* »

O fundador queixava-se sobretudo de três coisas: de que não se tivesse disposto no hospital a capela prometida para o uso das irmãs; de que o Dom Sartori, como testamenteiro, não tivesse dado pleno efeito às vontades do falecido Dom Bonetti, o qual tinha deixado ao hospital um legado de mais de três mil florins com o fim preciso de melhorar as condições das religiosas. Sobre este ponto dizia:

« *O local para as escolas considero que já se encontrou perto do hospital para comodidade das irmãs, mas se por casualidade não estivesse ainda provido e se quisesse que as irmãs deslocassem a ensinar no local das escolas municipais, tão distante do hospital, digo para o seu governo que as irmãs mestras serão retiradas para Udine, não podendo em consciência expor a tão grave perigo a sua saúde já precária.* »

A ameaça, contudo, não se executou. Talvez os pedidos do Pai foram em boa parte satisfeitos, porque as coisas procederam sem tropeços durante um quinquénio. Para os finais de julho de 1873 o Pai Luigi enviou ao Dom Sartori um rápido aviso no qual comunicava que as irmãs mestras seriam retiradas. O decano enviou a toda a pressa para Udine, para investigar o assunto, ao coadjutor de Mezzano de Primiero, Dom Ernesto Egger; este regressou a 9 de agosto com a impressão de que o retiro se devia à retribuição excessivamente escassa correspondida às mestras.

O Dom Sartori e o podestà de Primiero puseram-se de imediato à obra e o conselho municipal, a 15 de setembro, deliberava aumentar a paga a 150 florins por cada mestra. Comunicando dita decisão, o podestà desejava que as irmãs continuassem o seu valioso serviço e fazia notar que o comum, pequeno e pobre, não podia assumir uma carga maior.

O salário era certamente modesto, mas mais reduzido ainda era o número de irmãs diplomadas disponíveis, pois alguma tinha abandonado havia pouco a congregação. Mas o Pai Luigi tinha ganho grande afeto a Primiero e quis que a escola das irmãs continuasse ali à custa de qualquer sacrifício.

Por isso a 23 de setembro partia de Cormons uma carta da Superiora Geral [6] que aceitava a proposta, considerando os muitos gastos que gravavam o comum.

Talvez o Dom Sartori não esteve a tempo de ler a adesão das irmãs, ou talvez lhe chegou precisamente nos últimos instantes para confortá-lo.

Tinha-se acamado um mês antes e faleceu a 25 de setembro, trás ter governado a paróquia com extremo zelo durante catorze anos. Apagava-se assim, aos sós cinquenta e dois anos de idade, aquela querida figura de sacerdote a quem a certidão de óbito define como « *piedoso, douto, hospitaleiro* ». O Pai Scrosoppi conservou uma afetuosa

[6] Desta carta resulta que a Mãe Teresa Fabris permaneceu em Cormons até setembro de 1873, depois imediatamente a seguir esteve em Udine.

recordação daquele devoto amigo e da sua obra, fazendo menção dele a miúdo nas cartas às irmãs de Primiero.

De uma carta do Dom Ernesto Egger de 10 de setembro aflora um detalhe de interesse:

« *Escrevi para ter cópia das Cinco Chagas da Santa Igreja do abade Rosmini, e espero poder em breve satisfazer o desejo demonstrado por Vossa Reverência de reler dito opúsculo.* »

O Pai Luigi, que tinha a faculdade de ler livros proibidos, desejou por tanto reler uma vez mais aquela obra — posta no Índex em 1849 — do célebre abade de Rovereto, falecido já desde havia dezoito anos, com o qual tinha tido relações pessoais e epistolares em 1845-46.

Três anos depois da morte do Dom Sartori houve uma pequena polémica em Primiero também, mas esta vez referente ao hospital, suscitada — como se lê numa carta — por pessoas contrárias à Igreja. Estes tomaram como pretexto o facto de que o Pai tivesse enviado uma irmã de mais para o serviço no hospital e que se estivesse a trabalhar para melhorar a habitação das religiosas. Escreveu à Superiora Irmã Visentini a 19 de dezembro de 1876:

« *Quando foram solicitadas por essa direção três irmãs, não havia que assistir senão de dezoito a vinte e três enfermos e asilados, enquanto que agora ¿quantos mais há? ¿Não havia por tanto razão para adicionar uma irmã? Respeito depois à habitação das irmãs no hospital, pode-se fazer reflexionar que a ampliação do hospital foi quase toda construída com oferendas realizadas para as irmãs, como por exemplo a oferenda da imperatriz Maria Anna e a minha oferenda de mil florins. Apontei-lhe isto não para que Vossa Reverência alegue direitos, mas só para que possa, sempre com grande calma, fazer saber que as pobres irmãs não são por tanto esse peso e carga que por alguns se desejaria fazer crer.* »

Nesta conjuntura a generosidade, a humildade e a paciência do Pai Luigi brilham com viva luz frente às manobras de fação. ¿Mas quando se inclina o espírito de partido perante a virtude? « *Afastar de imediato a essa irmã* — dizia o Pai — *trás a tormenta estalada, significaria dar a razão aos fautores do tumulto.* » Fá-la-á partir por amor à paz alguns meses mais tarde, comprometendo as irmãs restantes a uma dedicação ainda maior.

As Irmãs da Providência no hospital de Trento

No hospital de Trento prestavam serviço as Irmãs de Maria Bambina; ali verificou-se uma situação análoga à ocorrida em Tesero. Em parte a causa das conflitantes contrapostas no seio da congregação de caridade, da qual o hospital dependia, e em parte porque aquelas irmãs não queriam submeter-se a certas prescrições contrárias às suas regras, nos primeiros meses de 1876 declararam querer retirar-se tão pronto como tivesse expirado o seu compromisso contratual, isto é, em junho. A congregação de caridade respondeu que se marchassem igualmente, inclusive antes se o preferiam. As irmãs não se o fizeram repetir: a partida foi fixada para antes de 1 de maio.

Era necessário substituí-las. Alguém propôs o nome das Irmãs da Providência, de quem se falava muito bem em Primiero e em Tesero.

O fundador encarregou informar a respeito do real estado da questão ao Dom Giovanni Battista Depeder, o qual devia conhecer bem as obras do Pai Luigi, posto que numa carta sua de 21 de abril escreve:

« *Tenho já toda a esperança de que possam vir as vossas meritórias filhas da Providência, destinadas, segundo parece, a cobrir os postos deixados vazios por outras.* »

O partido alemão apoiava vivamente as irmãs alemãs de Innsbruck, enquanto que o grupo liberal era contrário a toda a presença religiosa. « *As freiras de Udine* — adicionava o Dom Depeder — *de cuja vinda se fala muito agora na cidade, seriam muito bem aceites por todos, agora que as outras se marcham, e especialmente pelos párocos, os quais têm os seus enfermos no hospital e não os quereriam privados de uma palavra de consolo pelo facto de não entender o alemão. As alemãs seriam mal vistas por mais de uma boa razão.* »

A congregação de caridade encomendou a tarefa de contatar o Pai Scrosoppi ao Dom Giuseppe Palla, capelão del hospital desde o ano 1859, o qual, embora de orientação alemã — como dizia o Depeder — rendeu em contrapartida as negociações fáceis e planas.

« *Mas o Pai Luigi* — escreve o Tinti — *na delicadeza da sua alma, quis primeiro assegurar-se de não causar o menor desgosto às Irmãs de São Vicente; uma vez seguro de que elas ao contrário eram favoráveis à substituição, e que os dirigentes renunciavam às pretensões inoportunas, concluiu de imediato as gestões com solicitude, posto que era urgente que as suas filhas assumissem a gestão daquele hospício para 1 de maio.* »

O Pai anunciou a abertura da nova comunidade religiosa às superioras das casas já existentes; a 27 de abril escreveu à Irmã Angela Rodaro, superiora em Tesero, comunicando-lhe que teria que trasladar-se para Trento. Imaginando quanto ficaria ela desconcertada por isso, começou a carta com um exórdio muito eficaz:

« *Agora é o caso de que tenhas que executar o que o Vigário de Jesus Cristo vos dizia há algum tempo, a quem vós, irmãs da Providência, enviastes a oferenda de São Pedro. Filhas — dizia o Santo Padre — abençoo-vos e lembrai-vos de seguir o vosso Esposo a onde vos chamar...*

Você deve saber que no dia 1º de maio as freiras da Pro terão que estar em Trento; por tanto devemos organizar-nos da melhor maneira, e ali e noutras partes convém realizar mudanças. Por enquanto terás que ir para Trento, e para Tesero virá pelo momento a Mãe Teresa Serafina Gaspardis. Eis as mudanças por realizar-se em poucos dias. Comunico-te tudo à pressa a fim de que possas dispor as coisas com calma e deixar tudo ali em bom ordem.

Comunica a tua trasladação a esses senhores, de modo que não nasçam desgostos. Já conheces a virtude da prudência, e olha por tanto de usar uma boa dose dela.

Paciência, queridíssima irmã e filha; se esta mudança te fora gravosa, pensa no que lhe dirias a uma irmã se se encontrasse na tua situação atual. Dir-te-ei que antes de decidir esta mudança rezei e fiz rezar, e com a reverendíssima superiora geral tomámos

a decisão trás muitíssimas reflexões. Crê-me que o nosso único fim foi a glória de Deus e o teu bem. »

Assim a Irmã Angela teve que abandonar o seu pequeno ninho de Tesero, onde tinha ganho a estima e o afeto de todos. Se a separação a fez sofrer, deveu assustá-la o pensamento do peso que se lhe encomendava.

O hospital de Trento, situado no subúrbio de Santa Croce, contava então com entre cem e cento e vinte enfermos, aos quais era necessário adicionar de setenta a oitenta hóspedes da casa de caridade anexada e, como se não bastasse, de sessenta a setenta internados no manicómio vinculado.

Em total cerca de duzentas e cinquenta presenças, além de natureza tão diferente. Para servir a todos esses pobrezinhos, ela tinha à sua disposição apenas outras sete irmãs que a Mãe Strazzolini lhe trazia desde Udine. ¡Não havia de quê estar alegre!

Além disso, era necessário substituir a irmãs expertíssimas e contentar os dirigentes da congregação de caridade, pertencentes a várias alinhamentos e todos muito exigentes.

Por fortuna com as irmãs subiu desde Udine também o Dom Luigi Costantini [7], então jovem sacerdote: um combatente da fé de voz potente, de porte valoroso e de alma cheia de celo; era o sustentáculo que servia ao pequeno grupo de religiosas que se dispunham a afrontar tantas dificuldades.



Hospital de Santa Chiara de Trento

[7] Cónego da colegiada de Cividale del Friuli (1846-1918), foi un sacerdote zeloso. É recordado especialmente pela pregação das missões, para a qual tinha dotes adequadas: inteligência, memória tenaz e fantasia ardente. Foi secretário do Circolo San Donato, constituído sobre o exemplo da Associazione Cattolica Friulana instituída em Udine em 1871. Fundou o hospício San Giuseppe para os filhos do povo; a ele o Pai Scrosoppi dirigia a carta de 9 de junho de 1878, publicada anónima pelo Tinti, sustentando-o nas dificuldades que encontrava nesta obra de caridade. (Ver Summarium, fls. 469-470 em Positio...).

As irmãs chegaram a Trento às dez da noite de 1 de maio. « *A acolhida recebida dessa direção* — escrevia o Pai a uma superiora alguns dias depois — *foi muito satisfatória e espera-se que a Providência tenha aberto este novo campo para o bem da nossa congregação.* »

Já a 8 de maio podia adicionar:

« *Não posso dizer-lhe quanto são bem vistas em Trento as nossas irmãs e quanto bem realizam já ali. Eu enrubesço ao ver como são respeitadas, estimadas, amadas e o interesse extremo que têm todos por elas, a começar pelo bispo...* »

O Dom Depeder a 19 de maio assegurava-o:

« *Até aqui as coisas procedem muito bem. A congregação de caridade está contente, e assim os enfermos do hospital; é mais, talvez são tratados com demasiada doçura, enquanto que um pouco de firmeza com certos seria mais oportuna, segundo se diz... Entretanto começaram bem, e já é muito, porque nestes primeiros momentos de contrastes, disputas e ciúmes não é fácil não ser criticado. Eu ponho a minha confiança sobretudo na humildade das irmãs, a qual será uma grande mediadora para que Deus as ajude.* »

Uma confiança bem depositada.

O Pai Luigi tinha aceite o serviço no hospital de Trento quase às cegas, posto que o contrato de fixação foi assinado apenas a 4 de julho pela Mãe Strazzolini e pelo vice-presidente barão Taxis. Mas a 24 de março di 1881 o novo vice-presidente Bortolotti podia emitir uma ampla declaração « *de que as mesmas irmãs deram a mais escrupulosa execução ao contrato de 4 de julho de 1876* »; e, enquanto louvava « *a sua obra benéfica e caritativa em benefício dos pobres sofredores* », sublinhava particularmente « *a sua fiel atividade também no interesse material dos institutos mesmos, para o qual as reverendas irmãs contribuíram ao mesmo tempo com a sua sagacidade e uma excelente gestão interna.* »

Apenas um ano e meio depois, as irmãs deram prova também em Trento do heroísmo caritativo ao que o Pai as tinha educado. Quatro foram afetadas pela varíola ao assistir os enfermos e uma — a Irmã Maria Elena Oman [8] — ficou vítima dela. A 5 de outubro de 1877 o Pai Luigi comunicava o falecimento às diversas casas:

« *A congregação sofreu uma grande perda, porque ela era exemplar em tudo e de modo especial na santa humildade, a simplicidade, a obediência e a laboriosidade. O bom Deus dispôs assim: basta, faça-se a Tua vontade.* »

As viagens do Pai no Trentino

Além da viagem de 1868, empreendida para inspecionar pessoalmente o hospital de Tesero, o fundador realizou outras várias visitas às casas do Trentino.

---

[8] Oman Dorotea (Irmã Maria Elena da Paixão) nascida em Uccovigh perto de Malborghetto (Udine) a 24 de março de 1842, entrou na congregação a 3 de agosto de 1865, vestiu o hábito a 26 de fevereiro de 1867, professou a 19 de março de 1869.

Dirigiu-se ali certamente para os finais do verão de 1876. Numa carta à superiora de Primiero de 11 de setembro escreve:

« *Na próxima quarta-feira — isto é, o dia 13 —, se for do agrado do Senhor, partirei para Trento, onde permanecerei durante oito dias; na segunda-feira passarei a Tesero para ficar ali até quinta-feira de manhã; e ali espero encontrar-me na mesma quinta-feira à tarde, isto é, o dia 21 do mês. O desejo era grande de vir antes, e contudo não pude secundá-lo a causa das minhas grandes ocupações.* »

Na primavera de 1879 teria desejado voltar ali, mas não lhe foi possível.

« *Tivemos* — escreve a uma superiora a 5 de junho — *um tempo tão inusitado de ventos, frio e chuvas, que nunca me permitiu um projeto concreto de viagem por aquelas paragens, como teria sido o meu desejo.* »

Fez o mesmo um par de meses depois, porque o Pai Rossi lhe escrevia em setembro vindo de Cormons:

« *Alegro-me tanto com Vossa Paternidade de que tenha regressado felizmente da sua viagem apostólica. Cada dia várias vezes, na minha miséria, tenho-o recomendado ao Senhor, a fim de que se dignasse sustentar Vossa Reverência na sua viagem tão fatigante.* »

A 4 de agosto de 1880, escreve:

« *A minha viagem ao Trentino terá lugar provavelmente em outubro* »; e a 12 de outubro daquele ano diz à superiora de Primiero: « *Farei o possível por deslocar-me este ano a Trento e Tesero, e com quanta vontade viria ali também, se o caminho fosse transitável.* »

A 20 de junho de 1881, escreve à mesma:

« *Passo à sua segunda pergunta e à das suas amadas, e também minhas filhas, a saber, se o Pai Luigi deve vir este ano ver-vos. Ele tem uma grandíssima vontade de vir, e fará tudo o possível por fazê-lo. Eis quanto posso dizer-vos e nada mais. O caminho do Schener não está ainda terminado? ¡Oh, dolorosa pergunta!* »

Finalmente, a 20 de dezembro de 1881, insiste em dizer que teria ido de muito boa mente visitar a aquelas religiosas, « *mas não posso* — conclui — *porque a estação é perigosa para um pobre velho como eu sou, de 77 e mais anos.* »

Também o Tinti refere que o fundador « *empreendia viagens frequentes para o Veneto, a Ilíria e o Trentino, para visitar em pessoa os diversos hospitais, asilos e escolas, e ao mesmo tempo confortar com a sua desejada presença as irmãs as suas queridas filhas. Mas as suas viagens* — prossegue — *eram verdadeiras peregrinações de penitência, tanto pelos meios inadequados e os cavalos demasiado lentos de que se servia, como pelos alojamentos pouco confortáveis e o cansaço das longas distâncias percorridas, todas coisas que ele não só suportava pacientemente, mas desejava generosamente sofrer. Durante a viagem, o Pai Luigi estava em constante oração, a qual não interrompia senão para entreter de tanto em tanto com discursos espirituais as irmãs que levava consigo para os diversos encargos. Tendo rezado inicialmente com elas as orações de viagem, vós, boas irmãs — dizia —, cumpri agora os vossos deveres de piedade, enquanto eu rezo o divino ofício.* »

Se nos é de lamentar não possuir notícias daquelas viagens no Trentino — então, especialmente a causa da sua idade, verdadeiramente fatigantíssimas —, fica-nos um testemunho em alguns relatos de factos místicos que teriam ocorrido ali.

« *Um velhinho asilado em Primiero* — narra a Irmã Eufrasia — *relatava a miúdo que numa ocasião tinham visto o nosso venerável Pai, durante uma visita sua a aquela casa, ajoelhado no locutório, imerso em profunda oração, quando pareceu elevado do chão e como iluminado por uma claridade do todo especial; eles viam-no da janela e maravilhados diziam uns aos outros: O Pai Luigi está em êxtase.* »

Outros testemunhos aludem a um episódio análogo que teria ocorrido diante da efígie da Virgem, chamada do campanário, na igreja do hospital de Trento.

Pelo demais, o clero e o povo no Trentino o consideravam um santo. « *Quando vinha ao hospital de Tesero* — relatava a Irmã Placida Faés —, *todos na rua se apinhavam para o ver, tanta era a devoção e a veneração que inspirava. Quando celebrava a santa missa na pequena igreja do hospital, esta enchia-se de gente, porque diziam: É um santo o que celebra. E durante a missa também lhe pareceu a alguém rodeado de luz.* »

Morte da Irmã Giovanna Colloredo

Tem-se falado de incómodos, mais ou menos relevantes, nas diversas casas, mas não se fez menção ainda de Portogruaro. Em realidade, não se têm notícias de dificuldades particulares para dita sede.

A Mãe Cristina Borghese continuava a governar àquele punhado de irmãs com a sua antiga afabilidade e impunha-se, com o seu realismo às vezes pungente, aos dirigentes do hospital e a quantos a encontravam. Não era fácil entabular contestações com uma superiora de semelhante carácter; e se alguém tinha a intenção, a Mãe Cristina fazia-lha passar, desmontando qualquer armadilha com a sua sabedoria e a sua virtude.

Durante a guerra de 1866 as irmãs de Portogruaro dedicaram-se com abnegação à assistência dos feridos do exército italiano em avanço. Entre elas distinguiu-se particularmente a Irmã Scolastica d'Orlando [9], tanto que no seu funeral, a 14 de junho de 1811, a banda da cidade lhe rendeu honras como a uma patriota.

Em 1871 estalou na cidade uma epidemia de varíola e várias irmãs viram-se afetadas por ela, tendo-se lançado de cabeça à assistência dos contagiados. A 25 de julho, o chanceler da cúria Dom Ernesto Degani — destinado a converter-se no célebre historiador da diocese de Concordia — escrevia ao Pai Luigi que o arquipreste da igreja de Sant'Andrea, « *em caso de morte de uma irmã* », cedia todo o direito paroquial ao Dom Giuseppe Scarpa, capelão do hospital. A única vítima entre as freiras foi a Madre Giovanna Colloredo, que faleceu em 4 de outubro daquele ano, concluindo trinta anos de vida religiosa entre as Irmãs da Providência como mártir da caridade.

---

[9] Margherita D'Orlando (Irmã Maria Elena da Paixão ou Irmã Maria Scolastica de São José), nascida em Rivignano (Udine) a 18 de junho de 1839, entrou na congregação a 3 de agosto de 1865, vestiu o hábito a 26 de fevereiro de 1867, e professou a 19 de março de 1869. Para mais detalhes sobre ela, vejam-se os Apontamentos biográficos..., ms. vol. 11, fls. 202-217.

Capítulo 8

FLORESCIMENTO DE VOCAÇÕES E VAGAS DE CRISE

À guia de almas generosas

O relato, às vezes puramente histórico mas necessário, das obras promovidas ou assumidas pelo fundador, deixou transparecer suficientemente a sua personalidade e a sua interioridade, tal como os frutos testemunham da árvore de onde provêm. Em cada instante emergiram a sua busca única da glória de Deus, uma santa paixão no fazer o bem, o impulso incessante das religiosas ao sacrifício e ao oferecimento de si, junto com a prudência, a sensibilidade e uma fortaleza a toda a prova ao iniciar as obras ou ao prossegui-las.

Sem embargo, o espírito de qualquer ministro de Deus revela-se mais claramente na guia pastoral das almas que lhe são encomendadas.

O Pai Luigi não foi pároco e dedicou-se relativamente pouco ao ministério da pregação e do confessionário. Um claro desígnio da Providência encomendou-lhe outra missão: a de discernir, sustentar e incentivar as almas chamadas a uma completa dedicação a Deus.

¿Que pensou, em teoria, da vocação? ¿Como se comportou, concretamente, perante o seu manifestar-se nesta ou naquela alma? ¿Como moldou e temperou as religiosas para fazer delas monumentos vivos da chamada recebida? Não esqueçamos que o problema da vocação se lhe apresentou com duas instâncias particulares: como vocação a uma vida ativa no serviço de caridade e como vocação feminina, com os aspetos agora mais simples e agora mais complexos que lhe são próprios.

O pensamento do Pai Scrosoppi sobre a vocação

Ficam-nos quatro esquemas das suas conferências sobre a vocação. O primeiro, de sós quatro linhas, contém a lista dos pontos tratados:

« *Dever de corresponder à vocação — excelência da vocação — vantagens pela correspondência — castigos pelo não corresponder.* »

Igualmente breve, mas muito significativo, é o segundo. O Pai indica nele primeiro os sinais para compreender se se é verdadeiramente chamado, e logo prospeta as dificuldades que podem surgir no íntimo da alma:

«

1. *¿Vem-vos do fundo do coração este desejo?*
2. *¿É constante?*
3. *¿Parece-vos mais fácil a vossa salvação?*
4. *Ao momento da morte ¿desejaríeis ter feito esta escolha?*

Dificuldades. Terei que sofrer. Talvez me arrependerei. Mas mesmo se tivesse que arrepender-me, quero seguir a chamada; mesmo se tivesse que sofrer por toda a vida, quero segui-la, visto que não pertenço a mim mesma, mas a Deus. »

A última passagem é decididamente típica do seu espírito, mesmo na aparente radicalidade da formulação.

O Pai não concebia a vocação como um estado de certeza e uma fonte de perene alegria espiritual. Ao contrário, ele faz entrever quase cruamente as dúvidas, os arrependimentos, as tristezas, os desalentos e as desoladas noites interiores que podem sobrevir mesmo trás muitos anos de serviço fiel ao Senhor. Parece que ele diga:

« *A vocação não é um convite a umas bodas, mas ao sofrimento; e a um sofrimento que às vezes parece golpear as próprias raízes da chamada. ¿Que fazer, por tanto? ¿Renunciar à vocação com a ilusão de escapar à dor? Absolutamente não. Convém em contrapartida agarrar-se à escolha já realizada e repetir: "Não pertenço a mim mesma, mas a Deus."*

Entreguei-me a Deus e não retiro o meu dom, embora atualmente me sinta vacilante e me pareça que Deus me abandonou. Melhor permanecer na vocação temporariamente atormentada do que sair dela. O tormento que agora me angustia é também de Deus, porque é uma prova sua; a paz que busco seria em contrapartida coisa minha. Mas eu não pertenço a mim mesma; sou de Deus. »

Ele via neste conceito uma fonte psicológica de denodo e de força que ao final, com a ajuda da graça, teria feito superar o momentâneo desconcerto.

Sem dúvida, o fundador não se referia aqui às vocações erradas, mas somente àquelas sinceras, embora atribuladas. E a resposta é verdadeiramente toda sua. Sente-se nela dedicação querida, lutadora, quase obstinada; aquela doação de aço que foi a sua.

É quase impossível que um mestre de espírito não deixe transluzir a sua personalidade nos conselhos e na guia que oferece aos demais. Por isso os mestres de espírito convertem-se de algum modo em « *pais* »: precisamente porque formam almas semelhantes à própria. O Pai Luigi queria, nas Irmãs da Providência, filhas para as quais o conceito « *Não pertenço a mim mesma, mas a Deus* » representasse a rocha firme em meio das ondas da tormenta.

Há um terceiro papelinho seu no qual provavelmente trata da adesão a Cristo de cada batizado. Diz nele, de facto:

« *O batismo nos fez herdeiros de Deus; e para conseguir esta herança não se necessita muito. Diz san Agostinho: Olha se é trabalho, onde basta querer. Um discípulo de Jesus Cristo perguntou ao seu divino Mestre: ¿Que devo fazer de bom para ter a vida eterna?; e o seu divino Mestre respondeu: Se queres.* » Aqui o Pai Luigi põe fortemente o acento sobre a vontade.

Mas quanto adiciona pode referir-se bem à vocação religiosa e ao desapego que ela requer. « *Eis* — diz — *a primeira condição. Necessita-se uma vontade verdadeira, eficaz, resoluta, e não simples desejos. O inferno está cheio de boa vontade. San Agostinho compara a falta de vontade dos cristãos com um dorminhoco que desejaria levantar-se, mas não se levanta. Quem quer verdadeiramente levantar-se, salta da cama*

e põe de lado os cobertores. » E continua prevenindo contra certos enganos de Satanás. Há quem quereria, mas a condição de tocar logo com a mão as vantagens da sua escolha, de colher imediatamente dela satisfação e prazer, de vindimar em julho sem esperar pelo outono. Não é bem assim, adverte ele:

« *Esperai e logo gozareis com pleníssima satisfação.* »

Estes esquemas não estão datados. Leva em contrapartida uma data bem precisa — o 8 de novembro de 1868 — um papel com apontamentos para uma conferência às suas religiosas. Veremos dentro de pouco que aquela data teve a sua importância.

Daremos alguns fragmentos dela. Não se encontrará nada insólito nela, posto que ao Pai Luigi não lhe passava nem pela mente perder-se em busca de conceitos estranhos e muito menos de expressões rebuscadas. Poucas verdades, tomadas da fé e seladas pela experiência, claras e fortes como cravos bem pontiagudos: eis o que lhe bastava.

Esta conferência centra-se em duas ideias: a vocação é sempre um combate; a vocação efetua-se na vigília e plena união com o Senhor.

« *A quem o Senhor quer* — escreve — *que lhe sirva num estado, a quem noutro; e cada um deve combater no estado em que o Senhor o chama a servir-lhe. Vós estais chamadas a servir-lhe no estado religioso... ¡Oh, estado nobre! ¡Oh, estado o mais sublime... E vós neste estado deveis combater contra o demónio, o mundo e a carne, nossos três principais inimigos... Como esposas de Jesus deveis servir ao Senhor não da maneira em que lhe serviriam as pessoas do mundo... Mas sim que deveis servir-lhe no cumprir os deveres de esposas para com o vosso divino Esposo... Todos os três inimigos vos fazem a guerra para que falteis a estes sagrados deveres para com o vosso divino Esposo. E vós todos os três tendes que combatê-los... Lembrai-vos da santa perseverança. Lembrai-vos de que vós sós não podeis obter a vitória. Meios para a santa perseverança: o pensamento de que o que não é eterno não é nada — o pensamento do prémio. Meios para ter a força de combater: intercessão da Mãe do vosso divino Esposo. Confiança no Esposo. O pensamento a Deus, o coração a Deus, a mão para Deus...* »

E insiste continuamente, o Pai Luigi, sobre aquele combater e sobre aquela sagrada união: detrás destas palavras adverte-se a presença de uma vontade e de um fervor extraordinariamente tensos. Buscar-se-ia em vão a menor concessão a um lânguido sentimentalismo. Uma união combativa, cujo laço nupcial devia estar feito de « *trabalhar, sofrer e calar* »: este foi o ideal que ele propôs incessantemente às suas irmãs.

Prudência ao admitir à congregação

Tinti escreve que o Pai era muito cauto ao aceitar as postulantes:

« *Tanto o Pai Luigi* — diz — *como as irmãs responsáveis, muito longe de estarem inclinadas a acolher jovens postulantes apenas para acrescentar o número, procediam muito lentamente na aceitação das candidatas, desejando que se consolidassem as bases do instituto religioso e que não se pudesse aplicar a este o ditado: multiplicaste a gente, mas não acrescentaste a alegria.* »

Temos uma dupla confirmação disso.

Se percorrermos a lista das órfãs acolhidas desde 1837 até 1884 na *Casa delle Derelitte* — que representava obviamente um viveiro de vocações — notamos que de seiscentas e dezesseis asiladas apenas quarenta e oito entraram no noviciado, ou seja pouco mais de sete por cento. Sem embargo, aquelas meninas, em grande parte órfãs, deviam ver na casa a sua própria família e em Scrosoppi um pai. É um sinal evidente do facto de que ele não permitiu a menor pressão psicológica sobre a alma das jovens.

Se analisarmos logo as suas listas autografas, é fácil notar como ele não tinha pressa alguma por aumentar o número das religiosas, mas operava uma severa seleção entre as aspirantes.

Desde 1854 — quando assumiu a guia trás o pai Carlo — até todo o ano de 1866, as postulantes foram cento e cinco, das quais apenas oitenta e seis foram admitidas ao noviciado e destas apenas a metade chegou à profissão religiosa.

Posteriormente, os acontecimentos políticos de 1866-70 influíram negativamente na afluência das vocações.

Nos nove anos desde 1866 até 1875 as postulantes foram quarenta e nove, menos da metade respeito aos treze anos precedentes. Evidentemente bateram à porta do convento apenas aquelas jovens cujo desejo de dedicação era tão forte como para vencer o clima hostil da época. Com tudo, em parte por este motivo, em parte porque a formação se fez cada vez mais rigorosa e profunda, o que poderíamos chamar « *o quociente de perseverança* » foi melhorando. Com efeito, desde 1854 até 1866 quarenta e oito foram as admitidas à vesticão e quarenta e uma aquelas à profissão, enquanto que desde 1867 até 1875, num espaço de tempo mais curto, foram respectivamente quarenta e trinta e uma.

Algumas simples observações permitem-nos vislumbrar as causas de certas diminuições.

Em 1867 houve somente duas aspirantes e nenhuma em 1868. O Pai vivia então com o temor do encerramento a causa das leis de supressão do Reino de Itália.

Em 1872 não se regista admissão alguma ao noviciado e não se celebraram cerimónias nem de vesticão nem de profissão; de profissões não se tinham realizado tampouco em 1871. Obviamente soprava um vento de crise.

E não se celebrou nem vesticão nem profissão em 1876, precisamente porque em 1875 tinha existido uma nova violenta tentativa de subordinar a *Casa delle Derelitte* ao controlo civil, e o Pai — como temos dito — pensou inclusive em retirar-se com as irmãs para Orzano antes de ceder a tais pressões. A 19 de dezembro daquele ano escrevia a uma superiora:

« *Devo advertir-lhe que aqui temos uma luta grandíssima com o nosso município e com o governo civil, visto que se quereria a toda a costa submeter à autoridade de vigilância também a Casa delle Derelitte, com as escolas infantis e o Instituto Tomadini. Para as Derelitte a questão já foi levada ao ministério em Roma e quem sabe o que se decidirá. Entretanto a prudência exige que por agora não se carregue com outras aspirantes a congregação das irmãs, se não trouxerem o seu dote ou se ao menos não tiverem o diploma de mestras. É verdade que temos muitas razões a nosso favor, mas estamos desgraçadamente em tempos nos quais as razões não valem.* »

O pequeno rebanho cresce

Se as dificuldades externas e a extrema prudência do Pai Luigi retardaram o desenvolvimento da congregação até 1875, trás aquele período a divina Providência quis confortar os anos maduros do fundador, visto que as fileiras aumentaram sensivelmente. O Pai viu cumprir-se de dia em dia o desejo e a bênção do Santo Padre Pio IX, a quem ele tanto amava:

« *¡Que cresça o pequeno rebanho!* »

Já a 4 de agosto de 1875 escrevia à superiora de Primiero:

« *Vimos às nossas noviças. Deve saber que anteontem se realizou a votação para as quatro postulantes à profissão, e que todas as quatro obtiveram os votos favoráveis; assim também as dez aspirantes à vesticão obtiveram todas a aprovação. Veja por tanto que consolo ver crescer o número das esposas do nosso amado Jesus. A cerimónia terá lugar, se Deus quiser, a 8 de setembro, dia do nascimento da nossa Mamã.* »

A função foi antecipada para 5 de setembro e foi presidida pelo Vigário Geral Monsenhor Someda.

« *Escrevia-lhe na minha última carta* — continua o Pai — *que não podemos aceitar por enquanto outras aspirantes, tendo muitas delas, e a nossa casa é pobre; a duras penas pode manter as que estão ali. Vossa Reverência depois respondia-me ter duas reservadas, desejando que se lhes concedesse a aceitação. Eis agora o momento favorável para acolhê-las.* »

Teve ainda mais motivo para alegrar-se para os finais de 1877, porque aquele ano, em três funções distintas, emitiram a profissão nada menos do que onze irmãs e oito vestiram o hábito religioso.

Novas postulantes chegavam em grande número desde o Trentino. O Pai certamente se alegrava com isso, mas continuou pondo o acento sobre a qualidade antes do que sobre a quantidade.

« *Fala com a madre superiora* — escrevia a 9 de junho de 1876 à responsável de Primiero — *mas não proponhas as aspirantes se não estás segura da sua vontade de desejar a prática das virtudes da humildade, do sacrifício e da pobreza.* »

E mais tarde, a 21 de abril de 1880, escreverá:

« *A superiora geral encarrega-me dizer-lhe que deseja ter os nomes daquelas duas postulantes às quais Vossa Reverência aludia, posto que se não tiverem qualidades excelentes não se podem receber; necessitam-se um espírito sólido e maduro, uma excelente saúde e habilidade nos trabalhos.* »

As vocações ao exame do Pai Luigi

Extremamente prudente ao aceitar as postulantes, o Pai Luigi teve uma intuição excecional ao distinguir se estavam movidas por uma verdadeira vocação.

Monsenhor Domenico Feruglio, que o frequentou desde a infância pelos fortes laços entre as suas famílias, a 28 de março de 1932 rendeu em Staranzano este interessante

testemunho. Interrogado sobre a capacidade de juízo do Pai Luigi como educador, a testemunha respondeu com simplicidade: « *Excelente intuição*. »

Algumas testemunhas asseguram que o próprio reitor do seminário de Udine, Monsenhor Antivari [(1)], enviava os seminaristas de vocação incerta a pedir conselho ao Pai.

É lícito afirmar, por tanto, que estava dotado de uma feliz intuição natural dos corações, certamente afinada pela longa experiência. Mas, visto que a Providência o escolheu como fundador de uma congregação religiosa, é justo pensar que lhe concedeu a graça de estado: um dom que ele fez frutificar com a sua virtude. As irmãs do seu tempo estavam firmemente convencidas de que possuía o dom sobrenatural de ler nas almas, especialmente respeito à vocação; em vários casos atribuíram-lhe inclusive intuições proféticas.

Existem vocações aparentes e ilusórias, vocações superficialmente emotivas ou inclusive motivadas pela vaidade, quando na vida religiosa se procura uma posição elevada ou distinta. O Pai, que queria formar um grupo humilde e dedicado aos trabalhos pesados, não se deixava certamente encantar por tais atitudes. Um episódio significativo ocorreu-lhe no seu penúltimo ano de vida e relata-o ele mesmo numa carta de 28 de junho di 1882 à superiora de Primiero:

« *Hoje felizmente às 10 da manhã chegou a aspirante C.A. com o seu pai, em conformidade com a vossa estimada carta de 24 do passado. Uma coisa nunca vista antes tocou-me hoje observar. ¡Atenta, reverenda madre!*

O pai, ao despedir-se, fez uma profunda vénia à sua filha e beijou-lhe devotamente a mão: e a filha, sem resistência alguma e como se estivesse acostumada a esta homenagem e à humilhação do pai, estendeu-lhe a mão para que lha beijasse.

Reverenda mãe, este ato que vi dá-me muito que pensar. Parece que o pai considera a sua filha uma santa porque reza muito e frequenta a miúdo a igreja, e parece-me que a jovem faz consistir a santidade no só rezar. Veremos, e faça o Senhor que não seja assim. »

Dos registos do fundador resulta que aquela jovem permaneceu na congregação apenas poucos meses.

Existem logo vocações não sustentadas pelas qualidades físicas necessárias para as tarefas requeridas. Nos mesmos registos encontra-se a miúdo, ao lado do nome da aspirante, a anotação do seu próprio punho: « *devolvida por razões de saúde*. »

Por este motivo teria querido despedir também a terciária Irmã Filomena Angeli, entrada como aspirante em 1867. Ela própria relatava posteriormente em detalhe a série de provas a que o Pai a tinha submetido. « *¿Preparaste o fardo para partir?* » dizia-lhe cada vez que a encontrava. E ela:

« *Não o preparei e não o prepararei jamais*. »

---

[1] Nascido em Morsano di Castions di Strada (Udine) em 1830, foi prefeito geral, depois reitor durante trinta e três anos no seminário udinense, bispo auxiliar de Monsenhor Berengo e titular de Eudóxias; a ele recorria o clero como conselheiro e pai. (Cfr. P. DELL'OSTE, Ricordi preziosi della mia S. Messa d'oro, Udine 1931-32, fls. 114 s.).

« *Mas vês* — adicionava o Pai — *não podemos manter-te em consciência. És demasiado pequena e não sabes fazer nada. ¿Que temos de fazer de ti?* »

« *Ponha-me à prova, Pai* — respondia a pobrezinha — *até agora não me deram nada que fazer. Verá até onde chegarei, mas não diga de me correr*. »

A tanta constância o Pai Luigi cedeu. E aquela mulher, miúda mas de grande coração, foi-lhe fidelíssima e utilíssima, convertendo-se numa das pessoas mais próximas dele no seu cargo de porteira e fervente defensora da sua santidade.

Às vezes em contrapartida era ele quem alentava alguma aspirante duvidosa a causa da sua saúde quebradiça. Assim fez com a Irmã Tranquilla Mayerhoffer, a quem prometeu a cura no primeiro ano de noviciado, como ocorreu pontualmente. Também a futura superiora geral Mãe Cecilia Piacentini amava recordar nos últimos anos de vida um análogo profético alento do fundador [(2)]. Quando estava à prova, relatava à sua enfermeira, era sempre enfermiça e vivia com o temor de ser afastada do instituto, mas não ousava manifestar a sua pena a ninguém. Deparou-se um dia com o Pai, que lhe disse:

« *Ernestina, fica calma e tranquila: viverás longo tempo e trabalharás muito pela congregação*. »

A previsão cumpriu-se com precisão.

Um leito de espinhos

Extremamente cauto ao dar acesso às aspirantes, o Pai Scrosoppi tirava logo da mente das candidatas a ideia — no caso de que a tivessem tido — de que a vida religiosa fora um doce arrebatamento místico, inculcando em seu lugar a do sacrifício e da cruz. Deviam compreender a fundo que amar a Jesus e viver com Ele significava sofrer e morrer n'Ele e por Ele.

O ano de prova e os dois de noviciado eram um duro crisol, necessário para eliminar toda a impureza e fazer brilhar o ouro de uma dedicação total e perene. Por este motivo: enxergão de palha, comida medida e pobre, trabalhos humildes e pesados. Por isso uma sucessão ininterrupta de exercícios de virtude, sobretudo de uma humildade praticada até ao fundo.

Tal era, sem dúvida, o método austero em uso naqueles tempos; mas era também o método necessário segundo o espírito do Pai Luigi, o qual ficaria provavelmente estupefato perante as concessões indulgentes introduzidas em nossos dias.

A citada Mãe Cecilia Piacentini teve ocasião de descrever aquele método com uma frase muito incisiva.

Ela tinha sido durante algum tempo postulante no próximo convento das *Suore Dimesse*, onde tinha conhecido uma certa Teresa Ferro que tinha entrado naquela ordem em 1860, assumindo o nome de Maria Agnese. Quando a Piacentini entrou a 6 de junho de 1863 entre as Irmãs da Providência, a Ferro exprimiu o desejo de segui-la e pediu-lhe

[2] [M. MAKAROVICH], o.c., p. 47. Na página 48 narra-se a libertação da Irmã Cecilia noviça de uma opressiva melancolia pelas orações do fundador.

conselho. « *Venha* — respondeu-lhe a Piacentini —, *venha se está disposta a passar do leito de rosas para o de espinhos* [3]. » Por esta expressão a futura superiora geral teve que sofrer não pouco, porque se pensou que ela própria — tendo apenas vestido o hábito a 17 de abril de 1864 — suportava de má mente a dura disciplina da comunidade. Ela aspirava em contrapartida a dissuadir a Ferro da mudança de congregação, porque tinha intuído na sua amiga uma inquietude espiritual pouco louvável e o desejo impulsivo de cumprir quem sabe que obras de bem. Tinha visto retamente: aquela irmã logrou passar entre as Irmãs da Providência, mas não perseverou. Não teria dado aquele passo, ou tê-lo-ia realizado com melhor espírito, se tivesse refletido a fundo sobre as palavras da Piacentini.

Às vezes o Pai Luigi punha duramente à prova as postulantes desde o primeiro encontro. Basta citar dois episódios que recordam a vida de São Filipe Néri.

Baleias que saltam

Em 1860 apresentou-se ao Pai Luigi uma senhora de uns quarenta anos, pedindo ser aceite por estar desejosa de servir ao Senhor entre as Irmãs da Providência. O Pai Luigi, trás ter-lhe feito observar que no convento é necessário sofrer e submeter-se a muitas humilhações e mortificações — um tema que amava reiterar —, vendo as suas boas intenções a aceitou e fixou o dia da sua entrada.

Com a alegria no coração, no dia estabelecido a mulher deixou o mundo e, com um vestido de seda negra sustentado por baleias, apresentou-se ao Pai Luigi. Ele disse-lhe:

« *Minha filha, hoje mesmo deves começar; por isso, ajoelhada no chão, beijarás os pés a todas as mães e irmãs quando entrarem no refeitório.* »

A boa mulher acolheu com ânimo sereno a ordem do Pai e foi conduzida à porta do refeitório, onde beijou os pés a cada uma. Mas que ocorreu? Cada vez que se dobrava, ouvia-se um crepitar devido às baleias que se faziam pedaços. A jovem continuou até ao fim, sem mostrar fastio algum.

No dia seguinte o pai fundador chamou-a a si e disse-lhe que, quando as irmãs se tivessem sentado à mesa, ela de joelhos teria que pedir por caridade a cada uma delas uma colherada de sopa. Fiel à ordem recebida, embora vestida de seda, pediu humildemente a sopa como uma pobrezinha e comeu-a em paz estando de joelhos, em meio do refeitório.

Estes atos, cumpridos com generosidade, puseram sólidos alicerces naquela alma, que foi logo uma religiosa de grande virtude e humildade.

Tratava-se de Pasqua Trevisan, nascida em Pasiano di Pordenone em 1820, admitida como aspirante a 8 de junho de 1860; professou em 1863 com o nome de Irmã Caterina della Croce e desde 1866 até 1867 foi superiora do asilo de Udine. Aquela entrada sua acompanhada pelo ruído das baleias que se rompiam colocou-lhe no coração um culto apaixonado pelas virtudes prediletas do Pai: a pobreza e a humildade. Deu uma prova extrema disso vinte e três anos depois, quando adoeceu gravemente. Foi então disposta

[3] Ivi, p. 54.

num cómodo pequeno quarto toda para ela, mas suplicou ao Pai que a fizesse trasladar para o quartinho mais apertado da casa. E ali faleceu serenamente a 3 de março de 1883.

Um chapeuzinho que voa

Uma acolhida igualmente brusca, mas de um espírito semelhante ao de São Filipe Néri, reservou o Pai Luigi muitos anos depois a Vittoria Simoni.

Nascida em Bolonha em 1837, conheceu as Irmãs da Providência em Trento tão pronto como começaram o serviço naquele hospital. Embora tivesse superado já os quarenta anos, sentiu-se impelida a entrar na congregação. Provavelmente foi alentada pelo Monsenhor Luigi Tinti, que se tinha trasladado a Trento para os finais de outubro de 1879 para um curso de exercícios espirituais e que acompanhou a nova aspirante durante grande parte da viagem para Udine, onde chegou a 8 de novembro.

Um antigo testemunho relata que em 1879 apresentou-se ao Pai Luigi uma mulher já não muito jovem, de pequena estatura e constituição frágil; vestida com decoro e com um chapeuzinho na cabeça, pediu de joelhos ser admitida entre as aspirantes do instituto. O Pai, para pô-la à prova, deu um golpe seco no chapéu fazendo-o parar num canto da sala, logo lhe pediu que repetisse a pergunta. Sustentada pela graça da vocação, a mulher não perdeu o ânimo apesar da sua timidez natural e repetiu a sua oração com calma. O fundador respondeu:

« *¿Que queres que faça de ti? Vês como és pequena e já avançada em anos...* »

« *É verdade, Pai,* — adicionou a jovem — *é verdade, mas farei quanto puder para ser útil ao instituto.* »

Vendo-a bem disposta e para nada ofendida pelo brusco gesto, o Pai a aceitou e, ao despedi-la, disse:

« *Vai, toma o teu chapéu de caçarola e volta depois de amanhã, espero-te.* »

A jovem entrou no convento a 10 de novembro — o Pai atrasou a sua entrada dois dias precisamente para verificar se a vocação resistiria àquela primeira prova — e tomou o nome de Irmã Maria Imelda, perseverando com fervor até à morte. Deve ter compreendido desde o início que no convento se entrava por uma porta estreita, não para passear num rosal mas para seguir o caminho da cruz. A Irmã Imelda compreendeu-o e converteu-se numa religiosa exemplar. Foi também superiora da *Casa del Provvedimento* desde 1890 até quase à sua morte, ocorrida em Cormons a 23 de julho de 1909.

Estes dois episódios, ocorridos a dezanove anos de distância, demonstram como o fundador queria esclarecer desde o primeiro momento o sentido de sacrifício da vocação a qualquer que pedisse fazer-se religiosa.

Sombras sobre a chamada divina

Nem sempre a chamada divina, uma vez acolhida, continua a ressoar limpa e serena. Às vezes, mesmo nas almas generosas, sofre obscurecimentos. Talvez pela intervenção

do tentador, ou pela fragilidade humana que faz surgir, como grandes ondas no mar, dúvidas, desconcertos e melancolias; às vezes insinua-se no coração uma misteriosa amargura, semelhante à que experimentam às vezes os novos conversos. Basta um nada para cair num estado perigoso de crise.

As religiosas reagiam de maneira diferente a estas tormentas interiores.

Algumas, por temperamento ou por profunda confiança no fundador, corriam logo a ele; ele possuía o dom extraordinário de devolver a paz às almas turbadas.

Experimentou-o, por exemplo, a Irmã Annunziata Felcher, entrada na congregação em 1857 aos vinte e oito anos, com o desejo de uma vida de oração e recolhimento. O Pai a designou em contrapartida imediatamente como ajudante de cozinha na casa de Udine. Tratava-se de uma tarefa então muito fatigante, rendida mais gravosa ainda pela obrigação de acudir a tirar água à fonte do bairro Ronchi.

Os "*Cenni biografici"* relatam que, sentindo-se oprimida pela fadiga, começou a desalentar-se e a lamentar-se entre si:

« *Deixaste o mundo para te ocupares mais seriamente da tua alma, para rezar com mais devoção e recolhimento, para te fazeres santa. Mas aqui, entre as panelas da cozinha, e talvez por toda a vida, não alcançarás jamais o teu propósito. Sai, sai...* »

Um dia acudiu decidida ao Pai e pediu-lhe voltar para casa: que escrevesse aos seus pais para que acudissem a recolhê-la, ou bem que lhe fizesse restituir as suas roupas civis porque se retiraria sozinha. O Pai Luigi a deixou desabafar, logo falou-lhe com doçura alentando-a a resistir e assegurando-lhe a sua oração. A tentação desvaneceu-se e Orsolina — o seu nome no mundo — retomou com serenidade as suas ocupações, encontrando nelas consolo em lugar de tormento. Fortalecia-se pensando que a fadiga, oferecida por amor de Deus, é uma oração perfeita e isenta de distrações.

Vestiu o hábito em 1860, professou em 1862 e foi durante trinta anos cozinheira em Cormons, onde faleceu a 3 de maio de 1899. Três meses antes da sua morte sonhou que se encontrava numa estação ferroviária muito concorrida; não sabendo como sair, viu-se assaltada pela angústia até que viu repentinamente o Pai Luigi. Correu para ele e, reanimada, disse-lhe:

« *¡Oh!, Pai, crescia perder-me.* »

Ao que o Pai respondeu:

« *Não, não, minha filha, fica serena porque vim buscar-te.* »

Só um sonho, certamente; mais demonstra como a irmã, ao início e ao final da sua vida, viu no fundador a guia segura para a paz.

Também a Irmã Tranquilla Mayerhoffer viveu uma experiência parecida:

« *Quando era noviça* — testemunhou em 1894 — *encontrei-me a miúdo em grandes desolações, e ele sabia sempre o que me afligia sem que eu dissesse nada. Tive também fortes tentações sobre a vocação. Não tinha paz; acudi três ou quatro vezes a pedir-lhe que me deixasse ir. Ele acalmava-me por um tempo, mas logo voltavam as dúvidas.*

Sempre bom e paciente, alentou-me e rezou comigo, até que Deus me livrou concedendo-me uma paz profunda que me fazia felicíssima. »

Também a Irmã Vincenza Corradini, encontrada pelo Pai em Tesero em 1869 e entrada em 1872, sofreu muito.

« *Durante o noviciado estava muito inquieta. Nos momentos de pena acudia a ele para ser confortada. Ele costumava pôr-me uma mão sobre a cabeça e dizer-me: Vai em paz, conheço-te. Sentia-me logo assegurada. Um dia, trás a profissão, fui assaltada por uma forte tentação contra a vocação e estava a ponto de ceder. Aquela mesma tarde falei disso com o Pai e ele disse-me: O Senhor foi Aquele que te chamou, e o demónio, invejoso da tua sorte, quer agora tentar-te. ¡Fica calma, por tanto, minha filha! Desde aquele momento experimentei uma alegria indescritível. Outra vez acudi a ele para um consolo e ele perguntou-me: ¿Não prometeste acaso ao Senhor esta e esta outra coisa? Sim — respondi eu. Pois bem, fica tranquila.*

Fiquei maravilhada — conclui a Irmã Vincenza — *porque não tinha revelado a ninguém a minha pena e a minha promessa.* »

As duas Irmãs Osanna

Já destes episódios transparece a convicção das irmãs de que o seu venerado fundador possuía o dom de ler nos corações e de conhecer segredos espirituais zelosamente guardados.

Estavam tão convencidas disso que não poucas — menos abertas ou mais esquivas ao revelar o seu próprio trabalho interior — faziam todo o possível por não o encontrar quando se achavam em crise, o evitavam cruzar-se com ele tão pronto como o viam, certas de que leria nelas como num livro aberto.

Um caso singular envolveu a Irmã Osanna Tisot, entrada como aspirante em 1869. Ela própria o relatou durante o processo diocesano.

Ainda noviça, tinha sido posta sob a dependência da Irmã Giacinta De Monte, uma religiosa exemplar mas de um carácter a miúdo áspero e abrupto. Um dia, por uma falta não precisada, a Mãe Giacinta dirigiu um severo reparo à noviça, a qual tinha por sua vez um carácter bastante vivo. A Tisot, ferida no seu orgulho e ainda pouco sólida na virtude, não aceitou de bom grado a reprimenda: parecia-lhe não a ter merecido. Trás um longo pranto, disse consigo: não me sinto com ânimo de suportar de parte dessa irmã quem sabe quantas outras reprimendas. Amanhã, quando abrir as portas da igreja — posto que estava designada para essa tarefa — e ninguém me vir, escapar-me-ei.

E assim o fez. Na manhã seguinte, tendo-se levantado às quatro para o seu turno de adoração, abriu a porta grande que desde a escada da igrejinha de San Gaetano dá para a rua, deixou as chaves sobre os degraus e fugiu, refugiando-se na próxima igreja dos Capuchinhos. Foi a sua fortuna, porque ali a crise desvaneceu-se. Os frades estavam a recitar os salmos e entre eles havia — como recordava a Irmã Osanna — homens imponentes de longa barba branca e jovens nas suas primeiras armas. Os jovens — pensou — terão de todos os modos que adaptar-se aos velhos, suportá-los e viver em paz,

sem pensar em fugas absurdas. É melhor que regresse ao convento, onde ninguém se apercebeu da minha ausência, e procure ser mais humilde. Por outra parte — adicionou com sentido prático montanhês, sendo originária de Primiero — sem dinheiro e sem conhecimentos, ¿a onde poderia ir?

Regressou, pois, à *Casa delle Derelitte* e correu a acender as lâmpadas nos corredores, incluída a da habitação do Padre [4]. Ele, trás ter respondido à saudação habitual « *Louvado seja Jesus Cristo* », disse-lhe:

« *Detém-te no corredor e não te movas, porque devo falar-te.* »

A pobre mulher, com aquele grande peso sobre a consciência, ficou muito turbada com isso. Pouco depois o Pai Luigi fê-la entrar no escritório e fê-la recitar de joelhos as ladainhas diante de uma estátua da Virgem, mantendo-lhe as mãos apoiadas sobre a cabeça. Terminadas as orações, disse-lhe:

« *¡Olha reto! ¡Não olhes de través! O demónio mantém-se mais do que nunca perto de ti, especialmente nos momentos de debilidade, para te fazer cair. ¡Vês que pronto terias destruído tudo o que construíste! Por um capricho momentâneo arriscaste perder a tua vocação. Não tinhas mais do que uma pequena humilhação que suportar: se te tivesses vencido a ti mesma em tão pouco, outra vez ter-te-ia custado menos. Prepara-te, porque o sacrifício é o pão quotidiano para a alma que ama o Senhor; é a moeda necessária para comprar a perfeição. Afronta estas pequenas provas com a oração e Deus misericordioso não te negará a Sua ajuda. Deve ter existido algum santo que te tomasse por um cabelo e te conduzisse de volta aqui. Vamos à igreja diante de Jesus sacramentado: se Ele te acolher ainda, acolher-te-ei eu também.* »

Sessenta e dois anos depois a Irmã Osanna perguntava-se ainda como o Pai Luigi tinha sabido da sua fuga.

Reconfirmada na sua vocação por aquela intervenção, a Tisot obteve assumir, durante a vesticão de 25 de março de 1873, o nome de uma noviça falecida em odor de santidade.

Tratava-se de Teresa Dush [5], nascida em Porzus, sobre Attimis, em 1845.

Quando tinha uns onze anos, um domingo a sua mãe ordenou-lhe ir recolher erva para as cabras. Em vão a menina fez notar que nos dias de festa não se devia atender a semelhantes trabalhos. « *Comemos nós* — respondeu-lhe bruscamente a sua mãe —, *as*

---

4 A cama do Pai Luigi estava rodeada de cortinas.

5 O facto da animação da estátua da Virgem da qual teria sido favorecida a Dush à idade de dez anos é recordado numa tela de um pintor local de janeiro de 1886, que se encontra no interior da pequena capela construída no lugar do acontecimento. Na tela, sob a jovem representada de joelhos diante da Virgem está a inscrição: « Dush Teresa 8-9-1855 aparição ». Sobre a Dush veja-se Cenni biografici..., ms., vol. I, fls. 124-137. O facto ocorreu em Porzus uma década depois da aparição da Virgem em La Salette na diocese de Grenoble (19-9-1846), reconhecida autêntica pela autoridade diocesana em 1851. A aparição de La Salette teve ampla ressonância em Friul: em Cividale uma igreja tomou o nome de Nossa Senhora de La Salette. Não há dados para afirmar até que ponto o Pai Luigi seguia aquele acontecimento. Recorda-se porque, três anos depois da sua morte, entrará na congregação uma jovem, Melania Zuppichin (1854-1890) de Latisana, que assumiu o nome em memória daquela aparição (Melania Calvat foi uma das videntes); faleceu assistindo os enfermos de varíola no hospital de Portogruaro.

bestas também têm direito de comer. » Marchou, pois, angustiada diante de uma estátua da Virgem e confiou-lhe a sua pena. A Virgem ter-lhe-ia então falado:

« *Obedece e vai ao prado, mas recolhe apenas um punhado de forragem, que bastará para todo o dia.* »

E como a pequena temia que a sua mãe se enfadasse, a Virgem fê-la aproximar e imprimiu-lhe uma pequena cruz no pulso da mão esquerda:

« *Mostra este sinal à tua mãe e acreditará em ti.* »

O episódio sacudiu aqueles montanheses, os quais posteriormente construíram uma capela no lugar do evento; a capela eleva-se hoje ainda à entrada da aldeia.

Para subtrair a pequena dos perigos de uma devoção indiscreta, o cónego de Cividale Monsenhor Tiossi fê-la acolher em 1856 na *Casa delle Derelitte*, onde permaneceu quatro anos. Saiu dela durante um período, mas em 1864 regressou ali para fazer-se irmã. Uma vez mais a Virgem tê-la-ia alentado, posto que não sabia nem ler nem escrever:

« *Vai certamente ao convento e, quando devas recitar as orações, saberás fazê-lo como as demais.* »

Em efeito, enquanto estava no coro, lia e recitava muito bem o ofício da Virgem; apenas saía, voltava a ser analfabeta como antes. Vestiu o hábito a 14 de setembro de 1868 e o Pai deu-lhe o nome de Osanna Maria, a fim de que estivesse protegida de toda a vaidade espiritual e rendesse louvor a Deus e à Virgem, com a qual a jovem continuou a dialogar com fé segura e singeleza.

Pouco depois, sem embargo, adoeceu. Um dia a Tisot encontrou-se ao lado da sua cama junto com o fundador. Ele tomou o pulso da enferma para sentir a sua febre e a Tisot pôde ver a pequena cruz — de três centímetros de comprimento e similar a ouro brilhante — que a Virgem lhe teria deixado como sinal. Pouco depois disse ao venerado fundador:

« *Pai, quando vestir o hábito, ¿dar-me-á o nome de Irmã Maria Osanna?* » « *Certamente, se te tornares boa como ela o foi.* »

A Dush faleceu piedosamente a 17 de agosto de 1870. Naquele momento todas as irmãs puderam ver a cruz, que de dourada se tinha tornado branca com a morte. Em vida, por vontade do Pai Luigi, ela tinha tido o maior cuidado de a manter oculta.

As Índias da Irmã Placida

Outro episódio ocorreu alguns anos mais tarde. Uma irmã tinha desde há tempo a ideia de se fazer missionária, mas não tinha feito menção disso a ninguém; dentro de si ia pensando como poderia realizar tal desejo. Um dia deparou-se com o venerável Pai Luigi, o qual sem hesitação lhe disse:

« *Outra coisa que as Índias! Outra coisa que as Índias! As tuas Índias estão aqui, entre nós.* »

Como ficou aquela irmã qualquer pode imaginá-lo, segura como estava de não ter falado com ninguém.

O caso envolvia a Irene Faés de Tavon, no Trentino, a qual tinha assumido o nome de Irmã Placida na vesticão de 3 de maio de 1878. Nos seus cinquenta e dois anos de religião — faleceu de facto em Cormons a 16 de junho de 1930 —, ela própria relatou várias vezes a surpreendente intuição do fundador respeito àquele anseio secreto seu, o qual desde então se desvaneceu por completo.

Crises de vocação e abandonos

Relatos análogos são muito numerosos na tradição das religiosas que viveram no tempo do Pai Luigi. De todos transparece a firme convicção de que o seu fundador possuía uma intuição singular, não sem lampejos de luz divina, ao guiar as religiosas. Mas sobretudo, dizia a Irmã Eufemia Zeni:

« *Tinha um dom especial para consolar os corações afligidos. As irmãs acudiam sempre a ele nas suas turbações, angústias, desgostos, e retiravam-se totalmente consoladas e asseguradas.* »

É óbvio, sem embargo, que nem a guia mais santa e iluminada pode impedir por completo as crises e os abandonos, especialmente quando as circunstâncias externas exasperam a situação de uma alma e esta carece da confiança e da docilidade então mais do que nunca necessárias.

A Irmã Gioacchina Gremese, louvando a fortaleza e a serenidade habituais do fundador, chegou a dizer:

« *O bom Pai mostrou-se desolado só quando nos transtornos políticos, nas guerras de 1859-66, ocorreram vários abandonos das irmãs professas e mestras que ele próprio tinha feito estudar. Oh, a imensa dor do bom Padre ao ver suas filhas, tão ternamente amadas por ele, deixarem o instituto! Parecia que ia volver-se louco de dor, o qual manifestava com gemidos, lágrimas e ferventes e dolorosas orações ao Senhor.* »

O testemunho da Irmã Gioacchina, nascida em Udine em 1866 e entrada em novembro de 1881, não podia certamente ser exato na referência temporal, posto que falava de coisas ocorridas antes do seu nascimento. Em realidade, pelos registos do Pai não resulta que tenha existido deserção alguma naqueles anos longínquos. Estas ocorreram mais tarde, precisamente entre as irmãs mestras, como diremos dentro de pouco.

Com tudo, a Gremese captou sem dúvida a raiz das crises ao atribuí-las aos transtornos políticos da época.

É necessário voltar a pensar na onda de desprezo e hostilidade contra a Igreja, o papado, o clero e as congregações religiosas, que acompanhou e seguiu os acontecimentos de 1866 e 1870. Os crentes eram postos no pelourinho. Entre os poucos católicos que continuavam a professar-se praticantes e fiéis ao Papa reinavam verdadeiramente o desconcerto e o espanto. Uma batina não podia deixar-se ver pelas ruas sem provocar manifestações mais os menos abertas, e às vezes clamorosas, de escárnio e troça. O próprio Pai Luigi experimentou-o.

O azedo clima externo não deixou de ter repercussões negativas nas almas dos fiéis. Enquanto parte da aristocracia e da burguesia abandonava o sentir cristão dos pais e o próprio povo baixo, sobretudo nas cidades, cedia aos fermentos anticlericais e

antirreligiosos, entre o clero udinense — mesmo tão íntegro no seu conjunto — tiveram-se alguns casos de aberto renegar e inclusive uma tentativa de cisma. Nem as ferventes orações nem a sábia e forte direção do Pai Luigi lograram bloquear uma certa infiltração do ar poluído do tempo entre as suas filhas espirituais. Graças a Deus, não desmoronamentos de fé ou de costumes, mas uma subtil inquietude, um perigoso abatimento, uma melancólica névoa de cansaço.

As três mortes de 1871

A este contexto vincula-se provavelmente o episódio decisivamente comovente de três irmãs falecidas em 1871, que ficou como um pesadelo na memória das suas irmãs de comunidade.

Eram as três muito boas e as três incubavam desde há tempo a morte a causa de doenças incuráveis. O mal latente abriu certamente as portas a uma certa amargura. Deixar a congregação, não, jamais: nem pensá-lo. Mas pedir para morrer, é mais, morrer juntas, isso, sim, de imediato.

Estava-se em 1868, o ano no qual — o 8 de novembro — o Pai Luigi realizou a conferência sobre a vocação e a perseverança da qual temos falado. Fê-la porque lhe pareceu necessária. Desde há um ano e meio a superiora geral tinha-se trasladado para Cormons e sobre a casa de Udine gravava o temor da supressão. É em tal quadro que deve colocar-se a singular aventura, narrada por um antigo testemunho:

« P*ara o ano de 1868 três irmãs: a Irmã Saveria Pascolatti, a Irmã Felicita Pigani e a Irmã Rosalia Simeoni fizeram juntas um pacto, às costas dos superiores: a primeira que morresse voltaria a buscar as demais.*

Eram três irmãs fervorosíssimas. À Irmã Saveria chamavam-na "*colombina*" *pela sua singeleza e inocência. A Irmã Rosalia era um serafim, recordada hoje ainda pelas antigas: era uma alegria vê-la em oração e mais ainda ouvi-la falar de Deus e do Paraíso; parecia que o via aberto sobre a sua cabeça. »*

O relato continua rico em detalhes singulares. O facto é que a Irmã Saveria faleceu a 14 de abril de 1871 e a Irmã Felicita a 30 de maio seguinte, ambas de tuberculose; a Irmã Rosalia, afetada pela erisipela, seguiu-as a 10 de junho.

Como a comunidade tinha vindo ao conhecimento daquele pacto, o Pai Luigi teve que afanar-se bastante para devolver a tranquilidade. Ao tempo que deplorava aquele triste acordo, por estar feito contra a virtude da obediência e do abandono em Deus, admoestava assim as demais religiosas:

« *Quando se têm inspirações, deve pedir-se conselho a quem dirige a nossa alma para não errar, e então estamos certos de que vêm de Deus e de que se faz a Sua vontade; mas não há que obrar pela própria cabeça, porque não estamos em disposição de discernir se é ou não a vontade de Deus.* »

Sinal, por tanto, de que as três irmãs tinham crido seguir uma inspiração celestial, detrás da qual, sem embargo, não é difícil vislumbrar um doloroso desejo de evasão.

Mas aquelas três filhas, ao menos, tinham deixado o claustro pelo céu. Pouco depois algumas religiosas deixá-lo-iam para voltar para o mundo. E a estas adaptam-se bem as palavras da Irmã Gioacchina sobre a dor do fundador ao ver algumas professas mestras desertar das fileiras da congregação.

Queremos recordá-las brevemente e com comovido respeito, a exemplo da Santa Igreja, a qual, se honrou os mártires, teve piedade materna para com as que tinham cedido. Tanto mais quanto os seus abandonos não estiveram privados de atenuantes, a começar pelo facto de que o diploma mesmo de mestra — permitindo-lhes suster-se na vida civil — tornava a tentação mais forte. Tampouco há caso que não encerre um gérmen de advertência e de saudável ensinamento.

O drama da Irmã Gertrude Corradini

Ela tinha entrado na congregação em 1854 e tinha professado em 1860. Quando o Pai Luigi decidiu fazer diplomar algumas religiosas, incluiu-a a ela também no primeiro grupo que sustentou os exames em Udine na primavera de 1866.

No ano seguinte foi enviada para a casa de Cormons, onde se lhe encomendou uma das classes elementares. Mas, ou pelo excesso de confiança nas suas próprias capacidades que a impelia a querer ensinar nas classes superiores, ou sob a influência das controvérsias escolares que turbaram a via da casa, ou porque a doença que se revelaria mais tarde se tinha manifestado já, converteu-se em motivo de discórdia na pequena comunidade, governada então pela excelente mas talvez um pouco fraca Mãe Luigia Dario [6]. Foi por isso encomendada de novo à casa de Udine em março de 1872 e a 18 do mesmo mês regressou com os seus familiares.

A pobre irmã não lograva dar-se paz; pessoalmente ou por meio de outros enviou numerosas petições ao arcebispo Monsenhor Casasola a fim de que a fizesse readmitir no convento.

O Pai Luigi, embora respeitoso das decisões tomadas pela superiora geral e pelas suas conselheiras, sustentou as esperanças da Corradini, cujo sofrimento ele compartilhou. Tinha prometido de facto que a receberia de novo se lograsse realizar um projeto seu: talvez aquele centro de acolhida para jovens em dificuldade que sonhava erguer em Udine, na *via di Mezzo*.

Logo não se realizou nada disso e não conhecemos a história posterior da Corradini. Mas o obituário da *Casa delle Derelitte* oferece-nos uma comovente imagem do seu atormentado ocaso: lê-se ali que faleceu no hospital psiquiátrico de Ribis em 1919 e, pelo seu testamento, exprimiu o vivo desejo de ser sepultada no túmulo das Irmãs da Providência, às quais pertenceu e a quem amou com vivo afeto, especialmente a superiora Irmã Lucia De Giorgio.

Assim, ao menos trás a morte, pôde regressar entre as suas queridas irmãs.

---

[6] Dario Marianna (Irmã Maria Luigia dei Cuori di Gesù), nascida em Villasantina (Udine) a 30 de setembro de 1824, entrou na congregação a 6 de agosto de 1846, vestiu o hábito a 7 de agosto de 1847, professou a 6 de agosto de 1851, faleceu em Cormons a 5 de março de 1890. Para apontamentos sobre ela, vejam-se os Cenni biografici..., ms., vol. 11, fls. 185-190.

Almas inquietas

O facto de as condições ambientais terem exercido uma influência notável no abandono de algumas religiosas parece demonstrar-se claramente pelo facto de terem ocorrido quase todos no período de 1872-1875, no qual o próprio Pai Scrosoppi, por não querer aceitar a transformação da *Casa delle Derelitte* em pessoa jurídica, pensou inclusive em dissolvê-la. É muito provável que este estado de incerteza tenha contribuído para desencadear algumas crises interiores.

A 10 de julho, afastou-se da congregação a Irmã Eustella Oliva, ainda não professa. Era de Cremona e, talvez, a diferença de origem e de mentalidade a tenha feito sentir-se desconfortável entre as pobres irmãs de Udine. No mesmo dia, o Pai Luigi anota no seu caderno de despesas:

« *para uma professora que regressa a Cremona L. 36,25*. »

Em estreito acordo com a Oliva, a Irmã Giuliana Ferro deixou a congregação a 14 de outubro desse mesmo ano 1872. Ela tinha ingressado entre as *Derelitte* a 4 de janeiro de 1865, procedente das *Dimesse*, ordem na qual usava o nome de Irmã Agnese. É aquela a quem a Irmã Cecilia Piacentini tinha dito:

« *Venha, se está disposta a passar do leito de rosas para o de espinhos*. »

A biógrafa da Piacentini escreve que a Ferro realizou um noviciado que pareceu fervoroso. Mas a própria Ferro, numa carta a Monsenhor Casasola, declara:

« *O primeiro ano de noviciado passei-o entre os sofrimentos mais agudos do espírito, sem conseguir sentir-me jamais contente por mais que tentasse sê-lo: os dois anos restantes foram ainda piores*. »

Por temor ao julgamento alheio, não tinha ousado expor o seu mal-estar no momento da profissão, celebrada a 27 de outubro de 1868. Mas em 1872 sentiu-se segura:

« *Estou decidida, resoluta* — escrevia ao arcebispo — *a não permanecer num lugar, certamente santo, mas que não se adapta de todo ao meu espírito*. »

Já tinha iniciado conversações com outro convento:

« *O espírito delas* — adicionava — *é mais doce e ameno: sinto que só ali encontrarei a calma e o sossego desejados*. »

Nos finais de outubro encontrava-se, efetivamente, no instituto de Santa Dorotea em Cremona, onde provavelmente a Oliva a tinha precedido. Mas nem ali achou a paz, já que mais tarde passou para as Damas inglesas de Rovereto. Finalmente, regressou de forma definitiva à vida civil; após um período dedicada ao ensino em Nápoles, casou-se e emigrou para a América.

Ambas foram, portanto, vítimas desse erro de perspectiva contra o qual o Pai Luigi não cessava de advertir: procurar nos conventos um sossego ilusório em vez da união com o sacrifício de Cristo.

Talvez o fundador tenha sofrido mais por outros dois abandonos devidos à situação interna da casa de Primiero. Ali a Irmã Cecilia Piacentini tinha chorado durante dois anos, e apenas uma graça especial de Deus lhe tinha concedido a força para superar as provas a que a submetia a bondosa mas rígida superiora, a Irmã Visentini. Essa mesma

força não a tiveram a Irmã Margherita Bellini, que deixou a congregação a 13 de novembro de 1875, nem a Irmã Veronica Tessitori, que regressou à vida civil a 15 de outubro de 1877. Esta última teve de voltar de novo a pedir ajuda ao Pai Luigi, já que ele anota a 8 de fevereiro de 1878 a comovente quantia de 7,70 liras entregue como « *caridade a Maria Tessitori, retirada em Palmanova* ».

Testemunho de Angela Martinis

Outro caso de abandono ocorreu no final do conturbado período de 1871-1875. Acreditamos ser apropriado relatá-lo cuidadosamente, pois nos parece estar imbuído de uma emoção singular.

A 15 de maio de 1865 tinham sido acolhidas na *Casa delle Derelitte* duas pequenas órfãs de Udine, Angela e Italia Martinis. A primeira sob a proteção imediata do Pai Luigi, a segunda do Monsenhor Someda.

Chamava-se protetor, neste caso, a quem assumia o encargo da pensão.

Enquanto Italia deixava o instituto por motivos de saúde em 1871, Angela ingressava na congregação como aspirante a 25 de outubro daquele ano, começando de imediato a preparar-se para obter o diploma de professora sob a guia da Irmã Costanza Murero. Vestiu o hábito religioso a 7 de dezembro de 1873, mas não chegou a professar, já que saiu a 22 de novembro de 1875. As suas duas companheiras de vesticão também não professaram até 23 de janeiro de 1877: sinal indubitável de certa crise que então pairava.

Posteriormente, a Martinis dedicou-se na vida civil à profissão do ensino e casou-se. Viveu o tempo suficiente para poder prestar depoimento sobre a santidade do Pai Scrosoppi: uma declaração que não consta no processo diocesano, mas que é digna de ser reproduzida integralmente a partir da carta que a Martinis escreveu a 12 de abril de 1932, de Sagrado, à Irmã Valburga Zuccolli.

« *Cumpro a palavra dada na passada quinta-feira de lhe escrever algum facto relativo à vida do amadíssimo Pai Luigi Scrosoppi, modelo de bondade e de caridade para com os pobres e necessitados. Escusará o atraso, motivado por tristes circunstâncias.*

Estive cerca de onze anos naquele sagrado recinto e tive ocasião de ouvir dos próprios lábios deste venerável sacerdote muitas coisas que me ficaram gravadas na alma.

Quantos sacrifícios fazia pelas suas pobres órfãs! Privava-se de tudo para acudir em seu auxílio. Com afeto dizia-nos: Minhas filhas prediletas, sede obedientes e piedosas; estudai com diligência, amai o trabalho e sede respeitosas com quem vos instrui. O que a miúdo nos recomendava era a devoção ao santo protetor do instituto: Rogai, filhas, a São Caetano para que vos socorra nas vossas necessidades e tende presente cada dia esta breve oração: Obtende-nos de Deus, ó São Caetano, com a vossa oportuna assistência, a Providência.

O instituto mantinha-se das esmolas que muitos benfeitores enviavam para as pobres órfãs. Um dia, entre outros, dão as doze horas e todas nos apressamos para o refeitório para o almoço; mas as mesas estavam vazias porque faltava a comida. Que faz então o nosso bom Pai? Reúne-nos e, com tais palavras, exorta-nos a ter paciência e a confiar

na divina Providência, que todas ficámos comovidas. Rezámos junto com ele. Dirigiu-se depois ao seu pequeno gabinete de oração e, ao sair, entregou-nos um pedacinho de chocolate dizendo: Tomai isto enquanto isso, e dentro de pouco tereis o almoço.

Aos poucos minutos, vemos chegar um carro cheio de víveres. A comida foi preparada imediatamente, que foi abundante e boa. Depois de almoçarmos alegremente, agradecemos a São Caetano e saímos para o pátio para o recreio.

Um dia em que ajudava a Irmã Maria Lucia — no mundo Caterina Merlo — a cozer o pão, não se podia acender o fogo devido a que a lenha ainda estava verde. Então a boa irmã recorre ao Pai e expõe-lhe o caso. Ao regressar, ordenou-me tomar a lenha e levá-la aos pés do altar da igrejinha anexa ao convento.

Uma vez depositado o feixe, ela pronunciou estas palavras exatas, aconselhada, creio, pelo venerável Pai: Senhor, abençoai esta lenha, a fim de que possamos cozer o pão para o meio-dia.

Dito isto, mandou-me recolher o feixe e metê-lo no forno. Com grande assombro da nossa parte, vimos que aquela lenha ardia como se se tratasse de velas. Este facto causou-me uma profunda impressão e disse para mim mesma: O nosso bendito Pai é um santo.

Na véspera do Natal, cada ano colocávamo-nos em fila ao redor do corredor onde se encontrava o escritório do nosso amadíssimo diretor, e cantava-se uma canção pastoral em língua friulana que a ele tanto lhe gostava. Não sei se a cantam ainda. Começava assim: Vés di savé ch'al è nassut il Salvator in forme d'un frut (Devemos saber que nasceu o Salvador em forma de menino). Terminado o canto, dava-nos as graças e contava-nos belas histórias sobre o nascimento do Menino Jesus, que nasceu pobrezinho numa estrebaria para nos ensinar a pobreza.

Exortava-nos a ser boas e sensatas, e a amar-nos mutuamente.

Quando ele rezava, fazia-o com tal devoção que parecia um anjo, e não sei como podia permanecer tanto tempo ajoelhado, tendo desde há muitos anos uma perna doente. Notava-se que sofria, mas nunca se queixava. ¡Que paciente era!

A miúdo ouvi-o dizer: Não, não morrerei contente até que tenha fundado doze institutos.

Este bendito sacerdote foi o exemplo visível de todas as virtudes. Intentemos ao menos imitá-lo um pouco.

Excelente mãe, aceite este escrito meu e, se deseja também a canção pastoral friulana, escreva-me e transcrevê-la-ei.

Lembre-me perante a reverendíssima madre superiora e reze a senhora uma Ave-Maria por esta pobre velha.

Angela Martinis viúva de Stacul. »

Assim, envolta num halo de santidade rodeado de prodígios e profecias, a antiga professora recordava com emoção o Pai Luigi, mais de cinquenta anos depois de ter deixado as fileiras das suas filhas espirituais. Entre as linhas da sua carta, além do doce

retorno da memória a aqueles tempos longínquos, um arrependimento sincero parece transparecer.

Os carinhos da Providência

No testemunho da Martinis recordam-se dois casos providenciais dos quais ela própria foi testemunha. Isto move-nos a rememorar aqui alguns outros episódios semelhantes, ocorridos em diversas épocas, também para encerrar com serenidade um capítulo um tanto marcado por sombras e tristezas.

Não pretendemos atribuir-lhes a condição de prodígios, embora o Senhor tenha afirmado que quem tem fé do tamanho de um grão de mostarda pode deslocar inclusive as montanhas. E o Pai Luigi possuía uma fé grande e firme como uma rocha. Pelo demais, na vida dos santos — especialmente daqueles entregues à caridade — os factos deste tipo são frequentes. Deus nunca abandona à confusão quem confia n'Ele.

Um dia, pois, a irmã tesoureira acudiu ao Pai para lhe dizer que no celeiro já não restava trigo senão para uns poucos dias e que, portanto, era necessário prover mais. Ele respondeu-lhe que tomasse pelo momento o que fosse suficiente, porque depois já se encarregaria a divina Providência. A seguir, o Pai dirigiu-se a rezar na igrejinha; dali passou ao celeiro com uma pequena estampa de São Caetano, que colocou debaixo do pouco trigo restante. Faltavam ainda dois meses para a nova colheita. Sem embargo, a irmã pôde continuar a abastecer-se dali, apesar de a comunidade ser muito numerosa, e o monte nunca diminuía. O fenómeno cessou quando esteve pronta a nova ceifa.

Num outro caso semelhante, o Pai uniu à fé na Providência uma lição de pobreza. Uma irmã estava a varrer o chão do celeiro, já vazio de trigo. De pronto, viu sair das fendas uns quantos grãos. A religiosa não lhes prestou atenção. Mas o Pai, que chegou ali por acaso, ordenou-lhe limpar bem as fendas, porque de contrário se pecaria contra o espírito de pobreza e contra a Providência, de onde provinham também aqueles grãos dispersos. A irmã, provida de um arame, pôs-se a escarvar. E de tanto escarvar, levantou o olhar assombrada para o Pai, porque aquilo parecia uma mina oculta. Ele animou-a a continuar e permaneceu ali a sorrir, até que viu formado um formoso montinho.

Outra vez, a tesoureira correu exasperada para o Pai a queixar-se de que o trigo do celeiro estava tão infestado pelo gorgulho do grão (um parasita) que já não serviria para nada. O Pai escutou-a com calma e logo, a sorrir, respondeu-lhe:

« *Mas não, filha, não olhaste bem, não é possível que esteja danificado.* »

« *Oh, sim, Pai. Removi-o uma e outra vez e saiu uma nuvem de borboletas. Viram-no comigo outras irmãs.* »

« *Filha minha* — replicou o Pai —, *é necessário ter fé em Deus. Fé, fé! Regressa a comprová-lo e convencer-te-ás de que o grão ainda é bom.* » E deu-lhe a sua bênção.

A irmã voltou ao celeiro e, com grande assombro, encontrou o trigo em perfeito estado. Este relato repetiam-no a miúdo a Mãe Cecilia Piacentini e a Irmã Elena Zuccolli.

Por volta de 1873, uma noviça [7], encarregada da cozinha, enquanto se dispunha a preparar a polenta, deu-se conta de que a amassadeira estava por completo vazia. E havia tantas bocas que alimentar! Correu de imediato para o Pai para que mandasse com toda a pressa comprar farinha. Mas o Pai Luigi não tinha nem um cêntimo. Que fazer? Ordenou à irmã pôr a água na panela e acender o fogo. Ele, entretanto, submergiu-se na oração. Uma e duas vezes regressou a noviça a dizer-lhe que a água já fervia, mas da farinha nem rasto.

« *Confia, filha minha* — repetia o Pai —, *que a farinha chegará com certeza.* »

A irmã baixava por terceira vez quando ouviu soar a campainha da portaria. Correu a abrir e encontrou-se com um desconhecido com um burro carregado com um saco de farinha amarela. Colocou-o nos braços dela e foi embora sem dizer uma palavra.

Estes imprevistos envios de farinha ou de outras coisas necessárias sucederam em várias ocasiões. A Irmã Giacinta De Monte, responsável da cozinha, acudia ao Pai, que a mandava a miúdo ao próximo convento dos capuchinhos, o refúgio habitual nos casos desesperados; mas ao pouco tempo chegavam carros com farinha, lenha, batatas, feijões e tudo o que fazia falta.

A outra irmã encarregada da cozinha ocorreu-lhe uma vez a seguinte dificuldade. Uma manhã, muito cedo, baixou à cozinha para preparar a sopa de pão para o pequeno-almoço das órfãs. Pôs, pois, a ferver o pão e, quando estava a meia cozedura, dispôs-se a temperá-lo. Ainda completamente estremunhada, confundiu a garrafa de querosene com a do óleo, e verteu querosene em abundância. Ela percebeu imediatamente o problema pelo mau cheiro pelo mau cheiro que emanava da panela. Correu de imediato para o Pai. E ele, trás recolher-se em fervente oração, abençoou aquela comida malcheirosa, dizendo à irmã que tremia ao seu lado:

« *Agora serve-a como de costume.* »

A irmã, com pouca fé, respondeu: « *Mas, Pai, sabe a querosene!* »

« *Vamos* — replicou ele —, *põe-na na mesa e verás que todas comerão com gosto.* »

Quando as raparigas se sentaram para o pequeno-almoço, o fedor ainda se sentia no ar; sem embargo, a sopa tinha-se tornado requintada.

A Irmã Filomena Angeli, quem, além de fazer de porteira, custodiava o armário dos sapatos das órfãs e se encarregava de repará-los, relatava que se tinha encontrado em dificuldades muitas vezes. O Pai desejava que todas as meninas, sem distinção e ao menos para os dias de festa, levassem sapatos. Mas a miúdo não os havia em número suficiente. Ela não sabia como solucionar o problema. O Pai então a confortava dizendo:

« *Confia na Providência e, entretanto, distribui os sapatos que tens.* »

---

[7] Foi a Irmã Maria Francesca Serafina (cf. parte II, cap. 7, nota 2). Também a Irmã Maria Antonia della Sacra Famiglia, no mundo Caterina Gadenz (nascida em Transacqua di Trento em 1854, ingressada na congregação em 1876, vestida em 1877, professa em 1880, falecida em Cormons em 1889), foi testemunha da chegada da farinha para a polenta: depois de o Pai Luigi ter exortado a irmã a confiar em Deus porque não havia dinheiro para comprá-la, ele foi rezar diante de Jesus sacramentado e « não tinha decorrido um quarto de hora quando bateu a porta. Ao abrir, encontraram um homem atarracado, robusto, com uma carga de farinha às costas. Sem dizer palavra, deposita o saco e retira-se ». (A.L.S., fasc. 29, doc. 9, c.r. 99).

E, para grande assombro seu, sempre chegavam às suas mãos todos os pares que se requeriam. Não caiam do céu, por assim dizer, unicamente sacos de farinha, trigo e lenha ou sapatos; também chegava o dinheiro, e na medida exata requerida.

A mesma Irmã Filomena relatava que lhe correspondia a ela pagar aos operários que trabalhavam para a casa. Acudia a pedir o jornal ao Pai, mas este, muitíssimas vezes, encontrava-se sem um cêntimo. Então ele punha-se de joelhos diante de Jesus sacramentado, logo abria a caixa das esmolas e tirava dela justo o necessário para liquidar a dívida. Às vezes fazia rezar com ele os mesmos operários. E a caixa, antes vazia, oferecia ao final o dinheiro preciso.

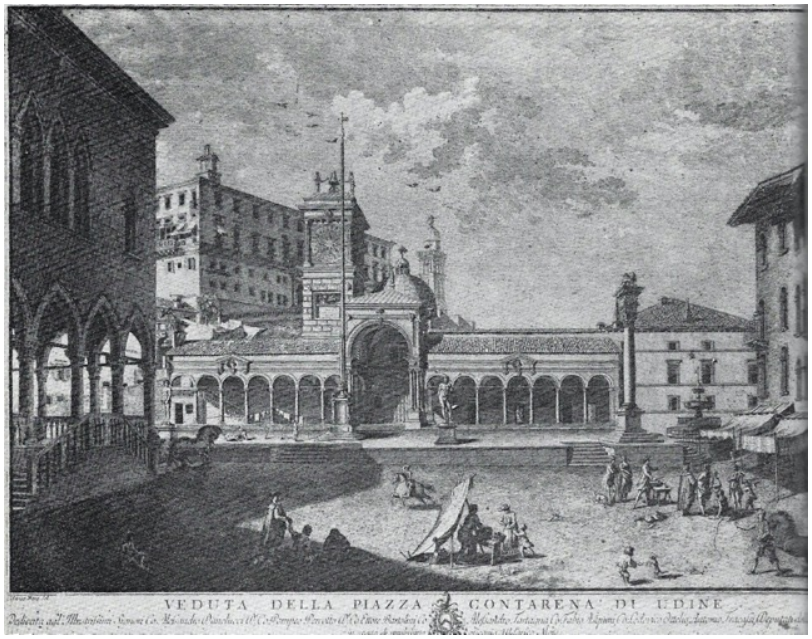
O Tinti relata um caso semelhante, no qual, sem embargo, a Providência se serviu de um intermediário.

« *O venerado fundador* — escreve — *devia abonar uma grande quantia de dinheiro por uma compra que tinha realizado em benefício de uma instituição benéfica. Chegou o dia fixado para o pagamento sem que o Pai Luigi tivesse logrado reunir a quantidade necessária, nem havia esperança de obter um adiamento. O Pai vai prostrar-se diante do sacrário, o seu refúgio de costume, e ali entrega-se a rogos e lágrimas, confiando a Jesus sacramentado a urgente necessidade. Logo se levanta com a segurança de receber a graça, sobe à carruagem para ganhar tempo e ordena ao seu fiel servente que o leve à casa de um determinado senhor.*

A metade do trajeto, e precisamente na praça da Liberdade (ou seja, a praça Contarena) no centro de Udine, aquele senhor, que chegava a toda a pressa, fez sinais ao cocheiro para que detivesse o cavalo. Aproximou-se da portinhola e pediu ao Pai Luigi permissão para acompanhá-lo na carruagem.

Feliz encontro, disse o Pai Luigi, ia precisamente à sua casa por um assunto urgente.

Ao que o senhor respondeu: E eu, temendo que o senhor hoje pudesse encontrar-se em alguma dificuldade económica, dirigia-me agora ao seu instituto para lhe entregar esta quantidade que encomendo às suas mãos caritativas. »



Udine. – Piazza Contarena. Gravura do século XIX

« *Era exatamente a soma que naquele dia necessitava o bom Pai Luigi! De aventuras parecidas* — continua o Tinti — *leem-se muitas nas vidas do beato Cottolengo e de Dom Bosco, as quais demonstram claramente que quem é generoso com o próximo por amor de Deus é logo recompensado abundantemente pelo Senhor. E assim foi para o Pai Luigi, que nunca sabia negar auxílio aos necessitados.* »

Um dos ímanes mais potentes da divina Providência é o de esquecer-se das próprias necessidades para socorrer as do próximo. O Pai Luigi sabia disso; e muitas vezes a ajuda que acabara de receber lhe escapava das mãos e passava para as de outros. Um dia chegou à *Casa delle Derelitte* uma pessoa para lhe devolver um *marengo* (ou seja, uma moeda de ouro) e a Irmã Strazzolini esperou-o à entrada, porque lhe urgia para as necessidades da casa. Mas quando acudiu ao Pai, este, entretanto, tinha entregue a moeda a um pobre que se lhe tinha adiantado. « *Acalmai-vos, madre minha* — disse-lhe —, *Deus proverá.* » E, em efeito, pouco depois chegou um subsídio inesperado para as órfãs e as irmãs. Bendita caridade e bendito abandono em Deus: chaves de ouro e prata que abrem os céus. O Pai Celestial colma de bênçãos quem é generoso com o próximo e confia n'Ele.

Capítulo 9

CLARIDADE DA ANTÉ-VÉSPERA (1876-1880)

Cinco anos de relativa paz

Cada dia traz consigo as suas próprias fadigas e as suas próprias preocupações. Percebe-se isso à noite, se a aurora tinha parecido esplêndida. A palavra « *paz* » neste mundo não representa senão um suspiro e um desejo: só para quem crê é uma promessa celeste, cujas alegrias se antegozam na quietude interior. Todavia, ela existe no vocabulário. E define-se como « *tempo de paz* » aquele em que a guerra e a tensão atravessam um momento de estagnação, e a respiração parece tornar-se mais leve, como para um caminhante que, tendo atingido uma mítica paragem com afã, vê abrir-se diante de si um troço em leve declive.

Do ano de 1876 a 1880, o Pai Luigi conheceu um semelhante período de distensão. Não lhe faltaram certamente fadigas e preocupações, mas foram como leves ondas na superfície de um rio na planície.

O clima político-religioso tinha-se atenuado um pouco. O longo e extenuante contraste com as autoridades civis para a transformação da *Casa delle Derelitte* em pessoa jurídica já se tinha concluído em 1875, em desvantagem do Pai: a ele não restou outra alternativa senão adiar continuamente a execução, antes de aceitar esse amargo bocado. Tinha-se, além disso, acalmado quase por completo a inquietude pela qual, durante um breve período, também a congregação das irmãs fora abalada.

O Pai Luigi, ademais, gozou nestes anos de um renovado vigor: a isso alude ele mesmo numa das suas cartas.

Era o conhecido fenómeno, fisiológico e psicológico, da chamada última juventude, que precede e anuncia o ocaso, precisamente como uma chama brilha mais intensamente antes de se apagar.

Os espíritos fracos, propensos a ilusões, tiram daí motivo para se apegarem à vida terrena. As almas fortes e crentes vislumbram, pelo contrário, um dom divino para se prepararem para o grande regresso.

Um túmulo no silêncio

Se, tendo ultrapassado os setenta anos, o Pai Luigi não sentia ainda a morte bater à porta, contudo na morte pensava. E pensava nela com doçura.

Em realidade, não há uma única linha nos seus escritos, nem uma menção nos seus discursos, dessa visão da morte tingida de angústia ou de terror, que afinal não é rara nas prédicas dos pregadores e nas advertências dos ascetas. Era franciscano e não podia chamar-lhe senão *« irmã morte* ».

Como, portanto, a imaginava?

Ele, que não tivera qualquer consideração por si durante toda a vida, ele que amava pedir por caridade para o seu próprio uso os farrapos dos pobres, uma única coisa quis e cuidou: um túmulo no silêncio para o seu próprio corpo.

Não no cemitério monumental de Udine, mas na longínqua e amada aldeia de Orzano. Uma decisão que lhe atraiu afetuosas censuras por parte de quem lhe era próximo. Porquê partir, uma vez morto, para longe das filhas espirituais, para longe das órfãs e dos beneficiados, para longe dos concidadãos que tanto o veneravam? E ele respondia: « Deixai que este bom para nada repouse em paz longe de toda a confusão; deixai que seja esquecido ».

Nem se contentou em escolher o lugar da sepultura, mas estudou com amor a ambientação que preferia. Ordenou, por conseguinte, que junto à casa de Orzano fosse construída uma igrejinha em tudo igual à Santa Casa venerada em Loreto e confiou os seus cuidados ao Padre Luigi Costantini. A capela já estava em construção em 1877, quando a 25 de fevereiro escrevia a Costantini:

« *Recomendo-lhe a igrejinha de Orzano* ».



Orzano (UD). Igrejinha da Senhora de Loreto mandada construir pelo P. Luigi

Que o Pai Luigi tivesse tirado pessoalmente as medidas exatas da Santa Casa durante uma das suas peregrinações — como afirma uma testemunha — ou que as tivesse obtido de uma pequena igreja da região de Verona construída como cópia da original — como dizem outros — é um detalhe de nenhuma importância. O que importa é o seu desejo de uma capela inteiramente idêntica à casa de Nazaré. Mais tarde, esse seu desejo não será respeitado, com o pretexto de que as paredes nuas e escuras não favoreciam a devoção.

O Pai, porém, tê-la-ia amado assim e desta maneira divertia-se a descrevê-la — antes de estar terminada — durante as suas breves visitas a Orzano. Esperar a ressurreição final num ninho que recordasse Jesus, a mãe Maria e o amadíssimo São José: este foi o sonho da sua alma, enamorada do mistério da encarnação e da humildade do Verbo feito homem.

Ao construir essa igreja não lhe faltou algum incómodo. Orzano pertencia ao território dependente do cabido de Cividale, que reivindicava direitos quase episcopais, com pretensões de autonomia do governo do arcebispo de Udine. O Pai Luigi, em contrapartida, após ter pedido e obtido o consentimento do cabido, enquanto sacerdote responsável pela zona, tinha feito prosseguir os trabalhos apenas com a aprovação da cúria arquiepiscopal. Seguiu-se um protesto do cabido, aplacado mais tarde graças à patente honestidade do Pai em respeitar a suprema autoridade religiosa. Contudo, a igrejinha não será consagrada senão treze anos após a sua morte. O seu amor pelo ocultamento e a sua disciplinada obediência merecer-lhe-ão, assim, um túmulo duplamente humilde: deveras semelhante à casa de Nazaré onde, segundo os estudiosos das Escrituras, a Sagrada Família viveu quase ignorada pelo ambiente circundante.

O quinquagésimo aniversário de sacerdócio

« O primeiro de abril de 1877 — escreve Tinti — representava para o pai fundador uma recordação docíssima: o seu jubileu sacerdotal. O humilde Pai Luigi tinha ocultado com cuidado a feliz ocorrência e, no que lhe dizia respeito, esse dia de festa não se distinguiria dos outros para toda a comunidade religiosa. Contudo, o seu amado irmão, o Padre Giovanni Battista, já tinha avisado as Irmãs da Providência, para lhes permitir manifestar ao pai fundador o próprio afeto filial e, ao mesmo tempo, alegrar-se espiritualmente pela solene e rara festividade.

As irmãs tiveram de agir com muita prudência ao preparar tudo sem que o Pai Luigi se apercebesse, pelo temor fundado de que, se ele tivesse previsto alguma celebração em sua honra, teria tentado impedi-la com a sua autoridade. Só na véspera da festa o bom Pai, notando um movimento insólito entre as pessoas do instituto e encontrando subitamente algumas irmãs cheias de pressa a esconder os objetos que traziam nas mãos, se apercebeu da agradável conspiração para o festejar e passou por elas dizendo a sorrir: Ah, travessas, travessas!

Na igrejinha do instituto, ornada festivamente como uma esposa que espera o esposo, o venerado pai fundador celebrou nesse dia o santo sacrifício, assistido no altar pelo Monsenhor Antonio Feruglio e pelo sacerdote Luigi Costantini, dois válidos colaboradores do Pai Luigi nas suas obras de caridade. Durante a santa missa jubilar, as vozes límpidas das alunas, acompanhadas pelo órgão, cantavam essas sublimes

composições latinas musicadas pelo célebre Padre Jacopo Tomadini, que com as suas notas celestiais toca as cordas mais profundas dos corações.

As lágrimas de comoção, o tom vibrante da voz e o porte da pessoa eram sinais evidentes da consolação interior que o Senhor concedia ao seu fiel ministro; ele, por cinquenta anos, celebrara quotidianamente no altar com o mesmo fervor da sua primeira missa.

Muitos sacerdotes acudiram nesse dia para celebrar nessa devota igreja; mais tarde, no amplo salão do instituto, o Pai, rodeado de muitos amigos e conhecidos, foi festejado pelas irmãs e pelas alunas com cânticos alegres e discursos apropriados.

Às irmãs de Udine uniram-se nesse dia algumas superioras de outras casas, porta-vozes da alegria de todas as irmãs que, com um só coração e uma só alma, se sentiam espiritualmente unidas ao seu amado pai fundador. Houve entre elas uma nobre rivalidade em apresentar-lhe, como cara recordação dessa festa, algum hábil trabalho manual acompanhado de poesias e inscrições, como sincero testemunho do seu devotíssimo afeto.

Entre as várias composições distinguiam-se: uma ode afetuosíssima das raparigas do instituto; uma poesia em quadras das mesmas jovens; uma ode das Irmãs da Providência de Trento; uma inscrição e um soneto das irmãs de Primiero; um soneto das irmãs de Tesero; uma canção das irmãs de Udine; um soneto das irmãs de Cormons e uma inscrição da superiora geral às suas diletas filhas em Jesus.

Apesar destas e de muitíssimas outras manifestações de afeto e de estima que lhe foram dirigidas em tal ocasião, a modéstia do Pai sofria muito com isso, visto que ele desejava antes humilhações e indiferença para com a sua pessoa. Contudo, na sua bondade, deixou livre curso a estes sinais de alegria e de gratidão para não entristecer as suas caras órfãs e as amadas irmãs; ele aceitou sofrer contanto que lhes permitisse alegrar-se, pois a caridade é benévola ».

Até aqui o relato de Tinti.

Ele não recorda, talvez por humildade, um soneto que ele próprio compôs para a ocasião e que foi recitado em nome de alguns sacerdotes da diocese de Concordia; nem recorda uma ode, cantada pelas crianças do Asilo da Imaculada, escrita pelo Padre Sebastiano Comuzzi [(1)], nascido em Lestizza em 1816. Este tinha sido testemunha da dedicação heroica das irmãs na sua terra natal durante o cólera de 1855 e estava então designado para a igreja de São Pedro em Cividale. Nesta última obra, o Pai Luigi é comparado ao Papa Pio IX:

« *Oh, tu és semelhante al grande Pio, que é verdadeira imagem do coração de Deus!* »; ao Pai augura-se: « *Eterno prémio dos seus prodígios, de um incansável divino amor* ». No soneto da casa de Cormons diz-se do Pai que: « *Qual anjo ainda das mais caras virtudes, precisamente como no primeiro dia, resplandeces* ».

[1] Nascido em Lestizza (Udine) em 1816 e falecido em 1880, foi professor municipal e colaborador em várias paróquias; prestou serviço também em Cividale del Friuli.

São frases que dizem claramente de que fama de santidade estava rodeada a figura do Pai Scrosoppi.

Ele teve de contrabalançar esses louvores com profundos gestos de humildade, se a Mãe Angelica Gervasoni, quase vinte anos depois, pôde afirmar:

« *A sua humildade ressaltou especialmente em 1877, ano em que ocorria o seu jubileu sacerdotal* ».

Consideramos, contudo, que a celebração jubilar não se tenha realizado precisamente no primeiro de abril, que nesse ano coincidia com o dia de Páscoa; não é fácil imaginar em tal solenidade a concorrência de muitos sacerdotes para celebrar a missa na igrejinha de São Caetano. Talvez se deva pensar em algum dia durante a semana seguinte à Páscoa, como parece sugerir uma carta do Pai de 7 de abril às irmãs de uma comunidade do Trentino, provavelmente de Trento:

« *A vinda dessa reverenda madre superiora local para me ver foi para mim uma gratíssima surpresa... Agradeço-vos as vossas cartas pelas felicitações feitas por ocasião do meu jubileu. Não sei dizer-vos outra coisa, senão que peçais ao Senhor que me perdoe as tantas ofensas cometidas nestes cinquenta anos em que celebro a santa missa* ».

Uma batina e um par de galochas

Que doces sentimentos encheram a alma do Pai na sua festa jubilar? Sem dúvida reviveu, nas asas das recordações, a comoção da cerimónia na Catedral de Udine e as alegrias inefáveis do primeiro santo sacrifício na igreja de Santa Maria Madalena; sentiu ternamente próximos a mãe, o pai e o amadíssimo Padre Carlo. E no entanto deve ter provado uma indizível dor por não poder celebrar a missa onde oficiara pela primeira vez, nessa igreja tão amada, vítima inocente de ofensas profanadoras.

De uma coisa ficou feliz: que o seu aniversário sacerdotal quase coincidisse com o jubileu episcopal do Papa Pio IX, que fora consagrado bispo de Spoleto a 3 de junho de 1827.

Precisamente no dia de tal ocorrência, o Pai Luigi admitiu três candidatas ao noviciado. Ao lado dos seus nomes escreveu do seu próprio punho: « *Em memória do aniversário episcopal de Pio IX, usarão o nome de Pia de São José, de Pia do Coração de Jesus e de Pia da Imaculada* ». Amava muito Pio IX, o Pai Luigi, e estava devotamente próximo dele nos seus sofrimentos e humilhações.

Pouco depois chegou a festa de São Luís. Talvez tenha acontecido nesse dia o que conta a Irmã Pia Bortolotti, que nesse tempo era uma simples noviça.

« *Tendo ele necessidade de um hábito eclesiástico e sendo muito amante da pobreza, a madre superiora, que bem sabia como ele não queria vestes novas, pensou em ir uma noite pedir-lhe que lhe permitisse levar a velha para a reparar, como fez efetivamente. Ao mesmo tempo, porém, mandou talhar uma nova e mandou-a coser.*

Agora o problema era encontrar uma maneira de entregar isso a ele. A fortuna quis que precisamente nesse período ocorresse a festa del seu nome. Nesse dia todas as irmãs e as raparigas reuniram-se no salão, onde lhe foram dados os parabéns e foram recitadas diversas poesias.

Uma destas poesias tinha sido intitulada propositadamente: A Divina Providência. A rapariga que devia recitá-la, tendo chegado ao ponto em que pedia ao bom Pai que aceitasse as dádivas que lhe faziam as suas filhas, adiantou-se apresentando-lhe a batina. Então ele tomou-a a sorrir e, dirigindo-se à madre, agradeceu cortesmente dizendo: Os pobres nunca recusam nada, e pelo contrário mostram-se gratos; Então, agradeço a ela pela caridade que me demonstra ».

Quer fosse a 21 de junho ou escassos meses mais tarde — a 29 de agosto de 1877 realizou-se a vesticão de oito irmãs — é certo que nos registos minuciosos del Pai Luigi não se encontra senão uma única nota de despesas para batinas novas, e é a de 23 de setembro de 1877, na qual o Pai assinala treze liras « *pagas por conta da senhora Elisabetta Feruglio ao alfaiate por um fato eclesiástico e um par de galochas* ».

Esta senhora Feruglio pertencia a uma numerosa família camponesa de Paderno, na periferia de Udine. Frequentando na *Casa delle Derelitte*, como penitente do Pai ou como benfeitora delle suas obras, apercebeu-se de que ao santo homem fazia falta uma batina nova. Mas até as galochas! É verdade que então eram usadas geralmente também pelos padres. Quem sabe se o Pai Luigi as terá calçado? Certamente teria feito bem, quanto mais não fosse para esconder « *os seus chinelos, reparados cem vezes* », como dizia a Irmã Filomena Angeli.

Algumas obras não realizadas

Nos anos relativamente tranquilos de 1876 a 1880, o fundador não deu vida a nenhuma nova instituição nem abriu qualquer casa da congregação das irmãs. Teve bastantes projetos e foram-lhe propostas diversas obras, mas por múltiplas causas nunca chegaram a uma efetiva realização.

Em Udine estava a fechar o Instituto para as Surdas-Mudas e não foi possível concretizar o centro de acolhimento para raparigas em dificuldade ou em perigo que teria querido construir na *via di Mezzo*.

Em agosto de 1876, visitou a *Casa delle Derelitte* o Padre Attilio Adolfo Venturini do Oratório, um seu colega sacerdote da congregação filipina. A 29 de novembro escrevia-lhe de Chioggia, pedindo-lhe que concedesse algumas Irmãs da Providência para relançar um orfanato nessa cidade, fundado pelo filipino Padre Giuseppe Renier e dirigido então por duas monjas idosas. Provavelmente trata-se do mesmo orfanato de Chioggia cuja gestão foi oferecida ao Pai Luigi no decurso de 1877. Ele era gerido pelas Filhas del Puríssimo e Doloroso Coração de Maria, fundadas pelo cónego Doutor Antonio Besolo, falecido quatro anos antes. Mais ainda, tinha-se tornado propriedade absoluta da Irmã Ernesta Amoroso, que por catorze anos tinha colaborado com o Monsenhor Besolo.

Parece que o bispo de Chioggia, Monsenhor Agostini, nomeado nesse tempo patriarca de Veneza, desejava revigorar essa congregação já em declínio.

Não ficou guardada a resposta do Pai, mas obviamente não aceitou. Talvez porque se lhe pedia que cedesse algumas das suas religiosas à comunidade moribunda em vez de abrir uma nova casa das Irmãs da Providência.

Muito mais longamente, mas com êxito igualmente negativo, desenrolaram-se as conversações para confiar à congregação de Udine uma obra em Pellestrina, uma ilha da laguna veneziana ligada com os famosos diques (ou seja, os *murazzi*) à própria Chioggia. O Pai alude a isso numa das suas cartas de 21 de maio de 1877: « *Esteve a visitar-me um sacerdote estrangeiro, há cerca de duas semanas, para me interessar em querer mandar algumas irmãs para a sua cidadezinha para a instalação de um hospital com casa de recolhimento e pequena escola infantil para meninas. A posição seria belíssima e grandíssimo o bem que se poderia fazer. Mas o assunto requer muita oração para conhecer a vontade do Senhor e, uma vez sabido que é sua vontade que vós vos ponhais à obra, vos conceda a graça de o conseguirdes bem. Recomendo-lhe por isso — conclui, dirigindo-se à superiora destinatária — que também aí se façam especiais orações para este importante assunto* ».

O sacerdote era o Padre Giuseppe Maria Marella, presidente da congregação de caridade de Pellestrina, que lutou cinco anos para alcançar o seu intento, sustentado com fervor pelo presidente do município Prospero Bianchini, pelo arquipreste de *Ognissanti* Padre Angelo Viannello e por todos os habitantes de Pellestrina, e apoiado pelo patriarca Monsenhor Agostini, o qual escreveu ao Pai a 10 de março de 1882 e lhe voltou a escrever, como cardeal, a 20 de agosto de 1883. O Pai Luigi tinha visitado Pellestrina por volta de 20 de julho de 1877 e tinha aderido com entusiasmo à iniciativa, atraído especialmente pelo facto de que à futura fundação estava anexa uma igreja na qual a 4 de agosto se celebrava com grande solenidade a recordação de uma aparição da Virgem.

Manteve sempre tal adesão, visto que a 21 de agosto de 1883 — a escassos meses da morte — respondia ao Cardeal Agostini que estava sempre pronto a assumir a obra *« quando se verificassem as condições que, por meio do muito reverendo Padre Luigi Costantini, missionário apostólico, fazia conhecer como necessárias... Quando Vossa Eminência considerar para a glória de Deus que se realize o projeto de Pellestrina, assine o contrato com o cavaleiro Fisola, porque a divina Providência pensará nos restauros do local* ».

« *Mas como acontece sempre com as coisas grandes e santas* — tinha-lhe escrito o presidente do município a 27 de agosto de 1877 — *também a obra por vós iniciada devia encontrar os seus obstáculos, e a angústia e a trepidação pôr à prova a iluminada confiança que, depois da Providência, nós desde o primeiro instante depositámos no vosso grande e generosíssimo coração* ». Obstáculos que derivavam em parte do facto de que o antigo convento de São Vito — onde devia erguer-se a obra — estava sujeito a sanções eclesiásticas, por ter sido adquirido ao Estado em consequência das leis repressivas de 1866, e em parte das condições estabelecidas pelo proprietário, o cavaleiro Giovanni Busetto, dito Fisola; obstáculos que, ao que parece, não podiam ser superados.

Das conversações emergem, todavia, claramente a grande e aberta generosidade do Pai Luigi, o seu seguro abandono na divina Providência e a busca da glória de Dios como único motivo de cada uma das suas ações.

Nos anos 1878-79 também Predazzo, no Val di Fiemme, desejou ter as Irmãs da Providência. Uma piedosa mulher, Giuliana Morandini, tinha deixado um capital para que às Damas inglesas de Rovereto ou a outro instituto religioso fossem confiadas as escolas da aldeia e o asilo. A 17 de setembro de 1878, o pároco Padre Giovanni Failoni tinha pedido à superiora geral Mãe Serafina Strazzolini, em visita a Primiero, que destinasse a Predazzo, para assumir tais encargos, duas irmãs regularmente diplomadas segundo os vigentes regulamentos escolares. O Pai Luigi, com a habitual prudência, quis primeiro informar-se acuradamente e passou quase um ano desde o pedido do Padre Failoni até à sua resposta, datada de 27 de agosto de 1879:

« *De bom grado estas irmãs teriam aberto aí uma casa filial, gerindo escolas privadas em benefício das raparigas da terra, mas nunca quereriam aceitar o encargo das escolas estatais da localidade e menos que nada as escolas infantis e as escolas mistas, com todas as exigências para as professoras diplomadas. Dirija-se a alguma outra congregação, Vossa Senhoria Reverendíssima, para obter o seu intento, coisa de que estou contentíssimo e não deixarei de rogar ao Senhor para que o possa conseguir* ».

Já se viu que em Cormons houvera uma forte oposição contra as escolas das Irmãs da Providência. Isso não impediu, contudo, que se pensasse nas mesmas irmãs para a administração interna da casa de recolhimento e do hospital anexo. Desde 1875 que se tinha constituído uma comissão para esse fim e a 23 de fevereiro de 1876 foi difundido um manifesto aos cidadãos « *para que com nobre rivalidade contribuam para fornecer os meios, para que finalmente surja um instituto que traga decoro à terra* ».

Provavelmente a recolha de fundos não teve o resultado esperado. Mas o Pai Luigi deve ter tomado o assunto em séria consideração, porque se conserva um seu memorando autógrafo sobre as pensões para os internados e os doentes, sobre o seu tratamento e sobre o estipêndio para o médico, as irmãs e o pessoal auxiliar (ou seja, as enfermeiras serventes); e é do punho do irmão, o Padre Giovanni Battista, um « *Regulamento orgânico para o Instituto de Pública Beneficência de Cormons* ».

A iniciativa foi retomada em 1883. O novo capelão das irmãs, o Padre Giovanni Blasutich, escreveu a 8 de junho desse ano ao Pai Luigi dizendo que o senhor Pietro Tomadoni estava disposto a ceder em condições vantajosas uma sua grande casa para uma instalação mais digna do hospital e da casa de recolhimento. O município, do qual era presidente o Barão Locatelli, tinha declarado não poder enfrentar a despesa ingente da compra. Mas o Padre Blasutich estava convencido de que o Pai, com a sua intervenção pessoal, teria conseguido resolver a situação em ambas as frentes: isto é, convencer Tomadoni ao preço mais baixo possível e o barão a proceder com a compra, já que este último — dizia — « *tem muita estima pela sua pessoa* ». Mas não se realizou nada também então.

As Irmãs da Providência assumirão a gestão do recolhimento e do hospital de Cormons apenas em 1895.

Zelo del Pai Luigi pela sua diocese

O Pai Luigi viveu sempre, por assim dizer, à margem da vida diocesana. Isto, porém, não o impediu de se sentir um filho devoto da arquidiocese de Udine, à qual pertencia pelo batismo e pela ordenação, e na qual profundou o melhor do seu apostolado. Buscar-se-ia em vão nele uma mínima menção de desacordo com a autoridade diocesana, come às vezes acontece a quem faz parte de uma específica comunidade religiosa. Pelo contrário: ele considerou sempre o arcebispo de Udine como o presidente natural das suas obras de caridade e como o pai da congregação das irmãs por ele fundada, tanto que nunca abriu casas fora da diocese sem pedir primeiro o seu consentimento.

Não manifestou apenas uma perfeita obediência e reverência para com a dignidade episcopal, mas demonstrou um filial e fidelíssimo apego às pessoas dos bispos que se sucederam ao seu tempo na cátedra udinense. Há quem insista na distinção óbvia entre a sé e quem a ocupa, instrumentalizando-a para atacar de vários modos o titular, quiçá com o pretexto de honrar a própria sé, concebida de modo abstrato e vazio. O Pai Luigi nunca se perdeu em semelhantes subtilezas. Embora pelas suas muitas ocupações e por temperamento não frequentasse a corte episcopal, da qual então sobrevivia ainda algum vestígio, nem se movesse sem necessidade nos cartórios da cúria, foi considerado íntimo do Monsenhor Trevisanato, tido como conservador e pró-austríaco, tornando-se com ele alvo das críticas venenosas dos liberais, tanto religiosos como leigos. Demonstrou igual respeito e fidelidade para com o amigo Monsenhor Casasola, mais jovem do que ele dois anos em idade e quatro de ordenação, quando este se transferiu de Portogruaro para reger a arquidiocese de Udine. Quando as paixões desencadeadas pela questão romana e a inquietude libertária da época — difundida também numa parte do clero —, juntamente com a rigidez de pensamento e de atitude do Monsenhor Casasola, lhe suscitaram contra imponentes tensões de partido e escandalosas rebeliões internas, o Pai Luigi esteve inflexivelmente com o bispo e partilhou as suas humilhações e os seus sofrimentos.

Uma semelhante conduta era facilmente previsível, já que ditada pela sua fé e pela sua virtude. Contudo, ele não se limitou a isto: deu mais do que uma prova, também no plano prático, do seu grande amor pela igreja diocesana.

O « *paraíso* » para os velhos sacerdotes

« *Nos últimos anos da sua vida — escreve Tinti —, enquanto outros, enfraquecidos pela idade avançada e pelas fadigas, devem resignar-se a um repouso forçado, o Pai Luigi parecia, pelo contrário, aumentar a sua atividade no manter vigorosas as suas instituições caritativas e no colaborar noutras piedosas empresas. Entre as muitas, estudava a maneira de erguer em Cividale del Friuli uma casa por ele imaginada como o Paraíso, onde tantos sacerdotes, após terem consumido a sua vida nas missões, na cura das almas ou na educação da juventude, pudessem encontrar refugio e gozar no último período da sua existência um merecido repouso na paz e nas vantagens da vida comum* ».

Um projeto do género tinha sido várias vezes auspiciado e tentado, mas sem sucesso, no âmbito da diocese de Udine. O Pai Luigi esperou resolver o problema com uma visão mais ampla, ou seja, em benefício também do clero proveniente de fora da diocese.

Havia em Cividale um grande edifício, outrora sede de um instituto religioso suprimido, que tinha sido confiscado pelo Estado e posteriormente adquirido em parte pelo Conde Federico Trento e em parte pelo senhor Sandrini. O Pai Luigi, certamente por consideração pelo amigo Conde Trento — embora por essa altura os assuntos de família fossem geridos pelo filho Antonio —, não quis entrar diretamente nas conversações. A conduzi-las esteve o Padre Tommaso Turchetti, administrador da diocese, coadjuvado pelo Padre Luigi Costantini.

Propostas e contrapropostas foram avançadas por repetidas vezes nos anos 1876 e 1877, na esperança de encontrar um acordo sobre o preço. Contudo, a divergência era demasiado ampla: o Pai estimava como justa a quantia de dez mil liras, enquanto os Trento não tinham descido abaixo delle dezesseis mil. A 12 de abril de 1877, o Conde Federico escrevia ao engenheiro Giovanni Guerra que não tinha qualquer pressa imprevidente de vender. O Padre Costantini, porém, pressionava ainda a 11 de maio o Pai Luigi, convidando-o a ele ou ao irmão, o Padre Giovanni Battista, a visitar o edifício, cuja amplitude levava os peritos a dizer que era um negócio muito exigente adquiri-lo por dezoito mil liras; insistia, além disso, numa sua intervenção pessoal que teria certamente desbloqueado a situação, sustentando que não podia mais subsistir o temor ou a consideração de tratar a questão desde o início diretamente com o senhor Trento.

A história acabou ali, talvez também porque a iniciativa de uma casa de repouso para sacerdotes era prematura e não encontrou qualquer adesão no ambiente diocesano. Contudo, a denominação « *Paraíso* » que o Pai Luigi sonhava dar-lhe revela claramente com que espírito ele a desejava.

Visto que essa obra não andou para a frente, os dois venerandos irmãos dedicaram-se a apoiar ao menos a Pia União para os sacerdotes necessitados, idealizada já em 1816, reproposta em 1856 e finalmente realizada a 27 de junho de 1872 por iniciativa da congregação dei sacerdotes de São Pedro Apóstolo.

« *Na noite da Epifania de 1879 — escreve Tinti —, o Padre Giovanni Battista Scrosoppi, após ter mandado chamar o secretário e caixa da pia obra para os sacerdotes necessitados (que era então o Padre Ferdinando Blasich) e entregando-lhe uma quantia considerável, dirigiu-lhe estas exemplares palavras: Levei-lhe incómodo fazendo-o vir até aqui por um assunto simplicíssimo. A obra dos sacerdotes pobres está muito no coração meu e do meu irmão, o Pai Luigi: nós, graças a Deus, estamos providos para as necessidades da velhice ou para uma eventual doença, mas comovem-nos o coração tantos pobres padres; pois bem, de comum acordo estabelecemos entregar nas vossas mãos esta quantia, para que seja a primeira semente do fundo social.*

Estamos doloridos por não poder dar mais, como o nosso coração desejaria; mas o senhor sabe que aqui em casa temos esse exército de órfãs que é preciso manter e educar com recursos muito limitados e com as forças que diminuem, porque poucos se recordam de nós, continuamente solicitados por pedidos prementes para acolher meninas. À nossa oferta adicionaremos a oração, para que outros, se houver entre o clero algum próspero, imite o nosso pobre exemplo ».

Nestas palavras transparece mais uma vez o respeito do Pai Luigi para com o irmão mais velho, que amava considerar como o chefe da família.

O apoio del Pai Luigi à imprensa católica diocesana

O padre Luigi também deu uma contribuição poderosa e discreta para a recuperação dos católicos friulanos após a confusão dos anos de 1866-1870. Um contributo discreto, visto que o historiador do movimento católico no Friuli, Tiziano Tessitori [(2)], não cita sequer o nome do Pai Luigi no seu volumoso livro, de resto significativo e documentado.

Contudo, todos os representantes da Associação Católica Friulana, nascida em Udine em maio de 1871, pertenciam ao círculo dos amigos devotos do fundador e dos apoiantes das suas obras. Entre eles havia um seu homónimo e parente afastado, Luigi Scrosoppi, mercador na *via Poscolle* [(3)].

Assim que os católicos friulanos amadureceram, pensaram em enfrentar o grave problema da imprensa.

Imediatamente após a anexação do Friuli à Itália em 1866, começaram a ser publicados em Udine dois quotidianos, "*La Voce del Popolo"* e "*Il Giornale di Udine"*, aos quais se adicionaram depois "*Il Friuli"* e "*La Patria del Friuli"*, além de alguns periódicos: estes órgãos de imprensa diferiam entre si pela diversa inspiração política ou de partido, mas concordavam — um como tenor, o outro como barítono — em combater tudo o que dizia respeito à religião e à Igreja. A esta multidão de adversários, os católicos udinenses opuseram apenas um semanário de pequeno formato, *La Madonna delle Grazie*, cujo primeiro número apareceu no sábado, 5 de dezembro de 1868 [(4)]. Só a 1 de janeiro di 1878 se chegará a ter um quotidiano católico com o título "*Il Cittadino Italiano*".

Em realidade, não sabemos nada do nascimento desse jornal. A 1 de janeiro de 1884, o Padre Giovanni Dal Negro, que era o seu diretor, escrevia: « *Alguns voluntários nos forneceram os primeiros recursos, mas quase sem nenhuma esperança de sucesso.* »

Entre esses poucos voluntários deve ter estado sem dúvida o Pai Luigi, visto que no registo das entradas e das saídas de 1878 da *Casa delle Derelitte* aparece uma sua nota autografa na qual analisa acuradamente o orçamento do jornal, até lhe calcular os caracteres tipográficos e a despesa prevista mensal. Parece que os cálculos se referem

---

[2] T. Tessitori, Storia del movimento cattolico in Friuli, 1858-1917, Udine 1964, pp. 413.

[3] Entre eles recordamos o advogado V. Casasola (ver parte III, capítulo 10, nota 13) um dos primeiros apoiantes da santidade do Pai Scrosoppi (cfr. Summarium, p. 15, par. 46 em Positio); o Conde Federico Trento (ver parte II, capítulo 2, nota 12); o advogado Antonio Zamparo (1823-1891), de vasta cultura e presidente da congregação de caridade, que juntamente com Eugenio Ferrari (1841-1914), voluntário da campanha de 1860, participante desde os inícios no movimento católico friulano, e Pasquale Fior (1827-1909), fiador e negociante, foram apoiantes da *Casa delle Derelitte*; o engenheiro Lodovico Zoratti (1841-1917), técnico da assistência na *Casa delle Derelitte*; o Doutor Gabriele Mander (ver parte III, capítulo 12, nota 2); o homónimo parente del Pai Scrosoppi nascido em 1858 e falecido em 1935 (cfr. T. Tessitori, o.c., índice analítico).

[4] O fundador do primeiro periódico católico foi, como já dito numa nota anterior, o Padre L. Fabris. Objetivo do jornalzinho: fazer ouvir a voz da verdade católica; estar alheio a cada polémica. Exprimiu a necessidade de um jornal católico que abraçasse uma esfera de ação mais larga e fosse capaz de fazer frente aos ataques adversários. (Cfr. O. Comelli, Stampa cattolica in Friuli, Udine 1957, pp. 7-10).

apenas a primeira página, da qual consideramos que o Pai tenha assumido inicialmente o encargo financeiro.

As obras sociais do Padre Dal Negro

Os acontecimentos político-religiosos desencadearam, de 1859 em diante e sobretudo depois de 1866, um afastamento da Igreja e frequentemente uma aberta hostilidade, de cuja real dimensão é hoje impossível fazer uma ideia. Sentiu-se, portanto, a necessidade, no campo católico, de recomeçar tudo do princípio. Para tal fim não restava senão promover obras para a educação cristã da juventude.

Percebeu-o claramente o arcebispo Monsenhor Casasola, que conseguiu chamar para Udine o já mencionado Padre Dal Negro [5], outrora fiel colaborador em Veneza do ilustre pedagogo sacerdote Alberto Cucito [6] nos patronatos escolares para os filhos do povo.

Dal Negro abriu em 1875 um semelhante patronato nos locais de um antigo convento junto à igreja do Santo Espírito: convento e igreja que foram readquiridos ao Estado graças à generosidade do Monsenhor Someda e do Monsenhor Cernazai. Três anos depois, nesses mesmos locais, Dal Negro dava vida a uma tipografia, chamada também ela « *do Patronato* », que se tornou editora do jornal católico *Il Cittadino Italiano* e se distinguiu pela qualidade da sua produção editorial. No outono de 1881, ao Patronato para os filhos do povo, Dal Negro adicionou um colégio internato para os jovens da aristocracia ou da burguesia, ao qual deu o nome prestigiado de « *Giovanni da U*dine ». Tais obras desmoronaram-se ruidosamente em 1887, três anos após a morte do Pai Luigi. « *Tudo foi destruído — escreve com amargura o Monsenhor Pietro Dell'Oste, que tinha dedicado as suas primeiras energias sacerdotais a essas instituições —, tudo foi destruído e o Padre Dal Negro foi obrigado a abandonar o Santo Espírito* », onde as Servas da Caridade se instalaram e ainda residem hoje.

A complexa história das iniciativas pedagógicas e sociais do Padre Dal Negro constitui para o historiador Tessitori « *uma página escura da história dos católicos friulanos, escura pela falta de notícias e triste porque nela se vislumbra uma dolorosa luta interna* ». Nós podemos esclarecer em parte essa página; a explicação seria completa se tivessem dado resultado positivo as nossas intensas buscas nos registos da « *Pia Opera segreta l'Innominato* », constituída precisamente para apoiar tais obras.

---

[5] Nascido em Veneza em 1840, falecido em Udine em 1000, camareiro secreto de sua santidade Leão XIII. Vindo para Udine implementou as obras de que se fala no texto. Depois de 1888 continuou a dirigir, quase sozinho, Il Cittadino Italiano e conservou também a tão louvada tipografia. Com a fundação do quotidiano católico ele demonstrou que também a bandeira de Cristo tinha direito a essa liberdade cujo grito percorrera a Itália. Foi apreciada a sua obra de educador e se não atingiu o objetivo que lhe fora fixado pelos homens, alcançou o que lhe fora estabelecido por Deus, para o qual unicamente tinha trabalhado. (Cfr. La morte di Mons. Giovanni Dal Negro - I funerali, em Il Cittadino Italiano 30-31 de julho de 1900).

[6] Veneziano (1844-1912), colaborou na obra dos patronatos para os filhos do povo e para difundir tal atividade publicou em Veneza em 1874 um opúsculo I Patronati per i filhos del popolo; dedicou-se ao jornalismo e foi diretor de La Difesa; foi membro do comité permanente da Opera dei Congressi; contribuiu para fundar o Círculo veneziano da sociedade da Juventude Católica (1868); foi relator em congressos nacionais dos católicos e passou os últimos anos como cónego de São Marcos.

É certo que os três maiores apoiantes das obras de Dal Negro foram o Monsenhor Giovan Battista Moro, pároco de Martignacco, o Monsenhor Pietro Bernardis, a partir de 1883 cónego de Cividale, e o Pai Scrosoppi, que teve o papel principal no sustentar os seus custos. A eles associaram-se, entre os principais benfeitores, o Monsenhor Domenico Someda, o Monsenhor Antonio Feruglio e o Monsenhor Feliciano Agricola.

É impossível precisar a exata dimensão dos auxílios económicos fornecidos pelo Pai Luigi, mas deveram ascender a várias centenas de milhares de liras: uma quantia decididamente imponente para esses tempos.

A correspondência do Padre Dal Negro com ele é um testemunho claro e comovente de quanto Dal Negro se apoiava no Pai. « *Confio no Santíssimo Coração de* Jesus — escrevia-lhe — *que o senhor nunca terá de se arrepender da caridade que me usou... Por amor de Deus realize o novo sacrifício para que amanhã eu não me veja perdido... O senhor, reverendíssimo Pai, terá a doce consolação de ter sustentado uma obra que Deus quer, porque o Papa seu vigário e o arcebispo, anjo desta diocese, a abençoaram...* ».

O Monsenhor Moro e o Monsenhor Bernardis tinham-se finalmente cansado de assinar ou garantir letras de câmbio. O Pai Luigi nunca se cansou disso.

As irmãs da *Casa delle Derelitte* percebiam, com sensibilidade feminina, que toda aquela contínua troca de cartas visava pedir financiamentos ou assinaturas ao seu venerado fundador, e não estavam nada contentes com isso. Quem sabe quantas vezes a porteira, a Irmã Filomena Angeli, terá murmurado contra os mensageiros invasivos:

« *O Pai não está! O Pai está doente!* »

Mas o fundador continuou a assinar. Só depois do Natal de 1883, quando por essa altura já estava confinado ao leito, pôs pelo menos onze assinaturas em letras de câmbio a vencer no valor de 93.000 liras. E não se contentou em esgotar os recursos provenientes do património de família, mas prometeu cinquenta mil liras tiradas da herança deixada pelo Monsenhor Cernazai às Irmãs da Providência; promessa reconfirmada após a sua morte pelo Monsenhor Feruglio. No desmoronamento de 1887, o Monsenhor Elti, secretário da « *pia opera segreta l'Innominato* », escrevia:

« *O herdeiro do Pai Luigi Scrosoppi teve de se encarregar no momento de assumir perante os credores a dívida de 50.000 liras prometida pelo Pai* ».

Nessa cifra não estão calculadas as cerca de 22.000 liras entregues pelo Pai ao Monsenhor Feruglio em março de 1884, nem outras 20.000 pagadas em 1885 por Feruglio para libertar o cabido da catedral, o Padre Ferdinando Blasich e outros de compromissos cambiários contraídos, dos quais o Pai tinha assumido a garantia. Ainda em 1896, a 4 de março, a Mãe Elena Zuccolli falava numa das suas cartas « *da catástrofe Dal Negro, tão ruinosa para a nossa congregação* ».

Sente-se um certo estupor diante de tanta generosidade do Pai Luigi. Ele, habitualmente tão prudente e meticuloso na gestão dos seus bens e das suas obras, aparece-nos aqui extremamente disponível para com iniciativas não iniciadas nem dirigidas por ele e talvez não isentas de uma certa superficialidade administrativa. Contudo, ele considerava-as necessárias para a glória de Deus e para o bem das almas. E por outro lado, como podia

dizer não a quem o implorava com voz dorida em nome do Sagrado Coração de Jesus, do Papa e do arcebispo? Se depois essas obras falharam, uma causa terá sido a discórdia interna entre os católicos friulanos, lamentada por Dell'Oste e por Tessitori; mas vem ao pensamento que o desastre não teria acontecido se tivesse sido imitada a incomparável generosidade do Pai Scrosoppi, o qual não temeu lançar na fornalha ingentes interesses da sua amada congregação contanto que prestasse auxílio ao esperado renascimento espiritual da Igreja diocesana.

Ainda um detalhe iluminador. Quando no outono de 1881 foi aberto o colégio « *Giovanni da Udine* », a direção didática e moral foi confiada ao jesuíta Padre Ronchi. Reapresentou-se assim uma ocasião favorável para introduzir em Udine uma comunidade da Companhia de Jesus, como o Pai Luigi tinha tentado em 1865. Em breve, porém, surgiram dissensões entre o Padre Ronchi e Dal Negro, o qual atribuía à presença de um jesuíta boa parte das hostilidades que o colégio encontrava. O Pai Luigi, forte pelo seu apoio financeiro, não cedeu: pelo contrário, acalentou a esperança de que para substituir Ronchi fosse mandado o seu caríssimo Padre Rossi, que fora reitor do santuário de *Rosa Mistica* em Cormons e guia espiritual dessa comunidade das Irmãs da Providência. O provincial dos jesuítas, o Padre Valentino Steccanella, escrevia-lhe de Mântua a 6 de setembro de 1882 não poder aceitar devido às dificuldades levantadas pelo Padre Dal Negro, enquanto exprimia *« vivos agradecimentos a Vossa Paternidade e, por meio da sua bondade, ao Monsenhor arcebispo e às outras pessoas que, graças ao seu afeto, nos quereriam ali* ».

O Pai Luigi ficou muito dolorido com isso; contudo, não deixou de apoiar as instituições que considerava indispensáveis para a formação cristã da juventude.

Morte de Pio IX

Entretanto, a 9 de janeiro de 1878, após escassos dias de uma doença fulminante, falecera com apenas cinquenta e oito anos Vítor Emanuel II, rei de Itália. Nem um mês depois, a 7 de fevereiro, morria com mais de oitenta e quatro anos o Papa Pio IX. Desapareciam assim da cena do mundo as duas personagens que por cerca de trinta anos tinham representado os polos opostos da atormentada história do *Risorgimento* italiano e do dramático confronto entre o novo Reino de Itália e a Santa Sé. Nem as qualidades de ambos — o realismo político unido ao sentimento católico no soberano, a santa mansidão no pontífice — teriam bastado, mesmo que tivessem podido agir por sua exclusiva iniciativa, para resolver a questão fundamental, azedada pelas compreensíveis paixões e tensões do tempo. Seria preciso mais de meio século para que a questão fosse resolvida oficialmente com os "*Patti Lateranensi*" de 1929: e não está dito que as feridas no profundo das almas estejam, hoje, totalmente curadas.

Os restos mortais de Pio IX foram depositados provisoriamente na basílica de São Pedro; três anos mais tarde foram trasladados a meio da noite para a basílica de São Lourenço, que o próprio pontífice tinha recentemente restaurado. Nessa circunstância verificaram-se deploráveis episódios de fanatismo, chegando-se até à tentativa de lançar o corpo do Papa no Tibre.

O Pai Scrosoppi partilhou como um filho amadíssimo as alegrias e as dores del grande pontífice, para com o qual nutriu uma afetuosa ternura e uma profunda veneração.

Por uma singular coincidência, a biografia del Pai Scrosoppi escrita por Tinti foi publicada em 1897, o ano em que Leão XIII autorizou o início da causa de beatificação de Pio IX. Contudo, o Pai Luigi teve desde a morte desse Papa a certeza de que já tinha subido à glória dos santos.

A 2 de junho de 1878, escrevendo sobre a Irmã Agnese Candetti, que estava gravemente doente em Portogruaro, disse:

« *Rezemos, rezemos para que o Senhor, pela intercessão de Pio IX, nos console restituindo-a curada, se este for o querer divino* ».

A 17 de novembro do mesmo ano escreveu a uma superiora:

« *Cá estou a responder à sua carta apenas recebida. Pio IX nos ama muito e não tem dúvida de que nos obterá a graça que tanto desejamos de nosso bom Pai Deus; mas convém continuar a rogar-lhe e aumentar a confiança na sua intercessão* »; e concluía a mesma carta com as palavras: « *E depois sobretudo confio em Pio IX* ».

Da expressão « *Pio IX quer-nos bem, e muito bem* » transparece o testemunho de uma experiência já vivida pelo Pai Luigi relativamente à proteção celeste do santo Papa. Parece vislumbrar-se aí não só uma genérica, se bem que viva confiança, mas quase uma alusão a uma relação espiritual doce e constante, percebida com força, entre o humilde sacerdote que ainda operava na terra e o vigário de Cristo já na glória do Céu.

A desapropriação voluntária de 1879

Com bom direito — escreve Tinti — o venerado pai fundador podia transmitir às suas irmãs o verdadeiro espírito de pobreza interior e exterior, visto que ele primeiro, seguindo o exemplo do divino Mestre, começou a agir antes de ensinar.

« *Tudo o que estava nele ou lhe pertencia trazia a marca da pobreza evangélica. Em verdade, o seu escritório, mobilado sobriamente, estava atravancado de toda a espécie de objetos, tanto que parecia a loja de um ferro-velho; ele conservava cada pequena coisa que pudesse servir ao pedreiro, ao ferreiro ou ao carpinteiro da casa. Nessa sala recebia também pessoas importantes, sem se envergonhar de aparecer quase como um miserável. Do mesmo modo era o quarto onde dormia: friíssimo, cheio de livros, com um mísero leito num canto que ele próprio fazia, não permitindo a ninguém entrar ali, a não ser em caso de doença.*

Do mesmo modo era pobre no vestir, tanto que não serviam para nada os esforços das irmãs para o fazer deixar uma batina consumida e rota; se se apercebia de uma substituição feita d'oculto, devolvia logo a batina nova para reaver a velha e remendada, recordando sempre às suas filhas a pobreza que reinava na gruta de Belém e na santa casa de Nazaré...

Do mesmo modo queria que se lhe preparasse uma comida pobre e escassa. Sopa, poucas verduras temperadas apenas com óleo, pão medido e água. Nos últimos anos, enfraquecido na saúde, por obediência ao médico concedia-se o luxo de uma pequena

porção de assado ou de um copinho de vinho de péssima qualidade. Nunca se viu provar fruta, doces ou licores. Com tal moderação conseguiu de qualquer forma prolongar a vida até aos oitenta anos.

Se às vezes o bom Pai tinha necessidade de usar alguma coisa, dirigia-se à superiora da casa e, como um suplicante, pedia-lhe permissão com uma humildade tal que comovia o coração das suas amadas filhas, assegurando-lhes ter feito voto de pobreza e querer manter-se fiel a ele.

Todo o seu património familiar, incluindo as partes herdadas dos dois irmãos, o Padre Carlo e o Padre Giovanni Battista, tinha por essa altura sido todo doado às suas instituições. E no entanto, não estando ainda satisfeito, quis renunciar à propriedade de cada coisa e, com as duas cartas seguintes que merecem ser reproduzidas integralmente, fez doação de cada um dos seus bens móveis à pia Casa delle Derelitte e, por meio dela, ao colégio das professoras ou ministras da Providência ».

Até aqui o relato de Tinti.

No entanto, antes de relatar as duas cartas, é apropriado esclarecer qual era a ocasião e qual o espírito que as inspirou.

Estamos no início de 1879. O irmão, o Padre Giovanni Battista, está ainda em vida, embora em fim de vida. Tinha-se, porém, chegado ao último ato da longa disputa sobre a necessidade de fazer reconhecer ou não a *Casa delle Derelitte* como pessoa jurídica. O Pai Luigi tinha-se resignado a aceitar esta decisão, mesmo que lhe tivesse sido tornada menos gravosa por especiais condições favoráveis, em sinal de respeito pelo seu papel de fundador e benfeitor. Tinha, por isso, redigido o estatuto orgânico requerido, que seria aprovado com leves modificações um ano depois.

Eis o que escreveu a 25 de janeiro de 1879 « *À honrada superiora da pia Casa delle Derelitte, e por ela a todo o colégio das professoras e ministras, denominado colégio da Providência* »:

« *Para sua tranquilidade, e para tranquilidade de todo este colégio, comunico-lhe ter apresentado na data de hoje à régia prefeitura o estatuto orgânico desta pia casa, assim como o inventário dos seus bens móveis e imóveis. E visto que elas, que dirigem este colégio, possuem como propriedade absoluta não só todos os seus vestidos e quanto se encontra nos seus quartos, mas também muitos outros móveis que deixam para o uso comum da pia casa, considerei meu dever declarar no próprio inventário que todos os móveis não enumerados são de sua absoluta propriedade.*

Se, portanto, alguém quisesse considerar de propriedade da pia casa alguns móveis não inventariados, a senhora, egrégia senhora, não terá senão de apresentar esta minha declaração em nome da verdade e da justiça.

Declaro além disso em nome da verdade que todos os móveis que se encontram nos dois quartos para meu uso pertencem também eles à propriedade deste colégio de professoras ou ministras. Isto para a vossa tranquilidade ».

É quase supérfluo notar como o Pai Luigi chama « *egrégia senhora* » à superior Mãe Strazzolini e nunca usa o termo « *irmãs* », visto que a congregação não era reconhecida

pelo governo de Itália, perante cujas autoridades a carta devia ter valor legal. O Pai Luigi temia ainda a pressão dos impostos. Pois bem, o Estado tomasse quanto tinha sido inserido no inventário em nome da *Casa delle Derelitte*; mas permanecesse intacto o que provinha da generosa oferta das suas filhas e della sua. A extrema precisão e a sensibilidade della sua consciência faziam-no apor sobre tais bens, como defesa contra possíveis sequestros, a fórmula: « Em nome da justiça e da verdade » isto não vos pertence.

Mas a preocupação da tutela legal une-se ao desejo de uma completa renúncia pessoal.

Noutra carta do mesmo 25 de janeiro, dirigida desta vez à « *Reverendíssima madre superiora das irmãs da Providência* », o Pai Luigi, após ter resumido a comunicação oficial acima reproduzida, prossegue com estas palavras:

« *Nessa carta dizia-lhe também que pertencem a elas todos os móveis que se encontram nos dois quartos para meu uso; e agora digo-lhe que pretendo que sejam de sua absoluta propriedade também os vestidos e os livros que se encontram nesta pia casa e que outrora eram de minha propriedade, e dos quais lhes fiz de viva voz uma dádiva definitiva, deixando que a divina Providência se ocupasse de mim como se ocupa de vestir os mais pobres.*

Eis, reverendíssima madre, como deve considerar o que outrora me pertencia: deve considerar tudo como sua absoluta propriedade, para que a senhora disponha de cada coisa a seu bel-prazer e dê tudo a quem entender, pois a senhora é a sua absoluta dona.

Com esta minha declaração queira por caridade retirar cada sinal que se encontra nas coisas que outrora eram minhas, e de as colocar entre os bens comuns da sua comunidade religiosa. Espero quererá fazer-me esta graça, e eu não deixarei, por todo o bem que me fará, de rogar ao Senhor para que a ajude a caminhar a passos rapidíssimos na estrada da perfeição. Deixo-a nos sagrados Corações de Jesus, José e Maria ».

Parece que não é ele quem renuncia voluntariamente aos bens; roga quase para ser despojado de tudo. Se lhe tivessem dito que esse era um seu passo gigantesco para a perfeição, teria ficado estupefato com isso, de tal modo o considerava, para si, simples e devido.

E no entanto desta maneira imitava os grandes santos. Mais ainda, ao pedir para eliminar cada sinal pessoal de propriedade colocava um toque típico do seu carácter, um ato final della sua completa abnegação.

Não há de que maravilhar-se, portanto, se as irmãs que viveram ao seu tempo nos contam alguns seus comportamentos que, de outro modo, poderiam parecer excessivos. Por exemplo, o seu pedir repetidamente e de joelhos à superiora da casa um lenço ou qualquer outra pequena coisa de que tivesse necessidade; o pretender o que houvesse di mais consumido ou esfarrapado; o mendigar, quando visitava os hospitais dirigidos pelas suas irmãs, as vestes já usadas pelos doentes mais pobres. Compreende-se perfeitamente a sua preocupação para que não se fizesse, não digo desperdício, mas nem sequer o mínimo estrago de nada: uma preocupação que de outro modo pareceria avareza. À irmã encarregada do guarda-roupa recomendava continuamente a poupança:

« *Recorda sempre, filha minha* — dizia — *que o guarda-roupa é uma lima surda (ou seja, um desgaste constante que consome os recursos): pode fazer-se muito bem em vantagem do instituto observando exatamente a santa pobreza, ou muito dano, desperdiçando os bens contra a preciosa virtude da santa pobreza* ».

Pobre caro Pai, esse seu amor pela pobreza e a atenção contra cada desperdício impeliam-no às vezes a dar exemplos singulares de humildade.

Eis um deles.

« *Um dia* — conta um testemunho — *entra no guarda-roupa onde se encontrava a madre vigária juntamente com a Madre Arcangela Bernardinis e uma rapariga de quinze anos, Rosa Gremese, hoje Mãe Gioacchina (o facto ocorreu, por isso, por volta de 1880).*

Apenas o viu, a Madre Arcangela disse logo em voz baixa: Agora esse bom homem vai certamente fazer uma das suas. Efetivamente, ele põe-se de joelhos e, com as mãos juntas e com extrema humildade, diz: Acuso-me de faltar muito à santa pobreza, tratando com negligência as coisas que mi foram dadas para uso; assim, esta manhã quebrei o vaso de noite ».

Pois bem, ele fê-lo com profunda seriedade. Mas tentai imaginar a cena! A madre vigária, a Irmã Serafina, que estava a distribuir a roupa branca, terá fulminado as outras com um olhar para que não se desatassem a rir. Depois não pôde evitar repreender publicamente esse santo homem:

« *Em outra ocasião, padre, por favor, diga-me em outro lugar, não aqui. Agora, levante-se e recite um De Profundis pelas almas do Purgatório.* ».

Era a penitência habitual para quem causava algum pequeno dano material.

O Pai Luigi agradeceu humildemente e afastou-se.

« *Destes atos* — conclui o testemunho — *o Pai realizava-os todos os dias* ».

Morte do irmão, o Padre Giovanni Battista

Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças — disse Jesus — não entrareis no reino dos céus.

Uma das consequências desta infância espiritual é aquela que a doutrina cristã chama desapego das criaturas terrenas. Um desapego necessário durante toda a vida e completo quando esta se encaminha para o termo. Segundo as palavras de Jó, nus nascemos e nus nos deve encontrar a morte, como Cristo na cruz. Uma nudez que não é desprezo do mundo, mas liberdade no caminho para o voo final.

O Pai Luigi empenhou o heroísmo da virtude para atingir tal condição; e a morte física ajudou-o, levando-lhe um a um os amigos mais caros.

A 1 de agosto morreu Giovanni Puppati [7], fiador de seda, seu fidelíssimo conselheiro e apoio nos assuntos administrativos. O Pai, com delicada gratidão, acolheu a filha dele,

[7] Udinense, nascido em 1805, falecido em 1876.

já idosa, primeiro junto das Irmãs da Providência em Trento, depois na *Casa del Provvedimento* em Udine.

A 1 de março de 1879, pouco mais de um mês após a renúncia voluntária aos bens, morreu o caro Doutor Giacomo Zambelli, que por quase meio século lhe estivera próximo nas suas iniciativas de caridade.

Sete meses mais tarde, a 10 de agosto às 17:00, deixava-o rumo ao céu o amado irmão, o Padre Giovanni Battista. A presença de cerca de quarenta sacerdotes no seu funeral — número excecional para a época — demonstra a estima de que gozava o ex-arcipreste de Sacile, sobre o qual se refletia a veneração universal para com o Pai Luigi. Já enfermo há um ano, tudo fazia pressagiar o fim, que chegou lentamente. A sua agonia terminou precisamente no mesmo dia em que, catorze anos antes, falecera o pai Domenico, ao lado do qual foi sepultado.

Já desde 24 de julho que o Pai Luigi escrevia a uma superiora:

« Eu não posso levar-lhe boas notícias do meu irmão, que pelo contrário cada dia piora, e talvez de um momento para o outro possa telegrafar-vos o seu falecimento. O nosso bom Deus dispõe assim; resignemo-nos pois ao grande sacrifício e roguemos-lhe que dê ao doente a força de sofrer tanto mal, e a nós a força de aceitar cristãmente tal separação. Morre como um santo, como como um santo sempre viveu, tendo tido sempre como objetivo a só glória do Senhor. Precisamente agora veio o médico e não nos deu qualquer esperança de melhoria. Rezemos, rezemos, e deixo-vos a todas nos sagrados Corações ».

Noutra carta de 19 de agosto escrevia:

« Perdoe-me se após a morte do meu amado irmão não lhe escrevi. Para consolação sua e das irmãs, direi que o meu irmão morreu como um santo, e deixou-me escrito que, uma vez chegado ao Paraíso por misericórdia divina, ali sustentará a vossa causa e rogará ao Senhor que vos conceda a santa perseverança no fazer o bem, para nos encontrarmos todos juntos diante do trono de Deus e de Maria Santíssima. Vede a solicitude que ele sempre teve por todas vós. Responda-se a tanta caridade sua! »

Infelizmente não ficou guardado o escrito do Padre Giovanni Battista a que alude o Pai. Mas das suas cartas transparece o vínculo profundamente cristão que unia essas duas almas sacerdotais; é difícil dizer se comove mais o louvor de santidade dirigido al irmão ou a admirável serenidade del Pai Luigi diante de tal perda. O coração estava certamente despedaçado, mas ao sofrimento da separação a fé substituía a esperança de um encontro no Paraíso.

Entretanto, em Cormons, o jesuíta Padre Rossi terminava a sua missão. A 31 de outubro anunciava ao fundador a partida com uma carta tocante:

« *Venho por esta minha pedir humildemente perdão de quanto mal fiz nestes treze anos... Suplico-lhe, abençoe-me; e nas suas santas orações rogue sempre por mim, para que possa por toda a eternidade estar em companhia de Vossa Paternidade* ».

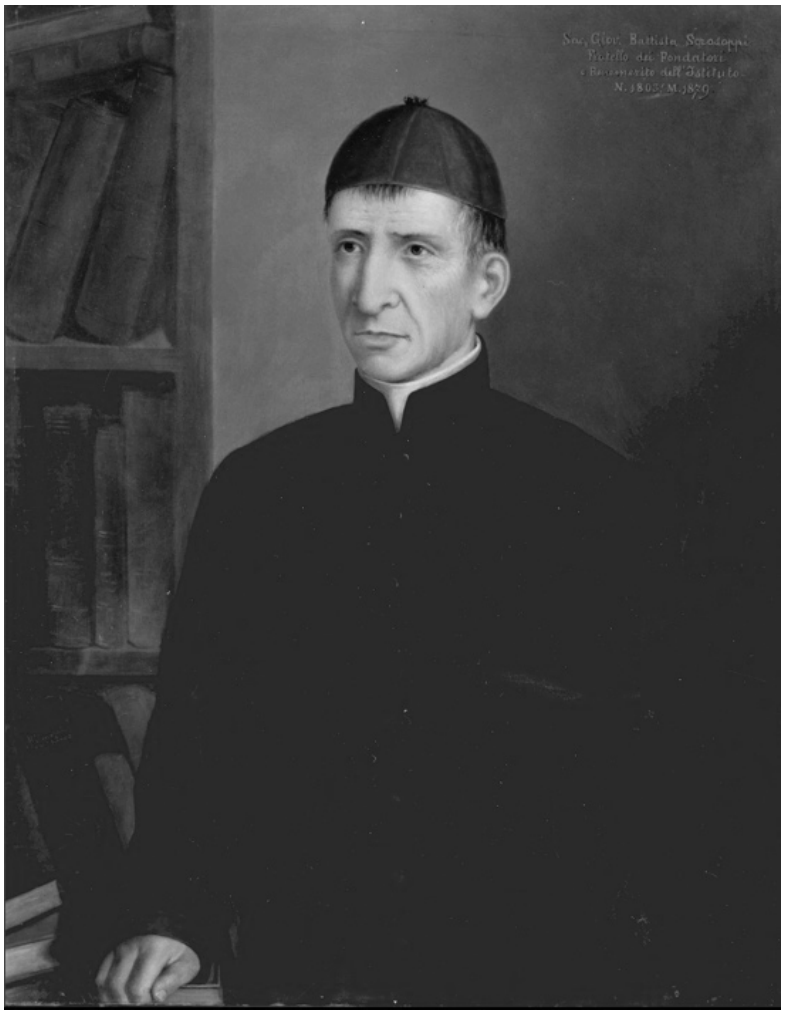
Partiu d'oculto, na noite de 2 de novembro, para evitar despedidas tumultuosas por parte dos cidadãos que o amavam. O Pai Luigi esperou ter ainda próximo esse religioso, mas

não se voltaram a ver nesta terra: o Padre Rossi morreu em Pádua a 6 de julho de 1883, nove meses antes dele.

O Padre Giovanni Battista e o testamento de 1873

Nesse clima de operosa expectativa que marcou os anos da maturidade, o Padre Giovanni Battista quis selar a total comunhão de intentos com o irmão Luigi através de um ato de extrema prudência cristã. A 14 de agosto de 1873, ele redigiu do seu próprio punho um testamento holográfico que representa não só uma disposição patrimonial, mas um autêntico manifesto da caridade "*scrosoppiana"*.

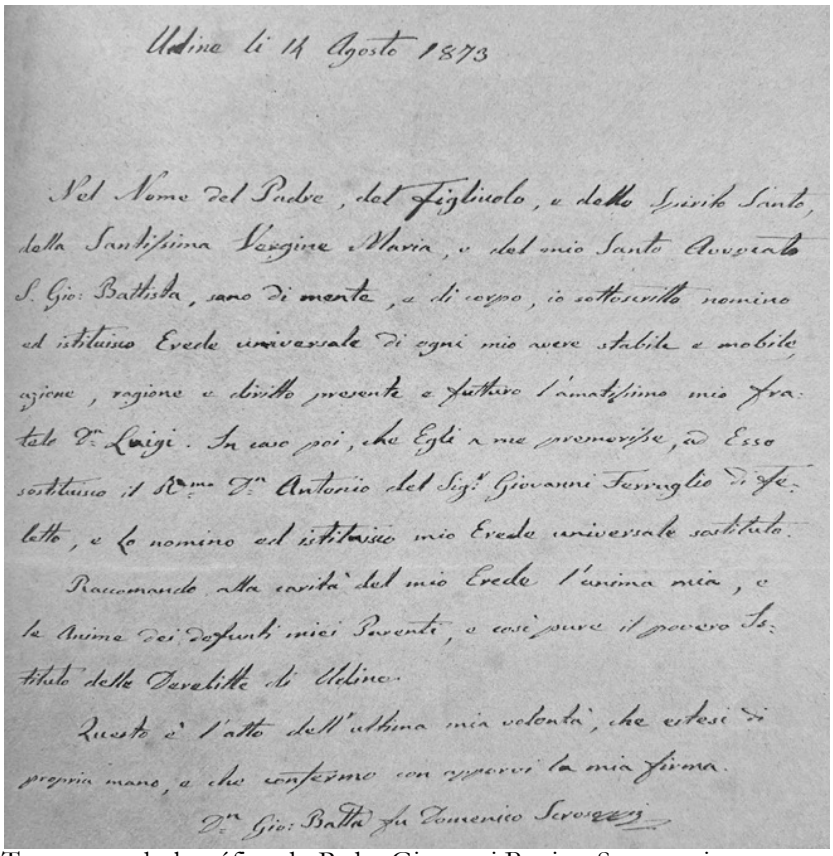
Declarando-se « *são de mente e de corpo* », o Padre Battista escolheu nomear Luigi herdeiro universal de todos os seus haveres. A intenção profunda deste escrito não era o enriquecimento do parente, mas sim a criação de um escudo legal em defesa das órfãs. Numa época marcada pelas leis de supressão e pelo perigo constante de confiscos estatais, deixar os próprios bens a uma única pessoa física — e não diretamente ao Instituto — era a única maneira de garantir que o património familiar continuasse a alimentar e a vestir as "*derelitte*" sem interferências seculares.



Giovanni Battista Scrosoppi, irmão do P. Luigi,
num retrato a óleo de autor desconhecido

« Recomendo à caridade do meu Herdeiro a minha alma... e do mesmo modo o pobre Instituto das Derelitte de Udine ».

É significativo observar como o Padre Battista, prevendo com realismo a eventualidade da própria morte ou da do irmão, indicava como herdeiro substituto o Padre Antonio Feruglio de Feletto, testemunhando a estima para com esse clero friulano que partilhava o mesmo ideal de pobreza e dedicação. Com este escrito, ele mais não fazia do que despojar-se de cada "*ação, razão e direito*", confirmando que na casa Scrosoppi nada pertencia aos indivíduos, mas tudo era sagrado depósito para os pobres do Senhor.



Udine li 14 Agosto 1873

Nel Nome del Padre, del Figliuolo, e dello Spirito Santo, della Santissima Vergine Maria, e del mio Santo Avvocato S. Gio: Battista, sano di mente, e di corpo, io sottoscritto nomino ed istituisco Erede universale di ogni mio avere stabile e mobile azione, ragione e diritto presente e futuro l'amatissimo mio fratello D.r Luigi. In caso poi, che Egli a me premorisse, ad Esso sostituisco il R.mo D.r Antonio del Sig.r Giovanni Feruglio di Feletto, e lo nomino ed istituisco mio Erede universale sostituto.

Raccomando alla carità del mio Erede l'anima mia, e le Anime dei defunti miei Parenti, e così pure il povero Istituto delle Derelitte di Udine.

Questo è l'atto dell'ultima mia volontà, che estesi di propria mano, e che confermo con apporvi la mia firma.

D.n Gio: Batta fu Domenico Scrosoppi

Testamento holográfico do Padre Giovanni Battista Scrosoppi

Udine, 14 de Agosto de 1873

Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, da Santíssima Virgem Maria e do meu Santo Advogado São João Batista, são de mente e de corpo, eu, abaixo assinado, nomeio e instituo Herdeiro universal de todos os meus haveres, de raiz e móveis, ação, razão e direito presente e futuro, o amadíssimo meu irmão Padre Luigi. No caso, depois, de Ele falecer antes de mim, a Ele substituo o Reverendo Padre Antonio do Sr. Giovanni Feruglio de Feletto, e nomeio-o e instituo-o meu Herdeiro universal substituto. Recomendo à caridade do meu Herdeiro a minha alma, e as Almas dos falecidos meus Parentes, e do mesmo modo o pobre Instituto das Derelitte de Udine.

Este é o meu último testamento, que redigi de próprio punho e que confirmo ao apor a minha assinatura.

Padre Gio Batta, que foi de Domenico Scrosoppi

Nota APL: Este subcapítulo integra a obra original do Mons. Biasutti porque o testamento de Giovanni Battista merece uma atenção particular que não se pode esgotar apenas com a reprodução da imagem do documento autógrafo.

Monsenhor Antonio Feruglio vice-diretor

Morto o irmão, o Padre Giovanni Battista, era necessário nomear um novo vice-diretor da *Casa delle Derelitte*. O fundador escolheu o Padre Antonio Feruglio [8], que já desde

[8] Nascido em Feletto (Udine) em 1841, falecido em Staranzano (Gorizia) em 1911. Licenciado em direito canónico e teologia, obtido o diploma em línguas orientais, ensinou línguas clássicas e depois teologia no seminário udinense. Cónego, vigário geral do arcebispo Berengo, bispo de Vicenza de 1893 a 1910 quando, por motivos de saúde, foi exonerado do episcopado. Na diocese encorajou cada atividade religiosa, instruiu com as suas homilias e pastorais reveladoras de viva fé e cultura profunda. Atacadíssimo à Igreja e ao Papa, forte e orgulhoso defendeu a verdade; nem sempre bem escutado, não tomou medidas fortes, silenciosamente sofreu e rezou. Ligado por profunda amizade ao Pai Scrosoppi, com ele colaborou nas suas instituições e, após a morte deste, tornou-se diretor da *Casa delle Derelitte* e da própria congregação religiosa. Aceitou estes encargos como uma missão. Cuidou da formação das irmãs e do desenvolvimento da congregação, foi guia inteligente da superiora geral Irmã Cecilia Piacentini na revisão das

há tempo colaborava com ele. Por isso, a 28 de outubro de 1879 — valendo-se da faculdade de nomear um substituto reconhecida pelo estatuto da casa — escreveu à prefeitura de Udine propondo-o para tal encargo. A proposta foi acolhida. O Pai Luigi tinha assim a certeza de deixar as suas obras e a congregação em mãos capazes.

A irmã morte podia chegar quando Deus o tivesse querido. Encontrá-lo-ia pobre e humilde, privado de qualquer bem material e feliz por se retirar, considerando-se um "*bom para nada*". Mas não chegaria tão depressa: restava-lhe ainda uma intensa jornada de trabalho.

constituições; permaneceu diretor até 1891 quando estas foram aprovadas, mas foi « pai » e benfeitor das irmãs até à sua morte. (Cfr. L. VENTURINI, S.E. mons. Antonio Feruglio - secondo padre, em a Congregazione delle suore della Provvidenza nel suo primo centenario, pp. 29-31; Summarium, pp. 484-485, em Positio...).

Capítulo 10

A ÚLTIMA JORNADA (1880-1883)

Os santos são sempre jovens

A partir do ano 1873, o número das irmãs cresceu de ano em ano com tal intensidade que foi fonte de grande alegria. Se antes, durante as cerimónias anuais da vesticão e da profissão, uma só mão bastava, antes era amplamente suficiente para contar as candidatas, agora requeriam-se duas e já não eram suficientes.

O Pai Luigi regozijava-se com isso e agradecia profundamente ao Senhor.

Este rápido crescimento, sem embargo, colocava-lhe novos e numerosos problemas.

Um deles referia-se à necessidade de uma atualização. Não certamente na substância, que devia permanecer inalterável: servir a Deus através das órfãs, dos pobres e dos doentes com ardente generosidade e respeitosa humildade. Sem embargo, até esse momento a congregação tinha vivido segundo um modelo modesto e quase familiar, por mais que sólido. Poderia dizer-se, metaforicamente, que vestia um hábito de aldeia e de dia de trabalho, o que significa um estilo simples e humilde, próprio da vida rural.

La variedade das obras — creches, internatos, escolas, hospitais —, juntamente com as exigências mais especializadas de alguns setores de apostolado como os de Trento, Portogruaro e Cormons, exigiam uma mudança. A isto adicionavam-se a rápida evolução civil e social e as crescentes exigências das autoridades governamentais, tanto no âmbito hospitalar como escolar, tanto na Itália como na Áustria. A chegada de novas gerações de irmãs, que já não podiam ser contidas no molde bondoso e patriarcal, o que significa um modelo de gestão simples e familiar, das primeiras "*caterinette"*, o que significa as primeiras irmãs da congregação, impelia para uma forma organizativa mais refinada e funcional.

O fundador não se opôs a este processo; pelo contrário, converteu-se no seu promotor. A 12 de junho de 1880 escrevia:

« *A nossa reverendíssima madre superiora, a Madre Strazzolini, juntamente com a Madre Angela Rodaro, trasladou-se a Veneza e a Pádua para se instruir naqueles institutos de beneficência pública e naquelas casas religiosas, a fim de adotar nas nossas sedes tudo o que resulte aplicável. Oh, quantas coisas formosas terá para lhes contar quando vier visitar-vos.* »

Dentro da congregação, ademais, diversos fatores exigiam uma mudança com uma insistência cada vez maior.

Em primeiro lugar, a procedência geográfica das religiosas. À morte do Pai, em 1884, as irmãs de origem da região de Udine seguiriam sendo numericamente majoritárias: quase a metade entre as professas e dois quintos entre as noviças já admitidas à vestição. Sem embargo, segundo os registos escritos do próprio punho do Pai, entre as cerca de setenta que receberam o hábito de 1877 a 1883, quarenta e seis provenham da região de

Trento, dezenove do Friuli e oito de outras regiões. Entre as trinta e nove que emitiram os votos perpétuos, as da região de Trento eram vinte e duas, frente a treze da região de Udine e quatro de outras zonas. Em 1880, das oito superioras, seis eram da zona de Udine, enquanto irmã Rosalia Simeoni, que era de Bolonha, guiava a *Casa del Provvedimento* e irmã Cecilia Piacentini, que era de Trieste, a casa de Cormons.

Neste cenário, inevitavelmente, fazia-se sentir a influência da política, o que significa certo reflexo do sentimento nacional.

À medida que as irmãs de cidadania austríaca — procedentes da região de Trento e da zona dálmata e istriana — se convertiam na maioria numérica, pareceu lógico e justo que lhes correspondesse um papel de maior importância na guia da congregação. Isto via-se coroado pelo facto de que na Itália o anticlericalismo dominante dificultava a vida das comunidades religiosas existentes e tornava mais complexo ainda fundar outras novas, enquanto nas regiões sob o domínio austríaco as perspectivas eram decididamente mais animadoras.

Manifestava-se outrossim uma brecha cada vez mais evidente entre as religiosas anciãs e as jovens, tanto em termos de cultura como de mentalidade e orientação.

Aos finais do verão de 1880 sobreviviam catorze professas da primeira geração, formadas no período inicial e pioneiro da congregação, antes da aprovação do Papa em 1862. A elas seguia um grupo de umas trinta irmãs da segunda geração, cujo ciclo tinha concluído com o jubileu sacerdotal do Pai; a sua vocação tinha florescido entre espinhos, o que significa nascida num período de graves dificuldades, do inquieto período compreendido entre 1862 e 1875. Por último, havia uma quarentena de religiosas chegadas em tempos mais serenos.

A vigilância firme e paterna do Pai Luigi soube preservar o vínculo da caridade a despeito destes impulsos divergentes. Ele fez o possível para que as inevitáveis diferenças — não de todo apagadas pelo comum amor a Jesus e pelo idêntico impulso de entrega — não desencadeassem contrastes. Sem embargo, ao seu realismo habitual fê-lo compreender a necessidade de passar o comando a quem, até esse momento, não tinha estado na cimeira.

O caso é que os santos nunca envelhecem no espírito. Se não estão dominados pela ânsia da novidade, posto que não experimentam excitações superficiais, e se não atuam com imprudência porque se guiam pela virtude da prudência, tampouco sofrem a anquilose de um conservadorismo cabeçudo, o que significa o endurecimento de uma visão tradicionalista obstinada. Eles gozam, em efeito, da liberdade dos santos e, tendo como único objetivo a glória de Deus e o melhor serviço possível na caridade, buscam constantemente o instrumento mais adequado para alcançar tais fins.

A Madre Strazzolini renuncia ao generalato

As constituições de 1862 estabeleciam que o « *cargo de superiora geral durará três anos, e não poderá ser confirmado consecutivamente senão por um segundo triénio*. » Sem embargo, como as constituições ainda não tinham obtido a aprovação definitiva da Santa Sé e devido também às tensões da época, esta norma não se observou.

Em 1862 tinha sido eleita superiora geral a Madre Teresa Fabris, a qual em 1866 — como já se disse — tinha buscado refúgio em Cormons. As vicissitudes políticas deveram obrigar — como já foi dito — em fevereiro de 1867 a uma divisão estratégica da guia da congregação; a Strazzolini reassumiu-a para as casas na Itália, enquanto a Fabris a manteve para as que estavam sob o domínio austríaco até 1873, quando pôde regressar a Udine. Nesse mesmo ano, a Strazzolini pôde exercer o cargo de superiora geral sobre toda a congregação [(1)].

A Madre Serafina Strazzolini — segundo o recolhido nos "*Cenni biografici*" — « *era a bondade e a doçura personificadas*. » Parece, inclusive, que a excessiva bondade lhe retirava sensivelmente firmeza no comando. A ela gostava-lhe, apesar de ser superiora geral, passar grande parte do seu tempo entre as órfãs — com grande benefício para estas últimas, posto que possuía dotes pedagogos pouco comuns —, deixando às irmãs uma ampla margem de iniciativa, confiada no seu reto espírito.

O fundador sentiu a miúdo a necessidade de suster a aquela boa mãe no seu difícil cometido. A 12 de junho de 1880 escrevia à superiora de Primiero:

« *Esta carta minha chegar-vos-á provavelmente no mesmo dia em que tereis a alegria de receber a visita da reverendíssima madre, que partiu ontem de Trento para Tesero e aquelas zonas. Ela foi enviada pelo Senhor para conhecer suas necessidades e ajudá-lo como uma mãe amorosa, oferecendo conselhos e admoestações. Recebei-a, pois, como a um anjo enviado pelo vosso divino Esposo... Vem em Seu nome e isto deve bastar-vos para inclinar a cabeça perante cada uma das suas ordens e submeter-vos ao seu juízo com o verdadeiro espírito de humildade, de docilidade e de obediência.*

Irmãs, dai esta consolação à vossa caríssima mãe, já que vos posso dizer que ela vos ama com verdadeiro amor materno; não queirais amargar este materno coração, porque em tal caso amargaríeis também o meu paterno. Tudo seja feito para a glória do Senhor e para a vossa santificação. »

Não é difícil ler entre linhas o desejo do Pai de reforçar a autoridade da Strazzolini.

A 16 de agosto de 1880 escrevia a outra superiora:

« *Hoje partiu para o Tirol a reverendíssima superiora geral, e roguem ao Senhor para que lhe conceda as luzes necessárias para desempenhar bem o ofício que agora lhe corresponde exercer. Aqui todas as irmãs estão ocupadíssimas* — continua — *em preparar os muitos vestidos para as esposas do nosso amado Jesus. Há 14 para a vestição e 12 para a profissão. O que pensa disso? Queira o Senhor que todas correspondam à sua santa vocação, e abra os postos para as colocar, dando assim lugar à aceitação de tantas outras que aspiram a ingressar na congregação.* »

Se a Madre Serafina não tinha pensado na renúncia antes daquela viagem à região de Trento, ao regresso pediu ser exonerada del cargo de superiora geral. Não certamente por razões de idade, já que então tinha apenas cinquenta e sete anos. Sábia e humilde como era, ela própria advertiu a necessidade de ceder o posto a uma pessoa mais jovem, sobretudo em vista dos novos acontecimentos que se vislumbravam na vida da congregação.

---

[1] Não se conservou o capítulo de 1873.

A profissão religiosa efetuou-se a 24 de setembro de 1880. Entre as doze professas encontrava-se a Irmã Giuseppina Doliac, que teve de assistir à cerimónia sentada numa poltrona por estar exausta e com febre; também estava a Irmã Elena Zuccolli, de quem o Pai, concluída a cerimónia, chegou a dizer:

« *A esta, um dia, vê-la-eis como superiora* »[2].

O rito da vestição foi, em mudança, posposto para o domingo 10 de outubro, dia em que se celebraria o capítulo geral para a eleição della nova superiora.

Madre Cecilia Piacentini nova superiora geral

Terça-feira, 12 de outubro, o Padre Luigi escrevia à superiora de Primiero, que obviamente não se tinha podido deslocar ao capítulo geral:

« *Às 9 horas da manhã de hoje foi eleita superiora geral a Madre Cecilia Piacentini. Considero que a eleição foi feita segundo aquilo que era a vontade do seu divino Esposo, por isso não duvido que a comunidade está otimamente provida... Caríssima filha, adoremos as disposições do Senhor e far-nos-emos grandes santos... A reverendíssima Madre Serafina, que ficou como vigária geral e vigária da Casa delle Derelitte, saúda-vos com toda a efusão de afeto do coração...* »



Madre Cecilia Piacentini, superiora geral das irmãs
da Providência de 1880 a 1920, considerada cofundadora.

[2] Zuccolli Orsola (Irmã Maria Elena della Croce) nascida em Cembra (Trento) a 15-3-1857, ingressou na congregação a 16-4-1877, vestiu o hábito a 3-5-1878, professou a 24-9-1880, faleceu em Cormons a 21-1-1921. A profecia do fundador cumpriu-se: foi eleita superiora do colégio da Providência (antiga *Casa delle Derelitte*) em Udine em 1889, onde permaneceu durante quase 31 anos, sendo ao mesmo tempo, desde 1910, vigária geral da congregação; a 23-4-1920 foi eleita superiora geral.

Sobre a maioria dos votos obtidos por Piacentini deveu pesar não pouco a influência do fundador, quer porque terá exercido o antigo direito previsto pelo estatuto que atribuía ao diretor a designação de algumas eleitoras, quer porque não terá deixado de orientar as outras para a escolha mais oportuna.

A biógrafa da Madre Cecilia narra que a nova superiora, apenas eleita, ter-se-ia dirigido imediatamente às irmãs capitulares com estas enérgicas palavras:

« *Se me elegestes geral, deixai-me agir como geral* » [(3)].

Trata-se de palavras provavelmente nunca proferidas, mas imaginadas mais tarde pela tradição para caracterizar a enérgica liderança — que durou depois quarenta anos — de Piacentini, da qual se costumava dizer que « *fazia tremer o lenço no bolso* », o que significa que infundia um temor reverencial tal que fazia vibrar até as roupas pessoais.

É muito verosímil, em contrapartida, que pelo menos uma parte das irmãs anciãs tenha experimentado um certo desconforto em relação à recém-eleita, não tanto pela sua idade relativamente jovem — Piacentini contava então quarenta e quatro anos —, mas porque muitas razões faziam pensar que o seu governo traria uma reviravolta na vida da congregação.

« *Tal atitude algo hostil* — observa a biógrafa — *teve de suportar a mãe até que, com a sabedoria do seu governo e uma caridade sem limites, conseguiu impor-se também a estas filhas que, por não a conhecerem, tinham desconfiado dela.* »

Estava, porém, o Padre Luigi para infundir o óleo da caridade nas novas engrenagens. Para este fim aproveitava cada ocasião para sustentar o prestígio da Madre Cecilia.

Dois meses depois, a 12 de dezembro de 1880, escrevia à Irmã Visentini, vigária de Primiero:

« *A reverendíssima madre superiora é de satisfação geral para todas as suas diletas filhas, atenciosa para com todas e cheia de zelo para procurar a santificação de todas.* »

E a 18 de junho de 1881 recomendava à nova vigária de Primiero, a Irmã Luigia Dario, que cuidasse da superiora, que estava de visita no Tirol, com estas delicadas palavras:

« *Quando a pobrezinha chegar aí, obrigue-a a ter para consigo mesma aquela caridade que ela usa para com as suas filhas. Ela, tão fraca e vacilante de saúde, queria seguir o regime comum para não dar mau exemplo, mas asseguro-vos que não pode, e por isso convém obrigá-la a tomar frequentemente algum pequeno lanche, a ficar na cama de manhã além da hora estabelecida, a ir descansar à noite mais cedo e obrigá-la a deitar-se depois do almoço. Escrevo-vos estas coisas porque sei que não queria distinções de qualquer género, embora sofra muito com isso na saúde. Numa palavra, aí a senhora faça-lhe de mãe, pois é tão boa e merece que se tenha para com ela toda a atenção.* »

« *A reverendíssima superiora geral* — escreve a 13 de março de 1882 — *encontra-se há alguns dias entre nós em Udine, e é admirável pela sua grande atividade e pelo*

[3] [M. MAKAROVICH], o.c., p. 81.

grande zelo para a maior glória de Deus. Todas a admiram e a amam, e é verdadeiramente uma alma predileta do Senhor. »

E a 2 de junho de 1883 escreve à Irmã Matilde Osso em Rovigno de Istria:

« *Farás por mim uma visita à reverendíssima madre superiora, e dir-lhe-ás que a respeito muitíssimo e que lhe desejo uma feliz viagem no regresso que fará a Cormons. Pobrezinha, é tão boa; trata de lhe ser de consolação e, como boa filha para com uma terna mãe, escuta-a e aprecia cada desejo seu sobre ti.* »

Conservamos uma bela carta do fundador a Piacentini. Escrita a 18 de novembro de 1883, pouco antes de o Padre Luigi adoecer mortalmente, tem quase o sabor de um testamento espiritual:

« *Próximos do dia onomástico da vossa maternidade (Santa Cecília), venho apresentar-lhe todos aqueles votos de felicidade que jamais pode fazer um coração a uma pessoa para com quem professa aquela estima que exigem o seu grau e as suas distintas qualidades. Deus a abençoe e lhe conceda todas as graças necessárias para embelezar cada dia mais a sua alma, e tornar-se cada vez mais querida para o seu divino Esposo e para todo o santo Paraíso. Conceda-lhe o bom Deus, pelos méritos da sua santa protetora, a graça de se santificar colaborando na santificação de tantas pequenas almas que a ela confiou, para que como mãe amorosa possa guiá-las bem pelo caminho da perfeição evangélica. O bom Deus me escute, e terei a consolação de a ver modelo de uma verdadeira esposa de Jesus, adornada com as virtudes que lhe são mais caras: da humildade, caridade, obediência e resignação perfeita em tudo à divina vontade. Reze por mim ao Senhor, e peça-lhe tanto quanto eu de coração peço para a vossa maternidade. Deixando-a nos sagrados corações dos nossos divinos Amores, abençoo-a.* »

Não saberíamos dizer se nestas tenras linhas transparece mais o humilde respeito do fundador para com a sua filha, herdeira da sua missão, ou a exortação do santo para com a santidade.

O noviciado em Cormons

No capítulo geral de 1880 tinha sido reconfirmada como mestra de noviças a venerável Madre Teresa Fabris, a quem — devido à sua idade avançada — prestava ajuda a Irmã Luigia Dario, que já tinha ocupado esse cargo de 1862 a 1873. No entanto, um dos primeiros atos de governo da nova superiora geral, a Madre Cecilia Piacentini, foi a transferência do noviciado da casa-mãe da cidade de Udine para a sede da superiora (a casa generalícia) de Cormons. Essa passagem foi executada, em todo o caso, de maneira gradual.

No início de março de 1881, a Irmã Dario foi enviada a Primiero para ali substituir a superiora local, a Irmã Gioseffa Visentini. Simultaneamente, a Madre Fabris, que já se encaminhava para o termo da sua vida, foi aposentada.

A Madre Fabris passará à outra vida a 17 de dezembro de 1882, aos sessenta e nove anos de idade e após cerca de cinquenta anos de serviço na *Casa delle Derelitte*, visto que ali tinha ingressado como mestra desde muito jovem, antes mesmo de 1837.

« *Mesmo agora* — escrevia o Pai o dia da sua morte — *a nossa diletíssima irmã em Jesus, a muito reverenda Madre Teresa, serenamente expirou para o seu amado Esposo. Viveu como santa, e como santa morreu. A nossa congregação tem agora no céu uma advogada a mais, diante do trono do Senhor, para nos obter socorro nas nossas grandes necessidades.* »

O Padre Luigi estava tão convencido da santidade desta irmã, verdadeiro pilar da comunidade religiosa, que nove dias depois, a 26 de dezembro, escrevia deste modo à Irmã Filomena Suoch:

« *Confie na nossa divina Mãe, no nosso querido pai São José; com total abandono entregue-se à vontade divina, e obterá a tranquilidade do espírito e nada a perturbará. Confie também na ajuda da sua mestra, a irmã Madre Teresa, que agora se encontrará formando coroa ao seu amado esposo Jesus, e não duvide de que também dela receberá conforto nas suas necessidades.* »

Para guiar as noviças na casa da cidade de Udine chamou-se então a Irmã Agostina Pez, que há muitos anos prestava serviço no hospital de Portogruaro. Ela tinha, contudo, uma saúde bastante frágil e talvez não se sentisse adequada para esse delicado cargo. De facto, o Padre Luigi teve de assumir em grande parte as suas funções.

Quando a Irmã Pez regressou a Portogruaro, foi nomeada mestra de noviças aquela simpática Irmã Cherubina Voncini, de quem se falou ao narrar a história do *Asilo dell'Immacolata*. A Voncini ocupou esse cargo durante um par de anos, até depois da morte do fundador; posteriormente foi como superiora a Primiero.

Com ela terminou o noviciado na casa da cidade de Udine, onde de resto se tinha reduzido já à mínima expressão.

Entretanto, a casa de Cormons crescia em importância.

A Madre Piacentini tinha sido sua superiora desde 1873. Uma vez tornada geral, as novas funções tê-la-iam obrigado sem dúvida a afastar-se frequentemente da casa. Ela pensou então em confiar a outrem a direção local e escolheu uma jovem professa, então com vinte e sete anos, a Irmã Giuseppina, filha de um conhecido advogado de Gorizia, Carlo de Doliac Cipriani, nobre figura de cristão convicto e combativo, um dos fundadores do movimento católico na cidade isontina.

A biógrafa da Piacentini escreve sobre a Irmã Giuseppina:

« *Num corpo frágil encerrava uma alma bela e generosa. O amor por Jesus foi tão forte que a fez vencer a oposição da sua família, rica e nobre, que não queria deixá-la partir sob nenhum pretexto.* »

A sua saúde precária pôs mais de uma vez em dúvida a sua permanência entre as irmãs; no entanto, resistiu com determinação, encorajada pelo Padre Luigi, que intuía quanta vantagem traria à congregação. Entrada como aspirante a 30 de maio de 1877, a 24 de

setembro de 1880 emitia a profissão, sentada numa poltrona durante a cerimónia. Após um período de repouso em Orzano, curou-se perfeitamente: e a graça foi atribuída à Imaculada de Lourdes.

Ela, portanto, já em 1881 foi nomeada superiora da casa de Cormons e foi-lhe confiada também a direção de um grupo de noviças. Estas tornaram-se cada vez mais numerosas em Cormons, enquanto diminuíam na cidade de Udine. O próprio fundador confirma isso em uma carta de 15 de junho de 1883:

« *Aqui, dando graças ao Senhor, estamos bem, à exceção de alguma pequena dificuldade; tal como se encontra bem a nossa reverendíssima madre superiora geral em Cormons com todas as suas filhas, que são nada menos que trinta e quatro, incluindo vinte e duas noviças. O que pensa deste número? E aqui há outras onze. O Senhor seja bendito!* »

A casa de Cormons em 1883 tinha-se tornado já, e de longe, a mais importante da congregação, tanto pelo número de religiosas, como porque albergava a sede da superiora geral e o noviciado. Para a guiar ficou durante cerca de dez anos uma extraordinária dupla de religiosas, a Madre Cecilia e a Madre Giuseppina, até que esta última morreu com fama de santidade a 17 de junho de 1890.

As irmãs em "*Pergine di Valsugana*"

As irmãs da Providência, nos primeiros quatro anos do seu serviço no hospital de Trento sob a direção da competentíssima madre Angela Rodaro, tinham dado uma prova tão positiva de virtude e de competência que, no início de 1881, foi-lhes oferecido um novo campo de trabalho.

Até então, os doentes mentais eram internados nos hospitais comuns, embora em secções apropriadas. No entanto, a natureza da doença, a necessidade de cuidados particulares e a exigência de uma vigilância adequada impulsionaram a construção de hospitais especializados, que outrora eram chamados manicómios e hoje hospitais psiquiátricos.

Na pequena cidade de Hall — nas margens do rio Inn, a cerca de quinze quilómetros a leste de Innsbruck — tinha surgido um grande hospital psiquiátrico que devia servir para todo o Tirol superior e, a 6 de agosto de 1880, tinha sido confiado à congregação alemã das irmãs da Misericórdia, ditas também de São Vicente. Um outro hospital, para a região de Trento — chamado então « Tirol inferior » — tinha sido projetado em Pergine Valsugana.

Já a 14 de janeiro de 1881, a irmã Rodaro tinha escrito ao fundador comunicando que o serviço neste último estabelecimento era oferecido às irmãs da Providência. O convite explícito foi dirigido a 24 de janeiro pelo capitão provincial Bossi Fedrigotti; a superiora geral Piacentini deu a aceitação de princípio no dia 30 e confirmou-a a 18 de fevereiro. Surgiram porém algumas dificuldades, visto que apenas em junho o convite obteve a aprovação oficial superior. Talvez alguém tenha objetado que as irmãs da Providência não tinham a preparação requerida pelo novo encargo.



Pergine (TN). Hospital psiquiátrico. As irmãs da Providência viveram aqui uma maravilhosa página da sua vida de dedicação por mais de noventa anos.

A 20 de junho, o padre Luigi, enviando os votos de feliz onomástico à irmã Luigia Dario, tornada há poucos meses superiora em Primiero, escrevia-lhe:

« *Vós, reverenda madre, desejais saber algo do hospital de Pergine, e se este será confiado às irmãs de São Vicente ou às de São Caetano. No dia 11 passado, a junta provincial de Innsbruck dirigiu-se, prestai muita atenção, à venerável congregação das irmãs da Providência no hospital civil de Trento, estais contente, reverenda madre?, para perguntar se estava disposta a assumir a cozinha, o armazém, a gestão da roupa e da lavandaria, a manutenção do vestuário e enfim o serviço de assistência na secção feminina do novo hospital psiquiátrico de Pergine, e em que condições estava disposta a aceitar tais compromissos. Foram concedidas três semanas de tempo, pelo que o mais tardar até 10 de julho se deverá dar uma resposta definitiva.*

O compromisso é muito sério, e considerei oportuno escrever à superiora geral, que se encontra agora em Trento, a fim de que, juntamente com a madre Angela, se dirija ao hospital de Hall para se informar bem com as irmãs de São Vicente que gerem a estrutura sobre cada ofício e sobre as condições em que se encontram. Após esta inspeção no local, e uma vez informadas de tudo, responder-se-á à ilustre junta provincial que quis dar a preferência à nossa pia congregação. »

A madre Cecilia efetuou a visita a Hall: observou e aceitou. « *O assunto de Pergine correu bem* — escrevia a 21 de julho o padre Luigi à Dario — *e a madre geral, que na segunda-feira estará aí convosco em Primiero, fornecer-lhe-á uma explicação detalhada.* » Piacentini organizou em Hall também um período de aprendizagem para algumas irmãs. Foi para lá enviada, com efeito, a irmã Giuditta Defrancesco com as duas irmãs leigas Carolina Turra e Celestina Cinzol. Uma aprendizagem brevíssima, de apenas três semanas, de acordo com as limitadas exigências daqueles tempos.

Obtida a 22 de setembro de 1881 a aprovação da imperial e real Dieta de Viena, a 18 de novembro a madre Cecilia pôde assinar o contrato de admissão. Assinaram como testemunhas dois sacerdotes de Cormons: Dom Angelo Marega, capelão del santuário de

Rosa Mistica, e Dom Giovanni Blasutich. O padre Luigi não se tinha movido de Udine, em parte porque a idade avançada não lhe permitia uma viagem tão longa e fatigosa, em parte porque estava absorbido pela complexa questão da herança Cernazai.

A 23 de novembro, o hospital de Trento entregou formalmente à irmã Giuditta Defrancesco [4] e à irmã Celestina a grande quantidade de roupa preparada para o hospital psiquiátrico. Detiveram-se em Pergine por parte de três dias e tiveram de trabalhar muito para ordenar toda aquela roupa, embora fossem ajudadas pelo enfermeiro Huez, que procurava de todos os modos aliviar o trabalho das irmãs.

Apenas concluída aquela tarefa — continua o jesuíta padre Grazioli, biógrafo da Defrancesco — a madre Giuditta teve uma ideia que ela própria definia jocosamente como sublime. Para vigiar tanta roupa fazia falta um guarda; bem, disse, ponhamos são José. Na primeira ocasião, regressando de Trento, a madre Giuditta levou quatro estampas do santo custódio de Jesus e colocou-as nas várias salas do guarda-roupa. Depois de ter feito isto, todas as irmãs se sentiram seguras e dormiram tranquilas.

Enquanto fazia o trajeto de ida e volta entre Trento e Pergine para preparar a nova estrutura, a irmã Giuditta escreveu à superiora geral:

« *Seria necessário que estivesse a superiora local para adquirir aquelas competências que lhe serão certamente úteis.* »

E a madre Cecilia, por toda resposta, enviou como superiora uma imagem da Virgem, venerada com o título de *Mater admirabilis*.

A imagem — conta Grazioli — representava a Virgem sentada com o fuso entre as mãos e uma cesta de costura aos pés; tinha um ar reflexivo e um porte solene. As irmãs não gostaram muito daquele rosto tão sério e, mesmo declarando que a primeira superiora da casa seria certamente a Virgem, desejavam uma de carne e osso que falasse e sorrisse. Era uma clara prova de quanto aquelas jovens irmãs prezavam servir com santa alegria, como ensinava constantemente o filipense padre Luigi.

A madre Cecilia respondeu com uma carta muito bela, de tom entre o materno e o admonitório, na qual exortava a imitar a mulher forte das Escrituras e a contentar-se por o momento com a superiora enviada, escutando a sua voz. « *Esta é muito ténue* — dizia — *e é preciso prestar o ouvido do coração.* »

A irmã Giuditta Defrancesco superiora em Pergine

No entanto, era necessária uma superiora de carne e osso. Finalmente, a 14 de março de 1882, chegou a Trento uma carta dirigida à « *Reverendíssima madre Giuditta.* » Escreve Grazioli que, ao recebê-la, ela tremeu dos pés à cabeça; esperou até à tarde para abri-la, visto que duvidava que fosse realidade. Com efeito, tinha sido nomeada primeira superiora do novo hospital de Pergine. Contava pouco mais de vinte e quatro anos.

---

[4] Defrancesco Teresa (irmã Maria Giuditta da Santa Família) nascida em Panchià (Trento) a 20-10-1857, entrou na congregação a 8-1-1878, vestiu o hábito a 19-3-1879 com o nome de irmã Eufemia, professou a 8-5-1881, morreu em Cormons a 24-12-1909. Após a profissão foi enviada para a comunidade que prestava serviço no hospital de Trento e aqui a superiora mudou-lhe o nome. (L. Grazioli, Cenni biografici di madre Giuditta Defrancesco, Udine 1939, p. 202).

No dia seguinte, continua Grazioli, partia de Trento com a pequena comunidade, então de apenas quatro irmãs, acompanhada da madre Angela. Percorrendo o vale do Fersina, chegaram ao novo destino e, apenas entraram na nova e vastíssima casa, elevaram a Deus um cântico de agradecimento. A madre Giuditta, porém, estava pensativa e, sem o querer, mostrava uma atitude mais séria e rigorosa do que aquela que ela própria atribuía à imagem da *Mater admirabilis* enviada como primeira superiora [5].

Entrementes, alguns problemas organizativos, como a nomeação do diretor e a escolha do pessoal, atrasavam a abertura efetiva do hospital, inicialmente prevista para fevereiro. O padre Luigi mostrava uma certa preocupação numa carta sua de 8 de maio:

« *Eu esperava que o hospital psiquiátrico já tivesse aberto, mas quem sabe quando isso acontecerá; se você souber de alguma novidade, por favor, me avise para que eu fique informado.* »

Pouco depois da meia-noite de 18 de agosto, chegou a Pergine a superiora geral com doze irmãs. Acolhidas festivamente pelas coirmãs — escreveu Tinti — dirigiram-se todas à igreja para se colocarem imediatamente sob a proteção do glorioso patriarca são José. A viagem de carruagem desde Trento foi bastante movimentada, porque naquele dia se celebrava o aniversário do imperador Francisco José e os condutores tinham bebido alguns copos a mais.

Em seguida, começaram a chegar os pobres doentes mentais, alguns de Hall, outros do hospital de Santa Chiara de Trento. Alguns destes últimos « *não queriam deixar-se transportar para outra parte, pelo afeto que sentiam para com aquelas irmãs da Providência, e só se tranquilizaram quando se convenceram de que também em Pergine seriam assistidos pelas mesmas religiosas.* »

Aqui Tinti lança uma crítica contra o anticlericalismo da época, que não queria religiosas nos hospitais para que não influenciassem, com os seus conselhos, a chamada liberdade de pensamento dos internados. « *Tanto é verdade* — diz — *tanto é verdade que os maçons, expulsando brutalmente as irmãs dos hospitais, se degradam abaixo dos pobres loucos!* »

Os primeiros tempos foram difíceis, visto que as irmãs eram todas jovens e sem experiência. Foram particularmente duros para a jovem superiora. Mas o piedoso fundador soube encorajar as irmãs a uma tal confiança na proteção de são José que, encontrando-se elas muito frequentemente expostas aos perigos, acharam sempre a salvação no pronto recurso ao santo patrono.

Mais ainda, numa ocasião a irmã Giuditta atribuiu ao santo patriarca uma intervenção prodigiosa e o padre Luigi respondia-lhe, a 18 de agosto de 1883, exprimindo o seu « *grande conforto ao ver que, mesmo com milagres, são José as ajuda.* » Provavelmente trata-se daquele facto singular narrado pelos "*Cenni biografici*" a respeito da irmã Francesca Novello. Esta era cozinheira em Pergine. Um dia chegou uma comissão de inspetores para os quais era preciso preparar o almoço, além do das irmãs. No entanto, na panela flutuavam apenas alguns fragmentos de carne. « *São José bendito, ajuda-me!* »,

[5] Cfr. L. GRAZIOLI, o.c, pp. 68-69, 71-73.

exclamou a irmã Francesca. E eis que, mexendo de novo nos grandes caldeirões, emergiram grossos pedaços de carne. Houve para todos e estava requintada.

A Novello foi uma daquelas irmãs humildíssimas, mas dotadas de uma fé imensa, que deram lustre à congregação nascente: na sua simplicidade, ela esperava os auxílios extraordinários da Providência como um facto totalmente normal.

A irmã Giuditta tinha aprendido do Padre uma devoção tão profunda pelo santo patriarca, e soube transmiti-la tão bem na nova casa, que esta foi chamada por excelência « a casa de são José. » Para a encorajar, chegavam-lhe frequentes as cartas da madre Cecilia, a qual muito em breve sentiu uma admiração tal pela irmã Giuditta que escreveu a outra irmã:

« *Quantas vezes num dia sinto vergonha em comparação com ela.* »

Também o fundador lhe escrevia frequentemente. Visto que ela trazia o nome religioso « da Santa Família », está certamente dirigida a ela esta carta sua de 14 de novembro de 1882:

« *Não acrediteis, apenas porque há muito tempo não vos escrevo, que eu me tenha esquecido de vós; pelo contrário, tenho-vos frequentemente presente e recomendo-vos ao Senhor. Pela reverenda madre superiora soube que realizastes os exercícios espirituais na medida em que vos foi permitido pela vossa posição atual, mas o Senhor terá certamente apreciado quanto pudestes fazer e terá sido muito generoso convosco, a fim de que fosse completa a coroa de luzes, de resoluções e de vitórias pelas quais tenho motivo para me felicitar. A reverendíssima madre geral referiu-me que ali reina a boa ordem, que todas se podem dedicar às práticas religiosas, que se observam bem as santas regras, que há paz e contentamento e que todas desempenham bem as suas tarefas com verdadeiro espírito de caridade.*

Queira o Senhor que não falte a santa perseverança e que cada dia se possa crescer sempre mais nestas virtudes. Confiai na Sagrada Família e assim encontrareis em tudo uma assistência especial e as luzes necessárias para vos guiardes bem. Grande humildade e caridade, grande doçura em toda a circunstância, e tudo correrá bem. Tende sempre presente o vosso divino Esposo e imitai-O nestas belas virtudes, visto que a esposa deve ser semelhante ao Esposo e obterá a vitória sobre os seus adversários. Concluo saudando todas essas coirmãs e transmitindo-lhes a santa bênção. »

No fim de 1882, em Pergine havia vinte e uma irmãs, das quais apenas três — além da madre Giuditta — eram irmãs de coro que já tinham emitido os votos: a irmã Petronilla Sicheri (vicária local), a irmã Battistina Dossi e a irmã Salome Dai Prà. Esta última, que era a mais anciã, tinha trinta e um anos. No entanto, a virtude e a concórdia compensavam amplamente a tenra idade. Após o primeiro período, compreensivelmente complicado, tudo procedeu muito bem: havia deveras uma guia segura ao leme. Para a maior glória de Deus, suspirava feliz o padre Luigi!

As irmãs em Rovigno - Istria

« *Escrevo no dia de são José por um assunto que confiei às mãos de são José; e escrevo a vós, pai caríssimo, que de são José sois tão devoto, e dirijo-vos o pedido por amor de são José. Todas circunstâncias que me fazem esperar num resultado felicíssimo.* » Assim escrevia a 19 de março de 1881 monsenhor Giovanni Maria Teloni desde Rovigno ao fundador.

O bom monsenhor, que se tinha dirigido a Rovigno para pregar os exercícios espirituais, já tinha escrito ao Padre a 5 de fevereiro, apresentando-lhe a possibilidade de enviar algumas irmãs da Providência para abrir um centro de acolhimento, um jardim de infância e um oratório para as setecentas operárias da manufatura local de tabacos. E insistia repetidamente sobre a figura de são José porque sabia que essa era la corda certa a tocar para obter o consentimento.

Os habitantes de Rovigno eram muito devotos ao santo patriarca e por este motivo eram caros ao padre Luigi, que por sua vez era devotíssimo dele. Podia ele porventura negar algo a quem o solicitava com aquele doce nome? Além disso, não queria certamente que o seu patrono predileto lhe negasse o auxílio caso ele próprio tivesse sido avarento de confiança. Respondeu portanto positivamente. No entanto, um pouco porque o diabo se intrometeu e um pouco porque o Padre gostava de proceder com extrema prudência, passou um ano antes que as negociações chegassem à conclusão operativa.

A 23 de janeiro de 1882 o conselho provincial escolar concedia a permissão de abrir em Rovigno « *um jardim de infância sob a direção das irmãs da Providência de Cormons* »; e no dia 28 o bispo de Parenzo e Pola, monsenhor Giovanni Glavina, acolhia com alegria a próxima abertura do novo instituto.

Nesta ocasião o Padre quis dirigir-se em pessoa a inspecionar o novo campo de trabalho; talvez tenha pressentido quantas excelentes filhas espirituais lhe doaria a generosa terra de Ístria.

Partiu de Udine na quarta-feira 9 de fevereiro e parou aquela noite em Trieste, hóspede da família Simonetti numa casa perto dos jesuítas. Ali tinha chegado para encontrá-lo Dom Andrea Ghira desde Rovigno. Na manhã seguinte, às sete horas, partiram em barco a vapor em direção à pequena cidade de Ístria, situada sobre um rochedo um pouco além da metade da costa da península.

Em Rovigno permaneceu apenas um par de dias, visto que no dia 13 já tinha regressado a Udine. « *Estive em Rovigno* — escrevia a 20 de fevereiro o padre Luigi à irmã Luigia Dario em Primiero — *para encontrar a habitação para as irmãs, chamadas ali pela divina Providência, e encontrei um local que se adapta muito bem; agora porém é necessário encontrar oito mil florins (isto é, a moeda local da época) para pagá-la. São Caetano pense nisso! A missão das irmãs dirá respeito às escolas infantis e ao oratório, e serão necessárias cinco. O Senhor chama-as para uma vinha que, se bem cultivada, dará muitíssimo fruto, e pelo que vejo poderão partir para o dia do Patrocínio de são José.* »

Por volta da mesma data escrevia ao senhor Niccolò Prodomo de Rovigno:

« *Recebi o seu postal e disse: oh, quanto é potente são José!; e pouco depois, tendo-me chegado a sua caríssima e estimada carta com as três declarações obrigatórias de venda*

da casa em projeto, tive de dizer: ah, são José, vejo verdadeiramente que quereis em Rovigno estas irmãs, e que ali escolhestes o bom Prodomo e o reverendo Dom Ghira como executores das vossas vontades. »

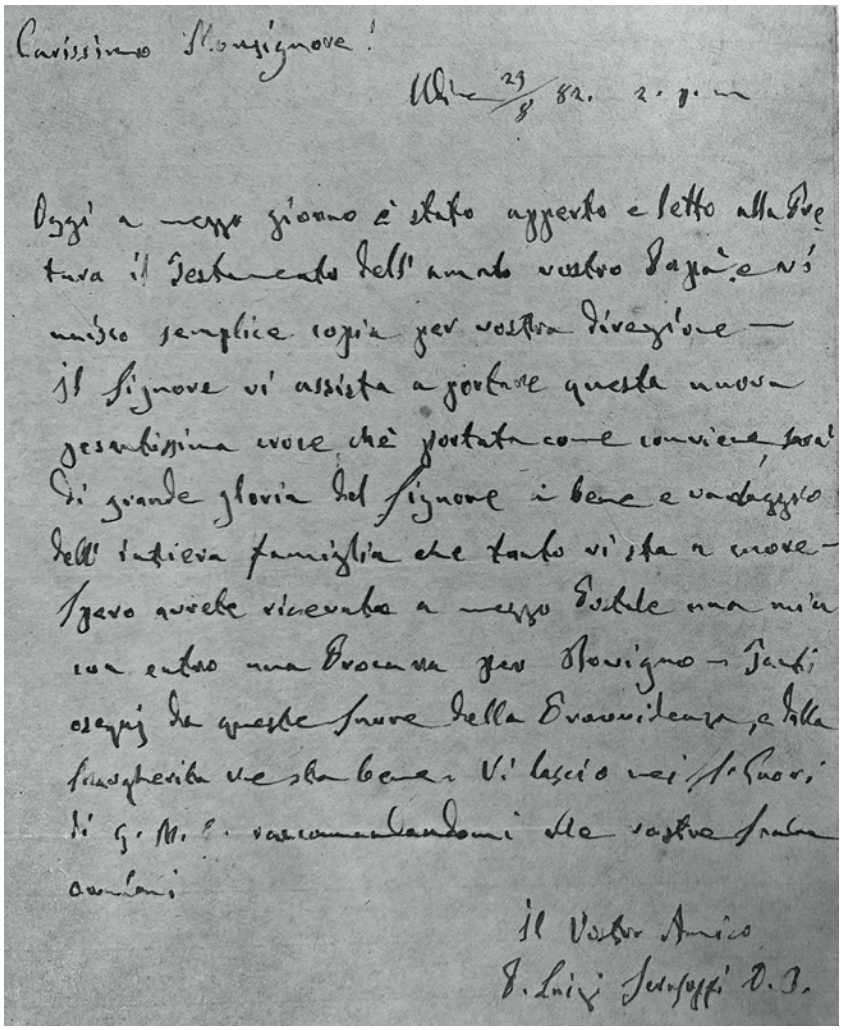
Por dever de crónica e de gratidão, os promotores da obra de Rovigno foram precisamente Prodomo, presidente do local Círculo de Leituras Católicas, junto ao vice-presidente Pietro Menis e, pela parte eclesiástica, Dom Ghira — em cuja casa o padre Luigi tinha residido — e o pároco monsenhor Luigi Medelin.

Embora tivesse permanecido por muito pouco tempo, o fundador deixou uma impressão fortíssima de si mesmo entre os rovignenses. No processo diocesano de cinquenta anos mais tarde, a irmã Vittoria Biasutti testemunhou:

« *Lembro-me de que quando fui para Rovigno, onde permaneci por doze anos, homens, mulheres, jovens e o próprio pároco, que era um certo Dom Medelin, homem verdadeiramente santo, diziam-me que o Padre lhes tinha dado a impressão de ser um santo. O pároco dizia frequentemente: Agradeçam ao Senhor por terem como fundador um santo.* »

Enviado pelo padre Luigi, monsenhor Antonio Feruglio dirigiu-se a Rovigno a 20 de abril e ali permaneceu uma semana para preparar nos mínimos detalhes a chegada das irmãs. Estas, guiadas pela superiora geral e pela mãe Strazzolini, embarcaram em Trieste a 27 de abril e aportaram às duas horas e meia da tarde.

« *O demónio* — escreve Tinti — *invejoso do bem que teria produzido esta instituição, desencadeou uma tempestade de mar tão furiosa que os próprios marinheiros declaravam nunca ter visto uma semelhante. É mais fácil imaginar do que descrever os sofrimentos das irmãs, não habituadas às viagens por mar; no entanto foram bem recompensadas pelo acolhimento festivo que receberam à chegada a Rovigno, onde tinham vindo encontrá-las o clero, as representações civis e uma multidão de povo, apesar do tempo chuvoso.* »



Carta de padre Luigi ao seu fraterno amigo monsenhor Antonio Feruglio.

Querido Monsenhor!

Udine li 23/8/1851. 2 p.m.

Hoje ao meio-dia foi aberto e lido na Prefeitura o Testamento do vosso amado Pai, e junto-vos uma simples cópia para vossa orientação — o Senhor vos assista a carregar esta nova e pesadíssima cruz que, carregada como convém, será de grande glória do Senhor e bem e vantagem de toda a família que tanto vos está no coração — Espero que tereis recebido por via postal uma carta minha com uma Procuração para Rovigno incluída — Muitos cumprimentos destas Irmãs da Providência, e da Margherita que está bem. Deixo-vos nos Sagrados Corações de Jesus, Maria, José, recomendando-me às vossas orações.

O Vosso Amigo
P. Luigi Scrosoppi
D.O

No domingo 30, festa do Patrocínio de são José, o cónego Onofrio transmitiu a bênção aos locais e Dom Ghira apressou-se no mesmo dia a informar monsenhor Feruglio:

« *Precisamente agora se concluiu felizmente a inauguração do jardim de infância. Tempo magnífico, festa lindíssima, participação extraordinária por parte da população. Louvado seja Deus e bendito são José! Graças infinitas ao padre Scrosoppi!* »

Dava um longo relatório disso também o jornal católico "*L'eco del Litoral"* no número de 4 de maio de 1882. Não faltaram contudo os ataques cheios de rancor por parte da chamada imprensa liberal, ataques que já se tinham desencadeado no ano anterior, assim que se soubera do projeto, e que se renovaram nos anos seguintes. Uma prova amplamente prevista: o Maligno não falta nunca de obstaculizar toda a obra boa, e o padre Luigi e as irmãs aceitaram o desafio, como de costume, com espírito humilde e sereno.

A 3 de maio a presidência das Leituras Católicas dirigiu um agradecimento deveras solene ao fundador, o qual respondeu humildemente três dias depois. Ele augurava que as irmãs « *possam corresponder bem às expectativas de quantos tomaram parte nesta santa obra para cultivar com cuidado as plantinhas da nova geração, e esta plena correspondência bastará para me recompensar de quanto se fez por estes bons*

habitantes de Rovigno, aos quais confio estas jovens religiosas de Jesus, rogando-lhes que queiram sustentá-las nas suas necessidades. »

A correspondência das irmãs às expectativas e a educação da juventude retornam como pensamentos constantes noutra carta del Pai à irmã Dario de 14 de maio:

« *Ontem à noite chegou de Rovigno a reverenda madre vigária* — a mãe Strazzolini, que ali tinha permanecido para inserir as religiosas no ambiente — *após quase dezoito dias de ausência. Oh, quantos factos nos contou daqueles bons cavalheiros, senhoras e de todos os habitantes. Notícias que deixam estupefato, visto que ali as irmãs são tidas, quase dá vergonha dizê-lo, em veneração, e consideram-nas como um grande tesouro. Oh, que responsabilidade temos diante de Deus. No sábado terão sido quatrocentas e mais as raparigas para iniciar o oratório festivo; imagine-se que empenho. E roguemos ao Senhor a fim de que dê luzes e forças àquelas nossas coirmãs, para cumprir bem esta tarefa angélica de guiar a juventude no caminho do santo Paraíso.* »

O jardim de infância, intitulado de são José, foi efetivamente inaugurado — com sessenta crianças — a 21 de junho, festa de são Luigi: certamente em homenagem ao padre Luigi. No outono seguinte iniciou a sua atividade também uma escola popular para raparigas.

Ao Pai importava particularmente o oratório. A 26 de novembro de 1882 escrevia à irmã Matilde Osso [6], que há um mês tinha chegado de Cormons a Rovigno para aí dirigir as escolas e ajudar no oratório:

« *Tens agora a tarefa de te santificares santificando aquelas raparigas que o teu divino Esposo te confiou, para que as santifiques primeiro com o exemplo e depois com o ensino. Sim, caríssima filha, olha sempre para estas raparigas como se te tivessem sido entregues pelo teu divino Esposo, e cuida delas como da menina dos seus olhos; será o teu consolo encontrar-te entre elas, e não te pesará de todo dar-lhes as lições necessárias.* »

E a 18 de janeiro de 1883 voltava a escrever-lhe:

« *O Senhor quer-te ali, e ali quer ser servido por ti com as tarefas que te são atribuídas e buscando a santificação destas raparigas, sendo numa palavra uma missionária sua. Que honra te foi concedida pelo teu divino Esposo; ah, aprecia-a!* »

Mesmo no leito de morte, às irmãs chegadas de Rovigno para receber a última bênção, pedir-lhes-á imediatamente notícias do oratório festivo.

No entanto, dois meses após a chegada das irmãs, ocorreu um grave imprevisto que foi conjurado prodigiosamente — segundo autorizados testemunhos — pelas orações do Pai.

---

[6] Quatro irmãs Osso, filhas de um estalajadeiro transferido de Vizence para Udine, foram acolhidas na Casa das Desamparadas: Emma, Ida, Olga e Giovanna. A primeira em 1865 teve de regressar para junto da sua mãe que morreu de tuberculose, a última morreu no instituto aos 12 anos. As outras duas fizeram-se irmãs da Providência: Ida com o nome de irmã Maria Fortunata de Jesus (nascida em Vizence em 1851, entrada em 1873, vestição em 1875, profissão em 1877, morta em Cormons a 10 de agosto de 1886); Olga com o nome de irmã Maria Matilde do Sagrado Coração (nascida em Udine em 1853, entrada em 1873, vestição em 1875, profissão em 1877, morta em Cormons a 17 de junho de 1930).

Como superiora della nova comunidade tinha sido nomeada a irmã Fedele Scrosoppi. Esta, o pela mudança de clima ou pelas fatias enfrentadas naqueles primeiros tempos, no início de julho adoeceu e considerou-se necessária a sua substituição. Dom Andrea Ghira, contudo, escrevia a monsenhor Feruglio:

« *Sendo aqui já conhecida, amada e estimada, não se pode descrever quanto resultaria desagradável e dolorosa a sua partida, no caso de se ter de chegar a este extremo.* »

Assim que chegou a Udine tal notícia, o padre Luigi « *andou prostrar-se diante do santíssimo Sacramento, a rogar chorando. Quando se levantou da oração, a superiora geral estava a organizar para que se fosse buscar uma irmã a outra casa para enviá-la para Rovigno. O Pai fez suspender tudo porque — disse — o santíssimo Sacramento e o Coração de Jesus deviam prover* », e fez telegrafar para Rovigno que ele tinha rogado e que a superiora tinha de curar-se. Com efeito, a superiora de Rovigno começou logo a melhorar, curou-se e permaneceu ainda dezessete anos como superiora em Rovigno.

A irmã Fedele permaneceu ali precisamente até 1899. A sua cura deveu ser muito rápida, visto que Dom Ghira a 12 de agosto podia escrever a monsenhor Feruglio « *da fornalha de Rovigno* » (isto é, indicando o clima excecionalmente tórrido daquele verão):

« *As irmãs estão bem e estão de bom humor. Têm já Jesus em sacramento na sua capelinha.* »

Tinham-No desde 7 de agosto, festa de são Caetano. O fundador tinha previsto acertadamente. Tinha provido Ele, o Consolador divino del tabernáculo, afastando da casa doenças e ansiedades. Animada pela sua augusta presença, a nova comunidade dedicou-se com todo o entusiasmo às obras de apostolado.

As irmãs da Providência em San Vito al Tagliamento

San Vito al Tagliamento é uma ridente pequena cidade a dezoito quilómetros de Portogruaro. Aqui as irmãs da Providência tinham ganho uma excelente reputação sob a sábia direção da irmã Cristina Borghese, apelidada « *caspettina* » (isto é, "*pequena meia*", pela sua incansável atividade). San Vito desejou também portanto as irmãs para o seu hospital, naquele tempo muito pequeno, intitulado de Santa Maria dei Battuti. Um documento de 9 de julho de 1863 relata já então um acordo entre o fundador das irmãs della Providência e o diretor do hospital, o doutor Filippo Cristofoli. No entanto, as negociações não chegaram a conclusão.

Foram retomadas no início de 1878, por iniciativa dos senhores Pietro e da senhorita Paola Morassutti [7], cujo pai Antonio tinha deixado em herança vinte mil liras ao hospital, a condição de que se introduzissem ali as irmãs. Tampouco esta vez as coisas procederam facilmente. Foi necessário cinco anos antes de concluir felizmente o acordo.

[7] Nascidos em San Vito al Tagliamento: Pietro (1839-1891), Paolo (1844-1898). Na certidão de óbito diz-se que ambos foram sepultados com a assistência de todo o clero, e pelo Sr. Pietro acrescentou-se que o clero do vicariato forâneo participou também. (Arch. parr., vol. 11, pp. 143, 148).

A causa principal de um intervalo de tempo tão longo deve buscar-se, como de costume, nos obstáculos colocados pelo clima anticlerical então dominante. San Vito era um baluarte do partido católico. Eram os seus maiores expoentes o combativo e culto arquipreste de Bagnarola, Dom Antonio Cicuto [8], l'arquidiácono de San Vito e professor emérito monsenhor Giovan Battista Trevisan [9], o pároco de Savorgnano Dom Giuseppe Trevisan, já professor no seminário de Portogruaro e caríssimo amigo do padre Luigi, o patriota e poeta Domenico Barnaba e a família Morassutti, conhecida pela sua grande beneficência e o seu alto sentir cristão, que se honrava ao hospedar de vez em quando o padre Scrosoppi. Mas não faltavam opositores mordazes tampouco entre os anticlericais.

Numa primeira fase, as negociações foram iniciadas entre o Pai e o município, que vigiava sobre a instituição do hospital. Mais tarde, provavelmente para evitar conotações políticas, à câmara municipal sucedeu a direção do hospital. A 12 de maio de 1882 redigiu-se um contrato preliminar, que contudo chocou com uma objeção legalmente válida da prefeitura de Udine. Esta, numa nota de 15 de julho, declarava:

« *Não resulta... que em Udine tenha existência jurídica um instituto das irmãs da caridade ou servas da Providência do qual seja diretor o reverendo padre Luigi Scrosoppi.* »

A administração provincial prosseguia sustentando que, si as irmãs faltassem aos compromissos assumidos, não se poderia agir legalmente contra um contratante que oficialmente não existia; fazia além disso notar como no contrato a direção do hospital confiava « *toda a gestão nas mãos de irmãs inexistentes.* »

A prefeitura concluía convidando a tratar com outras congregações.

A 5 de outubro redigiu-se um novo projeto no qual figurava como contratante o padre Luigi em pessoa — de modo que houvesse um responsável direto — e se adicionava no artigo 34 que « *em caso de decesso do padre Scrosoppi, a administração do hospital voltará a ficar livre de continuar ou não o presente contrato com os seus herdeiros ou com outra pessoa que se apresentasse para substituí-lo.* » Mas veja-se quão difícil é operar o bem!

Tampouco esta versão foi aceita. Redigiu-se outra a 25 de novembro, que finalmente obteve a aprovação da província a 15 de janeiro de 1883. O padre Luigi escrevia a 20 de janeiro:

« *O assunto de San Vito al Tagliamento está concluído e considere-se que as irmãs se trasladarão ali para os primeiros dias de março.* »

---

[8] Nascido em Arba (Pordenone) em 1818, graduado em filosofia, ensinou religião, teologia moral e catequética no seminário de Concordia, de onde foi afastado pelo governo austríaco. Em Trieste foi escritor de artigos educativos no jornal « La Favilla » e fundador de um ginásio italiano. Tendo regressado ao seminário por interesse do bispo A. Casasola, ensinou letras clássicas e ocupou a prefeitura de estudos. Depois por 33 anos foi arciprete de Bagnarola (Pordenone) entregue aos cuidados pastorais e aos estudos, e ali morreu em 1895. Homem de génio e de admirável intuição, foi julgado como um dos mais potentes engenhos da Igreja de Itália do seu tempo. (Cfr. R. BIASOTTI, Elogio funebre del dott. Don Antonio Cicuto, S. Vito al Tagliamento 1895, pp. 18).

[9] Nasceu em 1807. Homem de não comum cultura, foi professor de teologia moral, por muitos anos pároco de San Vito al Tagliamento, onde morreu em 1885. Pregador apreciado e de doutrina segura, foi luminoso de piedade sempre conjunta à caridade. (Cfr. P. A. CICUTA, Elogio funebre... arcidiacono di S. Vito, Udine 1885, pp. 18).

Surgiu ainda algum obstáculo, tanto que apenas a 18 de junho o padre Luigi se trasladou a San Vito para a assinatura del contrato definitivo.

« *Finalmente irei na segunda-feira a San Vito al Tagliamento para la assinatura do contrato... e é provável que iniciem a sua santa missão o primeiro do próximo julho. Rogue e faça rogar ao Senhor a fim de que as coirmãs destinadas ali possam corresponder bem à sua tarefa, e rogue a fim de que a escolha seja para a maior glória do nosso divino Esposo.* »

Dela foi a primeira superiora a irmã Eletta Valussi [10]. A 28 de julho o fundador podia afirmar numa carta sua:

« *O hospital de San Vito al Tagliamento procede bem.* »

Pela nova comunidade interessou-se muito monsenhor Tinti, vigário geral de Concordia, que obteve do bispo monsenhor Domenico Rossi desde o primeiro dia o oratório privado com o Santíssimo Sacramento.

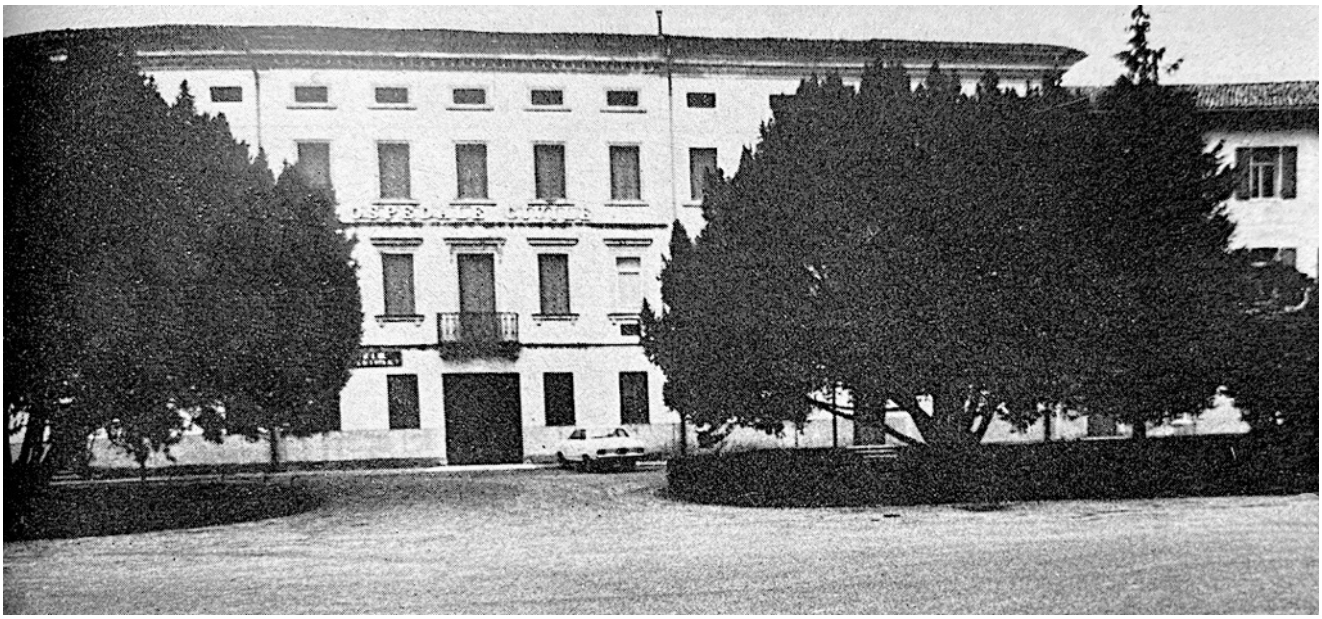
« *Não sei como iniciar esta minha carta, tendo muitíssimas coisas a dizer a Sua Senhoria Mais Ilustre e Reverendíssima, coisas que requerem contínuos agradecimentos. Podia um pai afetuoso fazer mais do que aquilo que fez você pelas pobres irmãs da Providência chamadas pelo seu divino Esposo a San Vito? Certamente não. Deveria aqui recordar como você logrou obter quanto as irmãs desejavam; as muitas viagens por você realizadas até San Vito para dispor que a abertura desta casa ocorresse, como de facto sucedeu, com solenidade religiosa, a bênção da capela, e o ter obtido de sua santidade Leão XIII a bênção apostólica sobre esta nova casa, e por tudo isso dirigir-lhe os meus mais sentidos agradecimentos.*

Mas sentindo-me incapaz, dirijo-me ao bom Pai celestial e digo: Vós que conheceis quanto fez este vosso amado ministro, e com que honesto fim o fez, que foi só a vossa glória, sede generoso em dar-lhe a justa recompensa. Bom Deus, escutai-me! Espero ter cumprido o meu dever e que você esteja satisfeito com isso. Rogo-lhe que considere as irmãs dali, assim como as de Portogruaro e de San Vito, como suas verdadeiras filhas, não podendo eu confiá-las a melhor pessoa. »

Estará eu enganado, ou entre as linhas desta carta corre um tom singularmente doce e pacato, típico de quem sente próxima a partida, como de quem quase iniciou o colóquio eterno com Deus? A de San Vito foi a última casa efetivamente inaugurada durante a vida do padre Luigi.

---

10 Valussi Francesca (irmã Maria Eletta de São José), nascida em Varmo (Udine) a 18-11-1844, entrada na congregação a 1-1-1866, vestiu o hábito a 14-9-1868, professou a 13-11-1870, morta em Udine a 25-7-1923. Para notas sobre ela vejam-se os Cenni biografici..., ms., vol. II, pp. 277-316.



San Vito al Tagliamento (PN). Antiga sede do hospital civil onde as irmãs começaram o seu serviço em 1883.

Negociações para Roncegno

No decurso de 1883, o pároco de Roncegno em Valsugana, Dom Alessio Pretis, retomou os procedimentos já tentados em 1870 para ter as Irmãs da Providência no pequeno hospital local. Desta vez a iniciativa teve sucesso.

Desde 7 de setembro a irmã Angela Rodaro, superiora em Trento, escrevia-lhe que a superiora geral lhe concedia três delas e que ela própria, pouco depois, efetuaria uma inspeção ao local. Realizou-a e, a 23 de dezembro, reconfirmava a atribuição das irmãs — não já três mas quatro — sob determinadas condições.

Don Alessio aceitava-as com uma carta de 21 de fevereiro de 1884 e desejava a vinda das religiosas para o período imediatamente após a Páscoa, que naquele ano caía a 14 de abril. A morte do fundador impediu aquele pronto envio. As irmãs mudaram-se para Roncegno somente por volta do fim de 1884 e a primeira superiora da comunidade foi a irmã Saveria Pascolatti [(11)].

O padre Luigi esperou além disso poder enviar, até julho de 1883, as irmãs também a Pirano para prestar serviço naquela Casa de Asilo; esperou-o, porque a Ístria lhe era já caríssima. Há um ano insistia nesse sentido Dom Giacomo Bonifacio, nativo de Pirano de nascimento e então designado para a igreja da Beata Vergine del Soccorso em Trieste. A Casa de Asilo tinha passado há pouco para as mãos do zeloso cónego Bonifacio; esta circunstância e o excelente resultado das irmãs em Rovigno faziam desejar a sua presença também em Pirano. Naquela cidade havia muitos liberais « *como em Rovigno e parece que em maior número* — escrevia Dom Giacomo — *os quais estão bem longe de apreciar os serviços dos anjos de caridade, de qualquer modo apreciados pelos turcos* ». O promotor esforçou-se ao máximo, mas prevaleceu a fação contrária às congregações religiosas. As Irmãs da Providência irão ao asilo de Pirano apenas em 1900, para aí

[11] É a segunda das irmãs Pascolatti (ver parte III; capítulo 2, nota 6): irmã Maria Saveria do Santíssimo Sacramento (1851-1929), entrada na congregação quando a sua irmã já tinha morrido; la primeira chamou-se irmã Maria Saveria dos Sagrados Corações (nascida em 1847, entrada em 1864, vestida em 1866, professa em 1868).

permanecerem meio século. Partiram de lá como exiladas, depois da Segunda Guerra Mundial.

O Legado Cernazai

Os últimos três anos de vida do padre Luigi foram profundamente marcados por uma longa e atormentada disputa judicial ligada à herança de monsenhor Francesco Cernazai, cónego honorário da catedral metropolitana de Udine. Em qualidade de diretor administrativo de a Casa das Desamparadas, o fundador viu-se obrigado em diversas ocasiões a recorrer às vias legais a causa de legados contestados ou não honrados. Quem quisesse examinar com extrema atenção — como nós fizemos — o seu comportamento em semelhantes controvérsias, não só não encontraria o mínimo defeito nele, mas deveria admirar o seu puríssimo e por vezes heroico desinteresse. Isto vale sobretudo para este caso, que foi de longe o mais relevante; tão importante que, tão significativo que um relato detalhado exigiria um capítulo inteiro. Mas com que objetivo? Aqui será suficiente fornecer uma rápida menção dele, de maneira a pôr em clara luz o comportamento do padre Luigi, sem nos perdermos no labirinto dos subterfúgios legais e das paixões que se desencadeiam sempre onde domina o interesse material.

A família Cernazai, através do comércio e da agricultura, tinha acumulado uma notável fortuna no decurso do século XVIII. No início do século XIX, tal riqueza tinha passado para as mãos de Giuseppe Cernazai, douto naturalista e colecionador de arte e de livros, fundador em Udine da Obra da Propagação da Fé. Outro consistente património lhe tinha sido levado em dote pela sua esposa Orsola Cargnelli, sustentadora da Casa das Desamparadas desde a sua fundação em 1816, a qual tinha expresso a vontade de destinar os seus próprios bens ao benefício de tal instituição.

Giuseppe Cernazai, no seu testamento de 1 de junho de 1847, tinha deixado a metade do património ao seu filho monsenhor Francesco e a outra metade, em partes iguais, a ele e aos outros seis filhos. Um destes, o doutor Pietro, morto a 15 de outubro de 1858, tinha também nomeado herdeiro universal a monsenhor Francesco, expressando o desejo de que a sua quota servisse para a fundação de um mosteiro masculino de clausura em Santa Marizza di Varmo. Houve em efeito uma tentativa, não conseguida, de fazer estabelecer ali os monges de Casamari, expulsos da sua abadia. Outro irmão, Daniele, em sinal do seu próprio patriotismo, tinha nomeado seu herdeiro o conde Camillo Benso di Cavour.

Monsenhor Francesco Cernazai tinha-se tornado assim no gestor de grande parte do ativo familiar. Ele redigiu um testamento do seu próprio punho a 24 de fevereiro de 1862. Nele, segundo a mentalidade da época, deixava como herdeiros os filhos varões dos seus irmãos. No entanto, caso faltasse a sucessão varonil, nomeava num ponto como « *legatárias* » e noutro como « *herdeiras a título universal* » as Desamparadas ou Irmãs da Providência, indicando o padre Luigi Scrosoppi como executor testamentário.

Quando a 29 de janeiro de 1881 monsenhor Francesco Cernazai morreu, não existia uma sucessão varonil Cernazai. O irmão Fabio tinha tido apenas três filhas, casadas nas

famílias de Udine Braida, Marcotti e Mauroner; enquanto que a irmã Lorenzina tinha deixado um filho, o nobre Antonio de Reali [12].

A herança, portanto, deveria ter passado sem contrastes para as Irmãs da Providência. Estas no entanto, se bem que reconhecidas legalmente em 1865, tinham existência jurídica apenas em território austríaco, visto que estavam implicadas na supressão das congregações religiosas decretada pela lei de 7 de julho de 1866 do Reino de Itália. Contudo a intenção do defunto era claríssima, embora o testamento apresentasse vícios de forma, segundo as análises dos advogados, a causa das diferentes expressões « *legatárias* » e « *herdeiras a título universal* »; além disso, as Irmãs da Providência possuíam a necessária personalidade jurídica, ainda que apenas num país estrangeiro.

Não era difícil prever que a política, o anticlericalismo, as subtilezas legais e sobretudo as razões de interesse levantariam uma poeirada. O fundador intuiu-o imediatamente.

« *O padre Luigi* — escreve Dom Tinti — *dolorido pela morte do seu amigo, mas ainda mais pelas disposições testamentárias, pálido de rosto e vertendo lágrimas amargas, disse naquele mesmo dia às irmãs: O cónego Cernazai deixou tudo o que era seu ao instituto. Oh, quantos problemas, minhas filhas, quantos problemas se preparam!*

Se algum outro não tivesse possuído o espírito de pobreza e a confiança na Providência que guiavam Scrosoppi, ter-se-ia alegrado perante a ideia da rica herança; ao contrário, o previdente Pai entristeceu-se com isso, e com razão, como os factos demonstraram mais tarde. »

O testamento foi impugnado tanto por Fabio Cernazai como pelo nobre Antonio de Reali; com métodos duros pelo primeiro, encorajado em parte por alguns dos seus genros; pelo segundo com correção legal e com grande respeito para com o Padre e benevolência para com as irmãs. Pode-se bem imaginar com que maldade os jornais anticlericais buscavam tirar vantagem da situação e quantos boatos se difundiam nos salões e nos lugares de reunião da cidade. Ao Padre resultou particularmente dolorosa a calúnia — tão fácil como injusta para com um sacerdote abastado — que golpeou a memória do defunto doador e amigo. Poucos dias antes de cair doente mortalmente, enviando os votos para o Natal 1883 a de Reali, escrevia:

« *O angélico defunto seu tio lhe obtenha do céu todo o bem que vossa excelência deseja.* »

E quase em cada carta, durante aqueles três anos, recomendava às irmãs rogar por monsenhor Cernazai « *porque apenas em nós esperava, quando estava em vida, que o tivéssemos socorrido depois da morte.* »

Seria aborrecido e inútil seguir todo o percurso judicial da causa, desde o julgado de primeira instância até à cassação. Desde o princípio, o padre Luigi preferiu buscar a via de um acordo amigável e uma vez perdeu a paciência — aquela paciência que, como dizem os provérbios, por vezes falta inclusive aos santos — inclusive contra o seu próprio

[12] Veneziano (1834-1887), pertencente a uma ilustre família. Por dotes morais e intelectuais, pelo seu patriotismo também durante o domínio austríaco, em 1876 foi nomeado senador do reino. Em Veneza teve respeitáveis cargos administrativos (Cfr. I. SARTI, Il parlamento subalpino nazionale, Terni 1890, p. 799).

advogado, o advogado Vincenzo Casasola [13], a quem uma excessiva prudência tornava lento e desconfiado. « *Eu não quero colocar* — escrevia ao padre Scrosoppi a 14 de dezembro de 1882 — *o mínimo obstáculo ao acordo, assim como não pretendo assumir responsabilidade de nenhum género.* »

O padre Luigi em contrapartida assumia a responsabilidade com gosto; nada lhe era mais caro e urgente do que uma conciliação. E chegou quase perto dela. A 8 de março de 1883 referia a Casasola:

« *Hoje às 16:00 esteve comigo o senhor Fabio Cernazai e combinámos o acordo por fazer-se... Talvez regressará amanhã com o rascunho completo da transação estudada pelo doutor Billia.* »

Visto que de Reali expressava a 12 de maio a dúvida de que Cernazai pudesse subtrair-se ao compromisso assumido, o padre Luigi respondia-lhe imediatamente « *que o senhor Fabio demonstra estar muito desejoso de ver aplicado o acordo estabelecido a 19 de fevereiro passado* » e rogava por isso a de Reali não retomar o litígio iniciado por ele contra o seu tio para exigir a prestação de contas da administração dos últimos dois anos.

As relações entre Cernazai e o padre Luigi tinham voltado por tanto a ser cordiais e frequentes. Ele foi feliz por isso porque a caridade vale mais do que qualquer soma de dinheiro e porque na caridade cada problema encontra fácil solução. Por desgraça, contudo, o senhor Fabio adoeceu quase em seguida e no fim de julho as suas condições eram já graves; morreu a 5 de abril de 1885.

O acordo final foi firmado com os seus herdeiros a 5 de abril de 1885, quando o Pai tinha morrido já há um ano, e seguiu exatamente a linha que ele tinha sugerido desde o princípio. Em base a ele, o património Cernazai foi dividido em três quotas iguais, uma das quais correspondeu às Irmãs da Providência, valorizada em 140 000 liras. No entanto o fundador já tinha comprometido uma grande parte dela — como dissemos — para suster as obras de Dom Giovanni Dal Negro.

« *O bom padre Luigi* — escreve Dom Tinti — *já não estava em vida no momento da assinatura do acordo, e por tanto pelos três longos anos precedentes teve que sofrer imensamente a causa das oposições relativas a esta herança. Nele contrastavam dois sentimentos muito delicados: por uma parte, o desinteresse que o empurrava a renunciar a qualquer direito; pela outra, o amor pela justiça para não danificar os direitos das irmãs. No entanto ele suportava desgostos e contrariedades com santa resignação, sem perder nunca a calma, porque em cada acontecimento feliz ou adverso da sua vida teve sempre como único objetivo a justa, santa e bendita vontade de Deus.* »

Não poderíamos desejar um testemunho mais informado e autorizado do que este, porque monsenhor Tinti esteve espiritualmente perto do padre Luigi e das suas obras e

[13] Nascido em Buia (Udine) em 1845, morto em Udine em 1928, sobrinho do arcebispo de Udine A. Casasola, advogado, vereador, deputado provincial. Por mais de meio século foi chefe do movimento católico em Friuli e dele, sob um e outro aspeto, dependeu toda a obra e instituição católica; por Leão XIII foi nomeado cavaleiro de São Gregório Magno, depois comendador. Estimado também pelos seus adversários pela sinceridade da sua fé abertamente professada e pela sua vasta cultura, afirmou sempre dignamente a sua italianidade. (Cfr. La Patria del Friuli, 9-4-1928 e Giornale del Friuli, 10-4-1928).

porque o seu pai, que era advogado [14], teve um papel fundamental em propor e suster o acordo, em perfeito acordo e inclusive sob a inspiração do mesmo Padre.

O fundador não solicitou certamente aquela herança: talvez não soube nada dela até à morte de monsenhor Cernazai. De outro modo, prudente como era, não teria faltado em sugerir-lhe as necessárias correções ao testamento, especialmente depois dos acontecimentos políticos de 1866. Se não tinha tramado pela herança da sua tia Rosa Lazzarini, tanto menos o fez por esta. Durante a disputa buscou afanosamente uma única coisa: a paz, a custo de qualquer renúncia. Há além disso um singular episódio que demonstra o seu escrupuloso respeito pela justiça, inclusive no seu aspeto legal. Pareceu-lhe, num certo momento, que os advogados estudavam expedientes legais para eludir o fisco, ao qual teria ido em impostos pouco menos de um quarto do património. Foi o doutor Billia, advogado da contraparte, quem numa longa carta de 13 de agosto de 1883 teve de comprometer-se a demonstrar que o do Padre era um « *escrúpulo excessivo* » e que « *não há sombra de fraude* ».

Esta longa história tem o seu ensinamento. Digamo-lo claramente, embora nos leve um pouco longe do tema principal. A caridade é melhor fazê-la enquanto se está em vida. Ou então, se não se tem a coragem de um tão nobre desapego e se a herança é consistente, é melhor fazer redigir o testamento por um advogado perito; de outro modo, sobre a presa desencadear-se-ão certamente aquelas ásperas e intermináveis contendas alimentadas pelo egoísmo e o interesse.

Quando o padre Luigi e monsenhor Francesco Cernazai se encontraram no Paraíso, o seu amigo ter-lhe-á dito:

« *Desculpa-me: acreditava ajudar-te e em contrapartida dei-te apenas incómodos e desgostos.* »

E o Padre ter-lhe-á respondido:

« *O que queres fazer-lhe, bendito? Coisas de aqui de baixo!* »

[14] Tinti Girolamo Bartolomeo (1806-1893) de Pordenone, de nobre família oriunda de Gandino na região de Bérgamo, presidente do colégio de advogados, cavaleiro de São Gregório Magno.

Capítulo 11

NOVICIADO PARA O CÉU

Vem, Senhor Jesus

Cada um envelhece e morre à sua maneira, incluindo os santos e as almas piedosas. Às vezes pode acontecer que sombras melancólicas da velhice obscureçam o poente da vida. Se faltam apenas as forças físicas, não há de que se maravilhar. Mas por vezes a iminente ruína do corpo parece transtornar, ainda que sem culpa, a própria vida espiritual.

No entanto, se o ritmo físico permanece normal, a alma nutrida de humildade e de caridade não envelhece; ou, melhor dizendo, a velhice transforma-se num dom de Deus, que aumenta a serenidade e estimula para a última corrida em direção ao Amigo divino, já chegado às portas.

Mais ainda, nos últimos dias terrenais, a alma é permeada por um sentido de leveza, de liberdade, de paz e de alegria. As sarças espinhosas continuarão a arranhar ao exterior, embora os arranhões sejam percebidos menos distintamente. Ao interior, a graça entona o canto da máxima liberdade e faz saborear o gosto da total desaparecimento do próprio eu.

« *Anseio a minha dissolução para estar com Cristo.* »

« *Vem, Senhor Jesus!* »

A fé mesma converte-se quase num lúcido antever na claridade da manhã, que anuncia a visão plena e fulgurante cara a cara. E a caridade supera a esperança na alegria já pregustada do encontro desejado desde sempre. Uma única coisa afunda e desvanece ao longe, ali abaixo: a terra com as suas atormentadas misérias.

Falai portanto de aurora, não de poente.

Assim sucedeu com o padre Luigi.

A velhice não lhe trouxe mais que algum fastio físico. Uma erupção cutânea incômoda, suspeitada por quem estava perto dele mas ocultada por ele com a habitual reserva e com paciência. As pernas estavam um pouco vacilantes, tanto pelo peso dos anos como pelas dores da artrite. Um dia ouviram-no cair ruidosamente. Acudiram: já se tinha levantado e estava a secar o sangue que lhe saía do nariz e da boca.

« *Não é nada* », disse.

Evidentemente o seu corpo — isto é, irmão asno — estava nas suas últimas fadigas. Dentro de pouco descansaria ele também, pobrezinho.

Um documento excepcional de humildade

Mas a alma do padre Luigi sentiu a necessidade de realizar ainda algo. E o quê, senão levar a termo o que sempre tinha feito? Se àquele pobre homem de Scrosoppi restava ainda algum capricho ou algum indício de orgulho, se não tinha sido dobrado de todo, era necessário humilhá-lo definitivamente. O padre Luigi submeteu-o. Continua a ser verdade que o fim de uma vida é coerente com como se viveu — isto é, *talis vita, finis ita* —, e que assim como se vive, da mesma maneira se morre.

19 de março de 1880: festa do seu amantíssimo são José.

O Padre começou aquele dia o seu noviciado para o Céu.

E « *começar* », para os cristãos, é sinônimo de humilhar-se. Um começar perene, particularmente claro para quem se declarava discípulo do « *bom Pippo* » (são Filipe Néri): o « *recomeçar sempre* » (*semper incipere*) de são Carlos Borromeu, outro santo patrono que tinha adornado o seu próprio escudo com a palavra *humilitas*.

Estamos para relatar integralmente um documento deveras extraordinário daquele noviciado. Ele reconecta-se muito bem aos propósitos de cerca de trinta anos antes, quando o padre Luigi em 1852 se tinha fixado o terceiro grau da humildade, seguindo o exemplo de Jesus esbofeteado e crucificado: e conclui dignamente a vida sacerdotal daquele que a tinha começada em 1827 com a pregação sobre a humildade.

Aproximemo-nos com impaciente respeito deste episódio da vida interior do padre Luigi, a fim de que um assombro superficial e indiscreto não nos impeça de captar a sua profunda beleza — isto é, a altíssima poesia.

Em verdade, não fica de todo impressionado quem conheça a vida de muitos santos, formados segundo uma ascese severamente desejosa de mortificação e de humilhação. Talvez é um conceito difícil de compreender nos nossos dias, mas não parece que hoje a espiritualidade seja mais profunda.

Antes, porém, devemos mencionar a questão crítica do autor. O documento, com efeito, é anônimo; e na tradição das Irmãs da Providência tem sido atribuído ora a uma pessoa, ora a outra.

Quem redigiu o documento

Tinti, que relata amplos extratos dele, afirma que « *o nosso padre Luigi escolheu para si uma pessoa sábia, mas de categoria e idade muito inferiores a ele, confiando-se a ela como a um diretor espiritual para o âmbito externo* »; adiciona ter aprendido quanto está para contar precisamente das palavras deste misterioso e extraordinário diretor. Tinti utiliza o masculino nas referências, mas o documento indica claramente que se tratava de uma irmã. Escolheu esta forma por uma espécie de reserva, perante o temor de expor o Padre ao escárnio ou aos juízos malévolos dos seus contemporâneos. Trata-se de uma cautela que hoje já não tem motivo de existir, tanto por respeito à verdade histórica, como porque, ao menos para quem sabe captar com retidão os « *excessos* » os santos, a figura do Padre sai pelo contrário valorizada disso.

Mas se foi uma irmã, de quem se tratava? A respeito da autora do documento temos algumas certezas: antes de 1880 prestou serviço num hospital visitado frequentemente pelo Padre, identificável com toda a probabilidade com o hospital de Portogruaro; viveu em Udine ao menos desde 1880 até à morte del fundador, desempenhando para com ele o insólito cargo de mestra de noviciado; mais tarde regressou a operar num hospital onde estavam internadas pacientes afetadas por doenças mentais; em 1894 estava ainda em vida, visto que proporcionou o seu próprio testemunho escrito a Tinti enquanto este estava a completar a biografia do Padre.

No documento chamam a atenção as palavras finais: « *passo a assinar de minha própria mão* », seguidas por uma cruz traçada com firmeza. Este detalhe sugere que o texto foi ditado, quer porque a irmã era analfabeta, quer porque por volta de 1894, a causa da doença ou da velhice, não estava em condições de estampar a sua própria assinatura. Ela demonstra, contudo, uma alma de extrema sensibilidade e discrição, tanto como para nos fazer reconhecer nela uma religiosa de alto perfil.

As nossas precisas investigações não levaram a uma identificação definitiva. Todos os elementos recolhidos pareceriam coincidir apenas com a figura da irmã Agostina Pez [(1)], a qual antes de 1880 se encontrava no hospital de Portogruaro com tarefas administrativas; em novembro de 1880 está em Udine [(2)]and entre 1881 e 1883 é encarregada de guiar o noviciado, tarefa que contudo pode realizar apenas parcialmente devido a uma saúde precária, tanto como para requerer a intervenção temporária do padre Luigi; mais tarde regressa ao citado hospital que, até setembro de 1894, albergava também pacientes psiquiátricos. Todos os detalhes concordam, exceto um vago relato da tradição segundo o qual a irmã Pez, precisamente pelas suas condições de saúde, se teria ficado em Udine apenas poucos meses para depois regressar logo a Portogruaro [(3)]. Desde 1891 até à sua morte, ocorrida a 20 de outubro de 1893, a irmã Agostina viveu novamente em Udine formando parte do conselho de administração do colégio. Nas listas das atas a sua assinatura aparece até outubro de 1894, mas escrita por outra pessoa. Isto explicaria a cruz traçada ao fim do documento e a redação do mesmo por parte de terceiros: em efeito, se a irmã Agostina foi a protagonista do caso, não sendo analfabeta [(4)], não se lhe pode atribuir um escrito que mostra a falta das mais elementares regras ortográficas.

Existe contudo uma relação sobre as virtudes do fundador que indica na irmã Giacinta De Monte a « *secretária das suas mortificações e penitências* » [(5)]. No entanto, segundo as informações disponíveis, parece que a irmã Giacinta nunca se afastou de Udine, se não por alguns anos passados na vizinha Orzano, e nunca prestou serviço nos hospitais [(6)].

---

[1] Pez Laura (irmã Maria Agostina do bom Pastor) nascida em Castions (Udine) a 25-10-1834, entrou na congregação a 15-10-1864, vestiu o hábito a 26-2-1867, professou a 19-3-1869.

[2] L. TINTI, o.c., p. 422. Não se exclui que tenha estado em Udine já em março.

[3] Cfr. Cenni biografici..., vol. II, p. 192.

[4] ...« pertencia a nobre família, riquíssima, a sua mãe era condessa ». .. (Ibid., p. 190).

[5] A.L.S., fasc. 29, doc. 9, c.r. 85. Para irmã Giacinta De Monte veja-se parte II, cap. 4, nota 8.

[6] Na tradição das irmãs este extraordinário mestre de noviciado foi identificado em monsenhor Antonio Feruglio, e um explícito eco se encontra na declaração de alguns testemunhos no processo ordinário. A irmã Vittoria Biasutti, entrada na congregação a 12-11-1880, referindo-se à irmã Cherubina Voncini, que tinha professado em 1863, declarou: o padre Luigi « rogou a monsenhor Antonio Feruglio que lhe fizesse de diretor espiritual, já que dizia que

Quem quer que tenha sido a autora, aqui está agora o documento na sua completude, adaptado na forma para fazer mais fácil a sua leitura.

Humildade abissal

Tendo-se despojado de todo bem material em 1879, o padre Scrosoppi sentiu a necessidade de se despojar de si mesmo, afundando-se numa humildade abismal. Não nos esqueçamos de que estamos a falar de um santo sacerdote, quase septuagenário, circundado já pela admiração universal e pelo prestígio das tantas obras promovidas e levadas a bom termo. Um sacerdote que tinha fome e sede de humilhações.

« *Posso dizer então* — diz o documento — *que o ano 1880, o 19 do mês de março, passando uma irmã por diante da porta do seu estúdio, ele saiu e perguntou: Quem é esta? — Ela deteve-se e respondeu: — Mandas?*

Então fê-la entrar, fechou a porta, e disse-lhe: Reverenda madre, deve saber que sou superior, mas cheio de defeitos; e infelizmente mil vezes dou escândalo a toda a comunidade pela minha soberba e arrogância. A estes seguem-se mil outros defeitos e não tenho quem me faça a caridade de me advertir. Rogo por caridade (então pôs-se de joelhos com os braços abertos), hoje é o dia de são José; por isso rogo-lhe que me receba como novicio por um ano (deixo imaginar a quem lê o embaraço daquela pobrezinha) e de vigiar-me sempre e de vir cada noite escutar as minhas acusações. »

Mas ela começou a pôr todas as dificuldades possíveis e a escusar-se de todos os modos, para se eximir. Tudo em vão: visto que tanto fez e disse e rogou, até às lágrimas, que ela também com lágrimas teve de ceder e aceitar.

Ele agradeceu-lhe e, vendo-a aflita por tal mandado, começou a confortá-la e animá-la à prática das virtudes, em especial modo da santa humildade.

« *Ajudemo-nos reciprocamente* — disse — *a convertermo-nos em grandes santos. Antes de vir a mim, apresente-se à querida Mamã e ao Pai (assim chamava a Virgem e*

---

não tinha ninguém que o corrigisse. E cada noite ele apresentava-se perante ele, acusava-se humildemente das suas culpas e sugeria-lhe os títulos de desprezo com os quais devia tratá-lo. Monsenhor Feruglio fez-lhe de diretor por um primeiro ano e depois trás as insistências do Pai que asseverava não ter aproveitado nada, fê-lo por outro ano mais » (Summ., pp. 113-114, par. 366 em Positio...). A irmã Pia Aldegheri, entrada na congregação a 1-8-1895, referindo-se ao mesmo monsenhor Feruglio, testemunhou: « Monsenhor bispo Antonio Feruglio, ditando-nos conferências em Cormons, nos recordava que o Padre dependia sempre nas suas penitências tanto do seu confessor monsenhor Someda como dele mesmo nos cinco anos que o elegeu como seu diretor espiritual » (Ibid., p. 211, par. 807). Colombara aceitou esta tradição e na sua biografia Um apóstolo de caridade (Bérgamo, 1929, II ed., p. 107), relatando em forma algo diversa um fragmento de Tinti, adiciona da sua colheita: « No dia seguinte, escreve este improvisado e extraordinário diretor, que foi monsenhor Antonio Feruglio, mais tarde bispo de Vicenza, tive de começar esta tarefa minha de mestre de espírito com um Padre (o padre Luigi tinha então setenta e oito anos) tão velho e tão adiantado no caminho da perfeição, que eu podia muito bem ser seu discípulo ». Agora encontramo-nos perante dois factos: o documento que testemunha de modo inquestionável que desde 1880 em diante foi uma irmã o instrumento das mortificações e penitências do padre Luigi; uma tradição que converge em monsenhor A. Feruglio, da qual os dois testemunhos mais válidos foram acima relatados. O da irmã Vittoria, recolhido da voz da irmã Cherubina, tem detalhes que retornam no texto da irmã; la irmã Pia declarou em contrapartida genericamente sobre a dependência do padre Luigi « nas suas penitencies » de monsenhor Feruglio, tal como ouviu do mesmo. Estes testemunhos que mostram em monsenhor Feruglio a guia das mortificações do Padre não estão em contraste com o documento que afirma ter sido uma irmã tal instrumento. O padre Luigi sempre desejoso de mortificações poderia ter-se servido em tempos diversos tanto de monsenhor Feruglio como de uma irmã.

a são José); peça a sua santa bênção e depois seja fiel a todas as inspirações. O Senhor a abençoe. Amanhã de manhã venha ver-me. »

No dia seguinte, 20 de março de 1880, ela começou a penitência.

Cada manhã apresentava-se na habitação do Padre. Ele logo se levantava, todo respeitoso, com o barrete na mão, dava-lhe os bons-dias e perguntava-lhe como estava. E permanecia nessa atitude até que ela lhe dizia para se sentar. Cada vez que se encontrava com ela, detinha-se, tirava o barrete — estivesse quem estivesse presente — e dirigia-lhe a saudação: — Seja louvado Jesus Cristo.

Não saía nunca de casa sem se apresentar para tomar a sua bênção, indo procurá-la onde quer que estivesse. Se alguma vez tinha agido de outro modo, acusava-se depois de ser soberbo e de pouca valia: isto é quando, por não se incomodar demasiado, tinha saído sem permissão.

Cada noite fazia-lhe a acusação; se tinha corrigido com demasiada dureza alguma filha sua, se tinha faltado ao respeito para com quem quer que fosse, si não tinha mortificado os seus olhos, se tinha faltado à obediência ou à moderação, se não tinha falado com voz baixa e respeitosa, se tinha usado pouco cuidado em praticar a humildade, a obediência, a pobreza. Cada pequenez para ele era um delito muito grande; e suplicava que lhe fosse imposta la penitência.

Chegados à Quaresma daquele ano, o santo novicio pôs-se com mais fervor do que de costume a preparar-se para o santo perdão. Começou a entregar de vez em quando notas a aquela pobre filha sua, e estas custaram-lhe muitas lágrimas, mas não suficientes para o fazer parar. Ela não teve o cuidado de conservá-las: lia-as duas ou três vezes, depois rasgava-as, porque temia perdê-las e portanto que fossem encontradas por alguém. Mas lembro-me muito bem da fórmula de algumas.

Por exemplo: « *Esta semana por sete vezes ao dia entre, passando, na habitação do seu novicio e mande-lhe apresentar-lhe o escarrador. Apresentado este escarre sobre ele.* » Ler isso a deixou furiosa. Querido Jesus, suspirava, se isto quereis ajudai-me! Apresentou-se em efeito e repetiu as palavras da nota. Então ele levantou-se da cadeira, pôs-se de joelhos e disse-lhe: — Aqui está o escarrador (e apresentou-lhe a cara): não há escarrador mais adequado. Vendo-a vacilante: — Vamos, coragem, disse-lhe, para o seu Esposo tudo é pouco, faça-me a caridade... Depois permanecia alguns minutos sem se limpar.

Outra nota: « *Esta semana adicionará censuras, acusando-me de soberbo e outras coisinhas que lhe inspirará o seu Esposo.* »

Outra mais ainda: « *Esta semana mais vezes que puder virá ver o seu novicio. Mas primeiro procure de uma das raparigas o lenço de bolso, o que crer que é o mais sujo. Depois venha e diga com ar de mando: Venha aqui, soberbo: sabe o que merece? Veja: assim merece. E esfregará com o lenço voltado o escarrador (isto é, a cara) e depois dar-lhe-á a penitência.* »

Outra nota: « *Por cinco vezes ao dia virá e dir-lhe-á: Que faz aí, soberbo? Venha aqui, ajoelhe-se, que lhe farei ver o que merece; e então dar-lhe-á bofetadas ou puxões de orelhas. Eis aqui o que merece! Outro que superior, se lhe conhecessem pelo que é.* »

Outra mais ainda: « *Esta semana e todas as sextas-feiras do ano procure exercitar-me em toda a sorte de virtude e em particular na penitência. Esta semana virá sete vezes esbofetear-me e bater-me nas mãos com a correia pelas muitas faltas cometidas.* »

Pela noite, depois de a comunidade se ter ido ao descanso e estava bem seguro de indiscrições, fazia-se atar por esta filha sua a uma grande cadeira de braços, bloqueado com cepos de ferro nas mãos e nos pés, e neste estado permanecia durante meia hora. Enquanto isso a sua filha ia todo esse tempo diante do Santíssimo, depois regressava a pô-lo em liberdade. Ele também se dirigia então diante do Santíssimo e permanecia ali em oração inclusive até depois da meia-noite. Outras vezes fazia-se atar com os braços abertos a pregos cravados na ombreira e na porta que dava do estúdio para o quarto de dormir, e permanecia assim até que esta filha sua, em adoração diante do Santíssimo, se sentia inspirada de ir pô-lo em liberdade.

Aqui a irmã faz uma pequena divagação:

« *E frequentemente —* diz *— se fazia disciplinas e levava cilícios até ao leito de morte, quando o médico os retirou. Posso dizer também que, encontrando-se esta filha sua num hospital, assim que chegava recomendava-lhe preparar-lhe uma daquelas camisas mais pesadas que usavam aqueles pobrezinhos ou um lenço de bolso deles, e usava-os por todo o tempo que se detinha ali.*

Estava todo feliz e bendito ao ver aquela camisa feita de remendos e tão remendada que já não se reconheciam as costuras: tomava-a, apertava-a ao seio e beijava-a e voltava a beijar: e o mesmo fazia com o lenço. Assim fazia, aqui, na casa, cada vez que se lhe proporcionava um lenço usado. Devo dizer também que, encontrando-me eu num hospital e devendo atar uma paciente agitada (como uma doente mental em presa ao delírio), dava-me um pouco de pena enfrentá-la sozinha, mas tomei coragem e disse-lhe: — Como boa rapariga, mete-te na cama.

Ela olhou-me e disse: Queres-me tu atar? Vou já. Foi e acomodou-se de tal maneira que não fiz nenhum trabalho. Depois de lhe ter posto nas mãos e nos pés os cepos — os já usados para o Padre (que de toda a evidência a irmã tinha conservado como relíquias) — e de a ter assegurado à armação da cama, disse-me: Agora estás contenta? Respondi: Eu sim, estou contenta. E ela: Eu mais do que tu porque com estes foi atado um santo. E yo: — Um santo? Ela sorrindo replicou: — Não o sabes tu? — Eu não. Bem eu o sei, concluiu; vai-te também, que eu fico muito contenta pelo motivo que disse. E de facto acalmou-se. »

Depois a irmã regressa a aquele singular noviciado:

« *Por um ano —* diz *— praticou as mortificações e os exercícios de virtude de que se falou antes. Cumprido o ano a irmã apresentou-se no dia de são José com a intenção de terminar, pero o Padre assim que a viu lançou-se de joelhos e disse: — Este ano não fiz nenhum proveito e infelizmente fui causa de escândalo para a comunidade com a minha pouca humildade, obediência, caridade e mortificação; assim rogo-lhe que me continue a caridade, mas duplique a severidade. Dirija-me frequentemente a censura: Será sempre a hora de que conheça o que é! Verdadeiramente você é um tolo, um estúpido; se lhe fizeram superior não entendo nem eu a razão; não mereceria ficar nem no último canto deste santo lugar. Entendeu? E então abaixo alguma bofetada, repetindo-me: —*

Entendeu? Vá para o seu lugar. Ou então: Vá lá (indicando um canto da habitação) e por dez minutos pense no que é; e emende-se de uma vez por todas, que será sempre a hora. E você me dirá isso umas três vezes por semana... »

Aquela pobre mulher ficou ali sem palavras por um pouco, vendo que lhe tocava continuar a levar tal cruz; depois buscou evitá-la levantando dificuldades. Mas ele:

« *O Senhor quer que continue a levar esta cruz e um dia dar-lhe-á a recompensa por ela. Se você me considera como seu pai e ama a alma de seu pai, deve ajudá-lo a fim de que não se perca.* »

Ela queria apresentar ainda dificuldades para se eximir. Ele disse-lhe então:

« *Eu usei caridade com você. Ordeno-lhe por obediência: agora você use caridade com este pecador mal educado. Assim deve continuar enquanto ao Senhor lhe praz.* »

Ela chorando teve de aceitar a sua cruz e prosseguir.

Aquele recíproco intercâmbio de caridade explica-se muito bem se as palavras do Padre forem lidas deste modo: Eu tive a caridade de substituí-la diante das noviças; você use-me a caridade de continuar no meu noviciado.

Isto confirmaria a identificação da autora como a irmã Agostina Pez, que cessou no cargo de mestra das noviças em 1883, mas poderia ter-se ficado ainda na casa de Udine, não havendo nenhum documento que determine a data do seu regresso a Portogruaro.

O documento termina dizendo que a irmã teve, embora chorando, « *de tomar a sua cruz e ir adiante até que prouve ao Senhor chamá-lo a Si para receber o prêmio dos seus trabalhos.* »

A relação fecha-se assim:

« *De tudo o que escrevi estou mais do que certa. Que antes bem me limitei às coisas principais, e não creio ter exagerado. Tanta é a certeza que passo a assinar de minha própria mão.* »

Quem quer que tenha lido atentamente este documento excepcional, terá ficado impressionado por aquele "*escarrador vivo*" e por aqueles lenços esfregados, até ao ponto de sorrir por isso. E talvez terá ficado tão distraído por isso que não se terá feito a pergunta que sintetiza o valor do testemunho. Pô-la-emos nós: creu esta irmã sim ou não na santidade heroica do padre Luigi?

Esta irmã, embora declarando repetidamente a sua surpresa e o seu mal-estar diante desses extraordinários exercícios de humildade, não se mostra porventura consciente de ter tido que ver com um santo, a quem ela chama explicitamente o seu « *santo novicio* »?

Ela não se deteve no desconforto; compreendeu o anseio sublime de humilhações e de abjeção que ardia no coração do fundador. Há apenas uma tristeza modesta e sincera: que lhe tivesse tocado a ela fazer a parte dos servos de Caifás e dos soldados de Pilatos ao escarrar sobre, flagelar e crucificar a aquele que era o seu venerado Pai espiritual.

O padre Luigi tomou a sério dois paradoxos da vida cristã, vivendo-os concretamente: um é que ascender significa descender; não se pode ser grande se não ao preço de fazer-se pequeno. E se o edifício espiritual pessoal elevou os seus cumes muito alto, há uma

coisa a fazer nos últimos dias: cavar e afundar-se sob a terra para consolidar os alicerces. Que alicerces? Os da humildade.

Ao seu redor uma florescente família religiosa tinha crescido; as obras tinham-se multiplicado e procediam bem; mesmo no meio das contradições, uma veneração universal o circundava. Basta um sopro de vento para fazer oscilar as copas dos álamos; basta a aura da fama para causar perigosos ondulações. Quem crês que és, velho néscio?

O outro paradoxo é este: o cristão autêntico deve desejar e buscar o poente na humilhação. Jesus começou a sua vida terrenal na humildade da gruta e concluiu-a na humildade atroz da paixão. Bendita a velhice marcada pelo silêncio, pelo abandono, talvez pelo escárnio: bendita espiritualmente, para quem sabe compreendê-lo. Se a natureza não te ajuda com humilhantes achaques, si não te ajudam os homens — que a miúdo o fazem de bom grado — atirando-te como um refugo, pede a uma pobre irmã a caridade de maltratar-te e de maltratar-te ainda, duplicando a severidade.

O padre Luigi mestre das noviças

Por mais de um ano, a partir de 1881, o fundador desempenhou o cargo de mestre substituto para aquele pequeno grupo de noviças que tinha ficado na casa de Udine. Aquele período ficou impresso na memória das irmãs que foram iniciadas por ele nos primeiros passos da vida religiosa.

Tornou-se célebre por certos singulares aspetos exteriores. Por exemplo, o Padre esquecia frequentemente que a maioria das suas ouvintes de trento e deslizava de boa mente em longas explicações em friulano, desejando dar ao discurso um ritmo mais simples e familiar. É fácil imaginar como o rosto daquelas jovens noviças se iluminava com assombro e sorrisos. O Padre então retomava o fio do discurso em italiano e não se irritava nunca com os sorridentes avisos das suas filhas; pelo contrário, era o primeiro a gozar de tais distrações.

Da mesma maneira, quando se dirigia a ditar alguma pequena lição às órfãs — talvez sobre a sua amada astronomia — aceitava com santa alegria as suas pequenas travessuras. Gostava muitíssimo dos temperamentos alegres e extrovertidos, enquanto que lhe deixavam preocupado e perplexo os caracteres sombrios e fechados.

Aquele período ficou famoso sobretudo pela solidez essencial da sua formação. Teria podido falar não em friulano, mas em árabe, e teria aparecido igualmente, com nítido relevo, o modelo de irmã que ele propunha com doçura e firmeza, como na adivinhação de Sansão.

Basta-nos entre todas o testemunho da irmã Maria Pia Bortolotti, que professou a 8 de maio de 1881. Eis aqui alguns fragmentos significativos:

« *Quando a mãe mestra estava enferma, o padre Luigi fazia as suas vezes. Ele vinha frequentemente ao noviciado, ora para explicar-nos as sagradas regras, ora para ditar-nos conferências. Estava além disso sempre disposto a escutar-nos a qualquer hora do dia e, quando conhecia as necessidades de alguma, realizava qualquer sacrifício para consolá-la.*

Castigava com severidade todo o atraso, ainda que legítimo. Uma vez que se encontrava no noviciado para a conferência, uma noviça chegou uns minutos depois do sinal por estar ocupada em outra coisa. Que fez o bom Pai? Repreendeu-a duramente e ordenou-lhe ficar no meio da aula até que tivesse terminado a lição.

Entre as coisas que maiormente transmitia nas instruções, estava o modo de comportar-se no coro. Por isso dizia: As noviças devem estar compostas, com a pessoa direita, as mãos juntas e os olhos baixos para dispor-se sempre melhor ao recolhimento. Quando estais no coro — dizia — pensai diante de quem vos encontrais... »

Mais tarde passava a recomendar a observância exata inclusive das regras mais minuciosas, citando frases da Sagrada Escritura e dos santos.

A irmã Pia proporciona-nos uma lista das máximas que percorriam mais frequentemente os seus lábios. Entre estas, naturalmente, estava o seu lema: « *Fazer, Padecer, Calar*. » Mas sobre todas emergia aquele aviso « *tremendo* » — sublinhava a Bortolotti — aquele « *tremendo Redde rationem* » (isto é, presta contas da tua administração).

Era uma lembrança da parábola evangélica em que o senhor pede contas ao administrador da sua gestão.

O padre Luigi devia sacudir profundamente aquelas almas juvenis com avisos muito vibrantes ao compromisso e à responsabilidade diante de Deus se, a meio século de distância, ressoava com o mesmo vigor aquele « *tremendo Redde rationem*. »

A irmã Pia — e certamente as outras junto com ela — percebeu muito bem o motivo inspirador de tanta firmeza, visto que relata do Pai:

« *Adicionava depois que as noviças se podem comparar a tenras plantinhas. Como se formam desde jovens, assim envelhecerão. E trazia-nos como exemplo a vida dos santos, especialmente de são João Berchmans, que fazia sempre bem cada coisa.* »

Bisturi ou arado como se queira dizer, o padre Luigi usava-os especialmente para cultivar a humildade. « *Se alguma* — continua a irmã Pia — *por inadvertência ou outro, tivesse causado desgosto a uma coirmã, queria que se pedisse perdão logo ou de todos os modos antes de ir para a cama: Joelho em terra, minhas filhas — dizia — joelho em terra: humilhar-se sempre. Assim não se erra nunca.*

Quando se cometia alguma falta, especialmente se era pública, queria que logo se pedisse a penitência, quer para não dá-la ganha ao demónio, quer para dar glória a Deus: fim — como ele dizia — que as irmãs devem sempre buscar nas suas ações. »

E a irmã parece quase comprazer-se ao contar episódios de humilhação que a afetaram precisamente a ela:

« *Um dia, passando da escada para o corredor, encontrei a quatro professas com a mãe superiora, enquanto o Padre estava ali, perto da porta. Eu não sabia a quem dirigir primeiro a minha saudação. Fi-lo ao Padre. Entretanto as irmãs passaram de largo. Mas ele olhou-me com olho severo. Depois chamou aquelas mães e fez-me prostrar para*

beijar-lhes os pés. A superiora queria que beijasse também os do Padre, pero ele ordenou-me beijar a terra. »

Aqui também está a explicação:

« *Queria que as noviças respeitassem as professas como a outras tantas rainhas, sendo elas — dizia — esposas do Cordeiro imaculado, do Rei dos reis.* »

Outra vez foi com o Padre para pedir-lhe que lhe fizesse reparar os seus sapatos, pero esqueceu dizer:

« *Por caridade*. »

« *O Padre deixou-me falar; depois dirigiu-me uma dura repreensão e sem adicionar nada mais despediu-me. No dia seguinte fez-me chamar e perguntou-me se tinha estado suscetível e como tinha acolhido a repreensão, adicionando: Vê, minha filha, uma Irmã da Providência deve sempre pedir o que lhe faz falta com espírito de verdadeira humildade, e pedi-lo por caridade, ficando depois indiferente se lhe é ou não concedido.* »

Além disso, o fundador deu-lhe uma lição no estilo de São Filipe Néri:

« *Um dia, enquanto a porta do estúdio do Padre estava entreaberta, passava pelo corredor e ele convidou-me a entrar. Sem dizer uma palavra — estavam presentes também deus sacerdotes — ofereceu-me uma tacinha de café negro. Aqueles deus sacerdotes estavam a ver como ia terminar. Depois de que houve tomado o café, o Padre começou a zombar de mim, dizendo que era gulosa e amante das coisas doces, e mandou-me marchar toda envergonhada.* »

A narração da Bortolotti prossegue sobre o fio de recordações caras e edificantes, marcadas pela alegria. Mas provavelmente mais de uma terá sentido a mordedura robusta do travão. O facto é que o padre Luigi apontava, com a sua habitual tensão para o essencial, a construir uma irmã com traços bem precisos. Afirma-o ainda a irmã Pia:

« *Uma noviça das Irmãs da Providência — dizia — deve buscar adquirir um verdadeiro espírito de sacrifício, uma contínua renúncia à própria vontade, uma profunda humildade e um desapego perfeito de cada coisa criada.* »

A sua paterna severidade na formação das noviças de todo o tempo retorna em muitos pequenos episódios, conservados na tradição das irmãs.

Por exemplo, a uma delas que se tinha deixado escapar uma grosseria, o Padre fez-lhe pendurar do pescoço uma grande língua de pano vermelho e pretendeu que ficasse de joelhos, assim arranjada, durante todo o tempo da refeição, precisamente no meio do refeitório.

Outra, que com os seus vinte anos corria demasiado pelas escadas, foi atada por um pouco ao corrimão a fim de que ficasse ali, diante de todas, a fazer penitência.

Em 1858 entrou entre as irmãs Stellina Gaspardis, que tomará o nome de irmã Teresa Serafina e desde 1872 até 1915 será superiora em várias casas e finalmente também assistente geral. Mas para converter-se na religiosa excelente que foi, o Padre fez-lhe

provar toda a sorte de disciplina. Fê-la esperar três anos antes de admiti-la à vestição. O motivo? Era muito dotada e estava consciente disso; os seus bordados ficaram famosos. Era necessário então formá-la com vigor a fim de que se impregnasse de humildade. E como era "*estrelinha*" no nome e no rosto, cada vez que se encontrava com ela, o Padre dizia-lhe bruscamente:

« *¡Abaixo esses olhos!* »

E ela foi bem-aventurada por ter-se deixado plasmar.

De tais anedotas há muitíssimas.

Um eco desta forte educação retorna numa canção recitada para o quinquagésimo de vida religiosa da irmã Giacinta De Monte, entrada noviça em 1846. Na boca de santa Marta põem-se estas palavras:

« *Contudo foi rigoroso o tempo da prova, já que o Padre fervoroso passava todo o limite*. »

A autora desta canção foi provavelmente a irmã Pia Valle do Sacro Cuore (7), hábil em compor semelhantes versinhos. Entrada como aspirante em 1877, ela podia proporcionar um testemunho direto daqueles noviciados exigentes que iam mais além de todo o limite. No entanto ela mesma recordava que o fundador, nas relações pessoais com as jovens irmãs, era doce e compreensivo « *mais do que um pai* ».

Uma vez, tendo ela necessidade de penas para escrever, foi pedi-las ao Padre, que lhas prometeu mas depois ficou esquecido disso. Uma semana depois voltou a pedi-las e o padre Luigi, para castigar-se a si mesmo pelo esquecimento, fê-la ajoelhar-se diante dele e obrigou-a, em virtude de santa obediência, a repetir-lhe três vezes:

« *¡Mentiroso! Ninguém é como você: bom apenas em palavras, mas nos factos não*. »

Recordava ainda como o Padre costumava dizer a ela e às religiosas:

« *Minha filha, tu és minha dona porque esposa de Jesus; e eu teu servo, porque servo dele*. »

O noviciado, para o Padre, devia ser fatigante e doloroso; a educação forte que ministrava ali devia converter-se num investimento espiritual capaz de dar fruto para toda a vida.

Quando depois as professas começavam a sua atividade apostólica, o método mudava. Com fino e delicado intuito psicológico, o padre Luigi sentia que às "*combatentes*" eram necessárias duas coisas: segui-as sempre, uma a uma, e confortá-las constantemente, conhecendo a quantas provas estavam expostas. A firmeza ou a severidade do adestramento cedia completamente o lugar a uma difundida bondade. É uma prova fascinante disso o seu epistolário.

O epistolário do padre Luigi

« *A copiosa correspondência epistolar — escreve Tinti — que o padre Luigi manteve no longo período da sua vida, infelizmente perdeu-se em grande parte.* »

No entanto, no apêndice décimo oitavo da sua biografia, ele relata o texto completo o parcial de cento e dezessete cartas, das quais cento e cinco dirigidas às irmãs. A estas últimas é necessário adicionar três, reproduzidas por Tinti no decurso do relato, e outras sete que resultam ainda inéditas. Todas as cartas estão concentradas na década que vai de 1873 a 1883. Mas, entre as cento e quinze enviadas às religiosas, cerca de setenta foram escritas desde 1880 em diante. Visto que entre estas bem cinco ou mais são dirigidas a uma única irmã — e o padre Luigi não fazia certamente preferências — pode-se presumir razoavelmente que as cartas ascenderiam a várias centenas, se se nos tivessem conservado todas.

Para o fundador, o escrever às suas filhas espirituais era ao mesmo tempo uma necessidade do coração, um dever de cargo como diretor atento — especialmente para com as superiores das várias casas — e sobretudo um requintado meio de apostolado para confortar e reanimar as almas. Este apostolado intensificou-se precisamente no último triénio, especialmente para com as irmãs mais distantes, já que doravante lhe teria resultado demasiado gravoso e quase impossível visitá-las em pessoa.

Que ninguém espere, contudo, do padre Luigi cartas quilométricas. Não era de todo prolixo e menos do que ninguém retórico. Tratava-se pelo geral de breves e escassos escritos, como era típico do seu estilo pessoal; mas eram sempre comunicações vivas e precisas, além disso sempre transbordantes de uma profunda paternidade.

E ninguém espere dele aquelas cartas longamente meditadas e construídas com sabedoria, não raras nas vidas dos santos, que parecem transformar-se por vezes em pequenos tratados de teologia espiritual. O Pai não teve a menor pretensão de fazer de doutor. Pelo contrário, comprazia-se em parecer simples e pouco instruído, inclusive mais do que realmente o era. Poderíamos dizer inclusive que desempenhava o papel de homem de pouca valia, se não soubéssemos quão autêntica era a sua humildade. Um mestre de espírito, embora não transforme intencionalmente o seu epistolário num instrumento de formação, é frequentemente levado a relatar e repetir nas cartas as suas pregações ou as instruções espirituais.

O padre Luigi, em contrapartida, não. Bastavam-lhe poucas linhas para despertar no coração das leitoras os ensinamentos de outro tempo. Por isso os avisos espirituais, espalhados na sua correspondência, não são mais do que rápidas pinceladas ou por vezes manchas luminosas. No entanto, para as irmãs eram mais do que suficientes para sentir vibrar a força de alma do santo fundador.

Quando escrevia o padre Luigi?

Aparte da correspondência com as superiores, para responder às suas perguntas ou para dar as diretrizes necessárias nas várias circunstâncias, ele costumava escrever-lhes para mantê-las informadas, junto com as outras irmãs, sobre a marcha da congregação e especialmente para pedir orações com o objetivo de conhecer a vontade de Deus nas dificuldades ou problemas que surgiam de vez em quando.

Mas havia ocasiões nas quais o escrever se convertia quase num rito.

Por exemplo, quando morria uma coirmã ou um benfeitor. A sua vivíssima devoção para com os defuntos não lhe permitia o menor atraso: punha-se à secretária, por vezes apenas regressado do leito de morte, dava notícia disso e recomendava as orações de sufrágio. Algumas vezes limitava-se a um sintético postal, mas mais frequentemente detinha-se numa comovida memória fúnebre, unindo sempre a ela um pensamento de aviso e de consolação.

Era-lhe além disso muito caro aproveitar a recorrência festiva do onomástico para apresentar felicitações enriquecidas por ensinamentos espirituais.

Que dizer então do Natal e da Páscoa? Pelo geral escrevia às suas filhas antes de receber as suas felicitações. Especialmente no Natal, visto que ele sentia uma alegria de estilo franciscano ao contemplar o Verbo de Deus feito menino na gruta de Belém.

Este apostolado epistolar o padre Luigi continuou-o precisamente até ao fim. Remonta em efeito a 23 de dezembro de 1883 esta última carta sua, na qual retornam juntos alguns dos motivos citados:

« *O ter-lhe comunicado com o postal de correspondência o decesso da boa coirmã Maria Orsola (esta era a Irmã Orsola Drigo, que faleceu em 18 de dezembro de 1883.), sem adicionar outras notícias, não sei por que você o interpretou como se eu pudesse ter algo de mau contra você. Não, porque agi da mesma maneira, pela pressa, com as outras coirmãs. Não creia portanto ter-me ofendido com alguma falta involuntária e que eu esteja em cólera com você.*

Não, não: desejo apenas ver cada vez mais que você siga o seu divino esposo Jesus no carreiro da santa humildade.

Meditando nestes santos dias todos os atos de humildade do seu divino esposo, sim, apaixone-se por esta bela virtude, alicerce da perfeição cristã, e o seu modo de tratar com todos, inclusive com os subordinados, será sempre humilde, doce e respeitoso. Eis quanto me importa para tê-la cada vez mais como minha querida filha.

O nosso amado pai Fantoni desde há algum tempo quase perdeu todas as forças e desde há dias encontra-se na cama. Roguem, roguem por este grande benfeitor vosso, que vos considerava a todas como suas amadas filhas e que, como pai afetuoso, não faltou nunca de ajudar-vos em cada necessidade.

Deixo-vos a todas, com as nossas mais cordiais felicitações para as Santas Festas e o novo ano, nos Sacratíssimos Corações. »

« *Foi esta* — anota Tinti — *a última preciosíssima carta escrita pelo padre Luigi Scrosoppi.* » Última lição da sua vida: a humildade.

As tiras de bênção

Como coroação deste incansável apostolado do Pai, queremos recordar um simpático costume seu.

Quando escrevia a uma superiora, ele costumava introduzir por vezes na carta um bilhetinho para cada irmã daquela comunidade. Não eram outra coisa senão tiras de papel

com poucas linhas, nas quais ele sabia encontrar para cada uma, graças ao seu feliz intuito psicológico, a palavrinha adequada, acompanhada da sua bênção.

Fazia-o porque sentia ele mesmo, no seu afeto paternal, a necessidade de um colóquio direto, embora brevíssimo. Mas fazia-o sobretudo pelo seu sábio método pedagógico, que dava a justa e realista importância à relação pessoal cara a cara. Deste modo, cada irmã sentia-se lembrada e considerada individualmente; e o Pai, mesmo estando tão atento à vida comunitária, demonstrava o seu delicado respeito pelo valor da só pessoa.

Não se contentava, contudo, com aqueles bilhetinhos enviados num envelope comum. Encorajava, antes bem pedia, que cada irmã lhe escrevesse diretamente, e ele apressava-se a responder. Nisto atuava inclusive contra o sistema da época, quando se atribuía às superiores o direito de ser o único trâmite da correspondência, que devia ser entregue aberta para que a superiora pudesse controlar as cartas em chegada e em saída.

« *Espero de ti duas linhas* — escrevia a 9 de abril de 1879 à irmã Filomena Suoch — *que não sejam vistas por ninguém, como também aqui por ninguém serão vistas. Quero ver o teu coração aberto...* »

Aqui, contudo, queremos apenas sublinhar um gesto profundamente humano e significativo das irmãs.

Quer se tratasse de bilhetinhos ou de cartas, elas costumavam recortar dos escritos do Padre as últimas linhas, aquelas em que lhes dava a bênção e as encomendava aos Sacratíssimos Corações de Jesus, de Maria e de são José. Sim, também de são José, porque o coração dele tinha pulsado ao uníssono com os do Senhor e da Virgem santa.

Recortavam portanto aquelas linhas e conservavam-nas com uma película quase religiosa. Ao só relê-las ou tocá-las, encontravam consolo e alento na sua missão, a miúdo difícil, ou nos sofrimentos de alma que as atormentavam.

A quase um século de distância, ficaram-nos ainda alguns destes fragmentos que assumiram quase o valor de relíquias.

Não cremos exagerar ao dizer que a conservação sacral daquelas tiras é a prova mais imediata, mais forte e mais emocionante da fé das irmãs na santidade do seu fundador, assim como do afeto que nutriam por ele.

Mesmo os testemunhos mais extensos e eloquentes são insignificantes em comparação.

Capítulo 12

ÚLTIMOS DESAPEGOS E ÚLTIMOS ADEUSES (1881-1883)

A morte de três amigos caríssimos

« *O padre Luigi — escreve Tinti — tinha progressivamente perdido os seus mais caros amigos e os seus mais válidos benfeitores. Esta é a inevitável sorte daqueles poucos que, chegados a idade avançada nesta terra do exílio, voltando o pensamento aos tempos passados, veem caídos à direita e à esquerda, como num campo de batalha, parentes, amigos e conhecidos; e assim sucedeu ao nosso venerado fundador.* »

Entre aqueles que o deixaram nos últimos três anos, merecem uma particular lembrança o muito reverendo sacerdote Tommaso Turchetti de Tricesimo, o senhor Giovanni Feruglio de Feletto e, finalmente, o suave Dom Francesco Fantoni.

Don Tommaso Turchetti morreu a 28 de setembro de 1881. Dois dias depois, o padre Luigi escrevia à irmã Luigia Dario, superiora em Primiero:

« *Com grandíssimo desgosto comunico-lhe a morte do muito reverendo sacerdote Tommaso Turchetti, administrador dos bens do arcebispado, meu grande e fiel amigo e muito interessado na vossa congregação. Morreu anteontem depois de trinta dias de uma doença degenerada em tifo. Rogue e faça rogar por esta digna pessoa.* »

Don Tommaso, junto com o seu irmão Dom Francesco, professor no seminário, foi uma das mais belas figuras do clero de Udine do século XIX. Escreveu-se dele que, dotado de uma mente agilíssima e de uma extraordinária habilidade nos negócios, foi nomeado ecónomo do seminário em 1840, quando era ainda seminarista. Manteve aquele cargo até 1853, quando a polícia austríaca exigiu o seu afastamento a causa do patriotismo demonstrado em 1848. Quando em 1856 monsenhor Casasola se converteu em bispo de Concordia, levou-o consigo como administrador da mesa episcopal; quis o depois com o mesmo cargo em Udine, desde 1863 até à sua morte. Foi um administrador diligente e preciso, um conselheiro e um cónego estimado universalmente pelo clero de Concordia e de Udine, assim como um hábil defensor do património eclesiástico contra as leis de expropriação, que depois de 1866 o tinham reduzido a farrapos. A estas qualidades administrativas uniu um altíssimo espírito sacerdotal, inabalável nos princípios e profundamente fiel ao seu Pai. Viveu uma vida rica em toda a virtude, distinguindo-se sobretudo por um ardente amor para com Deus. Nas suas últimas horas, depois de ter recebido os sacramentos com grande devoção de Dom Giuliano Casasola, secretário do seu tio o arcebispo, quis que se lhe lesse a Paixão de Cristo, para unir a sua própria morte à do Senhor que tanto tinha amado. Tinha sessenta e três anos.

Pela mesma carta do padre Luigi compreende-se que ele era devedor para com ele por algum conselho referente aos interesses das Irmãs da Providência. Mas o que fazia dele um grande amigo seu era sem dúvida a profunda sintonia espiritual, até à comum e ardente devoção para com Jesus crucificado.

O senhor Giovanni Feruglio, da família Tinìn de Feletto Umberto, morreu a 15 de agosto de 1882 em Staranzano, perto de Monfalcone. Dos seus dois matrimónios tinha tido três filhos sacerdotes: monsenhor Antonio, futuro bispo de Vicenza, Dom Stefano e monsenhor Domenico.

Quão estreitos tenham sido os laços de Giovanni com o padre Scrosoppi emerge claramente do facto de que todos os três filhos se tinham quase consagrado ao serviço do padre Luigi; em efeito, monsenhor Antonio era então diretor substituto da *Casa delle Derelitte* e Dom Stefano desempenhava o cargo de confessor na mesma casa, até à morte que o golpeou a 11 de julho de 1885.

Quão profundo fosse o sentimento religioso de Giovanni é-nos testemunhado pelos registros da sua paróquia natal de Feletto, onde a anotação do decesso conclui com estas palavras em latim:

« *A sua memória será bendita pela sua piedade, caridade e fé.* »

Mas o testemunho faz-se ainda mais intenso sob a pena do padre Luigi, que a 16 de agosto de 1882 dava o triste aviso da sua morte nestes termos:

« *Muito Reverenda Madre,*

o senhor Giovanni Feruglio, pai de monsenhor Antonio, morreu em Staranzano, perto de Monfalcone, golpeado em poucos dias por uma infeção respiratória. Bem posso dizer que ele estava entre os meus mais queridos amigos laicos; viveu como santo e morreu como santo, assistido pelo seu filho cónego e por toda a família que se encontrava ali. Eis como o Senhor nos adverte de permanecer sempre prontos para a partida em direção à eternidade. Rogue e faça rogar por este nosso benfeitor que agora mais do que nunca, vendo as nossas necessidades, terá compaixão de nós. »

O padre Luigi escrevia no mesmo dia a seguinte carta a monsenhor Antonio:

« *Caríssimo Amigo,*

só o Senhor sabe quanta surpresa e quanto sofrimento me causou o vosso telegrama; ofereci a Deus o sacrifício do mais querido amigo que tivesse.

Confortemo-nos, querido irmão no Senhor, pensando que a nossa querida mãe Maria Santíssima o quis consigo no dia glorioso da sua Assunção, para fazê-lo participar naquela glória que os anjos e todos os santos lhe rendem lá acima, como recompensa pela grande devoção que lhe tinha.

Estou perto de vós no sofrimento se, junto com os vossos amados irmãos, chorais por uma perda tão grande, pero levantai o olhar ao Céu e tereis o consolo de vê-lo lá acima enquanto vos dá a sua santa bênção.

Saúde-me indistintamente todos os familiares e apresente-lhes as minhas condolências. Não faltei de rogar e de fazer rogar pelo amado defunto.

Para vossa informação, comunico-lhe que o vosso pai, desde há algum tempo, me tinha confiado o seu testamento selado; quando vierdes aqui, apresentá-lo-ei ao julgado de

primeira instância real, mas aviso-o que será necessário apresentar ao mesmo tempo também a certidão de óbito do testador. »

Como sucede entre verdadeiros amigos, no havia por tanto entre eles apenas uma comunhão de afetos e de ideais, mas também a mais total confiança nas questões práticas da vida.

« *Restava-lhe ainda — escreve Tinti — o digníssimo sacerdote Francesco Fantoni, com o qual vivia numa fraternal amizade; por isso provou um sofrimento indizível quando, enfermo ele mesmo, em dezembro de 1883 foi visitar o amigo moribundo.*

Durante a última visita do Padre Luigi a Fantoni, este, vendo-o sofrer tanto, disse-lhe: "Vai, meu amigo, e vai para a cama, porque estás em pior situação do que eu. »

Nascido em 1802 de um ramo da família do mesmo nome de Gemona trasladada a San Vito al Tagliamento, tinha chegado a Udine sendo ainda criança. Durante os anos do seminário deu provas excelentes de engenho, diligência e boa conduta, tanto que, ordenado sacerdote em 1826, foi confirmado como professor até 1853. Por um certo período foi também responsável pelos seminaristas — isto é, prefeito dos clérigos —, encarregado de informar o bispo sobre os candidatos a ordens; escrupuloso e ao mesmo tempo sensível, hesitou até ao dia da ordenação, a 28 de julho de 1839, antes de escrever ao bispo o seu parecer negativo sobre um seminarista. Monsenhor Lodi afastou o desafortunado jovem da melhor maneira possível, mas tirou também Fantoni do cargo. Lembramos este episódio porque a ele se atribui erroneamente, por uma relação anónima, o afastamento de Fantoni do seminário. Nós sabemos, em contrapartida, que Fantoni permaneceu ali como professor por outros catorze anos e que o seu afastamento foi imposto pelo marechal Radetzky, quando purgou os sacerdotes que se tinham demonstrado patriotas demasiado fervorosos em 1848. Parece que Fantoni foi caluniado por alguém a quem ele logo conheceu e perdoou; « *quase como se a sua boca* — escreve Blasich [(1)] — *estivesse fechada por uma pesada pedra, não sucedeu nunca que deixasse transparecer o nome do culpado.* » É lícito supor que aquele caluniador tenha depois aparecido, após 1866, como um patriota puríssimo; são coisas que acontecem!

Fantoni foi perseguido pela polícia austríaca junto com De Apollonia, Liccaro e Tommaso Turchetti. Foi nomeado então bibliotecário do arcebispado e pouco depois, em 1855, capelão das irmãs Dimesse, cargos que manteve até à morte. Em 1869 tinha sucedido a Benedetti como inspetor do Jardim de infância de Caridade e, desde 1854, tinha sido por vinte e cinco anos vice-diretor da *Casa delle Derelitte*.

« *Aquela palavra fácil e aguda que lhe saía espontânea e alegre das relações cotidianas* — continua Blasich — *ele a fazia converter-se em viva e eloquente no de púlpito e desde a cátedra da verdade; e embora a natureza não lhe tivesse concedido aquela sonoridade de voz que infelizmente agrada tanto mas que não se deveria preferir, ao ouvi-lo falar de Jesus Cristo e dos seus mistérios, de Maria e da sua grandeza, do homem e dos seus destinos, um via-se obrigado a repetir: eis aqui o verdadeiro pregador católico. Por este motivo as suas missões populares, os exercícios espirituais para os jovens seminaristas*

[1] [M. MAKAROVICH], o.c., p. 81.

e para as religiosas, e o mês mariano eram o seu ginásio preferido; por isto muitas paróquias da nossa e de outras dioceses o desejavam e o chamavam; onde quer que pudesse, acudia de boa mente, sem negar-se nunca por amor à quietude ou por temor à fadiga excessiva; quando não estava ocupado em outra parte, assumia de boa mente o compromisso da pregação dominical na igreja dos padres filipenses. Amavam-no tanto mais porque o grande empenho lhe era grato, e era de índole sincera e aberta, agradável na conversação, afável nos tratos, hábil nas dificuldades e paciente nas contrariedades.

Conhecendo perfeitamente os novos tempos que tinham sobrevindo, estava pronto a participar, em quanto lhe fosse possível, naquelas obras requeridas pela mudança social; por isso o vemos entre os primeiros a oferecer o seu nome e a sua oferta à Pia Obra dos Congressos Católicos, à Liga O'Connell e ao óbolo de São Pedro; quando na diocese se fundava, há poucos anos, a Pia Obra dos Sacerdotes, ele, não olhando às formalidades burocráticas daquele estatuto primitivo mas só à caridade que é o fim do mesmo, se constituiu sócio fundador junto com os irmãos Scrosoppi, pagando a soma capital necessária. »

Desde havia vários anos que se tinha tornado quase cego, tanto que a 20 de março de 1878 se lhe tinha concedido a dispensa especial — isto é, o indulto — para celebrar a Missa votiva da Virgem. No entanto conservou até às últimas horas de vida a sua habitual, pronta e aguda inteligência.

Don Francesco Fantoni morreu a 20 de dezembro de 1883 às cinco horas da manhã.

« *Rico de virtudes e de méritos — escreve ainda Blasich — depois de poucos dias de doença, sustentado por todos os confortos da religião, passava ao descanso eterno. Ao primeiro aviso da triste notícia, embora não inesperada, choravam o desaparecimento deste sacerdote, verdadeira pérola do clero da região de Udine, tantas almas piedosas, tantas religiosas que ele assistia desde havia anos, as crianças do Jardim de infância da Imaculada que dirigia desde 1869, as numerosas raparigas confiadas aos cuidados das Irmãs da Providência, o clero citadino de quem foi amado mestre, e qualquer que soubesse apreciar a sabedoria, a verdadeira ciência e a sólida virtude.* »

Na manhã de 31 de dezembro foram celebrados os funerais na igreja do Carmine. Embora Fantoni não tivesse desempenhado cargos de ressonância pública, toda Udine se moveu para render-lhe honra. Nas exéquias participaram o reverendíssimo cabido metropolitano, os professores e os seminaristas do arcebispado, o colégio de párocos urbanos, o Instituto das Desamparadas, as crianças do Jardim de infância, o Orfanato Tomadini, o Patronato de Santo Espirito e muitos outros sacerdotes da cidade. O caixão estava coberto por muitas coroas de flores frescas e levado por quatro seminaristas; um número imenso de tochas, enviadas por cidadãos de toda a classe, acompanhou o funeral.

Falámos longamente de Dom Fantoni porque o merece e porque o padre Luigi nos diria: « *Mais, mais.* » Era uma jornada fria e ventosa. Nada teria podido impedir o Padre de seguir o féretro do seu amigo, e no entanto não estava ali. Desde havia três dias estava já obrigado à cama. O seu amigo fazia-lhe de precursor — isto é, de guia que abre o caminho — em direção ao Paraíso.

Um mal-estar estranho e um voto heroico

O padre Luigi foi o membro mais longevo de sua família. A sua mãe morreu aos 74 anos, o seu pai aos 75, o seu meio-irmão o padre Carlo — que também parecia o mais saudável — aos 68 e Dom Giovanni Battista aos 76. Ele, em contrapartida, atingiu os setenta e nove anos e meio.

Durante a sua vida — como já se disse — não sofreu de doenças particulares, nem foram de grande entidade os achaques da velhice. Estava um pouco curvado e rígido nas articulações; a sua visão tinha-se debilitado ao ponto de que usava sempre óculos; sofria por aquela incômoda erupção cutânea e por alguma rara e leve febre.

Pelo contrário, no decurso de 1881 pareceu recobrar vigor. Ele mesmo, escrevendo à superiora de Primiero a 25 de novembro, relatava que todos lhe faziam cumprimentos porque aparecia rejuvenescido.

No entanto, em 1882 foi afetado por um singular mal-estar. Temos notícia disso por uma carta sua de 4 de agosto dirigida a uma superiora:

« *Respondo* — escreve — *à vossa muito estimada e caríssima de 31 passado com dentro um penso muito eficaz para acalmar as dificuldades respiratórias a que estou sujeito quase cada semana, especialmente aos sábados.* »

Claramente não existe uma patologia que esteja necessariamente ligada ao dia de sábado. Como se pode por tanto interpretar esta singular referência?

É difícil não deslindar nisso um fenómeno do todo pessoal, provavelmente de natureza psicológica e espiritual.

Na devoção cristã o sábado é a jornada dedicada à Virgem; e não é necessário repetir quão devoto era ele da Santíssima Virgem, sobretudo sob o seu título da Dolorosa.

Não cremos de modo nenhum que o padre Luigi tenha pedido à Virgem para ser associado com ela com sofrimentos particulares no dia sagrado para ela: se o tivesse feito, não teria buscado remédios para aquelas penas. Cremos antes que por detrás daquele mal-estar se ocultava uma dolorosa prova interior. De resto, veremos que até ao leito de morte esteve atormentado por inexprimíveis angústias do espírito.

Não há de que se maravilhar. Porventura a vida terrenal mesma do Salvador não concluiu tal vez com a tristeza mortal do Horto das Oliveiras e com o clamor desde o alto da cruz: « *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* »

Chegado ao termo da sua própria existência, o padre Scrosoppi não podia senão submeter a um rigoroso exame todo o decurso da sua vida: e tal vez aquele exame o realizava sobretudo aos sábados, aos pés da Mãe celestial.

Caía então sobre ele aquela « *tremenda Redde rationem* » — isto é, o prestar contas da própria administração — com que — como recordava a irmã Maria Pia Bortolotti — precisamente naquele período sacudia no profundo as almas das noviças.

Caía sobre ele. E, na sua profunda humildade, a consciência da sua própria fragilidade quase lhe tirava o fôlego. Encontra-se rastro disso nas suas cartas. A 20 de fevereiro de 1882 escrevia à superiora de Primiero:

« *Eu depois lanço-me aos vossos pés e peço perdão por cada desgosto que possa ter-vos dado, e por não ter feito tudo o que era meu dever para vossa santificação, rogando-vos que me encomendeis ao Senhor a fim de que possa finalmente viver como bom sacerdote.* »

A este sentido esmagador da sua própria indignidade devia unir-se uma desoladora aridez na oração, visto que a 22 de dezembro de 1882 escrevia a uma superiora:

« *Que as vossas orações sejam dirigidas ao divino Esposo para pedir-lhe que possa amá-lo finalmente como é meu sagrado dever, e que me obtenha o dom da santa oração.* »

Caía sobre ele. E enquanto desfilava na sua memória a longa fila das irmãs que a divina Providência tinha confiado à sua guia, sentia apertar-se o seu coração pelo temor de que nem sequer uma só delas atingisse a salvação eterna. Que este fosse o desejo e a preocupação constante da sua alma é-nos confirmado pela voz unânime das irmãs da época. Elas, antes bem, lembram um voto heroico seu, expresso provavelmente durante as suas conferências: ele tinha-se oferecido a Deus para um Purgatório que durasse até ao fim do mundo, assumindo sobre si todas as faltas das suas filhas espirituais, com a condição de que nenhuma delas se perdesse. Um voto deste tipo encontra-se na vida de alguns santos, começando tal vez por aquele semelhante de são Paulo:

« *Desejo inclusive ser separado de Cristo pelos meus irmãos.* »

A morte prevista

No decurso de 1883 o padre Luigi acusou alguns breves mal-estares.

Numa carta de 26 de abril, o senhor Niccolò Prodomo de Rovigno congratula-se pelo seu restabelecimento físico. Algum pequeno problema deveu manifestar-se também para o fim de agosto. Ele mesmo alude numa carta sua de 11 de dezembro a outro mal-estar. Parece logo que um desmaio o afetou na manhã de 23 de dezembro; mas ele não lhe deu importância porque, no mesmo dia, tal vez por não alarmar a ninguém, escrevia que estava bem. No entanto, estes eram todos sinais de um fim próximo — isto é, de um poente —, que não atrasaram contudo a sua atividade habitual, mas antes bem a acrescentaram.

« *Como se tivesse* — escreve Tinti — *um pressentimento do seu fim iminente, crescia nele de dia em dia a atenção pela amada congregação das irmãs. O padre Luigi, embora octogenário, não evitava repetidas viagens a Portogruaro, San Vito, Orzano e Cormons e em todas as partes exortava as irmãs a um total sacrifício de si mesmas, à observância precisa das regras, a amar cada vez mais o seu Esposo celestial, a manter-se pobres sempre e em tudo, mas ricas e generosas no culto exterior das suas igrejas e capelas; a compreender e aliviar com afeto maternal os pobres enfermos; e finalmente a fazer-se*

santas, e grandes santas, para ascender depois a um alto grau de gloria no bem-aventurado Paraíso. »

« *As excelentes irmãs* — continua Tinti — *conservavam zelosamente no seu coração estas preciosas exortações do padre fundador e ao mesmo tempo temiam pela sua vida, parecendo também a elas que aquelas recordações santas ouvidas dele muitíssimas vezes, e agora recomendadas de modo extraordinário, fossem como o ato da última vontade do Padre que estava para deixar as suas amadíssimas filhas.* »

O fundador não sentia ter as forças para visitar uma última vez as casas da região de Trento ou a aberta recentemente em Rovigno. Mas naquelas de mais fácil acesso quis ainda transmitir os seus santos ensinamentos daquela maneira excepcional.

Sabemos que esteve em Cormons a 14 de junho e a 18 em San Vito, mas deveu regressar ali no mês de novembro. E especialmente em Cormons deixou uma profunda impressão.

Escreve Tinti:

« *Em efeito, conta uma digna irmã que, pouco antes da sua última doença, tendo ido visitar a Cormons a casa generalícia e o noviciado, falou às suas filhas com sentimentos tão ternos que todas romperam num pranto contínuo. Deixou-lhes as recomendações mais solenes, disse que se voltariam a ver no Paraíso e, muito comovido ao despedir-se, transmitiu-lhes a sua paterna bênção.* »

A superiora geral veio certamente a Udine poucos dias antes do Natal para apresentar ao venerado fundador as felicitações suas e de toda a congregação. É a aquela circunstância que deve ligar-se o que testemunhou a porteira irmã Filomena Angeli:

« *Uns três meses antes da sua morte entrou uma manhã no estúdio do Padre a superiora junto comigo. Ele logo se levanta e com uma incomum alegria vem ao nosso encontro dizendo:*

Mãe, mãe, pronto nos deixaremos. A mãe, a quem não agradava de modo nenhum um semelhante discurso, toda contrariada e dolorida respondeu:

Ah, não queria verdadeiramente que aquele vosso são Filipe fizesse uma das suas! E o Padre: Sim, sim, mãe, esteve aqui para advertir-me que pronto morrerei! »

Este « *esteve aqui* » não deve ser entendido, cremos, como uma manifestação visível de são Filipe Néri ao seu fidelíssimo filho. O facto é que o padre Luigi guardava no seu quarto um pequeno busto com uma relíquia do santo, ao qual a tradição atribuía certos sinais premonitórios de uma morte iminente. E o padre Luigi considerou ter percebido ele também ruídos ou sinais misteriosos provenientes do mesmo.

Como o Pai caiu doente

Precisamente neste ponto emerge um pequeno mal-entendido que induziu em erro o próprio monsenhor Tinti.

A irmã Giacinta De Monte, numa declaração sua, tinha-lhe manifestado que o padre Luigi « *dois dias antes do Natal 1883, enquanto se encontrava na igreja, foi acometido*

por uma espécie de desmaio, seguido por uma forte febre que não o deixou nunca nos três meses e seis dias que ainda viveu. »

Na realidade, o testemunho da irmã é pouco preciso. Os três meses e seis dias decorrem exatamente de 28 de dezembro de 1883 a 3 de abril de 1884, dia em que o padre Scrosoppi morreu. Aquele breve desmaio da manhã de 23 de dezembro constituía um episódio por si só, enquanto que nas notas de Tinti terminou por confundir-se com o início da doença propriamente dita. Visto que contudo ele teve entre as mãos a carta já citada daquele mesmo dia, creu resolver a questão situando o adoecer do Padre no dia seguinte, isto é, na véspera de Natal.

Em verdade, o próprio Tinti sinaliza em outra parte que o aparecimento daquela febre não o obrigou logo à cama, visto que ele « *com heroico coragem — escreve — continuava no seu laborioso e penitente método de vida, com imensa pena das irmãs que desde há tempo se davam conta dos sofrimentos físicos do seu amado Padre.* »

No entanto, quando apareceu a biografia, as irmãs deram-se conta do erro e proveram a repará-lo.

É certamente a isto que se deve o minucioso relato dos últimos dias do padre Luigi antes de ser obrigado à cama. Quisemos sublinhar este pequeno erro porque dele ressalta uma vez mais o grande cuidado das irmãs da época pela precisão e objetividade de cada informação referente ao fundador.

Eis aqui por tanto o relato.

« *Era a véspera de Natal de 1883. Havia um grande trabalho na cozinha, tanto pela limpeza como por preparar algo especial, mesmo na pobreza, que distinguisse das outras uma festa tão solene. A mãe Vincenza Corradini, encarregada da despensa, previa que não lograria fazer tudo. O bom Padre, tendo-se interessado durante a manhã por que ponto estava o trabalho, ouviu responder-se com franqueza que não teria tempo de cortar e preparar o torrão destinado às raparigas, para distribuir-se na mesma tarde. Que faz o Padre? Embora estivesse muito ocupado, deixa cada coisa, pede uma faca e solícito põe-se à obra, que não abandona até que a tenha cumprido inteiramente. Desde há um tempo o bom Padre sentia um mal-estar geral, que esperava superar com a sua própria força de vontade; por isso a sua atividade diária prosseguia como sempre. Ele estava afetado por aquele mal que, dentro de pouco, o teria conduzido ao túmulo, mas como se nada fosse, habituado como estava ao sacrifício, queria vencer a doença com a coragem e com o desprezo de si mesmo. Era a caridade que o empurrava, como nesta circunstância, a ir em ajuda de uma irmã sem olhar minimamente para si mesmo.*

O dia 26, depois da bênção, o Padre ditou uma conferência às religiosas; foi a última. Falou da felicidade da vocação religiosa, da necessidade da observância dos votos e das regras, da caridade recíproca e da mortificação, sustentáculo de todo o edifício espiritual sem a qual toda a boa vontade se desmorona facilmente. Falou com tanto fervor que fez chorar a todas as presentes. Era a última vez e tal vez o bom Pai o previa; buscou por isso fazer penetrar as suas palavras no coração das suas filhas, a fim de que vivessem como ele desejava e como tinha mostrado com os seus excelentes exemplos.

O dia 27 trasladou-se por última vez a visitar o seu amigo íntimo e colaborador moribundo, Dom Fantoni. Ao ver seu semblante sofrido, este disse:

"Vai, amigo meu, vai e mete-te na cama visto que tu estás pior do que eu". Ao deixar-se trocaram o beijo de paz. »

Aqui o relato prossegue com um toque de imaginação, atribuindo a aquele beijo um contágio mortal: « *indisposto como estava* — lê-se — *absorveu todo o mal.* »

« *O dia depois, 28 de dezembro, distribuiu como sempre a comunhão à comunidade, mas lograva pronunciar as palavras do rito apenas com extrema dificuldade. A mãe vigária, a Strazzolini, deu-se conta disso e, tendo-se aproximado logo da mãe Osanna, ordenou-lhe que, terminada a missa, se trasladasse imediatamente diante do Padre porque estava certamente mal. Em efeito, depois da celebração, a mãe Osanna foi logo com ele e encontrou-o apenas ajoelhado para fazer o seu habitual agradecimento de cerca de meia hora, completamente imerso em Deus. Chamou-o e rogou-lhe que a escutasse um momento. Normalmente, antes do término da ação de graças, podia-se chamá-lo por um longo tempo sem que ele respondesse imediatamente. Aquele dia em contrapartida seguiu-a à sua habitação como um cordeirinho e perguntou-lhe o que queria. Ah, Padre — disse a irmã — o senhor está muito mal e não diz nada! Como te deste conta?* — perguntou o Padre —. *E ela:*

"Esta manhã, quando distribuía a comunhão, fazia tanta dificuldade para pronunciar as palavras. Rogo-lhe, faça-me ver a língua".

Estava em condições péssimas, inchada e grossa, e também os seus lábios começavam a engrossar-se. A irmã rogou-lhe pôr-se logo na cama; ele consentiu e mandou dizer à mãe Giacinta, a chefa de cozinha, que para aquele dia em vez de café lhe levasse um caldo quente. Executado tudo, a irmã foi com a mãe vigária a relatar o sucedido e a dizer-lhe que era urgente uma visita médica. [(2)]

Chegado o médico e feita uma visita meticulosa, declarou a gravidade da situação e fê-lo despojar-se do seu espartilho, da cintura de cilício e também do seu escapulário longo e largo de lã branca. »

Era a manhã de uma sexta-feira, o dia da festa dos Santos Inocentes.

A autora do relato é a irmã Osanna Tisot, que foi a enfermeira pessoal do Padre nos três meses de doença.

Ela tinha sido chamada de Portogruaro para assistir uma benfeitora gravemente doente. O fundador costumava ainda, naquele tempo, fazer praticar pelas irmãs a assistência dos doentes a domicílio.

Quando aquela senhora morreu, a irmã Osanna apresentou-se diante do Padre e perguntou-lhe se podia regressar a Portogruaro.

---

[2] O Dr. Gabriele Mander (1846-1907), de Udine, irmão de quatro sacerdotes, era médico por vocação: dedicação, competência profissional, total disponibilidade aos doentes e caridade para com os pobres. (Ver G. SIMEONI, Caterina Mander, uma alma e uma benfeitora que não deve ser esquecida, Udine 1974, p. 10).

« *Não, não — respondeu-lhe ele — tu deves agora assistir-me a mim. Se não tivesses estado aqui, teria tido de mandar buscar-te.* »

Se a Tisot bordou um pouco com a sua própria imaginação atribuindo a culpa do mal ao abraço com Dom Fantoni moribundo, tal vez não se tenha equivocado do todo. A doença estava já presente e só o espírito de mortificação e de paciência mantinha ainda em pé o padre fundador. Mas a vista do seu amigo fraterno quase em agonia causou-lhe sem dúvida um choque que lhe deu o golpe de misericórdia.

E o padre Luigi não se levantará mais da cama.

Capítulo 13

« ATÉ À VISTA NO PARAÍSO »

A doença do Padre

Nós encomendamo-nos agora quase por inteiro a Tinti para narrar o decurso de sofrimento — isto é, o calvário — daqueles três meses de dor.

« *Nos primeiros dias da doença insistia em ter do médico a permissão de levantar-se, dizendo-lhe: — Oh, veja doutor, que devo ocupar-me de assuntos urgentes, é verdadeiramente necessário que eu deixe a cama, não devo ficar aqui a preguiça por esta pequena indisposição. Mas perante a recusa do médico e com o agravamento da doença, o venerado Pai tranquilizou-se e abandonou-se do todo à divina Providência, resignado a uma doença longa ou breve, à cura ou à morte, visto que o seu único objetivo era fazer a santa e bendita vontade de Deus!* »

« *Assim que o arcebispo Casasola teve conhecimento da enfermidade do venerado padre Luigi, para com o qual nutria um afeto derivado de uma altíssima estima, fez logo escrever ao missionário apostólico Dom Luigi Costantini a fim de que se libertasse de qualquer compromisso já assumido e acudisse a assistir o Padre doente, visto que considerava que em tal circunstância aquele lugar, e nenhum outro, era o seu. O sacerdote Costantini recebeu a carta em Barcis, paróquia de montanha da diocese de Concordia onde se encontrava para uma santa missão; sem perder tempo, como um filho amorosíssimo, esteve logo ao lado do amado Pai, ao qual assistiu dia e noite por três longos meses, sem tirar nunca os vestidos para descansar, dormindo apenas poucas e interrompidas horas sobre um colchão no mesmo quarto do doente.*

É verdade que Costantini possuía uma têmpera física e moral robustíssima, mas é igualmente verdade que neste digno sacerdote o amor pelo padre Luigi permaneceu forte e constante até ao sacrifício. O padre Luigi, à sua chegada, sentiu-se reanimado e, tendo chamado a si o senhor Cristoforo, pai do missionário, fez-se prometer por ele que o seu filho não o abandonaria mais, como de facto sucedeu. »

Don Costantini — adicionamos nós — foi pedido com insistência naquele período por diversas partes, sobretudo para a pregação da Quaresma de 1884; por exemplo de Valdobbiadene, motivo pelo qual o bispo de Pádua mesmo se interpôs pessoalmente perante o arcebispo de Udine. Mas monsenhor Casasola reiterou a resposta negativa que já tinha sido dada para outras paróquias.

« *O padre Scrosoppi — escreve monsenhor Casasola a 22 de fevereiro de 1884 — prevalece-se da obra de dois sacerdotes que lhe são muito próximos; um deles é Costantini. Prevalecia-se dele quando estava em saúde e tinha necessidade dele, tanto mais tem necessidade dele agora que está quase moribundo... Como poderia eu afastar*

do flanco de um venerável ancião de oitenta anos, e tão meritório, um sacerdote da sua total confiança? »

« *Também a reverendíssima superiora geral Maria Cecilia acudiu de pressa desde Cormons ao leito do venerado fundador o qual, tendo-se dado conta da sua profunda tristeza, disse-lhe: Coragem, mãe minha, olhe o estado em que me encontro, observe as minhas mãos, pareço um leproso.* »

Expressando-lhe a superiora o seu próprio sofrimento, ele retomou:

« *Que quer? Assim aprouve ao nosso bom Pai que está nos céus, e assim deve prazer também a nós. Oh, sim, sim! Fez bem, fez bem em fazer-me adoecer, e devemos estar contentes nós também, não é verdade, mãe minha? Quem pode saber quanto devo ficar aqui imóvel na cama, com tantos assuntos de que deveria ocupar-me? Mas cumpra-se a vontade de Deus!*

No intervalo a doença progredia; ela foi diagnosticada pelo médico como pênfigo, isto é, um conjunto de bolhas do tamanho de uma avelã, cheias de soro, difundidas em várias partes do corpo, consequência frequente de uma febre infeciosa. O prudente médico quis uma consulta e foi por tanto ordenado o traslado imediato do doente para um quarto maior e livre de livrarias, visto que os médicos consideraram que esta doença, muito rara nos adultos, tinha sido causada pelo pó desprendido dos muitos livros que guardava no seu quarto.

O sacerdote Costantini, como um piedoso enfermeiro, transportou entre os seus braços o amado enfermo para um quarto espaçoso, bem arejado e com exposição ao sul. O padre Luigi, desde sempre habituado a duras mortificações inclusive nas suas habituais indisposições, não lograva dar-se paz perante a ideia de ter deixado a sua humilde cela para ser instalado num quarto mais cómodo e saudável: não compreendia todavia a gravidade do mal e, antes bem, pelo instinto natural de sobrevivência, pensava curar-se em breve e regressar às suas pesadas ocupações. »

Madre Giacinta acrescenta um detalhe sobre essa mudança para a sala de recepção, que era mais arejada e ensolarada, mas que, no entanto, não lhe trouxe nenhum benefício.

« *Pode-se dizer — relata numa declaração sua — que desde aquele dia o mal começou a fazer-se mais sério, até que gradualmente se adicionou uma paralisia cerebral. Algum sintoma desta paralisia manifestou-se uma noite, ainda ao início da doença. Ele estava sentado na cama, rodeado por monsenhor Feruglio e pela mãe Giacinta. No meio do seu discurso calou-se de repente e permaneceu como ausente. Ambos o chamaram perguntando-lhe o que tinha. E ele respondeu: — Nada, verdadeiramente nada.* »

« *Apesar dos fortes sofrimentos, não saiu nunca da sua boca um lamento ou um gemido; pelo contrário, serenamente buscava tranquilizar a quem o assistia, dizendo: Oh, não se preocupe por mim, a que fim serve angustiar-se? O que Deus quer corre sempre bem, submetamo-nos por tanto com amor às suas disposições divinas, e falando assim, sorria sempre com doçura.* »

« *Várias vezes o digno sacerdote Costantini, prevendo que a doença seria longa, propôs ao venerado Pai obter a autorização necessária da Santa Sé para celebrar no seu quarto*

o santo Sacrifício do altar, mas o humildíssimo Pai opôs-se, declarando-se indigno de tal privilégio, embora o escutar diariamente a santa missa lhe teria dado um imenso conforto. Recebia frequentemente, depois da meia-noite, a santa comunhão e, quando era aconselhado recebê-la ainda mais frequentemente, respondia: — Vós não conheceis a aridez de espírito que experimento desde há várias semanas e não sabeis por tanto em que estado me encontro agora. Eu também, ao leito dos enfermos, os confortava e buscava convencê-los de receber frequentemente o divino Sacramento, mas, oh Deus! É necessário encontrar-se nas provas, porque uma coisa é falar e outra é agir. Deus o Senhor purificava cada vez mais com aquelas penas do espírito a bela alma do padre Luigi, que contudo permanecia sempre calmo, paciente e amoroso com quem quer que se aproximasse do seu leito de dor. »

« *O médico tinha ordenado que se buscasse sustentá-lo frequentemente com reconstituintes, como único meio para superar aquele tipo de doença. Mas, tendo náuseas por qualquer alimento e reduzido a jazer imóvel na cama, devendo por isso ser alimentado à colher, aceitava de má vontade algum refrigério. Solicitado com afeto a tomar mais disso, tanto era o refugo que experimentava o seu estômago que com olhos suplicantes repetia: Bastante assim, não posso mais! Quando depois se lhe perguntava se queria ser levantado um pouco daquela posição incómoda, respondia: Bem, bem, que façam o que creiam, pero primeiro recitemos uma Ave Maria para recomendar-nos a esta Mãe amorosa!* »

« *Graves e dolorosos eram os sofrimentos cada vez que se lhe devia mover ou alimentar, e era só na oração que ele encontrava a força para suportá-los. — Veja — disse um dia a um senhor que olhava cheio de piedade o Pai sofredor — veja, meu bom amigo, como nos ajudamos nos fortes sofrimentos; com a oração nos fortificamos recorrendo a Maria! Quando depois a força do mal o oprimia maiormente, exclamava: — Sim, sim, Deus meu, batei-me, porque o mereço verdadeiramente. Bonum mihi Domine quia humiliasti me. Sim, oh Senhor, mereceria ser atirado ao fundo do inferno pelos meus pecados. Sim, Deus meu, vós sois o Santo, vós o Justo, e eu um miserável pecador. Oh! Maria, mãe querida, vinde em nosso socorro, vós que sois a nossa boa mamã, ajudai-nos!* »

« *Durante a sua longa permanência na cama, foi visitado tanto pelo seu muito estimado arcebispo Andrea Casasola, como por monsenhor Sigismondo dos condes Brandolini-Rota, bispo de Ceneda, e por muitas outras ilustres personalidades eclesiásticas e laicas, para confortá-lo e testemunhar-lhe a sua estima e o seu afeto.* »

O meticuloso Dom Blasich nota as duas visitas nas suas *"Note cronologiche ecclesiastiche":*

« *O dia 23 (sábado) de fevereiro monsenhor Casasola traslada-se, regressando para o princípio da tarde do seu passeio, a visitar o padre Luigi Scrosoppi do Oratório, cofundador e diretor das Irmãs da Providência e do orfanato de raparigas ali anexo.* »

E a 6 de março fala do bispo de Ceneda, que se trasladou ao seminário e ao Instituto da Providência, ditando num e outro lugar um breve discurso; « *visitou também o padre Luigi Scrosoppi, cofundador das irmãs e já próximo do fim, que se sentiu reanimado por esta visita inesperada.* »

« *Com um pensamento delicado, a mãe superiora geral — prossegue Tinti — fez vir por turno as vigárias das casas do Veneto, da Illiria, da Istria e do Tirol, a fim de que com as suas notícias confortassem o coração do bom Pai e recebessem dele a última e preciosíssima bênção. Quem escreve estas memórias foi duas vezes testemunha de tais atos comoventes, que deixam uma impressão indelével na alma dos presentes. Que palavras de ardente afeto, que preciosos conselhos e sábios recordações o Pai resignado doava naqueles últimos dias às filhas do seu coração! O seu leito de dor tinha-se convertido numa cátedra desde a qual se aprendia a verdadeira ciência dos santos.* »

A irmã Fedele Scrosoppi, então superiora em Rovigno, acudiu duas vezes ao leito do Padre; a primeira a 6 de janeiro e a segunda a 11 de março. Nesta ocasião estava acompanhada pela irmã Matilde Osso.

« *Eu também — relata a irmã Matilde — tive a fortuna de vê-lo durante a sua última doença; vim expressamente de Rovigno. A muito reverenda mãe geral disse-me que relatasse ao Padre todo o bem que se fazia na nossa casa de Rovigno. Eu relatei-lhe então como, no passado carnaval, o nosso oratório festivo tinha sido muito frequentado e cerca de trezentas entre raparigas e mulheres jovens tinham passado as festas conosco em vez de nos teatros. O bom Pai chorou de alegria e, dirigindo-se à superiora geral, disse: "Recomendo-lhe aquela casa." Cada ocasião era para ele preciosa, inclusive no seu leito de morte, para estimular ao bem.* »

« *A serena saudação — conclui Tinti — que o padre Luigi dirigia aos seus visitantes era: Até à vista no Paraíso!* »

Os últimos sacramentos

O médico assistente aconselhou que fosse oportuno administrar ao idoso doente os santos Sacramentos, no porque o fim fosse iminente, mas pelo temor de que pudesse sobrevir uma paralisia progressiva capaz de enfraquecer as faculdades mentais. O padre Luigi tinha como confessor ordinário monsenhor Domenico Someda, vigário geral do arcebispo, homem estimado por piedade e cultura, que no seu ministério sacerdotal tinha colaborado com a obra zelosa dos padres filipinos na igreja de Santa Maria Maddalena. Dele o enfermo acolheu com grande gratidão o convite a receber o santo Viático — isto é, a última comunhão —, que lhe foi administrado solenemente pelo sacerdote Luigi Costantini.

Depois das orações rituais, ao momento do « *Senhor, não sou digno* (*isto é, ao Domine non sum dignus*), o padre Luigi, com o rosto radiante e voz clara, fez uma explícita profissão de fé, renovou as promessas do santo batismo e recitou os atos de fé, esperança, caridade e dor. Declarou com força querer viver e morrer como filho devotíssimo da santa Igreja católica romana e pediu perdão das suas faltas às irmãs e a todas as pessoas da casa; abençoou depois cada membro da congregação religiosa e teria continuado ainda por longo tempo dando desabafo aos seus afetuosos sentimentos se o sacerdote Costantini, apelando à santa obediência, não o tivesse feito calar. Quando recebeu a hóstia consagrada, ele mergulhou num profundo silêncio., adorando com todo o ardor do seu coração o divino Jesus.

Na mesma jornada considerou-se oportuno administrar-lhe também a Unção dos enfermos, a fim de que recebesse este sacramento da saúde enquanto estava ainda no pleno possuir das suas faculdades. No entanto o enfermo não percebia ainda o grave perigo de vida em que se encontrava, e por isso era necessário prepará-lo também para este último rito. A superiora geral, demonstrando-se uma verdadeira mulher forte, assumiu este doloroso encargo e dirigiu-se com tato ao ânimo do bendito enfermo dizendo-lhe:

« *Padre, pedir-lhe-ia por graça um favor.* »

«*E qual?* », respondeu o Padre.

«Nós todas, suas filhas — retomou a mãe — desejamos que o senhor esta noite tenha o consolo de receber a Unção dos enfermos que, se praz a Deus, pode devolver-lhe também a saúde do corpo.

E não quer, mãe minha, que eu esteja pronto e contente? Oh sim, já desde há muito tempo ofereci a Deus o sacrifício da minha vida. Sim, sim, faça o Senhor de mim o que quiser, visto que estou plenamente resignado; contudo não criasse que houvesse tanta urgência. O médico julgou tal vez grave a doença?

Sim, Padre, a doença em si é grave.

E não poderia esperar por amanhã para preparar-me um pouco melhor para o último sacramento?

Sim, Padre, poderia; mas nós suas filhas seríamos muito felizes se lhe fosse administrado ainda esta noite.

Bem, mãe, eu estou aqui pronto para cada coisa, disponham pois. Agora contudo faço-lhe uma confidência. Agora compreendo o motivo da visita. Esta manhã tive uma visão. Apareceram-me as santas por quem nutro uma especial devoção e cujas imagens, como a senhora sabe, guardava sempre sobre a secretária. Vieram dar-me o aviso da partida santa Ana, santa Marta e as três santas Maria Madalena, Maria Cleofé e Maria Salomé, aquelas queridas santas minhas que em vida sempre amei, honrei e invoquei. [(1)] *E depois... os quatro golpes dados pela relíquia de são Filipe são outro sinal da chamada. Rogo-lhe, mãe minha, rogue por mim.* »

Dito isto com a calma e as disposições de um santo, recebeu naquela noite mesma a Unção dos enfermos.

Cumprido este rito, todas as pessoas do instituto desejaram vê-lo uma vez mais, escutar as suas santas palavras e receber a sua última bênção. Os mesmos artesãos da casa, os pedreiros, o hortelão e o sapateiro, pedido e obtido o privilégio da superiora, entraram no quarto do idoso doente e, ajoelhados, não lograram conter as lágrimas e os prantos ao ver aquele velho moribundo a quem amavam como a um pai terníssimo, muito mais do que como a um patrão. No entanto, por temor a causar uma forte emoção ao enfermo, foram com garbo convidados a sair. Deu-se conta contudo o muito amoroso padre Luigi, que logo pediu chamar de novo aqueles queridos operários seus. Reentrados e dispostos ao

[1] O fato também foi testemunhado (ou deposto) no processo de informação diocesano pela Irmã Santina Gilmozzi (1854-1939), que o ouviu da própria Madre Cecília Piacentini. (Ver Summarium, p. 94, par. 303 em Positio...).

redor da sua cama, ele dirigiu-lhes paternas e santas recomendações e depois quis abraçá-los um a um. Um servente, que chorava a lágrima viva, não ousava aproximar-se considerando-se indigno, pero o bom Padre encorajou-o dizendo-lhe:

« *Giacometto meu, vem, vem tu também dar-me o último adeus* », e tendeu-lhe os seus braços trêmulos. Esta é a verdadeira fraternidade em Jesus Cristo que os sagrados ministros do Senhor vivem para com os filhos do povo!

Desde aquela noite o pai fundador continuou ainda por diversos dias conservando a plena lucidez mental, tanto que lograva, com as suas recordações especiais, ser de exemplo e de ensinamento para o sacerdote Costantini e para as afortunadas irmãs que podiam assisti-lo. Neste último período, várias vezes exclamou em presença delas:

« *Vi em Deus... vi em Deus.* »

Mas imediatamente depois, por humildade, interrompia o seu discurso. Em outra ocasião, feitas sair do quarto as outras pessoas, revelou ao seu amado Dom Luigi verdades altíssimas, a respeito das quais o digno sacerdote Costantini considera dever manter, pelo momento, um prudente silêncio.

Mas a fotografia não!

Várias vezes o padre Luigi, quando estava ainda em saúde, foi exortado a deixar-se fotografar, visto que a comunidade religiosa desejava conservar o seu retrato, pero ele, por humildade, rejeitou sempre dar o seu próprio consentimento. [2] Durante a sua longa doença recorreu-se a cada astúcia para lograr retratá-lo, mas foi tudo inútil; ele permanecia em efeito vigilante e, dando-se conta de certos preparativos dispostos com o objetivo, repreendia docemente as irmãs, ao ponto de que estas deviam resignar-se a guardar o material. Só depois da sua morte foi finalmente possível fotografar o pai fundador.

Eis aqui um relato muito vivo daquela « *insídia fotográfica*», uma narração que com toda a probabilidade provém diretamente das palavras da irmã Osanna:

« *Um dia em que o bom Padre parecia mais debilitado do que nunca, tanto como para não aparecer presente a si mesmo, as irmãs trabalharam toda a manhã para colocar cortinados e fazer preparativos* » — naquele tempo não existiam as câmaras fotográficas avançadas de hoje — *com a esperança de lograr o intento. O Padre olhava, observava em silêncio sem compreender, e quando se dirigiu à sua enfermeira para ter explicações, ela respondeu-lhe não saber nada.*

Quando tudo esteve pronto, monsenhor Luigi Costantini e a mãe Osanna disseram ao Padre querer levantá-lo um pouco, e ajudaram o idoso doente a sentar-se sobre a cama, sustentando-o o um à direita e a outra à esquerda. A toda a pressa posicionaram o aparelho fotográfico. Naquele momento o bom Padre deu-se conta de quanto estava sucedendo e, dirigindo-se a monsenhor, disse-lhe: Eh! Tu queres-me trair! Depois,

[2] No processo de informação, várias testemunhas depuseram sobre a falta de uma fotografia do Padre Scrosoppi. Por sua vez, o jornal Cittadino Italiano, em sua edição de 5 de maio de 1884, publicou um retrato do Padre Luigi em sua primeira página, observando que fora tirado em seu leito de morte pelo talentoso Professor A. Milanopulo e que era uma representação fiel. (Stampa, A.L.S.).

voltando-se para a irmã: Espertalhona! Tiveste a coragem de dizer-me a mentira de que não sabias o que estavam a fazer!

Não serviram nem rogos nem suplícios: o bom Padre, que nunca tinha desejado outra coisa senão a maior glória de Deus, o bem das almas e para si mesmo um total anonimato, manteve firme este desejo até ao fim. Por este motivo começou a mover continuamente a cabeça à direita e à esquerda, de modo que tiveram de abandonar a ideia e o consolo de ter um retrato seu em vida, devendo contentar-se com tomá-lo depois da sua santa morte ».

Parece, em efeito, que existiu uma fotografia do seu cadáver, pero perdeu-se.

Extremas exortações

Naquele período, quando as irmãs se mostravam aflitas pela sua iminente desaparecimento, temendo quase que sem ele pudesse extinguir-se a congregação religiosa e especialmente o Instituto das Desamparadas, o venerado Padre confortava-as dizendo-lhes:

« *Não, no, minhas filhas, não quero ver-vos tristes e desconsoladas. Não temam nada: esta é a casa de Deus, Ele é o dono dela, esta tem sido obra sua e, precisamente como a fez nascer e crescer, da mesma maneira a fará progredir. Deus não tem necessidade de nenhuma criatura, Ele serve-se de qualquer instrumento para cumprir a sua obra.* »

Outras vezes insistia em recomendar-lhes:

« *Tenham confiança em Deus, sobre tudo no meio das mais graves tribulações; não vos deveis desalentar, minhas filhas, mas deveis confiar em Jesus e repetir: Viva Jesus! Viva Maria! Rogo-vos em cada circunstância cumprir sempre a vontade de Deus. Amem-se, amem-se, a fim de que o vosso coração se inflame, arda e se consuma de amor para com Jesus, que é todo amor. Vivam na caridade, visto que Deus é amor* (*Deus caritas est*) *... Rogo-vos dizer sempre: morrer sim, mas ofender a Deus, não, não! A vontade de Deus é a vossa santificação, a fim de que vos convertais em verdadeiras esposas do seu Filho divino e para que o Espírito Santo vos cumule de cada graça e bênção, de modo que possamos encontrar-nos todos unidos entre os coros celestiais no Paraíso.* »

Em outra ocasião expressava-se com estas palavras:

« *A congregação das irmãs deverá afrontar muitas tribulações, pero confiai no Senhor, minhas filhas, porque esta congregação dará muita glória a Deus. Ela florescerá com vigor e converter-se-á no jardim que preparará as almas para o santo Paraíso. Caridade, caridade: eis aqui o espírito da vossa congregação; salvar as almas e salvá-las com a caridade!* »

Além disso, o humilde Padre mostrava o seu descontentamento quando o chamavam fundador.

« *Oh não — respondia — eu não fui o fundador, só ajudei à obra dos meus irmãos, o padre Carlo e Dom Giovanni Battista; eu fiz muito pouco e reconheço não merecer este título.* » Por último, chegou a dizer:

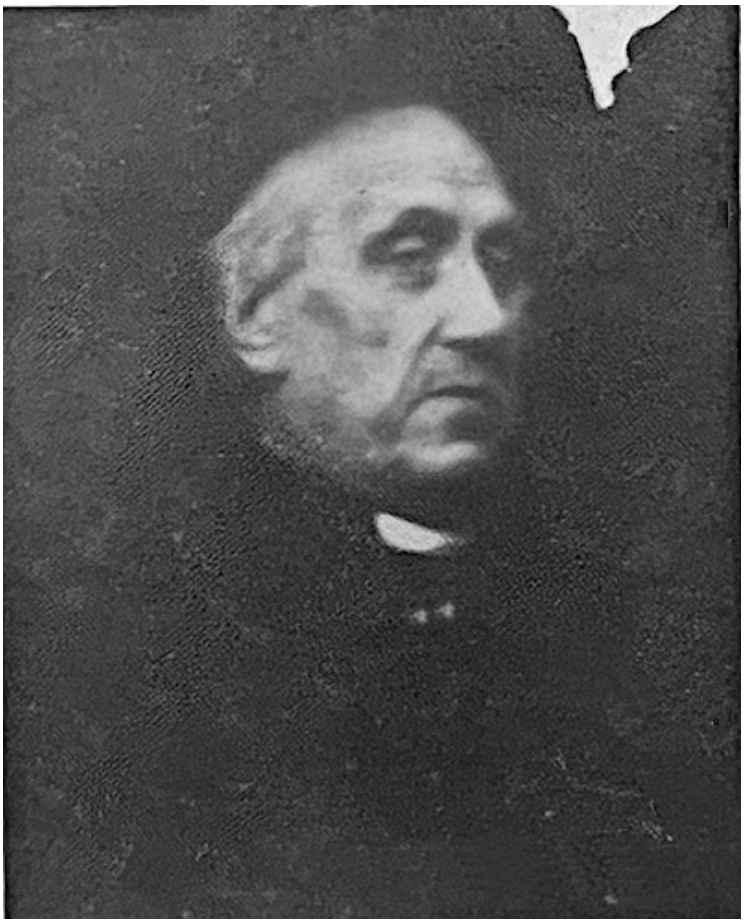
« *Compreendi em Deus que é necessário que eu morra pelo maior bem da congregação; sim, sim, depois da minha morte, por algum tempo o instituto será provado pelas dificuldades, mas mais tarde renascerá a nova vida. Sim, sim, devo partir pelo maior bem da comunidade!* »

Com estes clarões de luz intensa, semelhante a uma lâmpada que está a ponto de apagar-se, o venerado Padre deixou transparecer desde o leito de morte toda a beleza da sua alma a qual, permeada pela caridade divina, não transmitia outra coisa senão caridade.

A santa morte

« *Nos últimos dias, perdida a palavra, sendo exortado a fazer mentalmente atos de amor a Deus e de arrependimento, e enquanto se lhe recitavam o Miserere e o Te Deum, demonstrava agradar-lhes e acompanhar com o coração as devotas preces, até que, apagando-se a pouco e pouco, confortado, além de pelos habituais auxílios espirituais, também pela bênção do Papa, expirou rendendo a alma a Deus.* »

« *Estavam presentes ao seu santo trespasse o fiel sacerdote Costantini, a superiora geral com outras três irmãs, que até à aurora vigiaram em oração recitando o ofício dos defuntos e outras preces de sufrágio por aquela alma bendita. Depois do sinal da alvorada, foi dado à comunidade o anúncio da morte, embora previsto, mas nem por isso menos doloroso e dilacerante pela perda de um tal Pai.* »



Dom Luigi Costantini, ligado ao padre Luigi por uma profunda amizade, assistiu-o na última doença até à morte.

O padre Luigi expirou às 10:40 da noite — ou seja, às 22:40 — de 3 de abril de 1884 [3], que naquele ano era a quinta-feira da semana de Paixão — a Semana Santa. Tinham já sido celebradas as primeiras vésperas da festividade das Sete Dores de Maria Santíssima.

Não nutrimos nenhuma simpatia por aquela busca de perfeição hagiográfica segundo a qual um santo deve morrer de modo ideal no dia mais adequado à sua espiritualidade. Resta o facto de que o padre Luigi morreu na jornada litúrgica dedicada às dores da Virgem. Repensemos então naquele quadro da Virgem, com o coração trespassado pela espada, que se impressionou nos olhos do pequeno Luigi desde quando, menino, começou a frequentar a igreja de Santa Maria Maddalena; naquele quadro que ele resgatou, junto com o do Coração de Jesus, do confisco estatal de 1867. Lembremos quanto ele recomendava às irmãs a devoção à Addolorata, elencando as quatro graças que ela concede aos seus devotos: um arrependimento perfeito das culpas; a paixão de Jesus impressa na mente e no coração; a eficácia da proteção de Maria; um ato perfeitíssimo de amor antes de expirar. Os *"Cenni biografici della vita edificante delle nostre amate consorelle"*, que citámos várias vezes, dizem da irmã Cherubina Voncini:

« *Como todas as nossas mães anciãs, nutria uma ternísima devoção à Addolorata. Cada dia recitava a coroa das sete dores e experimentou depois na morte efeitos do todo especiais; entre outros, um ato perfeitíssimo de amor a Jesus que lhe tirou a vida e a levou diretamente ao santo Paraíso.* »

Se isto se pôde dizer da filha espiritual, não terá acontecido também com o Pai que a tinha educado?

Quando na manhã de 4 de abril, às cinco e meia, soou a campainha da alvorada no colégio da Providência, a voz « *O Pai morreu, o Pai morreu!* » espalhou-se num relâmpago. « *Quantas lágrimas à morte do Pai no nosso colégio! Era um dilúvio!..* »; assim recordava ainda a senhora Margherita Bellò, viúva Gremese, em 1934. Ela tinha sido ali acolhida órfã em 1874, a pedido do pároco de San Quirino monsenhor Carlo Filipponi, caríssimo amigo do padre Scrosoppi, quando tinha apenas cinco anos; e ali permaneceu ainda um ano após a morte do fundador.

Ecos da morte do Pai

No mesmo 4 de abril a superiora geral e as irmãs da Providência difundiam na cidade uma folha com o anúncio da morte e o horário das exéquias:

« *A função fúnebre terá lugar no oratório das Desamparadas às 10:00 da manhã e o transporte para a sepultura às 14:00 de 3 de abril.* »

Entretanto monsenhor Antonio Feruglio apresentava um requerimento oficial à prefeitura, acompanhando-o com a certidão médica do doutor Mander, para obter a

[3] A hora da morte consta no anúncio fúnebre impresso das Irmãs da Providência. Isso contradiz o que lemos em Tinti, que geralmente é bem informado e preciso. O erro provavelmente pode ser explicado: o autor confundiu a hora da morte com a hora da entrega do telegrama contendo a bênção pontifícia, recebido em Udine às 23h35, conforme consta no formulário (A.L.S., arquivo 1, doc. 28), mas entregue posteriormente, com a circunstância agravante de 3 de abril ainda vigente, que deveria ter sido substituída por 4 de abril (L. TINTI, o.c. 236).

permissão de trasladar para Orzano o cadáver do padre Luigi, segundo o seu desejo de « *ser sepultado na capela anexa à sua vilinha, tratando-se justamente de localidade isolada e de capela não aberta ao culto público* » (decreto de 3 de abril).

A imprensa citadina fez-se porta-voz do pesar e da veneração universal. O quotidiano católico *"Il Cittadino Italiano"* dava o anúncio da morte com um destaque excepcional, na primeira coluna da primeira página.

« *A cidade — dizia entre outras coisas — perdeu um grande benfeitor, o clero um exemplo esplêndido de virtudes sacerdotais, e a história do Friuli registrará o seu nome ao lado dos de Filippo Renati, do padre Micesio, do cónego Tomadini, de padre Carlo Filaferro. Por isto a memória do padre Scrosoppi será sempre bendita. Se por um lado é de conforto dirigir-se para os túmulos venerados e dobrar sobre eles o joelho, é por outro lado doloroso que os despojos mortais deste santo homem, em conformidade com os seus desejos expressos, devam ser trasladados para longe da cidade: seja feita a sua vontade.* »

Este último passo exprime claramente o desgosto de muitos cidadãos pelo facto de os despojos deste santo homem não ficarem em Udine, onde teriam podido venerar o seu túmulo. O mesmo jornal, depois, nos números sucessivos de 8 e 9 de abril, dedicava à primeira página mais de seis colunas para uma breve biografia do Pai escrita por Dom Ferdinando Blasich, texto que foi depois publicado como opúsculo.

Os dois quotidianos liberais, "*La Patria del Friuli"* e *"Il Giornale di Udine"*, falaram também eles com uma certa amplitude quer da morte quer do funeral. O primeiro, a 4 de abril, sob o título *"Um Benfeitor do Povo"*, escrevia:

« *Dedicou a inteira vida a vantagem da beneficência; e sem contribuições financeiras nem da câmara municipal de Udine, nem da província nem do Estado, manteve e educou as órfãs do povo, que quase cada ano chegavam ao número de quatrocentas... O que é bem, quem quer que o faça e de qualquer impulso seja movido, merece sempre o aplauso e a gratidão, e é justamente por isto que, não obstante as mudanças das leis e dos costumes, o instituto do padre Scrosoppi foi respeitado, e o povo de Udine se afeiçoou a ele, como já acontecido com o instituto dos órfãos de monsenhor Tomadini.* »

Não era fácil, naqueles tempos, receber elogios maiores num jornal liberal, visto que o padre Luigi tinha tido um "*defeito*" para eles imperdoável: tinha sido um padre, um santo padre.

Muito mais solene foi o artigo do outro quotidiano liberal, Il Giornale di Udine; e embora o seu tom nos ressoe hoje um pouco insólito, consideramos deveras reportá-lo quase integralmente:

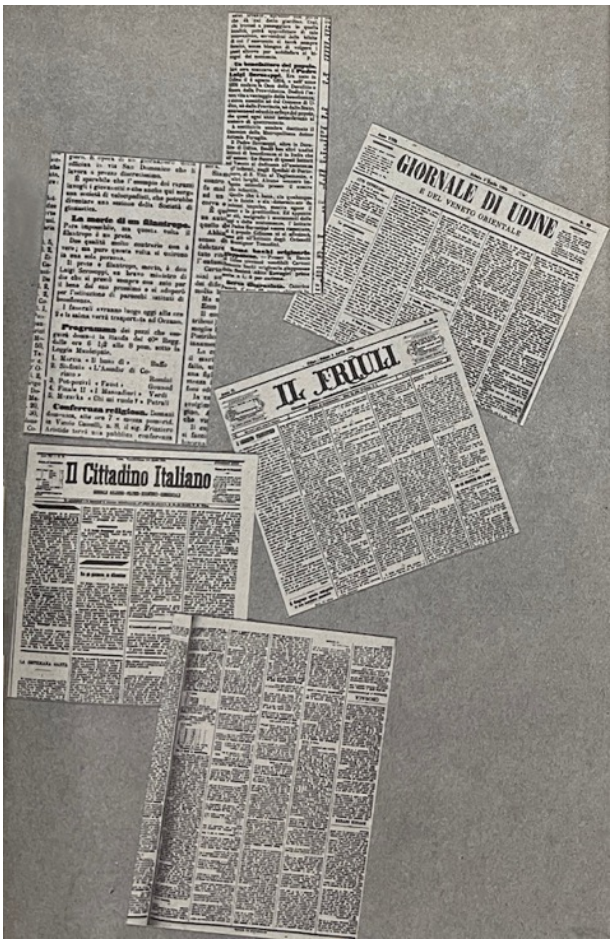
« *Oitenta anos gastos no exercício da caridade para com os irmãos infelizes difundem sobre o túmulo de um homem o perfume de uma terna e todavia sublime grandeza, e a ideia pela qual no peito daquele homem ardeu tão alto ardor de piedoso amor, é uma ideia viva, potente e para manter, como cada elemento de civilização, na mais profunda veneração. O padre Luigi, sacerdote e homem de tempos mais serenos que os nossos, recolheu como um espelho côncavo, num único foco — o da caridade — os raios das muitas relações que aparecem entre os dois mundos, o infinito e o finito; foi uma síntese e teve a energia prodigiosa que da síntese sempre deriva.*

Homem singular e insigne pela compacidade de todas as forças inatas e adquiridas num núcleo homogéneo, do ponto de vista da sabedoria humana não teria contudo podido abraçar os homens com um olhar de amor; fê-lo em contrapartida do de Deus, amor universal e princípio e fim de cada grande empresa. São raros por desgraça os sacerdotes como o bom velho apenas defunto; mas a espécie não abunda nem de outros que lhe semelhem, visto que, ao menos frequentemente, a caridade converteu-se, no templo e fora, uma especulação hipócrita e facciosa... »

De acordo, havia veneno na cauda! Mas justamente por ser proveniente de tal púlpito, é ainda mais significativa a bela definição de Scrosoppi como « *síntese de divino amor.* » Destacámos nós algumas frases para fazer ressaltar o retrato espiritual do Pai, deveras incisivo, traçado por uma pena laica e declaradamente anticlerical.

O jornal Il Friuli, que o Blasich insere entre os definidos como ímpios, publicava a 5 de abril o artigo A Morte de um Filantropo:

« *Parece impossível, mas desta vez o filantropo é um padre. Duas qualidades muito contrastantes, não é verdade? E todavia desta vez uniram-se numa só pessoa. O padre e filantropo defunto é Dom Luigi Scrosoppi, um bom ministro de Deus, que se prestou sempre com zelo pelo bem do próximo e se dedicou para a fundação de diversos institutos de beneficência.* »



Os jornais que reportavam a notícia
da morte do padre Luigi.

A 7 de abril dava depois uma detalhada notícia dos funerais começando assim:

« *Os funerais do chorado Dom Luigi Scrosoppi foram uma verdadeira demonstração de afeto e de estima* », acenando a um número infinito de cidadãos que tomaram parte neles.

Não falou dele em contrapartida o quinto quotidiano da cidade, *Il Popolo*, se não num artigo polémico de 9 de abril pela falta de participação nos funerais das autoridades governamentais — isto é, o prefeito e o chefe de polícia. Não falou dele sustentando que era notório a todos — welfare *lippis et tonsoribus* — que os padres, mesmo sob o manto da caridade, trabalham sem cessar para enfraquecer o Estado unitário — isto é, o edifício nacional —, e que o Papa — isto é, o prisioneiro do Vaticano — lembra vezes demais aos fiéis as próprias posições. Na mesma esteira colocou-se o periódico local Florean dal Palazz e, de modo mais vulgar, *"L'Esaminatore Friulano*" do apóstata Vogrigh, o qual concluía:

« *Se Scrosoppi mereceu bem junto do partido clerical, ninguém se opõe que o seu partido lhe renda grandes honras fúnebres; mas pretender que a câmara municipal faça de ombro aos clericais é uma pretensão um tanto original.* »

Quem não se uniu à exaltação geral fê-lo portanto por uma clara escolha de hostilidade política.

A grande massa dos udinenses, porém, com o senso prático e agudo típico do povo, raciocinou aproximadamente assim:

« *O padre Luigi foi um clerical? Que outra coisa podia ser? Ficou fidelíssimo ao Papa? Era o seu dever. Mas quantos órfãos acolheram e mantiveram esses jornalistas? Ele sim.* »

E aos seus funerais acorreram em número infinito.

Os funerais do padre Scrosoppi

Cedemos ainda a palavra a monsenhor Tinti:

« *Na manhã de sábado 5 de abril, na igreja de São Caetano adjacente ao coro do instituto, depois da recitação do Ofício dos defuntos executada pelas irmãs da Providência e pelas raparigas acolhidas na Casa — isto é, as educandas desamparadas —, o próprio vigário geral monsenhor Domenico Someda celebrou a santa missa. Antes da última saudação ao cadáver, com aquele calor comunicativo que tanto o distinguia, pronunciou breves mas espontâneas e comoventes palavras de elogio do Pai desaparecido; ao dar o adeus ao caixão, exprimiu a esperança comum que aquela alma bendita estivesse já entrada na fila dos santos.* »

« *Perto das duas da tarde seguiu o transporte do cadáver para Orzano, nas proximidades de Cividale, onde o Pai tinha já estabelecido ser sepultado; o acompanhamento ao funeral foi solene e extraordinário.* »

« *Abriam o cortejo os órfãos do Instituto Tomadini, o Patronato de São José de Cividale com a bandeira listada de luto, o Patronato do Espírito Santo de Udine com a fanfarra, que alternava as tristes melodias ao canto do Miserere e à recitação do santo rosário,*

os sacerdotes da confraria de São Pedro apóstolo e muitos outros membros do clero da cidade. À guia da procissão encontrava-se o pároco do Carmine, em cujo território paroquial se ergue a Casa das Desamparadas. »

« *Atrás do caixão, levado aos ombros pelos seminaristas, seguiam o presidente da câmara conde de Gropplero, os representantes do arcebispo, do cabido da catedral, dos párocos da cidade, del seminário, do colégio Giovanni da Udine e dos institutos Renati, Zitelle e, por última, uma longa fila de irmãs da Providência e de órfãs com as velas acesas, as Rosanies e o Jardim de infância da Imaculada.* »

O Tinti incorre aqui num erro. O presidente da câmara de então, com efeito, era o conde Luigi de Puppi, que participou na cerimónia a título pessoal. Ao seu lado, o jornal Il Friuli lembra « *o conde Antonio Trento, o nobre Niccolò Mantica, vários empregados do monte de piedade, os representantes da congregação de caridade — estes também não em veste oficial — e outros institutos de pública beneficência da cidade e da província.* »

O mesmo quotidiano define « *digno das virtudes excelsas do defunto* » o elogio fúnebre feito por monsenhor Someda.

« *O cortejo, sem fausto nem barulho do mundo, procedia da rua do Seminário para o largo do Arcebispado e, tendo entrado na rua Tomadini, dirigia-se para a porta Pracchiuso; chegado ao ponto em que o caminho de ferro atravessa a rua que conduz a Cividale, o cortejo dissolvia-se.*

A opinião pública e a imprensa liberal, que também tinha anunciado a morte de padre Luigi Scrosoppi com expressões de respeito, lamentavam justamente algumas ausências não justificadas.

E de facto, entre os presentes ao funeral deplorava-se vivamente que a própria câmara municipal não se tivesse feito promotora de honras solenes para o padre Luigi, tanto benemérito da pátria de Friuli; notava-se além disso com dor a ausência das autoridades civis, enquanto que em outras circunstâncias se decretaram honras solenes e se participou com grande fausto nos funerais de pessoas célebres apenas por um ódio inconsiderado para com o catolicismo. Nenhum reconhecimento oficial, nem sequer o carro fúnebre foi concedido ao sacerdote que tinha consagrado todo o seu património e a si mesmo à classe mais necessitada do povo. A própria congregação de caridade, que tinha várias vezes beneficiado dos auxílios do padre Luigi, não enviou os seus próprios representantes oficiais aos funerais. Tristes sinais de uma época em que o espírito de fação ou de seita domina infelizmente as muitas instituições da sociedade moderna!»

Uma primeira forte crítica contra esta deplorável ausência « *oficial* » foi movida a 5 de abril por *"Il Cittadino Italiano"*. Mas bem mais duro foi um artigo de Niccolò Mantica aparecido no "Il Giornale di Udine" a 7 de abril com o título "Ingratidão oficial", que foi depois reproduzido pelo "*Cittadino"*. Tratava-se de um artigo muito picante. Eis aqui alguns passos dele:

« *Os representantes do governo, que, de boa ou má vontade, se inclinam diante do largo e dos seus representantes, não souberam ou não quiseram render homenagem a um homem tão benemérito da pública caridade da cidade? Ou tiveram medo de fazê-lo porque o defunto era um padre? O governo nacional, que distribui honras a todos os*

que as pedem, e também aos mais modestos que se as fazem pedir, não se lembrou de que em Udine existia um padre Scrosoppi.

Mas o padre Scrosoppi operava continuamente, fornecia cada dia instrução a 396 mentes e alimento a 396 bocas; não tinha tempo de fazer publicidade com tagarelices nos largos, nos teatros ou nas salas, ou com polémicas nos jornais, e portanto tal vez muitos dos modernos críticos severos não sabiam sequer da sua existência! Contudo o governo teria devido saber ao menos, anteontem, que o padre Luigi Scrosoppi era diretor do Instituto das Desamparadas; mas infelizmente demonstrou-nos não saber nem sequer isto. É este o modo de educar as massas? Pela nossa parte deploramos vivamente tanta negligência como um dos muitos tristes, tristíssimos sinais dos tempos. »

Ninguém ousou replicar diretamente a Mantica; antes bem, *"La Patria del Friuli"* uniu-se à sua crítica. Mas *"Il Popolo"* e alguns periódicos, como já acenado, fizeram disso a ocasião para uma polémica que envolveu um pouco tudo, esquecendo porém o argumento principal, isto é, os méritos sociais do Pai. Falámos destas « *baixezas* » por dever de crónica histórica, para restituir o clima da época e também — por que não? — como um aviso. A história, em efeito, frequentemente repete-se...

O enterro em Orzano

Ao dissolver-se o cortejo, o caixão foi colocado sobre um carro agrícola e, com o acompanhamento de algumas Irmãs da Providência e órfãs abandonadas, às quais se uniram algumas raparigas do oratório festivo e a banda musical do *Patronato de Santo Spirito*, o reverendíssimo monsenhor Antonio Feruglio e o sacerdote Luigi Costantini puseram-se em viagem em direção a Orzano. Além da ponte sobre o ribeiro Torre veio ao seu encontro o vigário cura de Remanzacco; rogando e chorando com tristeza, no silêncio da natureza e sob um céu que se cobria de ligeiras nuvens, como se quisesse participar no sofrimento comum, chegaram à aldeia de Selvis.

« *Aqui apresentaram-se os dois capelães de Orzano com os confrades do Santíssimo Sacramento em capa curta vermelha; aqui e acolá ouviam-se os som lúgubres das campanas e acudiu muita gente das campanhas e dos contornos que, às centenas, se apressava a render o último tributo de amor ao padre Luigi.*

O espetáculo tornou-se comovente: mulheres e raparigas em fila com as velas e com o rosário na mão; homens e jovens que tinham interrompido a sua labor nas campanhas e fechado as suas casas para unir-se ao séquito. Sem exagerar podem-se calcular milhares de pessoas. O caixão foi tirado do carro e levado aos ombros pelos mais robustos e, deste modo, por cerca de dois quilómetros desenrolou-se um novo e igualmente devoto enterro até à igreja da curadoria de Orzano.

Esta não estava certamente em condições de conter uma multidão semelhante; e enquanto no interior do edifício se cantavam as vésperas dos defuntos e as orações exequiais, o povo fora da igreja, assombrado e comovido, participava devotamente no rito sagrado.

O enterro pôs-se logo de novo em caminho em direção à igrejinha da Beata Virgem de Loreto, próxima da casa das irmãs. O caixão foi depositado em terra, pero aquela gente

não lograva desprender-se daquele precioso caixão. Então o sacerdote Costantini, de compleição vigorosa, subiu sobre um estrado para ser visto e ouvido por toda aquela multidão e falou com a eloquência do coração a respeito do espírito de oração, de penitência, de humildade e de caridade que tinha animado o padre Luigi Scrosoppi no longo decurso da sua muito laboriosa vida, para concluir com as palavras do Evangelho: Dei-vos com efeito exemplo, para que como fiz eu, façais também vós (Jo 13, 15). »

O sacerdote Costantini podia bem falar da penitência do Padre, visto que tinha tido a sorte de tirar-lhe o cilício e de recolher muitos outros instrumentos com os que ele castigava severamente o seu próprio corpo. O discurso de Costantini não era uma oração fúnebre preparada, mas um rápido torrente de sentimentos e de pensamentos ditados pelo coração de quem tinha estado ao seu lado por três meses consecutivos. O orador comoveu-se desde as suas primeiras palavras; abundantes lágrimas sulcavam o seu rosto aflito e transmitiu um sentido tal de emoção a toda a multidão que se levantou um pranto e um lamento universais. Todos desejavam tocar e beijar o caixão que continha os venerados restos do padre Luigi, até que este foi depositado no lugar em que ele mesmo se tinha preparado o túmulo.

Ele, tão devoto da Santa Casa de Nazaré, quis que os seus restos mortais descansassem numa pequena capela modelada sobre a Santa Casa de Loreto. Fica agora o desejo de que esta pequena igreja das irmãs em Orzano possa ser brevemente aberta ao culto, realizando o vivo desejo expresso em vida pelo padre Luigi, o qual dizia querer fazê-la benzer por três bispos.

Naquele dia, e não distante, em que se possa celebrar nela o santo sacrifício do altar, quanto exultarão as irmãs e as raparigas, e lhes sorrirá desde o Céu o bendito pai fundador!

A igrejinha da Virgem de Loreto de Orzano foi benzida e aberta ao culto na segunda-feira 18 de outubro de 1897, festa de san Lucas, pouco mais de um ano depois da publicação da biografia escrita por Tinti.

A bênção foi transmitida por monsenhor Antonio Feruglio, então bispo de Vicenza, na presença de monsenhor Pietro Antivari, bispo titular de Eudoxíade e vigário geral de Udine, e de monsenhor Francesco Isola, bispo de Concordia. Ao canto do Te Deum na função da tarde o arcebispo de Udine, monsenhor Pietro Zamburlini, interveio também. Na crónica da celebração reportada por "*Il Cittadino Italiano"* de 21 de outubro, o padre Luigi é definido « *o santo fundador da Casa das Desamparadas e da congregação das Irmãs da Providência* »; diz-se que por aquele rito sagrado « *a alma do padre Luigi exultou certamente de alegria no céu* » e sublinha-se que os quatro bispos quiseram honrar com a sua presença a memória bendita do padre Luigi.

Para a ocasião imprimiu-se um soneto, do qual reportamos os tercetos finais:

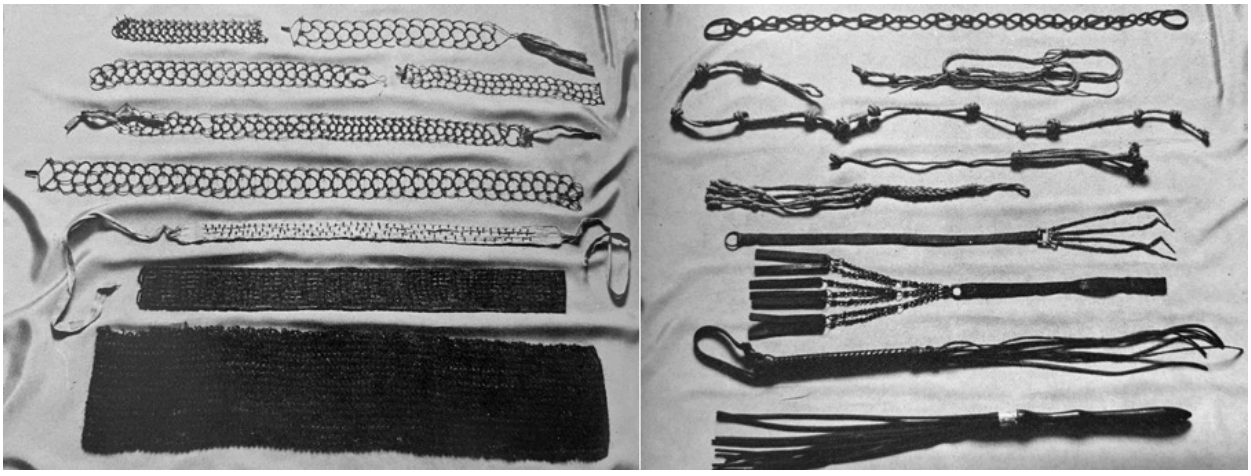
« *Quando sobre o altar (e é chegado o dia)*
se oferece a hóstia de paz, e a sua morada
perene fará nesta humilde estância,
sobre vossas irmãs e as órfãs então
benigno desce e pairando ao redor

ensina como no Céu a Jesus se adora. »

Sobre o túmulo de Orzano foi além disso colocada uma lápide com uma inscrição latina destinada a transmitir à posteridade a afetuosa recordação das irmãs e das órfãs pelo seu pai protetor.

Santos recordações

« *Com um pensamento delicado — escreveu Tinti — as excelentes irmãs recolheram numa urna de vidro diversos objetos pertencentes ao seu venerado Pai, que mostram claramente uma pobreza e uma piedade iguais ao seu heroico espírito de mortificação. A urna é conservada no oratório privado das irmãs em Orzano e contém, entre os outros, os seguintes objetos dignos de nota: o cordão de são Francisco, um espartilho com três largas varetas, uma cintura de áspero cilício, três disciplinas de corda, uma disciplina de couro, uma disciplina de ferro com bolinhas de chumbo pontiagudas, uma grossa cadeia de ferro para cingir-se os flancos, dois ganchos de ferro, os seus habituais livros de devoção, sobre os que tinha escrito a sua frase predileta: Operar - Padecer - Calar, e algumas imagens sagradas que trazem os sinais dos beijos devotos que tinha impresso nelas.* »



Instrumentos de penitência do Padre Luigi

Perante aqueles instrumentos de penitência, um não pode deixar de comover-se e estremecer-se, pensando que o pai fundador os utilizava com alegria de espírito, como se fossem instrumentos de prazer, e que enquanto lhe laceravam as carnes lhe davam um consolo inefável! O venerado Pai imitava são Paulo que exclamava:

« *Quando sou débil, é então que sou forte* » (2 Cor 12, 10).

Eis aqui o grande segredo que enriquece com as graças mais seletas as almas santas: a mortificação dos sentidos e a da própria vontade!

A morte do pai fundador foi sentida profundamente por toda a congregação religiosa, e choraram-no com lágrimas sinceras as órfãs inocentes que tanto amavam o seu terno pai Luigi.

Em todas as casas da congregação celebraram-se solenes enterros em oração pelo defunto e em Portogruaro, onde desde 1837 teve lugar a sua primeira fundação das irmãs no hospital da cidade, foi celebrada uma merecida função ao trigésimo dia na próxima

igreja de são João Evangelista, com a participação de muita gente, do clero e das autoridades administrativas e municipais guiadas pelo digno presidente da câmara Francesco dos marqueses Fabris; foi além disso publicado o elogio fúnebre lido por quem tem agora a grata tarefa de escrever estas memórias.

Da mesma maneira, em todas as casas da congregação celebra-se com solenidade o aniversário da morte do sempre amado e lembrado pai fundador, a respeito do qual é convicção comum que é mais oportuno encomendar-se à sua intercessão, antes do que pensar que ele tem necessidade de orações de sufrágio.

A PEDAGOGIA DO SACRIFÍCIO

Este subcapítulo quer integrar a obra original de monsenhor Biasutti com o objetivo de oferecer uma chave de leitura moderna a práticas ascéticas que o tempo tornou difíceis de decifrar. O intuito é desvelar como o rigoroso caminho da penitência era a raiz invisível da inabalável laboriosidade e da resiliência apostólica de são Luigi.

APL – Amigos do padre Luigi

Se Biasutti, com a sua indiscutível honestidade intelectual, não passou sob silêncio o uso que o padre Luigi fazia de ásperos instrumentos de mortificação, a nós, modernos estimadores deste Santo, cabe a tarefa de enquadrar estas práticas não como uma escura herança do passado, mais como uma necessidade surgida de uma força de ânimo fora do comum.

Perante o cilício, as disciplines e aquelas « *cordas às mãos e aos pés* » que o Padre anotava nos seus propósitos de 1856, a sensibilidade moderna pode experimentar um movimento de desconforto. No entanto, para o padre Luigi, pôr a própria carne a prova não era um fim, mas antes uma necessidade e, sobre tudo, um rigoroso treino do espírito.

Longe de ser uma anomalia, a ascese do padre Scrosoppi coloca-o numa fila de santos universais que viram no corpo o « *irmão asno* » por educar para servir melhor o espírito. Ele caminhava sobre as pegadas de são Francisco de Assis e de são Inácio de Loyola, de quem aprendeu o « *terceiro grau de humildade* » : não só aceitar o padecer, mas desejá-lo ativamente para ser uma « *verdadeira cópia* » de Jesus crucificado que tem sabiamente aceitado a cruz. É a mesma "*ciência da dor*" que encontramos de novo em figuras próximas de nós como são Pio de Pietrelcina, santa Teresa de Calcutá ou são João Paulo II, os quais têm partilhado fisicamente o peso da Cruz para arrancar almas ao mal.

A reflexão que hoje emerge com força é que a imensa tarefa de pôr em pé e reger doze obras titânicas para os mais pobres — a partir da primeira e mais imponente : a Casa das Desamparadas — exigia uma têmpera de aço. O padre Luigi não recuava nunca perante o impossível. As suas penitências eram o « *campo de treino* » que lhe permitia :

Afrontar a fadiga física e a humilhação : quem sabia calar perante as mordeduras del cilício, sabia também sorrir depois de ter recebido uma bofetada durante a « *coleta* » ou depois de uma jornada passada fazendo de servente para os pedreiros da casa.

Vencer o medo da morte : a prontidão heroica mostrada na Sexta-Feira Santa de 1848, quando recolheu os feridos sob o tiro das unidades de artilharia, não nasceu do nada, mas de um homem já habituado ao sacrifício diário.

Abandonar toda a justificativa : ali onde outros sacerdotes, embora doutos e piedosos, viam « *impossibilidades materiais* », Luigi respondia com a força de quem tinha aprendido a superar cada obstáculo e a não buscar comodidades para si mesmo, com tal de dar o pão às suas « *queridas alminhas* » e atingir os seus objetivos de doação total.

« *Fazer, Padecer, Calar* » : o célebre trinómio scrosoppiano encontra aqui a sua síntese perfeita. O « *Fazer* » (a laboriosidade incansável) e o « *Calar* » (a humildade do ocultamento) estavam sustentados pela capacidade de « *Padecer* ». Os instrumentos de penitência eram a "*armadura*" que o tornava forte precisamente quando as dificuldades eram o prelúdio de uma rendição.

Hoje, como filhas e amigos do padre Luigi, não deveríamos olhar aqueles instrumentos com vergonha, mais como a "palestra" de um "atleta da Caridade" que soube treinar o seu próprio coração e o seu próprio corpo a não se deter nunca perante a necessidade do último, do pobre e do sofredores. Se são Luigi foi um gigante da ação social, é porque foi antes de mais nada um exemplo de silêncio e de sacrifício.

Esta "*pedagogia do sacrifício*" encontra o seu protótipo absoluto não só no mistério da Cruz, mas no caminho humano de Jesus mesmo. Antes de começar a sua missão pública, o Cristo escolheu deliberadamente afrontar os quarenta dias de jejum no deserto — isto é, uma experiência que a nível humano vai bem além dos instrumentos de penitência dos mais grandes e conhecidos santos. Aquela experiência não foi um parêntese passivo, mas uma escolha estratégica de "*combate espiritual*" : Jesus quis submeter a sua natureza humana à prova extrema da fome e da solidão para vencer em nós, e para nós (através do seu exemplo), as tentações fundamentais a que cada homem está sujeito.

No deserto, Jesus derrota o "*pai de todo o egoísmo*", rejeitando os afagos da posse (transformar as pedras em pão), do poder (o domínio sobre os reinos do mundo) e do sucesso (a espetacularização do divino). Ele demonstra que o "*domínio sobre o próprio corpo e sobre as próprias pulsões*" é a condição indispensável para a verdadeira liberdade.

Neste sentido, as penitências do padre Luigi são a sua pessoal ritualização do "*deserto*". Ele compreendia que o Egoísmo é a raiz de toda a maldade humana e o principal obstáculo à Caridade. São Luigi sabia que, para servir os últimos sem reservas, devia primeiro vencer em si mesmo os afagos do bem-estar e das comodidades.

Enquanto outras tradições — desde as orientais dos iogues até às laicas dos Estoicos — têm buscado o domínio do corpo para alcançar o equilíbrio interior ou a ataraxia — isto é, a imperturbabilidade —, no padre Luigi este "*treino ao sacrifício*" tem uma meta bem precisa : a identificação com o Cristo que escolheu primeiro o deserto e depois a cura.

Não se trata de masoquismo, nem de um desafio fim em si mesmo contra a biologia, mais de uma transcendência do Eu. Como o maratonista afronta a dor para atingir a meta, ou o cirurgião suporta horas de fadiga para salvar uma vida, assim Luigi Scrosoppi "*treinava*" a sua humanidade. Se foi capaz de afrontar o impossível e de nunca recuar perante a miséria das suas "*desamparadas*", é porque já tinha vencido a batalha mais

difícil : a batalha contra o próprio "*ego*" egoísta, no silêncio de uma cela, entre o cilício e a oração.

Ele ensina-nos que não há verdadeiro "Fazer" (ação social) que não seja nutrido por um profundo "Padecer" (capacidade de sacrifício) e protegido por um humilde "Calar" (vitória sobre a vaidade).

Em ele, a penitência não é sombra, mas a fonte luminosa de uma Caridade que ainda hoje, depois de quase dois séculos, continua a aquecer o mundo.

As celebrações para o trigésimo dia

Devemos agora regressar um passo atrás e dizer algo a respeito das solenes honras rendidas ao Pai no trigésimo dia do seu desaparecimento.

A 3 de maio "*Il Cittadino Italiano"* saiu em edição especial, com uma forma gráfica nunca utilizada para ninguém, si não para os arcebispos da cidade. Toda a primeira página estava ocupada por um retrato de Antonio Milanopulo, que reproduzia a venerada imagem do padre Scrosoppi.

Desde segunda-feira, 28 de abril, por ordem das autoridades diocesanas, o Vigário Forâneo de Udine, Monsenhor Della Stua, estava reunido nos escritórios da Cúria, o cónego honorário e vigário da catedral monsenhor Zucco, o doutor Vincenzo Casasola, o conde Federico Trento, o senhor Pasquale Fior, o senhor Eugenio Ferrari e o muito reverendo Dom Novelli, como pároco mais ancião, para constituir um comité encarregado do objeto.

Eis aqui a relação reportada por Dom Ferdinando Blasich nas suas "*Note cronologiche ecclesiastiche"*:

« *Inicialmente escreveu-se à câmara municipal comunicando que se tinha constituído o comité, fazendo-se porta-voz do desejo comum dos cidadãos, mas especificando que se a câmara municipal de Udine tivesse assumido a iniciativa da celebração fúnebre, o comité se dissolveria. Visto que o presidente da câmara estava ausente, o cavaleiro de Girolami reuniu a junta para decidir, mas até ao dia 29 não tinha chegado resposta.*

O dia 1 de maio o comité reuniu-se de novo e foi lida a resposta da câmara municipal, que rejeitava a proposta oferecendo contudo uma doação de 300 liras. Então decidiu-se fazer imprimir o seguinte anúncio:

Segunda-feira 3 do corrente mês, em ocasião do trigésimo dia da morte do muito reverendo padre Luigi Scrosoppi do Oratório, às 10:00 da manhã, na veneranda igreja do seminário do arcebispado escolhida para a ocasião, uma solene função fúnebre será celebrada. O comité, composto por leigos e religiosos, que se fez promotor desta devida homenagem, confia que os cidadãos de Udine acorrerão numerosos para rogar pela alma do excelente sacerdote, que dedicou a inteira sua vida de 80 anos ao benefício da caridade da cidade. »

Udine, 10 de maio de 1884.

O Comité

« *No dia de 5 de maio, às dez da manhã, começou a função.* »

Blasich prossegue proporcionando-nos uma descrição minuciosa do cadafalso, do qual nos transmitiu inclusive um desenho a pena, e reportando as inscrições em latim colocadas nos quatro lados. Citamos alguns fragmentos da de volta para o altar-mor:

« *Desde os seus tenros anos caminhou sobre a linha direita, teve ao coração o decoro da casa de Deus, concluiu uma vida sem mancha* »; e da colocada para a entrada da igreja, dedicada ao padre Luigi:

« *Subtraído dos nossos olhos, nunca do nosso coração.* »

Tomaram parte na cerimónia — continua Blasich — o capítulo da catedral, os párocos da cidade, o arcebispo, o comité, todos os professores do seminário e alguns do colégio « Giovanni da Udine », os representantes dos institutos Renati, Zitelle, Dimesse, Tomadini e Micesio, as Irmãs da Providência e a secretaria da congregação de caridade. Depois das exéquias, monsenhor Elti (que ocupava o cargo de inspetor do asilo e era decano do capítulo), vestido de luto, leu a oração fúnebre e concluiu exprimindo o desejo de que, nesta época caracterizada por uma verdadeira mania pelos monumentos, se erija um também para Scrosoppi; este monumento, contudo, teria devido consistir na reabertura da igreja dos padres filipinos, à que o Padre estava profundamente ligado. Um desejo lindíssimo que contudo, segundo o juízo humano, estava destinado a ficar sem efeito — observa Blasich —, visto que daquela igreja não restavam mais do que os muros, tendo sido o coro interno ocupado para a construção de um edifício utilizado como quartel dos guardas de segurança pública.

Um análogo auspício foi expresso também por monsenhor Tinti no elogio fúnebre pronunciado em Portogruaro e posteriormente publicado.

« Eu vou dizendo: Paz, paz, paz! »

Se o padre Luigi estava tão agitado em seu leito de morte apenas para evitar ser fotografado, o que teria feito ou dito jamais perante todo aquele barulho e inclusive aos contrastes surgidos ao redor do seu caixão? Mas já ele se encontrava lá acima. Lá acima, onde uma das matizes da paz mais serena está constituída precisamente pelo sorriso desapegado para com as contendas da terra. « *Deus meu* — dirão os santos — *sabíamos que eram pequenas; mas tão pequenas.* »

Desde lá acima ele teria repetido, e repetiria ainda, a saudação habitual pronunciada no leito de morte:

« *Até à vista no Paraíso!* »

Porque é isto, ao fim, o que verdadeiramente importa.

APÊNDICE

1. O TESTAMENTO DO PADRE LUIGI SCROSOPPI

O padre Luigi morreu num estado de total pobreza evangélica.

A 25 de janeiro de 1879 ele tinha-se despojado de toda a posse em benefício da congregação das Irmãs da Providência; a partir daquele momento em diante, tinha-se considerado ao igual que um simples acolhido na Casa das Desamparadas, vivendo em tudo como as órfãs. Ele chegou a pedir por caridade inclusive a faculdade de utilizar os seus próprios vestidos, escrevendo que deixava que a divina Providência se ocupasse dele da mesma maneira em que tem cuidado de vestir as pessoas mais miseráveis.

No entanto, depois que a sua alma escolhida tinha atingido o céu, ficavam sobre a terra imóveis legalmente registrados no seu nome, mantidos em tal forma sobre tudo para conjurar os temidos confiscos governamentais.

Ele tinha planificado o destino de tais propriedades através de um testamento redigido a 28 de outubro de 1879, apenas dois meses depois do desaparecimento do seu irmão Dom Giovanni Battista, que o tinha nomeado seu próprio herdeiro.

O facto de terem transcorrido apenas dois meses é um sinal inequívoco da sua pronta e vigilante prudência.

Visto que o padre Scrosoppi não possuía parentes próximos de quem ocupar-se ou em quem confiar, viu-se obrigado a encontrar outras soluções para assegurar que aqueles bens fossem destinados a obras de beneficência.

O documento testamentário abre-se com a sigla S.L.G.C. — isto é, Seja louvado Jesus Cristo.

« *Em nome da Santíssima Trindade Pai, Filho e Espírito Santo, e depois de ter invocado o muito potente auxílio de Maria Santíssima, do patriarca são José e de todos os meus santos protetores, eu o abaixo assinado com este ato redijo o meu testamento holográfica — isto é, escrito do meu próprio punho. Com ele nomeio herdeiros universais de toda a minha substância, imobiliária e mobiliária, que deixarei ao momento do decesso o muito reverendo monsenhor cónego padre Antonio Feruglio de Giovanni, atualmente professor neste seminário do arcebispado, o reverendo padre Domenico Feruglio de Giovanni, seu meio-irmão, nascido da senhora Regina Cantoni, e o muito reverendo padre Luigi Costantini de Cristoforo, originário de Cividale.*

Em caso de que algum dos meus herdeiros indicados morresse antes de mim, ou se por qualquer outra razão não quisesse ou não pudesse aceitar a quota hereditária correspondente, estabeleço que esta seja atribuída ao muito reverendo padre Tommaso Turchetti do defunto Orazio, atual administrador desta mesa do arcebispado, e ao senhor Lorenzo Costantini de Cristoforo de Cividale. »

É evidente que tais herdeiros não recebiam os bens para uso pessoal, mas atuavam exclusivamente como fiduciários — isto é, pessoas encarregadas de gerir bens por conta de outros —, visto que tudo o que o Padre possuía estava destinado às suas obras de caridade. No entanto, naquele período a congregação das Irmãs da Providência não gozava do reconhecimento legal em Itália, e la Casa das Desamparadas arriscava precisamente naqueles anos terminar sob a administração do Estado. Era por tanto

necessário transferir as propriedades, de que ele resultava oficialmente titular, a pessoas privadas de absoluta confiabilidade, que garantissem o fim estabelecido das mesmas.

A 6 de fevereiro de 1884, a apenas quarenta dias do início da doença que o obrigou à cama, o Padre transferiu mediante ata notarial aos irmãos monsenhor Antonio e Dom Stefano Feruglio, e a Dom Luigi Costantini, diversas propriedades imobiliárias da sua pertença, entre as quais a Casa do Provimento, convertida mais tarde em internato.

No entanto, entre os bens da sua propriedade havia alguns de que já tinha disposto desde finais de 1875; tratava-se do que lhe tinha chegado em quanto membro da congregação filipina. Num caderno do seu próprio punho, ele estabelecia o seguinte:

« *Em caso de que esta venerável congregação não fosse reconstituída, o inteiro património será utilizado pela venerável igreja dos padres filipinos, dedicada a santa Maria Madalena, em caso de que esta fosse reaberta ao culto segundo as decisões do arcebispo em funções.*

Se depois não se realizassem nem a reconstituição da congregação nem a reabertura da igreja, as propriedades aqui indicadas, situadas no distrito de Portogruaro, constituirão um património eclesiástico perpétuo para o sustento de um seminarista pobre, sob a gestão da autoridade diocesana. Se o beneficiário dispusesse de outros meios para viver sem tais rendas, ele deverá respeitar o desejo do seu benfeitor destinando os produtos em favor da pobre Casa das Desamparadas, com tal de que esta última não esteja submetida à tutela pública; em tal eventualidade, os fundos irão diretamente às Irmãs da Providência.

Pelo que se refere em contrapartida aos capitais e a tudo o que aqui se descreve, se o restabelecimento do Oratório ou da igreja não ocorre, converter-se-ão em proprietárias as mestras da Casa das Desamparadas, hoje Irmãs da Providência, as quais, conhecendo as minhas vontades, serão rigorosas para pô-las em execução. O inteiro grupo das mestras será representado legalmente por um único indivíduo, que resultará como o proprietário efetivo do todo. »

Segue então a lista das posses desta quota ligada à ordem filipense. O Padre tinha comprado terrenos em Cimbo Campi e em Giai de Portogruaro por uma soma de seis mil liras austríacas; com toda a probabilidade tinha investido neles a doação deixada pelo defunto Pletti para a formação de um aluno entre os filipenses.

O Padre menciona além disso um crédito garantido por letra de câmbio de cinco mil liras austríacas para com o notário doutor Andrea Bassi. Desta soma, três mil liras foram restituídas antes de 1880 a Dom Francesco Fantoni, que as tinha emprestado, enquanto que a parte restante correspondente a ele devia confluir no fundo para o seminarista pobre; também este montante foi reembolsado em 1906.

Posteriormente trata do altar-mor da igreja dos filipenses, comprado em leilão por ele junto com os seus colaboradores habituais: Cernazai, Someda, Turchetti, Puppati, Fior e Luigi Zamparo. Menciona também alguns objetos litúrgicos, entre os quais os dois quadros do Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Finalmente registra até finais de 1882 a renda de seiscentas liras anuais que recebia do Estado em qualidade de ex-religioso filipino.

¡Pobre padre Luigi! Até ao momento da morte conservou a esperança de que a sua amada congregação pudesse renascer. Se é um dever sublinhar a meticulosa precisão com que anota o que corresponde ao âmbito filipino, é igualmente emocionante a sua honestidade ao incluir nisso inclusive a sua própria pensão estatal, como se não quisesse destinar aqueles bens à sua pobre casa mas a uma bolsa de estudos para um jovem aspirante a sacerdote. Em efeito, ao menos até ao período da Primeira Guerra Mundial, houve seminaristas que beneficiaram dela.

O testamento do Padre seguiu o seu caminho legal e fiscal natural e, no mesmo ano 1884, os herdeiros proveram ao pagamento de 2467,20 liras como imposto de sucessão.

2. FAMA DE SANTIDADE DO PADRE LUIGI

Pirilampo do bom Deus

Se também no âmbito da santidade somos inclinados a buscar gestos e factos extraordinários, isto é do todo conforme à nossa natureza sensível e facilmente impressionável. No entanto, não será a última alegria do paraíso ver brilhar, naquele lugar, com uma luz muito intensa almas que não tiveram, sobre esta terra, nenhuma notoriedade. O padre Luigi teria desejado ser uma daquelas: apenas um pirilampo do bom Deus.

Ao contrário, a divina Providência subtraiu-o de algum modo ao silêncio em que ele ansiou encerrar-se. Aquela mesma divina Providência na qual ele creu de uma maneira tão profunda.

As normas do direito eclesiástico estabelecem que não se possa falar de santidade, em sentido rigoroso e completo, salvo no caso do martírio, se não for para quem tenha exercido todas as virtudes em grau heroico e por uma determinada duração antes e até ao momento do decesso. Tal heroicidade deve ser deslindada não tanto nas manifestações externas, quanto na perfeita intensidade da união com Deus. A isto deve-se adicionar depois o selo divino dos milagres e a sanção oficial da Igreja, a fim de que alguém seja proposto como beato ou santo à veneração litúrgica dos fiéis.

O nosso venerado padre Luigi merece ser chamado um « *santo* » no sentido próprio e canónico do termo? Nós esperamos com confiança o juízo da Igreja. E nesta espera confiada confortam-nos duas constatações.

A primeira é-nos oferecida pelo estudo atento da sua vida. Ele não foi só o que se costuma definir um bom sacerdote, um excelente sacerdote, um santo sacerdote; mas muito mais. Outros que viveram ao seu lado e de perto merecem tais títulos; mas sobre estes mesmos ele emergiu como um gigante. Nem se distinguiu deles ou os superou porque instituiu obras de caridade ou porque fundou uma congregação religiosa; a brecha está determinada pela heroica e perene magnanimidade da sua dedicação a Deus. Permita-se nos citar de novo o juízo que dele deu o jornal anticlerical "*Il Giornale di Udine"*:

« *Foi uma síntese e teve a energia prodigiosa que da síntese sempre deriva. Homem singular e ilustre pela compacta integridade de todas as forças naturais e adquiridas* » que atingiu a sua « *terna e todavia sublime grandeza* » e ardeu com « *uma tão alta chama de piedoso amor, visto que extraiu da altura da sabedoria de Deus, amor universal e princípio e fim de cada grande acontecimento.* »

Se se raciocina sobre quem exprimiu tal elogio, sobre o período no qual foi pronunciado e sobre o seu conteúdo, perante o cadáver do Pai este ressoou aproximadamente desta maneira: se alguma vez houve um santo, este é-o.

A outra constatação provém da espontânea voz popular. Não está desprovido de valor o dito: « *Vox populi, vox Dei* » — isto é, a voz do povo é a voz de Deus. Considerado desde sempre um santo, à sua morte toda Udine e todos os que o conheceram não tiveram senão uma só voz: morreu um santo.

Não se tratou de uma aclamação de valor puramente emotivo e de significado genérico ou impreciso; ela foi ditada por uma clara convicção de que o padre Luigi fosse um « *santo digno dos altares.* »

Seja suficiente, entre todas, a declaração da irmã Osanna Tisot, enfermeira do fundador:

« *O seu cadáver foi revestido dos ornamentos sacerdotais, com a vestidura litúrgica negra, como de uso; e colocado numa caixa de zinco e de madeira. Foi exposto por dois dias na igrejinha do instituto; e muitíssimos vieram fazer-lhe uma visita, inclusive pessoas de consideração. Pelos dois dias houve esta aglomeração.*

Alguém chorava, alguém tocava lenços de bolso ou medalhas sobre ele ou outras coisas, como pequenos livros, etecetera. Teriam desejado levar também fragmentos da vestidura sacerdotal; mas as irmãs, encarregadas da vigilância, não o permitiam. Cortaram mechas do seu cabelo para guardar como relíquia, até que o caixão teve de ser levantado e o acesso bloqueado. Todos diziam que ele era um santo. »

Aquela precisão « *encarregadas da vigilância* » é verdadeiramente significativa. Portanto previu-se que os fiéis buscariam apoderar-se de cada coisa para obter alguma relíquia do Padre. Por tal razão foram colocadas irmãs como guarda. Mas não foi de auxílio. Foi necessário levantar o cadáver para protegê-lo daquela indiscreta devoção.

Já lembrámos como as irmãs contemporâneas do Padre relatavam que a ele, como por lo demais a muitos mestres espirituais, era habitual a máxima: santos sim, mas não de altar. Ela está dirigida contra um certo misticismo erróneo, não raro entre as almas religiosas, que empurra a atitudes singulares ou excepcionais, para não dizer extravagantes, fazendo esquecer a verdadeira substância da santidade; ela é, em breve, uma exortação à humildade, que da santidade é o sólido alicerce. É como se o Padre tivesse dito: sobre os altares os outros te colocarão, se suceder, depois da tua morte; agora tu pensa em varrer, em fazer a lavagem da roupa ou a cozinha, em assistir os doentes. No entanto, à santidade ele exortava continuamente as irmãs e a quantos se lhe aproximavam. Simplesmente, não queria ostentações. E não lhe agradava que la santidade aparecesse como algo misterioso e inalcançável. Para ele era um mistério de singeleza.

« *Querida filha — escrevia a uma superiora — adoremos as vontades do Senhor, e converter-nos-emos em grandes santos.* »

Ele, por sua conta, não tinha feito outra coisa durante toda a sua vida.

E nós estamos firmemente convencidos de que, por tal caminho, ele se converteu verdadeiramente num grande santo: precisamente tanto mais « *grande santo* » em quanto simplesmente e sinceramente santo, sem clamor e sem interrupção. Esta convicção, nascida de um estudo que durou dez anos sobre cada gesto do Padre até nos mínimos detalhes, é certamente profunda.

Mas uma série ininterrupta de testemunhos proclamou desde o princípio a santidade do mesmo com a força de uma pura imediatidade.

Citaremos apenas alguns deles.

A veneração dos habitantes de Orzano

A irmã Osanna Tisot, com a sua franca e viva singeleza, relatava o seguinte:

« *Dizia querer ser sepultado em Orzano para poder descansar com maior tranquilidade, longe do bulício, a fim de que ninguém se lembrasse dele: motivos que nós definíamos* "*tolices.*" »

Esta foi a única vontade pela qual ele manteve um firme e constante apego, ele que se tinha sempre mostrado indiferente e desapegado para com qualquer bem material.

Talvez, ao desejo de isolamento se unia a vontade de residir entre a boa gente das campanhas, que preservava ainda genuína a singeleza da fé e dos costumes cristãos. Sem dúvida ele nutria um profundo afeto pelos habitantes de Orzano e a muitos deles tinha confiado o desejo de ficar, uma vez defunto, no meio deles. Amava-os e era correspondido por eles. E quando os seus restos chegaram a Orzano, acolheram-nos como um dom sagrado que protegeriam com extremo cuidado.

O primeiro a testemunhar tais sentimentos foi o pároco de Remanzacco, sob cuja jurisdição caía então Orzano. Ao transcrever no *Liber Defunctorum* — isto é, o registro dos defuntos — o traslado do cadáver, ele preocupa-se de informar-nos de que a sepultura tinha sido concluída cinco anos antes, em 1879.

« *Falecido portanto — escreve em língua latina — o dia 3 do mês corrente às 22:40, hoje, acompanhado de um solene rito fúnebre e com profunda devoção, era acolhido pelos sacerdotes da paróquia e pelos fiéis de Orzano no meio de uma muito vasta participação de povo. Sempre de imenso exemplo moral, chegado à idade de oitenta anos e colmado de méritos, especialmente depois de cinquenta anos dedicados a uma fé sincera, a um fervoroso compromisso e a uma caridade sem limites para com inumeráveis órfãs, entregou a sua alma a Deus; alma que confiamos firmemente será contada entre os beatos e os santos.* »

O autor desta significativa anotação é o sacerdote Pietro Braidotti, nascido em Rubignacco de Cividale em 1832, convertido em vicário cura de Remanzacco em 1877 e nomeado em 1903 cónego residente de Cividale, onde se apagou a 6 de outubro de 1911. Ele conhecia o padre Luigi desde por pelo menos trinta ano e desde fazia cerca de sete anos tinha-o quase como o seu próprio paroquiano.

Ao padre Luigi foram atribuídas curas milagrosas em Orzano desde os primeiros dias. Narra-se que uma mãe obteve a cura do seu único filhinho depois de um tríduo de orações — isto é, três dias de devoção — celebrado para invocar a sua intercessão, entre a festividade de Páscoa e o 15 de abril de 1884. Cerca de um mês mais tarde, a 11 de maio, morreu um menino de apenas dezesseis meses e o pai foi tão afetado pela dor que tentou várias vezes tirar a sua própria vida. A mãe Eletta Valussi trasladou-se prontamente ao túmulo do Padre e rogou-lhe a fim de que obtivesse para aquele homem a resignação cristã. Naquela mesma hora o homem acalmou-se e no dia seguinte encontrou a força de acompanhar o seu filho à sepultura, mostrando-se tão sereno que maravilhou os seus conterrâneos que tinham testemunhado o seu desespero.

Não é aventurado suster que os habitantes de Orzano consideraram posteriormente o padre Luigi como um protetor particular deles no Céu, ao ponto de atribuir-lhe o mérito de serem poupados da saraiva ou de outras desventuras ligadas à agricultura. Teriam inclusive acendido velas sobre o seu túmulo ou teriam depositado ex-votos — isto é, objetos oferecidos por uma graça recebida — ali, se as irmãs não tivessem proibido.

A devoção dos habitantes de Orzano é plenamente compreensível tanto pelas modalidades como pela sua força. Ali influenciava em parte também o orgulho local: era um orgulho para eles serem os guardiões daqueles sagrados restos. No entanto, a veneração permaneceu intensa e constante também em Udine e em outras localidades.

Algumas testemunhas contemporâneas sobre a santidade do padre Luigi

Leva a data da festividade de santa Ângela Merici — isto é, 31 de maio de 1884 —, a dedicatória « *à santa memória do Padre Luigi Scrosoppi* », colocada ao início da segunda edição da obra « *La vita di San Filippo Neri* » de Alfonso Capecelatro, arcebispo de Cápua, publicada naquele ano em Milão. A dedicatória está subscrita com a sigla Padre G. L., a quem nós identificamos como o sacerdote Giuseppe Lange. Em tal escrito, em efeito, faz-se referência a Trento; e precisamente em Trento desempenhava o cargo de confessor das Irmãs da Providência o sacerdote Giuseppe Lange, nascido em Rovereto em 1827, o qual foi professor de história eclesiástica, de patrologia e de direito canónico no seminário de Trento.

Um insigne amigo do padre Luigi durante a vida, assim como sustentador depois do decesso da sua santidade, foi Dom Valentino Colomba, sacerdote do hospital de Udine, o qual se apagou a 30 de agosto de 1884. Ele tinha redigido o seu próprio testamento em favor do Padre; no entanto, tendo este último falecido antes dele e não tendo Colomba provido a modificar as suas próprias vontades testamentárias, o que restava do seu património foi atribuído aos herdeiros legítimos.

Inclusivamente a imprensa de orientação liberal o tinha em altíssima consideração. Quando ele caiu doente, o jornal chegou a publicar os boletins médicos diários sobre o estado da sua saúde. Além disso, como relata Blasich, ao momento da sua morte escreveu dele com o máximo elogio, se bem que não deixando de aproveitar a ocasião para manifestar o seu próprio desprezo para com o resto do clero, no entanto sem manchar de nada a memória do padre Luigi.

O jornal "*Il Giornale di Udine*" do primeiro de setembro de 1884 anunciava desta maneira a sua desaparecimento:

« *Ele faleceu. Dom Valentino Colomba, sacerdote do hospital, morreu. A sua existência assemelha-se ao som de um único fio — isto é, um instrumento de uma só corda —, mas da corda de ouro: a caridade. Ele fecha desgraçadamente a fila dos Bricito, dos Filaferro, dos Bergamaschi, dos Tomadini, dos Scrosoppi, sacerdotes de um Deus misericordioso e humano; autênticos apóstolos, para quem pregar o evangelho significava secar lágrimas e dar alívio aos tormentos.* »

Uma profunda veneração pelo padre Scrosoppi foi nutrida pelo senhor Eugenio Ferrari, que foi um dos principais representantes da nascente Ação Católica no território de Udine. Tal sentimento emerge, quase por contraste, de algumas das suas observações dirigidas a monsenhor Antonio Feruglio.

As comparações são sempre desagradáveis; e certamente ninguém teria podido suceder ao Padre obtendo a mesma estima e o mesmo afeto. Monsenhor Feruglio era uma figura extremamente digna por dotes e por espírito sacerdotal; pouco tempo depois, o novo arcebispo monsenhor Berengo nomeá-lo-á seu vigário geral e, oito anos mais tarde, ele será elevado ao cargo episcopal de Vicenza. Visto que, apenas o Padre houve expirado, o senhor Eugenio Ferrari encontra o modo de dizer-lhe:

« *considerei ter ainda vivo em você o padre Luigi Scrosoppi, cuja caridade demonstrada para com uma filha do senhor Giovanni Pupatti ele celebra, através daqueles atos de cuidado que só um autêntico pai poderia oferecer.* »

Monsenhor Feruglio, posteriormente, levou por diante a obra de caridade começada pelo padre Scrosoppi naquela circunstância.

O senhor Ferrari entrou em conflito com monsenhor Feruglio também a causa das pendentes financeiras ligadas às obras do Patronato de Santo Spirito. A 7 de abril de 1884 ele enviou-lhe uma carta com tons bastante agros na qual afirmava entre outras coisas:

« *Para ser um digno sucessor do padre Luigi, busque adquirir aquela confiança no Senhor da qual ele me falou nas suas últimas horas dizendo-me: "Guarda-te de realizar nem a menor ação que possa resultar desagradável ao Senhor, e pelo demais confia plenamente n'Ele.*" »

Não fazemos dificuldade em crer que monsenhor Feruglio não atingisse o nível de total abandono em Deus próprio do padre Luigi. No entanto, não é difícil imaginar que ele desejava restabelecer a ordem na administração, agindo não sem certa severidade. Talvez tinha havido quem se tinha aproveitado da extrema bondade del Padre.

Já numa comunicação a Dom Giovanni Dal Negro de 29 de setembro de 1883, ele manifestava a sua própria determinação com o objetivo de poupar um novo amargo e inútil desgosto ao excelente Padre, o qual certamente merece bem outra coisa que ser afligido.

Também monsenhor Someda, o qual em agosto de 1884, depois do decesso do arcebispo monsenhor Casasola, se tinha convertido em vigário capitular — isto é, administrador temporário da diocese —, teve a oportunidade de lembrar o seu amigo e penitente durante uma disputa entre monsenhor Antonio e Dom Costantini, causada

principalmente pela incompatibilidade entre Costantini e Dom Stefano Feruglio. O caso atingirá o cume a 6 de agosto de 1885, quando foram pedidas oficialmente, em nome de monsenhor Berengo, as demissões de Costantini do seu cargo de vice-diretor da Casa das Desamparadas; renúncia que foi apresentada dois dias depois. No contexto de tal divergência situa-se provavelmente uma carta de monsenhor Someda a Feruglio de 27 de dezembro de 1884, com a que lhe pede, na sua qualidade de vigário capitular, que se passe à nomeação de um administrador ou tesoureiro do instituto diferente de Feruglio mesmo. Monsenhor Someda começa a missiva com estas palavras:

« *A respeito da morte do nunca bastante louvado padre Luigi Scrosoppi, cofundador deste instituto de beneficência, esta autoridade diocesana, por decreto de 17 de abril do ano corrente, nomeava-o diretor do mesmo.* »

Cita-se estes detalhes não tanto porque possuam um valor em si, quanto porque demonstram como a recordação do padre Luigi reapareceu continuamente, rodeada de afeto e devoção, inclusive nas comunicações de negócios ou nos documentos burocráticos.

O conde Federico Trento, o advogado Vincenzo Casasola e muitos outros falavam dele constantemente como de um santo. E Dom Costantini, a quem a finais do ano 1885 voltamos a encontrar ligado por recíproca e total confiança a monsenhor Feruglio, tratava da santidade do fundador durante as suas pregações dirigidas às irmãs em Cormons.

Um peregrinação da mãe Strazzolini

A irmã Serafina Strazzolini tinha-se convertido em aspirante Irmã da Providência a 6 de maio de 1850; posteriormente ela desempenhou por duas vezes o cargo de superiora geral e foi superiora da casa de Udine desde 1855 até ao seu desaparecimento, ocorrida a 18 de março de 1889. Ela viveu portanto ao lado do Padre por trinta e quatro anos consecutivos e, provavelmente, ninguém teria podido conhecê-lo de maneira mais profunda.

Eis como os "*Cenni biografici della vita edificante delle nostre amate Consorelle"* reportam uma peregrinação sua perante o túmulo do padre Luigi, realizado a princípios de junho de 1885:

« *Em 1884, depois do decesso do venerável padre Luigi, pediram-se outras — isto é, a alusão à petição de irmãs para a recente fundação de Pergine. Foram tiradas da cozinha de Udine diversas irmãs, com profundo desgosto da responsável mãe Giacinta De Monte. Esta última trasladou-se com calma a queixar-se perante a mãe vigária — isto é, a substituta da superiora —, visto que não estava em condições de gerir o trabalho com a única noviça que lhe tinha ficado.*

Pobre mãe Giacinta, era de compreender, pois ele administrava uma cozinha extremamente exigente. Ela também tinha que desempenhar as funções de recepcionista; ou seja, preparar e servir café e outras bebidas aos visitantes e simpatizantes que acorriam ao convento, e o bom padre queria que eles fossem tratados com toda a consideração.

A pobre mãe vigária não sabia verdadeiramente a quem enviar-lhe. As irmãs tinham sido atribuídas a outra parte, tiradas das escolas, dos guarda-roupas e dos diversos ateliers. De maneira provisória colocou ao seu lado algumas órfãs, mas destas, como é óbvio, não podia ter uma total confiança.

Um dia trasladou-se à cozinha e disse à mãe Giacinta: Hoje traslado-me a Orzano para rogar ao padre Luigi a fim de que nos envie duas válidas e hábeis aspirantes para la cozinha; rogue você também, mãe Giacinta, ao bom Padre; estou certa de que outorgará a nossa petição.

Veremos — isto é, Viodarin —, respondeu a sempre franca mãe Giacinta.

A mãe Serafina costumava encomendar-se a ele constantemente, em cada necessidade, e quase sempre com um resultado favorável. Dito e feito, transmitiu a ordem a Beppo — isto é, Giuseppe Sebastianutti —, sapateiro do instituto e também cocheiro, de dispor imediatamente o transporte — isto é, brun — e o cavalo e partiu.

Chegada a Orzano, entrou logo na igrejinha, postou-se com os braços abertos sobre o túmulo do Padre, suplicou-lhe com lágrimas e rogos fervorosos que a socorresse; depois, sentindo-se assegurada, levantou-se, saudou as irmãs presentes e fez o seu regresso a Udine.

Pouco tempo depois apresentou-se na entrada uma jovem estimada que pedia entrar entre as Irmãs da Providência. Era o dia de são João Batista. »

O relato prossegue explicando como a admissão daquela jovem — Maria Conti, convertida mais tarde na irmã Annunziata — deveu ser adiada por um par de meses. « *Neste espaço de tempo — as Cenni reportam ainda — o padre Luigi enviou outra jovem, Nobile Rosa, uma válida criatura.* »

Aquele dirigir-se ao Padre em cada ocorrência e aquela peregrinação perante a sua sepultura demonstram claramente quão profunda era a fé na santidade do Padre por parte daquela que podia oferecer o mais elevado e seguro testemunho disso. Vemo-la ali, mãe Serafina, tendida com os braços abertos; vemo-la enquanto se levanta de novo confortada.

O cocheiro que a acompanhou naquela peregrinação, Giuseppe Sebastianutti, entregou alguns anos depois ao padre Tinti a declaração seguinte:

« *Posso afirmar com toda a sinceridade que o padre Luigi Scrosoppi foi o meu autêntico consolador e protetor desde o primeiro dia em que comecei a frequentá-lo. Ele exerceu a sua caridade para comigo especialmente quando vim a perder a minha consorte e tive de prover sozinho ao sustento de sete filhos.*

O primogénito tinha apenas quinze anos e o último poucos dias. Eu estava imerso no mais sombrio sofrimento. O coração muito sensível do padre Luigi não permaneceu indiferente à minha desventura e, depois de ter-me chamado a si, disse-me estas palavras: Coragem, coragem! Ocupar-me-ei eu mesmo de duas das tuas filhas e acolhê-las-ei no instituto; a um dos outros pequenos, em contrapartida, fá-lo-ei entrar no Instituto Tomadini.

Deste modo, com estes e outros atos de caridade seus, aliviou em parte a minha condição de miséria. »

Efetivamente uma filha sua, Teresa, foi acolhida em 1878 e ali permaneceu até 1884; outra, Anna, hospitalizada no instituto em 1880, saiu dele em 1891.

Iconografia do padre Luigi

A 22 de dezembro de 1885 a superiora geral mãe Cecilia Piacentini escrevia ao senador Antonio de Reali a Dosson di Treviso:

« *Receberá, se não o recebeu ainda, o retrato do nosso inesquecível padre Luigi Scrosoppi, que vossa senhoria ilustríssima se dignará aceitar como sinal da minha profunda estima e da bem devida gratidão. O retrato representa o venerado Padre no ato de transmitir a bênção; e não há dúvida de que ele desde o céu abençoe vossa senhoria ilustríssima e a nobre sua família.* »

Trata-se sem dúvida nenhuma de uma reprodução do quadro a óleo ainda presente no colégio da Providência em Udine, o qual traz precisamente a data de 1885 e a assinatura do pintor, Antonio Milanopulo. Nele o Padre está representado de pé, com a mão direita levantada no ato de benzer, enquanto que com a esquerda tem entre os seus dedos a coroa do rosário. Sobre o fundo, à direita, ressalta uma livraria e à esquerda vislumbra-se a secretária do padre Luigi, com algumas imagens devocionais e um envelope com o endereço do Padre mesmo e o selo postal de Milão — isto é, não conhecemos a identidade do remetente daquela carta — datada precisamente de 3 de abril di 1884.

No mesmo colégio encontra-se outro retrato seu, cujo original está conservado na anterior casa generalícia de Gorizia; no reverso deste último está anotado:

« *realizado pelo estúdio fotográfico do conde cavaleiro E. Graziadei.* »

Tal obra deve ser sucessiva à aprovação pontifícia das regras, concedida a 23 de setembro de 1891, visto que a mão esquerda, em vez de ter la coroa, está apoiada sobre um rolo de pergaminho — isto é, um cartucho — que relata o lema espiritual do padre Luigi: *Operar, padecer, calar*, e ali ao lado estão representados um crucifixo e o volume das regras. Esta representação do Padre é particularmente significativa para mostrar quanto era já considerado santo, visto que, além da mão benzente, retrata o padre Luigi investido por um feixe de luz que desce do alto — sobre a parte esquerda — e lhe circunda a cabeça quase como uma auréola difusa.

O marcado estilo das celebrações — isto é, hagiográfico — do segundo retrato não é pelo demais senão a consequência de um acontecimento sucedido em 1890.

Uma página do diário da mãe Giuditta Defrancesco

Já tratámos anteriormente desta religiosa, que desempenhou o cargo de primeira superiora no hospital de Pergine, na região de Trento. Mais tarde, desde 1890 até ao momento do decesso, ocorrido em Cormons a 24 de dezembro de 1909, ela realizou as tarefas de vigária geral da congregação. Foi uma irmã insigne e de elevada

espiritualidade, ao ponto de que o jesuíta padre Leonida Grazioli publicou a sua biografia em 1939 com o título: *Cenni biografici di madre Giuditta Defrancesco*.

De tal volume reportamos integralmente alguns fragmentos:

« *Para o fim de 1889, a muito reverenda mãe geral Cecilia Piacentini convocou em Cormons a mãe Giuditta e propôs-lhe acompanhá-la a Roma, visto que era necessário ocupar-se da importante prática relativa à confirmação das santas regras e à aprovação das constituições — isto é, as normas fundamentais da ordem.*

As devotas peregrinas, providas das cartas de testemunho de bispos e arcebispos e de outras recomendações, começaram a viagem a 11 de janeiro de 1890, encomendando o caminho e o bom êxito da missão à Rosa Mística e a são José.

Perante a santa casa de Loreto, a mãe geral depositou as constituições aos pés da prodigiosa estátua da Virgem Maria, com o objetivo de invocar sobre elas a bênção da Mãe de Deus. Beijou repetidamente aquelas sagradas paredes em nome de cada uma das suas próprias filhas espirituais e dirigiu fervorosas orações naquela pequena habitação, para a qual o venerado Padre tinha sempre nutrido uma devoção ativíssima: uma santa morada que lembrava às comovidas irmãs a casinha de Udine, a de Cormons e a casinha de Orzano, que custodia os restos mortais do seu pai fundador.

Chegadas a Roma a 16 de janeiro, foram admitidas à audiência também pelo santo padre Leão XIII. E enquanto esperavam com paciência o resultado das avaliações e o cumprimento dos numerosos procedimentos burocráticos, tiveram entretanto o consolo de visitar as esplêndidas igrejas de Roma e de estar presentes, a 26 de janeiro, à solene cerimónia de beatificação do servo de Deus Pompilio Pirrotti. »

Eis como o refere a mãe Giuditta:

« *Seja louvado Deus nos seus anjos e nos seus santos. Hoje, domingo 26 de janeiro, tivemos a fortuna de poder assistir à beatificação do religioso Pompilio Maria Pirrotti, pertencente à ordem das Escolas pias. Monsenhor Mezekinki proporcionou-nos o bilhete de entrada. Às 9:15 encaminhámo-nos para o Vaticano e chegámos ao lugar extremamente fatigadas e calorosas, mas a sagrada função e a emoção experimentada foram um alívio eficaz ao nosso mal-estar físico.*

Subiu ao púlpito — isto é, o estrado — um sacerdote que deu leitura do decreto papal — isto é, o breve — de beatificação e do resumo da vida do beato. Tão pronto como houve terminado, começou o canto solene do Te Deum acompanhado pela música, e aquilo foi um instante de autêntica bem-aventurança celestial. ¡Certamente, embora tivesse de viver cem anos, não se apagará nunca da memória uma impressão tão doce, uma recordação tão preciosa! Como por arte de magia, foi baixada a cortina que ocultava a imagem do beato e vimo-lo ali, rodeado pelas hostes celestiais, com um aspeto que o fazia aparecer no ato de entrar na glória eterna. Não foi possível conter as lágrimas pela forte emoção. A muito reverenda mãe depois chorou longo tempo e teria desejado que todas as suas filhas tivessem estado presentes, para extrair acicate para realizar o bem, para amar o espírito de sacrifício e para ser constantes na observância das santas regras.

O nosso pensamento dirigiu-se imediatamente ao nosso amado padre Luigi, exprimindo o desejo de que um dia também as Irmãs da Providência possam experimentar uma tão grande alegria ao vê-lo elevado à glória dos altares. »

Não tinham ainda transcorrido seis anos desde a desaparecimento do fundador. A esperança de ver um dia o padre Luigi reconhecido como um autêntico santo de altar é expressa com a máxima naturalidade, como se se tratasse de uma expectativa partilhada e pacífica, de um acontecimento que devia necessariamente realizar-se.

Um diálogo entre são Caetano e são José

As irmãs, por sua parte, já o imaginavam resplandecente no Reino dos Céus, em cordial e amigável convivência com os grandes santos.

Elas costumavam organizar, nas diversas casas da congregação, pequenas celebrações por ocasião de aniversários particulares. Tratava-se de um costume em vigor desde tempos remotos, que o próprio Padre havia cuidado com amorosa dedicação. Temos conhecimento de breves recitações académicas e de entretenimentos nos quais ele fazia participar o seu próprio progenitor, o senhor Domenico, o qual extraía disso um imenso prazer; e o senhor Domenico faleceu no ano de 1851.

Nesses espetáculos declamavam-se composições poéticas, entoava-se algum valioso hino — e não faltava certamente a ajuda do amigo dom Jacopo Tomadini! —, encenava-se algum diálogo ou alguma breve comédia. Provavelmente ofereceram a sua colaboração os professores do seminário de Udine ou outros letrados; contudo, muito em breve emergiu também entre as religiosas quem fosse capaz de compor obras de valor. A própria madre Giuditta Defrancesco foi uma válida autora de pequenas obras devocionais. Mas para as pequenas representações académicas distinguiram-se, em Udine, a irmã Pia Valle e, em Cormons, a irmã Virginia Zalateu.

Deve-se verosimilmente a esta última um « *Diálogo entre os santos José e Caetano* », transcrito na crónica manuscrita da casa de Cormons, o qual foi representado durante a festividade da Maternidade de Maria Santíssima de 1894; ou seja, no dia em que, por antiga tradição que se mantém ainda hoje, eram renovados os votos religiosos. Transcreve-se aqui um breve fragmento:

« São Caetano: ... Portanto, tanto quanto estiver nas minhas possibilidades, asseguro-te que sempre te prestarei auxílio, pois eu também nutro um profundo afeto por estas benditas irmãs; e além disso o padre Luigi, seu fundador, recomendou-as calorosamente.

São José: Oh! aquele nobre padre Luigi, conheço-o perfeitamente; há alguém que está a redigir a crónica da sua existência; e ele, repleto de solenidade e de glória do seu trono celeste, sente alegria quando, voltando o olhar para este mundo terreno onde abunda o mal, vislumbra entre outros o pequeno pelotão das Irmãs da Providência que se empenham por realizar um pouco de bem em honra de Deus. Ele não faz outra coisa senão recomendar-me estas suas diletíssimas filhas, e todas elas, nenhuma excluída, pois desejaria vê-las todas santas, repletas de humildade como ele próprio foi, animadas por espírito de sacrifício e total abnegação de si. »

É oportuno recordar que a Zalateu começou o seu percurso como aspirante em 1863 e, consequentemente, conviveu com o Padre por um período superior a vinte anos.

Não se trata senão de modestos testemunhos. Contudo, eles demonstram com límpida simplicidade como nem a quietude rural de Orzano, nem a ação desgastante e implacável do tempo, nem o estrondo das turbulências do mundo conseguiram jamais sufocar a esperança de o ver elevado aos altares. Ao menos dentro do estreito círculo daqueles que o haviam conhecido profundamente e extraíam seiva do seu carisma. Mas não só nesse âmbito, nem exclusivamente na devoção feminina das suas filhas espirituais.

A biografia de Monsenhor Tinti

Desde 1894, o Monsenhor Doutor Luigi, nobre Tinti, estava empenhado na redação da vida do padre Luigi.

Nascido em Pordenone a 6 de agosto de 1834, Tinti residiu durante vários anos em Udine, onde frequentou também o liceu da cidade. O seu pai, com efeito, exerceu em Udine a profissão de advogado de 1836 a 1858. É provável que já naquele período o jovem estudante tivesse conhecido o padre Carlo Filaferro e o padre Luigi, frequentando a igreja de Santa Maria Maddalena.

Sucessivamente entrou no seminário de Portogruaro, onde foi ordenado sacerdote em 1856. Conseguiu o doutoramento em teologia e dedicou-se ao ensino nesse mesmo seminário, ocupando-se inicialmente de matérias literárias e, mais tarde, de teologia dogmática e sagrada eloquência *(ou seja a arte de pregar)*. Em pouco tempo tornou-se uma das figuras mais eminentes da diocese de Concordia, ocupando os cargos mais prestigiados até se tornar decano do cabido e vigário-geral de dois bispos. Faleceu em Portogruaro a 26 de novembro de 1908.

Dele foi escrito que foi um sacerdote de profunda fé, animado por um fervor incansável pelo bem dos fiéis, representando o autêntico ministro de Deus em toda a excelência do termo. Homem de ação, deu um forte impulso ao movimento católico, promovendo em todas as ocasiões manifestações de devoção à Igreja e de fidelidade ao pontífice. Escritor requintado e de vasta cultura, bem como excelente orador, utilizou as suas obras e a palavra para difundir a glória de Deus e o benefício das almas. Unia à sabedoria e ao engenho uma grande afabilidade, com um trato simples e cordial que o tornava muito conhecido e estimado em todo o território vêneto.

Publicou cerca de vinte obras de vário género, nove das quais de caráter biográfico; entre estas contam-se a vida do padre Basilio Brolo de Gemona, frade menor e missionário; a do beato Odorico de Pordenone; do bispo missionário monsenhor Giuseppe Rizzolati de Clauzetto; do capuchinho padre Marco d'Aviano; da terceira franciscana irmã Elisabetta Vendramini e da canossiana irmã Maria Ghezzi.

A sua primeira publicação neste âmbito foram precisamente as « Memórias do Padre Luigi Scrosoppi D.O., fundador do Instituto das *Derelitte* e das Irmãs da Providência sob o patrocínio de S. Caetano em Udine », editadas em Udine pela tipografia do Patronato em setembro de 1896, embora tragam a data de 1897.

Desde o prefácio, ele demonstra estar plenamente consciente de narrar a existência de um santo:

« A Igreja católica — afirma ele — revela-se santa em todo o lugar e em cada época. Entre as muitas cidades italianas, a nobre terra do Friul e Udine podem justamente gabar-se de vários cidadãos virtuosíssimos que deram origem a santas instituições. Ressoa ainda querido para os udineses o nome daqueles sinceros benfeitores do povo que foram, entre muitos, Renati, Micesio, Venerio, Tomadini, Filaferro. Nesta lista de cidadãos beneméritos da religião e da pátria, ocupa um lugar de honra também o padre Luigi Scrosoppi d.O., que dedicou a vida inteira e cada esforço seu a benefício do próximo, por ele amado em Deus e por Deus. »

Na página XIII, escreve ele: *« No decurso destas Memórias da vida do padre Luigi Scrosoppi d.O., atribuem-se tanto ao venerado padre fundador, como a algumas Irmãs da Providência, palavras e ações que aparecem superiores às capacidades puramente humanas, a ponto de parecerem prodígios, profecias e favores concedidos por Deus por sua intercessão »*; por tal razão declara-se *« respeitador dos veneradíssimos decretos do papa Urbano VIII e de outros sumos pontífices nesta matéria »*, remetendo-se inteiramente ao julgamento da Santa Sede Apostólica.

O volume traz a aprovação de monsenhor Pietro Zamburlini, há pouco nomeado arcebispo de Udine, o qual aconselha a sua difusão.

Consideramos que o crítico mais exigente, após uma leitura atenta da biografia do padre Luigi, poderia expressar os seguintes juízos.

No que concerne à veracidade e à precisão histórica, Tinti demonstra-se uma testemunha sempre meticulosa e geralmente exata. O seu objetivo é o de descrever a personagem na sua interioridade e nas suas ações, privilegiando a primeira relativamente às segundas. Por este motivo, não se prodigalizou em investigações que poderiam ter enriquecido a descrição deste ou daquele único episódio, contentando-se com o que era necessário e suficiente para oferecer um perfil essencial do padre Scrosoppi e das suas obras. Para alcançar tal fim, vale-se dos documentos, escreve com um evidente conhecimento direto dos factos e recorre a testemunhos alheios, submetendo-os contudo a um atento reexame. Por vezes incorre em alguma pequena imprecisão, mas trata-se de detalhes de escassa importância.

Se depois se avalia o valor profundo de quanto conta, emergem estes aspetos. Relativamente à santidade do protagonista, não desliza jamais no mínimo excesso ou em entusiasmos para as celebrações. Faz emergir o seu espírito e descreve as suas virtudes, mas com prudente reserva e com uma delicada moderação. Parece quase movido pelo temor de agigantar, mesmo que minimamente, a figura do seu biografado, preferindo reproduzi-la exatamente como tinha sido.

Ao fazer menção de fenómenos místicos fora do comum utiliza uma escrita sóbria, até atenuar a sua excecionalidade, indubitavelmente também para não dar flanco às críticas dos céticos da época, aos quais por vezes faz explícita referência.

Talvez pela mesma razão, ou seja, o temor de interpretações malévolas ou desrespeitosas, corrige aqui e ali algumas declarações de que se serviu e das quais

conservamos cópia, bem como o epistolário *(ou seja a coleção de cartas)*; por exemplo, volta ao masculino o que na fonte original está no feminino, ou transforma, nas cartas, o "*tu*" no "*lei*". Além disso, na coleção de cartas mantém habitualmente o anonimato sobre os destinatários, provavelmente por uma forma de reserva perante pessoas ainda vivas.

Em conclusão, tem-se a clara impressão de que Tinti exprime, por uma espécie de delicada cautela, menos do que realmente pensa relativamente à santidade. Contudo, já por aquilo que expõe resulta evidente que o padre Luigi, por mais humilde e modesto que fosse, lhe aparecia de uma grandeza espiritual heroica.

O facto de a biografia de Tinti ter sido publicada em Udine, a cidade onde o padre Luigi tinha nascido e vivido, e a poucos anos da sua morte, quando um povo inteiro podia confirmar ou desmentir quanto estava escrito; numa cidade de modo nenhum inclinada, por caráter regional, às exaltações e ainda menos à criação de mitos; numa cidade onde não se tinham ainda apagado os ruídos causados por alguns acontecimentos, como os relativos à herança Cernazai; este só elemento é suficiente, a nosso ver, para demonstrar como Tinti estava seguro de que a sua apresentação num quadro de santidade era a correta. Não há, nem entre linhas nem para lá delas, o mínimo sinal de uma avaliação arriscada. Parece ler-se ali somente: eis quem foi o padre Luigi, como todos vós bem sabeis.

Uma confirmação chegou das recensões da obra.

Escreveu sobre ela primeiro o abade professor Lorenzo Schiavi no "*Il Cittadino Italiano"* de 2 de dezembro de 1896. Schiavi, nascido em Pordenone a 12 de janeiro de 1829, fez parte até 1865 do clero udinese e foi docente de religião no ginnasio-liceo da cidade; mais tarde, sobretudo por causa do seu rigor intransigente, teve de se transferir para Capodistria. É autor de numerosas publicações, especialmente de caráter defensivo da fé. Na sua recensão une num único elogio o padre Carlo Filaferro e o padre Luigi, recordando o ardor da caridade e o seu heroico fervor, definindo-os como os "*dois unidos campeões de caridade*". Para o padre Scrosoppi evidencia um aspeto particular:

« Na divina Providência confiava ininterruptamente; e procedia manifestamente sustentado por ela. »

Relativamente a Tinti, afirma que escreveu com sobriedade e ao mesmo tempo com vivacidade de expressão e com um estilo agradável, mostrando quase em cada página homens que operam pela causa de Deus. Conclui sustentando que da leitura do volume brotam incitamentos à virtude e a obras movidas por um autêntico amor de Deus, além da presença da Providência que domina do início ao fim.

Também o diário católico de Veneza "*La Difesa"* publicou, a 31 de dezembro de 1896, uma valiosa recensão da biografia de Tinti, definida fruto de pacientes e escrupulosas investigações. Dela emergem claramente as grandes virtudes e os traços da dulcíssima personalidade do padre Scrosoppi, junto a todos os sinais da caridade deste santo sacerdote, uma alma puríssima que, esquecida de si, teve como único fim terreno a glória de Deus e o bem do próximo.

« E a fim de que o retrato do padre Scrosoppi — lê-se ali — resultasse o mais possível fiel ao verdadeiro, monsenhor Tinti respeitou com extremo rigor a exatidão e a

sinceridade do relato, o qual procede sempre com admirável limpidez e com um estilo simples e elegante, animado pelo profundo afeto e pela respeitosa amizade que ligava o autor ao venerado Padre das irmãs da Providência. »

Ainda mais incisiva é a recensão aparecida na revista *Civiltà Cattolica (anno 48° - 1897 - p. 609)*, na qual se afirma entre outras coisas:

« O padre Luigi Scrosoppi é um daqueles homens ilustres por virtude e grandes obras empreendidas a glória de Deus e benefício das almas, que a história desta segunda metade do século XIX recordará sempre com sumo elogio. »

O pensamento corre imediatamente para as grandes figuras de são João Bosco, de são Giuseppe Benedetto Cottolengo, de são Giuseppe Cafasso e de outros mais.

« Mas das grandes empresas — continua o recensão — não chegam a cumprimento senão os santos, e o padre Luigi foi um santo; austero e rigoroso consigo mesmo, foi cheio de doçura com os outros, humilde até ao mais sincero desprezo de si, repleto de fé e de um extraordinário espírito de oração. Além dos seus dotes naturais de excelente superior e administrador, recebeu de Deus em medida não comum o dom do conselho e até do conhecimento profundo dos corações. » O testemunho é deste modo explícito e oferece uma imagem tão viva do Padre — com matizes que não aparecem sequer na biografia de Tinti — que nos faz considerar que seja obra de algum jesuíta em estreita confidência com o padre Luigi. Recordamos de facto que ele teve contatos muito frequentes com a Companhia de Jesus; tentou abrir uma sede deles em Udine, hospedando alguns por mais de um ano na casa da congregação do Oratório; teve por muitos anos o padre Giuseppe Rossi como guia espiritual da casa de Cormons; e foi muito amigo de outros jesuítas, como o padre Moser e o padre Banchich.

Não consideramos que se possa desejar um consenso mais unânime e ao mesmo tempo mais autorizado ao louvar a santidade de um humilde sacerdote de província, intencionalmente oculto e amante do recato; nem pensamos que aquelas testemunhas teriam podido afirmar com maior limpidez a santidade do padre Scrosoppi, falando explicitamente de heroísmo, de virtudes fora do comum e até de carismas místicos.

Graças atribuídas à intercessão do padre Luigi

Já mencionámos anteriormente duas graças atribuídas à intercessão do padre Luigi, obtidas em Orzano imediatamente após a sua sepultura; é digno de nota que uma delas seja uma graça de natureza « espiritual », ou seja, o dom da resignação cristã concedido a um pai desesperado pela perda do seu filhinho.

Durante as férias de verão de 1884, precisamente nos meses de agosto e setembro, difundiu-se amplamente em Orzano a notícia da cura de uma chaga tumoral *(isto é cancerosa)*, atribuída também esta às orações rezadas junto ao seu túmulo. O episódio suscitou grande comoção entre a população e entre as alunas da *Casa das Derelitte* que residiam em Orzano durante o período de férias.

A fama da santidade do padre Luigi cresceu paralelamente à difusão da congregação das Irmãs da Providência nas diversas regiões de Itália e, com ela, aumentou constantemente a devoção para com ele.

No âmbito dos dois procedimentos canónicos, o informativo e o apostólico *(isto é as fases do processo de beatificação)*, não faltaram testemunhos diretos ou indiretos relativos a favores e graças relevantes. A senhorita Luigia Pellizzari de Udine, nascida em 1865, a qual frequentou o oratório festivo quando o Padre ainda estava vivo, declarou durante o processo informativo:

« Soube que várias pessoas dirigiam orações ao padre Luigi obtendo graças por sua intercessão. Eu mesma recorri ao Padre, encontrando-me oprimida por sofrimentos tais que me parecia padecer as penas do inferno; no seguimento desta minha petição, feita com confiança nele por volta dos anos 1896-97, senti-me aliviada. »

Irmã Maria Agnese Delugan, nascida em 1876 e admitida na congregação a 30 de março de 1901 — a qual ocupou por duas vezes o cargo de superiora geral de 1921 a 1933 e de 1939 a 1947 — confirma repetidamente no mesmo processo:

« Desde o tempo do meu noviciado ouvia falar de graças e favores obtidos por meio da sua intercessão. »

Dirigiam-se ao auxílio do padre Luigi tanto as religiosas, convictas da sua santidade, como outras pessoas movidas por uma profunda confiança na sua proteção. Invocado com fé, ele obteve de Deus curas das mais diversas patologias e amparo em circunstâncias de grave necessidade. Muitas destas vivências estão documentadas por relatos escritos pelo próprio punho dos beneficiários, por testemunhos diretos ou por certificações médicas.

À cura física seguiu-se frequentemente a conversão espiritual, e numerosas pessoas, graças ao padre Luigi, reencontraram o vínculo com Deus do qual se tinham afastado. Tais favores, embora sendo menos evidentes do que as graças materiais visto que ocorrem no profundo da alma, não são por isso menos importantes ou extraordinários.

Infelizmente, começou-se a recolher sistematicamente memória destas graças e destes favores com um certo atraso; não obstante, foram catalogadas algumas centenas deles.

Nesta sede não publicaremos nenhum, visto que aguardamos com devoto respeito o pronunciamento oficial da Igreja. Fizemos menção deles unicamente para que apareça evidente que não faltou também esta confirmação à fama de santidade do padre Luigi. Se durante a sua existência lhe foram atribuídos prodígios extraordinários, curas, dotes proféticos ou a capacidade de ler no íntimo dos corações, após o seu desaparecimento teve-se a certeza de que as suas súplicas eram poderosas junto de Deus: uma convicção sólida e ininterrupta, embora mantida com discrição e recato.

3. OS PROCESSOS PARA A BEATIFICAÇÃO DO PADRE LUIGI SCROSOPPI

Mais de quarenta anos de espera

Surge espontânea a pergunta de saber por que razão não se pensou imediatamente em empreender a causa de beatificação do padre Luigi. Por que razão se esperou quase meio século? E contudo, o desejo da beatificação sempre estivera presente, desde os primeiros anos: a madre Cecilia Piacentini e a irmã Giuditta Defrancesco tinham-na auspicado desde 26 de janeiro de 1890. A biografia redigida por Tinti e publicada em 1897 teria podido constituir uma excelente base para tal procedimento.

As testemunhas que intervieram no processo informativo (isto é a primeira fase do inquérito sobre a santidade) propuseram duas motivações — uma de ordem psicológica e uma de caráter prático — para explicar esse atraso: por um lado, pode ter influído a própria educação ministrada pelo fundador às suas religiosas, um ensinamento inteiramente voltado para a humildade e o recato e distante de qualquer forma de ostentação; por outro lado, como observam as mesmas testemunhas, a congregação não tinha à disposição os recursos económicos necessários para aplicar nesta santa empresa.

A estas duas razões juntaram-se outras. O padre Luigi, a nosso ver, foi sem dúvida um santo. Devemos contudo admitir que nem a sua personalidade, nem as instituições por ele iniciadas, nem os favores espirituais atribuídos à sua intercessão tiveram uma ressonância tal que tornasse aquele processo, por assim dizer, um ato urgente e inevitável. Tais fatores têm a sua relevância. Parece quase que a divina Providência pretendeu conduzir "*sottovoce*" (isto é de modo discreto e silencioso) o padre Luigi para a glória dos altares, precisamente como o tinha guiado com discrição durante a sua existência.

Tratava-se de um estilo que lhe era muito caro. Além disso, como em qualquer acontecimento humano, teria sido necessária uma personalidade empreendedora que possuísse a coragem de decidir e a competência para promover a tão desejada causa de beatificação. Contudo, o monsenhor Antonio Feruglio — que à morte do padre Luigi se tornara diretor da *Casa das Derelitte* e da congregação das irmãs e que ambicionava a honra dos altares para o Padre — em 1893 foi nomeado bispo de Vicenza e ficou totalmente absorvido pelas responsabilidades do seu ministério episcopal.

A hipótese de dar início a tal processo foi tomada em consideração durante os primeiros anos do mandato episcopal de Antonio Anastasio Rossi, precisamente graças ao seu interesse. Isto aconteceu por volta dos anos 1912-1913.

Entretanto, a fama de santidade do Padre permanecia bem viva entre as Irmãs da Providência e manifestava-se sobretudo por ocasião das pequenas celebrações organizadas em honra das religiosas que tinham sido suas contemporâneas.

Em 1905, por ocasião do quinquagésimo aniversário da vestição religiosa da irmã Angelica Gervasoni, uma composição poética (isto é um poema) relembrava a educação em cada virtude recebida do « *Pai e anjo* », o qual agora, vendo os resultados, louvava do Céu aquela sua filha espiritual considerando-a uma digna esposa do Rei dos reis.

Em 1913, para a mesma ocorrência respeitante à madre Cecilia Piacentini, exortava-se a mesma a contemplar no céu o « *eleito grupo de advogados santos* » (isto é os protetores celestes) da congregação: isto é, são José, são Caetano e, acima de tudo, o fundador, definido como « *Pai santo e piedoso* ».

Sobreveio porém o primeiro conflito mundial (1914-1918) e a este seguiu-se o difícil período do pós-guerra.

Contudo, precisamente naqueles anos atormentados ressurgiu com força a devoção para com a memória do padre Scrosoppi. Difundiram-se relatos de visões suas e até de aparições físicas em defesa das suas casas de Orzano e de Udine; de dia para dia tornava-se cada vez mais frequente o rumor de graças obtidas por meio da sua proteção.

O processo informativo diocesano

Os restos mortais do Pai, sepultados na capela da Madonna de Loreto em Orzano, foram movidos uma primeira vez em 1896, por ocasião das últimas intervenções necessárias para a bênção da própria capela e a sua abertura oficial ao culto, ocorridas a 18 de outubro de 1897. Como, segundo a posição original, o túmulo se encontraria exatamente debaixo do plano do altar (ou seja a mesa), foi necessário translada-lo ligeiramente para o exterior.

Em tal circunstância conta-se que os pedreiros encontraram o sepulcro invadido pelas águas. Os operários, tomados de incerteza sobre o que fazer, afastaram-se para a pausa da tarde dirigindo-se ao Pai com estas palavras:

« Se és um santo, ocupa-te tu de pôr remédio. »

No seu regresso, encontraram o túmulo completamente seco. Tornou-se contudo necessário preparar uma nova caixa de madeira, enquanto a interna de zinco permanecera totalmente íntegra.

Os restos do padre Luigi repousaram naquele lugar por mais de trinta anos. No interior da capela fora colocada em 1896 uma lápide em memória, mas o ponto exato do sepulcro — cuja abertura se encontrava junto à parede exterior da abside (ou seja a parte terminal da igreja) — permaneceu privado de sinais distintivos, até que cresceu sobre ele um viçoso arbusto de canas da Índia.

Não se sabe se a infiltração de água fora notada já durante a construção do túmulo nos anos 1879-80 ou no momento da sepultura em 1884. É provável que não, pois em caso contrário ter-se-ia escolhido uma localização diferente ou ter-se-ia procurado um remédio. Mais tarde, aquela fonte de água continuou a correr abundante, mantendo-se límpida e transparente. As religiosas serviam-se dela para as necessidades da casa e, durante os anos do conflito de 1944-45, todos os habitantes de Orzano a extraíram visto que o aqueduto estava fora de serviço.

A 20 de dezembro de 1927, às 11:00 horas, procedeu-se à exumação sob a vigilância do médico local (ou seja o oficial sanitário) de Remanzacco, o doutor Ferruccio Del Fiorentino, e do empregado Luigi Turcutti. Estavam presentes dom Emidio Rizzi, capelão de Orzano, e dom Giuseppe Grosso, administrador do seminário de Udine e

desde há algum tempo reitor do colégio da Providência; este último fora encarregado pela cúria de representar a autoridade diocesana, que concedera a autorização para a exumação. Assistiam além disso algumas irmãs, entre as quais a superiora geral madre Agnese Delugan.

As religiosas, guiadas pela secretária-geral da congregação irmã Berchmana Stua, tinham providenciado a limpeza dos ossos para remover a camada de lama que neles tinha penetrado.

Os restos do Pai foram colocados depois numa pequena caixa de zinco, por sua vez introduzida numa de madeira, e repostos no mesmo túmulo, embora em posição mais elevada relativamente ao terreno. Alguns meses mais tarde, foi construído uma espécie de pequeno monumento (ou seja um capitel*)* sustentado por duas colunas adossadas ao muro exterior do coro; na parede foi cavado um nicho onde foi colocada a caixinha.

Entretanto, o jesuíta padre Pietro Colombara estava a redigir uma nova biografia do padre Luigi, publicada na sua primeira edição no outono de 1928 e na segunda no ano seguinte, com o título: *"Um Apóstolo de Caridade: P. Luigi Scrosoppi, sacerdote do Oratório de Udine e o Instituto das Irmãs da Providência por ele fundado"*.

O próprio padre Colombara declarou ter utilizado como fonte principal a obra de Tinti, integrando-a com as observações e as notícias fornecidas por uma dezena de irmãs ainda vivas que tinham conhecido bem o fundador. Nas biografias das religiosas situadas no apêndice, resumiu o que estava conservado nos manuscritos privados redigidos por testemunhas fiáveis.

Na realidade, Colombara não efetuou investigações particulares para integrar o trabalho de Tinti, limitando-se a conferir-lhe uma forma linguística mais atual; apenas raramente se encontram novas informações. O seu maior empenho concentrou-se na descrição, na quarta parte da obra, dos sucessos e dos méritos do Instituto da Providência.

A prefácio foi ditada a 20 de agosto de 1928 pelo novo arcebispo de Udine, monsenhor Giuseppe Nogara, o qual entre outras coisas escreve:

« A devoção instintiva dos fiéis, que habitualmente é uma correta avaliadora das virtudes e dos méritos, prevê que talvez não esteja distante o dia em que a autoridade da Igreja poderá decretar a honra dos altares ao padre Luigi Scrosoppi e a algumas das religiosas suas filhas espirituais. »

O renovado fervor em torno da sua figura foi sustentado de modo particular pelo padre Giovanni Battista Tommasi de Bassano (1866–1954), desde 1911 superior geral os estigmatinos e desde 1922 consultor da congregação dos religiosos e visitador apostólico (ou seja inspetor encarregado pelo Papa) de numerosos institutos. Em setembro de 1927 encontrava-se em Udine, no colégio da Providência, para a revisão das normas fundamentais da congregação segundo as novas disposições do código de direito canónico. Unindo a sua própria voz à de outros sacerdotes e religiosos, solicitou com força o início do processo canônico para a beatificação.

É oportuno sublinhar aqui que, além do valor pessoal e da experiência do padre Tommasi, o seu incitamento era fundado sobre bases muito sólidas e autorizadas. Desde

1900 os estigmatinos tinham aberto o colégio arcebispado « *Bertoni* » em Udine precisamente no palácio que já pertencera à família Cernazai, o qual tinha cabido às irmãs da Providência como a terceira parte que lhes fora atribuída na contestada herança de monsenhor Francesco Cernazai. Foram além disso as próprias irmãs quem doou aos estigmatinos a biblioteca do padre Luigi e dos seus dois irmãos para a sua nova sede udinese. O padre Tommasi, portanto, não exprimiu um parecer genericamente devoto, nem solicitou a causa sem conhecer os méritos do fundador. Ele manifestava um sentimento e uma opinião radicados no tempo e amplamente partilhados.

Desde 20 de abril de 1926 tinha sido eleita superiora do colégio da Providência de Udine — a anterior *Casa das Derelitte* — e contemporaneamente uma das assistentes gerais da congregação, a madre Pia Aldegheri. Nascida Maria em Cavalese, no Trentino, a 8 de maio de 1876, tinha entrado como aspirante a 1 de agosto de 1895 e tinha pronunciado os votos a 24 de outubro de 1898, assumindo o nome tão caro ao fundador de irmã Maria Pia de são José; nome que honrava o santo padre o papa Pio IX e já tinha sido levado, desde 1879, por Rosa Schnitzer e por Giuseppina Pizzini. Mulher determinada e religiosa de grande profundidade espiritual, a madre Aldegheri dedicou-se de todo o coração a esta nobre empresa.

« Reconheço ter sido a promotora da causa de beatificação — declarou no processo preliminar — pois fui exortada inicialmente por vários sacerdotes, mais tarde pelo arcebispo monsenhor Giuseppe Nogara e enfim pelo padre Tommasi. Justo este último, o padre Tommasi, impunha-me tal tarefa como um dever moral; e visto que eu manifestava preocupação pela falta de meios económicos, ele exortava-me a confiar-nos à divina Providência. »

A superiora geral madre Agnese Delugan declarou no mesmo processo ter acolhido os convites de monsenhor Nogara, do padre Tommasi e da madre Aldegheri, *« os quais exerceram sobre mim uma gentil pressão para o início da causa. »*

Afirmou além disso ter nutrido sempre devoção para com o Pai, *« de quem tenho recomendado constantemente a imitação, especialmente no que respeita às virtudes da humildade e do recato. »* Explicou não se ter decidido anteriormente *« porque preferia honrar o pai fundador na intimidade da casa. »*

Contudo, tinha chegado já o momento estabelecido pela Providência para a sua glorificação, a fim de que as suas boas obras fossem conhecidas para lá do círculo das suas filhas espirituais e recebesse glória o Pai que está nos céus. A superiora e o conselho geral deliberaram oficialmente promover a causa a 18 de outubro de 1931.

A 29 de janeiro de 1932 monsenhor Giuseppe Nogara nomeava encarregado *(ovvero postulador)* da causa o monsenhor Giuseppe Drigani, professor de teologia dogmática no seminário de Udine e cónego honorário da catedral, homem ilustre tanto por doutrina como por virtude; a 31 do mesmo mês foi acompanhado, em qualidade de vice encarregado, pelo dom Giovanni Pigani, sacerdote de profunda piedade e hábil músico.

A 12 de fevereiro de 1932 monsenhor Nogara presidiu à abertura oficial do processo, que se concluiu mais de quatro anos depois, a 30 de dezembro de 1936, após ter efetuado

no entretanto também a verificação sobre a falta de um culto público não autorizado (ou seja o processo « de non culto »).

A 22 de fevereiro de 1937 o vice encarregado dom Pigani entregou à sagrada congregação dos ritos os documentos oficiais do processo. Após o encerramento do mesmo, foram encontrados outros escritos do padre Luigi e uma consistente documentação relativa à sua vida e às suas obras. Todo o material foi transcrito em vinte e nove fascículos que, validados pela cúria udinese, foram enviados à citada sagrada congregação no final de 1946.

Translado do corpo para Udine

Já imediatamente após a conclusão do processo informativo — isto é, a primeira fase da inquirição sobre a santidade — tinha sido avançada a hipótese de trasladar para o colégio da Providência em Udine os restos do fundador. No entanto, a ideia nunca passou da fase de um vago desejo, especialmente porque a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939 frustrou todos os planos.

A 19 de novembro de 1950 a superiora geral mãe Lia Felicetti escrevia de Gorizia — onde em 1908 tinha sido instituído o noviciado denominado « Nazareno » e em 1925 tinha sido trasladada a sede da casa generalícia — ao arcebispo de Udine monsenhor Nogara, requerendo a autorização para executar solenemente a tão desejada trasladação. O arcebispo, tendo recebido parecer favorável da sagrada congregação dos ritos a fim de que o ordinário — isto é, o bispo local — procedesse segundo a sua própria autoridade, emanava o decreto de autorização a 29 de outubro de 1951.

Já desde 7 de agosto de 1951 tinha sido enviada uma memória formal à câmara municipal de Remanzacco para evidenciar a oportunidade do traslado. Posteriormente, a 24 de março de 1952, a presidência do conselho de ministros emitia o decreto que permitia a sepultura privilegiada na capela de san Gaetano do Instituto da Providência.

A 16 de abril fixava-se pelas ruas de Udine um manifesto assinado por « O Comité » que anunciava o acontecimento: os restos mortais do padre Luigi partiriam de Orzano às 8:00 de 24 de abril, para chegar às 9:00 sobre a praça Paolo Diacono, na zona setentrional de Udine. Dali o cadáver seria conduzido solenemente na igreja do *Santissimo Redentore* — onde o padre Luigi tinha recebido o batismo — e finalmente na capela da rua Ronchi.

No entanto, os acontecimentos desenrolaram-se de uma maneira muito diferente do planificado.

A 23 de abril às 10:00 procedeu-se à remoção do muro e ao recobro do caixão. A ata foi subscrita por monsenhor Giuseppe Grosso, pelo sacerdote Vincenzo Mauro, pelo padre capuchinho Cesario de Rovigo, pelo secretário municipal de Remanzacco Igino Di Piazza, por Luigi Turcutti e pelas religiosas Lia Felicetti — isto é, a superiora geral —, Agnese Delugan — isto é, a vigária — e Niceta Simion — isto é, a superiora da casa de Udine. Estavam presentes além disso o doutor Del Fiorentino, já o médico encarregado na reconhecimento de 1927, o novo oficial de sanidade doutor Bianchi e outras irmãs, entre as quais a irmã Rita Dorigotti e a irmã Giovanna Usilla.

O rito teria devido cumprir-se na reserva mais absoluta; por tal razão tinham sido atrancados as grades e qualquer outro acesso. No entanto, toda a precaução foi emborcada pela devoção e pelo ressentimento os habitantes de Orzano.

É necessário lembrar que aquele povo atribuía ao padre Luigi o mérito de terem sido preservados durante sessenta e oito anos — isto é, desde o distante 1884 — da saraiva e das doenças contagiosas — isto é, as epidemias —; a ele atribuíam a salvação de seis conterrâneos regressados do cativeiro e narrava-se de uma luz extraordinária que uma noite tinha iluminado o céu da aldeia, irradiando-se precisamente do túmulo do Padre.

Desde havia meses murmurava-se contra o projeto do traslado e não se fazia economia de palavras agras. Uma das afirmações mais comuns era: « *O Padre estabeleceu no seu testamento querer ficar entre nós, e um testamento não pode ser modificado nem sequer pelo Papa !* » Na realidade, tal disposição não aparece no testamento escrito do padre Scrosoppi, embora fosse um desejo explícito seu expresso de voz.

Domingo 20 de abril, o capelão anuncia do púlpito a iminente e dolorosa trasladação; ao mesmo tempo o manifesto é fixado sobre a porta da igreja. Foi como prender fogo a um monte de palha. A noite do 22, mulheres e crianças correm com recipientes e garrafas para recolher a água do túmulo do Padre, visto que a consideravam « água santa. » Na manhã do 23, enquanto a ata é redigida, a campana soa a martelo — isto é, com toque rápidos dos sinos para dar o alarme — para protestar contra o que definem um "*roubo.*"

Em vão monsenhor Grosso tenta devolver a calma entre a multidão:

« *Sede bons! Se levamos os restos mortais, o espírito do Padre ficará sempre aqui em Orzano.* »

« *Bem — respondem-lhe — o espírito pode levá-lo você, mas deixe os ossos a nós!* »

A situação arrisca degenerar; a escolta de polícia prometida pelas autoridades não chegou ainda. O padre Cesario sobe em automóvel para solicitar auxílios; alguém golpeia o capô do carro com uma pá.

Havia certamente uma componente de orgulho local — isto é, espírito de campanário —, mas a motivação principal residia no afeto e na fé.

Quando o pequeno caixão é levado para a capela, a multidão destrói num instante um arbusto de espinho branco em flor para cobrir com ele os restos do Padre, enquanto se levantam orações e prantos. Ao exterior alguns jovens conspiraram para subtrair pela força o cadáver, enquanto os anciãos tentam negociar com a superiora geral e os sacerdotes. A mãe Niceta vela sobre o caixão tendo uma mão firme sobre ele por temor a que seja levado.

Finalmente regressa o padre Cesario com um veículo da polícia e doze entre agentes e carabinieri. A campana retoma a soar o alarme. Aproveitando um instante de distração geral, a irmã Niceta e a irmã Giovanna ocultam o caixão sob o assento do veículo. Ninguém se dá conta disso e pouco depois o veículo parte.

« *Pobre Padre! — um relato escrito à mão reporta — Foge secretamente, mais inclusive do que a sua profunda humildade teria requerido.* »

Os carabinieri ficaram no lugar até às 9:00 do dia seguinte, quinta-feira, para dar a impressão de que os restos estavam ainda ali.

Assim o padre Luigi faz regresso em silêncio na pequena igreja da casa de Udine, transportado nos braços de um agente de polícia. Este último, não encontrando nada preparado, deposita o caixão diretamente sobre o altar.

Uma religiosa corre pelo instituto gritando: « *Chegou o Padre! Chegou o Padre!* »

As irmãs, entre assombro e incredulidade, correm na igreja. Ele está verdadeiramente ali, no pequeno caixão de madeira sobre o altar onde por meio século tinha celebrado a missa e vivido o seu próprio sacrifício.

Posteriormente, os restos são levados para a sala do professado — isto é, a sala onde as irmãs emitem os seus votos — e depois de novo para a capela. A noite transcorre em vigília de oração.

Na manhã de quinta-feira 24 de abril, às 9:00, um longo cortejo move-se desde a praça Paolo Diacono para a igreja do *Santissimo Redentore*, onde o vigário geral monsenhor Luigi Venturini celebra a missa de sufrágio e dita uma homilia, enquanto o arcebispo Nogara transmite a última bênção — isto é, a absolvição fúnebre. Então o caixão, transportado pelos seminaristas — isto é, os clérigos — como tinha sucedido no funeral de 1884, é colocado sobre uma carroça branca e conduzido em forma privada ao colégio da Providência.

Para a tarde, monsenhor Grosso recita as orações previstas pelo rito e o lóculo, obtido na parede esquerda da capela, é fechado com uma placa de mármore verde com veias brancas e negras. Mais tarde colocar-se-á em cima uma tábua com uma inscrição e a imagem del Padre em ato de benzer.

Os periódicos « *Il Messaggero Veneto* », « *Il Gazzettino* » e o semanário « *La Vita Católica* » reportaram amplamente o traslado e os acontecimentos sucedidos; voltaram a escrever com profunda devoção sobre o padre Scrosoppi com ocasião do septuagésimo aniversário da morte, em 1954.

Para a circunstância, a irmã Fidalma Longo compôs um hino que exortava à alegria e à imitação as filhas espirituais do Padre, as irmãs da Providência, já presentes em noventa casas entre Itália e América meridional. Os primeiros sinais da glorificação oficial perfilavam-se já: « *A glória perfila-se para o piedoso fundador.* »

No intervalo um projeto sustentado desde 1838 por monsenhor Luigi Pilosio, pároco do Redentore, materializava-se, a saber a denominação de uma rua da cidade com o nome do padre Luigi. Monsenhor Pilosio, nascido em Udine em 1876, era uma testemunha do apreço e da fé que os cidadãos de Udine nutriam para com o fundador; ele mesmo tinha feito colocar uma tábua perto da pia batismal da sua igreja. A proposta foi representada a finais de 1850 e a 9 de janeiro de 1951 a comissão para a toponímia aprovou-a, designando o nome do padre Luigi Scrosoppi ao troço da rua Ronchi compreendido entre a rua Treppo e Largo Cappuccini, onde se elevam o colégio da Providência e o Asilo Infantil de Caridade. Presidente de tal comissão era o doutor Antonio Scrosoppi, filho de Luigi e um distante parente — isto é, um primo em terceiro grau — do Padre.

O processo apostólico

Depois da consignação à sagrada congregação das Atas dos processos ordinários desenvolvidos em Udine entre 1932 e 1936, a atividade para a introdução da causa teve o seu início, que desde aquele momento devia ser discutida em Roma. O primeiro encarregado — isto é, o postulador — foi o religioso filipino padre Carlo Naldi, a quem outros membros do Oratório sucederam. A 24 de março de 1952 a causa foi confiada ao Passionista padre Mauro Liberati, representante geral da sua congregação e já curador de várias causas, entre as quais a de santa Maria Goretti. A 14 de março de 1952, terminado o exame dos escritos do padre Luigi, a sagrada congregação emitiu o decreto a fim de que se procedesse, segundo as normas canónicas, aos passos sucessivos necessários para a introdução da causa.

A 18 de fevereiro de 1964 a mesma congregação discutiu sobre a oportunidade de iniciar oficialmente a causa e a 27 do mesmo mês, com a aprovação do soberano pontífice Paulo VI, o decreto relativo foi publicado.

A 3 de novembro de 1964, às 11:00, na capela privada do palácio do arcebispado de Udine, na presença do arcebispo monsenhor Giuseppe Zaffonato, a primeira sessão do processo apostólico — isto é, a inquirição conduzida diretamente pela autoridade papal — celebrou-se. Em tal ocasião os membros do tribunal eclesiástico prestaram juramento e as outras formalidades previstas pelo rito foram cumpridas; monsenhor Riccardo Travani, arcipreste da catedral — nobre metropolitana —, foi nomeado vice postulador.

Durante o desenvolvimento do processo, a sagrada congregação concedeu a autorização a fim de que se instruísse também o procedimento específico referente aos dois milagres que se criam obtidos pela intercessão do padre Scrosoppi. Após a abertura da causa, o Padre Mauro renunciou ao cargo por motivos de idade e saúde, sendo substituído por seu irmão, o Padre Federico Menegazzo, que era o diretor geral de causas de sua congregação desde 1953.

A 8 de abril de 1965 uma nova reconhecimento do cadáver foi executada, também com o objetivo de garantir uma melhor conservação dos ossos através de adequados tratamentos químicos. Tal operação foi cumprida pelo comendador doutor Osvaldo Zacchi de Roma, perito médico do processo, na presença de alguns sacerdotes — entre os quais monsenhor Giuseppe Grosso, o capuchinho padre Cesario de Rovigo e monsenhor Corrado Roiatti, reitor do colégio da Providência — e de numerosas irmãs da congregação. Nesta circunstância assegurou-se que a estatura do padre Luigi devia ser de cerca de 1,70 metro. O esqueleto resultou completo, exceção feita para alguns pequenos ossos dos dedos — isto é, as falanges —, visto que durante a exumação de 1927 uma subtração de fragmentos ósseos se tinha verificado; os dentes preservavam apenas dois elementos, enquanto que o crânio e a mandíbula inferior — isto é, a mandíbula — apareceram excecionalmente bem conservados, especialmente se se considera que o cadáver tinha permanecido imersos na água durante trinta e oito anos na água e na lama — isto é, o limo.



Exposição dos restos do padre Luigi ao fim do procedimento de exumação de 1927 pelo cuidado do doutor Osvaldo Zacchi de Roma, perito médico encarregado.

O processo apostólico concluiu-se a 3 de setembro de 1966. Depois de ter examinado alguns escritos do padre Luigi encontrados recentemente, a sagrada congregação reconheceu a validade dos procedimentos a 15 de julho de 1968.

Depois de um longo período de espera, a 4 de outubro de 1977 o congresso especial reuniu-se para discutir o exercício das virtudes num grau heroico — isto é, a heroicidade das virtudes — da parte do padre Scrosoppi; a isto seguiu-se a assembleia plenária dos cardeais a 17 de janeiro de 1978. O decreto solene sobre as virtudes heroicas foi emitido por Paulo VI a 12 de junho de 1978.

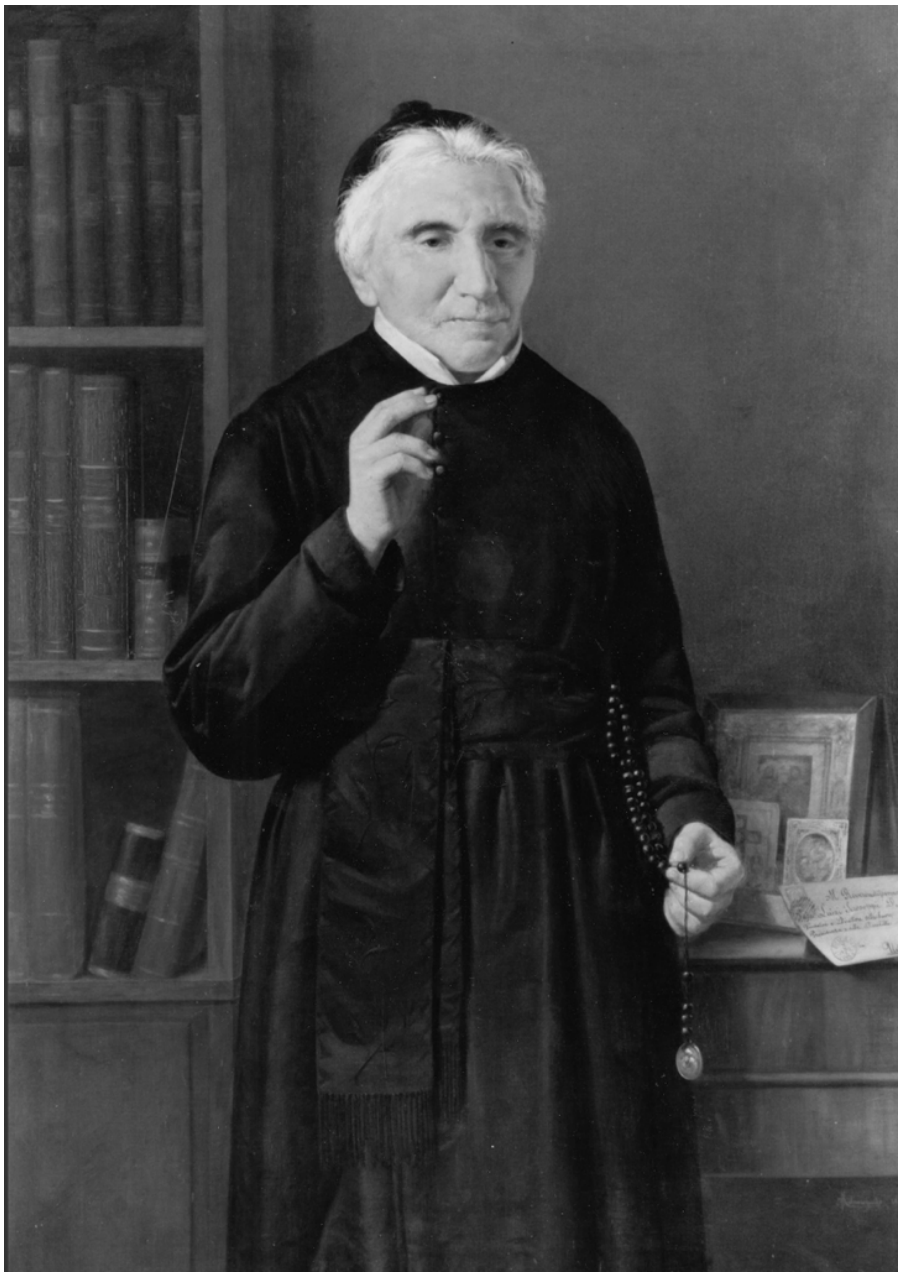
Agora, para as suas filhas espirituais, as irmãs da Providência, e para todos os que desejam que Deus seja honrado através do seu servo fiel, não resta senão suster com fervorosas orações a persecução da causa, de modo que o pronunciamento da Igreja confirme brevemente a convicção que reside na nossa alma. E talvez às religiosas uma tarefa ainda mais alta pertence: reanimar nas suas próprias almas o espírito heróico do seu santo fundador, visto que isto representa, sem dúvida alguma, a melhor maneira de implorar do Céu a sua glorificação.

4. CONCLUSÃO

Nós redigimos estas páginas com todo o cuidado e a atenção que nos foram possíveis. Visto que sentíamos a profunda responsabilidade que tínhamos para com Deus e a Igreja, acompanhámos a nossa labor com constantes orações, de maneira que nos seja permitido descrever a figura do padre Luigi Scrosoppi com a máxima imparcialidade — isto é, a objetividade.

Sem dúvida, no futuro poder-se-á escrever dele com uma maior elegância de linguagem — isto é, a eloquência — e profundidade de análise. No entanto, ousamos estimar que não se poderá expressar palavras mais precisas do que as que colocamos aqui, ao término da nossa fadiga, como uma síntese do que o padre Luigi foi e transmitiu:

« *Meu Deus, meu Tudo! Humildemente!* »



Retrato do padre Luigi executado em 1885 pelo pintor de Udine A. Milanopulo.
É o retrato único e o mais fiel existente do nosso amado santo.

FONTES INÉDITAS

Archivi consultati

A) Archivio della Curia Arcivescovile di Udine:

- Lodi mons. Emmanuele vescovo di Udine, Protocollo segreto (voll. 2) e Protocollo ordinario (ad annum);
- Sacre Ordinazioni;
- Filippini (Fondo Istituti religiosi);
- G. VALe, L'Oratorio e la Congregazione dell'Oratorio di S. Filippo Neri 1 Udine, ms. 550, n. 3 fascic.;
- F. BIASICH, Preziose memorie Diocesane, ms. 764, pp. 1-112, 1-116.

B) Biblioteca Arcivescovile di Udine:

- [Salomoni p. Gaetano, probabile autore], ms. 125, Fondo Bartolini.

C) Archivio del Capitolo di Udine:

- Atti del Capitolo Metropolitano:
  vol. VI: 1801-1811;
  vol VII: 1812-1820;
  vol. IX: 1828-1838;
  vol. X: 1839-1858 vol. XI: 1859-1891.

D) Biblioteca del Seminario Arcivescovile di Udine:

- ZAMBELLI GIACOMO, A. Mons. Zaccaria Bricito..., ms.

E) Biblioteca Comunale di Udine:

- BANCHIERI G., Cronaca Umoristica 1857, ms. 1542.

F) Archivi Parrocchiali di Udine:

a) Archivio della parrocchia del Duomo;
b) Archivio della parrocchia della Madonna delle Grazie;
c) Archivio della parrocchia del Ss. Redentore;
d) Archivio della parrocchia di S. Quirino.

- P.F.B. [prete Ferdinando Blasich], Note cronologiche ecclesiastiche, ms., PP. 890, (anni 1806-1891).

G) Archivio vecchio dell'Ospedale Maggiore di Udine (ora presso la Biblioteca del Seminario Arcivescovile).

H) Archivi in Provincia di Udine:

a) Archivio della parrocchia di Malborghetto;
b) Archivio della parrocchia di Feletto (Paderno);
c) Archivio della parrocchia di Remanzacco.

I) Archivi privati:

a) Archivio « Luigi Scrosoppi », presso Istituto della Provvidenza di Udine:

- ANONIMO, Memorie spettanti alla Congregazione [dell'Oratorio] - 17 ottobre 1738-15 maggio 1810, ms., 6 fascicoletti non numerati;
- BLASICH F.,Cenni biografici del M.R.D.G. Batta Scrosoppi, ms., pp. 31;
- [FABRIZIO G.], Cenni biografici della vita edificante delle nostre amate Consorelle, ms., 2 voll., pp. 390 e 442;
- MARTINIS G.B., Ristretto della vita di S. Filippo Neri n.ro S.to Padre, con alcune notizie della n.ra Congregazione (9 giugno 1629-19 agosto 1715), ms.,
- fascicolo non numerato;
- Principio e progresso dell'Oratorio e Congregazione di San Filippo Neri nella città di Udine... (9 novembre 1609-6 dicembre 1744), ms., pp. 758;
- 41 grossi fascicoli mss. (e altro materiale da schedare) di documentazione
- sulla vita, scritti e opere del p. Luigi Scrosoppi, e sulla famiglia.

b) Archivio dell'Istituto della Provvidenza di Udine:

- Documenti riguardanti l'origine e l'amministrazione della *Casa delle Derelitte* dalle origini alla morte del p. L. Scrosoppi.

c) Archivio dell'Asilo Immacolata di Udine (ora Scuola Materna Immacolata):

- Cronaca dell'Asilo infantile dell'Immacolata dalla fondazione al 1955, Pp. 209;
- Documenti vari.

d) Archivio della ex Casa generalizia delle suore della Provvidenza in Cormons:

- Documenti riguardanti la fondazione dell'Opera e il santuario di Rosa Mistica.

L) COPOLUTTI G., Riflessi della «Questione romana » nel clero udinese durante il pontificato di Pio IX, Roma 1963), pp. XI, 243 (tesi di laurea, Bibl. d. Semin. Arciv. di Udine).

M) BIASUTTI G., Pastorali - Schede, voll. I-II (Arch. d. Curia Arciv. di Udine).

BIBLIOGRAFIA GERAL

[ALDECHERI A.], Breve storia della Provincia Veneta della Compagnia di Gesù dalle sue origini fino ai giorni nostri (1814-1914), Venezia 1914, pp. 460.

ANONIMO, Ricordo delle teste giubilari di Sua Ecc.za Rev.ma monsignor Andrea Casasola, arcivescovo di Udine, Udine 1881, pp. 55.

AUTORI VARI, Il 1848 in Friuli, Udine 1848, pp. 77.

AUTORI VARI, La congregazione delle suore della Provvidenza di Udine nel suo I centenario, 1845-1945, Udine 1947, pp. 128.

ANTONINI P., Il Friuli orientale-studi, Milano 1865, pp. 704.

BANDINI P., Elogio funebre di monsignore Emmanuele Lodi vescovo di Udine, Udine 1845, pp. 48.

BARNABA D., Da 17 marzo a 14 ottobre 1848, Udine 1890, pp. 241.

BASSI G.B., Elogio di Girolamo Venerio, Udine 1844, pp. 32.

BELGRADO A., Elogio funebre dell'Eminentissimo e Reverendissimo Pier Antonio Zorzi, Udine 1804, pp. XXIV.

BELLINA L. Donato I., Il Tomadini e la sua opera, Udine 1957, pp. 147.

BIASUTTI G., Alcuni friulani soldati di Napoleone, Udine 1968, pp. 55.

IDEM, Mille anni di cancellieri e coadiutori nella Curia di Aquileia ed Udine, Udine 1967, pp. 62.

IDEM, L'Udinese Mons. Carlo Belgrado ed i moti del Risorgimento, Udine 1962, Sacerdoti distinti dell'arcidiocesi di Udine defunti dal 1863 al 1884, Udine 1958, pp. 63.

IDEM, Giovanni Battista Castellani redattore del « Giornale politico del Friuli», in III Congresso Nazionale di storia del giornalismo, Udine 1971, pP. 190.

IDEM, I primordi della devozione al Sacro Cuore di Gesù nell'arcidiocesi di Udine, Udine 1957, pp. 39.

IDEM, Onoranze del Friuli all'Immacolata nella proclamazione del dogma (1854), Udine 1954, pp. 23.

BLASICH F., Serie cronologica dei Vicari generali di Aquileia é di Udine..., Udine 1883, pp. 23.

CESSI B., Studi sul Risorgimento nel Veneto, Padova 1965, Pp. XLVIII-434.

COMELLI O., Stampa cattolica in Friuli - note storiche, Udine 1957, pp. 42,

CORVATT P. (P. Michelini), El Quarantevott - sonetti friulani, Udine 1903, PP. 95.

DELL'OSTE P., Ricordi preziosi della mia S. Messa d'oro, Udine 1931-32, pp. 222.

Dr TOPPO F., Sull'istituzione della Commissaria Uccellis - Fondazione e storia del Collegio, Udine 1875, pp. 18.

ECICLOPEDIA BIOGRAFICA, 1 grandi del Cattolicesimo, vol. II, Roma 1958.

FEDRIGO B., La morte di Sua Eccellenza Illustrissima e Reverendissima Monsignor Andrea Casasola arcivescovo di Udine, Parole..., Udine 1884, pp. 35.

GIUSSANI C., Mondo vecchio e mondo nuovo, memorie di mezzo secolo, Udine 1888, vol. I, Pp. 330; 1889, vol. II, fasc. I, pp. 103.

IDEM, Degli istituti di beneficenza e previdenza nella provincia del Friuli – cenni storico-economico-statistici, Udine 1870, pp. 210.

GRAZIOLI L., Cenni biografici di madre Giuditta Defrancesco, Udine 1939, pp. 202.

LICCARO V., Funebre elogio del padre Carlo Filaferro, Udine 1854, pp. 26, I-V.

IDEM, Elogio funebre di A. Venerio udinese, Udine 1857, Pp. 28.

[MAKAROVICH M.T.], La solerte giardiniera di Rosa Mistica, madre Cecilia Piacentini cofondatrice delle suore della Provvidenza, Albano 1955, pp. 450.

MANTESE G., Monsignor Giovanni Giuseppe Cappellari vescovo di Vicenza, nel primo centenario della morte, Vicenza 1960, PP. 104.

MANTICA N., Il Congresso internazionale di beneficenza, Udine 1880, pp. 174.

MARCHETTI, I., Il Friuli - uomini e tempi, Udine 1959, pp. 793.

D.L., Sui nuovi istituti di beneficenza eretti in Udine e in Tricesimo - Lettera, Udine 1840, pp. 24.

[MARCUZZI G.-ELLERO G.-PASCHINI P.-VALE G.], Il seminario di Udine, Udine 1906, II ed., PP. 490, IXXX

MENIS P., Andrea Casasola arcivescovo di Udine, Udine 1958, Pp. 24.

MUSSINANO L., Elogio funebre di Sua Ecc.za Ill.ma e Rev.ma mons. Andrea Casasola arcivescovo di Udine, Udine 1884, pp. 37.

NOGARO R., Francesco Florio nell'ambiente friulano del Settecento, Udine 1966, pp. 225.

PELLEGRINO U., Sebastiano De Appollonia e Antonio Rosmini - Ricerche sul rosminianesimo del Friuli, Milano 1973, vol. 1 pp. 295, vol. II, pp. 490.

PIERI G., Napoleone e il dominio napoleonico nel Friuli, Udine 1942, pp. 491.

PILOSIO L., Il Friuli durante la restaurazione, parte prima, Udine 1943, pp. 264.

ROSSIG., Maria santissima venerata in Cormons nella chiesa di santa Caterina - Memoria storica, Padova 1882, pp. 106; II ed. Cormons 1931, pp. 22.

ROTTA L., Cenni su alcuni oggetti di Belle Arti ed utili istituzioni esistenti nella R. Città di Udine, Udine 1847, Pp. 36.

SIMONETTI G.P., Commemorazione di suor Orsola de Grotta (1691-1747), Cormons 1956, pp. 19.

TANQUEREY A., Compendio di teologia ascetica e mistica, Roma 1948, PP. 979.

TESSITORI T., Storia del movimento cattolico in Friuli (1858-1917), Udine 1964, pp. 413.

TOLLER M., Casa del Soccorso o delle Convertite - vicende e persone (aa. 1680-1944), Udine 1969, pp. 21.

IDEM, Pietro Cernazai, dall'epistolario, Udine 1974, pp. 75.

IDEM, Uomini e cose di Ampezzo, Udine 1961, pp. 239.

TOMMASEO N., Della carità educatrice nelle scuole infantili di Venezia e d'altre città Venezia 1841, PP. 30.

TRABUCCO C., Francesco Faà di Bruno, pioniere dell'assistenza sociale, Roma 1957, pp. 122.

ZAMBELLI G., Udine nel 1846 - Lettera, Udine 1847, Pp. 45.

ZANUTTO L., Il filosofo di Rovereto ed i suoi amici in Friuli, Udine 1911, Pp. 24.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

BIASUTTI G., Tutto di Dio - disegno spirituale dell'anima del padre Luigi Scrosoppi d'O., Udine 1968, pp. 107.

IDEM, Come padre Luigi Scrosoppi immaginò e volle la suora della Provvidenza, Cormons 1969, pp. 22.

IDEM, La spiritualità delle suore della Provvidenza nel pensiero di p. L. Scrosoppi, Udine 1969, pp. 152.

B(lasich) F., II P. Luigi Scrosoppi D.O. - Memorie ed Appunti, Udine [1884], pp. 23.

COLOMBARA P., Un apostolo di carità: - P. Luigi Scrosoppi - sacerdote dell'Oratorio di Udine - e l'Istituto delle suore della Provvidenza da lui fondato, Bergamo I ediz. 1928, pp. 254; II 1929, pp. 265.

IDEM, Positiones et articuli postulatioris causae super virtutibus et miraculis in specie probandi in processu apostolico, Udine 1964, pp. 106.

SACRA RITUUM CONGREGATIO, Positio super causae introductione, Roma 1957.

SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, Positio super virtutibus, Roma 1975.

IDEM, Relatio et vota congressus peculiaris supra virtutibus, Roma 1977, PP. 59.

TINTI L., Parole in elogio del padre Luigi Scrosoppi d.O., Udine 1884, pp. 23.

IDEM, Memorie del padre Luigi Scrosoppi d.O., Udine 1897, Pp. 454.

IDEM, Vota trium consultorum, Roma 1972, pp. 33.

ORNAIS E REVISTAS

Cittadino Italiano (II) - di Udine ---------- n. 18-19-5-1881
31-12-1883
1-1-1884
4-9-4-1884
5-9-5-1884
2-12-1896
Civiltà Cattolica (La) ---------- 27-4-1878
Anno 48° 1897
Difesa (La) - di Venezia ----------31-12-1896
28-11-1908
Esaminatore Friulano (L') ----------3-4-1884
Eco del Litorale (L') ----------4-5-1882
Favilla (La) - di Trieste---------- 31-1-1841
Florean dal Palazz ---------- 17-4-1884
Friuli (II)----------5-4-1884
7-4-1884
21-10-1884
Giornale di Trieste----------4-3-1948
Giornale di Udine (II) ---------- 29-5-1875
3-3-1879
5-4-1884
7-4-1884
23-4-1884
1-9-1884
Giornale politico del Friuli---------- dal 27-3 al 17-4 del 1848
Libertà Cattolica (La) - di Venezia---------- 30-1-1866
Pagine Friulane---------- 11-1-1891
5-5-1898
Patria del Friuli (La) ----------4-4-1884
8-4-1884
Popolo (II) - di Udine----------9-4-1884
Spettatore Friulano (Lo) ---------- 20-5-1848
25-5-1848
Voce Cattolica (La) - di Trento ---------- 27-2-1866